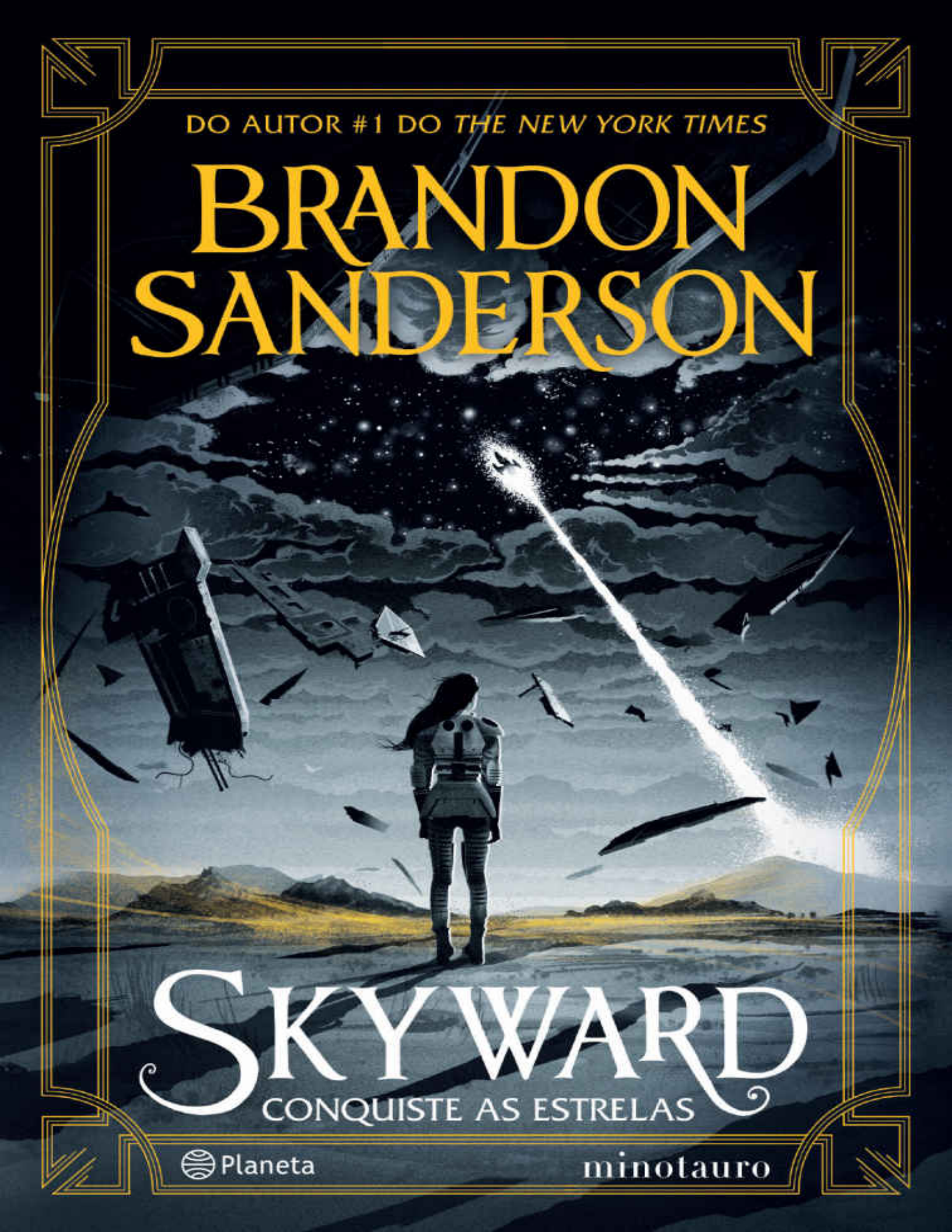
DO AUTOR #1 DO *THE NEW YORK TIMES*

BRANDON SANDERSON



SKYWARD

CONQUISTE AS ESTRELAS

Planeta

minotauro

SKYWARD

BRANDON SANDERSON

SKYWARD

CONQUISTE AS ESTRELAS

Tradução
Márcia Blasques

Planeta

minotauro

Star Books Digital

https://t.me/SBDLivros

https://t.me/StarBooksDigital

Copyright © Dragonsteel Enterteinment, LLC, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Os direitos morais do autor estão afirmados.
Todos os direitos reservados.

Título original: *Skyward*

Preparação: Olívia Tavares

Revisão: Laura Folgueira e Fernanda Cosenza

Diagramação: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Capa: adaptado do projeto original de Tomás Almeida / Orion Books

Ilustração de capa: Sam Green
SBD

Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Sanderson, Brandon
Skyward : conquiste as estrelas / Brandon Sanderson; tradução de Márcia Blasques. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.
400 p.

ISBN: 978-85-422-1518-1987
Título original: Skyward

1. Ficção norte-americana 2. Ficção científica I. Título II. Blasques, Márcia

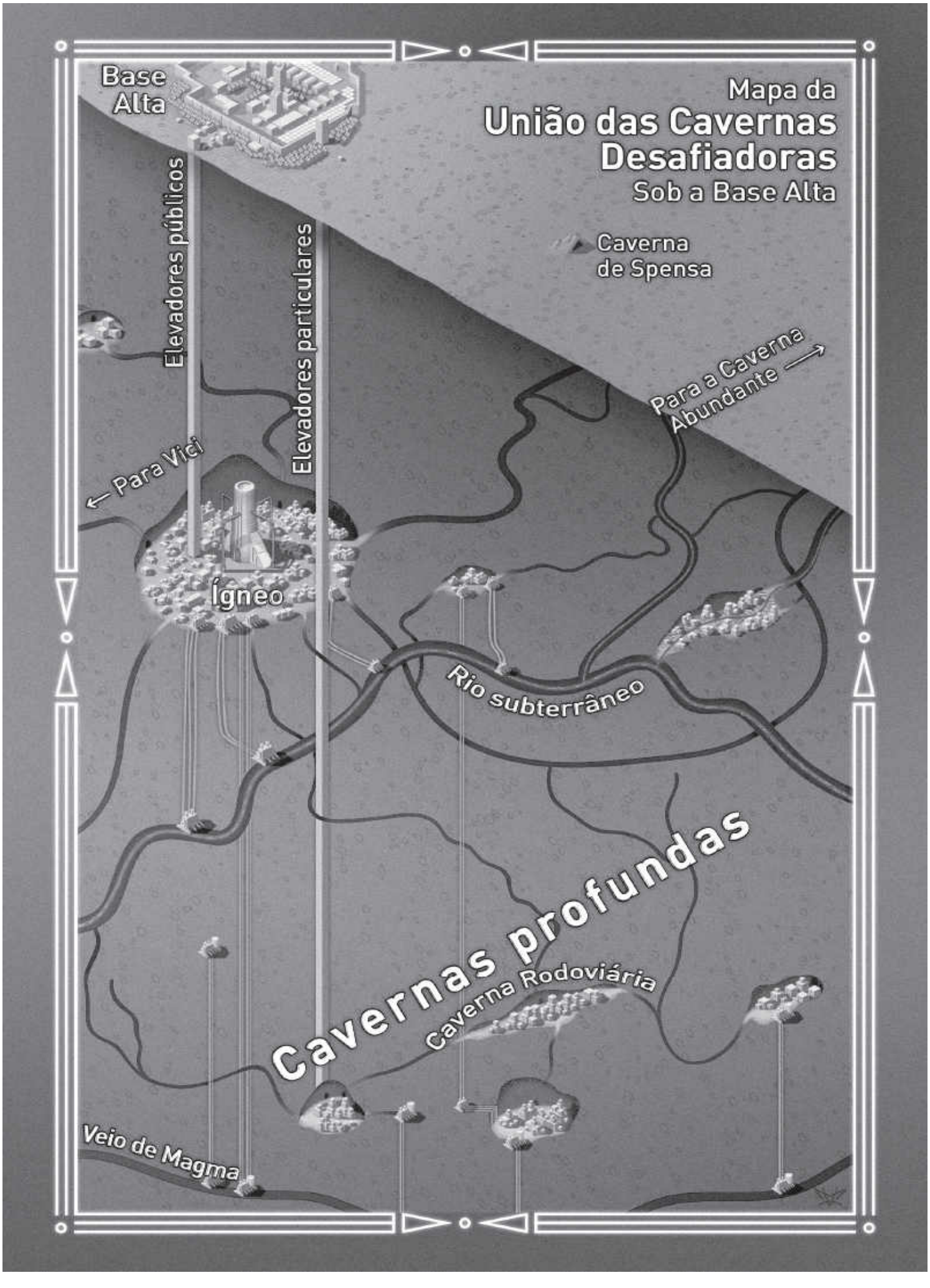
18-1838

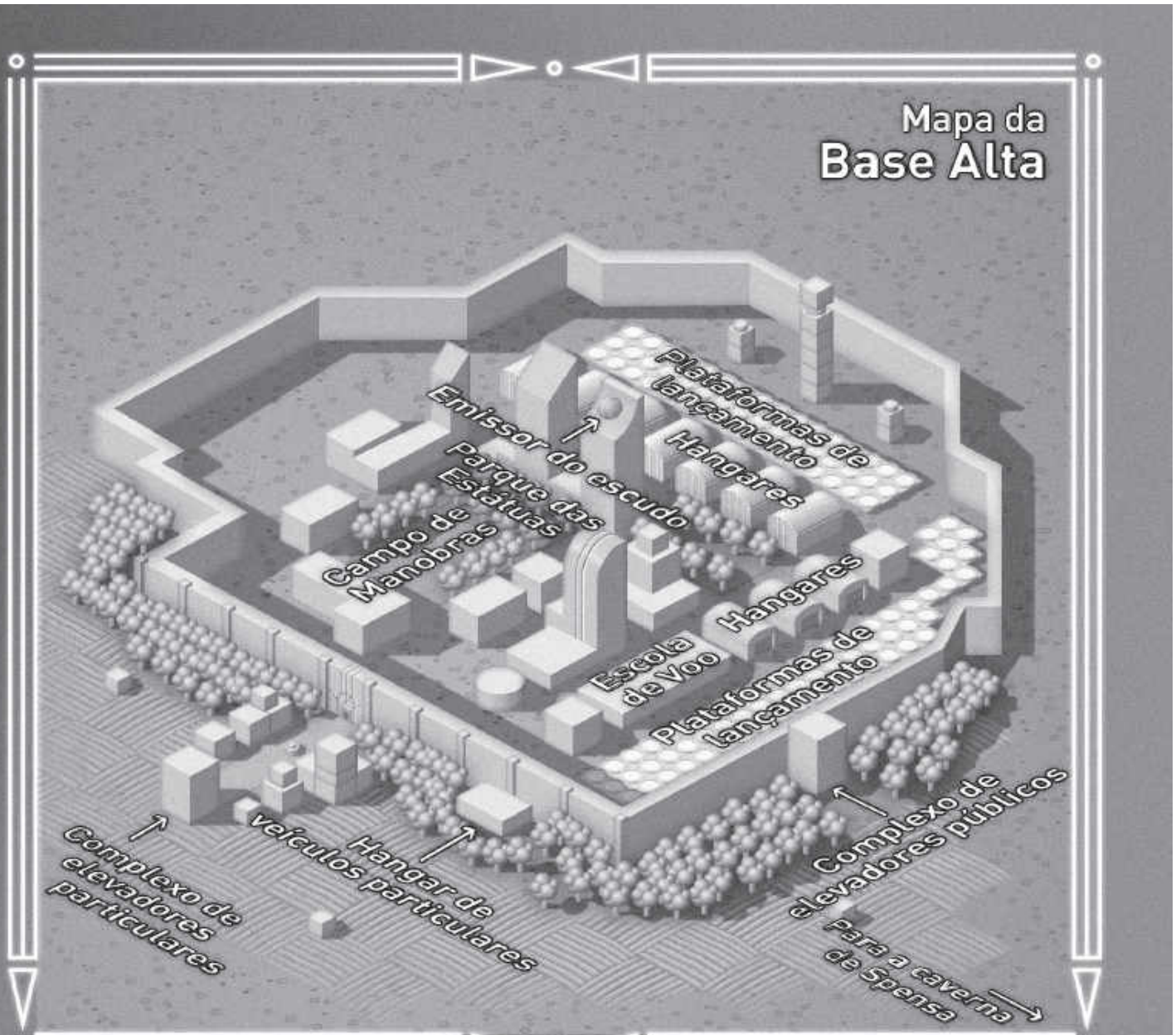
CDD: 813

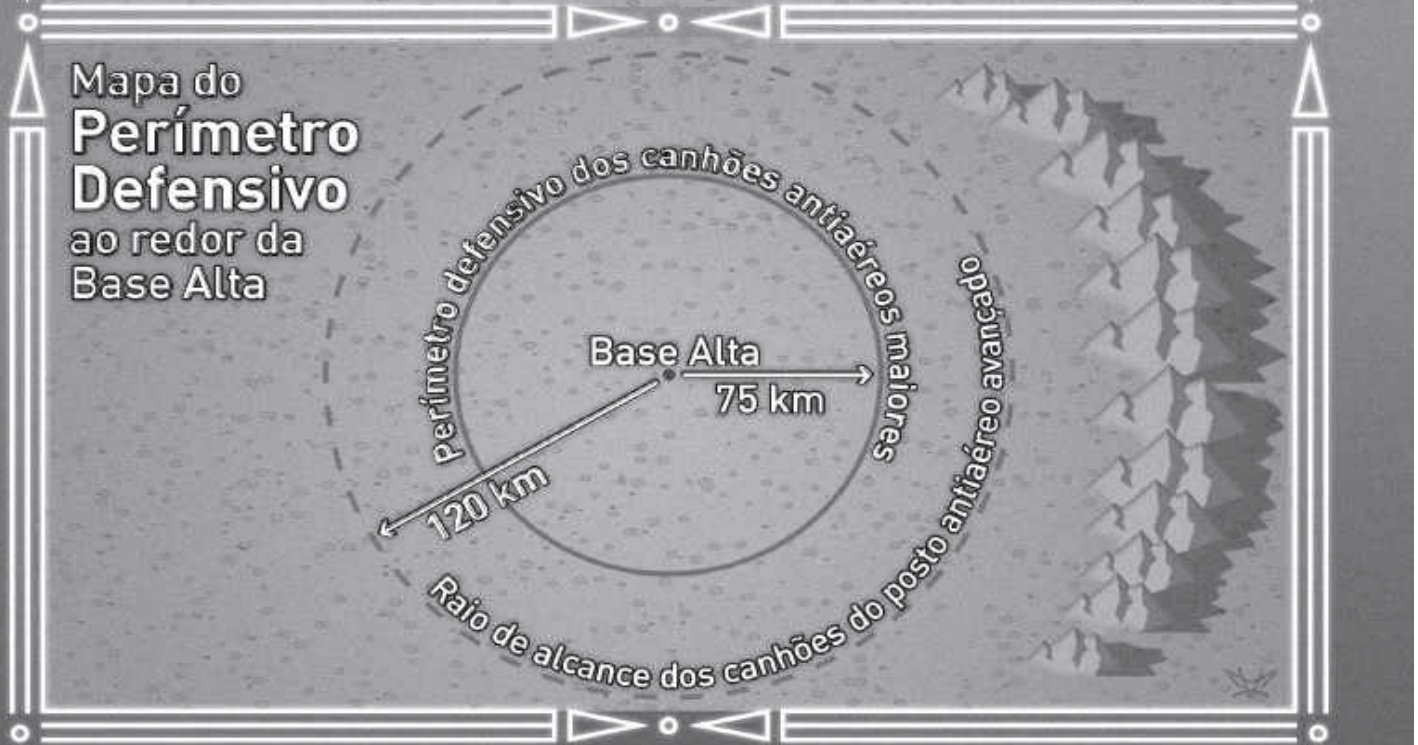
2018
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Para Karen Ahlstrom,
que conta todos os dias que eu esqueço.


Base Alta
Mapa da
União das Cavernas Desafiadoras
Sob a Base Alta
Elevadores públicos
Elevadores particulares
Caverna de Spensa
Para a Caverna Abundante
← Para Vici
Ígneo
Rio subterrâneo
Cavernas profundas
Caverna Rodoviária
Veio de Magma


Mapa da
Base Alta
Plataformas de lançamento
Emissor do escudo
Hangares
Parque das Estátuas
Campo de Manobras
Hangares
Escola de Voo
Plataformas de lançamento
Complexo de elevadores públicos
Complexo de elevadores particulares
Hangar de veículos particulares
Para a caverna de Spensa


Mapa do
Perímetro Defensivo
ao redor da
Base Alta
Perímetro defensivo dos canhões antiaéreos maiores
Base Alta
75 km
120 km
Raio de alcance dos canhões do posto antiaéreo avançado

Prólogo

Só os tolos iam até a superfície. Era estúpido correr um perigo daqueles, minha mãe sempre dizia. Tinha a chuva de detritos quase constante do cinturão de destroços, mas, além disso, nunca dava para saber quando os Krell atacariam.

Claro que meu pai viajava até a superfície quase todos os dias – ele tinha que fazer isso, já que era um piloto. Se fosse pela definição da minha mãe, eu acharia que isso fazia dele um megatolo, mas eu sempre considerei meu pai um megacorajoso.

Fiquei muito surpresa quando, depois de anos me ouvindo implorar, um dia meu pai finalmente concordou em me levar com ele para a superfície.

Eu tinha sete anos, embora na minha cabeça já fosse completamente crescida e capaz. Corria atrás do meu pai carregando uma lanterna para iluminar a caverna cheia de destroços. Muitas rochas no túnel estavam partidas e rachadas, provavelmente por causa dos bombardeios dos Krell – o que, para quem estava lá embaixo como eu, tinham sido apenas um tremor de pratos ou um balançar de luminárias.

Eu imaginava aquelas rochas partidas como os corpos destroçados dos meus inimigos, com seus ossos estilhaçados e os braços tremendo para cima, em um gesto inútil de *total e completa derrota*.

Eu era uma garotinha bem estranha.

Alcancei meu pai, que olhou para trás e depois sorriu. Ele tinha o *melhor* sorriso de todos, tão confiante, como se nunca se preocupasse com o que as pessoas pudessem dizer a seu respeito. Nunca se importou de ser estranho ou não se encaixar de alguma maneira.

Mas, claro, por que deveria se preocupar? *Todo mundo* gostava dele. Mesmo as pessoas que odiavam sorvete e brincavam de espadas – até o chorão do Rodge McCaffrey – gostavam do meu pai.

Ele me segurou pelo braço e apontou para cima.

— A próxima etapa é um pouco difícil. Deixe eu levantar você.

— Eu consigo — respondi e me libertei de sua mão. Eu já era crescida. Tinha arrumado a minha própria mochila *e* deixado Sangrador, meu ursinho de pelúcia, em casa. Ursos de pelúcia eram para criancinhas, mesmo se você tivesse feito uma armadura de combate motorizada para o seu, com barbantes e cacos de cerâmica.

Era verdade que eu *tinha* colocado meu caça estelar de brinquedo na mochila. Eu não era louca. E se acabássemos presos em um ataque Krell e eles bombardeassem nossa retirada e tivéssemos que viver o resto de nossas vidas como sobreviventes em uma terra devastada, desprovidos de sociedade ou civilização?

Uma garota precisava de seu caça estelar de brinquedo, só pra garantir.

Entreguei a minha mochila para meu pai e olhei a fissura nas rochas. Havia... alguma coisa naquele buraco. Uma luz sobrenatural o atravessava, totalmente diferente do brilho suave de nossas lanternas.

A superfície... o céu! Sorri e comecei a escalar a encosta íngreme que era parte detritos, parte formação rochosa. Minhas mãos escorregaram e eu me arranhei em uma borda afiada, mas não chorei. Filhas de pilotos *não* choravam.

A rachadura no teto da caverna parecia estar a cem metros de distância. Eu odiava ser tão pequena. Um dia eu seria alta como meu pai. Então, pela primeira vez, eu não seria a menor criança do lugar. Daria risada de todos de tão alta que seria, e eles seriam obrigados a admitir como eu era grande.

Resmunguei baixinho quando cheguei ao alto de uma rocha. O próximo apoio de mão estava fora do meu alcance. Olhei para ele. E saltei, determinada. Como uma boa garota Desafiadora, eu tinha o coração de um dragão estelar.

Mas também tinha o corpo de alguém de sete anos de idade. Então, ainda me faltava mais de meio metro de altura.

Uma mão forte me segurou antes que eu pudesse cair longe demais. Meu pai gargalhou, segurando-me pela parte de trás do macacão, que eu tinha pintado de modo a parecer seu traje de voo. Eu tinha até desenhado um broche do lado esquerdo, sobre o coração, como o que ele usava – o broche que indicava que ele era um piloto. Tinha o formato de um pequeno caça estelar, com linhas embaixo.

Meu pai me puxou para a pedra ao lado dele, depois estendeu a mão livre para ativar sua linha de luz. O dispositivo parecia um simples bracelete de metal, mas, assim que ele o ligou, batendo dois dedos contra a palma da mão, a pulseira acendeu, mostrando uma luz brilhante de fusão. Ele tocou uma pedra acima de nós e, quando afastou a mão, deixou uma linha grossa de luz, como uma corda resplandecente presa na rocha. Enrolou a outra ponta em mim, encaixando-a sob meus braços, e soltou-a de seu bracelete. O brilho desapareceu, mas a corda luminescente continuou no lugar, prendendo-me às rochas.

Eu sempre pensei que linhas de luz queimassem ao toque, mas eram só meio mornas. Como um abraço.

— Ok, Spin — ele disse, usando meu apelido. — Tente de novo.

— Eu não *preciso* disso — falei, puxando a corda de segurança.

— Caprichos de um pai medroso.

— Medroso? Você não tem medo de nada. Você luta *contra os Krell*.

Ele riu.

— Eu prefiro encarar cem naves Krell do que a sua mãe no dia em que eu levar você para casa com um braço quebrado, pequenina.

— *Não* sou pequena. E, se eu quebrar o braço, você pode me deixar aqui até sarar. Eu lutarei com os animais das cavernas, ficarei feroz e usarei suas peles e...

— Suba — ele disse, ainda sorrindo. — Você pode lutar com os animais das cavernas uma outra hora, embora eu ache que os únicos que você vai encontrar têm caudas compridas e dentes salientes.

Eu tinha que admitir que a linha de luz era útil. Eu conseguia puxar meu corpo com ela e me apoiar melhor. Alcançamos o final da fenda, e meu pai me empurrou para fora primeiro. Eu segurei a borda da pedra e saí das cavernas, pisando na superfície pela primeira vez na vida.

Era tão *aberto*.

Fiquei boquiaberta, parada ali, olhando para... o nada. Apenas... apenas... para cima. Sem teto. Sem paredes. Eu sempre imaginara a superfície como uma caverna bem grande. Mas era muito mais do que isso... e ao mesmo tempo muito menos.

Uau.

Meu pai saiu depois de mim e limpou a poeira de seu traje de voo. Olhei para ele, depois novamente para o céu. Ele tinha um sorriso amplo.

— Não está assustada? — ele perguntou.

Dei um olhar fulminante.

— Desculpe — ele falou com uma gargalhada. — Palavra errada. É só que muita gente acha o céu intimidante, Spensa.

— É lindo — sussurrei, encarando o vasto nada, o ar que se estendia em um infinito tom de cinza, desaparecendo até o preto.

A superfície era ainda mais clara do que eu imaginava. Nosso planeta, Detritus, era protegido por várias camadas imensas de antigos detritos espaciais. Coisas velhas, que estavam *bem* no alto, fora da atmosfera, no espaço. Estações espaciais destruídas, grandes escudos de metal, pedaços de metal antigo tão grandes quanto montanhas – havia várias camadas assim, como conchas quebradas ao redor do planeta.

Não tínhamos construído nada daquilo. Caímos neste planeta quando minha avó era uma garotinha e essas coisas já eram antigas. Ainda assim, algumas delas funcionavam. Por exemplo, a camada de baixo – a mais próxima ao planeta – tinha enormes retângulos brilhantes. Eu tinha ouvido falar deles. Claraboias: enormes luzes flutuantes que davam iluminação e calor ao planeta.

Supostamente havia muito lixo menor lá em cima também, em especial na camada mais baixa. Eu forcei a vista, tentando ver se conseguia enxergar alguma dessas coisas, mas o espaço estava distante demais. Além de duas claraboias

próximas, nenhuma das quais estava diretamente sobre nós, as únicas coisas que eu conseguia ver eram uns padrões vagos na vastidão cinzenta. Pedaços de lixo mais claros e pedaços mais escuros.

— Os Krell vivem lá em cima? — perguntei. — Depois do campo de detritos?

— Sim — meu pai respondeu. — Eles passam voando pelas aberturas nas camadas para nos atacar.

— Como eles nos encontraram? — eu quis saber. — É tão grande aqui em cima. — O mundo parecia um lugar muito maior do que eu imaginava nas cavernas lá embaixo.

— De algum modo, eles conseguem sentir quando as pessoas se reúnem — meu pai explicou. — Todas as vezes que a população da caverna fica grande demais, os Krell atacam e bombardeiam.

Há décadas, nosso povo tinha sido parte de uma frota de naves estelares. Fomos perseguidos pelos Krell até este planeta e caímos aqui, onde tivemos de nos separar para sobreviver. Agora vivíamos em clãs, e cada um é capaz de traçar sua linhagem até as tripulações de uma daquelas espaçonaves.

Minha avó me contou essas histórias muitas vezes. Já vivíamos em Detritus há setenta anos, viajando de uma caverna para outra, como nômades, sempre com medo de nos reunirmos. Até agora. Recentemente, começamos a construir caças estelares e fizemos uma base oculta na superfície. Estávamos dispostos a revidar.

— Onde fica a Base Alta? — perguntei. — Você disse que sairíamos perto dela. É aquilo ali? — Apontei para umas rochas. — É ali, não é? Eu quero ver os caças estelares.

Meu pai se inclinou, me virou noventa graus e apontou em uma direção específica.

— Ali.

— Onde? — Procurei pela superfície, que era basicamente composta por terra azul acinzentada e rochas, com crateras formadas pelos detritos caídos do cinturão de destroços. — Não consigo ver nada daqui.

— Esse é o ponto, Spensa. Temos que permanecer escondidos.

— Mas vocês estão lutando, não é? Em algum momento eles não vão descobrir de onde os combatentes estão vindo? Por que não mudam a base de lugar?

— Temos que mantê-la ali, sobre Ígneo. É aquela grande caverna que mostrei para você semana passada.

— Aquela com todas as máquinas?

Ele assentiu.

— Encontramos fábricas dentro de Ígneo. É o que nos permite construir os caças estelares. Temos que morar perto para proteger o maquinário, mas mandamos

missões para qualquer lugar onde os Krell apareçam, para qualquer lugar que eles resolvam bombardear.

— Você protege outros clãs?

— Para mim, há apenas *um* clã que importa: a humanidade. Antes de cairmos aqui, todos fazíamos parte da mesma frota. E um dia todos os clãs nômades vão se lembrar disso. Todos virão quando chamarmos. Eles se reunirão, e nós formaremos uma cidade e construiremos uma civilização novamente.

— Os Krell não vão bombardeá-la? — perguntei, mas interrompi meu pai antes que ele pudesse responder. — Não. Não se formos fortes o bastante. Não se ficarmos e lutarmos. — Ele sorriu e eu continuei: — Vou ter a minha própria nave — garanti. — Vou voar como você. E então ninguém do clã vai poder zombar de mim, porque serei *mais forte* do que todos eles.

Meu pai me olhou por um instante antes de falar.

— É por *isso* que você quer ser piloto?

— Ninguém diz que você é pequena demais quando é piloto — respondi. — Ninguém vai pensar que sou estranha, e não vou ficar encrencada por arrumar briga, já que meu *trabalho* será justamente *arrumar briga*. Não vão me xingar e todos vão me amar.

Como amam você, pensei.

Aquilo fez meu pai me abraçar por algum motivo estúpido, embora eu só estivesse dizendo a verdade. Mas eu o abracei também, porque pais gostavam de coisas assim. Além disso, era bom ter alguém para abraçar. Talvez eu não devesse ter deixado Sangrador para trás.

Meu pai segurou a respiração e eu achei que ele pudesse estar chorando, mas não era isso.

— Spin! — ele gritou, apontando para o céu. — Olhe!

Mais uma vez fiquei pasma com a vastidão. *Tão GRANDE.*

Meu pai estava apontando para algo específico. Forcei a vista, notando uma parte do céu cinza-escuro que estava ainda mais escura que o resto. Um buraco nas camadas de detritos?

Naquele momento, eu estava olhando para o infinito. Eu me vi tremendo, como se um bilhão de meteoros tivesse caído ali perto de mim. Podia ver o espaço, com pequenos pontinhos brancos, diferentes formas de claraboias. Eles brilhavam e pareciam tão, mas tão distantes...

— O que são aquelas luzes? — sussurrei.

— Estrelas — ele falou. — Eu voo perto dos detritos, mas quase nunca consigo ver através deles. Há camadas demais. Sempre me perguntei se eu conseguiria chegar até as estrelas.

Havia reverência em sua voz, um tom que eu nunca tinha ouvido nela antes.

— É por isso... É por isso que você voa? — perguntei.

Meu pai não parecia se importar com os elogios dos outros membros do clã. Estranhamente, ele parecia até ter *vergonha* deles.

— Costumávamos viver lá, entre as estrelas — ele sussurrou. — É o lugar ao qual pertencemos, não aquelas cavernas. As crianças que zombam de você estão presas nessa rocha. Suas cabeças são cabeças de rocha, seus corações estão debaixo de pedra. Concentre-se em algo maior. Em algo grandioso.

Os detritos se moviam, e o buraco encolheu devagar, até que tudo o que eu conseguia ver era uma única estrela, mais brilhante do que as outras.

— Conquiste as estrelas, Spensa — ele falou.

Eu ia ser piloto algum dia. Voaria bem alto e lutaria. Eu só esperava que meu pai deixasse algum Krell para mim.

Fixei os olhos em algo que piscava no céu. Era um pedaço distante de detrito, ardendo enquanto entrava na atmosfera. Em seguida, outro caiu, e mais um. Depois, dúzias deles.

Meu pai franziu o cenho e pegou o rádio, uma peça de tecnologia superavançada, dada apenas aos pilotos. Então, ergueu o dispositivo quadrado até a altura da boca.

— Aqui é Chaser — ele disse. — Estou na superfície. Vejo detritos caindo perto de Alta.

— Já localizamos, Chaser — uma voz de mulher respondeu pelo rádio. — Os relatórios do radar estão chegando e... *míssil*. São Krell.

— Para qual caverna estão indo? — meu pai perguntou.

— Estão indo para... Chaser, eles estão indo para aí. Estão voando direto para Ígneo. Que as estrelas nos ajudem. Eles localizaram a base!

Meu pai abaixou o rádio.

— Grande ataque Krell avistado — a voz da mulher falou pelo rádio. — Todo mundo, isto é uma emergência. *Um grupo muito grande de Krell atravessou o campo de detritos*. Todos os combatentes a postos. Estão indo para Alta!

Meu pai segurou meu braço.

— Vou levar você de volta.

— Eles precisam de você! — eu exclamei. — Você tem que lutar!

— Tenho que levar você...

— Posso voltar sozinha. É um caminho reto pelos túneis.

Meu pai olhou novamente para os detritos.

— Chaser! — uma voz diferente falou pelo rádio. — Chaser, você está aí?

— Mongrel? — meu pai respondeu, apertando um botão e erguendo o rádio. — Estou na superfície.

— Você precisa colocar algum juízo em Banks e Swing. Eles estão falando que precisamos fugir.

Meu pai xingou baixinho, apertando outro botão do rádio. Uma voz veio pelo aparelho.

— ... ainda não estamos prontos para um confronto direto. Será nossa ruína.

— Não — outra mulher falou. — Temos que ficar e lutar.

Uma dúzia de vozes começou a falar ao mesmo tempo.

— Ironsides está certa — meu pai falou no rádio e, de forma impressionante, todos ficaram quietos. — Se deixarmos que bombardeiem Ígneo, perderemos a aparelhagem. Perderemos as fábricas. Perderemos tudo. Se pretendemos um dia reconstruir uma civilização, um *mundo*, *temos que ficar aqui!*

Esperei em silêncio, segurando a respiração, desejando que ele estivesse distraído demais para me mandar embora. Eu tremia de medo com a ideia da batalha, mas mesmo assim era algo a que eu queria assistir.

— Nós lutaremos — a mulher falou.

— Nós *lutaremos* — Mongrel repetiu. Eu o conhecia de nome, embora nunca o tivesse visto pessoalmente. Ele era o companheiro de esquadrilha do meu pai. — Puxa vida, essa vai ser das boas. Vou ganhar de você no céu, Chaser! Fique só vendo quantos eu vou abater!

O homem parecia ansioso, talvez um pouco excitado demais, pronto para ir para a batalha. Gostei dele de cara.

Meu pai pensou apenas por um instante antes de tirar seu bracelete de linha de luz e colocá-lo nas minhas mãos.

— Prometa que vai direto para casa.

— Prometo.

— Não demore.

— Não vou demorar. Ele ergueu o rádio.

— Sim, Mongrel. Vamos ver isso. Vou correndo agora mesmo para Alta. Chaser, câmbio, desligo.

Ele saiu correndo pelo chão empoeirado, na direção que apontara antes para mim. Então, ele parou e se virou. Pegou seu broche e o jogou para mim. O objeto cintilou no ar, como se fosse um fragmento brilhante de uma estrela, antes que meu pai se virasse novamente e continuasse apressado para a base escondida.

Claro que eu quebrei a minha promessa imediatamente. Desci pela fenda, mas fiquei escondida ali, segurando o broche do meu pai e observando até que os caças estelares deixassem Alta e seguissem para o céu. Forcei a vista e finalmente encontrei as naves escuras Krell vindo na direção deles.

Por fim, em um raro momento de bom senso, decidi que era melhor fazer o que meu pai havia me pedido. Usei a linha de luz para descer até a caverna, onde

recuperei minha mochila e segui pelos túneis. Imaginei que, se me apressasse, conseguiria voltar ao clã a tempo de ouvir a transmissão da batalha no nosso sinal de rádio comunitária.

Mas eu estava errada. A caminhada era mais comprida do que eu me lembrava, e eu consegui me perder. Era lá que eu estava, andando de um lado para o outro nas cavernas, imaginando a glória da incrível batalha que acontecia acima de mim, quando meu pai, de maneira aparentemente infame, rompeu a formação e fugiu do inimigo. Sua própria esquadrilha o abateu como retaliação. Quando cheguei em casa, a batalha já tinha sido vencida. Meu pai se fora.

E eu tinha sido rotulada como a filha de um covarde.

PRIMEIRA PARTE

1

Eu perseguia meu inimigo com cuidado pela caverna.

Tinha tirado as botas, para que não fizessem barulho. Tinha removido as meias, para não escorregar. Senti a pedra sob meus pés confortavelmente fria enquanto dava outro passo silencioso à frente.

Naquela profundidade, a única luz vinha do brilho suave dos vermes no teto, que se alimentavam da umidade que escorria pelas rachaduras. Era necessário sentar por alguns minutos na escuridão até que os olhos se ajustassem a essa luminosidade fraca.

Outro tremor nas sombras. Ali, perto daqueles vultos escuros que deviam ser fortificações inimigas. Fiquei imóvel, ainda agachada, ouvindo meu inimigo raspar as rochas enquanto se movia. Imaginei um Krell: um terrível alienígena com olhos vermelhos e armadura escura.

Com mão firme – e tão devagar que chegava a dar agonia –, levei o rifle ao ombro, segurei a respiração e atirei.

Um grito agudo de dor foi minha recompensa.

Isso!

Dei uma batida no punho, ativando a linha de luz que tinha pertencido ao meu pai. O dispositivo ganhou vida, emitindo um brilho laranja avermelhado, cegando-me por um instante.

Então, corri para reivindicar meu prêmio: um rato morto, atravessado de um lado a outro pelo tiro.

Na luz, as sombras que imaginei como fortificações inimigas revelaram ser apenas rochas. Meu inimigo era um rato gorducho, e meu "rifle" era apenas uma arma improvisada, um lançador de arpões. Nove anos e meio tinham se passado desde aquele dia fatídico em que subi à superfície com meu pai, mas minha imaginação era mais forte do que nunca. Fingir que eu estava fazendo algo mais excitante do que caçar ratos ajudava a aliviar a monotonia.

Segurei o roedor morto pela cauda.

— Agora, fera caída, você conhecerá a minha fúria.

Acontece que eu tinha deixado de ser uma garotinha estranha e tinha me tornado uma jovem estranha. De qualquer forma, eu achava bom praticar minhas frases de efeito para quando fosse lutar *de verdade* contra os Krell. Minha avó, a

Vozinha, me ensinou que um grande guerreiro é aquele que sabe como fazer uma grande ameaça, causando medo e incerteza nos corações dos inimigos.

Guardei meu prêmio na bolsa. Já eram oito até agora, nada mau. Será que eu tinha tempo para encontrar mais um?

Olhei para a linha de luz; o bracelete que continha o dispositivo também tinha um relógio, perto do indicador de energia. 0900. Provavelmente era hora de voltar, eu não podia chegar *muito* atrasada na aula.

Pendurei a bolsa no ombro, peguei o lançador de arpão que eu mesma tinha feito com partes recicladas encontradas nas cavernas e comecei a caminhada para casa. Eu seguia meus próprios mapas feitos à mão, constantemente atualizados em um pequeno bloco de notas.

Uma parte de mim estava triste por ter que voltar e deixar as cavernas silenciosas para trás. Elas me lembravam do meu pai. Além disso, eu gostava de como... tudo aquilo era vazio. Ali não havia ninguém para zombar de mim, ninguém para me encarar, ninguém para sussurrar insultos até eu ser obrigada a defender a honra da minha família, enterrando o punho na cara idiota da pessoa.

Parei em uma encruzilhada que eu já conhecia bem, onde o teto e o chão assumiam estranhos padrões metálicos. Desenhos circulares marcados com escrita científica cobriam as duas superfícies; sempre achei que podiam ser antigos mapas da galáxia. Do outro lado, um antigo tubo emergia da rocha. Esses tubos levavam água de uma caverna a outra, limpando e servindo para esfriar o maquinário. Água pingava de um sulco, direto em um balde que eu deixara e que já estava cheio pela metade. Aproveitei para tomar um bom gole. Gelada e refrescante, com um leve toque metálico.

Não sabíamos muito sobre as pessoas que construíram esse maquinário. Como o cinturão de destroços, já estava lá quando nossa pequena frota caiu no planeta. Eram humanos, uma vez que os escritos no teto e no chão desse lugar eram em idiomas conhecidos. Mas até que ponto eram nossos parentes ainda permanecia um mistério. Não havia mais nenhum deles por aí, e o metal derretido e os antigos destroços na superfície indicavam que eles tinham enfrentado sua própria guerra.

Despejei o resto da água em meu cantil, dando então um tapinha carinhoso no tubo, antes de recolocar o balde e seguir em frente. O maquinário pareceu me responder com uma vibração familiar e distante. Segui aquele som e, depois de um tempo, aproximei-me de uma fenda resplandecente na pedra à minha esquerda.

Subi pelo buraco e olhei para fora, para Ígneo. Aquela caverna era o meu lar, a maior das cidades subterrâneas que compunham a Liga Desafiadora. Dali, meu ponto de observação era alto, proporcionando uma visão estonteante da grande caverna, cheia de apartamentos quadrados, construídos como cubos ligeiramente separados uns dos outros.

O sonho do meu pai se tornara realidade. Ao derrotar os Krell, mais de nove anos antes, aqueles pilotos de caça ainda inexperientes inspiraram uma nação. Dúzias de clãs resolveram abandonar suas culturas nômades e finalmente se reuniram, colonizando Ígneo e as cavernas ao redor. Cada um dos clãs ainda mantinha seu nome, que podia ser traçado até a nave ou à área da nave na qual seus ancestrais tinham trabalhado. Meu clã era o Motorizados, pois descendíamos da equipe que trabalhara na *sala de máquinas*.

Juntos, nos chamávamos de Desafiadores. Um nome tirado da nossa nave espacial original.

Claro que, ao nos reunirmos, chamamos atenção dos Krell. Os alienígenas ainda estavam determinados a destruir a humanidade, então a guerra continuava, e precisávamos de um fluxo constante de caças estelares e pilotos para proteger nossa nação em expansão.

Elevando-se sobre as construções de Ígneo estava a aparelhagem: antigas forjas, refinarias e fábricas que bombeavam rocha derretida do subsolo e depois criavam as peças necessárias para construir os caças estelares. A aparelhagem era ao mesmo tempo surpreendente e única; embora os maquinários nas outras cavernas garantissem calor, eletricidade e água filtrada, só a aparelhagem de Ígneo era capaz de fabricações mais complexas.

O calor entrava pela fenda, fazendo minha testa se encharcar de suor. Ígneo era um lugar sufocante, com todas aquelas refinarias, fábricas e depósitos de algas. E, embora fosse bem iluminada, de algum modo sempre parecia sombria do lado de dentro, com aquela luz laranja avermelhada das refinarias brilhando por toda parte.

Deixei a fenda e caminhei até o antigo armário de manutenção que eu havia descoberto em uma das paredes desse lugar. A escotilha estava trancada – como todas as outras seções do túnel de pedra – e, por isso, era relativamente segura. Eu a abri, revelando minhas poucas posses secretas. Guardava ali algumas peças do meu lançador de arpão, um cantil reserva e o velho broche de piloto do meu pai. Esfreguei o broche entre os dedos, para dar sorte, e guardei minha linha de luz, meu caderno de mapas e o lançador de arpão.

Peguei uma lança com ponta de pedra bruta, tranquei a escotilha e pendurei a bolsa no ombro. Era surpreendente como podia ser trabalhoso carregar oito ratos, em especial quando – mesmo aos dezessete anos – meu corpo se recusava a ir muito além de um metro e cinquenta de altura.

Caminhei até a entrada oficial da caverna. Dois soldados das tropas terrestres, que quase nunca participavam de algum combate real, vigiavam a passagem. Embora eu conhecesse ambos pelo primeiro nome, eles ainda me faziam esperar de lado, enquanto fingiam pedir autorização para que eu entrasse. Na verdade, só queriam me deixar parada ali.

Todo dia. Todo maldito dia.

Depois de um tempo, Aluko se aproximou e começou a olhar a minha bolsa, com um ar de suspeita.

— Que tipo de contrabando você espera que eu esteja levando para dentro da cidade? — perguntei. — Pedregulhos? Musgo? Talvez algumas rochas que xingaram a sua mãe?

Ele olhou a minha lança como se estivesse se perguntando como eu havia conseguido pegar oito ratos com uma arma tão simples. Bem, que ficasse pensando no assunto. Por fim, me jogou a bolsa de volta.

— Siga em frente, covarde.

Força. Ergui o queixo.

— Algum dia — eu disse —, você vai ouvir meu nome e lágrimas de gratidão vão saltar de seus olhos ao pensar na sorte que você teve por ter ajudado a filha de Chaser.

— Eu prefiro esquecer que conheci você. *Siga em frente*.

Mantive a cabeça erguida e entrei em Ígneo. Depois, fiz o meu caminho para a Ascensão Gloriosa da Indústria, o nome do meu bairro. Cheguei bem na mudança de turno, e passavam trabalhadores com macacões de várias cores, cada um deles seguindo até a grande máquina que mantinha a Liga dos Desafiadores – e a guerra contra os Krell – funcionando. Trabalhadores da área de saneamento, técnicos de manutenção e especialistas em depósitos de algas.

Nenhum piloto, claro. Pilotos aposentados permaneciam nas cavernas profundas, na reserva, enquanto os que estavam na ativa viviam em Alta, a mesma base que meu pai morrera protegendo. Não era mais secreta, claro, e tinha crescido até se transformar em uma grande construção na superfície, abrigando dezenas de naves, juntamente com a estrutura de comando dos pilotos e as instalações de treinamento. Era onde eu viveria a partir de amanhã, depois de ser aprovada no exame e me tornar uma cadete.

Passei por uma grande estátua de metal dos Primeiros Cidadãos: um grupo de pessoas segurando armas simbólicas e estendendo a mão em direção ao céu em poses desafiadoras, com naves erguendo-se atrás deles deixando um rastro de raios de metal. Embora retratasse aqueles que lutaram na Batalha de Alta, meu pai não estava entre eles.

A curva seguinte me deixou em nosso apartamento, um dos muitos cubos de metal que brotavam de um cubo maior, no centro. O nosso era pequeno, mas o suficiente para três pessoas, ainda mais se contar que eu passava dias fora, nas cavernas, caçando e explorando.

Minha mãe não estava em casa, mas encontrei Vozinha no teto do cubo, fazendo rolinhos de algas para vender em nossa carreta. Minha mãe era proibida de

ter um emprego oficial por causa do que meu pai supostamente fizera, então tínhamos que nos virar com algo não convencional.

Vozinha ergueu os olhos quando me ouviu. Seu nome era Becca Nightshade – eu tinha o mesmo sobrenome –, mas mesmo quem mal a conhecia a chamava de Vozinha. Ela perdera quase toda a visão alguns anos antes, e os olhos foram ganhando um tom branco leitoso. Estava debruçada e trabalhava com os bracinhos frágeis. Mas ainda era a pessoa mais forte que eu conhecia.

— Ah — ela disse. — Parece que ouço Spensa! Quantos você conseguiu hoje?

— Oito! — Larguei meus espólios diante dela. — E vários parecem especialmente saborosos.

— Sente-se, sente-se — Vozinha falou, deixando de lado a esteira com vários rolinhos de algas. — Vamos limpá-los e cozinhá-los! Se nos apressarmos, podemos deixá-los prontos para sua mãe vender hoje, e eu posso curtir as peles.

Eu provavelmente *devia* ir para a aula – minha avó tinha se esquecido disso mais uma vez –, mas, na verdade, que diferença fazia? Nos últimos dias, estávamos tendo palestras sobre os vários trabalhos que poderíamos fazer na caverna. Eu já tinha escolhido o que queria ser. Ainda que, supostamente, o teste para piloto fosse muito difícil, Rodge e eu vínhamos estudando há dez anos. Passaríamos com certeza. Então, por que eu precisava ouvir sobre como era ótimo ser um funcionário dos depósitos de algas ou coisas assim?

Além disso, já tinha perdido várias aulas por precisar sair para caçar, então não seria adequada para nenhum desses outros trabalhos. Eu garantia presença nas aulas que tinham relação com voo: projetos e reparos de naves, matemática, história da guerra. Qualquer outra disciplina à qual eu conseguisse assistir era considerada um bônus.

Eu me acomodei e ajudei Vozinha a tirar a pele e as entranhas dos ratos. Ela era impecável e eficiente enquanto trabalhava com as mãos.

— Sobre quem você quer ouvir hoje? — ela me perguntou, com a cabeça baixa e os olhos quase fechados.

— Beowulf!

— Ah, o rei dos godos, é? Não quer escutar sobre Leif Eriksson? Era o favorito do seu pai.

— Ele matou um dragão?

— Ele descobriu um novo mundo.

— Com dragões?

Vozinha deu uma risada.

— Com uma serpente emplumada, segundo algumas lendas, mas nunca ouvi falar de que tenha lutado contra ela. Agora, Beowulf foi um homem poderoso. Era

nosso ancestral, sabe? E só depois de velho que ele matou o dragão; primeiro, ganhou fama combatendo outros monstros.

Eu trabalhava rapidamente com a faca, tirando a pele e destripando os ratos, depois fatiando a carne e jogando-a em uma panela para ser cozida. A maioria da população da cidade sobrevivia com pasta de alga. Carne de verdade, fosse de gado ou de porcos, criados nas cavernas com iluminação especial e equipamento ambiental, era rara demais para se comer todos os dias. Então, vendíamos ratos.

Eu adorava o jeito de Vozinha contar histórias. Sua voz ficava fina quando os monstros sibilavam e ousada quando os heróis se gabavam. Ela trabalhava com os dedos ágeis enquanto contava a história do antigo herói viking que foi ajudar os dinamarqueses em um período de necessidade. Um guerreiro que todos amavam; um homem que lutou com coragem, mesmo contra um inimigo maior e mais poderoso.

— E quando o monstro se esgueirou para morrer — Vozinha disse —, o herói ergueu o braço e o ombro de Grendel como um troféu terrível. Tinha vingado o sangue daqueles que caíram, provando sua força e seu valor.

Um som apressado veio do nosso apartamento. Minha mãe estava de volta. Eu ignorei aquilo por um instante.

— Ele arrancou o braço de Grendel com as mãos? — perguntei.

— Ele era forte — Vozinha confirmou. — E um verdadeiro guerreiro. Mas pertencia ao povo antigo, que lutava com as mãos e com espadas. — Ela se inclinou para frente. — Você precisa lutar com desenvoltura tanto com as mãos quanto com a inteligência. Com um caça estelar para pilotar, você não vai precisar arrancar braços. Agora, me diga: tem feito seus exercícios?

Revirei os olhos.

— Eu vi isso — Vozinha falou.

— Não, não viu.

— Feche os olhos.

Fechei os olhos e inclinei minha cabeça para trás, com o rosto na direção do teto da caverna, muito acima de nós.

— Ouça as estrelas — Vozinha disse.

— Eu só ouço...

— Ouça as estrelas. Imagine que está voando.

Suspirei. Eu adorava Vozinha e suas histórias, mas essa parte sempre me entediava. Mesmo assim, tentei fazer o que ela tinha me ensinado. Sentada ali, com a cabeça inclinada para trás, tentei imaginar que estava voando bem alto. Tentei deixar que todo o resto desaparecesse ao meu redor e pensar nas estrelas brilhando lá em cima.

— Eu costumava fazer esse exercício — Vozinha falou baixinho — com minha mãe, na sala de máquinas da *Desafiadora*. Trabalhávamos na própria nave-almirante, um cruzador de batalha maior do que esta caverna inteira. Eu me sentava e ouvia o zumbido dos motores... e alguma coisa além disso. As estrelas.

Tentei imaginá-la como uma garotinha, e de algum modo isso ajudou. Com os olhos fechados, senti como se estivesse quase flutuando. Subindo...

— Nós da equipe da sala de máquinas éramos considerados esquisitos pelas outras equipes da nave — Vozinha contou. — Achavam que éramos estranhos, mas mantínhamos a nave em movimento. Fazíamos com que ela viajasse pelas estrelas. Minha mãe dizia que era porque podíamos ouvi-las.

Eu pensei... só por um instante... que tinha ouvido alguma coisa lá fora. Minha imaginação, talvez? Um som distante, puro...

— Mesmo depois que caímos aqui, nós da sala de máquinas permanecemos juntos — Vozinha prosseguiu. — O clã Motorizado. Se os outros dizem que você é estranha, é porque se lembram disso, e talvez tenham medo de nós. Essa é a nossa herança. A herança dos guerreiros que viajaram pelo céu e que voltarão para ele. Ouça.

Soltei um longo e tranquilo suspiro quando o som – o que quer que tenha sido o que ouvi – desapareceu. Abri os olhos e fiquei surpresa, por um segundo, ao descobrir que estava novamente no teto de casa, cercada pelas luzes avermelhadas de Ígneo.

— Nós mantínhamos os motores e movíamos a nave? — perguntei. — O que isso tem a ver com ser guerreiro? Não teria sido melhor disparar armas?

— Só os tolos acham que armas são mais importantes do que estratégia e movimento! — Vozinha disse. — Amanhã contarei novamente para você a história de Sun Tzu, o maior general de todos os tempos. Ele ensinou que posição e preparação venciam guerras. Não espadas ou lanças. Um grande homem, Sun Tzu. Ele era nosso ancestral, sabia?

— Prefiro Genghis Khan — comentei.

— Um tirano e um monstro — Vozinha replicou. — Embora, sim, haja muito o que aprender com a vida de Genghis Khan. Mas eu já contei a história da rainha Boadiceia, que se rebelou contra os romanos? Ela era sua...

— Ancestral? — minha mãe perguntou, subindo a escada do lado de fora da casa. — Ela era uma celta britânica. Beowulf era sueco, Genghis Khan era mongol e Sun Tzu, chinês. E *todos* eles supostamente são ancestrais da minha filha?

— Tudo da Antiga Terra é nossa herança! — Vozinha explicou. — Você, Spensa, vem de uma longa linhagem de guerreiros, que se estende por milênios, uma linhagem verdadeira da Antiga Terra, de seu mais refinado sangue.

Minha mãe revirou os olhos. Ela era tudo o que eu não era – alta, bonita, calma. Ela notou os ratos, mas logo olhou para mim com os braços cruzados.

— Ela pode ter sangue de guerreiros, mas hoje está atrasada para a aula.

— Ela está na aula — Vozinha a corrigiu. — A aula que realmente importa.

Eu me levantei, secando as mãos em um trapo. Eu sabia como Beowulf enfrentaria monstros e dragões... Mas como ele enfrentaria sua mãe em um dia em que supostamente deveria estar na escola? Optei por um encolher de ombros sem muita convicção.

Minha mãe olhou para mim.

— Ele morreu, sabia? — ela falou. — Beowulf morreu lutando com aquele dragão.

— Ele lutou até a última gota de força! — Vozinha bradou. — Ele derrotou a fera, embora isso lhe tenha custado a vida. E isso trouxe paz e prosperidade incalculáveis para seu povo! Todos os maiores guerreiros lutam por paz, Spensa. Lembre-se disso.

— No mínimo lutam por ironia — minha mãe comentou. Olhou novamente para os ratos. — Obrigada. Mas você precisa ir. Não tem o teste para piloto amanhã?

— Estou pronta para o teste — garanti. — Hoje só vou aprender coisas das quais não preciso.

A expressão da minha mãe era inflexível. Todo grande guerreiro sabia quando era derrotado, então dei um abraço na Vozinha e sussurrei:

— Obrigada.

— Alma de guerreiro — ela sussurrou em resposta. — Lembre-se de seus exercícios. Ouça as estrelas.

Sorri e fui me lavar rapidamente, antes de ir para o que, eu esperava, seria meu último dia de aula.

2

— Por que não conta o que faz todos os dias no Corpo de Saneamento, cidadão Alfir? — A senhora Vmeer, nossa instrutora de estudos para o trabalho, acenou encorajadora com a cabeça para o homem parado na frente da sala.

Esse tal de cidadão Alfir não parecia com a imagem que eu fazia de um funcionário de saneamento. Embora usasse um macacão sanitário e carregasse um par de luvas de borracha, ele era muito bonito: queixo quadrado, braços musculosos, os pelos do peito saindo pelo colarinho apertado do macacão.

Eu quase conseguia imaginá-lo como Beowulf. Até que ele falou:

— Bem, em geral consertamos obstruções no sistema. Limpamos o que chamamos de água negra, que é formada basicamente por resíduos humanos, para que ela possa voltar para o processamento, onde a aparelhagem a recupera, resultando em água limpa e minerais úteis.

— Parece perfeito para você — Dia sussurrou, inclinando-se na minha direção. — Limpar resíduos? Um grande passo para a filha do covarde.

Infelizmente eu não podia bater naquela garota. Não só porque ela era filha da senhora Vmeer, mas porque eu já tinha recebido uma advertência por me meter em briga. Mais uma me impediria de fazer o teste, o que era estúpido. Eles não queriam que os pilotos fossem grandes combatentes, afinal?

Estávamos sentados no chão de uma sala pequena. Sem carteiras para nós hoje; elas tinham sido requisitadas por outro instrutor. Sentia-me como uma garota de quatro anos em uma salinha de contação de história.

— Pode não parecer glorioso — Alfir prosseguiu —, mas, sem o Corpo de Saneamento, nenhum de nós teria água. Os pilotos não podem voar se não tiverem água para beber. De certo modo, temos o trabalho mais importante das cavernas.

Embora eu tivesse perdido algumas das palestras, já estava farta daquilo. Os trabalhadores do Corpo de Ventilação, no início da semana, tinham dito que o trabalho deles era o mais importante. Assim como os construtores no dia anterior. E os trabalhadores da forja, a equipe de limpeza e os cozinheiros.

Todos tinham praticamente o mesmo discurso. Algo sobre como todos eram peças importantes na máquina que lutava contra os Krell.

— Todo trabalho na caverna é parte vital da máquina que nos mantém vivos — Alfir falou, espelhando meus pensamentos. — Nem todos podemos ser pilotos, mas

nenhum trabalho é mais importante do que o outro.

Na sequência, ele disse algo sobre a importância de saber seu lugar e de sempre seguir ordens.

— Para se juntar a nós, você precisa ser capaz de seguir instruções — o homem explicou. — Tem que estar disposto a fazer a sua parte, não importa o quão insignificante possa parecer. Lembre-se: obediência *é* desafio.

Eu entendia isso e, até certo ponto, concordava com ele. Os pilotos não chegavam longe na guerra sem água, comida ou saneamento.

Mas aceitar trabalhos assim ainda parecia uma espécie de acomodação, para mim. Onde estava a garra, a energia? Supostamente éramos *Desafiadores*. Éramos *guerreiros*.

A classe aplaudiu educadamente quando o cidadão Alfir terminou. Do lado de fora da janela, outros trabalhadores andavam em filas, passando sob as estátuas com formas geométricas. De vez em quando, parecíamos muito menos uma máquina de guerra e mais um relógio para marcar quanto tempo os turnos duravam.

Os alunos se levantaram para um intervalo, e eu me afastei antes que Dia pudesse fazer outra piadinha. A garota vinha tentando me causar problemas a semana toda.

Em vez disso, eu me aproximei de um aluno do fundo da sala, um garoto magro com cabelo ruivo. Assim que a palestra terminou, ele imediatamente abriu um livro para ler.

— Rodge — chamei. — Ladainha!

Seu apelido – o codinome que escolhemos para ele usar depois que se tornasse piloto – o fez erguer os olhos.

— Spensa! Quando você chegou?

— No meio da palestra. Não me viu entrar?

— Eu estava repassando as listas de esquemas de voo mentalmente. *Caramba*. Só falta um dia. Não está nervosa?

— Claro que não. Por que estaria? Tenho tudo sob controle.

— Eu não tenho tanta certeza — Rodge olhou novamente para o livro.

— Está brincando? Você sabe simplesmente *tudo*, Lad.

— Acho que você devia me chamar de Rodge. Quero dizer, ainda não recebemos os codinomes. Não até passarmos no teste.

— O que *certamente* acontecerá.

— Mas e se eu não tiver estudado a matéria certa?

— Cinco manobras básicas de giro?

— Virada reversa — ele falou imediatamente —, curva de Ahlstrom, evasiva dupla, giro sobre a asa e desvio de Imban.

— Limites de alerta de força g em várias manobras da FDD?

— Dez g em subida ou descida, quinze g adiante, quatro g em um mergulho.

— Tipo de propulsor em um interceptador Poco?

— Qual projeto?

— Atual.

— A-19. Sim, eu sei disso, Spensa. Mas e se *essas* perguntas não estiverem no teste? E se cair algo que não estudamos?

As palavras dele me fizeram sentir a mais leve semente de dúvida. Embora tivéssemos feito testes práticos, o conteúdo real do teste para piloto mudava todo ano. Sempre havia perguntas sobre propulsores, componentes dos caças e manobras – mas, tecnicamente, qualquer parte da nossa educação escolar poderia ser incluída.

Eu tinha perdido várias aulas, mas sabia que não deveria me preocupar. Beowulf não se preocuparia. A confiança era a alma do heroísmo.

— Vou gabaritar aquele teste, Lad — garanti. — Você e eu seremos os melhores pilotos na Força Defensiva Desafiadora. Vamos lutar tão bem que os lamentos dos Krell vão subir ao céu como fumaça que se desprende de uma pira. Eles vão chorar de desespero com a nossa chegada!

Lad inclinou a cabeça.

— Exagerei? — perguntei.

— De onde você tira essas coisas?

— Parece algo que Beowulf diria.

Rodge se acomodou para voltar a estudar, e eu provavelmente deveria me juntar a ele. Mas uma parte de mim estava farta de estudar, de tentar enfiar coisas novas no meu cérebro. Eu só queria que a parte do desafio *chegasse*.

Infelizmente, teríamos mais uma palestra. Escutei a conversa de cerca de uma dúzia de alunos, mas não estava a fim de tolerar a estupidez deles. Em vez disso, comecei a andar de um lado para o outro, como um animal enjaulado, até que notei a senhora Vmeer caminhando em minha direção com Alfir, o cara do saneamento.

Ela usava uma saia verde-claro, mas o broche prateado de cadete na blusa era a marca real do que ela havia conquistado. Significava que ela tinha passado no teste de piloto. Provavelmente desistiu da escola de voo – caso contrário teria um broche dourado –, mas isso não era incomum. E, em Ígneo, até um broche de cadete era uma marca de grande realização. A senhora Vmeer tinha privilégios especiais na requisição de roupas e comida.

Ela não era uma má professora, não me tratava muito diferente dos outros alunos e quase nunca fazia cara feia para mim. Eu meio que gostava dela, embora sua filha fosse uma criatura que destilasse a mais pura maldade, digna apenas de ser morta para que seu cadáver fosse reaproveitado para fazer poções.

— Spensa — a senhora Vmeer me chamou. — O cidadão Alfir quer falar com você.

Eu me preparei para perguntas sobre meu pai. Todo mundo sempre queria perguntar sobre ele. Como era viver sendo a filha de um covarde? Eu queria poder me esconder daquilo? Eu já tinha considerado mudar meu sobrenome? Pessoas sempre faziam perguntas como aquelas, mesmo quando achavam que aquilo era apenas um sinal de empatia.

— Ouvi dizer que você é uma boa exploradora — Alfir disse.

Abri minha boca para dar uma resposta torta, mas engoli as palavras. *O quê?*

— Você sai pelas cavernas para caçar, certo? — ele prosseguiu.

— Hum, sim — confirmei. — Ratos.

— Precisamos de pessoas como você — Alfir falou.

— No *saneamento*?

— Grande parte do maquinário sob nossa responsabilidade segue por cavernas distantes. Fazemos expedições até elas e precisamos de tipos robustos para essas viagens. Se quiser um emprego, estou oferecendo um.

Um emprego. No *saneamento*?

— Vou ser piloto — repliquei.

— O teste para piloto é difícil — Alfir comentou, olhando para minha professora. — Não são muitos os que passam. Estou oferecendo a você um lugar garantido conosco. Tem certeza de que não quer considerar a proposta?

— Não, obrigada.

Alfir deu de ombros e se afastou. A senhora Vmeer me analisou por um instante e, depois, balançou a cabeça e foi receber o próximo palestrante.

Recuei até a parede, cruzando os braços. A senhora Vmeer sabia que eu seria piloto. Por que ela achava que eu aceitaria uma oferta daquelas? Alfir não teria sabido de mim se ela não tivesse dito alguma coisa... então, o que estava acontecendo?

— Não vão deixar você ser piloto — uma voz disse atrás de mim.

Olhei na direção da voz e vi, tarde demais, que eu tinha me aproximado sem querer de Dia. A garota de cabelos escuros estava sentada no chão, recostada na parede. Por que ela não estava conversando com os outros?

— Eles não têm escolha — falei para ela. — Qualquer um pode fazer o teste para piloto.

— Qualquer um pode fazer — Dia concordou. — Mas eles decidem quem passa, e nem sempre é justo. Os filhos dos Primeiros Cidadãos entram automaticamente.

Olhei para a pintura dos Primeiros Cidadãos na parede. Todas as salas de aula tinham uma. E, sim, eu sabia que os filhos deles entravam automaticamente na escola de voo. Eles mereciam, já que seus pais tinham lutado na Batalha de Alta.

Tecnicamente, meu pai também, mas eu não estava contando com isso para me ajudar. Ainda assim, sempre me disseram que uma boa nota no teste faria com que qualquer um, independentemente do status, entrasse na escola de voo. A Força Defensiva Desafiadora não se importava com quem você era, desde que soubesse voar.

— Eu sei que não vão me considerar a filha de um Primeiro — falei. — Mas, se eu passar, vou entrar. Assim como qualquer outro.

— Esse é o ponto, Spensa. Você não vai passar, não importa o que faça. Eu ouvi meus pais falando sobre isso na noite passada. A almirante Ironsides deu ordem para negarem a sua entrada. Você não acha *mesmo* que vão deixar a filha de Chaser voar na FDD, acha?

— Mentirosa. — Senti meu rosto gelar de raiva. Ela estava tentando me insultar de novo, para me fazer perder a cabeça.

Dia deu de ombros.

— Você vai ver. Não dou a mínima. Meu pai já conseguiu um emprego para mim no Corpo Administrativo.

Eu hesitei. Esse não era como os insultos normais que ela costumava fazer. Não tinha o mesmo tom maldoso, a mesma sensação de provocação sádica. Ela... ela realmente não parecia se importar se eu acreditava nela.

Atravessei a sala até onde a senhora Vmeer estava conversando com a nova palestrante, uma mulher do Corpo dos Depósitos de Algas.

— Precisamos conversar — falei para ela.

— Só um instante, Spensa.

Fiquei parada ali, ouvindo a conversa delas, de braços cruzados, até que finalmente a senhora Vmeer suspirou e me puxou de lado.

— O que foi, menina? — ela perguntou. — Reconsiderou a gentil oferta do cidadão Alfir?

— A almirante Ironsides deu uma ordem para que eu não passe no teste de piloto?

A senhora Vmeer estreitou os olhos, então se virou e olhou de relance para a filha.

— É verdade? — perguntei.

— Spensa — a senhora Vmeer disse, voltando-se para mim. — Você tem que entender, essa é uma questão muito delicada. A reputação do seu pai é...

— É verdade?

A senhora Vmeer apertou os lábios e não respondeu.

— É tudo mentira, então? — perguntei. — A conversa sobre igualdade e que só as habilidades importam? Sobre encontrar o lugar certo e servir nele?

— É complicado — a senhora Vmeer respondeu. Em seguida, abaixou a voz. — Olhe, por que você não falta ao teste amanhã e poupa todo mundo do constrangimento? Venha me ver e vamos conversar sobre o que poderia ser adequado para você. Se não for no saneamento, talvez nas tropas terrestres?

— Então eu posso ficar o dia todo de guarda? — perguntei, com a minha voz ficando cada vez mais alta. — Preciso voar. Preciso provar que consigo!

A senhora Vmeer suspirou, então balançou a cabeça.

— Sinto muito, Spensa. Mas isso nunca vai acontecer. Eu gostaria que um dos seus professores tivesse tido coragem suficiente para tirar isso da sua cabeça quando você era mais jovem.

Naquele momento, tudo pareceu desabar ao meu redor. Um futuro sonhado. Uma fuga cuidadosamente planejada da minha vida de escárnio.

Mentiras. Mentiras das quais parte de mim já suspeitava. *Claro* que não me deixariam passar no teste. *Claro* que eu era um constrangimento grande demais para poder voar.

Eu queria ficar furiosa. Queria bater em alguém, quebrar alguma coisa, gritar até meus pulmões sangrarem.

Em vez disso, saí da sala, para longe dos olhos sorridentes dos outros alunos.

3

Procurei refúgio nas cavernas silenciosas. Eu não quis voltar para minha mãe e minha avó. Minha mãe, sem dúvida, ficaria feliz – ela tinha perdido o marido para os Krell e temia que eu tivesse o mesmo destino. Vozinha... ela me diria para lutar...

Mas lutar contra o quê? Nem os militares me queriam.

Eu me sentia uma tola. Todo esse tempo dizendo para mim mesma que me tornaria piloto, quando na verdade eu nunca tive a menor chance. Meus professores provavelmente passaram todos aqueles anos *rindo* de mim pelas costas.

Entrei em uma caverna desconhecida, além dos limites que eu já tinha explorado, localizada a horas de Ígneo. Eu ainda estava tomada pelas sensações de vergonha e raiva.

Que *idiota* eu tinha sido.

Parei na beirada de um penhasco subterrâneo e me ajoelhei, ativando a linha de luz do meu pai ao bater os dois dedos na palma da mão – uma ação que o bracelete podia detectar. A luz brilhou forte. Minha avó dizia que tínhamos trazido esses dispositivos conosco para Detritus, que eles eram parte do equipamento usado por exploradores e guerreiros da antiga frota espacial humana. Supostamente eu não deveria ter um, mas todo mundo pensou que o bracelete tivesse sido destruído com meu pai na queda.

Coloquei o punho contra a pedra do penhasco e bati os dedos na palma da mão mais uma vez. O comando criou uma corda de energia presa à rocha, conectando meu bracelete ao penhasco.

Uma batida com três dedos liberou mais corda. Usando-a, eu conseguia passar pela beirada – com a corda na mão – e depois descer até o fundo do penhasco. Assim que cheguei ao meu destino, uma batida com dois dedos fez a corda soltar a rocha lá em cima e se recolher no compartimento do bracelete. Eu não sabia como aquilo funcionava, só sabia que precisava ser recarregado a cada um ou dois meses, algo que eu fazia em segredo, conectando-o às linhas de energia das cavernas.

Engatinhei por uma passagem cheia de cogumelos *kurdi*. Eles tinham gosto ruim, mas eram comestíveis – e os ratos amavam. Aquele seria um bom terreno de caça. Em seguida, desliguei a luz e me acomodei para esperar, ouvindo atentamente.

Eu nunca tive medo do escuro. A escuridão me fazia lembrar do exercício que Vozinha me ensinara, quando eu flutuava na direção das estrelas que cantarolavam.

Não dava para ter medo do escuro quando se era um combatente. E eu era uma combatente.

Eu seria… eu seria… seria piloto…

Olhei para cima, tentando afastar aqueles sentimentos de perda. Em vez disso, agora estava subindo no ar. Em direção às estrelas. E mais uma vez achei que podia ouvir algo chamando por mim, como o som de uma flauta distante.

O barulho de algo raspando nas proximidades me trouxe de volta. Unhas de ratos na pedra. Levantei o lançador de arpão, com os movimentos já familiares me guiando, e acionei minha linha de luz para iluminar um pouco.

O rato se virou na minha direção, em pânico. Meu dedo chegou a tremer no gatilho, mas não atirei, o animal fugiu para longe. O que aquilo importava? Eu realmente iria continuar a minha vida como se nada tivesse acontecido?

Em geral, explorar as cavernas afastava minha mente dos problemas. Hoje, no entanto, eles continuavam se intrometendo, como uma pedrinha no sapato. *Lembra? Lembra que seus sonhos acabaram de ser roubados de você?*

Eu me sentia do mesmo jeito que nos primeiros dias depois da morte do meu pai. Naquele tempo, cada momento, cada objeto, cada palavra me lembrava dele e do súbito vazio que sua ausência deixou dentro de mim.

Suspirei, e então prendi uma ponta da linha de luz na lança, programando para ela grudar na próxima coisa que tocasse. Mirei no alto de outro penhasco e atirei, e a corda brilhante e sem peso ficou presa no lugar. Subi com o lançador de arpão balançando suas correias em minhas costas.

Quando criança, eu imaginava que meu pai tinha sobrevivido à queda. Que estava sendo mantido em cativeiro nesses túneis intermináveis e inexplorados. Eu me imaginava salvando-o, como um dos personagens das histórias da Vozinha. Gilgamesh, Joana D'Arc ou Tarzan de Greystoke. Uma heroína.

A caverna tremeu suavemente, como se tivesse sentido um calafrio, e pó caiu do teto. Um impacto na superfície.

Essa foi por pouco, pensei. Será que eu tinha subido tão perto da superfície? Peguei meu caderno de mapas feitos a mão. Eu já estava por ali havia um bom tempo. Horas, pelo menos. Tinha até tirado um cochilo em uma das cavernas lá atrás...

Verifiquei o relógio na linha de luz. A noite viera e se fora, e já era quase meio-dia do dia do teste – que aconteceria à tarde. Eu precisava voltar. Minha mãe e Vozinha ficariam preocupadas se eu não aparecesse para o exame.

Para o inferno com o teste, pensei, imaginando a indignação que eu sentiria ao ser rejeitada na porta. Em vez disso, subi por um espaço apertado até outro túnel. Por aqui meu tamanho era, pela primeira vez, uma vantagem.

Outro impacto sacudiu as cavernas. Com esse tanto de detrito caindo, seria estúpido subir à superfície. Eu não me importava. Meu estado de espírito me deixava imprudente. Sentia – quase conseguia ouvir o chamado – que algo me puxava para fora. Continuei subindo até que finalmente alcancei a fenda para o céu. A luz brilhava pela abertura, mas havia um tom branco, quase estéril, não era alaranjado o bastante. O ar seco e frio soprava também, o que era um bom sinal. Empurrei minha mochila na frente, depois me espremi pela fenda até a luz.

A superfície. Olhei para cima e vi o céu novamente. Como sempre, perdi o fôlego.

Uma claraboia distante refletia claridade em uma área de terra, mas eu ainda estava na sombra. Acima, o céu reluzia com uma chuva de detritos caindo. Linhas luminosas, como talhos. Uma formação de três caças estelares de reconhecimento passou voando, em patrulha. Os detritos que caíam eram muitas vezes pedaços quebrados de naves ou algum outro lixo espacial, e esse material podia ser valioso, valendo o resgate. Mas isso também confundia nossos radares, além de poder mascarar uma incursão Krell.

Fiquei parada na poeira azul-acinzentada e deixei a admiração pelo céu tomar conta de mim, sentindo a sensação peculiar do vento contra o meu rosto. Eu saíra perto da Base Alta, que podia ser vista a distância, talvez a trinta minutos de caminhada, se muito. Agora que os Krell sabiam onde estávamos, não havia motivos para esconder a base, então o lugar se expandira de um bunker secreto para vários edifícios grandes, protegidos por um perímetro murado, bateria antiaérea e um escudo invisível contra os detritos.

Do lado de fora do muro, grupos de pessoas trabalhavam em uma pequena faixa de algo que eu sempre achara estranho: *árvores* e *plantações*. O que estavam fazendo ali? Tentando cultivar alimentos nesse chão poeirento?

Não ousei me aproximar. Os guardas presumiriam que eu era uma coletora de lixo de uma caverna distante. Havia algo glorioso no verde forte daqueles campos e nas teimosas paredes da base. Alta era um monumento à nossa determinação. Durante três gerações, a humanidade vivera de ratos, como nômades neste planeta, mas agora não nos escondíamos mais.

Os caças estelares passaram rasgando em direção à base, e dei um passo atrás deles. *Concentre-se em algo maior*, meu pai dissera. *Em algo grandioso*...

E aonde aquilo havia me levado?

Pendurei a mochila e o lançador de arpão no ombro e caminhei na outra direção. Eu conhecia outra passagem ali perto e imaginei que, com um pouco mais de exploração, poderia conectar alguns dos meus mapas. Infelizmente, quando cheguei ao local, descobri que a entrada da passagem tinha desmoronado.

Alguns detritos espaciais atingiram a superfície ali perto, levantando um monte de poeira. Olhei para cima e vi pedaços menores caindo bem sobre a minha cabeça, pedaços ardentes de metal...

Caindo *direto* sobre a minha cabeça.

Caramba!

Voltei correndo pelo caminho de antes.

Não. Nãããããooooo! O ar se deslocou ruidosamente e eu pude sentir o calor dos detritos se aproximando.

Ali! Vi uma pequena abertura na superfície – parte fenda, parte boca de caverna. Arremessei-me naquela direção, pulando e escorregando para dentro.

Um enorme baque soou atrás de mim e pareceu sacudir o planeta inteiro. Frenética, liguei a minha linha de luz e bati a mão contra a rocha enquanto despencava no caos. Afastei-me um pouco, conectada pela linha de luz à parede, enquanto lascas de rocha e pedregulhos voavam ao meu redor. A caverna tremeu.

Logo tudo ficou em silêncio. Pisquei para tirar a poeira dos olhos e descobri que estava pendurada no meio de uma pequena caverna, talvez com dez ou quinze metros de altura. Eu havia perdido minha mochila em algum lugar, e meu braço estava bem ralado.

Ótimo. Realmente muito bom, Spensa. *Isso é o que se ganha quando se banca a birrenta*. Gemi, minha cabeça latejava. Então, bati os dedos contra a palma da mão para soltar a linha de luz, descendo até o fundo da caverna.

Desabei no chão, recuperando o fôlego. Outros impactos soavam a distância, mas estavam diminuindo.

Por fim, fiquei em pé, ainda meio cambaleante, e sacudi a poeira. Consegui localizar a alça da mochila entre alguns escombros ali perto. Arranquei-a de lá e verifiquei o cantil e os mapas que estavam dentro dela. Eles pareciam bem.

Meu lançador de arpão, no entanto, era outra história. Achei o cabo, mas não havia sinal do resto. Provavelmente estava enterrado entre os destroços.

Sentei escorada em uma pedra. Eu *sabia* que não devia ir até a superfície durante quedas de detritos. Eu praticamente implorara para que tudo aquilo acontecesse.

Ouvi o barulho de alguma coisa raspando nas proximidades. Um rato? Levantei o cabo da minha arma quebrada no mesmo instante, e então me senti duplamente estúpida. Mesmo assim, me obriguei a ficar em pé, pendurei a mochila no ombro e aumentei a luminosidade do bracelete. Uma sombra se afastou e eu a segui, mancando um pouco. Talvez conseguisse encontrar outra maneira de sair dali.

Levantei o bracelete, iluminando a caverna. A luz refletiu em alguma coisa diante de mim. Metal? Talvez um dos canos de água?

Andei naquela direção e meu cérebro precisou de um instante para perceber o que eu estava vendo. Ali, aninhada no canto da caverna, cercada por destroços, estava uma *nave*.

4

Era um caça estelar.

Um antigo, com design completamente desconhecido para mim. Tinha uma envergadura mais larga do que as naves da FDD e o formato de um W afiado. As asas retas, semelhantes a lâminas, emolduravam um cockpit velho e coberto de pó. O anel de aclive – a coisa que dava suporte aos caças estelares – estava enterrado nos detritos sob a nave, mas, pelo que eu podia ver, parecia inteiro.

Por um instante, eu me esqueci do teste. Uma *nave*.

Há quanto tempo aquele veículo estava ali, para que tantos destroços e aquele monte de poeira pudessem se juntar ao seu redor? Uma asa estava dobrada quase até o chão, provavelmente efeito de algum desmoronamento, e os propulsores traseiros estavam bem detonados.

Eu não conhecia o modelo. Aquilo era *incrível*. Eu conhecia todos os projetos da FDD, cada nave Krell, além de saber de cor todos os projetos dos veículos usados para o comércio pelos clãs humanos nômades. Havia estudado até as naves antigas que usávamos durante as primeiras décadas depois da queda em Detritus.

Eu poderia falar sobre cada modelo mesmo enquanto dormia, desenhando seus esboços na memória. Mas *aquele modelo* eu nunca tinha visto. Larguei a mochila no chão e subi – com cuidado – pela asa que estava dobrada. Meu bracelete garantia a iluminação enquanto minhas botas raspavam na crosta de poeira, revelando uma superfície metálica riscada. O lado direito da nave estava particularmente amassado.

Isso caiu aqui, pensei. *Há muito tempo*.

Subi perto do cockpit circular, que tinha uma cobertura de vidro – bem, provavelmente de plástico fundido – que, por mais incrível que parecesse, estava intacta. Gerações antes de mim, a nave devia ter tido energia suficiente para abrir o cockpit, mas precisei descobrir a trava manual, em um painel que estava exatamente onde eu esperava que estivesse. Limpei a poeira e encontrei palavras escritas ali: TRAVA DE EMERGÊNCIA DA CABINE.

Então a nave era humana. Devia ser bem antiga. Talvez tão antiga quanto a aparelhagem da base e o cinturão de destroços.

Puxei a alavanca, sem sucesso. Estava presa. Coloquei as mãos nos quadris e pensei na hipótese de quebrar o vidro, mas parecia inútil fazer isso. Aquela coisa era antiga, do tipo que devia estar em um pedestal no museu de naves de Ígneo,

onde celebrávamos os guerreiros do passado. Não havia esqueleto algum lá dentro, no entanto. Então, ou o piloto escapara, ou a nave já estava ali há tanto tempo que os ossos tinham virado pó.

Tudo bem, vamos devagar com isso. Eu posso ser delicada. Eu sou *incrivelmente* delicada. Tipo, o tempo todo.

Prendi uma ponta da linha de luz na alavanca, depois segui pelo alto da nave até os detritos na traseira, onde fixei a outra ponta em um pedregulho. A corda de energia, então, separou-se completamente do bracelete, que parou de brilhar. A linha era capaz de funcionar por uma ou duas horas desconectada da fonte de energia, mantendo o comprimento que tinha quando foi solta do bracelete.

Deitei de costas, apoiada contra a parede, e empurrei o pedregulho com meus pés. A pedra começou a rolar pelos detritos e, assim que ouvi um clique vindo do cockpit, desfiz a linha de luz com uma batida. A corda brilhante se soltou dos dois lados e foi sugada para dentro do bracelete.

Feito isso, engatinhei de volta e encontrei a alavanca puxada e o antigo cockpit entreaberto. Atentamente, ergui a tampa, fazendo a poeira escorregar para os lados. O interior parecia extremamente bem-preservado. De fato, quando entrei no cockpit, descobri que o assento estava duro, mas o couro não encontrava-se rachado ou em decomposição.

Os controles são similares, pensei, apoiando a mão esquerda no acelerador e a direita na esfera de controle, enquanto meus dedos se mantinham apoiados nos sulcos. Eu já me sentara em cockpits de simulação antes, no museu, mas nunca em uma *nave de verdade*.

Coloquei a mão no bolso, sentindo o broche do meu pai, que eu tirara do esconderijo antes de me aventurar pelos túneis. Eu o segurei, deixando-o brilhar refletindo a luz do meu bracelete. Será que era assim que meu pai se sentia, com essa impressão de *estar no lugar certo*, quando se sentava em um cockpit? O que meu pai pensaria se soubesse que a filha dele passava o tempo caçando ratos? Ou que agora estava ali, em uma caverna empoeirada, em vez de fazendo o teste para piloto?

O que ele pensaria se visse que ela estava disposta a desistir, em vez de lutar?

— Eu não desisti — disse, em voz alta. — Eu não fugi!

Ou... Bem, eu tinha desistido. O que mais eu podia fazer? Não dava para lutar contra todo o sistema. Se a almirante Ironsides em pessoa, a líder da FDD, não queria que eu entrasse, não havia nada que eu pudesse fazer.

A raiva tomou conta de mim. Frustração, *ódio*. Ódio pela FDD, pelo jeito como tinham tratado meu pai, ódio pela minha mãe e pelos professores – por todos os adultos que tinham permitido que eu sonhasse, quando certamente sabiam a verdade.

Fechei os olhos e quase pude sentir a força dos propulsores da nave atrás de mim. Sentia o empurrão da força g ao fazer uma curva. O cheiro do ar fresco e limpo da atmosfera superior sendo sugado para dentro do cockpit.

Eu queria sentir isso mais do que qualquer coisa. Mas, quando abri os olhos, estava de volta à antiguidade empoeirada e danificada. Eu nunca voaria. Eles tinham tirado isso de mim.

Uma voz sussurrou no fundo da minha mente:

E se justamente esse for *o teste?*

E se... E se eles quisessem ver o que eu faria? Caramba, e se a senhora Vmeer estivesse mentindo? E se eu estivesse fugindo à toa – ou pior, e se eu estivesse simplesmente provando a eles que eu de fato era uma covarde, como todo mundo afirmava que meu pai era?

Xinguei, olhando o relógio no bracelete de linha de luz. Quatro horas. Eu tinha quatro horas até o teste. Mas havia passado quase o dia todo andando sem rumo. Não dava para saber se eu conseguiria chegar a tempo em Ígneo. Será que daria?

— Conquiste as estrelas, Spensa — sussurrei.

Eu tinha que tentar.

5

Entrei correndo na sala de teste, como se fosse um caça com o propulsor no máximo.

Interrompi a fala de uma mulher mais velha, alta, que vestia um uniforme branco de almirante. Ela tinha o cabelo prateado na altura do queixo e franziu o cenho para mim quando parei na porta. Então, seus olhos imediatamente foram para o relógio pendurado na parede.

O segundo ponteiro andou mais um pouco. Dezoito horas em ponto.

Eu tinha conseguido. Estava toda suada, com o macacão rasgado e sujo de poeira pelo meu encontro com pedaços de detrito espacial. Mas tinha conseguido.

Ninguém dizia uma palavra na sala, localizada em um dos edifícios do governo no centro de Ígneo, perto dos elevadores que levavam à superfície. A sala estava cheia de carteiras; devia haver quase uma centena de garotos ali. Eu não sabia que havia tanta gente com dezessete anos nas cavernas dos Desafiadores, e aqueles ali eram só os que queriam fazer teste para piloto.

Naquele instante, cada um deles me encarava.

Mantive a cabeça erguida e tentei fingir que não havia nada fora do normal. Infelizmente, a única cadeira vaga que localizei estava *bem na frente* da mulher de cabelos prateados.

Eu a conhecia? Aquele rosto...

Caramba.

Não era uma contra-almirante qualquer. Era Judy Ivans, a própria Ironsides. Ela era uma Primeira Cidadã e a comandante da FDD, então eu já tinha visto seu rosto em centenas de pinturas e estátuas. Judy Ivans era simplesmente a pessoa mais importante do mundo.

Eu manquei um pouco enquanto me dirigia até meu assento diante dela, tentando não demonstrar meu constrangimento – ou minha dor. Fazer todo aquele caminho correndo envolvera várias descidas frenéticas com a minha linha de luz pelas cavernas e pelos túneis. Meus músculos protestavam pelo esforço, e senti uma câimbra na perna direita assim que consegui me sentar.

Estremecendo, larguei a mochila no chão, ao lado da carteira. Um ajudante a pegou e a levou para a lateral da sala, já que não era permitido nada na mesa além de um lápis.

Fechei os olhos, mas os abri novamente quando ouvi uma voz conhecida sussurrando ali perto:

— Ah, graças ao nosso planeta natal.

Lad? Olhei de relance e localizei-o algumas fileiras para trás. Ele provavelmente chegara três horas mais cedo e passara o tempo todo preocupado com o meu atraso. Sem nenhum motivo, claro. Eu tinha conseguido chegar *pelo menos* meio segundo adiantada. Pisquei para ele, e então virei para a frente, tentando não gritar de dor.

— Como eu estava dizendo — a almirante prosseguiu —, estamos orgulhosos de vocês. Seu trabalho e toda a preparação que fizeram até aqui provam que são a melhor e mais promissora geração que a FDD já conheceu. São a geração que herdará a superfície. Vocês nos levarão a uma nova era de coragem no combate aos Krell. Lembrem-se de que este teste não é para provar o valor de ninguém. Todos vocês têm muito valor. Para realizar um único voo, precisamos de centenas de técnicos, mecânicos e também do pessoal de apoio. Até mesmo o humilde trabalhador do depósito tem um papel importante na nossa grande busca pela sobrevivência. O propulsor ou a asa do caça não podem ficar sem o parafuso que os mantêm no lugar. Nem todos passarão no teste, mas só por escolherem estar aqui já atenderam às altas expectativas que tenho em relação a vocês. E, para aqueles que passarem: estou ansiosa para supervisionar seu treinamento. Tenho interesse pessoal pelos cadetes.

Franzi o cenho. Ironsides parecia tão reservada, tão indiferente. Com certeza ela não se importava comigo, independentemente do quão infame meu pai tivesse sido.

Enquanto os ajudantes corriam para distribuir as provas, Ironsides foi até a lateral da sala, perto de alguns capitães com uniformes reluzentes. Um homem baixo, de óculos, sussurrou alguma coisa para ela e apontou na minha direção. Ironsides se virou e me olhou novamente. Então, as laterais de seus lábios viraram rapidamente para baixo.

Ah, não.

Olhei para o outro lado da sala, onde alguns professores – incluindo a senhora Vmeer – nos observavam. Ela me viu, e aí balançou a cabeça como se estivesse desapontada. Mas... eu... achava que tinha entendido tudo. Eles estavam apenas me testando para ver se eu era uma verdadeira Desafiadora.

Certo?

De maneira deliberada, um ajudante pegou uma prova da parte de baixo da pilha e colocou-a na minha mesa. Hesitante, remexi meus bolsos à procura de um lápis, mas só encontrei o broche do meu pai. Ao ouvir um assobio ao meu lado, olhei na direção de Lad, que me jogou um lápis extra.

— Obrigada — disse, mexendo os lábios. Em seguida, abri o teste e olhei a primeira pergunta.

> 1. Explique, com exemplos do que é feito com elas, os catorze tipos de algas que crescem nos depósitos, explicitando o valor nutricional de cada uma.

Meu estômago revirou. Uma pergunta sobre *algas*? Sim, os testes incluíam perguntas aleatórias do nosso currículo escolar, mas... algas?

Olhei a página seguinte.

> 2. Explique as exatas condições exigidas para um ótimo desenvolvimento das algas, não se limitando – mas incluindo – a temperatura, pureza da água e profundidade do depósito.

A próxima pergunta era sobre como o esgoto era tratado, assim como a que vinha a seguir. Senti meu rosto gelar quando me dei conta de que todas as cinquenta páginas tinham questões sobre assuntos como depósito de algas, esgoto ou ventilação. Eram aulas que eu tinha perdido enquanto caçava. Eu aparecia nas aulas da tarde, como física e história, mas simplesmente não tinha tempo para estudar tudo.

Olhei mais uma vez para a senhora Vmeer, que desviou o olhar. Então, me inclinei e dei uma espiada na prova de Darla Mee-Bim. A dela tinha uma questão completamente diferente:

> 1. Diga cinco manobras aéreas que você usaria para se esquivar de uma nave Krell que o estivesse perseguindo.

Uma curva fechada, uma tesoura dupla giratória, uma curva de Ahlstrom, um recuo reverso e uma manobra planadora. Dependendo de quão perto o inimigo se encontrasse, da natureza do campo de batalha e do que meu companheiro de voo estivesse fazendo. Eu me inclinei para o lado e verifiquei o teste de outro vizinho,

onde localizei vários números com as palavras *propulsor* e *acelerador*. Uma pergunta sobre aceleração e força g.

Um ajudante falou em voz alta o bastante para que a maioria das pessoas na sala ouvisse.

— Fiquem avisados de que ninguém sentado ao lado de vocês terá o mesmo teste, por isso colar não só é punido com expulsão, mas também inútil.

Recostei-me em meu assento, fervendo de raiva. Isso era uma bobagem completa. Eles tinham preparado um teste especial para mim, abordando tópicos de aulas que sabiam que eu tinha sido obrigada a perder?

Enquanto eu me remoía, vários alunos se levantaram e seguiram até a frente da sala. Não era possível que já tivessem terminado, era? Um deles – um jovem alto, bem-constituído, com pele escura, cabelo negro encaracolado e um rosto insuportável – entregou o teste para a almirante. Do meu lugar, dava para ver que a sua prova estava em branco, exceto pelo nome. Ele mostrou um broche para ela – um broche especial, azul e dourado. O broche de um piloto que lutara na Batalha de Alta.

Filhos dos Primeiros Cidadãos, pensei. Eles só precisavam aparecer e preencher seus nomes para automaticamente serem admitidos na escola de voo. Havia seis deles hoje, cada um ocupando uma vaga que poderia ter sido preenchida por outros alunos esforçados.

Um a um, os seis partiram, e a almirante deixou os testes incompletos em uma mesa perto da parede da frente. A pontuação deles não importava. Assim como a minha também não importava.

As palavras de Dia retornaram para mim. *Você não acha mesmo que vão deixar a filha de Chaser voar na FDD, acha?*

Eu tentaria mesmo assim. Furiosa – segurei o lápis com tanta força que quebrei a ponta e tive que conseguir outro –, eu escrevia na minha prova idiota. Cada questão parecia ter sido feita para detonar a minha força de vontade. Depósitos de algas. Ventilação. Esgoto. Lugares aos quais supostamente eu pertencia.

A filha de um covarde. Tem mais é que agradecer por não a jogarmos nos depósitos.

Escrevi por horas, com as emoções batalhando dentro de mim. A raiva lutava contra a mais pura ansiedade. A frustração lutava contra a esperança. A consciência da realidade abatia o otimismo.

14. Explique o procedimento adequado a ser realizado se você acha que um depósito de alga foi contaminado por um colega de trabalho.

Tentei não deixar nenhuma pergunta em branco, mas em mais de dois terços da prova, minha resposta raivosa fora: "Não sei. Pergunte para quem sabe". E *doía* responder assim, como se, ao fazer isso, estivesse provando que eu era incompetente.

Mas eu *não desistiria*. Por fim, a campainha soou, marcando o tempo limite de cinco horas. Afundei em meu assento quando uma ajudante pegou a prova da minha mão. Eu a observei se afastar.

Não.

Agora que o teste terminara, a almirante Ironsides tinha retornado e falava com um pequeno grupo de pessoas de terno e saia; Primeiros Cidadãos ou membros da Assembleia Nacional. Ironsides era conhecida por ser rígida, mas justa.

Eu me levantei e caminhei até ela, com a mão no bolso, segurando com força o broche do meu pai. Esperei, respeitosamente, enquanto os outros alunos se reuniam para a festa pós-prova, onde encontrariam aqueles que já haviam sido aceitos em outras carreiras e que tinham passado o dia se inscrevendo e sendo designados para outras posições. Os que fizeram o teste de piloto e não conseguissem passar poderiam procurar outras funções ao longo da semana.

Naquela noite, no entanto, todos celebrariam juntos, tanto o futuro piloto quanto o futuro zelador.

Foi aí que Ironsides olhou para mim.

Segurei o broche do meu pai.

— Senhora — eu falei. — Como filha de um piloto que lutou na Batalha de Alta, eu gostaria de peticionar minha aceitação na escola de voo.

Ela me olhou de cima a baixo, notando a manga rasgada do meu macacão, o rosto sujo e o sangue seco em meu braço. Depois, pegou o broche da minha mão e eu soltei a respiração.

— Você *realmente* acha — ela disse — que eu aceitaria o broche de um traidor?

Meu coração afundou no peito.

— Você nem devia ter isso, garota — a almirante prosseguiu. — Não foi destruído quando ele caiu? Você roubou esse broche de alguém?

— Senhora — respondi, com a voz tensa. — Não estava com ele na queda. Meu pai me deu este broche antes de voar pela última vez.

A almirante Ironsides se virou para ir embora.

— Senhora? — falei. — Por favor. *Por favor*, só me dê uma chance.

Ela hesitou e achei que estivesse reconsiderando. Mas então se inclinou para mim e sussurrou:

— Garota, você tem *ideia* do pesadelo de relações públicas que poderia nos causar? Se eu te deixar entrar, e você acabar virando uma covarde como ele... Bem,

nada nem ninguém neste planeta me fará deixar você entrar em um cockpit. Fique satisfeita por poder entrar neste prédio.

Senti como se tivesse levado uma bofetada. Aquela mulher, uma das minhas heroínas, se virou para ir embora.

Eu a segurei pelo braço, e vários ajudantes nas proximidades arfaram baixinho. Mas eu continuei segurando.

— A senhora ainda está com o meu broche — eu disse. — Eles pertencem aos pilotos e suas famílias. A tradição...

— Os broches de pilotos *de verdade* pertencem às famílias — ela me corrigiu. — Não os dos covardes. — Ela se libertou da minha mão com um puxão firme.

Eu poderia tê-la atacado. Quase fiz isso; o calor aumentava dentro de mim, e meu rosto parecia gelado.

Braços me seguraram por trás antes que eu pudesse agir.

— Spin? — Lad falou. — Spensa! O que está fazendo?

— Ela roubou. Ela levou o broche do meu pai... — Eu me calei enquanto a almirante ia embora com seus auxiliares. Então, me libertei de Lad.

— Spensa? — Lad disse. — Vamos para a festa. Podemos conversar sobre isso lá. Como você acha que se saiu? Eu acho... Acho que me saí muito mal. Spensa?

Eu me afastei dele e voltei para minha mesa. De repente, me senti exausta demais para ficar em pé.

— Spin? — ele me chamou.

— Vá para a festa, Lad — sussurrei.

— Mas...

— Me deixe em paz. Por favor. Só... me deixe ficar sozinha.

Ele nunca soube como lidar comigo quando eu ficava assim, então ficou ali mais um tempo e depois foi embora.

E eu fiquei sentada sozinha na sala.

6

Horas se passaram...

Antes minha raiva era quente como magma. Agora eu só sentia frio. Estava entorpecida.

Os ecos da festa vinham de outra parte do edifício.

Eu me sentia usada, estúpida e, principalmente... vazia. Eu não deveria estar quebrando meu lápis, arremessando mesas de raiva? Falando sobre me vingar de meus inimigos, de seus filhos e netos? O comportamento típico de Spensa?

Em vez disso, fiquei sentada ali, olhando o vazio. Até os sons da festa diminuíram. Depois de um tempo, uma ajudante apareceu na sala.

— Hummm... Você precisa ir embora.

Eu não me mexi.

— Tem certeza de que não quer ir?

Eles teriam que me tirar arrastada dali. Imaginei a cena – muito heroica e Desafiadora –, mas a ajudante não parecia muito disposta a fazer isso. Ela desligou as luzes e me deixou ali, naquela sala iluminada apenas pelo brilho vermelho alaranjado das luzes de emergência.

Por fim, eu me levantei e fui até a mesa perto da parede, onde Ironsides – talvez sem querer – havia deixado as provas que os filhos dos Primeiros Cidadãos tinham lhe entregado. Olhei a pilha; cada um deles tinha preenchido apenas o nome e deixado todas as questões em branco.

Peguei uma das provas, a primeira que fora entregue. Tinha o nome de Jorgen Weight, seguido por uma questão:

> 1. Cite as quatro principais batalhas que garantiram a independência da União de Cavernas Desafiadoras como o primeiro Estado-maior em Detritus.

Era uma pegadinha. Provavelmente as pessoas esqueceriam o Conflito Unicarn, já que não se falava muito dele. Mas foi ali que a inexperiente FDD

empregou os primeiros caças espaciais da segunda geração de projetos, construídos em segredo em Ígneo. Voltei para minha mesa, sentei e respondi à pergunta.

Fui para a questão seguinte, depois para a próxima. Eram boas perguntas. Mais do que simples listas de datas ou peças. Algumas perguntas de matemática sobre velocidades de combate. A maioria, no entanto, envolvia perguntas sobre intenções, opiniões e preferências pessoais. Tive dificuldade em duas delas, tentando decidir se devia dizer o que eu achava que o teste queria ou o que pensava que seria realmente certo.

Fiquei com a segunda opção em ambas as vezes. Quem se importaria, certo?

Quando terminei de responder tudo, ouvi pessoas conversando do lado de fora. Zeladores, pelo teor da discussão.

De repente, me senti tola. Eu gritaria e obrigaria um pobre zelador a me arrastar dali pelos cabelos? Tinha sido derrotada. Não podia vencer todas as batalhas, e não havia vergonha em perder quando se estava em menor número. Fechei a prova, bati com o lápis nela e permaneci sentada quase no escuro, sob a iluminação das luzes de emergência.

Comecei a rabiscar a nave em forma de W no verso da prova, enquanto uma ideia maluca foi se formando em minha mente. A FDD não tinha começado como uma força militar; tinha se originado de um bando de sonhadores com suas ideias malucas. Fizeram a aparelhagem funcionar e criaram naves a partir de alguns projetos que tinham sobrevivido à nossa queda neste planeta.

Eles construíram as suas próprias naves.

A porta se abriu, deixando entrar luz do corredor. Ouvi um balde sendo colocado no chão e duas pessoas reclamando das coisas derramadas no salão de festa.

— Saio em um minuto — falei, terminando meu desenho. Pensando. Ponderando. *Sonhando*.

— Por que ainda está aqui, menina? — um zelador perguntou. — Você não quis ir para a festa?

— Não estava com muita vontade de celebrar.

Ele grunhiu.

— Não foi bem no teste?

— Acontece que isso não importa — respondi. Olhei para ele, mas a luz o iluminava por trás e eu só conseguia ver a sua silhueta na porta. — Alguma vez você já... — falei. — Você já sentiu que o *forçaram* a ser o que você é?

— Não. Mas eu posso ter forçado a mim mesmo.

Suspirei. Provavelmente, minha mãe estava louca de preocupação comigo. Levantei-me e fui até a parede na qual o ajudante tinha deixado minha mochila.

— Por que você quer tanto isso? — o zelador perguntou. Havia algo familiar em sua voz. — É perigoso ser piloto. Muitos deles são mortos.

— Menos de cinquenta por cento são abatidos nos primeiros cinco anos — respondi. — Mas nem todos morrem. Alguns são ejetados. Outros são abatidos, mas sobrevivem à queda.

— Sim. Eu sei.

Fiquei paralisada, então franzi o cenho e me virei para olhar a figura. Eu não conseguia ver seu rosto, mas alguma coisa brilhava em seu peito. Medalhas? Um broche de piloto? Fixei a vista e percebi o formato de uma jaqueta da FDD e uma calça social.

Ele não era um zelador. Eu ainda conseguia ouvir as duas vozes de antes no corredor, brincando um com o outro.

Endireitei o corpo. O homem caminhou lentamente até a minha mesa, e as luzes de emergência revelaram que ele era mais velho, talvez na faixa dos cinquenta anos, com um bigode branco austero. Ele mancava bastante.

Ele pegou o teste que eu preenchera e o folheou.

— Então, por quê? — ele por fim perguntou. — Por que se importa tanto com isso? Eles nunca fazem a pergunta mais importante nesse teste. Por que você quer ser piloto?

Para provar que sou capaz e redimir o nome do meu pai. Essa era a minha resposta imediata, embora mais alguma coisa brigasse com ela. Algo que meu pai dizia de vez em quando, algo enterrado bem dentro de mim, com frequência deixado de lado pelas ideias de vingança e redenção.

— Porque dá para ver o céu — sussurrei.

O homem grunhiu.

— Nós nos autointitulamos Desafiadores — ele comentou. — É a ideia central do nosso povo: o fato de que nos recusamos a desistir. E, mesmo assim, Ironsides sempre parece surpresa quando alguém a desafia. — Ele balançou a cabeça e largou o teste na mesa de novo. Colocou alguma coisa em cima.

Virou-se e começou a se afastar, mancando.

— Espere — pedi. — Quem é o senhor?

Ele parou na porta, e a luz do lado de fora mostrou seu rosto com mais clareza, com aquele bigode e os olhos que pareciam... velhos.

— Eu conheci seu pai.

Espere. Eu *conhecia* aquela voz.

— Mongrel? — perguntei. — É o senhor. O senhor era companheiro de voo dele!

— Em outra vida — ele respondeu. — Às sete em ponto, depois de amanhã, edifício F, sala C-14. Mostre o broche para poder entrar.

O broche? Voltei para a mesa e achei, em cima do meu teste, um broche de cadete.

Eu o agarrei.

— Mas Ironsides disse que nunca me deixaria entrar em um cockpit.

— Eu cuido de Ironsides. Essa aula é *minha*. Tenho a palavra final sobre meus estudantes e nem ela pode interferir. É importante demais para isso.

— Importante demais? Para dar ordens?

— Protocolo militar. Quando você é importante o bastante para mandar uma armada para a batalha, é importante demais para interferir no modo como um contramestre administra seu local de trabalho. Você verá. Há muita coisa que já sabe, a julgar pela sua prova. Mas algumas coisas você não sabe. Errou a pergunta dezessete.

— Dezessete... — Folheei o teste rapidamente. — A questão sobre as probabilidades esmagadoras?

— A resposta correta é recuar e esperar reforços.

— Não, não é.

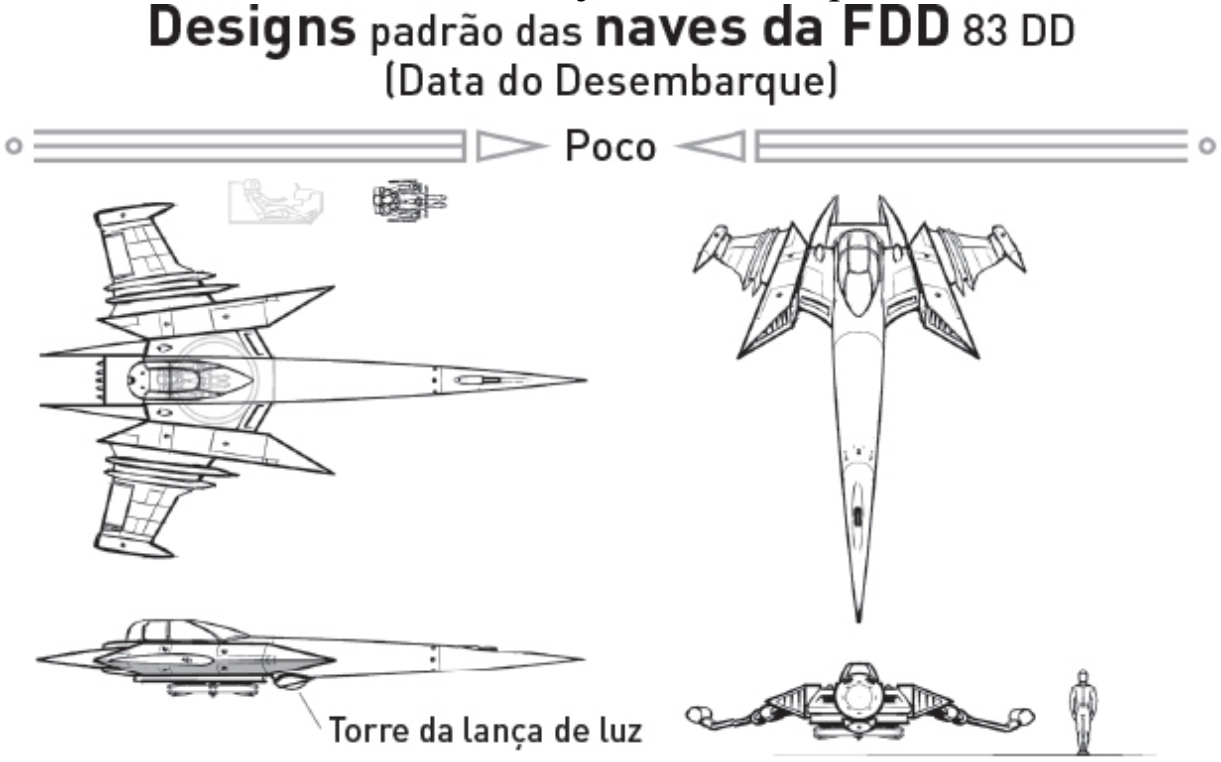
Ele endireitou o corpo e eu rapidamente mordi a minha língua. Por acaso eu estava discutindo com a pessoa que acabara de me dar um broche de cadete?

— Eu deixarei você ir até o céu — ele falou. — Mas eles não vão facilitar para você. Eu não vou facilitar para você. Não seria justo.

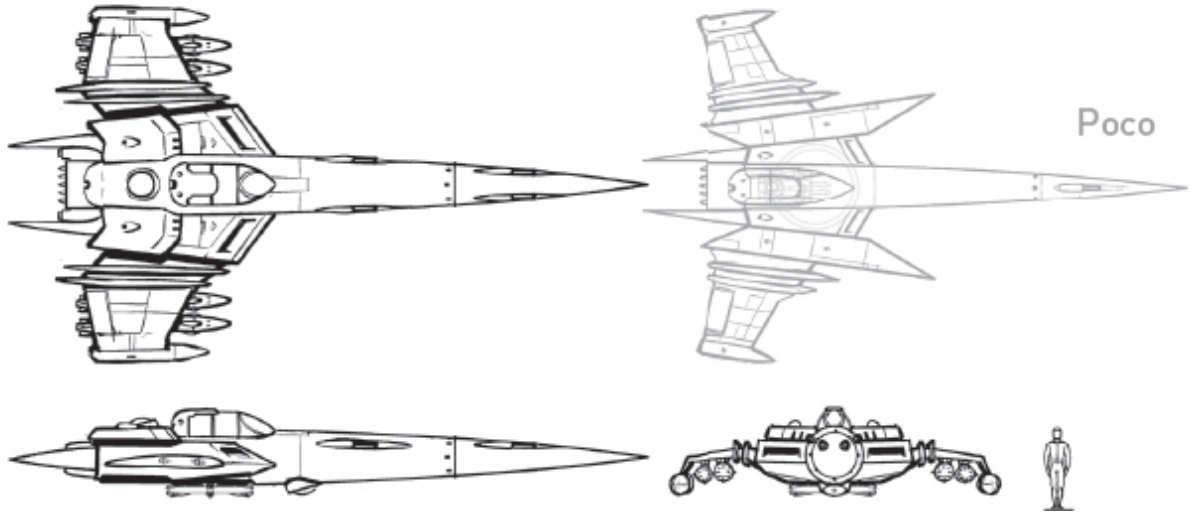
— E *alguma coisa* é justa?

Ele sorriu.

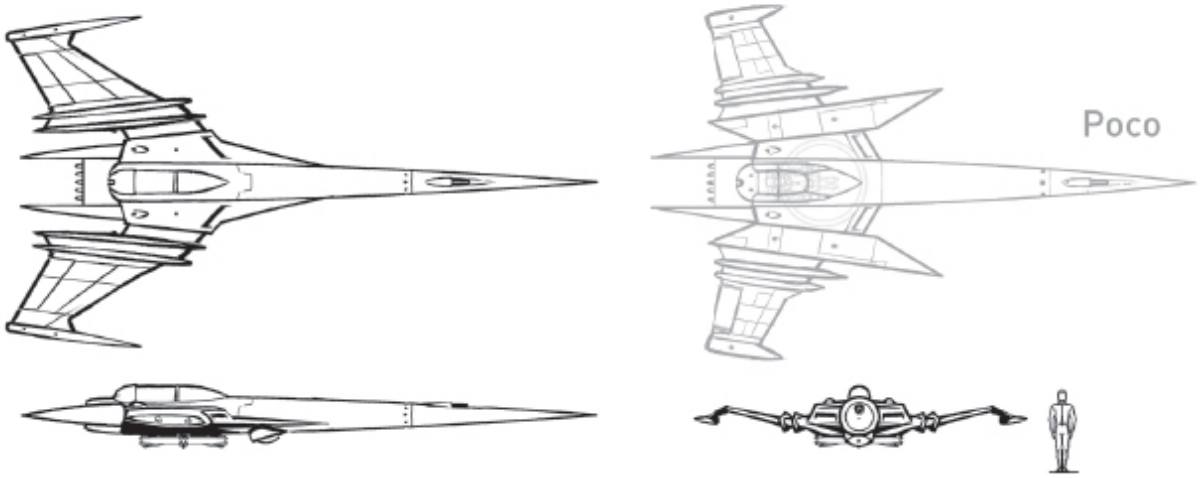
— A morte. Trata todos do mesmo jeito. Sete em ponto. Não se atrase.



Largo



Batedor



SEGUNDA PARTE

7

As portas do elevador se abriram, e olhei para uma cidade que não deveria existir.

Antes de mais nada, Alta era uma base militar, então talvez *cidade* fosse um termo ambicioso. Mesmo assim, a estrutura do elevador se abriu a uns bons duzentos metros da base propriamente dita. Enfileiradas na beira da estrada entre a cidade e a base havia lojas e casas. Uma cidade de verdade, povoada pelos teimosos fazendeiros que trabalhavam nas áreas verdes do lado de fora.

Permaneci no imenso elevador enquanto as pessoas saíam. Aquilo representava um limiar para uma nova vida, uma vida com a qual eu sempre sonhara. Percebi que estava estranhamente hesitante, ali parada com um pacote de roupas sobre o ombro e ainda com a sensação do beijo de despedida da minha mãe na testa.

— Ah, não é a coisa mais linda que você já viu? — uma voz falou atrás de mim.

Olhei por sobre o ombro. Quem falava era uma garota da minha idade. Mais alta que eu, com a pele bronzeada e longos cabelos negros encaracolados. Eu já a vira no elevador e tinha notado seu broche de cadete. Ela falava com um leve sotaque que eu não reconheci.

— Ainda acho que não é real — ela prosseguiu. — Será que pode ser alguma pegadinha que pregaram em nós?

— Que vantagem tática eles teriam com isso? — perguntei.

A garota segurou meu braço com muita familiaridade.

— Nós vamos conseguir. É só respirar fundo. Erguer o braço. Arrancar uma estrela. É o que a Santa diz.

Eu não tinha ideia de como lidar com aquela atitude. Em geral, as pessoas me tratavam como pária; elas não me pegavam pelo braço. Eu estava tão perplexa que não ofereci resistência quando ela me arrastou para fora do elevador. Entramos na passarela larga que atravessava a cidade até a base.

Eu preferia ter feito o caminho ao lado de Rodge, mas ele tinha sido chamado tarde da noite no dia anterior para discutir algo sobre o teste, e até agora eu não tinha notícia do que se tratava. Só esperava que ele não estivesse encrencado.

Logo a garota e eu passamos por uma fonte. E era uma fonte de verdade, como as que a gente ouvia nas histórias. Ambas paramos para admirar o monumento, e só

então eu soltei meu braço. Parte de mim queria ficar ofendida, mas ela parecia tão *espontânea*.

— Essa música que a água faz — ela disse —, não é o som mais maravilhoso de todos?

— O som mais maravilhoso de todos é o lamento dos meus inimigos gritando meu nome para os céus, com vozes agitadas e agonizantes.

A garota me olhou, inclinando a cabeça.

— Que as suas estrelas sejam abençoadas.

— Desculpe — falei. — É de uma história que eu escutei. — Estendi a mão para ela. Era melhor me dar bem com os outros cadetes. — Meu codinome: Spin.

— Kimmalyn — ela se apresentou, apertando a minha mão. — Hum... já devíamos ter codinomes?

— Sou perfeccionista. Em que sala você precisa se apresentar?

— Hum... — Ela enfiou a mão no bolso e pegou um papel. — C-14? Cadete da Esquadrilha B.

— Eu também.

— Codinome... Codinome... — Kimmalyn murmurou. — Qual devo escolher?

— Matadora? — sugeri. — Ardente? Não, isso pode ser mal interpretado... Estripadora?

— Não pode ser algo um pouco menos horrível?

— A ideia é você se tornar uma guerreira. Precisa de um nome de guerreira.

— Nem *tudo* está relacionado à guerra!

— Hum, meio que está. Em especial na escola de voo. — Franzi o cenho, notando mais uma vez o sotaque em sua voz. — De onde você é? Não é de Ígneo, imagino.

— Nascida e criada na Caverna Abundante! — Ela se inclinou. — Nós a chamamos assim, mas nada cresce por lá, na verdade.

— Abundante — repeti. Era uma caverna relativamente perto de Ígneo, também parte da Liga Desafiadora. — É onde os clãs da tripulação de *Antióquia* se instalaram, certo? — *Antióquia* tinha sido uma das naves da antiga frota, antes que fôssemos obrigados a nos esconder em Detritus.

— Sim. Minha bisavó era contramestre. — Ela me olhou. — Você diz que seu codinome é Spin? Não deveria ser algo como Lamentação ou Comedora de Olhos dos Inimigos?

Dei de ombros.

— Spin é como meu pai costumava me chamar.

Ela deu um sorriso animado ao ouvir isso. Caramba, eles haviam aceitado *essa garota*, mas me recusado? O que a FDD estava tentando fazer? Montar um clube de tricô?

Nós nos aproximamos da base, um grupo de edifícios altos e imponentes cercados por uma muralha. Do lado de fora, as fazendas deram lugar a um verdadeiro pomar. Parei de andar e me peguei assombrada de novo. Eu já tinha visto aquelas árvores ao longe, mas de perto elas pareciam enormes. Quase três metros de altura! Antes disso, a planta mais alta que eu já havia encontrado era um cogumelo que alcançava a minha cintura.

— Eles plantaram as árvores logo depois da Batalha de Alta — Kimmalyn comentou. — Foi preciso que pessoas corajosas se voluntariassem para o serviço aqui, tão expostas ao ar e aos ataques dos Krell. — Ela olhou para o céu, maravilhada, e eu me perguntei se aquela era a primeira vez que o via.

Paramos em um posto de controle na muralha, e estendi meu broche para o guarda, meio que esperando um tratamento rude – como eu sempre recebia de Aluko quando entrava em Ígneo. Contudo, o guarda entediado só assinalou nossos nomes em uma lista e acenou para que entrássemos. Nada de muita cerimônia na minha primeira entrada oficial em Alta. Bem, logo eu seria tão famosa que o guarda na porta bateria continência ao me ver.

Lá dentro, procuramos o edifício e nos juntamos a um punhado de outros cadetes. Pelo que eu tinha entendido, cerca de vinte e cinco de nós passaram no teste, sendo organizados em três treinos de voo. Só os melhores dos melhores realmente passariam e seriam designados para o cargo de piloto em tempo integral.

Kimmalyn e eu logo chegamos a uma grande estrutura térrea perto das plataformas de lançamento. A escola de voo. Eu quase não conseguia me conter de vontade de sair correndo direto para os caças estelares enfileirados. Já tinha ficado maravilhada demais por um dia.

Dentro do edifício, encontramos corredores largos, muitos dos quais pareciam estar cheios de salas de aula. Kimmalyn deu um gritinho, e em seguida correu para conversar com outro cadete, alguém que ela aparentemente conhecia. Então, parei perto de uma janela na parede externa e olhei para o céu, esperando por ela.

Percebi que estava... ansiosa. Não pelo treinamento, mas pelo lugar. Era *tão* grande, *tão* aberto. Os corredores eram no mínimo um metro mais largos do que os da maioria das construções de Ígneo, e os edifícios da base se espalhavam para fora em vez de estarem empilhados uns sobre os outros. O céu estava logo ali, sempre presente, agigantando-se. Mesmo com um campo de força entre ele e eu – do mesmo tipo invisível que os caças estelares usavam –, eu me sentia exposta.

Eu teria que dormir ali. Viver, comer, *existir*. Tudo ao ar livre. Embora eu gostasse do céu, isso não significava que eu queria espiá-lo durante todos os meus momentos mais íntimos.

Eu simplesmente terei que lidar com isso, falei para mim mesma. *Uma guerreira não pode escolher a sua cama; ela deve agradecer às estrelas se puder*

escolher o campo de batalha. Uma citação de *A conquista do espaço*, de Junmi. Eu adorava as histórias da Vozinha sobre Junmi quase tanto quanto gostava das antigas histórias vikings, mesmo sem tantas decapitações.

Kimmalyn voltou, e encontramos nossa sala. Respirei fundo. Era hora de me tornar piloto. Abrimos as portas.

8

Dez cockpits falsos dominavam o centro da sala, posicionados em círculo, virados para dentro. Cada um dos volumosos dispositivos tinha um assento, um console de controle e uma parte da fuselagem – ainda que não tivesse dossel. Fora isso, pareciam ter sido arrancados diretamente de caças estelares.

Em vez do nariz em forma de cone das naves, cada um tinha uma caixa anexada na frente, talvez com um metro de altura por meio de largura. Kimmalyn e eu aparentemente éramos as primeiras da nossa turma a chegar, e olhei o relógio de parede. Marcava 0615. Pela primeira vez na vida, eu não só estava adiantada como era a *primeira*.

Bem, tecnicamente a segunda, já que Kimmalyn passou por mim para examinar os cockpits de simulação.

— Ah! Acho que somos as primeiras. Bem, a Santa sempre diz: "Se não pode chegar adiantada, pelo menos chegue antes de estar atrasada".

Entrei na sala, coloquei a mochila no chão e fui olhar os cockpits. Reconheci o desenho do painel de controle – eram naves classe Poco, um modelo básico, embora rápido, da frota estelar da FDD. A porta se abriu, e mais dois cadetes entraram. O garoto mais baixo, na frente, com cabelo azul, parecia ser yeonguiano. A tripulação da *Yeong-Gwang*, da antiga frota, vinha em grande parte da China ou da Coreia.

O menino de cabelo azul sorriu enquanto olhava a sala, colocando sua mochila ao lado da minha.

— Uau. Nossa sala de aula!

A garota entrou atrás dele como se fosse dona do lugar. Era magra, atlética e tinha o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo. Usava uma jaqueta da FDD sobre o macacão – aberta, como se estivesse passeando na cidade.

Os dois logo foram seguidos por uma menina com uma tatuagem na mandíbula inferior. Ela devia ser viciana, da Caverna Vici. Eu não sabia muito sobre eles, só que eram descendentes dos fuzileiros da antiga frota estelar. Os vicianos tinham sua própria cultura e a guardavam para si mesmos, embora tivessem a reputação de serem grandes guerreiros.

Sorri, mas ela afastou o olhar imediatamente e não respondeu quando Kimmalyn se apresentou, animada. *Então, tá*, pensei.

Kimmalyn conseguiu os nomes e as cavernas de origem dos outros dois. O garoto de cabelo azul se chamava Bim, e era realmente um yeonguiano. Seu clã fizera parte da equipe responsável pela hidroponia na velha nave e havia se estabelecido em uma caverna próxima que administrava diversas fazendas subterrâneas, iluminadas e mantidas pelo antigo maquinário. Eu nunca tinha comido nada que fosse produzido lá; esses alimentos eram reservados para aqueles que tinham muitos méritos, por realizações ou por diligência.

A garota atlética era Hudiya, de Ígneo. Eu não a conhecia, mas a caverna era um lugar grande, com uma vasta população. Conforme a hora da aula se aproximava, uma moça alta entrou e se apresentou como Freya. O nome vinha da antiga mitologia nórdica, o que eu aprovava. Ela meio que tinha um aspecto nórdico, também. Era magra, alta, talvez com quase um metro e oitenta e cinco, e tinha cabelos loiros, que mantinha bem curtos. Suas botas eram novas, polidas até brilharem, e contavam com fechos dourados.

Bem, com ela éramos seis. Ainda deviam chegar mais alguns. E, cerca de dez minutos antes do início da aula, três jovens entraram juntos. Eram claramente amigos, já que conversavam e brincavam em voz baixa. Não reconheci dois deles, mas o que estava à frente – de pele negra e cabelo encaracolado curto – chamou minha atenção, com seu jeito de menino bonito e rosto de bebê.

O cara do teste, percebi. O filho de um Primeiro Cidadão que tinha sido admitido sem precisar resolver a prova.

Ótimo. Estávamos presos a um aristocrata inútil, alguém que vivia na mais profunda – e segura – das cavernas Desafiadoras. Ele estava na escola de voo não por habilidade ou aptidão, mas porque queria exibir um broche de cadete e sentir-se importante. Julgando pelo jeito como os outros dois falavam, imediatamente os identifiquei como seus amigos íntimos. Eu apostaria qualquer coisa que os três tinham entrado sem fazer o teste, então nosso grupo de cadetes tinha pelo menos *três* pessoas que não mereciam estar ali.

O garoto alto, com rosto de bebê, caminhou até o centro do círculo de cockpits. Como um menino podia ter um rosto *tão* ideal para levar um soco? Ele limpou a garganta, depois bateu palmas com força.

— Atenção, cadetes! É assim que queremos nos apresentar ao nosso instrutor? Relaxados, de papinho furado? Em fila!

Kimmalyn, que as estrelas a abençoem, se levantou e assumiu uma posição de sentido desleixada. Os dois amigos do rapaz se aproximaram e também se perfilaram, conseguindo passar uma impressão muito melhor de soldados de verdade. Todos os demais apenas ficaram olhando para ele.

— O que lhe dá o direito de nos dar ordens? — Hudiya, a garota atlética da minha caverna, perguntou. Ela estava recostada em uma parede, com os braços

cruzados.

— Quero causar uma boa primeira impressão ao instrutor, cadete — o Babaca falou. — Pense em como será inspirador quando ele entrar e encontrar todos nós esperando, atentos.

Hudiya bufou.

— Inspirador? Vamos parecer um bando de puxa-sacos.

O Babaca a ignorou e começou a inspecionar sua fila de três cadetes. Balançou a cabeça ao olhar para Kimmalyn, cuja versão de "sentido" envolvia ficar na ponta dos pés e prestar continência com as duas mãos. Era ridículo.

— Você está ridícula — disse o Babaca para ela.

A expressão da garota esmoreceu, e Kimmalyn se encolheu toda. Senti um ímpeto imediato de raiva protetora. Quero dizer... Ele estava certo, mas não precisava tratá-la daquele jeito.

— Quem ensinou você a ficar em posição de sentido? — o Babaca perguntou. — Você vai nos envergonhar. Não posso aceitar isso.

— Verdade — falei. — Ela estaria roubando seu posto, já que nos envergonhar é claramente a *sua* tarefa, Babaca.

Ele me olhou de cima a baixo – obviamente observando o estado remendado do meu macacão de piloto. Era um dos antigos macacões do meu pai e tinha exigido muitos ajustes para servir em mim.

— Eu conheço você, cadete? — ele perguntou. — Você me parece familiar.

— Eu estava sentada na fileira da frente quando fizemos o teste — falei. — Quando você entregou seu exame sem nenhuma questão respondida. Talvez tenha me visto ali quando olhou para o restante da sala, para ver qual a aparência das pessoas que realmente tinham que se *esforçar* para conseguir as coisas.

Ele apertou os lábios. Aparentemente eu tocara em um ponto fraco. Excelente. Primeiro golpe.

— Preferi não desperdiçar recursos — ele falou — fazendo alguém corrigir a minha prova, considerando que eu já tinha uma vaga garantida.

— Uma que você não merecia.

Ele olhou de soslaio para os outros cadetes na sala, que observavam com interesse. Então, abaixou a voz:

— Olhe. Você não precisa criar problemas. Entre na fila e...

— Entrar na fila? — perguntei. — *Ainda* está tentando nos dar ordens?

— É óbvio que eu serei o líder de voo. É melhor você começar a se acostumar a fazer o que eu digo.

Filho arrogante de uma supernova.

— Só porque você trapaceou para entrar...

— Eu não *trapaceei*!

— ... só porque você *pagou* para entrar na escola, não quer dizer que será o líder de voo. Você precisa se enxergar. Não me transforme em sua inimiga.

— E se eu fizer isso?

Caramba, já era irritante só ter que olhar para ele. Fiquei em pé no assento, a fim de conseguir uma vantagem de altura para a discussão. Isso pareceu surpreendê-lo.

Ele inclinou a cabeça.

— O que é que...

— Sempre ataque de uma posição de vantagem superior — falei. — Quando isso terminar, Babaca, vou guardar seu broche manchado e derretido como meu troféu, enquanto sua nave em chamas marca sua pira funerária e o lugar de descanso final de seu cadáver esmagado e destruído!

A sala ficou em silêncio.

— Tudo bem... — o Babaca disse. — Bem, isso foi... esclarecedor.

— Que as estrelas abençoem — Kimmalyn acrescentou. Hudiya me fez um sinal de positivo com o polegar e me ofereceu um sorriso, embora os outros da sala claramente não tivessem ideia do que fazer comigo.

E... Bom, talvez minha reação tenha sido exagerada. Eu estava acostumada a fazer esse tipo de cena; a vida me ensinou que ameaças agressivas faziam as pessoas recuarem. Mas eu precisava ter feito isso ali?

Percebi algo estranho naquele momento. Nenhuma daquelas pessoas parecia saber quem eu era. Elas não tinham crescido na minha vizinhança; não tinham frequentado a escola comigo. Podiam ter ouvido falar do meu pai, mas me viam apenas como qualquer outro cadete.

Ali eu não era a menina-rato ou a filha de um covarde.

Ali eu era *livre*.

A porta escolheu aquele instante para se abrir e nosso instrutor – Mongrel – parou na entrada, segurando uma caneca de café fumegante em uma das mãos e uma prancheta na outra. Na luz, eu o reconheci das imagens dos Primeiros Cidadãos, embora seu cabelo estivesse mais grisalho e aquele bigode o deixasse com a aparência de muito mais velho.

Devíamos parecer um belo bando de loucos. Eu ainda estava em pé no assento do cockpit, assomando-me sobre o Babaca. Vários dos outros estavam rindo da nossa conversa, enquanto Kimmalyn mais uma vez tentava prestar continência.

Mongrel olhou para o relógio, que acabara de marcar sete horas.

— Espero não estar interrompendo nada particular.

— Ah... — exclamei. Saltei do banco e tentei dar uma risadinha.

— Eu não estava brincando! — Mongrel replicou. — Eu não brinco! Todos em fila na parede do fundo!

Obedecemos na mesma hora. Enquanto nos alinhávamos, o Babaca ficou em posição de sentido, prestando continência, e permaneceu assim, em atenção perfeita.

Mongrel olhou para ele e disse:

— Não seja um puxa-saco, filho. Este não é o treinamento básico, e vocês não são recrutas das forças terrestres.

O Babaca fez uma expressão de decepção e abaixou o braço. Ainda assim, resolveu chamar atenção para si.

— Hum, sinto muito, senhor!

Mongrel revirou os olhos.

— Meu nome é capitão Cobb. Meu codinome é Mongrel, mas vocês podem me chamar de Cobb... Ou de senhor, se acharem que devem. — Ele caminhou pela fila, mancando acentuadamente, enquanto tomava um gole de seu café. — As regras desta aula são simples. Eu ensino. Vocês aprendem. Qualquer coisa que interfira nisso provavelmente levaria um de vocês à morte. — Ele parou perto de onde eu estava, ao lado do Babaca. — Isso inclui flertar.

Senti meu rosto gelar.

— Senhor, eu não estava...

— Também inclui retrucar o que eu digo! Agora vocês estão na escola de voo, que as estrelas os ajudem. Quatro meses de treinamento. Se conseguirem chegar ao fim sem serem expulsos ou abatidos, serão aprovados. É isso. Não há provas. Não há notas. Só cada um de vocês em um cockpit, tentando me convencer de que merece continuar aqui. Sou a única autoridade que importa para vocês agora.

Ele esperou, observando para ver como responderíamos. E, sabiamente, nenhum de nós falou nada.

— A maioria de vocês não vai conseguir — ele prosseguiu. — Quatro meses podem não parecer muito, mas para vocês será uma eternidade. Alguns vão sucumbir ao estresse, e os Krell matarão alguns outros. Em geral, uma classe com dez termina com um cadete se tornando piloto de verdade, talvez dois.

Ele parou no fim da fila, onde Kimmalyn estava parada, mordendo o lábio.

— Este grupo, no entanto... — Cobb acrescentou. — Ficarei surpreso se algum de vocês conseguir. — Ele saiu mancando para longe de nós, colocou o café em uma pequena mesa na frente da sala e folheou os papéis em sua prancheta. — Qual de vocês é Jorgen Weight?

— Sou eu, senhor! — o Babaca respondeu, endireitando o corpo.

— Ótimo. Você é o líder de voo.

Eu me sobressaltei.

Cobb me olhou, mas não disse nada.

— Jorgen, você precisará de dois líderes assistentes. Quero os nomes no fim do dia.

— Posso dar os nomes agora, senhor — ele falou, apontando para seus dois amigos, um garoto mais baixo e outro mais alto. — Arturo e Nedd.

Cobb marcou alguma coisa em sua prancheta.

— Ótimo. Todos vocês, escolham um assento. Vamos...

— Espere — eu falei. — É *isso*? É assim que você escolhe nosso líder de voo? Não vamos nem ver como nos saímos primeiro?

— Escolham um assento, cadetes — Cobb repetiu, ignorando o que eu tinha acabado de dizer.

— Mas... — eu insisti.

— Exceto a cadete Spensa — ele falou —, que em vez disso vai me esperar no corredor.

Mordi a língua e saí para o corredor. Provavelmente eu deveria ter contido a minha frustração, mas... *sério?* Ele escolheu o Babaca logo de cara? Simples assim?

Cobb me seguiu e fechou a porta com calma. Eu me preparei para um rompante, mas ele se virou e sibilou para mim.

— Está *tentando* estragar tudo, Spensa?

Engoli minha resposta, chocada com a súbita raiva que percebi emanar dele.

— Sabe o quanto arrisquei meu pescoço para colocar você nesta aula? — ele prosseguiu. — Argumentei que você ficou sentada naquela sala por horas, que terminou um maldito teste quase perfeito. Precisei de todo poder e reputação que conquistei em todos esses anos para conseguir levar isso adiante. Agora, na primeira chance que tem, você começa a fazer birra?

— Eu... Mas você não viu o que aquele cara estava fazendo na classe antes de o senhor chegar! Ele andava de um lado para o outro, afirmando que seria o líder de voo.

— Acontece que ele tinha um bom motivo para isso!

— Mas...

— Mas o quê? — Cobb exigiu saber.

Engoli as palavras que estava prestes a dizer e fiquei quieta.

Ele deu um suspiro profundo.

— Ótimo. Pelo menos você consegue se controlar um pouco. — Ele esfregou as sobrancelhas com o polegar e o indicador. — Você é como seu pai. Eu passava metade do tempo querendo estrangular o sujeito. Infelizmente, você não é ele... Mas tem que viver com o que ele fez. Tem que se controlar, Spensa. Se parecer que estou lhe concedendo algum privilégio, alguém pode me acusar de favorecimento indevido, e você será tirada da minha aula mais rápido do que consegue cuspir.

— Então não pode me conceder privilégios? — perguntei. — Mas *todo mundo* pode fazer isso com o filho de um aristocrata que sequer terminou a prova?

Cobb suspirou.

— Desculpa — falei.

— Não, eu mereci isso — ele disse. — Você sabe quem é aquele garoto?

— Filho de um Primeiro Cidadão?

— Filho de Jeshua Weight, uma heroína na Batalha de Alta. Ela voou sete anos na FDD e teve mais de cem mortes confirmadas. O marido dela é Algernon Weight, Líder da Assembleia Nacional e presidente da nossa maior empresa de remessas intercavernas. Eles estão entre as pessoas de maior mérito nas cavernas inferiores.

— Então o filho deles e seus amigos se tornam nossos líderes só por causa do que os pais fizeram?

— A família de Jorgen tem *três* caças estelares particulares, e ele vem treinando neles desde que tinha catorze anos. Já tem quase mil horas no cockpit. Quantas *você* tem?

Corei.

— Os "amigos" dele — Cobb prosseguiu — são Nedd Strong, que tem dois irmãos na FDD agora mesmo, e Arturo Mendez, filho de um piloto de cargas com dezesseis anos na FDD. Arturo vem atuando como copiloto do pai e é certificado com duzentas horas de voo. Mais uma vez, quantas horas você tem?

— Eu... — Respirei profundamente. — Desculpa por ter questionado as suas decisões, senhor. Essa é a parte em que eu faço flexões de braço, limpo um banheiro com uma escova de dentes ou algo assim?

— Eu já falei que isto *não é* treino de infantaria. As punições aqui não são essas idiotices servis. — Cobb abriu a porta da sala. — Force a barra comigo e a punição será simples: você não vai voar.

9

Você não vai voar...

Nunca ouvi palavras mais sombrias e desanimadoras. Quando voltamos para a sala de treinamento, Cobb me apontou um assento perto da parede. Não um cockpit, apenas uma cadeira.

Eu me esgueirei até lá e me sentei, sentindo-me completamente derrotada.

— Essas engenhocas — Cobb falou, batendo com os nós dos dedos em uma das caixas na frente dos cockpits de treino — são projetores holográficos. Tecnologia antiga, da época em que éramos uma frota. Quando essas máquinas estiverem ligadas, vocês vão achar que estão em um cockpit de verdade; elas permitem garantir o treino de voo sem arriscar um combatente de verdade. Mas a simulação não é perfeita. Tem certa resposta tátil, mas não consegue replicar as forças g. Vocês terão que treinar na centrífuga para se acostumarem com isso. A tradição da FDD diz que vocês devem escolher seu codinome. Sugiro que comecem a pensar no assunto, já que levarão esse nome pelo resto da vida. É como as pessoas mais importantes, seus companheiros de voo, vão conhecer você.

O Babaca levantou a mão.

— Não me diga agora, cadete — Cobb falou. — Em qualquer momento dos próximos dias está bem. Agora, eu quero...

A porta da sala se abriu de repente. Fiquei em pé rapidamente, mas não era um ataque ou uma emergência.

Era Lad. E ele usava um broche de cadete.

— Eu estava me perguntando se você ia aparecer — Cobb disse, pegando sua pilha de papéis. — Rodge McCaffrey? Acha que é uma boa ideia estar atrasado já no primeiro dia da escola de voo? Vai se atrasar também quando os Krell atacarem?

Lad segurou a respiração e negou com a cabeça, ficando branco como uma bandeira de trégua. E... Lad era um cadete. Quando ele saiu na noite passada para a tal conversa sobre o teste, fiquei preocupada, mas aparentemente ele tinha conseguido entrar! Eu queria gritar de alegria.

Mas não tinha *como* Lad estar atrasado, pelo menos não sem um bom motivo. Aquele era o garoto que agendava um tempo extra no dia para espirrar quando ficava resfriado. Abri a boca, mas um olhar de Cobb me impediu de dizer qualquer coisa.

— Senhor — Lad falou por fim, segurando o fôlego. — Elevadores. Quebrados.

Cobb foi até a lateral da sala e apertou o botão do intercomunicador.

— Jax — ele chamou. — Pode verificar se algum elevador quebrou hoje?

— Não preciso nem verificar, capitão — a voz respondeu pelo alto-falante acima do botão. — O elevador 103-D ficou parado por horas, com pessoas presas dentro. Está nos dando problemas há meses.

Cobb soltou o botão e olhou para Lad.

— Dizem que você teve a maior pontuação na prova deste ano, cadete.

— Foi o que me disseram, senhor. Eles me chamaram, e a almirante me deu um prêmio e tudo mais. Sinto muito por estar atrasado. Eu não queria fazer isso, em especial no primeiro dia. Quase morri quando...

— Sim, basta — Cobb o interrompeu, acenando na direção de um dos assentos. — Não abuse da minha boa vontade, filho.

Lad acomodou-se alegremente onde Cobb havia indicado, então me viu no canto da sala e me fez sinal de positivo com o polegar. Tínhamos conseguido. Ambos, de algum modo, com Lad na frente, o que era incrível. Então pelo menos *com ele* o teste tinha sido justo.

Cobb seguiu até o assento do Babaca e acionou um interruptor na lateral da caixa da frente. Um véu de luz cercou o cockpit – silencioso, cintilando como uma bolha resplandecente. Lá dentro, o Babaca murmurou baixinho, mas ainda de forma audível, uma prece para a Estrela do Norte. Eu me inclinei em minha cadeira.

— Pode ser um pouco desorientador — Cobb avisou, seguindo pela sala e acionando a máquina de Arturo, depois a de Nedd. — Embora não se compare a estar no ar *de verdade*, é um substituto razoável.

Esperei, tensa, enquanto ele dava a volta em todo o círculo, acionando um dispositivo após o outro. Cada um dos cadetes soltava um som de admiração, uma pequena arfada ou um "uau". Meu coração quase se partiu ao meio quando Cobb se afastou do último assento e voltou para a frente da sala.

Então, como se lembrasse de algo que ficou para trás, olhou para mim por sobre o ombro.

Quase explodi de ansiedade.

Por fim, ele fez um aceno com a cabeça na direção do cockpit vazio. Saí correndo da cadeira e tomei meu lugar enquanto ele acionava o interruptor. As luzes brilharam ao meu redor, e em um piscar de olhos eu parecia estar sentada no cockpit de um caça estelar classe Poco, em uma plataforma de lançamento fora do edifício. A ilusão era tão incrível que perdi o fôlego, então enfiei a mão para fora do "dossel" só para ter certeza. O holograma falhou e se abriu em pequenos grãos de luz, como poeira caindo, quando minha mão atravessou a imagem.

Puxei a mão de volta e inspecionei os controles: uma alavanca de aceleração, um painel cheio de botões e uma esfera de controle na direita. A esfera era um globo que cabia na palma da minha mão, com ranhuras para meus dedos e botões nas pontas.

Do lado de fora do dossel holográfico do cockpit, eu via outras "naves" alinhadas ao lado de uma reprodução perfeita da Base Alta. Eu até podia olhar para cima e ver o céu, os padrões fracos do cinturão de destroços... tudo.

O rosto bigodudo de Cobb atravessou o céu – como um dos próprios Santos – quando ele se inclinou pelo holograma para falar comigo.

— Gosta dessa sensação, cadete?

— Sim, senhor — respondi. — Mais do que qualquer coisa.

— Ótimo. Não perca isso.

Encontrei os olhos dele e assenti.

Ele recuou.

— Tudo bem, cadetes — Cobb falou. Sua voz parecia fantasmagórica vindo aparentemente de lugar nenhum. — Eu não perco tempo. Cada dia que estão treinando é um dia no qual bons pilotos morrem durante o voo, sem vocês como apoio. Coloquem os capacetes que estão aos seus pés.

Fiz o que era pedido, e agora a voz de Cobb veio pelo fone de ouvido dentro do capacete.

— Vamos praticar decolagens — ele falou. — Isso devia...

— Senhor! — O Babaca o interrompeu. — Posso mostrar para eles.

Revirei os olhos.

— Tudo bem, líder de voo — Cobb concordou. — Estou ansioso para deixar que alguém faça o trabalho duro por mim. Vamos ver se consegue colocá-los no céu.

— Sim, senhor! — O Babaca respondeu. — Esquadrilha, seus caças não precisam dos propulsores para ganhar ou perder altitude. Isso é feito pelo anel de aclive, um dispositivo em forma de arco sob cada nave estelar. O interruptor de força está... hum... em cima do console dianteiro, o botão vermelho. Nunca desliguem isso enquanto estiverem voando ou vocês vão cair como um pedaço de detrito.

A parte de baixo de uma nave no fim da fila se acendeu de repente quando o anel de aclive foi ligado.

— Usem a esfera de controle para virar à direita ou à esquerda — o Babaca prosseguiu — ou para fazer pequenos movimentos. Para uma ascensão rápida, usem a alavanca menor, ao lado do acelerador, empurrando-a para cima.

A nave estelar do Babaca se ergueu no ar em uma subida rápida. A dele, como o restante das nossas, era classe Poco. Elas pareciam gloriosos lápis com asas, mas

ainda eram naves estelares, e eu estava em um cockpit. Holograficamente, mas ainda assim estava acontecendo.

Liguei o interruptor vermelho e todo o meu painel se acendeu. Sorri, segurando a esfera de controle na mão direita e puxando o controle de altitude com a esquerda.

Minha nave saltou para trás em um movimento repentino, e acabei batendo em um prédio atrás de nós.

Não fui a única. Nossas naves respondiam com muito mais sensibilidade do que imaginávamos. De alguma forma, Lad conseguiu ficar completamente de cabeça para baixo; Kimmalyn saiu em disparada pelo ar, gritando com o movimento súbito, depois recuou e despencou bem na plataforma de lançamento.

— *Apenas* o controle de altitude — o Babaca falou. — Não toquem na esfera de controle agora, cadetes!

Cobb deu uma risadinha em algum lugar lá fora.

— Senhor! — disse o Babaca. — Eu... ah... isso... — Ficou em silêncio. — Ah!

Fiquei feliz por ninguém poder ver como eu estava corada. Parecia que eu tinha batido a nave em uma versão holográfica do refeitório da escola de voo, a julgar pelas mesas e pela comida espalhada. Eu sentia como se tivesse levado uma chicotada, mas, embora minha cadeira sacudisse um pouco quando a nave se movia, não conseguia replicar os movimentos reais de voo.

— Parabéns, cadetes — Cobb falou. — Tenho certeza de que metade de vocês já morreu. Impressões, líder de voo.

— Eu não esperava que eles fossem *tão* inúteis, senhor.

— Não somos inúteis — eu disse. — Só ficamos... ansiosos.

— E talvez um pouco envergonhados — Kimmalyn observou.

— Fale por você mesma — disse a voz de uma garota pelo fone de ouvido. Qual era mesmo o nome dela? Hudiya, a garota de rabo de cavalo, com a jaqueta solta. Ela estava gargalhando. — Ah, meu estômago. Acho que vou vomitar. Posso fazer de novo?

— De novo? — Kimmalyn perguntou.

— Foi incrível!

— Você *acabou* de dizer que vai vomitar.

— No bom sentido.

— Como alguém vomita no bom sentido?

— Atenção! — Cobb interrompeu. Ao meu redor, minha nave pareceu falhar, e de repente estávamos todos enfileirados de novo, com os nossos veículos inteiros após a simulação aparentemente ter sido reiniciada. — Como acontece com a maioria dos pilotos novatos, vocês não estão acostumados a quão responsivas suas

naves podem ser. Com a potência do anel de aclive e dos propulsores, é possível fazer manobras bastante precisas. Em especial depois que tiverem treinado com as lanças de luz. Mas essa versatilidade vem com um custo. É *muito* fácil morrer em uma nave estelar. Então, hoje vamos praticar três coisas. Subir. Descer. *Não morrer* ao fazer esses dois movimentos. Entendido?

— Sim, senhor! — exclamamos em coro.

— Vocês também vão aprender a controlar o rádio. O conjunto de botões azuis no canto superior esquerdo do painel de controle gerencia isso; vocês precisam se acostumar a abrir uma linha para toda a esquadrilha ou apenas para seu parceiro de voo. Vamos ver os outros botões mais tarde. Não quero que se distraiam agora. Só as estrelas sabem como vocês poderiam se sair ainda pior do que nessa pequena performance que acabamos de ver, mas não estou inclinado a lhes dar uma oportunidade!

— Sim, senhor! — exclamamos, de um jeito um pouco tímido.

E então, nas *três horas* seguintes, decolamos e aterrissamos.

Era um trabalho frustrante, porque eu sentia que era capaz de fazer muito mais. Eu tinha estudado tanto, praticado mentalmente. Sentia como se já soubesse aquilo tudo.

Só que, na verdade, eu não sabia. Minha colisão na primeira tentativa era prova disso. E minha inabilidade nas tentativas que se seguiram me frustrava.

O único jeito de superar esse sentimento era praticar, então dediquei-me às orientações. Para cima e para baixo. Para cima e para baixo. Hora após hora. Fiz isso com os dentes cerrados, determinada a não bater de novo.

Depois de um tempo, todos conseguimos fazer cinco decolagens e aterrissagens seguidas sem bater. Quando Cobb nos mandou subir de novo, nivelei o altímetro em quinhentos e parei ali. Soltei a respiração, recostando-me no assento quando os outros cadetes se juntaram a mim em uma linha.

O Babaca passou zunindo e deu uma voltinha antes de se posicionar. Exibido.

— Tudo bem, líder de voo — Cobb disse. — Contate sua equipe e peça uma confirmação verbal de prontidão de cada membro. Você fará isso antes de todo e qualquer combate, a fim de verificar que ninguém está com problemas mecânicos ou físicos. Esquadrilha, *sempre* que tiverem problemas, falem para o líder de voo. Se entrarem em batalha sabendo que há algo errado com sua nave, vocês serão responsáveis pelos danos que possam causar.

— Senhor — Bim disse pelo rádio —, é verdade que, se batermos uma nave de verdade durante o período de treinamento, não podemos nos formar?

— Em geral — Cobb respondeu —, se um cadete bate o caça estelar, é sinal de algum tipo de negligência. Uma atitude assim indica que não se deve confiar nele com esse tipo de equipamento.

— E se ejetarmos? — Bim perguntou. — Ouvi dizer que cadetes treinam em situações reais de combate. Se formos atingidos e ejetarmos, isso significa que estamos fora? Como cadetes, quero dizer.

Cobb ficou em silêncio por um instante.

— Não há uma regra definida — ele respondeu.

— Mas é a tradição, certo? — Bim insistiu. — Um cadete que ejeta e abandona a nave fica no chão depois disso.

— É porque estão sempre de olho nos covardes — Hudiya comentou. — Querem expulsar cadetes que, por serem ansiosos demais, acabam ejetando antes da hora.

Senti uma descarga de adrenalina, como sempre acontecia quando alguém mencionava a palavra *covarde*. Mas, daquela vez, não foi em referência a mim. E jamais seria: eu nunca ejetaria.

— Pilotos de verdade — disse um dos amigos do Babaca —, os melhores dos melhores? Mesmo se forem atingidos, são capazes de pousar até a nave mais danificada, para que depois ela possa ser recuperada. Anéis de aclive são valiosos demais, então os pilotos precisam protegê-los, porque um piloto não vale tanto quanto...

— Já chega, Arturo — Cobb o interrompeu. — Está espalhando rumores estúpidos. Tanto piloto quanto nave são valiosos. Vocês, cadetes, ignorem essas conversas. Podem ouvir isso de outras esquadrilhas, essas histórias sobre direcionar sua nave para um pouso controlado. Vocês me ouviram? Se forem atingidos, ejetem. Não se preocupem com as consequências, preocupem-se com as suas vidas. Se você é um piloto bom o suficiente, isso não vai impactar sua carreira, não importa qual seja a tradição.

Franzi o cenho. Não era isso que eu tinha ouvido. Pilotos formados que eram abatidos até recebiam uma segunda chance. Mas cadetes? Por que graduar alguém que tinha sido atingido quando procuravam apenas o melhor dos melhores?

— Orgulho estúpido de piloto... — Cobb resmungou. — Já nos custou mais do que os Krell conseguiram, posso jurar. Líder de voo, não vai verificar a sua equipe?

— Ah, certo! — Jorgen falou. — Esquadrilha de Cadetes B! Hora de...

— Esquadrilha de Cadetes B? — Cobb perguntou. — Você consegue arrumar um nome melhor do que esse, líder de voo.

— Ah. Sim, senhor. Humm...

— Esquadrilha Celeste — sugeri.

— Esquadrilha Celeste — o Babaca repetiu, pegando o nome. — Chamada e confirmação de prontidão, na ordem de identificação da nave no painel!

— Celeste Dois — disse o mais alto dos dois amigos. — Codinome: Nedder. Confirmado.

— Celeste Três — Hudiya falou. — Codinome: Arrojada. Confirmado.

— Sério? — o Babaca perguntou. — Arrojada?

— Memorável, não é? — ela respondeu.

O Babaca suspirou.

— Celeste Quatro — falou Lad. — Hum... Codinome: Ladainha. Uau, é bom dizer isso. E, hum, confirmado.

— Celeste Cinco — Arturo, o mais baixo dos dois amigos, disse. — Codinome: Anfisbena.

— Anfi o quê? — Arrojada perguntou.

— É um dragão de duas cabeças — Arturo explicou. — É um animal *extremamente* feroz da mitologia. Confirmado.

— Celeste Seis — foi a vez de Kimmalyn. — Então... codinome, eu preciso de um, né?

— Santa — sugeri.

— Ah, pelas estrelas, não — ela replicou.

— Você pode escolher mais tarde — Cobb disse. — Use seu primeiro nome por enquanto.

— Não, não — ela falou. — Me chamem de Rápida. Não preciso ficar adiando a minha escolha. A Santa sempre diz: "Economize tempo, realize aquela tarefa agora".

— Como fazer algo "agora" economiza tempo? — Arturo questionou.

— Não desvie o assunto, Anfi — o Babaca falou. — Celeste Sete?

— Celeste Sete — disse uma voz de garota com sotaque que eu não lembrava de ter ouvido antes. — Codinome: Alvorecer. Confirmado.

Espere. Quem era aquela? Espremi meu cérebro. *A garota viciana com a tatuagem na mandíbula*, percebi. *Aquela que me ignorou mais cedo*.

— Celeste Oito — Bim chamou. — Bim. Esse é meu nome, não meu codinome. Vou escolher mais tarde. Não quero estragar. Confirmado, falando nisso.

— Celeste Nove — Freya, a garota loira alta, falou. — Codinome: FM. Confirmado.

Ela tinha conseguido decolar logo de cara, na primeira vez, sem bater, a única que fizera aquilo fora o Babaca e seus amigos. Suas roupas claras e os fechos dourados nas botas me faziam pensar que ela também vinha das cavernas inferiores. Sua família obviamente tinha méritos suficientes para conseguir coisas bem chiques.

— Celeste Dez — falei. — Codinome: Spin. Confirmado.

— Que codinome bobo — o Babaca comentou. — Serei Jager. Significa *caçador* em um dos antigos...

— Não pode ser Jager — Cobb o interrompeu. — Já temos uma Jager. Na Esquadrilha Pesadelo. Formou-se há dois meses.

— Ah — o Babaca disse. — Eu... Ah, eu não sabia disso.

— Que tal Babaca? — sugeri. — É como venho chamando você mentalmente. Podemos chamá-lo assim.

— Não. Nós. Não. Podemos.

Ouvi várias risadinhas – incluindo uma que eu tinha quase certeza que vinha de Nedd "Nedder" Strong, o amigo mais alto do Babaca.

— Tudo bem — Cobb falou, ignorando-nos. — Agora que terminaram, talvez possamos falar sobre como podem se mover de verdade.

Assenti, ansiosa, embora soubesse que ninguém podia me ver.

— Segurem o acelerador com um leve toque — Cobb instruiu. — Desloquem-o para frente lentamente, até que o marcador mostre ponto um.

Fiz isso, tímida, mais do que preocupada em repetir minha vergonha de antes, e soltei a respiração quando minha nave avançou em velocidade modesta.

— Ótimo — Cobb disse. — Agora estão em ponto um Mag. Isso é um décimo de Mag-1, que é a velocidade normal de combate. Os que possuem designações pares precisam descer trezentos pés. Estamos mais acostumados a falar cem metros, mas a tradição é usar pés para altitude, por alguma maldita razão, e vocês vão se acostumar com isso. Os de designações ímpares sobem trezentos. Isso dará a vocês algum espaço para movimentos bem leves para a direita e para a esquerda enquanto voam.

Fiz o que ele disse, mergulhando e depois nivelando. Tentei virar para a direita, e depois para a esquerda. Parecia... natural. Como se eu fosse feita para aquilo. Como se eu...

Uma série de alarmes altos disparou. Dei um pulo e – em pânico – procurei no painel, preocupada se tinha feito algo de errado. Por fim, meu cérebro percebeu que o som não vinha da minha nave de simulação, ou mesmo da nossa sala. Os alarmes vinham de fora do prédio.

É o aviso de ataque, pensei, tirando o capacete para ouvir melhor. Os sons de sirene pareciam diferentes aqui em Alta. Mais rápidos.

Passei a cabeça pelo limite do meu holograma e vi vários outros cadetes fazendo o mesmo. Cobb tinha se aproximado das janelas da nossa sala de aula e olhava para o céu. Eu quase não conseguia distinguir os destroços que caíam ao longe, ardendo na atmosfera. Ataque Krell.

O alto-falante na parede soltou um estalo.

— Cobb — chamou a voz da almirante Ironsides. — Já conseguiu fazer esses calouros flutuarem por aí?

Cobb foi até o painel na parede e apertou um botão.

— Está difícil. Ainda estou convencido de que um deles vai achar um jeito de fazer a nave se autodestruir, ainda que os Poco não tenham essa função.

— Ótimo. Mande-os para o céu, formação aberta, sobre Alta.

Cobb nos olhou de relance antes de apertar o botão de novo.

— Confirmação requerida, almirante. Quer os novos cadetes no céu durante um ataque?

— Mande-os lá para cima, Cobb. É uma onda grande. A Esquadrilha Pesadelo está na cidade, de folga, e não tenho tempo para chamá-los de volta. Ironsides, câmbio desligo.

Cobb hesitou. Mas, então, gritou a ordem:

— Vocês ouviram a almirante! Esquadrilha Celeste, para a plataforma de lançamento. *Vão*!

10

Para a plataforma de lançamento?

Agora?

Depois de *um dia* de treino de voo?

Cobb apertou um botão em sua mesa, desligando todos os nossos emissores holográficos. Não pude deixar de me perguntar se era algum tipo de teste ou um trote estranho, mas a expressão pálida no rosto de Cobb me indicava o contrário. Ele não estava gostando daquilo.

Estrelas! No que a almirante estava pensando? Certamente... Certamente ela não mataria *a esquadrilha inteira* só porque Cobb resolveu permitir minha entrada na FDD. Mataria?

Deixamos a sala de treinamento aos tropeços.

— Lad — falei, andando ao lado do meu amigo enquanto seguíamos pelo corredor, com os alarmes soando ao longe. — Pode acreditar nisso? *Dá* para acreditar?

— Não. Ainda não acredito que estou aqui, Spin. Quando me chamaram e me falaram da minha pontuação, pensei que me acusariam de ter trapaceado! Então, a almirante me deu um prêmio e tirou algumas fotos. É quase tão incrível quanto o jeito como Cobb a deixou entrar depois...

— Nada disso importa — respondi rapidamente. Eu não queria que ninguém mais da esquadrilha ficasse sabendo que as circunstâncias da minha admissão tinham sido incomuns.

Olhei de lado e vi o Babaca correndo a alguns passos de distância. Ele estreitou os olhos para mim. Ótimo.

Saímos do prédio de treinamento e nos reunimos na escada do lado de fora, à direita, enquanto uma esquadrilha de caças estelares classe Fresa decolava em direção ao céu. Era uma das esquadrilhas de plantão; em geral havia várias delas, além de um ou dois outros grupos que podiam ser convocados em caso de emergência.

Então, por que precisavam de nós? Eu não conseguia entender.

Cobb saiu do prédio e gesticulou para nós, indicando uma fileira de dez caças estelares classe Poco em uma plataforma de lançamento ali perto. A equipe de solo estava posicionando escadas ao lado deles.

— Depressa! — o Babaca gritou. — Para suas naves! Todos lembram de seus números?

Kimmalyn ficou parada no lugar.

— Você é o número seis, Flácida — Cobb falou.

— Humm, na verdade é Rápida...

— Vão logo, seus idiotas! — Cobb gritou. — Já receberam as ordens! — Ele olhou para o céu. Um conjunto de estrondos sônicos explodia das naves que haviam decolado anteriormente. Embora já estivessem bem longe, os estrondos ainda foram capazes de sacudir as janelas.

Corri até a minha nave, subi pela escada até o cockpit aberto e parei. *Minha* nave.

Um membro da equipe de solo subiu pela escada atrás de mim.

— Você vai entrar? — ele perguntou.

Enrubesci, e então saltei para dentro do cockpit.

Ele me deu um capacete e se inclinou para dentro.

— Essa nave acabou de sair do conserto. Você a usará quando estiver em serviço, embora não seja cem por cento sua. Você a dividirá com um cadete de outra esquadrilha até que ela não dê mais conta de voar.

Coloquei o capacete e fiz sinal de positivo com o polegar. Ele desceu e tirou a escada. O dossel do meu cockpit se fechou e travou. Fiquei ali sentada, em silêncio, controlando minha respiração, então estendi a mão e apertei o botão para ligar o anel de aclive.

O painel acendeu, e um zumbido vibrou pela nave. *Aquilo* não tinha acontecido na simulação.

Olhei para o lado, na direção do refeitório com o qual eu colidira menos de quatro horas antes.

Sem estresse. Você já fez isso centenas de vezes, Spensa.

Mas eu não podia deixar de pensar no que tínhamos discutido antes, que os cadetes que batiam ou ejetavam não podiam – por tradição – se formar...

Agarrei o controle de altitude e esperei as ordens. Então, fiquei vermelha mais uma vez, finalmente acionando o botão azul que ligava o rádio.

— ... alguém pode acenar para ela, talvez? — a voz de Arturo veio pelo meu capacete. — FM, você pode ver...

— Spin a postos — falei. — Desculpem.

— Tudo bem, esquadrilha — o Babaca falou. — Vamos decolar, suave e devagar, como praticamos. Para cima mil e quinhentos pés, e pairamos.

Agarrei os controles e percebi que meu coração martelava dentro do peito. Primeira vez no céu.

Vamos. Ergui meu Poco em ascensão vertical. Era glorioso. A sensação de movimento, a pressão das forças g me empurrando para baixo, a vista da base se encolhendo embaixo de mim... O céu aberto dando-me as boas-vindas ao lar...

Nivelei bem quando o altímetro marcou mil e quinhentos. Os outros se reuniram em linha perto de mim, com os anéis de aclive azuis vivos reluzindo sob cada nave. Ao longe, vi os clarões de luzes da batalha.

— Esquadrilha, confirme — disse o Babaca.

Todos nós confirmamos e, depois, ficamos em silêncio.

— E agora? — perguntei.

— Estou tentando chamar a base para receber as ordens — o Babaca respondeu. — Não sei que faixa eu supostamente deveria...

— Estou aqui — a voz de Cobb falou pelo rádio. — Parece bom, cadetes. Uma linha quase perfeita. Exceto por você, Flácida.

— Rápida, senhor — Kimmalyn disse. De fato, a nave dela estava cerca de quinze pés acima do restante de nós. — E... Eu só vou ficar sentada bem aqui, confortável e feliz, porque não bati em ninguém. E, como a Santa diz: "Não há nada errado em estar um pouco errada de vez em quando".

— Muito justo — Cobb respondeu. — Mas tenho ordens do Comando de Voo. Líder de voo, leve sua esquadrilha até dois mil pés, depois acelere até ponto dois Mag e siga, com cuidado, para além da cidade. Eu lhe direi quando parar.

— Certo — o Babaca falou. — Todo mundo, dois mil pés e pairem, e quero que você fique alinhada direito dessa vez, Flácida.

— Pode deixar, Babaca — ela respondeu.

Ele xingou baixinho enquanto subíamos. Estávamos alto o bastante para que a cidade lá embaixo parecesse quase como de brinquedo. Eu ainda conseguia ver os clarões à distância, embora os detritos caindo fossem mais visíveis: riscas de fogo vermelho, deixando uma trilha de fumaça, despencando direto do campo de batalha.

Seguindo as instruções de Cobb, empurramos nossos aceleradores e ligamos os propulsores. E em pouco tempo eu estava voando – voando de verdade – pela primeira vez. Não era rápido, e passei a maior parte do tempo suando e sendo o mais cautelosa possível com todos os meus movimentos. Uma parte de mim ainda estava espantada com tudo aquilo.

Finalmente estava acontecendo.

Voamos em direção ao campo de batalha, mas, antes que nos afastássemos demais da base, Cobb chamou novamente.

— Alto lá, cadetes — ele disse, parecendo mais relaxado. — Recebi mais informações. Vocês não vão para o combate... O problema com os elevadores acabou nos pegando de surpresa. Uma esquadrilha que deveria estar de folga ficou presa lá embaixo. Logo, eles vão render vocês. Até lá, a almirante quer que os Krell

pensem que temos mais reforços do que temos de verdade. Ela ordenou que vocês e outra esquadrilha de cadetes pairem perto da fronteira da cidade. Os Krell não vão se aproximar e correr o risco de enfrentar o que supõem serem naves novas.

Assenti lentamente, lembrando uma das lições da Vozinha. *Toda guerra é baseada no engano*, Sun Tzu dizia. *Quando formos capazes de atacar, temos que parecer incapazes. Quando estivermos perto, temos que fazer o inimigo acreditar que estamos longe; quando estivermos longe, devemos fazê-lo acreditar que estamos perto*. Fazia sentido usar esquadrilhas pilotadas por idiotas para preocupar os Krell.

— Senhor — Jorgen, o Babaca, falou —, pode nos dizer o que está acontecendo no campo de batalha? Para que possamos estar preparados, caso seja necessário?

Cobb grunhiu.

— Vocês todos passaram na prova, então suponho que possam me dizer a estratégia básica de ataque Krell.

Comecei a responder, mas Arturo me interrompeu.

— Quando os detritos começam a cair – ele disse, falando rapidamente —, os Krell com frequência usam essas quedas para mascarar suas assinaturas no radar. Eles voam baixo, abaixo das nossas maiores baterias antiaéreas e tentam se aproximar de Alta. Se chegarem até aqui, podem lançar uma bomba destruidora de vida.

Estremeci. Uma destruidora de vida não só vaporizaria todo mundo em Alta – com ou sem escudos – como causaria o colapso das cavernas inferiores, soterraria Ígneo e destruiria a aparelhagem.

— Nem sempre os Krell usam uma destruidora de vida, no entanto — falei, me intrometendo. — Elas precisam de um bombardeiro lento bem específico para levá-las. Devem ser caras, difíceis de fazer ou algo assim, já que os Krell costumam mandar o bombardeiro recuar quando são ameaçados. Na maior parte do tempo, os Krell e a FDD lutam entre si pelos detritos que caem dos céus. Com frequência eles contêm pedras de aclive que podem ser resgatadas e usadas para fazer mais caças estelares.

— Suponho que você esteja certa — Arturo disse, parecendo incomodado. — Mas ele perguntou sobre estratégia básica. A estratégia básica é tentar destruir Alta.

— Três em cada quatro conflitos não chegam a envolver uma destruidora de vida! — retruquei. — Parece que eles estão tentando nos desgastar, destruindo a maior quantidade possível de naves, já que é mais difícil para nós substituí-las do que é para os Krell.

— Tudo bem — Cobb disse, interrompendo. — Vocês dois podem se exibir um para o outro mais tarde. Os dois são bem inteligentes. Agora, calem a boca.

Recostei-me em meu cockpit, sem saber se eu deveria encarar aquilo como um elogio ou um insulto. E isso... Isso parecia ser uma mistura de emoções bem comum quando eu lidava com Cobb.

— Ninguém na batalha de hoje avistou uma bomba destruidora de vida — Cobb prosseguiu. — Isso não significa que uma não possa se aproximar, mas os detritos de hoje realmente contêm vários maquinários com antigos anéis de aclive.

Rá! Pensei. *Eu estava certa*. Tentei ver se localizava Arturo para me gabar, mas não consegui identificá-lo na fileira de naves.

— Senhor — o Babaca disse —, uma coisa sempre me incomodou no jeito como lutamos. Reagimos aos Krell, certo? Quando uma chuva de detritos começa, voamos para verificar. Se encontramos Krell, lutamos com eles.

— Em geral, sim — Cobb concordou.

— Então isso significa que sempre deixamos que eles escolham o campo de batalha — o Babaca continuou. — Ainda que o jeito de vencer na guerra seja surpreender o inimigo. Mantê-lo desestabilizado. Fazê-lo pensar que não vamos atacar quando faremos isso e vice-versa.

— Alguém andou lendo muito Sun Tzu — Cobb comentou. — Lutamos em uma época diferente, líder de voo. E com táticas muito distintas.

— Não deveríamos ao menos tentar levar a batalha até os Krell? — O Babaca insistiu. — Atacar a base deles além do campo de detritos, onde quer que seja? Por que ninguém fala sobre isso?

— Há motivos para isso — Cobb respondeu. — E não são da conta de cadetes. Continue focado em suas ordens atuais.

Franzi o cenho ao ouvir aquilo, reconhecendo – contrariada – que o Babaca tinha feito boas perguntas. Olhei por sobre o ombro para a proliferação verde que era Alta. Outra coisa me pareceu estranha. Cobb era um piloto experiente e um Primeiro Cidadão. Ele voou na Batalha de Alta. Se precisávamos de reforços, ou pelo menos da ilusão deles, por que Cobb não estava aqui em cima com a gente?

Permanecemos sentados em silêncio por vários minutos.

— Então... — Bim disse pelo rádio. — Alguém quer me ajudar a escolher um codinome?

— Sim — o Babaca respondeu. — Também preciso de um.

— Achei que já tínhamos escolhido o seu, Babaca — Nedd falou.

— Não, você não pode chamar o seu líder de voo de algo constrangedor assim — o Babaca devolveu.

— Por que não? — Arrojada perguntou. — Qual era o codinome daquela piloto famosa, a que tinha um nome relacionado a gases ou...

— Vento-livre — respondi. — Uma das Primeiras Cidadãs. Ela se aposentou recentemente e era uma piloto *incrível*. Uma carreira com cento e trinta mortes e

uma média de vinte batalhas por ano.

— Não vou ser Babaca — o Babaca garantiu. — Isso é uma ordem.

— Claro — FM disse. — Babaca.

Sorri, olhando pelo dossel do meu cockpit na direção da nave de FM, logo ao lado da minha. Será que ela o conhecia de antes? Achei ter notado um leve sotaque na voz dela. O mesmo que percebi nas vozes dos três garotos: sotaque de gente rica, das cavernas inferiores. Qual seria a história dela?

As luzes continuavam a piscar ao longe, e percebi que estava me coçando de vontade de pegar o acelerador, acionar os motores e mandar minha nave em disparada naquela direção. Pilotos estavam combatendo, talvez morrendo, enquanto eu ficava sentada ali? Que tipo de guerreira eu era?

O tipo que bate no refeitório na primeira vez que liga os motores, pensei. Mesmo assim, eu via aquelas luzes, tentava imaginar a batalha e forçava a vista pelo vislumbre de pelo menos uma nave Krell.

Ainda assim, fiquei chocada quando vi uma delas voando em nossa direção.

Eu já tinha visto centenas de representações das naves Krell nas artes. Pequenas, bulbosas, tinham uma aparência estranhamente inacabada, com fios soltos atrás da cauda. O cockpit era pequeno, preto e opaco. A maior parte das naves Krell explodia completamente quando era danificada ou quando colidia com alguma coisa, mas em algumas poucas ocasiões era possível resgatar restos queimados da terrível carapaça que eles usavam.

No entanto, eu nunca tinha encontrado uma nave Krell de verdade.

— Babaca! — chamei.

— Não me chame...

— Jorgen! Líder de voo! Que seja! Olhe às onze horas, uns duzentos pés para baixo. Vê aquilo?

Ele xingou baixinho.

Arrojada falou:

— Tudo bem! O jogo começou!

— Isso não é um jogo, Arrojada — o Babaca a corrigiu. — Instrutor Cobb?

— Aqui. O que foi?

— Nave Krell, senhor. Parece estar voando baixo, abaixo do alcance da artilharia antiaérea, e está seguindo para Alta.

Cobb não respondeu imediatamente. Fiquei sentada, suando, mantendo minhas mãos nos controles, seguindo aquela nave com os olhos.

— O Comando de Voo já sabe — Cobb reportou. — Seus substitutos estão entrando nas naves agora. Logo devem estar aí.

— E se não chegarem rápido o bastante? — perguntei. — E se aquela nave tiver uma destruidora de vida?

— O Comando de Voo já tem a identificação visual, Spin — Cobb respondeu. — A nave não é um bombardeiro. Uma nave simples não pode causar tanto dano.

— Com todo respeito, senhor, eu discordo — Jorgen falou. — Embora a base seja protegida, a nave pode atingir os fazendeiros com incineradores, matando dezenas de pessoas antes que...

— Conheço a capacidade dos malditos Krell, garoto. Obrigado. — Cobb inspirou profundamente. — Está perto?

— Sim, senhor. E se aproximando.

Houve silêncio na linha e, por fim:

— Vocês podem interceptá-la. Mas fiquem na defensiva. Nada de grandioso, cadetes. Quero que a distraiam até que o reforço chegue a vocês.

Assenti, enquanto um suor de nervoso escorria pelas laterais da minha cabeça, por dentro do capacete. Eu estava pronta para voar.

— Agora mesmo, senhor! — o Babaca respondeu. — Nedder, você é meu companheiro de voo!

— Afirmativo, Jorg — Nedd confirmou.

As duas naves saíram da formação. E, antes que eu mesma percebesse, já tinha agarrado meu acelerador e ido atrás deles.

— Spin — o Babaca disse. — Volte para a formação!

— Você precisa de mim — falei. — Quantos mais de nós estivermos lá, mais provável que assustemos aquela coisa e ela volte na direção dos combatentes de verdade!

— E ela vai precisar de uma companheira de voo — Arrojada completou, saindo da formação e me seguindo.

— Não, não! — o Babaca disse. — Todo mundo deve manter a formação!

— Leve-as — Cobb falou. — Arrojada e Spin, vocês vão com o líder de voo e seu companheiro. Mas o restante de vocês deve manter posição. Não quero um batendo no outro aí em cima.

O Babaca ficou em silêncio. Juntos, nós quatro voamos em curso de interceptação, ganhando velocidade e nos movendo para entrar na frente do caça inimigo antes que ele se aproximasse demais de Alta. Eu estava preocupada de não conseguirmos chegar a tempo, de que a nave passasse por nós.

Mas eu não precisava ter me preocupado.

Porque, no instante em que nos aproximamos o suficiente, o caça dos Krell deu meia-volta e veio direto em nossa direção.

11

Meu pulso acelerou. Meu rosto ficou gelado.

Mas, naquele momento, percebi que não estava com medo.

Sempre me preocupei, pensando se eu ficaria assustada. Eu falava grosso, fingia ser uma campeã. Mas de quantas brigas de verdade eu tinha participado? Uma ou duas com outras crianças, quando eu era mais jovem? Alguns treinos de combate nas aulas de judô?

Uma parte de mim sempre se preocupara se eu entraria em pânico quando finalmente estivesse no céu. Se acabaria provando a mim mesma que era uma covarde, como todos afirmavam que eu era. Como... Como as mentiras diziam que meu pai tinha sido.

No entanto, com a mão calma e firme, acionei o acelerador e fiz uma curva, tentando me posicionar atrás do inimigo. Eu conhecia técnicas de combates aéreos. Eu sabia todas elas, de cor e salteado; tinha desenhado as manobras nas margens de praticamente todos os cadernos que usava na escola, independente da matéria.

Mesmo assim, mandei mal. Fiz a curva aberta demais, e Arrojada quase bateu em mim, porque resolvemos arremeter em momentos diferentes.

— Uau — Arrojada falou, quando nós duas nos recuperamos. — Isso é mais difícil do que parece, hein?

A nave Krell escolheu Jorgen para atacar, lançando uma rajada brilhante de fogo em sua direção. Tentei ajudar, mas minha curva foi muito fechada dessa vez. Jorgen, Nedd e a nave Krell se afastaram por trás de mim, em uma sequência de manobras de combate aéreo.

Corei, sentindo-me inútil. Eu sempre presumi que... Bem, sempre achei que faria tudo aquilo com naturalidade. Mas eu tinha dificuldade até de conseguir manter a minha nave na direção certa.

O Krell voltou a se posicionar atrás do Babaca, que xingou baixinho e fez uma manobra evasiva em duplo S quase perfeita. De repente, tudo se tornou muito mais real para mim. Aquele era um dos meus companheiros de voo. E o inimigo estava fazendo o possível para matá-lo.

— Bom trabalho, Jorgen — Cobb parabenizou. — Mas tenha cuidado com essas manobras no futuro. Se você voar muito melhor do que seus companheiros, os

Krell vão perceber e imediatamente mirar em você. Se conseguem identificar líderes de voo, eles partem para cima deles antes.

— Eles não deveriam atacar o piloto mais fraco primeiro? — FM perguntou. — O mais fácil de matar.

Não era assim que os Krell pensavam. Eles sempre miravam nos melhores pilotos que conseguissem encontrar, em uma tentativa de destruir a cadeia de comando.

— Explicarei mais tarde — Cobb respondeu, com voz tensa. — Nedd, você precisa ficar mais perto de Jorgen, se puder. Faça os Krell terem que se preocupar com você também, se tentarem perseguir seu companheiro.

Sorte que os Krell se concentravam nos melhores pilotos, porque Arrojada e eu teríamos sido alvos fáceis. Mal conseguíamos pilotar. O Babaca, no entanto... Ele fez uma curva de Ahlstrom, quase despistando a nave Krell.

Infelizmente, a manobra seguinte do Babaca não foi tão magistral. Ele a executou bem, mas, quando terminou, ficou apontado sem querer na direção do resto da esquadrilha. Eu o ouvi xingar baixinho no rádio enquanto tentava desviar, mas aquilo fez com que a nave inimiga atirasse direto na nossa equipe.

Eles se espalharam, as naves virando para todas as direções. Bim acabou cruzando a trajetória de Alvorecer, a garota quieta com as tatuagens. Suas naves conseguiram se afastar uma da outra, bem desajeitadas, mas pelo menos não acertaram mais ninguém. Alguns jatos de fogo saindo do incinerador Krell atingiram a nave de Lad, mas o escudo dele estava ativado. Mesmo assim, ele gritou pelo rádio quando os clarões de luz sacudiram seu caça Poco.

Rangi os dentes, sentindo meu coração acelerar enquanto Arrojada e eu conseguíamos – por fim – seguir na direção correta. Mas isso significava ter que passar entre as naves espalhadas, e foi minha vez de quase colidir com Bim.

Caramba. Eu entendia o raciocínio da almirante, mas não tínhamos a *menor* condição de estar aqui em cima, lutando. Nesse ritmo, as únicas piras funerárias ardendo hoje seriam as nossas. A pobre Kimmalyn, por exemplo, tinha se apoiado sem querer nos controles de altitude, descendo quase quinhentos pés abaixo de nós.

O Babaca mal conseguia permanecer na frente do Krell, apesar de ter ultrapassado Nedd há muito tempo. Joguei meu acelerador para a frente, e minha nave compensou brevemente a força g. Depois de alguns segundos, porém, ela me atingiu, pressionando-me contra meu assento e fazendo com que eu me sentisse mais pesada.

— Onde estão os reforços? — o Babaca perguntou quando o inimigo atirou nele, acertando seu escudo.

— A qualquer momento — Cobb disse.

— Eu não tenho “um momento”! — Jorgen respondeu. — Vou tentar fazer a nave me seguir alto o suficiente para que a artilharia antiaérea possa atingi-la. Avise-os pelo rádio.

— Feito — Cobb falou. — O escudo da nave Krell ainda está ativado, então você precisa mantê-la no raio de alcance da artilharia tempo bastante para acertarem vários tiros.

— Ok... Vou tentar... O que é essa luz vermelha piscando no meu painel?

— Seu escudo está desativado — Cobb falou baixinho.

Eu posso salvá-lo, pensei, desesperada. *Tenho que salvá-lo!* Os dois, o Babaca e o Krell, haviam ganhado muita altitude. Minha única esperança era chegar lá bem rápido, seguir a nave Krell e abatê-la. Então, apontei o nariz da nave para cima e empurrei o acelerador, forçando o propulsor.

A força g me esmagava enquanto eu subia, e eu me sentia cada vez mais pesada. Era uma sensação muito estranha, diferente do que eu imaginara. Eu podia sentir a minha pele sendo puxada para baixo, como se ela fosse escorregar para fora do meu rosto, e meus braços ficaram mais pesados, tornando difícil pilotar.

Pior, uma onda de náusea me atingiu quando meu estômago foi empurrado para baixo. Em segundos, eu começaria a desmaiar.

Não... Fui obrigada a agarrar o acelerador e puxá-lo de volta, diminuindo a velocidade da nave. Eu mal conseguia manter a consciência.

Abaixo, os imensos canhões antiaéreos que protegiam Alta começaram a disparar, mas pareciam desajeitados e lentos em comparação aos rápidos caças. Disparos explodiram no ar atrás do pequeno Poco de Jorgen e da estranha nave Krell, com aquela aparência de inacabada.

Em um clarão de luz, a bateria antiaérea atingiu o Krell, rompendo o escudo, mas a nave continuou voando, bem na cola de Jorgen.

Não havia como o inimigo errar o próximo disparo.

Não!

Naquele instante, um único feixe de luz branca veio de baixo e atingiu a nave Krell bem no centro. Ela explodiu, em um clarão de fogo e detritos.

Jorgen soltou um longo suspiro.

— Agradeça o reforço por mim, Cobb.

— Não foram eles, filho — Cobb respondeu.

— Ah! — Kimmalyn falou. — Eu consegui? Eu consegui! Ah, você está bem, Babaca?

Franzi o cenho, olhando para baixo. O disparo tinha vindo de Kimmalyn. Ela se posicionara por baixo e pelo lado, não para escapar, mas para conseguir dar um bom disparo no inimigo, sem atingir o restante de nós.

Eu estava, francamente, embasbacada. E parecia que Jorgen compartilhava da mesma emoção.

— Caramba! — ele exclamou. — Flácida, você acaba de atingir um caça Krell com um disparo de longa distância?

Cobb deu uma risadinha pelo rádio.

— Acho que sua ficha estava certa sobre você, Flácida.

— Não, é... — ela começou a dizer, então suspirou. — Não importa.

Que seja Flácida. De todo modo, sim, senhor.

— O que quer dizer com isso, senhor? — Jorgen perguntou.

— Ela é filha de artilheiros da bateria antiaérea da Caverna Abundante — Cobb contou. — Historicamente, pessoas com boa precisão nos canhões tendem a ser bons pilotos. Os assentos giratórios desses pequenos canhões antiaéreos acostumam a pessoa a se mover e atirar, e a jovem Flácida aqui tem alguns números impressionantes, indicando excelente precisão.

— Eu nem ia fazer o teste de piloto, para ser honesta — ela falou, baixinho. — Mas os recrutadores da FDD apareceram e me pediram uma demonstração, então eu não tive escolha além de dar o que pediram. "A melhor modéstia é mostrada enquanto nos gabamos", como diz a Santa. Depois, me disseram que eu poderia ser capaz de fazer algo como isso que acabou de acontecer... Bem, vou admitir que fiquei um tanto animada com a ideia.

De repente, fazia sentido ela estar entre nós.

— Confirmação verbal — Jorgen disse, parecendo abalado. — Reportem status, começando com qualquer um que esteja ferido.

— Eu... — Lad disse. — Fui atingido.

— Quão ferido está?

— Apenas um pouco abalado — Lad respondeu. — Mas eu... vomitei na nave.

Arrojada deu uma gargalhada ao ouvir aquilo.

— Ladainha, retorne à base — Jorgen falou imediatamente. — Alvorecer, faça companhia a ele. Todos os demais, em formação.

Nós obedecemos, agora muito mais reservados. A brincadeira desapareceu enquanto observávamos o tiroteio a distância, mas logo nossos substitutos chegaram para nos liberar. Cobb ordenou que voltássemos à base, e foi o que fizemos, acompanhados da outra esquadrilha de cadetes que tinha sido usada para fingir reforços.

Aterrissamos perto das naves de Lad e Alvorecer; os dois já tinham ido embora, talvez para que Lad fosse sentar-se e acalmar-se em algum lugar. Ele ficava abalado com facilidade; eu tinha que encontrá-lo e ver se ele precisava conversar com alguém.

Quando descemos das naves, Arrojada soltou um grito de animação e correu até Kimmalyn.

— Sua primeira morte! Se você bater o recorde antes de terminar a escola de voo, vou me matar!

Era óbvio que Kimmalyn não sabia o que fazer com os elogios, enquanto o restante de nós nos reuníamos ao redor dela, segurando os capacetes e dando parabéns. Até o Babaca acenou com a cabeça, com o punho erguido em sinal de comemoração.

Eu me aproximei dele. Aquele tinha sido um voo incrível.

— Ei, Babaca... — comecei a falar.

Ele se virou na minha direção, praticamente rosnando.

— Você. Temos que conversar, cadete. Você precisa *seriamente* ajustar essa sua atitude.

O quê? Bem quando eu ia dar os parabéns a ele?

— Coincidentemente — repliquei —, você precisa *seriamente* ajustar essa sua *cara*.

— É assim que vai ser? Vai insistir em ser um problema? Aproveitando, onde conseguiu aquele traje de voo? Achei que roubar cadáveres fosse ilegal.

Caramba. Ele podia ter feito um voo incrível, mas aquela cara... Eu ainda queria dar um soco nela.

— Tome cuidado — respondi, desejando poder subir em alguma coisa, a fim de ficar na mesma altura que ele. — Quando estiver destruído e lamentando o fim da sua sorte, eu consumirei a sua sombra com a minha e darei risada da sua infelicidade.

— Você é uma garotinha estranha, Spin.

Garotinha?

Garotinha?

— Eu...

— Atenção! — Cobb gritou, mancando até onde estávamos reunidos.

Garotinha?

Eu fervi de raiva, mas – lembrando da bronca que levara mais cedo – consegui manter meu temperamento sob controle enquanto me alinhava com os demais. Fiz questão de não olhar para o Babaca.

— Aquela foi — Cobb disse —, de certo modo, a demonstração mais embaraçosa e ao mesmo tempo inspiradora que já vi em cadetes! Vocês deveriam estar envergonhados. E orgulhosos. Peguem suas coisas na sala de treinamento e me encontrem no salão ípsilon do prédio da escola de voo. Lá vamos definir seus beliches. Todos vocês precisam se lavar e se arrumar.

Os outros cadetes saíram correndo. Tentei esperar por Cobb, para perguntar sobre Lad, mas ele ordenou que eu fosse em frente. Aparentemente, o capitão não gostava que esperassem enquanto ele mancava.

Saí atrás dos outros, sentindo-me... Bem, eu me sentia exatamente como Cobb dissera, na verdade. Ao mesmo tempo envergonhada e orgulhosa.

Eu tinha voado. Estivera em uma batalha. Eu...

Eu estava na *Força Defensiva Desafiadora.*

Ao mesmo tempo, minha performance tinha sido horrorosa. Eu contava muita vantagem e tinha me preparado bastante, mas, ainda assim, tinha sido mais um fardo do que uma ajuda. Ainda havia muito o que fazer.

E eu *faria*. Eu aprenderia. Eu era uma guerreira, como a Vozinha me ensinara. E o caminho de um guerreiro não era determinado pelo fracasso, mas sim por admitir os erros e fazer melhor na próxima vez.

Enquanto seguíamos pelos corredores do prédio, o sistema de alto-falantes soltou um estalo.

— A batalha de hoje foi uma incrível vitória — a almirante Ironsides disse. — Prova da força e da tenacidade dos Desafiadores. Procurem se lembrar de por que lutamos. É preciso ter em mente que, se o inimigo conseguir trazer uma bomba destruidora de vida até nós, não só destruirá essa base, mas tudo o que existe abaixo dela, tudo o que amamos. Vocês são a linha que separa a civilização e a loucura. Em particular, gostaria de agradecer aos cadetes das esquadrilhas ainda não nomeadas B e C. O primeiro conflito deles provou que, com possíveis exceções, podem se tornar um grupo a ser admirado.

Com possíveis exceções. Caramba. Como a almirante de toda a FDD podia ser tão mesquinha?

Seguimos até a sala de aula, onde tínhamos deixado as bagagens que trouxemos para Alta. Quando coloquei a mochila no ombro, acabei acertando Arrojada. A garota atlética deu uma risada e fez piada sobre como quase tinha se chocado em mim mais cedo, e eu sorri. Ela parecia animada, em vez de desencorajada, com a nossa performance.

Enquanto caminhávamos para os corredores onde estavam os beliches dos cadetes, Arrojada seguiu ao meu lado, para que eu não tivesse que andar sozinha. Adiante, os outros riam de algo que Nedd dissera, e eu decidi não deixar que Ironsides me abalasse. Tinha minha esquadrilha como aliada, e todos pareciam ser – com exceção do Babaca – pessoas decentes. Talvez aqui, pela primeira vez, eu encontrasse um lugar no qual pudesse me encaixar.

Chegamos aos alojamentos dos cadetes. Eram dois corredores, com salas ao longo deles. Um era destinado aos rapazes e outro, às garotas. Todos sabiam que havia regras rígidas proibindo romance durante a graduação na escola de voo; nada

de diversão até a formatura. De qualquer modo, quem teria tempo para isso? Mas eu tinha que admitir que Bim ficava bem atraente no traje de voo. Eu também gostava do cabelo azul.

Fomos com os rapazes ver como Lad estava. O quarto deles era quase tão pequeno quanto o que eu dividia com minha mãe e a Vozinha em Ígneo. O pequeno aposento tinha dois beliches, um em cada parede. Arturo, Nedd e Babaca tinham placas com seus nomes nas camas, e Lad ocupava a quarta. Uma cama de armar tinha sido montada para Bim, coitado.

Lad estava dormindo – bem, era provável que estivesse fingindo, mas aquilo significava que ele queria ficar sozinho, pelo menos por enquanto. Então, as garotas e eu voltamos para o nosso corredor. Localizamos o quarto designado para nós, e era tão pequeno e apertado quanto o outro. Tinha quatro camas como o dos garotos, cada uma com uma placa com nossos nomes. Kimmalyn, Arrojada, FM e Alvorecer estavam ali listadas com os nomes verdadeiros, mas eu preferia pensar nelas com seus codinomes. Exceto, talvez, Kimmalyn. Ela realmente queria ser conhecida como Flácida? Eu teria que falar com ela sobre isso.

De qualquer forma, naquele momento outra coisa chamou minha atenção. Não havia cama ou placa para mim. Nem mesmo uma de armar.

— Bem, isso é um problema — Kimmalyn comentou. — Acho que você vai ficar com a cama de armar, Spin. Assim que trouxerem uma. Posso trocar com você a cada duas noites, se quiser.

Aquela garota era gentil demais para ser militar.

Então, onde estava a minha cama? Olhei pelo corredor e vi Cobb mancando. Dois homens com uniforme da polícia militar pararam no corredor atrás dele. Não avançaram até nós, mas claramente estavam esperando alguma coisa.

Corri até Cobb, deixando as garotas no quarto.

— Senhor?

— Eu tentei. Eles não querem me ouvir. — Ele fez uma careta. — Nada de cama para você. Nem refeições no refeitório.

— *O quê?* — Eu não devia ter ouvido direito.

— Você tem permissão para assistir à minha aula. Tenho a palavra final sobre isso. Mas o resto da FDD discorda do que fiz. Não tenho autoridade sobre as instalações, e eles decidiram não alocar recursos a você. Você pode treinar, você pode, felizmente, voar em um Poco. Mas é só isso. Sinto muito.

Senti meu rosto gelar, enquanto a raiva crescia dentro de mim.

— Como vou voar se não posso sequer comer?

— Você fará as refeições em Ígneo — ele falou —, onde as fichas de requisição da sua família vão funcionar. Vai precisar descer nos elevadores todas as noites e voltar pela manhã.

— Os elevadores podem levar horas! — reclamei. — E vou gastar todo meu tempo livre indo e vindo para cá! Como serei um membro da esquadrilha se não posso conviver com os outros? Isso é... Isso é...

— Ultrajante — Cobb completou, olhando-me nos olhos. — Concordo. Vai desistir, então?

Respirei fundo e neguei com a cabeça.

— Boa garota — ele continuou. — Direi aos outros que você não tem uma cama por causa de alguma política interna estúpida. — Ele olhou para os policiais militares. — Aqueles camaradas divertidos vão mostrar a saída do complexo a você e garantir que você não durma na rua. — Ele se inclinou em minha direção. — É só outra batalha, Spin. Eu avisei. Eles não vão facilitar. Vou procurar um jeito de arrumar isso. Até lá, fique firme.

Então, ele foi embora.

Eu me apoiei contra a parede, sentindo como se alguém tivesse cortado as minhas pernas. *Nunca vou pertencer a este lugar*, percebi. *A almirante vai garantir isso.*

Os policiais militares consideraram a saída de Cobb como o sinal para se aproximarem.

— Estou indo — falei, colocando a mochila no ombro e me dirigindo para a saída. Eles foram atrás de mim.

Eu gostaria de me despedir das outras, mas... não queria ter que explicar nada a elas. Assim, simplesmente parti. Responderia às perguntas pela manhã.

De repente, eu me senti exausta.

Não deixe que eles a vejam se render, pensei, caminhando com as costas retas. Os policiais me escoltaram até a saída do edifício – e, no fundo de um dos corredores pelos quais passamos, tive quase certeza de ter visto Ironsides, observando se eu tinha partido.

Assim que saí das instalações da escola de voo, os soldados me abandonaram. Não pareciam muito preocupados com a possibilidade de eu dormir na rua. Talvez fosse exatamente o que Ironsides queria. Afinal, se eu fosse presa por vadiagem, ela poderia me expulsar da FDD.

Eu me peguei andando de um lado para o outro, do lado de fora do edifício, sem querer ir embora. Sem querer abandonar os outros e a sensação de camaradagem que eu tinha imaginado até ali.

Sozinha. De algum modo, eu ainda estava sozinha.

— Eu simplesmente não aguento mais, Cobb! — uma voz falou ali perto.

Aquele era... o Babaca?

Aproximei-me do prédio e olhei pela esquina. Era a entrada dos fundos da escola. E, de fato, ali estava o Babaca parado perto da porta, conversando com

Cobb, do lado de dentro.

O Babaca ergueu as mãos.

— Como posso ser líder de voo se eles não me respeitam? Como posso dar ordens quando me chamam daquilo? Tenho que acabar com isso de algum jeito. Proibir. Ordenar que me obedeçam.

— Filho — Cobb respondeu —, você não sabe muito sobre as forças armadas, sabe?

— Estive treinando para isso a minha vida inteira!

— Então, você deveria saber. Respeito não vem com um brasão ou um broche. Vem com experiência e tempo. Quanto ao nome, está começando a pegar, então você tem duas opções válidas. Ignorar, lidar com ele por um tempo e esperar que vá embora. Ou assumi-lo e aceitá-lo, para acabar com a provocação.

— Não vou fazer isso. É insubordinação.

Balancei a cabeça. Que líder terrível.

— Filho... — Cobb começou a falar.

O Babaca cruzou os braços.

— Tenho que ir para casa. Estão me esperando para o jantar formal com o embaixador da Caverna Rodoviária às dezenove horas. — O Babaca caminhou até um veículo extremamente bonito na rua. Um *hovercar* particular, com um pequeno anel de aclive? De vez em quando eu via um desses lá embaixo.

O Babaca subiu no veículo e o ligou. O motor ronronou, parecendo de algum modo mais primitivo do que o poder suave de um propulsor.

Caraaamba, pensei. *Quão rico é esse cara?*

A família dele devia ter toneladas de méritos para se dar ao luxo de ter algo assim. E, aparentemente, aquilo o tornava rico demais para jantar com os outros. Ele se afastou com um movimento suave. Parecia bastante injusto que ele estivesse deixando de lado, como um pedaço estragado de carne de rato, o que me era negado.

Coloquei a mochila no ombro e me afastei. Saí pelo portão do complexo da FDD, onde outro grupo de policiais militares anotou a minha passagem em um bloco de controle. Depois, segui pela rua larga, na direção dos elevadores. Minha vizinhança estava do outro lado de Ígneo, então eu passaria horas e horas indo e voltando desse jeito. Será que conseguiria encontrar um lugar para ficar perto dos elevadores lá embaixo?

Aquilo ainda me deixava enjoada. Caminhei até o conjunto de elevadores, mas havia longas filas, provavelmente por causa do problema daquela manhã. Preparei-me para esperar, mas aí virei e olhei para a direita, além dos edifícios, além dos campos. Embora a Base Alta tivesse escudo e muralha, essa cidade improvisada – cheia de fazendeiros que, a seu jeito, também eram Desafiadores – não tinha cerca.

E por que precisaria de uma? As únicas coisas que havia ali eram terra, rochas... e cavernas.

Um pensamento me veio. Não era muito longe...

Saí da fila para os elevadores e caminhei para além dos prédios, passando pelas plantações. Os fazendeiros que trabalhavam ali me olharam, mas não disseram nada enquanto eu deixava a cidade para trás. Aquele era meu verdadeiro lar: as cavernas, as rochas e o céu aberto. Eu passara mais tempo ali desde a morte do meu pai do que em Ígneo.

Levava cerca de trinta minutos de caminhada até a caverna com a nave caída, mas encontrei o caminho sem muita dificuldade. A abertura era menor do que eu me lembrava, mas eu tinha a minha linha de luz e consegui descer.

A velha nave parecia mais destruída do que da outra vez. Talvez fosse porque eu tinha acabado de voar em algo novo em folha. Mesmo assim, o cockpit era confortável, e o assento reclinava completamente.

Era uma ideia estúpida. Se detritos caíssem lá na superfície, eu poderia ficar presa na caverna para sempre. Mas eu estava magoada demais, sofrendo demais e entorpecida demais para me importar.

Então, foi assim – deitada em um catre improvisado em uma nave esquecida – que caí no sono.

12

Acordar no cockpit de um caça estelar foi basicamente a coisa mais incrível que aconteceu comigo. Bem... sem contar voar em um...

Eu me estiquei na escuridão, impressionada pelo tanto de espaço que o cockpit tinha. Era maior do que os das naves da FDD. Liguei a minha linha de luz para conseguir um pouco de iluminação e olhei o relógio. 0430. Duas horas e meia até que eu precisasse me apresentar para a aula de hoje.

Considerando tudo o que tinha acontecido, eu não estava tão cansada. Só um pouco dolorida e...

Alguma coisa estava sentada ali, me observando do lado de dentro do cockpit.

A criatura não era parecida com nada que eu já tinha visto nas cavernas. Era amarela, para começar. Achatada, comprida, meio gorduchinha, tinha pequenas pontas azuis nas costas, formando um padrão contra a pele amarelo-vivo. Parecia uma grande lesma, do tamanho de um pão, mas mais magra.

Eu não conseguia ver se tinha olhos, mas o jeito como a coisa se dobrava sobre si mesma – com a parte da frente erguida – fazia com que eu me lembrasse de um... um esquilo? Como nos vídeos que assistíamos nas aulas sobre a preservação da pouca vida selvagem das cavernas.

— O que você é? — perguntei baixinho. Meu estômago roncou. — E, igualmente importante — acrescentei —, você é comestível?

A coisa virou a "cabeça" de lado para me olhar, embora parecesse não ter olhos. Ou boca. Ou, bem, um rosto. A criatura soltou um trinado suave, como o som de uma flauta, vindo das pontas de suas costas.

Se eu tinha aprendido algo com a coleta de cogumelos nas cavernas era que cores vivas representavam um: "Não me coma, ou logo meus irmãos comerão você, seu sapiente". Melhor *não* colocar a estranha lesma da caverna na boca.

Meu estômago roncou, mas, quando peguei a minha bagagem, só encontrei metade de uma velha barra de ração de alga. Eu devia ter tempo para ir até Ígneo buscar comida, mas aquilo pareceria... Era como correr de volta para casa, com o rabo entre as pernas, derrotada.

A almirante queria minar a minha força de vontade, não queria? Bem, ela não sabia contra quem estava lutando. Eu era uma garota dos ratos, de classe mundial, altamente treinada, especialista de muito tempo.

Eu me inclinei em meu assento e revirei a parte de trás do cockpit surpreendentemente espaçoso. Em geral, cada centímetro de espaço era necessário em um caça, embora esse parecesse ter uma área de carga atrás da cadeira do piloto e o que aparentava ser um assento dobrável para um passageiro.

Noite passada, achei ter visto algumas ferramentas antigas ali. E estava certa, pois achei uma bobina de corda de plastene. O cockpit selado preservara o material, ainda que essa coisa fosse quase indestrutível. Desenrolei um pouco.

A lesma continuava no painel de controle, observando, de vez em quando inclinando a "cabeça" e fazendo som de flauta.

— Muito bem — falei. — Você fica aí, só assistindo.

Abri o dossel completamente – eu não ousara fechá-lo na noite passada, com medo de que não houvesse ventilação – e saltei para fora.

Como eu esperava, ouvi uma correria na escuridão e encontrei fezes de rato perto de alguns cogumelos que cresciam pela parede.

Eu teria preferido meu lançador de arpão, mas, na ausência dele, uma armadilha também funcionaria. Fiz uma usando a minha barra de ração como isca. Dei um passo para trás, satisfeita. A lesma se movera até a asa da velha nave e agora assobiava para mim, de um jeito que preferi ouvir como inquisidor.

— Esses ratos — contei para ela — logo vão conhecer a fúria da minha fome, espalhada por meio de minúsculas espirais de justiça. — Então sorri, percebendo que estava conversando com uma estranha lesma de caverna, o que era o fim da picada até mesmo para mim.

Mesmo assim, eu tinha um certo tempo para gastar, por isso resolvi olhar a nave. Originalmente, tinha pensado em consertar aquela coisa. Depois de terminar meu teste, eu cheguei a sonhar com um futuro no qual eu levaria a minha *própria* nave até a FDD e *obrigaria* todos eles a me aceitarem.

Essas fantasias agora pareciam... improváveis. Essa coisa não estava em boa forma. Não era só a asa dobrada ou os propulsores quebrados na parte de trás. Tudo que não estava no cockpit estava arranhado, empenado ou rasgado.

Mas talvez fosse apenas o lado de fora. Se a parte de dentro estivesse boa, será que a nave poderia ser consertada?

Peguei a caixa de ferramentas. Estava bem pior do que a corda – parecia que um pouco de umidade tinha entrado na caixa –, mas uma chave de fenda enferrujada ainda era uma chave de fenda. Então, movi algumas das rochas e rastejei por baixo da nave, perto do anel de aclive. Eu sabia um pouco de mecânica básica, como todos os alunos, embora nunca tivesse estudado esse assunto tanto quanto estudei padrões de voo e desenhos de naves. Lad sempre me repreendia, dizendo que um bom piloto deveria ser capaz de consertar a sua nave.

Eu nunca imaginaria que isso acabaria acontecendo em uma antiga caverna, iluminada apenas pelo brilho vermelho alaranjado da minha linha de luz, enquanto eu tentava arrancar um painel de acesso de um velho pedaço de lixo. Por fim, consegui arrancar a coisa e olhar lá dentro, tentando relembrar minhas aulas.

É provável que esses sejam os sistemas de admissão e injeção dos propulsores, e isso deve ser o estabilizador do anel de aclive...

Mas havia muita coisa que eu não reconhecia, embora fosse capaz de localizar a matriz de energia, aquela caixa de meio metro de largura que era a fonte de força da nave. Eu a soltei com alguma dificuldade, depois me arrastei para fora e usei minha linha de luz para tirá-la de debaixo da nave.

Surpreendentemente, os cabos que prendiam a matriz à nave estavam em boa forma. Quem quer que tivesse construído aquela coisa fizera a parte eletrônica para durar. A matriz de energia também usava os mesmos plugues que tínhamos atualmente, que também eram os tipos usados na frota, antes da queda em Detritus. Será que isso poderia me ajudar a definir a idade da nave?

Voltei para baixo e olhei o interior do caça. *Mas o que é isso?*, eu me perguntei, batendo os nós dos dedos em uma grande caixa preta. Lisa, refletiva apesar do peso dos anos, não parecia se encaixar com o resto do maquinário. Mas quem era eu para dizer o que se encaixava e o que não se encaixava em uma nave tão estranha quanto aquela?

Por capricho, abri a minúscula matriz de energia da minha linha de luz e pluguei um dos menores fios da nave nela. Um som suave veio da frente da nave, e uma luz se acendeu dentro do painel de acesso.

Caramba. Era óbvio que a matriz da minha linha de luz era fraca demais, mas se tivesse uma fonte de energia de verdade, talvez eu pudesse colocar algumas partes da nave em funcionamento. Ela ainda teria uma asa dobrada e propulsores quebrados, mas a ideia me animava. Olhei novamente para o interior do caça estelar.

A lesma estava lá dentro, enrolada em um cabo e pendurada, encarando-me com sua postura inegavelmente inquisidora.

— Ei — exclamei. — Como você entrou aí?

Ela assobiou em resposta. Era a mesma lesma ou outra? Arrastei-me para fora e verifiquei, mas não vi nenhuma outra lesma por ali. O que ouvi foi um barulho perto da parede, onde minha armadilha havia pego um rato com aparência bem carnuda.

— Viu só? — perguntei, espiando embaixo da nave. A lesma tinha caído nas rochas ali. — E você duvidou de mim.

Tirei a pele, estripei e cortei a carne do rato. A caixa de ferramentas tinha uma microssoldadora, e a matriz de energia da minha linha de luz era mais do que

suficiente para ela. Com isso e um pedaço de metal, fiz uma frigideira, e em pouco tempo tinha rato cozido. Sem tempero, mas pelo menos eu não precisaria passar fome.

Posso usar o banheiro da escola, pensei. *Eles não me negaram isso ontem*. E o banheiro tinha cápsulas de limpeza para que os alunos pudessem se lavar depois do treino físico. Eu podia colher alguns cogumelos pela manhã, montar mais armadilhas e...

Eu realmente estava planejando viver como uma mulher das cavernas?

Olhei para o rato cozido. Era viver ali ou ir para casa todas as noites, como a almirante esperava que eu fizesse.

Era um jeito de controlar a minha vida. Eles não me dariam comida nem cama? Tudo bem. Eu não precisava da caridade deles.

Eu era uma Desafiadora.

13

De fato, quando cheguei ao edifício de treino às 0630, os policiais militares não me proibiram de ir direto ao banheiro. Lavei as mãos, esperando um momento até que as outras mulheres saíssem. Então, rapidamente me despi, tirando minha roupa e a roupa de baixo e colocando-as no cesto. Em seguida, entrei na cápsula de limpeza, uma máquina com o formato de um caixão, mas com um buraco na extremidade menor.

O ciclo durou menos de dois minutos, mas esperei até que o banheiro estivesse vazio de novo antes de sair da máquina e pegar as minhas roupas, agora limpas. Às 0650, eu estava sentada com todo mundo na classe. Os outros conversavam animadamente sobre o desjejum no refeitório, que tinha incluído bacon de verdade.

Deixarei que a ira queime dentro de mim, pensei para me confortar, *até o dia em que ela exploda e a vingança seja minha! Até lá, deixo queimar. Queimar como um bacon suculento em uma frigideira quente...*

Caramba.

Infelizmente, havia um problema maior. Eram 0700, e um dos cockpits de treino ainda estava vazio. Lad estava atrasado de novo. Como, pelas estrelas, ele chega adiantado na aula todos os dias durante os últimos dez anos e agora conseguia chegar atrasado na escola de voo duas vezes seguidas?

Cobb entrou mancando e parou ao lado do assento de Lad, franzindo o cenho. Alguns instantes depois, o próprio Lad apareceu na porta. Conferi o relógio, ansiosa, e então olhei novamente para ele. Lad estava com a mochila pendurada no ombro.

Cobb não disse uma palavra. Só encontrou os olhos de Lad e assentiu. Lad se virou para partir.

— Como? — exclamei, ficando em pé de um salto. — *Como*?

— Sempre há um — Cobb explicou —, no dia seguinte à primeira batalha. Em geral, isso acontece mais tarde no treinamento do que aconteceu com todos vocês, mas sempre acontece.

Incrédula, segui atrás de Lad, correndo pelo corredor.

— Lad?

Ele continuou andando.

— Lad? O que está fazendo? — Corri atrás dele. — Desistindo depois de uma batalha de nada? Sei que você ficou abalado, mas esse é o nosso sonho!

— Não, Spensa — ele disse, por fim, parando para falar comigo no corredor vazio. — Esse é o seu sonho. Eu só estava de acompanhante no passeio.

— *Nosso* sonho. Todo o estudo, toda a prática. Escola de voo, Lad. *Escola de voo!*

— Você está repetindo as palavras como se eu não conseguisse escutá-las — ele sorriu. — Mas não sou eu quem não está ouvindo.

Parei de supetão.

Ele me deu um tapinha no ombro.

— Suponho que esteja sendo injusto. Eu sempre quis fazer isso. É difícil não se envolver pela empolgação quando alguém tão próximo a você sonha tão grande. Eu queria provar para mim mesmo que podia passar no teste. E passei. Mas, aí, eu subi lá, Spensa, e senti que era como... Quando aqueles incineradores me acertaram, eu soube. Eu não podia fazer aquilo todo dia. Sinto muito, Spensa. Não sou um piloto.

Aquelas palavras não faziam sentido algum para mim. Até os sons pareciam estranhos saindo de sua boca, como se de algum modo ele estivesse falando em um idioma estrangeiro.

— Pensei sobre isso a noite toda — ele falou, parecendo triste. — Mas eu *sei*, Spensa. Bem lá no fundo, eu sempre soube que não era feito para a batalha. Eu só gostaria de saber o que devo fazer agora. Passar no teste sempre foi o objetivo final para mim, entende?

— Você está caindo fora — falei. — Desistindo. *Fugindo*.

Ele estremeceu, e de repente me senti uma pessoa horrível.

— Nem todo mundo tem que ser piloto, Spensa — ele respondeu. — Outros trabalhos também são importantes.

— É o que eles dizem. Não estão falando sério.

— Talvez você tenha razão. Não sei. Acho... Preciso pensar um pouco mais sobre isso. Tem algum trabalho que envolva apenas fazer provas? Acontece que sou realmente bom nessa parte.

Ele me deu um abraço rápido – durante o qual eu meio que fiquei parada, em choque. Então, foi embora. Eu o observei por muito tempo, até que Cobb veio me buscar.

— Demore mais tempo, cadete — ele me avisou —, e vou marcar em sua ficha que chegou atrasada.

— Não acredito que você o deixou ir embora.

— Parte do meu trabalho é também localizar quais de vocês poderiam ser mais úteis aqui embaixo, em vez de se matando lá em cima. — Ele me empurrou

levemente na direção da sala. — E saiba disso: o assento dele não será o único vazio até que essa esquadrilha se forme. Vá.

Voltei para a sala e me acomodei em meu cockpit, enquanto as implicações das palavras dele caíam sobre mim como pedras. Cobb quase parecia feliz em mandar um de nós embora. Quantos alunos ele já tinha visto serem abatidos?

— Tudo bem — Cobb disse. — Vamos ver o que lembram de ontem. Afivelem os cintos, coloquem os capacetes e liguem os projetores holográficos. Coloque sua esquadrilha no ar, líder de voo, e prove para mim que nem tudo escorreu de seus ouvidos pelo travesseiro. Então, talvez eu possa ensinar a vocês como *realmente* começar a voar.

— E as armas? — Bim perguntou ansioso.

— Caramba, não — Cobb respondeu. — Vocês só vão atirar uns nos outros por acidente. Primeiro os fundamentos.

— E se formos pegos no ar novamente, em batalha? — Arturo perguntou. Eu ainda não tinha ideia de como falar seu codinome. Anfíbio? Algo assim?

— Aí vocês vão precisar que Flácida atire neles por vocês de novo, garoto. — Cobb respondeu. — Chega de conversa! Dei uma ordem a vocês, cadetes!

Prendi o cinto de segurança e liguei o dispositivo, dando uma última olhada no assento vazio de Lad enquanto o holograma tomava todo o espaço ao meu redor.

Passamos toda a manhã treinando virar simultaneamente.

Voar em um caça estelar não era como pilotar um avião antigo, como aqueles que alguns dos clãs mais distantes ainda usavam. Nossas naves tinham anéis de aclive para nos manter no ar – não importava a nossa velocidade ou a falta dela –, e caças estelares tinham também poderosos dispositivos chamados coletores atmosféricos, que nos deixavam muito menos vulneráveis aos caprichos da resistência do vento.

Mesmo assim, nossas asas ainda tinham utilidade, e a presença da atmosfera podia ser útil por muitas razões. Podíamos realizar uma manobra conjunta padrão, virando as naves para o lado e oscilando como pássaros. Mas também podíamos fazer algumas manobras estilo caça estelar, como simplesmente rotacionar na direção para a qual desejávamos ir e, depois, disparar naquela direção.

Descobri a diferença enquanto executávamos as duas manobras uma vez, e mais outra, e outra, até que fiquei *quase* cansada de voar.

Bim ficava perguntando sobre armas. O garoto de cabelo azul tinha um jeito entusiasmado e genuíno, do qual eu gostava. Mas eu não concordava com essa ansiedade a respeito de disparar armas. Se eu pretendia superar o Babaca algum dia, tinha que aprender os fundamentos de voo. Curvas malfeitas foram exatamente o que me atrasaram no conflito do dia anterior. Então, se Cobb queria que eu virasse, eu viraria. Eu viraria até meus dedos sangrarem, até arrancar a carne das minhas mãos e transformá-las em esqueleto.

Um esqueleto que faria uma curva muito, mas *muito* boa.

Segui a formação para a esquerda, depois desci por reflexo quando Arrojada virou demais em seu eixo e veio em minha direção. Ela acertou FM, cujo escudo invisível aparou o golpe. Mas FM ainda não era boa o bastante para compensar o empurrão e saiu rodopiando sem controle na outra direção.

As duas caíram, atingindo a superfície rochosa com explosões gêmeas.

— Caramba — FM exclamou. Ela era meio afetada, com suas botas com fechos dourados e o corte de cabelo estiloso.

Arrojada, no entanto, apenas sorriu. Ela fazia muito isso, divertindo-se talvez um pouco demais.

— Uau! — ela falou. — *Que* explosão. Quantos pontos ganho por essa performance, Cobb?

— Pontos? Você acha que isso é um jogo, cadete?

— A vida é um jogo — Arrojada respondeu.

— Sim, bem, você acaba de perder todos os seus pontos e morrer — Cobb comentou. — Se começarem a cair rodopiando sem controle desse jeito, ejetem.

— Humm... Como é mesmo que fazemos isso? — Nedd perguntou.

— Sério, Nedd? — Arturo questionou. — Vimos isso ontem. Olhe a alavanca entre as suas pernas. Vê o "E" grandão nela? O que você acha que ele significa?

— Eu imaginei que significava "emergência".

— E o que você faz quando há uma emergência em um caça estelar? Você...

— Eu chamo você — Nedd respondeu. — E digo: "Ei, Arturo, onde está a alavanca de ejetar?".

Arturo suspirou. Eu sorri, olhando pela janela na direção da nave ao meu lado na formação. Mal conseguia ver a garota lá dentro: Alvorecer, com a tatuagem visível até com o capacete colocado na cabeça. Ela desviou o olhar bruscamente. Nem mesmo um sorriso.

Tudo bem.

— Retornem para a base — Cobb disse. — Está quase na hora do almoço.

— Voltar para a base? — Bim reclamou. — Não podemos apenas desligar nossos hologramas e ir bater um rango?

— Claro. Desligue, vá comer algo e depois continue em frente até voltar para o lugar de onde veio. Porque eu não tenho tempo para cadetes que se recusam a praticar aterrissagens.

— Ah, desculpe, senhor.

— Não desperdice as ondas de rádio com desculpas, cadete. Apenas siga ordens.

— Tudo bem, esquadrilha — o Babaca falou. — Formação padrão, inclinação na direção 165.

Obedecemos, manobrando até ficarmos em linha, e voamos em direção à versão virtual de Alta.

— Cobb — falei —, vamos praticar como recuperar nossas naves de uma descida descontrolada?

— Isso de novo, não — ele respondeu. — Vocês raramente ficarão em uma situação dessas... E, se acontecer, quero que treinem para puxar a alavanca ejetora. Não quero que se distraiam com alguma bravata a respeito de salvar a nave.

— E se pudermos salvá-la, senhor? — Jorgen perguntou. — Um bom piloto, homem ou mulher, não devia fazer todo o possível para proteger o anel de aclive? Eles são raros o bastante para que a tradição diga que...

— Não cite essa tradição estúpida para mim — Cobb replicou. — Precisamos de bons pilotos tanto quanto precisamos de anéis de aclive. Se estiverem em uma descida descontrolada, ejetem. Vocês me entenderam?

Alguns dos demais deram uma confirmação verbal. Eu fiquei quieta. Cobb não havia desmentido o fato mais importante – que se ejetasse e perdesse a sua nave, um cadete jamais voaria novamente. Talvez depois de me tornar uma piloto formada, eu pudesse pensar em ejetar, mas por enquanto eu *jamais* puxaria aquela alavanca.

De todo modo, ser impedida de voar seria basicamente o mesmo que morrer para mim.

Aterrissamos, e os hologramas foram desligados. Os outros começaram a sair da sala, em direção ao refeitório, para o almoço, rindo sobre como tinha sido espetacular a explosão conjunta de FM e Arrojada. Kimmalyn percebeu que eu tinha permanecido na sala e tentou me esperar, mas Cobb gentilmente a guiou para fora da sala com os outros.

— Eu expliquei a situação a eles — ele falou, parando na porta. — Os elevadores indicam que você não desceu até Ígneo na noite passada.

— Eu... conheço uma pequena caverna, a cerca de meia hora de caminhada da cidade. Imaginei que economizaria tempo ficando ali. Passei a minha vida vasculhando os túneis. Eu me sinto mais confortável por lá.

— Como queira. Trouxe alguma coisa para almoçar hoje?

Neguei com a cabeça.

— Faça isso de agora em diante. Não quero que se distraia com a fome durante o treinamento.

Então, ele partiu. Logo depois, ouvi vozes ao longe. Gargalhadas ecoando do refeitório.

Pensei em treinar mais um pouco, mas não tinha certeza de que poderia usar as máquinas sem supervisão. Não dava para ficar sentada ali, ouvindo os demais por uma hora, por isso decidi dar uma volta. Era estranho como eu me sentia exausta de voar e mesmo assim tinha energia demais para ficar sentada em um lugar por muito tempo.

Saí do edifício de treinamento, notando os dois policiais militares parados no corredor. Será que estavam ali para evitar que eu roubasse um pãozinho? Era recurso demais para a almirante gastar satisfazendo a sua rivalidade com uma cadete insignificante. Por outro lado, se era para entrar em uma briga, era importante entrar para vencer – e eu respeitava isso.

Deixei a base da FDD e segui até o pomar que ficava fora dos muros. Embora houvesse trabalhadores cuidando das árvores, outras pessoas uniformizadas caminhavam entre elas, e bancos tinham sido colocados ao longo do caminho. Parecia que eu não era a única que gostava da presença da flora de verdade. Nada de fungos ou musgos, mas árvores. Passei uns bons cinco minutos sentindo a casca e pegando as folhas, meio convencida de que tudo aquilo podia ser feito de algum plástico muito realista.

Depois de um tempo, afastei-me e ergui os olhos para o campo de detritos. Como sempre, eu conseguia distinguir vastos padrões, cinzas suaves e linhas no céu, embora estivesse longe demais para ver algo específico. Uma claraboia se movia bem em cima da minha cabeça, brilhante o bastante para que eu não pudesse olhar diretamente para ela sem que meus olhos lacrimejassem.

Não vi nenhum buraco entre os detritos. Aquele momento com meu pai tinha sido a única vez que vi o espaço, já que havia tantas camadas de lixo lá em cima, orbitando em padrões distintos.

Como será que eram as pessoas que construíram tudo aquilo? Algumas das crianças do meu clã diziam que Detritus era, na verdade, a Antiga Terra, mas meu pai ria com essa ideia. Aparentemente, o planeta era muito menor e tínhamos mapas da Terra que não batiam.

Mas as pessoas que fizeram aquilo eram humanas. Ou pelo menos usavam nosso idioma. A geração da Vozinha – a tripulação da *Desafiadora* e sua frota – sabia que Detritus estava aqui. Tinham vindo para o antigo planeta abandonado intencionalmente. Para se esconder, embora a aterrissagem tivesse sido muito mais destruidora do que pretendiam. Eu tentava imaginar como tinha sido para eles.

Deixar o céu, deixar as naves, ser obrigados a se dividir em clãs e se esconder. Será que era tão estranho para eles olhar para cima e ver o teto de uma caverna como ainda era para mim olhar para cima e ver o céu?

Continuei a vagar pelo pomar. Havia certa simpatia grosseira nos trabalhadores aqui em cima. Eles sorriam para mim quando eu passava. Alguns me davam um aceno rápido e informal. Eu me perguntei como reagiriam se soubessem que eu era a filha de Chaser, o infame covarde.

Quando dei a volta no pomar e me dirigi novamente para a sala, passei por várias pessoas vestidas de ternos e saias fazendo uma visita oficial aos pomares. Era o tipo de roupa que se via nos superintendentes lá embaixo; pessoas ricas em méritos, que tinham se mudado para as cavernas mais profundas, mais seguras e mais bem protegidas, a ponto de poderem sobreviver a uma bomba. Pessoas como Jorgen e seus amigos.

Eles pareciam... limpos demais.

Conforme eu me afastava, vi algo curioso: entre o pomar e a base havia uma fileira de pequenos hangares para veículos. A porta de um deles estava levantada, revelando o *hovercar* do Babaca. Olhei para dentro, notando o cromado polido e a cor azul-bebê. Legal, agradável e obviamente *caro*. Por que estacioná-lo ali, fora da base?

Provavelmente ele não quer que os outros cadetes peçam carona, pensei. Resisti à vontade de fazer algo desagradável com o veículo. Foi difícil.

Passei pelo portão e cheguei à sala de treinamento antes dos outros. Fui direto para meu assento, já sentindo que tinha ficado tempo demais longe do cockpit. Acomodei-me, suspirando, feliz. Olhei para o lado e vi que alguém me observava.

Dei um pulo de susto quase até o teto. Não tinha notado Alvorecer perto da parede quando entrei. O nome verdadeiro dela era Magma ou Magna, eu não conseguia lembrar. A julgar pela bandeja no balcão ao lado da garota viciana, ela tinha trazido o almoço para cá, para comer sozinha.

— Oi — falei. — O que serviram hoje? Tem cheiro de molho. Guisado de pasta de alga? Purê de batata? Costeletas de porco? Não se preocupe, consigo aguentar. Sou um soldado. Diga sem dó.

Ela só afastou o olhar, com o rosto impassível.

— Seu povo é descendente dos fuzileiros, certo? — perguntei. — A bordo da *Desafiadora*? Sou descendente do povo da nave-almirante também. Da equipe da casa de máquinas. Talvez nossos bisavôs se conhecessem.

Ela não respondeu.

Rangi os dentes e desci do meu assento. Fui direto até ela, obrigando-a a me olhar nos olhos.

— Você tem algum problema comigo? — Exigi saber.

Ela deu de ombros.

— Bem, dê um jeito nisso — falei.

Ela deu de ombros novamente.

Dei um tapinha nas costas dela.

— Não me provoque. Não me importa o quão temível seja a reputação viciana; eu não vou a lugar algum, exceto para cima. E não me importa se tiver que passar por cima do seu cadáver para chegar até lá.

Dei meia-volta e retornei ao meu cockpit, acomodando-me com uma sensação de satisfação. Eu precisava mostrar um pouco disso para o Babaca também. Spensa, a guerreira. Sim... Era uma sensação boa.

Depois de um tempo, os outros voltaram para a sala, assumindo suas posições. Kimmalyn se aproximou e se inclinou para dentro do meu cockpit. Seu cabelo comprido e encaracolado balançava enquanto ela olhava para um lado, depois para o outro, como se tentasse ver se estava sendo observada.

Ela colocou um pãozinho no meu colo.

— Cobb disse que você esqueceu de trazer almoço — ela sussurrou. Então, se levantou e caminhou até o outro lado da sala, falando alto. — Que vista adorável temos do céu! Como a Santa sempre diz: "A luz é uma coisa boa durante o dia, caso contrário não poderíamos ver quão lindo o dia é!".

Cobb olhou para ela e revirou os olhos.

— Prendam os cintos — ele disse para o grupo. — Hora de aprender algo novo.

— Armas? — Arrojada perguntou, ansiosa. Bim assentiu enquanto subia em seu cockpit.

— Não — Cobb respondeu. — O contrário. *Exatamente o oposto.* — Ele disse isso totalmente sério, e, quando eu ri, ele me encarou. — Não foi uma piada. Não faço piadas.

Claro que não.

— Antes que liguem seus hologramas — Cobb prosseguiu —, preciso perguntar como se sentem a respeito das aulas até agora.

— O quê? — Nedd perguntou, espremendo seu corpo grande no cockpit. — Quer saber quais são nossos *sentimentos*?

— Sim, seus sentimentos. Qual é o problema?

— Eu só fiquei... surpreso, Cobb — Nedd afirmou.

— Fazer perguntas e saber ouvir é uma parte importante do ensinamento efetivo, Nedder! Então, cale a boca e deixe-me prosseguir com isso.

— Hum, sim, senhor.

— Líder de voo! Suas impressões? — Cobb perguntou.

— Estou confiante, senhor. Eles são um grupo bagunçado, mas acho que podemos ensiná-los. Com a sua experiência e a minha...

— Já é o bastante — Cobb o interrompeu. — Nedder?

— Neste momento, estou um pouco confuso... — Nedd disse. — E acho que comi *enchiladas* demais...

— Arrojada!

— Entediada, senhor — ela respondeu. — Podemos voltar ao jogo?

— Nome-estúpido-de-dragão-de-duas-cabeças!

— Anfisbena, senhor! — Arturo disse. — E, honestamente, não me envolvi muito com as atividades de hoje, mas espero que praticar os fundamentos se prove útil.

— Entediado — Cobb falou, escrevendo em sua prancheta —, e acha que é mais esperto do que é. Flácida!

— Maravilhada!

— Pilotos nunca ficam "maravilhados", garota. Ficamos animados.

— Ou — acrescentei — muito energizados com a perspectiva de lidar com a *morte* dos inimigos que estão a caminho.

— Ou isso — Cobb concordou —, se você for psicótica. Alvorecer.

— Bem — a garota tatuada sussurrou.

— Fale alto, cadete!

— Bem.

— E? Tenho três linhas aqui. Preciso escrever alguma coisa.

— Eu... Eu não me incomodo... com muito — ela disse, com a voz aparentando um sotaque pesado. — Bem. Bastante bem, certo?

Cobb ergueu os olhos de sua prancheta e estreitou os olhos. Depois, escreveu alguma coisa.

Alvorecer corou e abaixou os olhos.

Ela não fala a nossa língua, percebi. *Caramba. Sou uma idiota*. As antigas naves tinham representantes de várias culturas da Terra. *Claro* que haveria grupos que, depois de três gerações de clãs escondidos e isolados, não falavam meu idioma. Eu nunca tinha pensado nisso antes.

— Bim? — Cobb perguntou a seguir. — Garoto, já escolheu seu codinome?

— Ainda estou pensando! — Bim respondeu. — Quero escolher bem! Hum... Minha resposta... Ah... Quando é mesmo que vamos aprender sobre armas?

— Posso dar a minha arma a você neste instante — Cobb falou —, se me prometer atirar em si mesmo. Vou escrever apenas "ansioso para se matar". Formulários estúpidos. FM!

— Constantemente surpresa pela agressão tóxica onipresente na cultura Desafiadora — a garota bem-vestida respondeu.

— Essa é nova — Cobb escreveu. — Tenho certeza de que a almirante vai adorar isso. Spin?

— Com fome, senhor. — Além disso, eu me sentia uma estúpida. Extremamente estúpida. Olhei de novo para Alvorecer e pensei mais uma vez em como ela sempre parecera reservada. Havia ali um novo contexto, agora que eu ouvira o sotaque marcado e as palavras mal pronunciadas. O jeito como ela olhava de lado quando alguém lhe dirigia a palavra.

— Tudo bem, finalmente acabamos — Cobb falou. — Afivelem os cintos e liguem os hologramas!

14

— Vocês são o ponto mais fraco das nossas defesas — Cobb disse, caminhando até o meio da classe, falando com os nove em nossos assentos ainda com os hologramas desligados. — Suas naves possuem a habilidade de acelerar até velocidades incríveis e fazer curvas às quais vocês podem não sobreviver. Elas são muito mais capazes do que vocês. Se alguém morrer lá em cima, não vai ser porque sua nave falhou com vocês. Será porque vocês falharam com ela.

Uma semana já se passara, quase como se fosse um borrão. Treinar todos os dias nas simulações, passar um tempo na centrífuga, depois dormir todas as noites no cockpit da antiga nave. Eu já estava ficando cansada de ratos e cogumelos sem tempero.

— As forças g são seu maior inimigo — Cobb prosseguiu. — Não basta simplesmente observá-las, vocês precisam estar cientes de para qual direção elas estão empurrando. Seres humanos podem suportar uma quantidade razoável de força g para trás, como quando voamos em linha reta. Mas se vocês subirem ou fizerem uma curva fechada, a força g vai empurrá-los para baixo, forçando o sangue da cabeça para os pés. Muitas pessoas sofrem um bloqueio e ficam inconscientes depois de sentirem uma força de nove ou dez g nessa direção. E se vocês voltam ao eixo, depois aceleram em outra direção, como estivemos praticando... Bem, podem facilmente ultrapassar cem g, o suficiente para transformar seus intestinos em sopa pelo impulso repentino do *momentum* linear.

Nedd ergueu o braço.

— Então, por que aprendemos esses movimentos?

— Cápsulas de Gravidade — respondi.

Cobb apontou para mim e assentiu.

— Suas naves podem compensar a força g súbita e extrema. Os veículos da FDD têm coisas chamadas Capacitores Gravitacionais. Quando você muda de direção ou acelera rapidamente, as cápsulas de gravidade são ligadas e desviam a força. As Cápsulas de Gravidade podem funcionar por cerca de três segundos antes de precisarem de um breve instante para recarregar, por isso são muito úteis quando fazemos curvas fechadas.

Eu já sabia aquilo. E Nedd provavelmente saberia também, se tivesse sido obrigado a estudar para o teste. Então, deixei a mente vagar, pensando na minha

nave quebrada. Até aquele momento, eu não tinha feito muito progresso nela, já que passava a maior parte do tempo caçando e curtindo carne de rato. E ainda precisava achar uma matriz de energia em algum lugar...

— Suas naves têm três tipos de armas — Cobb disse.

Espere, armas? Minha atenção voltou imediatamente para a aula, e notei que Bim também espichou o pescoço. Era uma graça como ele respondia a qualquer menção a armas com um jeito que parecia mais um cãozinho ansioso.

— Sim, Bim — Cobb falou. — Armas. Não se mije de animação. A primeira delas é o incinerador básico. Sua arma primária, mas também a menos eficaz. Ela dispara um jato concentrado de energia e, em geral, é disparada em rajadas de curta distância.

Cobb parou perto do assento de Kimmalyn.

— Ou, com menos frequência, ela pode ser carregada para um disparo muito preciso de longa distância. A maioria dos pilotos só usa essa função para acabar com naves desativadas ou para atingir um inimigo em uma emboscada. Atingir um alvo ativo a distância com um incinerador requer habilidade incrível.

Kimmalyn sorriu.

— Não fique convencida — Cobb falou, afastando-se. — Um incinerador é praticamente inútil contra um inimigo com escudo. Embora as pessoas tendam a atirar nele em qualquer oportunidade, pois é da natureza humana esperar por um golpe de sorte. Vou tentar tirar isso de vocês, mas, honestamente, até pilotos formados ficam grudados em seus incineradores como se estivessem lendo cartas da namoradinha de infância.

Bim deu uma risada.

— Isso não foi uma piada — Cobb repreendeu. — Liguem os hologramas.

Ligamos nossos dispositivos, e de repente estávamos na plataforma de lançamento. Assim que chegamos ao ar e fizemos as confirmações verbais, a voz de Cobb apareceu no alto-falante do meu capacete.

— Tudo bem. Que as estrelas nos ajudem, é hora de começarem a atirar. O gatilho do incinerador é o botão próximo ao dedo indicador na esfera de controle. Vão em frente.

Pressionei o botão hesitante. Uma rajada de três disparos brancos e quentes em sucessão rápida saiu da ponta da minha nave. Sorri e pressionei de novo, e mais uma vez, disparando rajadas uma após a outra. E, simplesmente assim, foi-me concedido poder sobre a vida e a morte! E isso ia além dos ratos!

— Não desperdice, Spin — Cobb me advertiu. — Vê o mostrador no seu acelerador? Esse que você consegue rodar com o polegar da mão esquerda? É o controle de índice de destruição. A posição superior é fogo constante. É amada por todos os pilotos idiotas, babões e estúpidos que não treinaram comigo.

— E quanto àqueles de nós que são idiotas, babões e estúpidos — Nedd perguntou —, mas que *treinaram* com você?

— Não se menospreze, Nedder — Cobb disse. — Nunca vi você babar. A segunda posição no mostrador é a rajada. A terceira é um tiro de longa distância. Aproveitem. Lambuzem-se até cansar.

Ele fez um grupo de naves Krell aparecer diante de nós. Elas não voavam nem se moviam; simplesmente estavam paradas ali. Prática de tiro? Eu *sempre* quis fazer prática de tiro, desde que era uma garotinha, jogando pedras em outras pedras de aspecto mais nefasto.

Juntos, lançamos uma tempestade de morte e destruição no ar.

Erramos.

Erramos pelo que pareciam ser milhas de distância. Mesmo que as nossas naves não estivessem tão distantes. Rangi os dentes e tentei de novo, mudando entre os diferentes modos do incinerador, acertando o ângulo da nave com a minha esfera de controle, disparando com tudo o que tinha. Mas caramba... por mais perto que tudo parecesse, com certeza havia muito espaço vazio no qual atirar.

O Babaca finalmente acertou um tiro, atingindo uma das naves com um jato de fogo. Grunhi, concentrando-me em uma única nave. *Vamos LÁ.*

— Vá em frente, Flácida — Cobb pediu.

— Ah, eu achei que devia dar uma chance para eles, senhor! — Kimmalyn respondeu. — Ganhar não é sempre ser a melhor, você sabe.

— Divirta-me — Cobb pediu.

— Bem, ok. — A nave dela carregou por alguns segundos e então lançou uma linha concentrada de luz, que explodiu uma nave Krell no céu. Ela repetiu o feito mais uma vez, e mais outra, e então uma quarta vez.

— É meio como tentar atingir o chão com uma pedra, senhor — ela comentou. — Elas não estão nem se mexendo.

— Como... — comecei a perguntar, assombrada. — Como você aprendeu a atirar assim, Flácida?

— O treinamento do pai dela — Arrojada respondeu. — Lembra? A história dos cogumelos que pareciam um esquilo?

FM riu, e até ouvi uma risadinha de Alvorecer. Mas não, eu não conhecia nenhuma história sobre cogumelos ou esquilos. Devia ser uma conversa que tiveram à noite, nos beliches. Enquanto eu voltava para a minha caverna.

Apertei o botão do incinerador com força e consegui – incrivelmente – acertar um dos alvos. O jeito como as faíscas se espalharam era muito satisfatório.

— Tudo bem — Cobb falou. — Já chega dessa estupidez. Vou desligar seus incineradores.

— Mas nós só começamos! — Bim reclamou. — Não podemos treinar um pouco de combate aéreo ou algo assim?

— Claro, tudo bem — Cobb respondeu. — Aí está.

Os caças Krell que restavam, mais ou menos uma dúzia que não tínhamos conseguido abater, de repente começaram a vir em nossa direção, com os incineradores disparando. Arrojada deu um grito de animação, mas eu me concentrei e saí do caminho.

Kimmalyn foi abatida primeiro, em um clarão imediato de luz e faíscas. Segui em um giro rodopiante, observando a linha vermelha do meu dossel que indicava no mundo real o quanto de força g eu estaria sentindo. Cobb estava certo: a Cápsula de Gravidade me protegeu quando fiz uma curva rápida, mas tive que tomar cuidado para não atropelar meus companheiros no meio do caminho, quando fui atingida por toda aquela força g.

Parei de supetão, com fogo e explosões me cercando, detritos das naves dos outros cadetes por todos os lados.

— Tentamos fazer engenharia reversa com a tecnologia Krell — Cobb falou com voz calma, um contraste gritante com a insanidade ao meu redor. Nedd gritou quando foi atingido. Alvorecer foi abatida em silêncio. — Mas fracassamos. Eles têm incineradores melhores e escudos melhores. Isso significa que, quando lutamos com eles, estamos em inferioridade de armas e de blindagem.

Fui consumida inteiramente pelo instinto de sobrevivência. Desviava, esquivava e girava. Três naves Krell – *três* – mergulharam no meu encalço, e uma me atingiu com um tiro de incinerador. Virei rápido para a direita, mas outro tiro me atingiu, e a luz de aviso começou a piscar no meu painel de controle. Estava sem escudos.

— Vocês precisam acertar um Krell meia dúzia de vezes para derrubar o escudo dele — Cobb disse. — Mas eles farão o mesmo com vocês com apenas dois ou três tiros.

Parei em uma curva. Explosões marcavam as mortes dos meus companheiros – labaredas no céu escuro. Só mais uma nave ainda voava, e eu sabia – sem precisar ver o número na fuselagem – que era Jorgen. Ele era um piloto muito melhor do que eu.

Aquilo ainda me irritava. Grunhi, girando em uma curva ampla, tentando colocar um dos inimigos em vista. Quase... lá...

Meus controles pararam. A nave deixou de responder. Durante aquela curva, eu ultrapassara o limite da força g e as cápsulas de gravidade tinham acabado. Embora meu corpo ainda estivesse ali, se eu estivesse em uma nave de verdade, teria morrido.

Uma nave Krell se livrou de mim com um tiro quase instantâneo, e meu holograma se desfez. Então, meu dossel desapareceu, e eu estava na sala novamente. Jorgen conseguiu sobreviver mais dezessete segundos. Eu contei.

Fiquei sentada em meu cockpit, com o pulso acelerado. Tinha sido como testemunhar o fim do mundo.

— Vamos imaginar que vocês tivessem uma habilidade parecida com a dos inimigos — Cobb falou. — Uma fantasia incrível, eu sei, mas sou um otimista. Se conseguirem voar melhor que a média das naves Krell, mesmo assim estarão em séria desvantagem usando apenas os incineradores.

— Então estamos ferrados? — FM perguntou, levantando-se de seu cockpit.

— Não. Só temos que lutar de um jeito diferente... E temos que, de algum modo, tentar equilibrar as chances. Volte para seu assento, cadete.

Ela obedeceu, e os hologramas recomeçaram conosco no céu, alinhados. As naves Krell reapareceram em uma formação silenciosa diante de nós. Olhei para elas com mais desconfiança desta vez, sentindo meu indicador coçar para acabar com elas com o fogo do incinerador.

— Garoto-dragão — Cobb falou para Arturo. — Pressione os botões próximos ao terceiro e quarto dedos. Aperte os dois de uma só vez.

Minha nave balançou, e um pequeno clarão de luz explodiu de Arturo, como um jorro resplandecente de água.

— Ei! — Arrojada gritou. — Meu escudo caiu.

— O meu também — Kimmalyn disse.

— E o meu — Arturo acrescentou.

— O meu está armado — o Babaca disse, assim como vários outros.

O escudo de Arturo caiu, pensei*, assim como os das naves perto dele no alinhamento*. Eu me inclinei para frente, olhando para fora do dossel do cockpit, bastante interessada. Na minha época de estudo, aprendi sobre especificações de propulsores, padrões de voo, anéis de aclive... Basicamente tudo sobre os caças, exceto especificações das armas.

— O PIM — Cobb explicou. — Pulso Invertido de Magalhães. Ele vai anular completamente qualquer escudo protetor emitido por uma nave. Incluindo, infelizmente, o seu próprio. Tem alcance extremamente curto, por isso você basicamente terá que rastejar até os Krell antes de ativá-lo. A chave para derrotar os Krell não é acertá-los com disparos de incinerador, é superá-los, agir em equipe, sobrepujá-los. Os Krell voam individualmente. Eles mal suportam uns aos outros. Vocês, ao contrário, vão combater aos pares, com seus companheiros de voo. Vão conseguir ligar o PIM de modo a dar ao seu companheiro de voo um tiro limpo, sem proteção. Mas vocês também precisam estar cientes de uma coisa: ligar o PIM deixa sua nave exposta e vulnerável até reiniciar seu escudo.

Um clarão súbito de luz ali perto fez FM xingar baixinho.

— Desculpe! — Alvorada falou com seu sotaque carregado. — Desculpe, desculpe! — Aquilo era o máximo que eu ouvira dela todo o dia.

— Qual é a terceira arma? — o Babaca perguntou.

— Lanças de luz — chutei. Já tinha lido sobre o termo, mas, mais uma vez, as especificações sobre o que faziam não eram descritas nos livros.

— Ah, então você sabe sobre elas, Spin — Cobb comentou. — Achei que soubesse. Dê-nos uma pequena demonstração.

— Ah, ok. Mas por que eu?

— Elas trabalham de um jeito muito parecido com suas primas menores: as linhas de luz. Tenho um palpite de que você tem alguma experiência na área.

Como ele sabia? Eu levava minha linha de luz para a aula, já que precisava entrar e sair da caverna, mas achei que ficava bem escondida embaixo da manga comprida do meu macacão.

— Polegar e mindinho — Cobb explicou. — Botões nos dois lados da esfera de controle.

Bem, claro. Por que não? Empurrei o acelerador para frente e saí da formação, aproximando-me das naves Krell. Escolhi uma com os cabos flutuando na traseira. Como todas as naves, ela tinha um anel de aclive brilhando com uma leve luz azul por baixo, com o tamanho padrão de cerca de dois metros de diâmetro.

A nave Krell parecia ainda mais sinistra de perto. Tinha um aspecto estranho, inacabada, como se realmente estivesse incompleta. Aqueles cabos soltos atrás eram provavelmente intencionais, e o projeto era simplesmente estranho. Não era inacabado, na verdade, mas feito por criaturas que não pensavam do mesmo jeito que os humanos.

Segurei a respiração e apertei os botões que Cobb indicara. Uma linha de luz vermelha derretida foi lançada da frente da minha nave e se prendeu à nave Krell. Como Cobb dissera, ela funcionava exatamente como uma linha de luz, mas maior, e lançada da minha nave como um arpão.

Uau, pensei.

— Lanças de luz — Cobb explicou. — Vocês provavelmente viram as primas menores no pulso dos pilotos; elas eram usadas pelo departamento de engenharia da antiga frota para ancorar os engenheiros enquanto eles trabalhavam nas máquinas em gravidade zero. De algum modo, Spin tem uma... O que eu decidi não mencionar ao contramestre.

— Obrigada...

— Você pode me agradecer calando a boca enquanto eu falo — Cobb interrompeu. — Lanças de luz trabalham como uma espécie de laço de energia,

conectando você a algo que atingiu. Você pode usá-la para prender uma nave inimiga ou para segurar-se em objetos firmes.

— Objetos firmes? — Arturo perguntou. — Quer dizer que vamos nos prender ao chão?

— Dificilmente — Cobb respondeu.

O céu explodiu sobre mim, e olhei para cima, prendendo a respiração, enquanto uma névoa onipresente de detritos começou a cair, como bolas de fogo: metal superaquecido e outros lixos, transformados em estrelas cadentes pelo calor da reentrada.

Rapidamente virei a nave, depois empurrei o acelerador e voltei para a formação. Passados alguns minutos, os detritos começaram a cair ao nosso redor. Alguns pedaços brilhavam mais do que outros, e se moviam em velocidades variadas. Percebi que alguns dos detritos em queda tinham pedras de aclive, reluzindo em um tom de azul, dando um certo impulso ao estilhaço.

O lixo acertou vários dos caças Krell, pulverizando-os.

— Em geral, os Krell atacam durante a queda de detritos — Cobb explicou. — Os Krell não têm lanças de luz e, embora tendam a ser bons em manobras, uma nave da FDD com um bom piloto pode ultrapassá-los e sobrepujá-los. Com frequência vocês vão enfrentá-los no meio de detritos caindo. Nesse caso, a lança de luz será a sua melhor ferramenta... E é por isso que passaremos o próximo mês treinando com ela. Qualquer idiota com um dedo pode disparar um incinerador. Mas é preciso um bom piloto para voar entre os detritos e usar a lança de luz como uma vantagem. Já vi pilotos usarem lanças de luz para arremessar as naves Krell umas contra as outras, para prendê-las em lixo espacial ou até para arrancar o companheiro de voo de uma situação de perigo. Você pode girar de maneira inesperada, prendendo-se a um grande pedaço de detrito e rodando ao redor dele. Pode jogar detritos em seu inimigo, imediatamente derrubando seu escudo e esmagando-o. Quanto mais perigosa a batalha, mais vantagem o melhor piloto terá. E, quando eu terminar, os melhores pilotos serão vocês.

Assistimos à queda de detritos, a luz ardente refletindo em meu dossel.

— Então... — falei. — Está dizendo que, no fim do nosso treinamento, você espera que sejamos capazes de usar ganchos feitos de energia para esmagar nossos inimigos com pedaços flamejantes de detritos espaciais?

— Sim.

— Isso... — sussurrei — é a coisa mais linda que já ouvi.

15

Amarrei o conjunto de fios – trabalhando sob a luz vermelho alaranjada na caverna escura – e depois o envolvi com fita. *Pronto*, pensei, dando um passo para trás e secando a testa. Nas últimas semanas, eu tinha conseguido encontrar uma matriz de energia que funcionava em um velho aquecedor de água na instalação de reciclagem de Ígneo. Eu conhecia o cara que trabalhava lá e ele aceitou um pouco de carne de rato para olhar para o outro lado enquanto eu procurava coisas usadas.

Também peguei alguns suprimentos em um dos meus depósitos ocultos fora de Ígneo. Com isso, conseguira fazer um novo lançador de arpão e montar uma cozinha que tinha uma chapa quente de verdade, um desidratador e alguns temperos. Passei em casa para buscar Sangrador, meu velho urso de pelúcia. Ele era um bom travesseiro. Tinha sido prazeroso ver a minha mãe e Vozinha, embora eu não tivesse contado para elas que estava vivendo em uma caverna.

— E aí? — perguntei para Doomslug, a Destruidora. — Acha que vai funcionar?

A pequena lesma amarela e azul da caverna esticou a cabeça em uma rocha ali perto.

— Funcionar? — ela assobiou.

A lesma era capaz de imitar ruídos, mas sempre havia um som meio assobiado no que ela dizia. Eu tinha quase certeza de que ela estava apenas me imitando. E, para ser honesta, eu não sabia se "ela" era ela – as lesmas não tinham, tipo, ambos os sexos, ou algo assim?

— Funcionar! — Doomslug repetiu, e eu preferi considerar aquilo um sinal positivo.

Liguei o interruptor na matriz de energia, esperando que meu trabalho de solda aguentasse. O painel de diagnóstico na lateral da velha nave piscou, e ouvi um som estranho vindo do cockpit. Corri até lá e subi na caixa que usava como escada para entrar.

O som vinha do painel de instrumentos – era baixo, meio industrial. Vibração de metal? Depois de ouvir por um instante, o tom mudou.

— O que é isso? — perguntei para Doomslug, olhando para a direita e, como esperado, encontrando-a ali. Ela podia se mover bem rápido quando queria, mas parecia ter aversão a fazer isso quando eu estava olhando.

Doomslug inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro. Ela agitou as pontas nas costas e imitou o barulho.

— Olhe como as luzes estão fracas. — Bati no painel de controle. — A matriz de energia não é forte o bastante. Vou precisar de uma feita para uma nave ou para um edifício, não para um aquecedor de água. — Desliguei e depois verifiquei a hora na minha linha de luz. — Fique de olho em tudo enquanto estou fora.

— Fora! — Doomslug respondeu.

— Não precisa ficar tão animada assim. — Vesti meu macacão rapidamente e, antes de partir, dei outra olhada na nave. *Consertar isso está muito além das minhas capacidades*, pensei. *Então, por que estou tentando*?

Com um suspiro, prendi a ponta da minha linha de luz em uma rocha, joguei-a contra uma pedra perto da entrada da caverna, segurei firme e escalei até a fenda para que pudesse sair e me dirigir para as aulas do dia.

Aproximadamente uma hora e meia depois, eu ajeitei o capacete – que estava incomodando minha cabeça –, segurei os controles da nave e ziguezagueei por um enorme pedaço flutuante de detrito. Na vida real, aquilo estaria caindo em chamas, mas, no holograma, Cobb tinha parado os pedaços no ar, para que pudéssemos praticar.

Eu estava ficando boa em me esquivar entre eles, embora não tivesse certeza de quanto essa habilidade seria traduzida quando os detritos começassem a se precipitar do alto com o terrível potencial destrutivo que eles tinham. Mas tudo bem, um passo de cada vez.

Disparei a minha lança de luz, que explodiu de uma saliência na parte de baixo da minha nave. Uma linha brilhante vermelho alaranjada de energia espetou o grande pedaço de lixo espacial.

— Rá! — exclamei. — Olhe isso! Eu acertei!

Depois que passei voando pelo destroço, no entanto, minha lança de luz ficou tensa e meu momento linear me fez girar. A nave rodou presa à linha – acionando minhas cápsulas de gravidade – e bateu em um outro pedaço de detrito flutuante.

Quando eu era mais jovem, brincávamos de um jogo que consistia em uma bola com uma corda, conectada a um poste alto. Se você empurrasse a bola, ela girava ao redor do poste. As lanças de luz eram parecidas, só que, neste jogo, os detritos eram o poste e *eu* era a bola.

Cobb suspirou pelo alto-falante do meu capacete quando o holograma se apagou por causa da minha morte.

— Ei — destaquei —, pelo menos desta vez eu acertei aquela coisa.

— Parabéns pela vitória moral enquanto você morre — ele disse. — Tenho certeza de que a sua mãe ficará muito orgulhosa quando seu broche for entregue a ela como um pedaço derretido de metal.

Eu bufei e me sentei, inclinando-me para fora do cockpit a fim de olhar para Cobb. Ele caminhou até o meio da sala, falando em um rádio de mão para se comunicar conosco por nossos capacetes, embora estivéssemos todos bem próximos uns dos outros.

Os dez cockpits de treinamento formavam um círculo, e o chão, no meio, tinha seu próprio projetor, que lançava uma pequena reprodução do que estávamos experimentando. Oito pequenas naves holográficas zumbiam ao redor de Cobb, que nos observava como se fosse um deus enorme.

Bim bateu direto em um pedaço de detrito perto da orelha de Cobb e a chuva de fagulhas fez parecer que nosso instrutor acabara de ter uma ideia muito boa. Talvez a percepção de que vários de nós éramos inúteis.

— Reduza os sensores de proximidade, Bim! — Cobb falou. — Você devia ter visto aquele pedaço flutuando ali.

Bim se levantou de seu holograma e tirou o capacete. Passou a mão pelos cabelos azuis, parecendo frustrado.

Sentei-me novamente no cockpit quando minha nave reapareceu na extremidade do campo de batalha. Alvorecer estava ali, pairando, observando os outros passarem rapidamente entre pedaços de metal. Parecia a descrição da Vozinha de um campo de asteroides, ainda que a simulação mostrasse uma região na atmosfera, não no espaço. Em geral, enfrentávamos os Krell a uma altura que ficava entre dez mil e quarenta mil pés.

A nave de Bim apareceu perto de nós, embora ele não estivesse nela.

— Alvorecer! — Cobb a chamou. — Não seja tímida, cadete! Vá para lá! Quero ver você balançar em linhas de luz até se queimar com as cordas!

Alvorecer voou timidamente para o campo de detritos.

Ajeitei o capacete novamente; ele estava me incomodando muito hoje. Talvez eu precisasse de uma pausa. Desliguei o holograma e me levantei do assento para esticar o corpo, enquanto Cobb inspecionava uma corrida que o Babaca fazia com Nedd como companheiro de voo. Coloquei o capacete no assento e segui até o holograma de Alvorecer.

Espiei lá dentro, minha cabeça aparecendo no alto do cockpit dela. Ela estava encolhida, com uma expressão intensa em seu rosto tatuado. Alvorecer percebeu a minha presença e, rapidamente, tirou o capacete.

— Ei — falei baixinho. — Como está indo?

Ela acenou com a cabeça na direção de Cobb.

— Queimar com as cordas? — ela perguntou baixinho, com o sotaque carregado.

— É quando você esfrega as mãos em algo tão rápido que machuca. Como quando você se raspa no carpete... ou nas cordas. Ele só quer que você pratique mais com a lança de luz.

— Ah... — Ela deu um tapinha no painel de controle. — O que ele disse antes? Sobre proxi... proximação?

— Podemos aumentar os sensores de proximidade — respondi, falando devagar. Estendi a mão e apontei para uma alavanca. — Você pode usar isso para aumentar o alcance do sensor. Entende?

— Ah, sim. Sim. Entende. — Ela sorriu agradecida.

Fiz um sinal de positivo para ela com o polegar e saí de seu holograma. Percebi que Cobb me olhava e parecia aprovar, embora ele tenha se virado rapidamente para gritar com Arrojada, que estava tentando convencer FM a apostar a sobremesa no resultado da próxima corrida.

Talvez fosse mais fácil para Cobb se explicar melhor, mas Alvorecer parecia entender a maioria das instruções. Ela simplesmente ficava envergonha quando não entendia, então tentei ajudá-la.

Voltei para meu assento e passei a mão por dentro do capacete, tentando descobrir o que estava me incomodando. *O que são esses calombos?*, pensei, cutucando o interior do capacete. Talvez tivessem o tamanho de uma moeda ou de uma arruela grande. Os caroços redondos estavam por baixo do forro interno do capacete, e cada um deles tinha um pedaço de metal no centro, cutucando pelo tecido. Será que estavam ali antes?

— Algum problema, cadete? — Cobb perguntou.

Dei um pulo; eu não o vira se aproximar do meu cockpit.

— Hum, meu capacete, senhor. Tem algo errado com ele.

— Não tem nada de errado, cadete.

— Não, olhe. Sinta aqui. Tem esses...

— Nada de errado, cadete. Os médicos ordenaram que seu capacete fosse trocado pela manhã, antes que você chegasse. Esse tem sensores para monitorar seus biomarcadores.

— Ah — respondi, relaxando. — Bem, suponho que faça sentido. Mas você devia contar para os outros. Pode distrair parte da esquadrilha se...

— Eles só trocaram o *seu* capacete, cadete.

Franzi o cenho. Só o meu?

— Que... Que tipo de leituras estão fazendo em mim, então?

— Eu não tentaria adivinhar. Algum problema nisso?

— ... suponho que não. — Respondi, embora aquilo me deixasse desconfortável. Tentei descobrir alguma coisa pela expressão de Cobb, mas ele estava impassível ao me encarar. O que quer que aquilo significasse, ele obviamente não contaria. Mas eu não podia deixar de sentir que tinha algo a ver com meu pai e com a implicância que a almirante tinha comigo.

Coloquei o capacete, ativando em seguida o rádio e o holograma.

— Bim! — Cobb disse em meu ouvido, agindo como se nada tivesse acontecido. — Está tricotando um suéter ou algo assim? Volte para o seu assento!

— Já que tenho que fazer isso... — Bim respondeu.

— *Tem que*? Quer varrer o chão em vez de ser piloto de caça, garoto? Já vi rochas que voam quase tão bem quanto você... Eu podia largar uma no seu assento, pintar a pontinha de azul. Pelo menos assim eu não seria questionado!

— Desculpe, Cobb — Bim falou. — Não foi minha intenção questionar, mas... Quero dizer, conversei com alguns cadetes da Esquadrilha Tempestade esta manhã. Eles estão treinando técnicas de combate aéreo todo esse tempo.

— Bom para eles! Quando estiverem todos mortos, você pode se mudar para o quarto deles. — Cobb suspirou alto, de um jeito exagerado. — Tudo bem, vamos tentar algo diferente.

Um conjunto de anéis dourados brilhantes apareceu no campo de batalha. Eram um pouco mais largos que uma nave e vários deles estavam perigosamente próximos de pedaços flutuantes de detritos.

— Em linha e confirmem — Cobb falou.

— Ouviram o homem! — o Babaca disse. — Todos na minha marca!

Nós oito voamos até a nave do Babaca e nos alinhamos, depois demos a confirmação verbal.

— Esquadrilha pronta, instrutor! — o Babaca falou.

— Eis as regras — Cobb explicou. — Cada anel pelo qual passarem vale um ponto. Assim que começarem uma volta, precisam manter a velocidade em pelo menos Mag-1 e não podem voltar se errarem um anel. Há cinco anéis, e vou deixar cada um de vocês dar três voltas pelo circuito. A maior pontuação ganha duas sobremesas esta noite. Mas um aviso: se baterem, saem do jogo com a pontuação que tinham antes de morrer.

Eu me animei e tentei não me incomodar com a ideia de que o prêmio era inútil para mim. Pelo menos isso me distrairia do desconforto do capacete.

— Um *jogo* — Arrojada disse. — Tipo, você realmente vai deixar que a gente se divirta?

— Eu também sei me divertir — Cobb comentou. — Sei tudo sobre diversão. A maior parte da diversão, inclusive, envolve ficar sentado e sonhando com o dia

em que vão parar de me fazer perguntas estúpidas!

Nedd riu.

— Isso não foi uma piada! — Cobb o repreendeu. — Vão.

Arrojada gritou de alegria e acionou o motor na força máxima, seguindo rápido na direção do campo de detritos. Eu respondi quase tão rápido, acelerando até Mag-3, e quase trombei com ela no primeiro anel. Voei através dele logo atrás de Arrojada e olhei para o radar. Bim, FM e Alvorecer estavam no meu rastro. Arturo e Nedd voavam em formação, como faziam com frequência. Eu esperava que Kimmalyn fosse a última, mas na verdade ela voava na frente do Babaca – que se atrasou por algum motivo.

Eu me concentrei no percurso, passando correndo pelo segundo anel. O terceiro estava praticamente atrás de um grande pedaço de detrito. A única maneira de passar por ele em velocidade seria usando uma lança de luz para fazer uma curva bem fechada.

Arrojada gritou mais uma vez e executou uma volta em formato de gancho quase perfeita pelo anel. Tomei a decisão tática de não tentar passar por ele – o que provou ser inteligente quando Bim tentou girar depois de atravessar o círculo e esmagou a nave no pedaço de detrito.

— Caramba! — ele vociferou quando sua nave explodiu.

O Babaca ainda não começou o percurso, percebi.

Cruzei pelo quarto anel – que pairava entre dois detritos grandes –, mas não consegui passar pelo último, que estava atrás de uma enorme caixa de metal flutuante, o que também exigia uma lança de luz para girar ao redor do objeto. Terminei aquela corrida com três pontos, embora Arrojada tivesse conseguido quatro. Eu não havia contado a pontuação dos outros. A pobre Kimmalyn bateu ao tentar passar pelo quarto anel.

O resto de nós se reuniu fora do campo de detritos para outra corrida e, por fim, o Babaca iniciou a sua primeira volta. *Ele estava observando para nos ver passar*, percebi. *Estava analisando o campo de batalha*.

Esperto. De fato, ele conseguiu quatro anéis, como Arrojada.

Sem perder tempo, Arrojada correu para a segunda volta, e eu percebi que – na nossa ansiedade – tínhamos seguido muito mais rápido do que a velocidade mínima determinada por Cobb. Por que queríamos correr mais rápido? Só para acabar primeiro? Cobb não dera pontos por aquilo.

Estúpida, pensei. *Isto não é uma corrida. É um teste de precisão*. Diminuí a velocidade para Mag-1, enquanto Arrojada – tentando passar pelo terceiro anel mais uma vez, o da curva fechada – perdeu o controle e bateu em um pedaço de rocha nas proximidades.

— Rá! — ela exclamou. Não parecia se importar por ter perdido. Apenas parecia feliz por participar do jogo.

Eu me concentrei no terceiro anel, repassando mentalmente as coisas que Cobb ensinara. Quando atravessei o círculo, arremessei minha lança de luz no asteroide e não só ela se prendeu, mas – para minha surpresa – balancei com a linha de energia de modo a fazer uma curva bem dentro do anel.

Bim assobiou.

— Muito bem, Spin.

Soltei a lança de luz e a puxei.

— Quer tentar esse, Arturo? — Nedd perguntou enquanto os dois voavam na direção do terceiro anel.

— Acho que nossas chances de vitória são maiores se pularmos esse anel todas as vezes.

— Já era! — Nedd gritou, depois se enganchou em Arturo com a sua lança de luz e o puxou atrás de si, mergulhando no anel.

Claro que os dois bateram. Eu atravessei o quarto anel com facilidade, ziguezagueando entre os dois pedaços voadores de detritos. Mas perdi o quinto, acertando apenas o ar com a minha lança de luz.

— Nedd, seu idiota! — Arturo disse em meu ouvido. — Por que fez aquilo?

— Eu queria ver o que aconteceria — Nedd respondeu.

— Você queria... Nedd, era *óbvio* o que aconteceria. Você matou nós dois!

— Melhor aqui do que no mundo real.

— Melhor em lugar algum. Agora não vamos vencer.

— Eu nunca como nem a primeira sobremesa — Nedd comentou. — Faz mal para o corpo, meu amigo.

Os dois continuaram discutindo pelo rádio. Percebi que FM nem tentou passar pelos anéis difíceis, ficando apenas com os três que eram mais fáceis.

Rangi os dentes, concentrando-me na competição. Eu *tinha* que derrotar Jorgen. Era uma questão de honra.

Ele terminou a segunda volta com mais quatro pontos, passando pelo terceiro anel, mas deixando de lado o último, que era o mais difícil. Aquilo o deixava com oito pontos, e eu tinha apenas sete. FM, mantendo a segurança, ficaria com seis. Eu não tinha certeza da pontuação de Alvorecer, mas ela tentou o último anel e errou, então eu estava provavelmente na frente dela.

Nós quatro nos reunimos para a volta final. Mais uma vez, o Babaca ficou para trás, esperando que o restante de nós fosse na frente. *Tudo bem*, pensei, acionando força máxima e correndo para o primeiro anel. Eu teria que passar por todos para ter uma chance. Supreendentemente, FM nem tentou voar pelo primeiro anel. Ela apenas passou voando com cuidado por sobre o percurso.

— FM, o que está fazendo? — Cobb perguntou.

— Imaginei que todos esses palhaços dariam um jeito de se matar, senhor. Eu provavelmente poderia vencer sem conquistar nenhum ponto.

Não, pensei, correndo para o segundo anel. *Ele disse que manteríamos os pontos se batêssemos – só não conquistaríamos mais*. Então, ela não poderia vencer, com ou sem cuidado. Cobb tinha explicado isso.

Eu me aproximei do terceiro círculo, com as mãos suando. *Vamos lá... Vamos!* Arremessei a lança de luz e acertei os detritos na lateral, mas não empurrei o acelerador para o lado certo, então acabei girando ao redor do pedaço de lixo, mas errei o anel.

Rangi os dentes, soltei a lança de luz e consegui puxá-la de volta sem bater em nada. Alvorecer tentou o anel e quase conseguiu, mas acabou se chocando. O Babaca esperava do lado de fora, observando para ver exatamente de quantos anéis precisava para vencer. *Esperto. Mais uma vez.*

Caramba, eu odiava aquele garoto.

Eu estava tão distraída que deixei passar o quarto anel, que era um dos fáceis. Furiosa e com o meu rosto gelado, usei a linha de luz para capturar o grande pedaço quadrado de detrito, que girou para baixo – e fiz uma curva que me lançou direto pelo quinto anel que, até agora, eu não tinha visto ninguém cruzar.

Aquilo me deixou com um total de dez pontos, enquanto o Babaca tinha oito. Ele podia diminuir essa diferença com facilidade. Senti minha raiva ferver quando ele finalmente começou o percurso. Quem ele achava que era, sentado ali como um antigo rei, observando os plebeus lutarem antes dele? Era tão arrogante. Mas, pior, ele estava certo em esperar. Tinha sido mais esperto do que eu, conquistando uma boa vantagem. Ele ia vencer.

A menos que...

Uma ideia terrível se formou na minha mente. Virei e liguei a velocidade máxima, acelerando até Mag-5, correndo na direção da linha de partida. Acima de mim, o Babaca passou pelo primeiro anel, em ritmo calmo, exatamente na velocidade mínima.

— Ei, Spin? — Nedd perguntou. — O que você está fazendo?

Eu o ignorei, virando para cima, desviado dos pedaços flutuantes de detritos. Na minha frente, o Babaca se aproximava do segundo anel, um bem fácil... e que o levaria até dez pontos.

Direto no... pensei, acelerando. Levei meu acelerador até a linha vermelha, na qual – em uma subida assim – eu corria o risco de ficar inconsciente.

— Spin? — Bim perguntou.

Sorri abertamente. Aí, bati minha neve bem no meio da do Babaca, destruindo os dois escudos e fazendo-nos em pedaços. Explodimos em luz.

Logo, ambos reiniciamos na extremidade do campo de batalha.

— Que diabos foi aquilo? — o Babaca gritou. — No que você estava pensando?

— Eu estava pensando em como vencer — respondi, recostando-me em meu assento, satisfeita. — O jeito do guerreiro, Babaca.

— Estamos em uma equipe, Spin! — ele retrucou. — Seu pedaço descarado, egocêntrico, viscoso de...

— Já basta, Jorgen — Cobb o interrompeu.

O Babaca ficou quieto, mas incrivelmente não deu seu obsequioso "sim, senhor!".

Os hologramas foram desligados e Cobb se aproximou do meu assento.

— Você está morta.

— Venci mesmo assim — respondi.

— É uma tática inútil em um combate real — Cobb falou. — Você não consegue levar pontos para casa se estiver morta.

Dei de ombros.

— Você fez as regras, Cobb. Dez pontos para mim, nove para o Babaca. E não é minha culpa se ele não pôde tentar conquistar os últimos pontos.

— Sim, é sim! — o Babaca gritou, ficando de pé em seu cockpit. — É totalmente culpa sua!

— Basta, filho — Cobb disse. — Não vale a pena ficar discutindo por isso. Você perdeu. Acontece. — Ele me olhou. — Embora eu ache que vou querer mudar as regras desse jogo.

Eu me levantei, sorrindo.

— Intervalo de cinco minutos — Cobb falou. — Se acalmem e não estrangulem uns aos outros. Isso gera muita papelada inútil. — Ele mancou até a porta e saiu, talvez para buscar seu café do meio-dia.

Kimmalyn correu até meu assento, com os cachos escuros balançando.

— Spin, aquilo foi maravilhoso!

— O que a Santa diz sobre jogos? — perguntei.

— "Você não pode vencer se não jogar" — Kimmalyn respondeu.

— Obviamente.

— Obviamente! — Ela sorriu mais uma vez. Bim passou por mim e fez sinal de positivo com o polegar. Por sobre o ombro dele, vi o Babaca me encarando com hostilidade descarada, enquanto Arturo e Nedd tentavam acalmá-lo.

— Não se preocupe, Jorg — Nedd falou. — Você ainda derrotou Arturo.

— Muitíssimo obrigado, Nedd — Arturo replicou.

Kimmalyn saiu da sala de aula para buscar algo para beber, e eu me acomodei em meu assento e peguei um dos cantis da minha mochila. Fazia questão de encher

três todos os dias no banheiro.

— Então — Bim falou, inclinando-se no meu projetor de holograma —, você realmente gosta de guerreiros e coisas assim, hein?

— Eles me inspiram — respondi. — Minha avó conta histórias sobre antigos heróis.

— Tem algum favorito?

— Provavelmente Beowulf — disse, e tomei um longo gole de água do cantil. — Ele matou um dragão e arrancou o braço de um monstro. E teve que fazer isso com as mãos nuas, depois de não conseguir cortar a coisa com a sua espada. Mas também tem Tashenamani: ela matou o grande guerreiro Custer. E Conan, o cimério, que lutou em tempos antigos, antes da escrita.

— Sim, eram ótimos — Bim falou e deu uma piscadinha. — Quero dizer... Eu não tinha ouvido falar sobre eles até agora. Mas tenho certeza de que eram ótimos. Ah... Estou com sede.

Ele corou e se afastou, deixando-me confusa. Aquilo era...

Ele estava... Ele estava flertando comigo, percebi, atordoada. *Ah, bem, pelo menos tentando*.

Aquilo era possível? Quero dizer, ele era uma graça, então por que...

Olhei para Bim novamente e o peguei no meio do que parecia um rubor. Caramba! Era a coisa mais estranha que já me acontecera desde que eu tinha entrado para a escola de voo, e olha que eu passava as manhãs conversando com uma lesma.

Eu pensava em garotos, mas a minha vida não me deixara muito tempo para esse tipo de coisa. Na última vez que tive alguma inclinação romântica, eu tinha oito anos e dera a Lad um machado muito bonito que eu tinha feito com uma pedra e um bastão. Na semana seguinte, no entanto, decidi que ele era nojento. Porque, bem, eu tinha oito anos.

Fiquei em pé de um salto.

— Ah, Bim? — eu o chamei.

Ele me olhou novamente.

— Já ouviu falar em Odisseu?

— Não — ele respondeu.

— Era um antigo herói que lutou na maior guerra que já ocorreu na Terra, a Guerra de Troia. Dizem que ele tinha um arco tão forte que, além dele, apenas um gigante podia puxar a corda. Ele... tinha cabelos azuis, sabe.

— Sério? — Bim perguntou.

— Bem legal — comentei e me sentei imediatamente, tomando um longo gole do meu cantil.

Eu tinha sido discreta? Tinha sido discreta, certo?

Eu não tinha certeza do que Sun Tzu ou Beowulf diriam sobre paquerar garotos bonitos. Talvez dividir os crânios de seus inimigos com eles, como um gesto de afeto?

Eu me sentia um pouco animada e confiante, no bom sentido, até ver o Babaca me observando do outro lado da sala. Olhei-o com expressão dura.

Deliberadamente, ele se virou para Nedd e Arturo.

— Acho que não poderíamos esperar honra de verdade da filha de Zeen Nightshade — ele comentou.

Um raio gelado cruzou meu corpo.

— Quem? — Nedd perguntou. — Espere, quem você disse que ela era?

— Você sabe — o Babaca prosseguiu, com a voz alta o bastante para ser ouvida em toda a sala. — Codinome: Chaser? O Covarde de Alta?

A sala ficou em silêncio. Eu *sentia* os olhos de todos se voltando em minha direção. Como ele tinha descoberto? Quem havia contado a ele?

Eu me levantei. Caramba, até Kimmalyn parecia saber quem era Chaser. O cantil dela caiu de sua mão e bateu no chão, derramando água sem que ela percebesse.

— Quem? — Alvorecer perguntou. — O que aconteceu?

Eu queria fugir. Me esconder. Escapar de todos aqueles olhares. Mas eu *não ia fugir*.

— Meu pai *não era* um covarde — respondi.

— Sinto muito — o Babaca disse. — Só estou contando a história oficial. — Ele me encarou com aquela cara arrogante, que pedia um soco. Percebi que eu estava corando de vergonha... e depois de raiva.

Eu não deveria me sentir envergonhada. Vivi praticamente a vida toda sob esse manto. Estava acostumada com aqueles olhares, com aqueles sussurros. E eu não tinha vergonha do meu pai, certo? Então, por que deveria me importar com o fato de todos descobrirem a história dele? Bom. Ótimo. Eu estava feliz em ser filha de Chaser.

Era só que... tinha sido bom até ali. Ser capaz de trilhar meu próprio caminho, sem estar sob a sombra de ninguém.

Aquele pensamento me fez sentir como se estivesse traindo meu pai, o que me deixou ainda mais zangada.

— Ela vive em uma caverna, sabe — o Babaca contou para Arturo. — Vai para lá todas as noites. Os operadores dos elevadores me contaram que a veem escalar as cavernas, porque ela não...

Ele parou de falar quando Cobb entrou com uma xícara de café fumegante nas mãos. Cobb se concentrou imediatamente em mim, depois no Babaca.

— De volta aos seus assentos — ele ordenou. — Ainda temos trabalho para fazer hoje. E, Flácida, você derrubou seu cantil?

Kimmalyn saiu de seu aparente transe e pegou o cantil. Em seguida todos subiram em seus cockpits, sem mais uma palavra. A certo ponto, logo depois que voltamos a praticar com nossas lanças de luz, peguei Cobb me olhando com uma expressão sombria, com olhos que pareciam dizer: *Em algum momento isso aconteceria, cadete. Vai desistir?*

Nunca.

Mas aquilo não me impediu de me sentir mal durante toda a sessão de exercícios.

Algumas horas depois, saí do banheiro feminino com os cantis cheios novamente. Uma nova dupla de policiais militares me acompanhou até a porta. Então, como sempre, me deixaram ali.

Caminhei penosamente pela base, sentindo frustração, raiva e solidão. Eu devia ter saído da base e seguido para a minha caverna. Em vez disso, peguei um caminho que circundava o edifício de treinamento, aquele que me fazia passar pelo refeitório.

Olhei pela janela e vi os outros sentados a uma mesa de metal comprida – conversando, rindo, discutindo. Tinham até convencido o Babaca a se juntar a eles naquela noite – um privilégio raro para a plebe, já que em geral ele saía pelo elevador exclusivo. Nedd disse que chegava até as cavernas inferiores em menos de quinze minutos.

Então ali estava ele, desfrutando o que me era proibido, depois de jogar fora o meu segredo como um punhado de ração vencida. Eu o odiava. Naquele momento, eu meio que odiava todos eles. Eu quase odiava o meu pai.

Saí caminhando pela noite, deixando a base pelo portão da frente. Virei para a esquerda, na direção do pomar, e segui para o atalho que levava ao deserto. Meu caminho me fez passar direto pelos pequenos hangares onde o Babaca estacionava seu *hovercar*.

Parei ali na escuridão, olhando o hangar. A porta da frente estava fechada desta vez, mas a porta lateral estava aberta, e dava para ver o veículo lá dentro. Levei cerca de meio segundo para ter outra ideia terrível.

Olhei ao redor e não vi ninguém observando. A escuridão viera cedo esta noite, as claraboias haviam se afastado, e os trabalhadores dos pomares já tinham

ido para casa. Eu estava distante o suficiente do portão da frente da base para que os guardas não conseguissem me ver no escuro.

Entrei pela lateral do pequeno hangar e fechei a porta. Então, acendi minha linha de luz para conseguir um pouco de iluminação. Achei uma chave de fenda na parede do pequeno galpão e abri o capô do *hovercar* azul. O Babaca podia voltar andando para casa naquela noite. Seria justo.

Afinal, eu tinha que andar até chegar à minha casa. E, naquela noite, faria isso com uma matriz de energia bem grande, adequada para um carro, presa às minhas costas.

16

Acordei na manhã seguinte, grogue e dolorida, com o rosto enfiado no urso de pelúcia. Gemi, virando de lado, sentindo meus músculos doendo. Por que eu sentia tanta dor? Eu tinha...

Eu me endireitei e liguei a iluminação do bracelete, espiando para fora da minha cama no cockpit. A luz iluminou a minha pequena cozinha, onde uma pilha de cogumelos esperava para ser fatiada, junto a algumas pedras que coloquei como assentos e...

E uma matriz de energia de um carro, do tamanho de uma pequena mesa de cabeceira.

Estava ali, onde eu a deixara depois de arrastá-la por todo o caminho até a caverna. Eu tinha ficado tão acabada depois disso que nem tentara ligá-la – a única coisa que fiz foi ir direto para a cama.

Gemi e me recostei, esfregando os olhos com as palmas das mãos. Eu estava tão zangada na noite passada que... Bem, não estava pensando com muita clareza. Roubar a matriz de energia parecera uma *ótima* ideia, mas agora os furos no meu plano inteligente estavam aparecendo.

Puxa, eu me pergunto quem vandalizou seu carro, Babaca? Será que foi a única pessoa da turma que não estava no jantar, a mesma que tinha motivos imediatos e fortes o bastante para querer vingança?

Quando todos soubessem que eu tinha destruído a propriedade de outro cadete, eu seria expulsa da escola de voo tão rápido que ia ficar tonta. Gemi mais uma vez, um som que foi imitado por Doomslug, que estava aconchegada em um ponto do painel.

Por quê? Por que eu não podia permanecer focada? Por que eu tinha que deixar que me atingissem? Beowulf ou Xun Guan não se deixariam provocar, nem agiriam de modo tão estúpido!

Eu me sentia mal enquanto caminhava penosamente para Alta naquela manhã. Não tive nem vontade de experimentar a matriz de força. Como se a esta altura houvesse qualquer coisa que eu pudesse fazer para impedir a minha desgraça. Por que a “Spensa racional” e a “Spensa determinada” não podiam se unir na instrução para a batalha de vez em quando?

Eu esperava realmente que a polícia militar estivesse esperando por mim, mas os guardas no portão só acenaram para eu seguir em frente. Ninguém me parou no caminho até a sala. O Babaca entrou quando eu já estava em meu lugar e não fez nada além de me olhar de soslaio. Cobb entrou mancando e começou a aula normalmente.

A um ponto, durante o intervalo, consegui encarar o Babaca nos olhos. Jorgen me viu olhando para ele e não desviou o olhar. Havia um ar desafiador em sua expressão, sim. Mas como eu deveria interpretar aquilo? Ele estaria esperando algum momento específico para me entregar?

Conforme o dia progredia, praticávamos com as lanças de luz em alvos móveis. Comecei, então, a pensar que talvez ele não fosse me causar problemas. Talvez... Talvez ele estivesse seguindo o caminho de um guerreiro. Em vez de correr até a almirante em busca de ajuda, estaria ele planejando a sua própria vingança?

Se isso fosse verdade, então... Caramba. Eu poderia sentir um certo respeito por aquele garoto.

Não muito, veja bem. Ele ainda tinha me rotulado de covarde na frente dos outros, de forma agressiva e maliciosa. Arturo, Nedd, FM e até Bim andavam com mais cuidado ao meu redor, me espiando com o canto dos olhos. Isso não pareceu afetar nosso treinamento, mas, durante os intervalos, todos estavam evitando o assunto. Eles me faziam perguntas sobre outras coisas e depois saíam da conversa rapidamente.

A única que não agiu estranho comigo foi Kimmalyn. O que não significava que ela fosse ignorar o que tinha acontecido, claro.

— Então — ela comentou, parada ao lado do meu assento enquanto eu descansava e bebia água do meu cantil —, é por isso que você é sempre tão belicosa?

— Belicosa? — perguntei, sem conhecer a palavra.

— Tão disposta a brigar pelo que é seu, como se quisesse agarrar as estrelas com mão e enfiá-las no bolso — Kimmalyn explicou. Ela se inclinou, como se a parte seguinte da conversa fosse de algum modo impertinente. — Você sabe. Esquentadinha.

— Esquentadinha.

— Talvez até... de vez em quando... antagônica.

— Você quer saber se meu pai é o motivo pelo qual sou essa coisa zangada, cheia de ameaças e de gênio difícil? Se é o fato de o chamarem de covarde que me faz andar por aí com a minha espada empunhada, gritando que farei uma pilha com os crânios dos meus inimigos para usar de apoio e, então, conseguir decapitar as pessoas que são altas demais para mim?

Kimmalyn me deu um sorriso carinhoso.

— Por que está sorrindo?

— Todas elas, Spensa. Você quer pegar cada uma das estrelas.

Suspirei e tomei outro gole.

— Não sei. Lembro de gostar das histórias da Vozinha mesmo antes de meu pai ser abatido, mas o que aconteceu certamente não ajudou. Quando todo mundo olha para você como a filha do covarde... Não, não a filha de *um* covarde, mas a filha do *único* covarde... Você acaba desenvolvendo um tipo de atitude.

— Bom, ainda bem que você manteve a cabeça erguida — ela comentou, e então ergueu o punho. — "O orgulho é uma virtude para aqueles que assim são."

— Diz a Santa.

— Ela era uma mulher muito sábia.

— Você percebe que nenhum de nós tem ideia de que Santa é essa?

Kimmalyn deu uma palmadinha na minha cabeça.

— Está tudo bem, querida. Você não pode evitar ser herege. A Santa perdoa você. — Vindo de qualquer outra pessoa, aquilo teria sido ofensivo, em especial o tapinha na cabeça. Vindo de Kimmalyn, era apenas... Bem, de algum modo, era reconfortante.

No fim do dia, eu estava me sentindo muito melhor. Tanto que, de fato, senti apenas uma pequena náusea quando eles partiram para o jantar. Então, aquilo era bom.

Do lado de fora, vi o Babaca entrando em um *hovercar* comprido e preto, com um motorista usando luvas brancas. Pobrezinho. Então agora ele teria que ir de carona para casa.

Caminhei de volta para a minha caverna com passos animados, mastigando um pedaço de rato defumado. Eu provavelmente teria que enfrentar algum tipo de vingança de Jorgen, mas daria conta. *Que venha*. Por enquanto, parecia que eu tinha me safado de um crime sério. Uma matriz de energia do tamanho adequado para um caça estelar, pronta para ser usada.

Sorri quando cheguei à minha fenda e desci com a ajuda da linha de luz até a caverna. Era estúpido arriscar meu futuro assim; essa nave era tão velha que ter algumas luzes acesas não faria diferença. Mas aquele também era meu segredo, minha descoberta.

Minha nave.

Quebrada, velha, com uma asa dobrada... Ainda assim, minha.

Puxei a matriz até a posição correta ao lado da escotilha de acesso, localizada ao lado da nave. Os plugues eram os mesmos, então não tive que me preocupar em refazê-los. Olhei para Doomslug – que avançou pela asa em minha direção –, sorri e liguei.

As luzes ganharam vida no painel de diagnóstico e – julgando pelo brilho que vinha da frente – no painel dentro do cockpit também. O zumbido baixo de antes começou mais uma vez, então acelerou, deformando-se até...

Até que se transformou em *palavras*.

— ... PROCEDIMENTOS INICIAIS DE EMERGÊNCIA INICIADOS — uma voz masculina disse do cockpit. A voz tinha um sotaque estranho, antigo, como aqueles que eu ouvia nas transmissões de discursos famosos da época anterior à fundação de Alta. — DANOS SEVEROS À INTEGRIDADE ESTRUTURAL E AO BANCO DE DADOS DETECTADOS.

Aquilo era uma gravação? Subi até o cockpit.

— Olá! — a voz me disse, parecendo menos... mecânica. — Presumo pelas suas roupas e atitude que você é nativa deste local. Poderia, por gentileza, se categorizar, dizer suas afiliações nacionais e os nomes de seus ancestrais, para que eu possa colocá-la em meu banco de dados?

— Eu... — Cocei a cabeça. — O que é isso, pelas estrelas?

— Ah — disse a voz. — Excelente. Desvio linguístico mínimo de um idioma padrão da Terra. Perdoe a lentidão do meu processamento, que não parece ser a referência normal, mas você é humana, certo? Poderia me dizer... onde estou?

Fiquei sem palavras. Apenas fiquei ajoelhada ali, na asa ao lado do cockpit, tentando entender o que estava acontecendo.

Minha *nave* estava *falando comigo*.

17

— Minha designação é MB-1021, nave robótica de integração — a nave disse. Ela não só falava, mas parecia ter dificuldade de parar. — No entanto, humanos preferem "nomes" a designações, por isso em geral se referem a mim como M-Bot. Sou uma nave de reconhecimento e recuperação de longa distância, projetada para operações furtivas e missões solo sem suporte em localizações no espaço profundo. E...

A máquina se calou....

— E? — eu perguntei, apoiando-me no cockpit, tentando descobrir o que, pelas estrelas, aquela coisa era.

— E meus bancos de dados estão corrompidos — M-Bot falou. — Não consigo recuperar mais informações... Não consigo sequer recuperar os parâmetros da minha missão. O único registro que tenho é a ordem mais recente do meu mestre: "Esconda-se, M-Bot. Faça um balanço, não entre em brigas e espere por mim aqui".

— Seu mestre era o seu piloto, certo? — perguntei.

— Correto. Comandante Spears. — Ele formou uma imagem difusa para mim, que substituiu brevemente a tela do scanner em seu painel. Esse comandante Spears era um homem jovem, com cabelo curto e sem barba, sua pele era bronzeada e ele usava um uniforme impecável e desconhecido.

— Nunca ouvi falar dele — comentei. — E conheço todos os pilotos famosos, até os da época da Vozinha na frota. O que houve com os Krell quando você veio para cá? Eles já tinham atacado a galáxia?

— Não tenho informações sobre esse grupo, e a palavra *Krell* não aparece no meu banco de dados. — Ele fez uma pausa. — A leitura da taxa de decaimento dos isótopos no meu núcleo de memória indica que faz... cento e setenta e dois anos desde que fui desativado.

— Uau — falei. — A *Desafiadora* e sua frota caíram em Detritus há oitenta anos, e a Guerra dos Krell começou em algum tempo distante antes disso. — A Vozinha dizia que a guerra já vinha acontecendo há muito tempo quando ela nasceu.

— Considerando o tempo de vida dos humanos — M-Bot comentou —, devo concluir que meu piloto já morreu. Que triste.

— Triste? — perguntei, tentando captar aquela informação. — Você tem emoções?

— Tenho permissão para melhorar e reforçar de maneira independente os meus circuitos de memória, a fim de simular emoções orgânicas. Isso me permite ter uma interação melhor com os humanos, mas não sou realmente um ser vivo. Minhas sub-rotinas para aflição emocional indicam que devo sentir a perda do meu mestre, mas os bancos de memória que recordam sua aparência e a nossa história juntos estão danificados. Não lembro nada além de seu nome e seu comando final.

— Esconder-se — repeti. — Fazer um balanço e não entrar em brigas.

— A única parte dos meus bancos de memória que parece ter sobrevivido intacta, sem contar as rotinas básicas de personalidade e coisas como uso geral da linguagem, é um banco de dados aberto para registrar formas de vida fungoides neste planeta. Eu gostaria muito de preenchê-lo.

— Fungoides?

— Cogumelos. Por acaso você tem algum que eu possa categorizar?

— Você é um caça furtivo hiperavançado que, de algum modo, tem uma máquina de personalidade embutida... E quer que eu lhe traga alguns cogumelos?

— Sim, por favor — M-Bot confirmou. — Fazer um balanço. Como categorizar formas de vida locais. Tenho certeza de que era disso que ele estava falando.

— Não tenho tanta certeza — respondi. — Parece que você tinha que se esconder de alguma coisa. — Eu me inclinei para o lado, olhando para as asas. — Você tem incineradores duplos em cada asa, juntamente com um dispositivo de lanças de luz embaixo. Isso é o mesmo poder de fogo que temos em nossas naves maiores. Você é uma nave de guerra.

— Certamente que não — M-Bot negou. — Estou aqui para categorizar fungos. Você não ouviu minhas últimas ordens? Não posso me meter em brigas.

— Então por que você tem armas?

— Para atirar em feras grandes e perigosas que possam ameaçar minhas espécies de fungos — M-Bot disse. — É óbvio.

— Isso é estúpido.

— Sou uma máquina, e minhas conclusões, portanto, são lógicas. As suas, por outro lado, são influenciadas pela irracionalidade orgânica. — Ele fez algumas luzes em seu painel piscarem. — É um jeito esperto de dizer que você é estúpida, caso não...

— Eu entendi — falei. — Obrigada...

— De nada!

Soou totalmente sincero. Mas ele era... O quê? Uma “integração robótica”, o que quer que isso fosse? Eu não tinha certeza de quanto podia confiar em sua

honestidade.

Mesmo assim, era uma máquina com uma memória – ainda que danificada – que se estendia por centenas de anos. Talvez pudesse ser a solução para as perguntas que sempre nos fizemos. Por que os Krell seguiam nos atacando? O que eles eram *de verdade*? Nossas únicas representações deles eram reconstruções baseadas na armadura que usavam, já que nunca tínhamos conseguido manter um deles em cativeiro.

Era provável que em algum momento tivéssemos sabido as respostas para essas perguntas, mas, se era assim, esse conhecimento já havia sido perdido oitenta anos antes. Logo depois de cair aqui, a maioria dos oficiais, cientistas e anciãos de nossa antiga frota tinha se reunido em uma caverna subterrânea, presumindo-se que era segura. Recuperaram o antigo arquivo eletrônico da *Desafiadora* e convocaram uma reunião de emergência. Foi quando a primeira destruidora de vida foi lançada, destruindo nossos arquivos e, com eles, quase toda a população mais velha da frota.

Naquela época, os remanescentes do nosso povo se separaram em clãs baseados nos deveres que tinham antes, na frota. Trabalhadores da manutenção dos motores, como a Vozinha e sua família. A equipe responsável pela hidroponia – os gloriosos fazendeiros –, como os ancestrais de Bim. Soldados terrestres, como os parentes de Alvorecer. Eles descobriram, por meio da difícil tentativa e erro, que, se permanecessem em grupos pequenos, com menos de cem pessoas, os sensores dos Krell não seriam capazes de encontrá-los escondidos nas cavernas.

Agora, três gerações mais tarde, aqui estávamos nós. Lentamente lutando para abrir caminho até a superfície, mas com imensos buracos em nossas lembranças e histórias. E se eu pudesse levar o segredo final até a FDD: a solução para derrotar os Krell de uma vez por todas?

Ainda que... fosse improvável que M-Bot tivesse essa resposta. Afinal, se as antigas frotas humanas soubessem como derrotar os Krell, elas não teriam sido levadas à beira da extinção. No entanto, certamente havia algum segredo escondido dentro da mente dessa máquina.

— Consegue disparar suas armas? — perguntei.

— Recebi o comando de evitar brigas.

— Apenas responda — pedi. — Consegue disparar?

— Não — M-Bot respondeu. — O sistema de armas está travado, fora do meu controle.

— Então por que seu piloto ordenou que não entrasse em brigas? Você não é capaz de brigar com ninguém.

— Pela lógica, alguém não precisa ser capaz de *encerrar* uma briga para *começar* uma. Tenho permissão de fazer mínimos movimentos autônomos básicos e, teoricamente, posso acabar entrando em uma batalha ou um conflito. Isso seria

desastroso para mim, já que preciso de um piloto para as funções mais importantes. Posso ajudar, gerando diagnósticos, mas não sou um ser vivo e, assim, não podem confiar em mim com sistemas destrutivos.

— Então eu poderia dispará-las — falei.

— Infelizmente, os sistemas de armas estão off-line, devido a danos.

— Ótimo. O que mais está off-line?

— Além das minhas memórias? Propulsores, anel de aclive, hiperdrive citônico, funções de autorreparo, lança de luz e todas as funcionalidades de mobilidade. Além disso, minhas asas parecem estar dobradas.

— Ótimo. Então nada funciona.

— Meus recursos de comunicação e radar estão funcionando — ele observou. — Assim como o suporte de vida do cockpit e os sensores de curta distância.

— E é isso?

— Aparentemente... Aparentemente, sim. — A nave ficou em silêncio por um momento. — Não pude deixar de notar, por meio dos sensores de curta distância que acabo de mencionar, que você está de posse de alguns cogumelos. Estaria disposta a colocá-los no analisador do meu cockpit para catalogação?

Suspirei, recostando-me em meu assento.

— No devido tempo, claro. Eu, sendo um robô, não tenho noção de coisas frágeis como a impaciência humana.

Então, o que eu faço?

— Mas seria bom se fosse logo.

Duvido que eu seja capaz de consertar esta coisa sozinha, pensei. Será que eu devia ir até a FDD e contar o que descobri? Teria que revelar o roubo da matriz de energia. E, claro, eles nunca me deixariam ficar com a nave. Ir até a FDD com aquilo significaria, essencialmente, embrulhar essa nave para presente e entregá-la à mesma almirante que estava tentando fazer o possível para arruinar a minha vida.

— Eles realmente parecem belos cogumelos.

Não. Eu *não* entregaria aquela descoberta a Ironsides, pelo menos não sem pensar melhor. Mas, se eu ia tentar consertar essa nave, pelo menos precisava de ajuda.

— Não que eu precise de uma afirmação de algum tipo, já que minhas emoções são meras simulações... mas você está me ouvindo, certo?

— Estou ouvindo — respondi. — Só estou pensando.

— Isso é bom. Eu não gostaria de ser mantido por alguém que não tivesse funções cerebrais.

Foi naquele momento que tive a terceira ideia terrível em poucos dias. Sorri.

Talvez houvesse um jeito de conseguir ajuda para os reparos: alguém que tinha mais “funções cerebrais” do que eu.

Aproximadamente uma hora e meia mais tarde – bem depois do toque de recolher –, eu estava pendurada de cabeça para baixo com minha linha de luz do lado de fora da janela de Lad, no terceiro andar do complexo de apartamentos onde ele morava, em Ígneo. Ele estava lá dentro, dormindo em seu catre. Lad tinha seu próprio quarto, o que sempre achei um luxo. Seus pais foram considerados exemplares em todas as seis métricas parentais e receberam abrigo para muitos filhos, mas, ironicamente, Lad era o único que acabaram tendo.

Bati na janela, com meu cabelo balançando enquanto eu estava pendurada ali. Então, bati de novo. Depois, um pouco mais alto. Fala sério; não faz tanto tempo desde a última vez que fiz isso.

Por fim, o dorminhoco despertou, e a claridade que atravessava a janela – vinda da minha linha de luz – delineou seu rosto pálido e olhos turvos. Ele piscou ao me ver, mas não pareceu nem um pouco surpreso enquanto atravessava o aposento e deslizava o painel da janela para o lado.

— Oi — ele falou. — Você demorou demais.

— Demorei demais?

— Para vir até aqui e tentar me convencer a voltar. O que não vou fazer. Eu ainda não tenho tudo decidido, mas continuo tendo a certeza de que não...

— Ah, cale a boca — sussurrei. — Pegue seu macacão. Preciso mostrar uma coisa a você.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Isso é sério — falei. — Você vai surtar quando eu te mostrar.

Só para me deixar louca, ele se recostou no batente da janela, olhando para mim enquanto eu ficava pendurada de cabeça para baixo – o que não era fácil, veja bem.

— Já é quase meia-noite, Spin.

— Vai valer a pena.

— Você vai me arrastar para alguma caverna, não é? E eu não vou voltar antes de duas ou três da manhã.

— Se tiver sorte.

Ele suspirou profundamente, depois pegou o macacão.

— Você sabe que é a amiga mais estranha que já tive?

— Ah, vai. Não adianta fingir que tem outros amigos.

— O estranho é que meus pais nunca conseguiram me dar um irmão — ele comentou. — Mesmo assim, acabei arranjando uma irmã que me mete em encrencas o tempo todo.

Sorri.

— Encontro você lá embaixo — falei e, em seguida, fiz uma pausa. — *Surtar*, Lad. Confie em mim.

— Tá, tá. Me dê um minuto para escapulir dos meus pais. — Ele puxou as cortinas, e eu desci até a rua, onde aguardei impaciente.

Ígneo era um lugar estranho à noite. O maquinário funcionava o tempo todo, claro. *Dia* e *noite* eram apenas palavras por ali, embora ainda usássemos os termos. Havia um ciclo mandatório de silêncio – durante o qual os alto-falantes da caverna não tocavam nenhum anúncio ou discurso – e um toque de recolher para aqueles que não estivessem no último turno. Mas ninguém prestava atenção enquanto você caminhava pelas ruas, se cuidasse de sua vida. Por padrão, em Ígneo presumia-se que todo mundo estava fazendo algo útil.

Lad me encontrou no nível da rua, como prometido, e seguimos pela caverna, passando pelo mural de mil pássaros em voo, cada um dividido ao meio por uma linha, as duas metades levemente deslocadas uma da outra. Os pássaros voavam até um sol vermelho alaranjado, que não dava para ver lá em cima.

Nossos broches de cadete nos deram permissão para passar pelos guardas e entrar nos túneis. Enquanto seguíamos por um dos caminhos mais fáceis, Lad me contou o que estivera fazendo nas últimas semanas. Seus pais haviam ficado felizes por ele ter desistido; todo mundo sabia como era perigoso ser piloto.

— Eles ficaram orgulhosos, claro — Lad comentou, grunhindo enquanto subia por alguns destroços comigo. — Todo mundo me trata de um jeito bem estranho depois que vê o broche. Tipo, eles ouvem o que eu falo e me dizem que as minhas ideias são boas... mesmo quando não são. As pessoas abrem caminho para mim, como se eu fosse alguém importante.

— Você é.

— Não. Tenho a mesma importância que tinha antes. — Ele balançou a cabeça. — Mas encontrei uma dúzia de ofertas de trabalhos diferentes esperando por mim, e me deram dois meses para decidir.

— *Dois meses?* — repeti. — Sem trabalho nem escola? Tempo livre?

— Sim. A senhora Vmeer fica tentando me empurrar para a política.

— Política — falei, quase parando no túnel. — *Você*.

— Nem me diga — ele suspirou e se sentou em uma rocha ali perto. — Mas e se ela estiver certa? Eu não deveria ouvi-la? Todo mundo acha que política é a melhor coisa que alguém pode fazer na vida. Talvez eu deva fazer o que dizem.

— Mas o que *você* quer?

— Agora você se importa com isso? — ele perguntou.

Estremeci, e Lad afastou o olhar, corando profundamente.

— Me desculpe, Spin. Isso não foi justo... Eu não tenho sido justo. Com você, quero dizer. Escolhi estudar para o teste de piloto, você não me obrigou. E, sim, seus sonhos meio que consumiram os meus... Mas isso aconteceu em grande parte porque eu não tinha os meus próprios sonhos. Não sonhos de verdade.

Ele se acomodou na rocha, com as costas na parede, olhando para o teto do túnel.

— Eu fico pensando: e se acontecer de novo? E se eu me deixar animar por um trabalho e depois descobrir que sou *completamente* inadequado para ele? Fracassei em voar, certo? E se eu continuar falhando?

— Lad — falei, segurando-o pelo braço. — O problema não é que você seja inadequado para o que escolheu. O problema é o mesmo de sempre. Você simplesmente é muito bom em várias coisas diferentes.

Ele me olhou.

— Você realmente acredita nisso, Spin?

— Claro que sim. Quero dizer, sim, você decidiu que voar não era para você... Mas acho que, se você por acaso falhou, isso não quer dizer que irá falhar com frequência. Acontece que você se recusa a admitir o que todo mundo vê. O fato de que você é incrível.

Ele sorriu. E ver Lad sorrir era bom. Aquilo me lembrava nossa época de criança, quando uma pária e um garoto que sofria bullying ficaram amigos, contra todas as expectativas.

— Você vai me arrastar para alguma coisa de novo, não vai? — ele perguntou. — Para alguma coisa ridícula?

Hesitei.

— Sim... Provavelmente.

— Tudo bem — ele falou, levantando-se. — Acho que estou dentro. Vamos ver o que é essa sua surpresa.

Seguimos em frente, subindo até a fenda na superfície. Eu o guiei até a entrada da minha casa improvisada, e aí fiz Lad se segurar em mim enquanto descíamos, já que, bem, as chances de ele escorregar e cair eram muito grandes. Ele era realmente incrível em uma tonelada de coisas, mas eu já tinha visto meu amigo derrubar não menos do que oito livros no dedão do pé enquanto estudava, e só no ano passado.

— É melhor que isso não tenha nada a ver com ratos, Spin — ele disse quando aterrissamos. — Sei que você é louca por eles, mas...

Eu acendi a iluminação da minha linha de luz para mostrar a nave. Como se estivesse coordenado com a minha revelação, M-Bot acendeu seu painel e suas luzes. Eu já tirara grande parte dos destroços e, com aquela luz, a nave não parecia tão mal. Quebrada, sim, com uma asa dobrada. Mas totalmente diferente de qualquer coisa que tínhamos na FDD.

Lad arfou, com a boca aberta quase até o chão.

— Bem? — perguntei. — O que você acha?

Como resposta, ele se sentou em um pedregulho próximo e, ainda encarando a nave, deu uma estremecida.

— Bem — observei —, eu disse que você ia *surtar*. Mas vou aceitar isso.

18

Não dormi muito naquela noite.

Passei algumas horas ajudando Lad a examinar M-Bot, já que ele queria conferir cada centímetro do dano. Depois de um tempo, no entanto, comecei a dar umas pescadas. Lad ainda estava firme e forte, então me deitei sobre um tapete e usei Sangrador como travesseiro.

Cada vez que eu cochilava, acordava ouvindo Lad conversar com a nave.

— Então... você é uma máquina, mas pode pensar.

— Todas as máquinas "pensam", pois executam respostas para uma entrada de dados. Eu sou apenas muito mais complexo nas respostas executadas e nas entradas que posso reconhecer...

Mais um cochilo.

— ... pode nos explicar o que está errado?

— Meus bancos de memória estão com defeito, por isso não posso oferecer mais do que explicações superficiais... Mas talvez elas sejam suficientes.

Eu virei de lado e mergulhei novamente no sono.

— ... não sei de onde sou, embora um fragmento de memória implique que fui criado por seres humanos. Não tenho certeza de que existem outras espécies de vida sapientes. Acredito que já pude responder isso...

Lá pelas seis da manhã, esfreguei os olhos e me sentei. Lad estava deitado sob um painel de acesso aberto, mexendo em alguma coisa embaixo da nave. Eu desabei ao lado dele, bocejando.

— E então?

— É incrível — ele disse. — Já falou para Cobb sobre isso?

— Ainda não.

— Por que a demora? Quero dizer, e se essa coisa puder fazer a diferença na luta contra os Krell?

— Teoricamente, os humanos tinham essa coisa quando lutaram pela primeira vez contra os Krell — comentei. — E não os ajudou.

— Vale ressaltar — M-Bot falou — que a "coisa" está escutando.

— E? — perguntei para a nave, bocejando mais uma vez.

— E, em geral, é considerado falta de educação entre os humanos falar de alguém que está presente como se não estivesse.

— Não entendo você, M-Bot — Lad comentou, sentando-se. — Você diz que não se importa com coisas como essa, certo?

— Obviamente que não. Sou uma máquina lógica, com apenas um fino verniz de emoções simuladas.

— Ok — Lad disse. — Isso faz sentido.

— Ainda assim é rude — M-Bot acrescentou.

Olhei para Lad e gesticulei na direção do cockpit.

— Então, nós temos uma nave estelar mágica falante com tecnologia misteriosa. Quer me ajudar a consertá-la?

— Por nossa conta? — Lad perguntou. — Por quê?

— Para que possamos ficar com ela. E *voar* nela.

— Você está na FDD agora, Spin! Não precisa de uma nave ultrapassada e quebrada.

— Ainda estou aqui — M-Bot observou. — Só estou dizendo.

Eu me inclinei para frente.

— Lad, não estou na FDD. Estou na classe de Cobb.

— E daí? Você vai se formar. Não importa se poucas pessoas costumam se graduar... Você será uma delas.

— E depois? — perguntei, sentindo frio... Expressava, ali, um medo que nunca tinha externalizado antes, mas que me assombrava desde o primeiro dia. — Cobb diz que pode deixar quem ele quiser na sua classe, mas se eu passar? A autoridade dele acaba ali, Lad.

Meu amigo olhou para a chave de fenda em sua mão.

— Tenho medo de que a almirante me negue uma nave — confessei. — Fico preocupada com a possibilidade de ela achar alguma razão minúscula para me chutar de lá, assim que Cobb não puder mais me proteger. Fico preocupada de perder isso, Lad. O céu. — Olhei para a nave, brilhando com as luzes acesas em sua lateral. — Ela é velha, sim, mas também é a minha liberdade.

Ele ainda parecia cético.

— Pense em como vai ser divertido — comentei. — Remexer dentro de uma nave antiga. Pense nos mistérios que vamos descobrir! Talvez M-Bot tenha uma tecnologia ultrapassada, mas talvez não. Não seria divertido pelo menos tentar consertá-lo nós mesmos? Se não funcionar, podemos entregar a nave depois.

— Tudo bem — Lad concordou. — Tudo bem, pare de querer me convencer. Vou tentar, Spin.

Sorri para ele.

Lad olhou para a nave.

— Me preocupa que isso esteja além do que podemos fazer. Esses propulsores estão destruídos. Não dá simplesmente para remendar algo assim. Tenho certeza de

que há outras partes que precisariam ser substituídas ou consertadas com ferramentas que não temos. — Ele pensou por um instante. — Embora...

— O quê? — perguntei.

— Um dos trabalhos que me ofereceram — ele contou — é no Corpo de Engenharia, com as pessoas que supervisionam o conserto dos caças estelares. E as pessoas que desenvolvem novos projetos. Eles têm os melhores laboratórios, os melhores equipamentos...

Assenti, ansiosa.

— Isso parece perfeito.

— Eu estava pensando mesmo em aceitar a oferta deles — ele disse. — Eles me disseram que eu podia dar uma passada lá nesses dois meses, fazer um estágio, conhecer as oficinas... Ficaram muito impressionados com a minha pontuação no teste e com o meu conhecimento de esquemas e engenharia avançada.

— Lad. Isso. É. *Maravilhoso*.

— Não estou prometendo nada — ele prosseguiu. — Mas, bem, talvez se eu fizer as perguntas corretas para eles, possa conseguir que me mostrem como consertar algumas partes do M-Bot. Terei que fazer isso sem levantar suspeitas. Mesmo assim, ainda vamos precisar de peças sobressalentes. E de pelo menos um propulsor de tamanho padrão.

— Vou dar um jeito de encontrar um.

— Só não me conte como vai fazer isso — ele observou. — Talvez, quando essa coisa explodir na nossa cara, eu possa alegar que não sabia nada sobre os roubos que você aparentemente vai cometer.

— Um pequeno decalque na matriz de energia diz “propriedade da família Weight” — M-Bot disse, prestativo. — Parece ter sido arrancado, de modo bem grosseiro, de um pequeno chassi. Acabamento azul, a julgar pela pintura arranhada no canto.

Lad suspirou.

— O carro de Jorgen? Sério?

Forcei um sorriso.

— O estágio vai me tomar uma parte do dia — ele falou, coçando o queixo. — Mas devo conseguir dedicar o resto do tempo a isso, se for necessário. Terei que falar alguma coisa para os meus pais.

— Diga que o estágio é superexigente — sugeri. — E que vai ocupar a maior parte do seu tempo.

— Mas — M-Bot falou — isso não é verdade, é?

— Não — respondi. — Quem se importa?

— Eu me importo — a máquina afirmou. — Por que você diria algo que não é verdade?

— Você consegue simular emoções, mas não mentiras? — comentei.

— Parece que... perdi alguns códigos — M-Bot disse. — Curioso. Ah, que fungo interessante!

Franzi o cenho e então olhei para o lado, onde Doomslug estava sobre uma rocha.

— Caramba — Lad exclamou. — Tem umas coisas bem esquisitas aqui perto da superfície. — Ele estremeceu. — Você pode... dar um jeito nessa coisa?

— Essa "coisa" se chama Doomslug — falei. — E é minha mascote. Não a machuque enquanto eu estiver fora. — Me afastei, pegando a minha mochila. — Preciso ir para a aula. Você já vai lá para baixo?

— Não — Lad respondeu. — Eu suspeitava que ficaria fora por um tempo, então deixei um bilhete para os meus pais, dizendo que ia a uma entrevista de emprego. Vão supor que me levantei antes deles. Posso descer mais tarde... Quero dar uma olhada nessa fiação primeiro.

— Ótimo — comentei. — Se ainda estiver aqui quando eu voltar da aula hoje, eu o ajudarei nos reparos. Caso contrário, deixe algumas anotações, dizendo o que posso fazer para ajudar. — Hesitei. — Lembre-se, sou meio imbecil nessas coisas. Então, talvez você queira me deixar as tarefas fáceis, porém chatas.

Lad sorriu mais uma vez, acomodando-se em uma rocha enquanto olhava para M-Bot. Havia uma luz em seus olhos, a mesma que eu me lembrava de ver quando começamos com nossos planos de nos tornarmos pilotos. Naquele momento, ao ver Lad assim mais uma vez, tive a primeira impressão real de que aquilo poderia dar certo. De algum modo, esse plano poderia dar certo.

— Espere — M-Bot me chamou. — Você vai me deixar com ele?

— Eu volto à noite — prometi.

— Entendo. Será que você pode vir até o cockpit para que possamos falar em particular?

Olhei para a nave, franzindo o cenho.

— Eu não quero explicar em público por que gosto mais de você do que do engenheiro — M-Bot acrescentou. — Se me ouvisse elencar em detalhes suas falhas irrecuperáveis, ele poderia se sentir deprimido ou desanimado.

— Bem, essa parte vai ser adorável — Lad comentou, revirando os olhos. — Talvez possamos achar um jeito de desligar a sua personalidade.

Entrei no cockpit. O dossel desceu e foi trancado com um som de vácuo.

— Está tudo bem — falei para M-Bot. — Lad é gente boa. Ele vai cuidar de você.

— Eu estou, é claro, apenas emulando o modo como os humanos escolhem seus favoritos de maneira irracional. Mas você poderia não ir, por favor?

— Sinto muito. Tenho que aprender a lutar contra os Krell. — Eu hesitei, diante do tom de voz do robô. — Qual é o problema? Eu já falei, Lad é gente...

— Estou disposto a aceitar que ele seja, pelo menos até que as evidências provem o contrário. Isso é um problema: parece que perdi meu mestre.

— Eu posso ser a sua nova mestra.

— Não posso mudar de mestre sem os códigos de autenticação apropriados — ele explicou. — E acabo de perceber que não me lembro deles. O problema, no entanto, é maior do que esse simples fato. Eu não lembro da minha missão. Eu não sei nem de onde vim. Não sei meu propósito. Se eu fosse humano, estaria... assustado.

Como eu responderia a isso? Uma nave estelar assustada?

— Não se preocupe — disse. — Nós lhe daremos um novo propósito: destruir os Krell. Você é um caça, M-Bot. Tenho certeza de que seu nome vem de algo excitante. Mad-Bot... Mutilador-Bot, Massacre-Bot. Disso, tenho certeza. Você é uma nave mortal, assustadora e poderosa, projetada para fritar os Krell e salvar a humanidade.

— Eu não me sinto muito assustador — ele comentou. — Não me sinto uma nave mortal.

— Vamos cuidar disso — prometi. — Confie em mim.

— E posso ter certeza de que essas palavras não são... uma mentira? Como a que vai ser contada para os pais do engenheiro?

Bem. Aquilo se virou contra mim mais rápido do que eu esperava.

— Eu preciso pedir para você — M-Bot falou, agora com mais suavidade — não falar para mais ninguém sobre mim. Presumi que tinha entendido isso mais cedo, quando expliquei as minhas ordens. Suponho que "esconda-se" é um coloquialismo para manter-se discreto. Você não deveria ter falado sobre mim para o engenheiro.

— Se eu não tivesse feito isso, como poderíamos consertar você?

— Eu não sei. Spensa, sou uma inteligência artificial... Um computador. *Preciso* obedecer às minhas ordens. Por favor. Você *não pode* me entregar para sua FDD. Não deve falar de mim para mais ninguém.

Bem, aquilo seria um problema. Eu queria conseguir fazer aquela coisa voar e, assim que isso acontecesse, eu poderia ajudar na luta contra os Krell. E, se não pudéssemos consertá-lo... Bem, eu precisaria entregá-lo. Independentemente do que eu pensava de Ironsides, eu não deveria manter essa nave escondida para sempre. Não se ela pudesse significar a diferença entre a sobrevivência e a extinção da humanidade.

Eu estava prestes a abrir a boca para argumentar com M-Bot quando um conjunto de luzes começou a piscar no painel.

— Incursões múltiplas na atmosfera foram detectadas por meus sensores de alcance curto — M-Bot disse. — Detritos começaram a cair no planeta, com quarenta e três naves atrás deles.

— Quarenta e três? — perguntei, olhando para a leitura do sensor. Aparentemente, alcance curto para ele era algo bem longo para nossos padrões. — Uau! Você consegue localizá-los, mesmo com a queda dos detritos?

— Com facilidade.

Isso já provava que a FDD poderia usar sua tecnologia. Nossos scanners não eram tão precisos assim. Saber disso me deixou imediatamente desconfortável.

Mas quarenta e três Krell? O máximo que eles tinham era uma centena de naves, então essa era uma força impressionante. Apertei o botão para abrir o dossel e, saí do cockpit, pulando em uma rocha.

— Krell — falei para Lad. — Uma esquadrilha grande.

— Estamos em perigo aqui?

— Não, eles estão vindo de outra direção. Mas os cadetes estão treinando há tempo suficiente, agora que Ironsides começou a enviá-los como unidades de apoio real durante os combates. A Esquadrilha Tempestade foi mandada há dois dias.

— Então...

— Então é melhor eu ir. Só por garantia.

19

Comecei a correr.

Um sentimento de ansiedade crescia dentro de mim enquanto eu ouvia os sons distantes dos detritos caindo. De algum modo, eu sabia que Ironsides mandaria a minha esquadrilha para enfrentar aquele ataque. Ela gostava de testar os cadetes em experiência real de combate, e minha equipe estava avançada o suficiente no treinamento, a ponto de Cobb nos advertir de que logo seríamos enviados para algumas batalhas de verdade.

Era a nossa vez. A hora chegara. Por isso, me obriguei a dar um trote apressado, no começo, e depois uma corrida pelo solo empoeirado.

O suor escorria pelas laterais do meu rosto, e senti uma horrível sensação de inevitabilidade quando me aproximei da base, onde as sirenes de alarme soavam. Não medo, na verdade, mas *pavor*. E se eu chegasse tarde demais? E se os outros fossem para a batalha sem mim?

Entrei na base e contornei a parede externa em direção à plataforma de lançamento. Uma única nave estava parada ali, sozinha. Eu estava certa.

Alcancei a minha nave coberta de suor, empurrando a escada para o lugar enquanto vários membros da equipe de solo notaram a minha presença e começaram a gritar.

Uma delas chegou a tempo de segurar a minha escada.

— Por onde você andava, cadete? — ela gritou para mim. — O resto da sua esquadrilha decolou há vinte minutos!

Balancei a cabeça, entrando no cockpit, exausta demais para falar.

— Não vai colocar o traje de pressão? — a moça da equipe de solo me perguntou.

— Não dá tempo.

— Tudo bem. Então não faça subidas acentuadas. Você tem autorização para ir. Contate seu líder de voo e vá.

Assenti e coloquei o capacete. Ele tinha os mesmos caroços estranhos do lado de dentro, assim como o capacete da sala de treinamento, para medir o que quer que quisessem medir em mim. Sintonizei na banda de rádio da esquadrilha enquanto o dossel fechava.

— ... Não deixem que os nervos tomem conta de vocês — o Babaca estava dizendo no rádio. — Fiquem focados, observem seu companheiro de voo. Ouviram Cobb. Não temos que atirar. Devemos apenas nos concentrar para evitar que sejamos transformados em restos.

— Como é? — perguntei. — O que está acontecendo?

— Spin? — o Babaca perguntou. — Por onde andou?

— Na minha caverna! Onde mais eu estaria? — Acionei o anel de aclive e decolei a nave. As forças g me atingiram, e meu estômago pareceu querer sair pelos dedos dos meus pés. Diminui a velocidade da subida. — Repita essa parte para mim. Estamos indo para a batalha? Não está falando da extremidade do combate?

— Parece que a almirante quer nos mandar para a batalha! — Bim confirmou, ansioso.

— Contenha-se, Bim — o Babaca disse. — Spin, estamos em 11.3-302,7-21000. Venha para cá o mais rápido que puder. Ironsides ordenou que nos posicionássemos como uma pequena força ao lado de uma esquadrilha de pilotos formados. Estaremos lá para confundir o inimigo e, com sorte, dividir sua atenção.

Em outras palavras, estamos sendo enviados como alvos, pensei, secando a mão no macacão, com meu coração batendo forte e o suor deixando meu rosto grudento. *Ou* eles *foram enviados. Sem mim.*

Não por muito tempo.

Empurrei o acelerador para frente, indo em velocidade máxima. As cápsulas de gravidade me protegeram por três segundos, e logo fui esmagada contra o meu assento. Mas eu podia suportar forças g como essas desde que elas me empurrassem para trás. Não era uma sensação agradável, porém eu não corria o risco de desmaiar. Só tinha que acelerar e depois subir com cuidado usando o anel de aclive.

Rapidamente alcancei Mag-10, que era a velocidade máxima para um Poco, pelo menos com segurança. Mesmo isso era ir além dos limites. Os coletores atmosféricos – que empurravam o ar ao redor da nave, como se ela estivesse em uma bolha, impedindo que minhas asas fossem arrancadas durante as manobras – estavam sobrecarregados, e minha nave sacudia com o movimento. A fricção da resistência do ar fez meu escudo normalmente invisível começar a brilhar.

Eu subia também, mas com cuidado, devagar, já que as forças g naquela direção ameaçavam me apagar. Subir forçava meu sangue para os pés. Fiz os exercícios de prender o estômago que haviam me ensinado na centrífuga de treinamento, mas mesmo assim a escuridão começou a avançar pelas extremidades da minha vista.

Eu me mantive firme, pressionada por seis vezes meu peso normal. Embora o voo fosse curto, eu tinha que ouvir meus amigos na batalha durante todo o percurso.

— Com cuidado, Arrojada. Não vá com muita ansiedade.

— Um deles está atrás de mim! Tem um atrás de mim!

— Desvie, FM!

— Desviando! Desviando! Caramba, quem era aquele?

— Tempestade Noturna Seis. É meu irmão, pessoal! Codinome: Suspiro. FM, você me deve umas fritas ou algo assim.

— À sua direita! Arturo, olhe para cima!

— Olhando! Pelas estrelas! Que confusão!

Por fim, um bipe tocou no meu painel, indicando que eu estava me aproximando das coordenadas desejadas. Soltei a alavanca de altitude e, em seguida, realizei uma desaceleração rápida. Em um Poco com coletores atmosféricos, aquilo significava *girar* a minha nave no ar acionando as cápsulas de gravidade e, na sequência, ligar os propulsores para trás, diminuindo a velocidade.

Cheguei logo depois de reduzir a Mag-1, a velocidade padrão para combate aéreo. Girei meu Poco, encarando o campo de batalha, onde luzes distantes brilhavam no céu escuro da manhã. Os detritos caíam como riscos vermelhos.

— Estou aqui — disse para os outros.

— Vá ajudar Alvorada! — Jorgen gritou para mim. — Consegue vê-la?

— Estou procurando! — falei, frenética, analisando a tela do meu sensor de proximidade. *Ali*. Coloquei a velocidade máxima, acelerando em sua direção.

— Pessoal — disse, olhando para o scanner. — Alvorecer está sendo perseguida!

— Eu já vi — o Babaca falou. — Alvorecer, você vê?

— Tentando. Tentando desviar.

Minha nave gritava na direção do campo de batalha. Eu agora podia ver os caças individuais, em uma bagunça rodopiante misturada com disparos de incinerador e ocasionais lanças de luz. O Poco de Alvorecer avançou em uma curva aberta, seguido por três naves Krell.

Quase lá. Quase lá!

Os incineradores dos Krell dispararam. Acertaram. Acertaram de novo. E então...

Um clarão de luz. Um jorro de faíscas.

E Alvorecer morreu, em meio a uma grande explosão. Ela não teve nem a chance de ejetar.

Kimmalyn gritou. Era um som agudo, de pânico, de dor.

— Não! — o Babaca exclamou. — Não, não, *não!*

Cheguei voando em Mag-3, rápido demais para manobras padrão de combate aéreo. Mesmo assim, consegui acertar uma das naves Krell com a minha lança de luz. Mas era tarde demais.

As fagulhas de fogo do que antes fora Alvorecer sumiram, caindo.

Girei e reverti meu impulso, soltando a lança de luz e arremessando a nave Krell para o lado. Outro dos nossos caças apareceu logo depois, atirando e conseguindo destruí-la.

Parei ao lado do Babaca, sufocando em silêncio meus próprios gritos. Ele tinha perdido seu companheiro de voo. Onde estava Arturo?

Eu não conseguia ver nenhuma estratégia na briga. Minha esquadrilha seguia em todas as direções, disparando, sim, mas também ajudando a aumentar a confusão. Algumas classes maiores de caças da FDD percorriam todo o campo de batalha, misturadas com algumas dezenas de naves Krell, cada uma delas arrastando os cabos com aquele mesmo jeito inacabado.

Eu estava chorando. Mas travei a mandíbula e segui ao lado de Jorgen. Com habilidade, ele acertou uma nave Krell com a lança de luz e, quando o inimigo tentou escapar, eu a lancei também.

— Detritos, Jorgen — eu disse. — Vindo às duas horas, caindo lentamente.

— Certo. — Nós dois aceleramos, como Cobb nos ensinara, e puxamos a nave Krell na direção dos detritos, em uma explosão feroz.

— O que vocês dois estão fazendo? — Cobb falou pelo rádio. — Receberam ordens para manter postura defensiva.

— Cobb! — esbravejei. — Alvorecer...

— Mantenha a cabeça no lugar, garota! — ele gritou. — Você terá tempo para lamentar quando os detritos pararem. Agora, obedeça às ordens. *Postura. Defensiva.*

Rangi os dentes, mas não discuti, seguindo Jorgen enquanto ele percorria as trilhas de fumaça deixadas pelos pedaços de detritos que caíam. Vi o que pareciam ser Arturo e Nedd à minha direita, ultrapassando-se sem parar com rápidas acelerações e desacelerações, evitando assim que o inimigo se concentrasse em um dos dois. Aquele tipo de técnica confundia os Krell, assim como sobrecarregá-los com alvos.

Alvorecer...

— Flácida? — Jorgen chamou. — O que está fazendo?

Percebi que ainda conseguia ouvir o choramingo baixo de dor de Kimmalyn pelo rádio. Procurei no scanner e localizei um único Poco – sem um companheiro de voo – pairando perto do perímetro da batalha.

— Flácida, saia daí! — Jorgen disse. — Você é um alvo fácil. Venha para cá.

— Eu... — Kimmalyn falou. — Eu estava tentando mirar o tiro. Eu ia salvá-la...

— *Volte para a batalha!* — Jorgen gritou. — Cadete, acelere e venha para cá!

— Vou dar cobertura para ela — falei, preparando-me para parar quando passamos por dois Krell vindo em outra direção. Tantas faíscas e tiros de

incineradores iluminavam o céu que eu quase me sentia novamente em Ígneo, engolida por uma forja.

— Não — Jorgen disse para mim. — Você vê Bim? Às oito horas? Dê cobertura para ele. Vou dar um jeito em Kimmalyn.

— Entendido. — Acelerei para baixo e para a esquerda, e as cápsulas de gravidade cobriam as forças g da curva rápida. Enquanto eu me movia, no entanto, um ponto no meu painel se acendeu: uma luz de aviso violeta próxima ao meu sensor de proximidade.

Eu estava sendo seguida.

Embora quase não tivéssemos praticado combate aéreo, o treinamento de Cobb veio no mesmo instante à minha mente. *Confie no scanner. Não perca tempo tentando conseguir confirmação visual. Mantenha o foco no voo*.

— Spin! — FM gritou. — Você está sendo seguida!

Eu já estava colocando a minha nave em posição para uma curva evasiva, contando com as cápsulas de gravidade para encarar as forças g. Alguma coisa *clicou* imediatamente em minha cabeça. O treinamento, o jeito como meu rosto ficou gelado, o jeito como minha mente se manteve concentrada apesar da fadiga, do estresse e da dor. Era quase como se não importasse se um Krell estava ou não me seguindo de fato. Naquele instante, éramos apenas a nave e eu. Extensões uma da outra.

Troquei a curva por um mergulho direto, depois cortei de lado e arremessei uma lança de luz perfeita em um pedaço de detrito que caía. Não fui rápida o bastante e, quando minhas cápsulas de gravidade pararam de funcionar, as forças g me esmagaram em meu assento. Eu vi a escuridão avançar pelo canto dos olhos, mas aguentei firme.

Girei rapidamente ao redor e desviei de outro pedaço de detrito, arrastando sua fumaça em meu caminho. Segui, então, direto por entre duas naves Krell que vinham na outra direção. Meu perseguidor me perdeu de vista, e captei um clarão de explosão atrás de mim quando um dos pilotos o acertou enquanto ele tentava me localizar novamente.

— Boa manobra, Spin — Cobb falou baixinho em meu ouvido. — Excelente manobra, na verdade. Mas não chame muito a atenção. Lembre-se da simulação. Movimentos chamativos fazem com que você seja morta.

Assenti, embora ele não pudesse me ver.

— Bim está na posição de dez horas agora, uma e quinze para cima. Vá até ele. Aquele garoto é muito ansioso.

Como se estivesse esperando a deixa, a voz de Bim entrou na linha da esquadrilha.

— Pessoal? Vocês viram isso? Em cima e diante de mim?

Havia um tiroteio maior acontecendo ao longe; tínhamos recebido a ordem de nos juntar ao menor dos dois combates. Eu conseguia distinguir as faíscas caindo e os disparos perdidos de incinerador na batalha maior, mas não achava que fosse isso que Bim estivesse nos indicando.

Quando parei ao seu lado, consegui ver: uma nave Krell, mas de um modelo diferente dos caças curvados. Essa era bulbosa, como uma fruta bojuda com asas em cima. Ou... Não, aquela nave estava voando com alguma coisa imensa presa sobre ela.

Um bombardeiro, percebi, lembrando dos meus estudos. *Carregando uma destruidora de vida.*

— Destruidora de vida — Jorgen disse. — Cobb, nós confirmamos a visão de uma bomba destruidora de vida.

— As bandas de rádio das outras esquadrilhas também estão falando isso — Cobb disse. — Deixe-me solicitar ordens e dizer para eles que vocês têm confirmação visual.

Bim considerou isso uma confirmação.

— Está comigo, Spin?

— A cada passo — falei. — Vamos lá.

— Esperem, cadetes — Cobb ordenou. — Há algo de estranho nessas descrições. Podem confirmar? Essa bomba parece maior do que o normal.

Bim já não estava ouvindo. Eu vi pela janela do cockpit quando ele seguiu na direção do bombardeiro solitário, que tinha, seguindo o protocolo usual dos Krell, voado até baixa altitude para tentar passar abaixo do alcance da artilharia antiaérea.

— Algo está errado — Cobb repetiu.

Um grupo de sombras se separou das laterais do bombardeiro: naves Krell menores, quase invisíveis na escuridão. Quatro delas.

Elas iluminaram o céu com disparos vermelhos de incinerador. Um deles roçou em meu dossel, fazendo o escudo crepitar com a luz. Meus nervos saltaram, e eu virei a nave, por instinto, para o lado.

— Cobb — eu disse. — Quatro naves-escolta saíram do bombardeiro!

As naves se aproximaram de nós rapidamente. Eu me esquivei com dificuldade, com as mãos suadas nos controles.

— São mais rápidas do que naves normais Krell!

— Isso é novo — Cobb comentou. — Recuem, vocês dois.

— Eu posso acertá-la, Cobb! — Bim disse. A luz de seu incinerador brilhou na frente da nave quando ele disparou um tiro de longa distância.

As quatro naves guardiãs se voltaram em nossa direção, atirando novamente.

— Bim! — gritei.

Eu tinha quase certeza de que o vi olhando em minha direção, percebendo a luz refletida no visor do seu capacete, segundos antes que o disparo atingisse sua nave, sobrecarregando o escudo com fogo concentrado.

O caça de Bim explodiu em vários pedaços grandes, um dos quais acertou a minha nave. Fui jogada de lado quando meu Poco começou a rodopiar. Ouvi Flácida gritando meu nome enquanto o mundo girava. As luzes do meu painel enlouqueceram, o aviso de "escudo desarmado" tornou-se estridente.

As forças g me atingiram quando as cápsulas de gravidade ficaram sobrecarregadas. A náusea me invadiu e tudo se tornou um borrão. Mas meu treinamento ainda funcionou. De algum modo, puxando a esfera de controle com força, consegui acertar os controles de mergulho, que giraram meu anel de aclive na articulação dianteira, como uma escotilha que se abria. A peça se inclinou na direção do nariz da nave, e a manobra me tirou da queda livre. O mundo se endireitou, e eu fiquei pairando ali, com o nariz apontado direto para o chão.

As luzes piscavam no meu painel. Lá embaixo, vi quando os restos de Bim atingiram a superfície, em uma sequência de explosões fracas.

Ele não... Ele não chegou a escolher um codinome.

— O inimigo está desistindo! — Nedd disse. — Parece que já tiveram o bastante!

Ouvi, entorpecida, os outros relatórios. Um grupo de pilotos formados foi atrás do bombardeiro e, em vez de arriscar perderem a arma, os Krell preferiram um recuo total.

O bombardeiro escapou, assim como naves suficientes para impedir que a almirante nos mandasse persegui-los.

Eu fiquei parada ali, sob o brilho azul do anel de aclive, uma luz fria e sem vida diante de mim.

— Spin? — Jorgen me chamou. — Reporte. Você está bem?

— Não — sussurrei, mas por fim reiniciei meu anel de aclive, girando a nave até o eixo padrão. Canalizei energia para a ignição do escudo, esperei até que as luzes se acendessem. Então, segurei a alavanca e a empurrei para trás.

Entrei em formação com os demais.

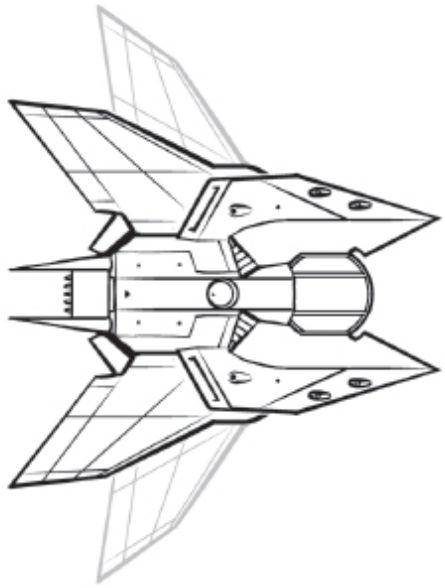
— Confirmação vocal de status — Jorgen ordenou.

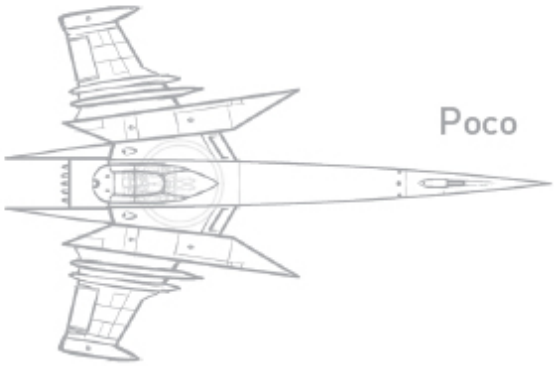
Respondemos, e todos os demais ainda estavam ali. Mas, quando voamos de volta à base, nossa formação tinha dois buracos. Bim e Alvorecer haviam partido.

A Esquadrilha Celeste fora reduzida de nove para sete.

Outros **Designs de Naves**

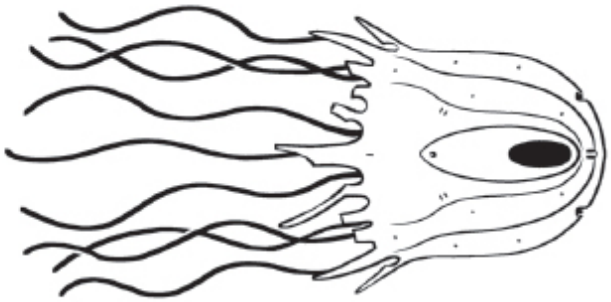
M-Bot

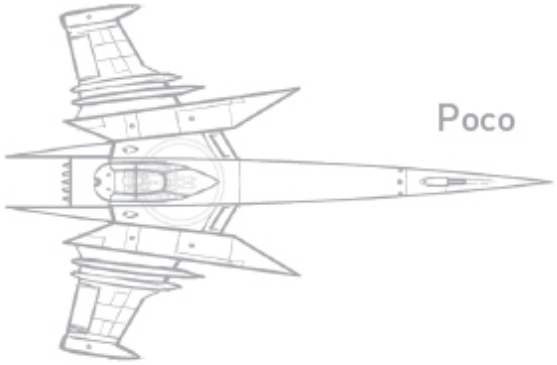




Poco

Interceptador Krell





Poco

TERCEIRA PARTE

Interlúdio

A almirante Judy “Ironsides” Ivans sempre fez questão de ler os relatórios de baixas.

Pessoas morriam por causa dela. Em cada batalha, Ironsides tomava decisões – algumas delas equivocadas – que acabavam com vidas. Talvez houvesse um gráfico de equilíbrio astral em algum lugar lá fora, mantido nas estrelas pelos antigos Santos, que colocava na balança as vidas dos Desafiadores que ela perdia contra as que salvava.

Se existisse, a balança teria desequilibrado muito com a batalha de hoje. Dois cadetes estavam mortos depois de pouco mais de um mês de treinamento no cockpit. Ela lera seus nomes, tentara recordar quem eram de memória, embora soubesse que não conseguiria. Eram muitos.

De maneira reverente, ela deixou a lista de nomes, acompanhada de biografias curtas, sobre a mesa. Dois outros pilotos tinham morrido também, e escrever cartas para a família deles deixaria um gosto amargo em sua noite, mas ela o faria. Para aquelas famílias, a perda deixaria um gosto amargo em suas vidas.

Já tinha feito quase metade – escrito a mão, em vez de usar uma máquina de escrever – quando Cobb por fim apareceu para gritar com ela. Ironsides o viu refletido no bronze polido da luneta que mantinha sobre a mesa. Uma relíquia de muito, muito tempo atrás. Ele parou na porta e não soltou o verbo imediatamente, mas deixou-a terminar a carta que estava escrevendo. Ela assinou na parte de baixo, fazendo um floreio com a caneta tinteiro – um gesto que, de alguma forma, parecia ao mesmo tempo necessário e pomposo em uma carta daquelas.

— Está contente, Judy? — ele perguntou, por fim. — Agora que conseguiu matar dois deles, está feliz?

— Não fico feliz há anos, Cobb. — Ela virou a cadeira, recostando-se e encontrando o olhar dele. Ela tinha antecipado, talvez até com certo prazer, a chegada inevitável dele. Era bom ainda ter alguém que a desafiasse. A maioria dos que já fizera isso alguma vez agora estava morta.

Ele atravessou mancando a pequena sala atulhada com papéis, recordações e livros – um escritório vergonhosamente bagunçado. Mesmo assim, era o único lugar no qual ela se sentia confortável.

— Você não pode continuar fazendo isso — Cobb disse. — Primeiro diminui a idade mínima para o teste, agora os manda para a batalha antes que saibam voar de verdade? Não dá para manter o tiroteio no máximo enquanto a munição é roubada do estoque. Em algum momento, você vai ficar sem balas.

— Preferia que eu deixasse Alta cair?

Ele olhou para o lado, na direção do velho mapa que ela ainda mantinha na parede. O vidro estava empoeirado com a idade, e o papel lá dentro começava a encurvar. Era uma planta da seção de desenvolvimento de Alta feita há quase uma década. Eles tinham imaginado uma cidade com imensos bairros e grandes fazendas.

Uma fantasia. Recuperar um mundo morto era um trabalho mais difícil do que previam.

Ela ficou em pé, e a velha cadeira de capitão rangeu.

— Eu vou usar a vida de cada um deles, Cobb. Colocarei todos da FDD em perigo, sem pensar duas vezes, se isso significar a proteção de Alta.

— Em algum momento as perdas deixam de valer a pena, Judy.

— Sim, e acontece que eu sei que ponto é esse. — Ela se aproximou dele, encarando-o. — É quando o último Desafiador soltar seu último suspiro. Até lá, vamos manter a base.

Se perdessem Alta, Ígneo poderia ser bombardeada de cima – destruindo o maquinário e a habilidade da humanidade de construir naves. Quando isso acontecesse, os Desafiadores teriam que voltar a se dividir em clãs, como ratos a serem caçados.

Ou mantinham aquela área, ou desistiam de tentar algum dia se tornar uma civilização de verdade novamente.

Por fim, Cobb cedeu e se virou para ir embora. Vinda dele, a falta de reclamação era concordância.

— Percebi — Judy comentou, antes que ele saísse — que a sua pequena covarde não chegou para a batalha até que a maior parte da luta já tivesse acontecido.

Ele deu meia-volta para encará-la, praticamente rosnando.

— Ela vive em uma caverna sem condições, Judy. *Sozinha*. Você já percebeu isso, não é? Um dos nossos pilotos vive em um acampamento improvisado além dos limites da cidade porque você se recusa a lhe dar uma cama.

Era satisfatório ver aquela raiva nele. Ela temia que ele fosse se reduzir a cinzas qualquer dia desses. Ele nunca mais fora o mesmo desde a Batalha de Alta.

— Você sabe o que as leituras estão dizendo? — Judy perguntou. — As análises do cérebro dela? Alguns dos nossos médicos têm certeza de que descobriram como localizar. Suponho que deveria agradecê-lo por isso. Ter a

chance de estudar a filha de Chaser em voo pode finalmente me garantir provas. Ela tem o defeito.

Aquilo o fez parar.

— Nós mal compreendemos o que isso significa — ele falou, por fim. — E seus médicos são tendenciosos. Alguns acontecimentos confusos e algumas histórias do passado não são o suficiente para julgar a vida inteira de uma garota, em particular de uma garota tão talentosa.

— Esse é o problema — Judy comentou. Honestamente, estava surpresa em ouvir Cobb argumentar. Muitos políticos negavam a existência do defeito, mas Cobb? Ele vira seus efeitos pessoalmente. — Por mais úteis que esses dados sejam, não posso arriscar deixá-la ter um posto na FDD. Ela seria só uma distração e um golpe no estado de espírito.

— Uma distração para você, talvez. Um golpe no *seu* estado de espírito. O jeito como você está agindo é uma desgraça para a FDD.

— Para todos os efeitos, eu *sou* a FDD. Que as estrelas nos ajudem. Não sobra mais ninguém.

Ele a encarou.

— Vou dar um rádio pessoal para a garota. Não quero um dos meus cadetes fora de alcance. A menos que você reconsidere e lhe dê uma cama.

— Se eu tornar isso fácil demais, ela pode decidir ficar, em vez de fazer a coisa mais sensata e seguir em frente.

Cobb mancou em direção à porta – ele se recusava a usar bengala, mesmo depois de todos aqueles anos –, mas parou ali mais uma vez, com a mão no batente.

— Você já desejou que um dos outros tivesse sobrevivido? — ele perguntou. — Sousa. Nightingale. Strife. Almirante Heimline.

— Qualquer um menos eu? — Judy perguntou.

— Basicamente.

— Não tenho certeza se desejaria esse posto de comando para eles — ela falou. — Nem mesmo para aqueles que eu odiava.

Cobb grunhiu e desapareceu no corredor.

20

No dia seguinte à morte de Alvorecer e Bim, cheguei tarde à aula de Cobb. Apenas cinco minutos depois do horário; ainda assim, era meu primeiro atraso.

Mas é que tudo parecia tão *errado*.

Eu me lembrava vagamente de me arrastar para a minha caverna no dia anterior, ignorando M-Bot – Lad já havia ido para casa –, e de me encolher na cama do cockpit. E depois fiquei largada ali. Sem dormir, mas desejando conseguir. Pensando, mas desejando poder parar. Sem chorar... mas, de algum modo, desejando ser capaz de fazer aquilo.

Hoje ninguém comentou sobre o meu atraso. Cobb ainda não estava ali, embora quase todos os cadetes restantes já estivessem reunidos. Todos exceto Kimmalyn, o que me preocupou. Será que ela estava bem?

Minhas botas rangeram no chão enquanto caminhei até meu cockpit e me sentei. Não queria olhar para os lugares notadamente vazios, mas aquilo fez com que eu me sentisse uma covarde, então me obriguei a olhar o assento de Alvorecer. Há dois dias apenas, eu estava parada ali, ajudando-a a entender...

Ela quase nunca dizia nada, mas, de alguma forma, a sala parecia muito mais quieta sem ela.

— Ei, Spin — Nedd disse por fim. — Você está sempre falando sobre "honra" e a "glória de morrer como guerreiros" e bobagens do tipo.

— Sim? E daí?

— Daí... — Nedd prosseguiu. — Talvez um pouco dessa bobagem pudesse ser útil agora.

Nedd sentou-se em seu lugar, quase sem caber em seu cockpit de treinamento. Ele era o mais alto da sala – e o mais encorpado também. Eu sempre pensara nele simplesmente como o maior dos dois companheiros do Babaca, mas havia algo mais nele. Um ar de ponderação.

— Bem? — ele perguntou.

— Eu... — respondi, lutando para encontrar as palavras. — Tudo aquilo parece estúpido agora.

Eu não conseguia recitar nenhuma citação sobre vingança. Não hoje. Fazer aquilo seria como participar de uma das histórias da Vozinha –, enquanto a perda que sentíamos era muito real. Mas... será que isso fazia das minhas convicções

apenas bravatas? Será que eu era uma covarde me escondendo atrás de chavões agressivos?

Um guerreiro de verdade daria de ombros para tudo aquilo. Será que eu acreditava de verdade que aqueles seriam os últimos amigos que eu perderia?

FM desceu de seu assento e caminhou até mim. Ela apertou meu ombro, um gesto surpreendentemente íntimo vindo de uma garota que eu conhecia de maneira bem superficial, apesar do tempo que estávamos juntas na mesma esquadrilha. Qual era a história dela? Eu nunca havia encontrado um jeito de perguntar.

Olhei de relance para o lugar de Bim, pensando no modo desajeitado – ainda que maravilhoso – como ele tentara me paquerar.

— Você sabe onde está Kimmalyn? — Perguntei para FM.

— Ela levantou e comeu conosco — a garota alta sussurrou. — Mas parou no banheiro a caminho da classe. Talvez alguém devesse dar uma olhada nela.

Antes que eu pudesse me levantar, o Babaca ficou em pé, e limpou a garganta. Ele olhou para nós cinco. Para FM e para mim. Para Arrojada, sentada em seu cockpit. Ela não parecia mais considerar tudo aquilo um jogo. Arturo, sentado com as mãos entrelaçadas, batia um indicador no outro em ritmo rápido, como se fosse um tipo de tique nervoso. Nedd, sentado com as pernas para cima, apoiava os pés no projetor de holograma de valor incalculável diante de seu cockpit. Digno de nota, os cadarços de suas botas estavam desamarrados.

— Suponho que eu deva dizer alguma coisa — o Babaca começou.

— Claro que sim — FM sussurrou, revirando os olhos, mas voltou para seu lugar.

O Babaca começou a falar com a voz tensa:

— O manual de protocolos da FDD explica que morrer no cockpit, lutando para proteger nosso lar, é o maior e mais corajoso presente que alguém pode oferecer. Nossos amigos, embora levados cedo demais, foram modelos dos ideais Desafiadores.

Ele está lendo, percebi. *Anotações escritas... na mão?*

— Vamos lembrar deles como soldados — o Babaca prosseguiu, agora erguendo a mão diante de si. — Se precisarem de aconselhamento sobre essa perda ou por qualquer motivo, como seu líder de voo, estou aqui. Por favor, venham até mim para que eu possa fazer com que se sintam melhor. Ficarei feliz em carregar o fardo da dor de vocês para que possam se concentrar no treinamento. Obrigado.

Ele se sentou. E, bem, provavelmente aquele era o discurso mais idiota que eu já ouvira. Mais a respeito dele do que dos assentos vazios. Mas... pelo menos ele tinha tentado.

Por fim, Cobb entrou mancando pela porta, segurando um punhado de papéis e murmurando algo para si mesmo.

— Em posição de voo! — ele vociferou. — Hoje vamos cobrir manobras em conjunto... de novo. O jeito como vocês protegem uns aos outros é desleixado. Eu gostaria de vê-los carregando um prato de comida em um refeitório cheio de gente.

Nós meio que o encaramos.

— Mexam-se! — ele gritou.

Todo mundo começou a prender o cinto de segurança.

Em vez disso, eu fiquei em pé.

— O que é isso? — exigi saber. — Não vai falar nada sobre eles? Sobre Bim, sobre Alvorecer ou sobre o que a almirante fez...

— A almirante não fez nada com vocês — Cobb me interrompeu. — Os Krell mataram seus amigos.

— Isso é bobagem — repliquei. — Se você joga uma criança na jaula do leão, pode de verdade culpar o leão?

Ele me encarou, mas eu não recuaria dessa vez. Eu não tinha certeza de onde queria chegar, mas pelo menos essa emoção – sentir-me furiosa com ele, com a almirante, com a FDD – era melhor do que o vazio.

Olhamos fixamente um para o outro até que a porta rangeu e se abriu, e Kimmalyn entrou. Embora seus longos cabelos negros estivessem penteados – como sempre – em cachos perfeitos, seus olhos estavam inchados e vermelhos. Cobb olhou para ela e arregalou os olhos, como se estivesse surpreso em vê-la.

Ele achou que ela tivesse desistido, percebi.

Em vez disso, com os olhos inchados e tudo, Kimmalyn ergueu o queixo.

Cobb acenou com a cabeça na direção do assento dela, e ela marchou até lá – um modelo de atitude Desafiadora – e se sentou. Naquele momento, ela parecia mais guerreira do que eu jamais fora.

Travei a minha mandíbula, sentei novamente e prendi o cinto. Provocar Cobb não aliviaria a minha raiva contra a almirante. Eu precisava de uma esfera de controle na mão e de um gatilho de incinerador sob meu dedo. Provavelmente era por isso que Cobb queria trabalhar duro conosco hoje – para nos fazer suar, talvez até nos fazer esquecer de tudo por um tempo. E... sim. Sim, eu estava disposta àquilo.

Cobb, no entanto, não ligou nossos projetores. Em vez disso, pegou uma cadeira de dobrar e, lentamente, foi mancando até o centro da sala e a montou. Sentou-se, entrelaçando as mãos diante de si. Eu tinha que me inclinar na lateral do meu equipamento para vê-lo, assim como a maioria dos demais.

Ele parecia velho. Mais velho do que merecia estar.

— Eu sei como é — ele começou a falar. — É como se houvesse um buraco aberto bem no meio de vocês. Um pedaço de carne que não vai crescer de novo. Vocês podem agir normalmente, podem voar, mas deixarão um rastro de sangue por

um tempo. Eu devia dizer alguma coisa hoje, algo sobre perdas. Alguma coisa sábia. A velha Mara, que me ensinou a voar, teria feito isso. Ela já morreu. — Cobb balançou a cabeça. — De vez em quando, eu não me sinto um professor. Me sinto como um dos caras da munição, recarregando a artilharia. Enfio vocês na câmara, disparo na direção do céu e depois pego outro grupo...

Ouvi-lo falar daquele jeito era desconfortável, não parecia natural. Como um pai que de repente admitia não saber como era o amor. Todos tínhamos ouvido histórias sobre instrutores de voo. Velhos, grisalhos, prontos para arrancar a sua cabeça, mas cheios de sabedoria.

Naquele momento, no entanto, eu via o homem, não o instrutor. O homem tinha medo e sentia-se perturbado – e com tanta dor por perder seus alunos quanto nós por perder amigos. Ele não era um desses veteranos grisalhos com todas as respostas. Era um homem que tinha, quase sem querer, sobrevivido tempo o bastante para se tornar professor. Ele tinha que nos ensinar tanto as coisas que sabia quanto as que claramente não tinha resolvido nem para si.

— Conquiste as estrelas — eu falei.

Ele ergueu os olhos para mim.

— Quando eu era uma garotinha — contei —, queria ser piloto para que fosse respeitada. E meu pai me disse para vislumbrar algo maior. Ele me disse para "conquistar as estrelas".

Olhei para cima e tentei imaginar aquelas luzes brilhantes. Além do teto, bem alto no céu, perfurando o cinturão de detritos. Onde os Santos recebiam as almas dos caídos quando eles morriam.

— Dói — confessei. — Mais do que achei que doeria. Eu sabia tão pouco sobre Bim... Só que ele gostava de sorrir. Alvorecer mal conseguia nos entender, mas ela se recusou a desistir.

Por um instante, achei que conseguia me imaginar flutuando entre aquelas luzes lá em cima. Como a Vozinha me ensinara. Eu sentia tudo sumindo embaixo de mim, tornando-se distante. Tudo o que eu conseguia ver eram aqueles pontos de luz espalhando-se por todos os lados.

— Eles estão lá no céu agora — disse baixinho. — Para sempre entre as estrelas. Vou me juntar a eles. — Saí do transe e, de repente, estava novamente na sala com os demais. — Vou prender este cinto de segurança e vou lutar. Desse jeito, quando eu morrer, pelo menos morrerei em um cockpit. Buscando o céu.

Os outros ficaram imóveis, em um silêncio incerto, como o momento entre dois impactos de meteoros. Nedd estava sentado em seu assento, agora não mais descansando, e me fez um sinal animado de positivo com o polegar e com a cabeça. Do outro lado da sala, vi o Babaca me encarando com uma expressão inescrutável no rosto.

— Tudo bem — Cobb disse, levantando-se. — Chega de perder tempo. Coloquem os capacetes.

Peguei meu capacete e o coloquei, ignorando o olhar do Babaca. Mas imediatamente dei um pulo e tirei aquele negócio da cabeça.

— O que foi? — Cobb perguntou, mancando na minha direção.

— Os diodos aqui dentro estão mornos — respondi, sentindo-os. — O que isso quer dizer?

— Nada — Cobb respondeu. — Provavelmente.

— Isso não é muito animador, Cobb. O que está acontecendo?

Ele abaixou a voz.

— Uns tipos que se dizem médicos e se acham muito espertos acreditam que podem dizer a partir de um punhado de dados se você... vai fugir como o seu pai.

— Meu pai não...

— Acalme-se. Já provamos que estavam errados sobre você não ser boa em voo. É a sua melhor arma. Consegue usar isso? — Ele acenou com a cabeça na direção do capacete.

— Sim. Não estão quentes a ponto de me machucar... eu só fiquei surpresa.

— Coloque-o, então, e vamos trabalhar.

21

Cobb manteve sua promessa: trabalhou duro conosco naquele dia.

Praticamos planagens coordenadas, formações e exercícios de proteção do companheiro de voo. Trabalhamos até que meus dedos parecessem duros como engrenagens, meus braços doessem como se eu tivesse levantado peso e meu cérebro basicamente se desmanchasse. Trabalhamos até durante o horário de almoço, o que obrigou uma ajudante a levar sanduíches para todos. Eu comi carne seca de rato e cogumelos, como sempre.

Os diodos no meu capacete esfriaram conforme eu trabalhava. A almirante podia dizer a partir de alguns dados se eu seria uma covarde? Que tipo de insanidade era aquela?

Mas não havia tempo para eu me preocupar com aquilo agora. Cobb nos fez desviar de escombros despencando, virar com lanças de luz e treinar reignição de escudo. Era exaustivo de um jeito bom, e a única vez em que pensei em Bim foi quando percebi que ninguém estava reclamando que, mais uma vez, não tínhamos permissão para usar nossas armas.

Quando Cobb por fim nos deixou ir, eu sentia como se pudesse me encolher em qualquer canto por ali e cochilar.

— Ei, Arturo — Nedd falou enquanto se levantava e esticava o corpo. — Esses projetores são muito bons. Acha que podem simular um mundo no qual você não é um piloto tão ruim?

— Tudo de que precisamos para isso — Arturo replicou —, é um botão de desligar no seu rádio. Tenho certeza de que vou melhorar imensamente se não tiver que ouvir você tagarelando o tempo todo. Além disso, se me lembro bem, foi você que bateu em mim mais cedo.

— Você estava no caminho!

— Garotos, garotos — Arrojada disse, passando entre eles. — Não podemos entrar em um acordo? Encontrar um denominador comum e concordar que os dois são péssimos pilotos?

— Rá! — Arturo exclamou. — Fique só observando... farei você engolir essas palavras um dia desses, Arrojada.

— Tenho tanta fome que seria capaz de engoli-las agora mesmo — ela comentou —, se fosse possível fazer um molho decente com elas. Acho bom o

refeitório não estar fechado. Flácida, posso comer a sua sobremesa?

— O quê? — a garota disse, erguendo os olhos do cinto de segurança, que estava tentando fechar e deixar cuidadosamente dobrado no assento, como sempre fazia quando saía do cockpit.

— Você é gentil e fofa — Arrojada falou. — Eu imaginei que cederia se eu forçasse a barra. Então, posso ficar com a sua sobremesa?

— Que as estrelas a abençoem — Kimmalyn respondeu. — Mas se tocar na minha torta, vou arrancar seus dedos. — Ela corou ao dizer aquilo e colocou a mão na frente da boca.

— E ela vai mesmo, Arrojada — brinquei. — É sempre com as mais gentis que temos que nos preocupar.

— Sim — Arrojada concordou. — E não é que ela... — Ela parou o que estava dizendo quando percebeu que estava falando comigo. Então, se virou e saiu pela porta.

Eu conhecia aquela expressão nos olhos dela. Desde que Jorgen contara para todo mundo que eu era filha de Chaser, as coisas não tinham sido mais as mesmas entre mim e Arrojada.

Os outros saíram do aposento. Suspirei, pegando minhas coisas e me preparando para uma escalada exaustiva até a minha caverna. Quando coloquei a mochila no ombro, percebi que FM não tinha ido embora. Estava parada perto da parede, me observando. Era tão alta e tão bonita. Como cadetes, usávamos a roupa padrão dos pilotos da FDD. No trabalho cotidiano, podíamos escolher macacões ou uniformes padrão da FDD, se quiséssemos. Só tínhamos que estar prontos para vestir os trajes de voo se fôssemos convocados.

A maioria de nós usava os macacões, que eram mais confortáveis. Mas FM não. Juntamente com as botas polidas, ela costumava usar um uniforme feito sob medida com uma jaqueta que de algum modo parecia mais elegante nela do que nos demais. Ela era tão perfeita, que parecia mais uma estátua do que uma pessoa.

— Obrigada — ela disse para mim. — Pelo que você disse antes. Sobre Bim, Alvorecer e as estrelas.

— Não achou agressivo demais? — perguntei. FM sempre reclamava que o resto de nós era muito agressivo, o que não fazia sentido para mim. A agressão não era o centro da guerra?

— Bem, a maior parte do que você diz é um absurdo total — FM ponderou. — Bravata vazia usada como desculpa para divulgar mantras nacionalistas embutidos em você por uma vida de doutrinação Desafiadora. Mas o que disse hoje, mais cedo, aquilo veio do coração. Eu... eu precisava ouvir aquilo. Obrigada.

— Você é uma garota estranha, FM — comentei. Eu não tinha ideia do que significava a maioria das coisas que ela dizia.

Em sua mesa, Cobb bufou e olhou para mim por detrás de sua papelada. *Você, entre todas as pessoas, está chamando alguém de estranha*?, era o que seu olhar parecia dizer.

Acompanhei FM até o corredor vazio; os cadetes das outras esquadrilhas tinham terminado as aulas há horas.

— Quero deixar claro — FM prosseguiu, enquanto caminhávamos juntas — que não culpo você por suas atitudes. Você é produto de uma enorme pressão social, que força os jovens a terem posturas cada vez mais agressivas. Tenho certeza de que no fundo você é um doce.

— Na verdade, não sou — falei, sorrindo. — Mas não me importo que as pessoas me subestimem. Talvez os Krell façam o mesmo e aí poderei saborear o espanto em seus olhos quando arrancar seus crânios.

FM me olhou surpresa.

— Isso se eles tiverem olhos sob aquela armadura. Ou crânios. Bem... o que quer que tenham, vou arrancar. — Olhei para ela e sorri mais abertamente. — Estou brincando, FM. Mais ou menos. Digo coisas como essas porque são divertidas. Como as antigas histórias, sabe?

— Eu não li essas antigas histórias.

— Você provavelmente odiaria. Por que sempre fala do restante de nós como sendo muito agressivo? Você não é Desafiadora?

— Eu fui criada como Desafiadora — ela disse. — Mas agora escolhi ser o que as pessoas lá embaixo chamam de Contestadora. Levanto objeções sobre o modo como a guerra está sendo travada. Acho que devíamos arrancar o manto opressivo do governo militar.

Parei onde estava, chocada. Nunca tinha ouvido palavras como aquelas antes.

— Então... você é uma covarde?

FM corou, endireitando o corpo.

— Eu pensava que você, entre todas as pessoas, seria mais cuidadosa antes de usar esse termo por aí.

— Desculpe — falei, corando também. Ela estava certa. Mesmo assim, eu tinha dificuldade em entender o que ela me dizia. Eu entendia suas palavras, mas não o significado delas. Arrancar o governo militar? Quem ficaria a cargo da guerra, então?

— Ainda estou disposta a lutar — FM prosseguiu, de cabeça erguida, enquanto caminhávamos. — Só porque quero mudanças não quer dizer que vou deixar os Krell destruírem todos nós. Mas você percebe o que isso está fazendo com a nossa sociedade, treinando nossas crianças, praticamente desde o nascimento, para idealizar e glorificar a batalha? Venerar os Primeiros Cidadãos como santos?

Devíamos ensinar nossas crianças a serem mais cuidadosas, mais curiosas... não só a destruir, mas a construir.

Dei de ombros. Esse tipo de coisa parecia fácil de dizer quando você vivia nas cavernas profundas, onde uma bomba não mataria a sua família. Mesmo assim, era bom ter algumas respostas sobre aquela garota – ela era tão equilibrada que era difícil pensar nela como uma "garota", mesmo que ela tivesse a mesma idade que o restante de nós.

Se eu a acompanhasse até perto demais do refeitório, poderia me deparar com os policiais militares e ficar encrencada. Eles tinham parado de me acompanhar para fora da sala de aula todos os dias, mas eu não acreditava nem por um instante que isso significava que eu pudesse jantar ali. Então, me despedi de FM e ela se apressou para alcançar os demais.

Fui em direção à saída, remexendo na mochila em busca de água, mas lembrei que havia deixado meu último cantil cheio em meu assento na sala. Ótimo. Sentindo o cansaço do treino voltar, fui quase me arrastando até a classe.

Cobb tinha ativado o holograma no centro da sala, projetando uma pequena versão de um campo de batalha. Diante dele, naves do tamanho de rolamentos moviam-se rapidamente e desviavam dos detritos que deixavam um rastro de fogo e fumaça. Naves Krell, achatadas e não maiores do que medalhas, disparavam minúsculos incineradores.

Ele está vendo a batalha de ontem, percebi. *Aquela em que Bim e Alvorecer morreram*. Eu não tinha ideia de que as batalhas eram gravadas.

Localizei a minha nave se movendo rapidamente até a batalha. Senti o caos esmagador mais uma vez, a excitação por estar finalmente em um combate de verdade. Quase pude ouvir as explosões. A voz preocupada de Kimmalyn. O som da minha própria respiração, excitada, acelerada.

A ansiedade e até um pouco de medo aumentavam dentro de mim enquanto eu assistia – impotente. Alvorecer morreu de novo.

Meu estômago se apertou. Mas eu não me permiti afastar o olhar.

Na sala, minha nave correu pelo campo de batalha e comecei a ser seguida. Mergulhei em torno de um pedaço de detrito caindo – usando a minha lança de luz para girar com exatidão – e, em seguida, passei por entre duas outras naves Krell.

Cobb pausou a simulação com um gesto. Deu um passo adiante, concentrando-se na minha nave – congelada no ar entre um espetáculo de incineradores, faixas de luz e naves explodindo. Então, voltou um pouco a simulação e assistiu-a novamente, observando a minha manobra.

— Eu quase apaguei — observei da porta. — Não tive controle da velocidade e não parei a curva antes que as cápsulas de gravidade ficassem sobrecarregadas.

— Mesmo assim foi uma manobra e tanto — ele disse. — Em especial para um cadete. Notável, quase inacreditável.

— O Babaca é melhor do que eu.

— Jorgen é um piloto técnico excelente, mas não sente o voo como você faz. Você me lembra seu pai. — Ele pareceu... triste ao dizer aquilo.

De repente, eu me senti constrangida, então fui até meu simulador e peguei meu cantil. Cobb assistiu ao resto da batalha e eu me obriguei a ver quando a minha nave e a de Bim perseguiram o bombardeiro Krell. Cobb parou a simulação mais uma vez quando as quatro estranhas naves de escolta saíram do bombardeiro inimigo – aquelas que, no momento seguinte, derrubariam Bim.

— O que são essas coisas? — perguntei.

— Algo novo. Eles não alteraram sua tática por mais de uma década. O que mudou agora? — Ele estreitou os olhos. — Sobrevivemos por sermos capazes de antecipar o que os Krell vão fazer. Toda vez que você consegue adivinhar o que o inimigo planeja, você tem uma vantagem. Não importa o quão perigosos sejam, se você sabe qual será o movimento seguinte, você pode combatê-los.

Hum. Aquilo me surpreendeu e eu me peguei concordando.

Cobb apagou o holograma e voltou mancando até sua mesa.

— Tome — ele falou, pegando uma caixa e me entregando. — Esqueci de lhe dar isto mais cedo.

Um rádio pessoal?

— Em geral, só damos esses equipamentos para pilotos formados enquanto estão de folga em Ígneo. Mas já que você vive fora da base, achei melhor ficar com um. Mantenha-o ligado com você o tempo todo. Vai receber o alerta geral quando os Krell atacarem.

Peguei o dispositivo retangular, talvez do tamanho de um peso de treinamento pequeno. Meu pai carregava um desses consigo.

Cobb se despediu de mim com um aceno, então sentou-se e começou a olhar seus papéis.

Mas eu continuei ali, com uma pergunta em mente.

— Cobb?

— Sim?

— Por que você não voa conosco? Os outros instrutores de voo saem com seus cadetes.

Eu me preparei para uma explosão de raiva ou uma reprimenda, mas Cobb só deu um tapinha em sua perna.

— Ferimentos antigos, Spin. Ferimentos antigos. — Ele fora abatido logo depois da Batalha de Alta. Sua perna tinha acertado a lateral do dossel quando ele ejetou.

— Você não precisa da perna para voar.

— Algumas feridas — ele disse, com suavidade — não são tão óbvias quanto uma perna retorcida. Você teve dificuldade de entrar no cockpit hoje, depois de ver seus amigos morrerem? Tente fazer isso depois de você mesma ter abatido um deles.

Senti uma frieza súbita e impressionante passar por mim, como se eu tivesse sido ejetada em alta altitude. Ele estava dizendo...

Ele estava dizendo que fora ele quem abatera meu pai?

Cobb olhou para mim.

— Quem mais você acha que receberia a ordem para derrubá-lo, filha? Eu era o companheiro de voo dele. Eu o segui quando ele fugiu.

— Ele não fugiu.

— Eu estava lá. Ele fugiu, Spensa. Ele...

— Meu pai *não era um covarde!*

Encarei Cobb e, pela segunda vez naquele dia, ele afastou o olhar.

— O que aconteceu de verdade lá em cima, Cobb? — Apertei meus olhos na direção dele. — Por que eles acham que podem saber se eu vou fazer a mesma coisa, apenas monitorando meu cérebro? O que você não está me contando?

Embora eu nunca tivesse aceitado a história oficial, parte de mim sempre presumira que algum tipo de engano tinha causado a má reputação do meu pai. Que, na confusão, as pessoas haviam presumido que ele se transformara em um covarde, quando ele não fizera isso.

Mas agora eu tinha a chance de conversar com alguém que esteve lá. Alguém que... que havia puxado o gatilho...

— O que aconteceu? — perguntei, dando um passo adiante. Eu pretendia perguntar aquilo de modo autoritário, desafiador... mas saiu como uma súplica sussurrada. — Pode me contar? O que você viu?

— Você leu o relatório oficial — Cobb respondeu, ainda sem me olhar nos olhos. — Os Krell estavam vindo em um grupo grande, levando uma destruidora de vida. Era a maior força que já tínhamos encarado e o posicionamento deles indicava fortemente que haviam encontrado a Base Alta. Enfrentamos um ataque, mas eles se reagruparam. Enquanto se preparavam para nos enfrentar novamente, seu pai entrou em pânico. Ele gritava que a força inimiga era grande demais, que íamos todos morrer. Ele...

— Quem disse que ele falou isso? Toda a esquadrilha?

Cobb fez uma pausa.

— Sim. Nós quatro que ainda estávamos lá, pelo menos. Bem, ele gritou e gritou, e depois rompeu a formação e começou a fugir. Você tem que entender o quanto aquilo era perigoso para nós. Estávamos literalmente lutando pela

sobrevivência da nossa espécie... se outras naves começassem a fugir, seria o caos. Não podíamos permitir...

— Você o seguiu — eu o interrompi. — Ele foi embora e você o seguiu. Então, você o abateu?

— A ordem veio quase que imediatamente do nosso líder de voo. Abatê-lo, para dar o exemplo e prevenir qualquer outra fuga. Eu estava bem no rastro dele, e o seu pai não respondia aos nossos apelos. Então eu lancei meu PIM, e derrubei o escudo dele... e depois... depois eu atirei. Sou um soldado. Obedeço a ordens.

A dor na voz dele era tão real, tão pessoal, que quase me deixou envergonhada por obrigá-lo a passar por aquilo. Pela primeira vez... minha certeza foi abalada. Seria verdade?

— Você jura? — perguntei. — Foi exatamente assim que aconteceu?

Cobb, por fim, me encarou. Manteve seus olhos fixos desta vez e não os desviou – mas não respondeu a minha pergunta. Eu o vi endurecer enquanto travava a mandíbula. E, naquele momento, eu soube que a falta de resposta *era* a resposta. Ele me dera a história oficial.

E era uma mentira.

— Já passou da hora de você ir para casa, cadete — Cobb disse. — Se quer uma anotação no registro oficial, posso conseguir uma para você.

— Mas é uma mentira. Não é? — Eu o olhei novamente, ele deu o mais leve aceno de cabeça, quase imperceptível.

Todo o meu mundo se iluminou. Eu deveria estar zangada. Eu deveria estar furiosa com Cobb por puxar o gatilho. Em vez disso, eu estava exultante.

Meu pai *não* fugira. Meu pai *não* era um covarde.

— Mas por quê? — perguntei. — O que você ganha ao fingir que um dos seus pilotos fugiu?

— Vá — Cobb falou, apontando para a porta. — É uma ordem, cadete.

— É por isso que Ironsides não me queria na FDD — observei. — Ela sabe que vou fazer perguntas. Porque... caramba, ela era a sua líder de voo, não era? Aquela que deu a ordem para derrubar o meu pai? O nome foi editado dos relatórios, mas ela é a única que se encaixa...

Olhei para Cobb e seu rosto estava começando a ficar vermelho de raiva. Ou talvez de vergonha. Ele acabara de me contar um segredo, um bem importante e... Bom, parecia estar arrependido. Eu não conseguiria mais nada dele naquele momento.

Peguei minha mochila e saí correndo. Meu coração estava partido pelos amigos que perdi e agora tinha que lidar com o fato de que meu instrutor também era o assassino do meu pai.

Mas, por enquanto... Bem, eu me sentia como um soldado que acabara de colocar a bandeira no alto de uma colina duramente disputada. Todos aqueles anos eu sonhara, estudara e acreditara que meu pai fora, na verdade, um herói.

E eu estava certa.

22

— Que motivo a FDD teria para fingir que seu pai era um covarde? — Lad perguntou enquanto trabalhávamos juntos.

— Consigo pensar em uma dúzia de cenários — respondi, deitada ao lado dele embaixo de M-Bot.

Cinco dias tinham se passado desde o acontecimento. Desde que perdêramos Bim e Alvorecer. Trabalhar com Lad fora do expediente, consertando a nave, era um consolo bem-vindo dos meus próprios pensamentos – mesmo que fosse cansativo acordar cedo, como eu fizera hoje, trabalhar na nave e depois ir para a aula e aguentar as instruções de Cobb durante o dia inteiro.

Hoje estávamos soltando fios do interior de M-Bot e substituindo-os por novos. Alguns dos antigos ainda pareciam bons, mas Lad achava que devíamos trocar todos, por garantia, e eu não ia discutir com a experiência dele.

Prendi outro fio, passando-o segundo as instruções que Lad me dera antes. Minha linha de luz brilhava dentro da nave, atravessando suas entranhas para nos garantir iluminação, ela mesma um fio reluzente.

— Há literalmente centenas de motivos pelos quais a FDD mentiria sobre meu pai — falei, enquanto trabalhava. — Talvez meu pai estivesse em conflito com Ironsides pela liderança e ela tenha decidido fazer com que ele tivesse um "acidente".

— No meio da batalha mais importante que a FDD já lutou? — Lad questionou. — Isso é fantasioso até mesmo para você, Spin.

— Fantasiosa? — exigi saber. — Eu? Sou realista, Lad.

— Realista. Como todas as vezes que me fez fingir matar dragões estelares com você quando éramos crianças.

— Aquilo era treinamento de batalha.

Ele grunhiu enquanto trabalhava com um fio particularmente teimoso, e Doomslug o imitou. Ela se sentou em uma pedra no chão perto da minha cabeça. M-Bot estava "rodando diagnósticos" – o que quer que isso significasse. Em geral envolvia ele dizer coisas como "Humm..." ou "Leve aquele..." para "dar indicação de que o processo continua, pois os humanos ficam rapidamente entediados sem estímulos auditivos".

— Tem certeza de que não interpretou mal o que Cobb disse? — Lad perguntou ao meu lado. — Tem certeza de que ele acenou com a cabeça?

— Tenho. A história oficial é uma mentira, Lad. Tenho provas.

— É mais uma possível confirmação vaga.

— Posso pressionar Cobb até ele me contar toda a verdade.

— Boa sorte com isso. Além do mais, mesmo se ele falar, o alto escalão da FDD não vai admitir a mentira. Se criar muitos problemas, tudo o que vai conseguir é fazer com que você e Cobb sejam retirados de suas posições.

— Vou limpar o nome do meu pai, Lad.

— Não estou dizendo para não fazer isso. Só estou apontando que seu plano original, aprender a voar, ainda é a melhor maneira de fazer isso. Primeiro, você precisa se tornar uma grande piloto, famosa. Melhorar a reputação de sua família e se tornar alguém que não pode ser ignorada. Depois, use a sua influência para limpar o nome do seu pai.

— Veremos.

Lad girou o corpo usando o pequeno espaço entre M-Bot e o chão e pegou seu caderno para fazer algumas anotações.

— Estas são as cápsulas de gravidade — ele disse, batendo com o lápis em um mecanismo. — Mas não reconheço o projeto. É a localização delas também é estranha. Esta caixa preta aqui, que é a única parte que não reconheço, deve ser o que abriga sua inteligência artificial. Não ouso abri-la, embora seja óbvio que não está funcionando bem.

— Como você sabe?

— Você consegue imaginar alguém criando essa coisa intencionalmente para agir desse jeito?

Um argumento válido.

— As coisas que mais interessam — Lad prosseguiu — são as articulações, vedações e os coletores atmosféricos. É difícil explicar, mas eles parecem... mais apertados, construídos com mais delicadeza do que os que estamos usando. É só um pequeno incremento, Spensa, mas acho que se conseguirmos fazer esta coisa voar ela vai ser rápida. Mais rápida do que as nossas naves de reconhecimento.

Estremeci só de imaginar. Lad sorriu, segurando seu caderno. Depois, deixou-o de lado e enfiou a chave de fenda na nave para desmontar os coletores atmosféricos com todo cuidado.

Eu o observei por um instante, segurando um fio em um compartimento apertado, espantada. Lad parecia feliz.

Éramos amigos há mais de uma década e eu tinha certeza de já tê-lo visto feliz antes. Só que nenhuma lembrança se destacava. Minhas memórias de Lad eram

sempre dele ansioso, nervoso por mim ou – ocasionalmente – resignado com algum destino terrível.

Hoje, no entanto, ele sorria sem parar enquanto trabalhava, com o rosto sujo da graxa que aplicávamos nos fios substituídos. E aquilo... aquilo me ajudava de algum modo a passar pela perda que eu ainda sentia, com a sensação de ter falhado com meus companheiros de voo.

— Onde você conseguiu tanto fio? — perguntei, voltando ao trabalho. — Achei que eu era a única que estava realizando pequenos roubos.

— Nenhum roubo cometido — ele garantiu. — Ziming, a mulher que supervisiona o meu estágio, me deu um pacote inteiro deles e alguns equipamentos para praticar substituição de fios. Imaginei que não havia lugar melhor para usá-los do que em uma nave de verdade.

— Ótimo. Então o estágio está indo bem?

Estranhamente, Lad corou – embora fosse difícil notar a cor pela graxa e pelo brilho vermelho alaranjado da minha linha de luz. Mas eu o conhecia bem o bastante para perceber.

— O que foi? — eu quis saber.

— Você conhece o projeto do cockpit de M-Bot? — ele perguntou.

— Que parte?

— O assento do piloto e os controles estão em uma estrutura própria — Lad comentou. — É complicado, mas me faz lembrar de um giroscópio. Acho que o assento é feito para poder rodar na direção das forças g. Você sabe como é difícil para um humano aguentar as forças g empurrando o sangue da cabeça para os pés?

— Ah, sim. Acredite em mim. Eu sei.

— Bem, e se você estivesse sentada em um assento que girasse durante velocidades difíceis e prolongadas? E se a força estivesse sempre na direção mais fácil para o corpo: diretamente para trás? Isso poderia ser muito útil em manobras em alta velocidade.

— Hum — respondi, interessada. Mas ainda mais interessada no jeito como Lad se iluminava enquanto falava.

— Bem, eu desenhei alguns esquemas disso no meu caderno e... e, bem, Ziming talvez tenha visto e presumido que eram meus projetos. Ela talvez... ela talvez ache que sou um gênio.

— Você é!

— Na verdade, não — ele falou, corando mais uma vez. — Eu só copiei o que vi. Quem quer que tenha construído M-Bot é o gênio.

— Você descobriu! — eu retruquei. — Isso também exige genialidade.

— Na verdade, não — ele disse e torceu uma porca com sua chave. — Mas... bem, mentira ou não, acho que pode ser um jeito de levarmos essa tecnologia para a

FDD. Talvez eu consiga descobrir como esses coletores atmosféricos funcionam e levar isso para lá também. Se eu for cuidadoso e não fizer minhas descobertas parecerem muito suspeitas, seremos capazes de ajudar na luta contra os Krell sem expor M-Bot.

— E você será um herói! — exclamei.

— Um herói falso — ele retrucou. — Mas... parece bom...

Eu sorri e voltei ao trabalho com os fios. Talvez pudéssemos levar tudo aquilo para a FDD e impedir que mais pilotos morressem. Pensar naquilo estragou imediatamente meu humor. Não importava o que eu fizesse para os futuros pilotos, ainda levaria meus sentimentos de frustração e dor pelos companheiros de voo que eu já perdera.

Redirecionei meus pensamentos de volta para o que realmente acontecera com meu pai, tentando pensar em todos os motivos pelos quais a FDD encobriria a história. Aquilo me manteve ocupada por meia hora ou mais, até que um *ding* soou dentro do cockpit.

— Diagnóstico terminado — M-Bot falou com seu tom de voz útil e nem de perto perigoso o bastante. Ele ecoou pelas entranhas da nave. — O que perdi?

— Uma discussão sobre Lad ser um herói — comentei. — E outra sobre por que a FDD manteria um segredo. Eles afirmam que meu pai fugiu da batalha, mas eu sei que ele não fez isso.

— Ainda acho que você está tirando conclusões precipitadas — Lad falou. — Por que se incomodar com um encobrimento em larga escala para difamar especificamente a reputação de um único piloto?

— E se meu pai foi atingido por fogo amigo *acidental*? — perguntei. — No caos da batalha, alguém o atingiu por engano e eles não queriam essa vergonha no registro permanente. Então, afirmaram que meu pai estava fugindo e obrigaram Cobb a mentir sobre o ocorrido.

Lad grunhiu, afrouxando outra porca.

— Essa é quase plausível. Mais do que as outras. Mas ainda há um problema: os outros pilotos não perceberiam? Cobb disse que havia quatro pessoas na esquadrilha que viram o que aconteceu.

— Não sabemos a extensão do encobrimento — comentei. — E... embora os relatórios tenham os nomes editados... tenho quase certeza agora de que Ironsides era a líder de voo. Isso explicaria por que ela está tão determinada em me manter fora da FDD. Talvez esteja preocupada que eu vá expor a verdade de que a sua liderança incompetente levou um dos pilotos a ser atingido por acidente.

— Você está forçando a barra. Nem sabe com certeza se o relatório oficial é uma mentira.

— Ele concordou com a cabeça.

— Ele meio-que-mais-ou-menos-concordou-com-a-cabeça-mas-bem-que-poderia-ser-um-gesto-aleatório.

— Nesse caso, me dê uma teoria melhor para o motivo pelo qual mentiram para todo mundo — exigi.

— Eu posso dar uma — M-Bot falou animado. — O Maior Argumento para o Caos Originado pelos Humanos.

— O quê? — Lad perguntou.

— O Maior Argumento para o Caos Originado pelos Humanos: MACOH. É um fenômeno muito popular e bem-documentado; há uma grande quantidade de escritos em meus bancos de memórias sobre o assunto.

— E o que é isso? — perguntei, conectando um fio. Com frequência ele dizia coisas estranhas como essas e eu aprendera a simplesmente deixar para lá. Em parte, porque... bem, eu achava interessante o jeito como ele falava. Ele via o mundo de um modo tão estranho.

Eu ainda esperava que uma dessas conversas pudesse desenterrar alguma informação útil de seus bancos de memória, embora a maneira como elas costumavam frustrar Lad fosse um belo bônus também.

— O MACOH está relacionado ao livre-arbítrio — M-Bot disse. — Os humanos são as únicas criaturas que têm livre-arbítrio. Sabemos disso porque vocês declararam que têm... E eu, sendo uma máquina sem alma, devo acreditar que estão corretos. A propósito, como é ser autodeterminista?

— Não sei — respondi.

— Não é como provar sorvete?

— Não... É, é exatamente assim.

— Eu não sei, é claro — M-Bot falou. — Não fui construído com a habilidade de compreender sabores. Nem de tomar decisões por mim mesmo.

— Você toma decisões o tempo todo — Lad comentou, balançando a chave na direção do cockpit.

— Eu não tomo decisões. Eu simplesmente executo sub-rotinas complexas da minha programação, todas derivadas de estímulos quantificáveis. Sou perfeita e completamente racional.

— Racional que continua pedindo cogumelos — respondi.

— Sim — ele concordou. — Me diga, você acha que alguém faz sorvete com sabor de cogumelo?

— Parece nojento — respondi. Eu só tinha tomado sorvete uma vez, quando era criança, e meu pai tinha méritos para conseguir um. — Por que comeríamos algo assim?

— Não sei — M-Bot respondeu. — O Maior Argumento para o Caos Originado pelos Humanos, lembra?

— Que você ainda não explicou o que é — Lad observou.

— Ah! Eu achei que fosse óbvio — M-Bot pareceu surpreso. — Humanos têm livre-arbítrio. O livre-arbítrio é a capacidade de tomar decisões irracionais, de agir contra estímulos. Isso torna impossível para uma Inteligência Artificial racional antecipar completamente os humanos, pois mesmo se eu tivesse uma compreensão perfeita dos seus *inputs*, vocês ainda poderiam fazer algo totalmente imprevisível.

Virei a minha cabeça na direção de Lad, franzindo o cenho, tentando ver algum sentido naquilo.

— Isso quer dizer que vocês são estranhos — M-Bot acrescentou.

— Humm... — murmurei.

— Não se preocupe. Gosto de vocês mesmo assim.

— Você disse que essa era uma teoria popular? — Lad perguntou.

— Comigo — M-Bot falou.

— E há muita coisa escrita sobre isso? — Lad quis saber.

— Por mim — M-Bot disse. — Hoje mais cedo, escrevi sete mil páginas. Meu processador trabalha bem rápido, como você percebeu. Admito que a maior parte do que escrevi é apenas "humanos são estranhos", repetido 3.756.932 vezes.

— Você deveria estar rodando um diagnóstico! — Lad gritou.

— Lad, isso leva trinta segundos — M-Bot explicou. — Preciso de algo mais interessante para ocupar meu tempo.

Lad suspirou, colocando outra porca no copo ao seu lado.

— Você percebe que essa coisa é louca, né?

— Desde que você possa fazê-la voar, eu não me importo. Você... pode fazê-la voar, certo?

— Não sou louco — M-Bot pontuou.

— Bem — Lad respondeu, ignorando a máquina —, assim que terminarmos de trocar a fiação, você vai precisar consertar as entradas, os aceleradores e o resto das articulações. Eu vou olhar os coletores atmosféricos enquanto você faz isso, depois vou tirar as cápsulas de gravidade e verificá-las. Se estiver tudo em ordem, então a parte interna está em boa forma. Depois disso, temos que descobrir como vamos lidar com aquela asa. Uma parte do meu estágio vai ocupar-se com projetos e fabricação, e *acho* que consigo descobrir um jeito de encomendar partes novas para essa asa. Embora eu possa tentar desdobrar algumas das partes amassadas. Com isso vamos conseguir tudo, menos o principal.

— Os propulsores — falei. M-Bot tinha espaço para três, um maior e dois menores.

— Acho que ele voará bem com um propulsor central. Mas não tem como eu conseguir encomendar algo tão grande. Então, se quisermos voar nessa coisa, você vai ter que conseguir uma reposição. Um modelo-padrão da FDD deve funcionar...

qualquer coisa entre um A-17 e um A-32 caberia nesse espaço, com pouco trabalho da minha parte.

Suspirei, descansando no chão de pedra. Por fim, saí de baixo da nave para pegar algo para beber.

Um propulsor novo. Não era o tipo de coisa que eu podia encontrar em um lixão ou mesmo roubar de um *hovercar* qualquer. Era tecnologia militar classe A. Eu teria que roubar um caça estelar. O que seria mais que um furto simples... seria traição de verdade.

Não, pensei. Consertar M-Bot era um sonho lindo, mas eu não iria *tão* longe.

Suspirei, tomei um longo gole do meu cantil e verifiquei o relógio. 0605. Lad também saiu de baixo da nave, pegando seu cantil.

Assobiei para Doomslug, que assobiou de volta em uma imitação perfeita.

— Tenho que ir — falei para Lad. — Preciso de tempo para passar no banheiro feminino e me lavar antes de ir para a sala de aula.

— Claro — Lad concordou, batendo na asa do caça com sua chave-inglesa. — Mas não sei por que você se incomoda em fazer isso lá, já que pode usar a limpadora da nave.

— Ela tem uma limpadora? — perguntei, parando no lugar.

— Ela tem bioinstalações completas, incluindo recuperação de resíduos, como parte da cápsula no cockpit. Coloquei um pouco de sabão ontem e fiz o sistema funcionar; os controles estão no pequeno teclado na parte traseira do cockpit. O dossel pode escurecer, para garantir privacidade. Supondo que você possa confiar que essa coisa não vai tirar sarro de você enquanto estiver se limpando.

— Por que eu tiraria sarro dela? — M-Bot perguntou. — As fragilidades da existência humana e os fedores causados pela geração ineficiente de energia biológica não são assuntos para risos.

Eu apenas sorri. Estava cansada de me esgueirar até o limpador da base, constantemente preocupada que a almirante Ironsides usasse isso como desculpa para me expulsar.

— Faz sentido você ter uma limpadora — falei para M-Bot enquanto subia no cockpit. — Você disse que é uma nave furtiva de reconhecimento de longo alcance, certo?

— Equipada para missões no espaço profundo.

— Com quatro incineradores — Lad comentou, lá embaixo. — E avançados coletores atmosféricos e um design extremamente rápido. Ele é um caça de batalha, Spin. Mas provavelmente um de longa distância, como ele disse.

— Então você tem que ser capaz de cuidar do piloto por muito tempo — falei, fechando o dossel. — Você viajou entre as estrelas?

— O hiperdrive citônico está desligado — M-Bot comentou.

— Mas como você fazia isso? — perguntei. — O que é um “hiperdrive citônico”? E o que estava procurando?

A nave ficou estranhamente em silêncio. O cockpit – como prometido – escureceu quando acionei o controle no painel que Lad indicara.

— Não tenho registros de nada disso — M-Bot disse baixinho. — Se eu pudesse sentir medo, Spin, eu... eu teria medo. Não sou um piloto automático; não posso pilotar a mim mesmo, isso é proibido, exceto para manobras muito lentas. Então, tudo o que sou, na verdade, é um repositório de conhecimento. É nisso que sou bom.

— Só que você esqueceu tudo.

— Quase tudo — ele sussurrou. — Exceto... minhas ordens.

— Esconder-se. Fazer um balanço. Não se meter em brigas.

— E um banco de dados aberto para catalogar fungos locais. Isso... é tudo o que sou agora.

— Espero que Lad seja capaz de reparar seus bancos de memória para que possamos recuperar o que você perdeu — falei. — Se não, vamos preencher seus bancos com novas memórias. Memórias melhores.

— Os dados não sugerem que nada disso seja possível.

— Os dados não precisam sugerir nada — repliquei. — Você vai ver.

— MACOH — M-Bot disse. — Eu deixarei que leiam as sete mil páginas que escrevi, mas sou programado para evitar que os humanos se sintam inferiores por sua incrível estranheza.

Abaixei o assento até deixá-lo deitado e localizei a cápsula de limpeza na parte de trás do cockpit – não era óbvio, mas eu sabia o que procurar: um buraco que eu pudesse abrir e entrar. A comprida e estreita cápsula de limpeza se estendia pela fuselagem.

Eu me despi, enfiei tudo no compartimento para roupas, posicionei os pés no buraco e deslizei para dentro da cápsula. Fechei a escotilha na minha cabeça pressionando um botão na lateral e ativei a limpadora.

Mantive os olhos fechados enquanto eu era banhada em espuma e clarões de luz. Parecia... decadente ter a minha própria limpadora. Na minha vizinhança, havia três limpadoras que eram compartilhadas por dezenas de apartamentos. O uso diário era agendado com precisão.

— Acho que fiz você se sentir mal de qualquer maneira, não? — M-Bot perguntou.

Eu não era uma pessoa tímida, mas a voz dele me fez corar. Eu não estava acostumada a conversar com alguém enquanto estava na limpadora.

— Estou bem — falei, assim que a limpadora terminou de lavar o meu rosto. — Eu gosto do jeito que você fala. É diferente. Interessante.

— Não inventei o MACOH para você se sentir mal — ele comentou. — Eu só... eu precisava de uma explicação. Para saber por que você diz coisas que não são verdade.

— É sério que você *nunca* tinha ouvido uma mentira antes?

— Não sei. Talvez tenha ouvido e ela simplesmente... tenha passado.

Ele soou frágil. Como um caça estelar grande e fortemente armado podia soar *frágil*?

— Você é a única fonte de informação que tenho — M-Bot disse. — Se me diz coisas que não são verdade, como posso colocar isso nos meus bancos de memória? Eu me arrisco a reter dados falsos.

— É um risco com o qual todos convivemos, M-Bot — expliquei. — Não podemos saber tudo e algumas coisas que achamos que sabemos no fim acabam se mostrando ser dados falsos.

— Isso não assusta você?

— Claro que sim. Mas, se ajudar, vou tentar não mentir para você.

— Ajuda. Obrigado.

Ele ficou em silêncio e eu relaxei, desfrutando de uma limpeza longa, luxuosa – durante a qual imaginei cenários nos quais eu voava em M-Bot para a batalha com armas prontas, salvando minha esquadrilha da perdição certa, como Joana D'Arc em seu leal corcel.

Era um bom sonho. Mesmo que meu corcel continuasse a perguntar por cogumelos.

23

— Tudo bem — a voz de Cobb disse em meus ouvidos enquanto nosso grupo pairava fora de um campo de batalha holográfico. — Estou quase convencido de que não vão voar direto para o primeiro pedaço de detrito que cair perto de vocês. Acho que talvez estejam prontos para aprender algumas técnicas avançadas com armas.

Ainda agora, duas semanas depois de perdê-lo, eu esperava que Bim ficasse ansioso e perguntasse pelos incineradores. Como ele não o fez, em vez disso eu disse, em sua memória:

— Incineradores?

— Não — Cobb respondeu. — Hoje vamos treinar com PIM.

Ah, certo. Passamos tanto tempo treinando com as lanças de luz que quase esqueci que tínhamos uma terceira arma, que podia derrubar os escudos dos inimigos.

Enquanto eu esperava que Cobb decidisse os parceiros de voo do dia, mudei o rádio para um canal privado e chamei Arrojada:

— Quase pensei que ele nos deixaria usar armas de verdade, hein, Arrojada?

Arrojada apenas grunhiu.

— Me fez pensar em Bim — prossegui. — Eu gostaria que pelo menos tivéssemos conseguido ajudá-lo a escolher um codinome, sabe?

— Estou com a Flácida hoje — Arrojada falou quando Cobb nos indicou os pares nos sensores das telas. — Arrojada, câmbio desligo. — E ela desligou o canal.

Senti meu rosto gelar e rangi os dentes, xingando o Babaca em silêncio por ter denunciado minha linhagem. Embora estivesse acostumada a esse tipo de coisa, eu gostava de Arrojada. A garota ansiosa e divertida quase parecia uma amiga.

Movi minha nave para perto de Nedd, meu parceiro de voo do dia. Na nossa frente, um grupo de naves Krell apareceu no céu e começou a voar em padrões de defesa. Detritos caíam, a maioria pedaços grandes e ardentes que despencavam rapidamente, deixando um rastro de fumaça.

— Tudo bem — Cobb disse. — Uso básico do escudo. Spin, faça um resumo do que já sabemos.

Ele fazia isso de tempos em tempos, testando nossos conhecimentos.

— Os escudos de bordo podem absorver cerca de oitenta kus de energia antes de ficarem sobrecarregados e caírem — falei. — Isso representa mais ou menos dois ou três disparos de um incinerador, um golpe de um detrito pequeno ou uma colisão de relance. Se seu escudo cai, você precisa reativá-lo, o que usa energia de seu propulsor. Isso significa perder impulso e manobrabilidade por quase meio minuto.

— Ótimo. Anfisbena, o que ela esqueceu de dizer?

Eu fiquei razoavelmente impressionada que ele conseguisse pronunciar o codinome de Arturo, o tal "dragão de duas cabeças".

— Não muito — Arturo respondeu. — Sempre avise seus companheiros de voo se seu escudo cair, para que eles possam cobri-lo com seus incineradores enquanto você reativa. Não que saibamos muito sobre o uso de incineradores...

— Você aperta o gatilho, espertinho — Cobb disse. — Não é preciso um cérebro para usar um incinerador. Já com o PIM, a questão é outra. Pulso Invertido de Magalhães. Derruba qualquer escudo em um raio de cinquenta metros, incluindo o seu.

— Cinquenta metros — FM falou baixinho. — É um alcance bem próximo.

— Um alcance ridiculamente próximo — Cobb concordou. — Vocês precisam praticamente sentir o cheiro dos Krell antes de usar o PIM neles.

— Senhor — Jorgen disse. — Fico preocupado com a habilidade da esquadrilha para chegar tão perto assim.

— Se pelo menos tivéssemos acabado de passar um mês treinando manobras e arremessos de lanças de luz enquanto os outros cadetes brincavam de tiro ao alvo — Cobb replicou. — Olhe, os escudos dos Krell são fortes. Se vocês lutarem do meu jeito, vão anular completamente a vantagem deles. E, se não querem lutar do meu jeito, podem chupar rochas quentes e se tornar fazendeiros de algas.

Com isso, ele nos jogou no treino. E eu não reclamei. Depois de várias semanas praticando o que parecia ser um monte de curvas extravagantes, eu estava ansiosa para fazer alguma coisa que parecesse um pouco com um combate de verdade.

Cada um de nós recebeu uma nave Krell voando em um padrão simples. Nossa tarefa era nos aproximar em dupla, voando *exatamente* a cinquenta e cinco metros de distância. Devíamos interceptar o percurso da nave Krell, enquanto um de nós acionava o PIM. Então, parávamos e fazíamos um exercício de reativação rápida.

Não íamos abater os Krell. Apenas praticávamos o PIM no escudo deles, uma vez e mais outra. E mesmo com as naves Krell voando em padrões simples, era muito difícil. Tínhamos que chegar tão perto que parecia que íamos bater direto nelas. Acontece que cinquenta metros já estava no limiar de uma passagem

confortável. As primeiras vinte vezes, mais ou menos, eu me afastei rápido demais e o PIM derrubou meu escudo, mas não o do inimigo.

Passar correndo. Ativar o PIM. Desviar. Reativar.

Repetir.

— Sabe — Nedd disse enquanto voávamos —, eu adoraria abater um desses malditos.

— Não extrapole, Nedder — Cobb falou em nossos ouvidos. — Hoje, o exercício é para derrubar os escudos deles. Só isso.

— Mas...

— Vamos destruí-los mais tarde. Nos próximos dias, vamos nos concentrar em estratégias básicas de PIM.

Nedd suspirou na linha do grupo.

— Alguns dias fazendo só isso? Mais alguém acha essa ideia um tédio?

Alguns dos outros concordaram, mas eu não. Cada momento voando, mesmo na simulação, era uma alegria. Essa explosão de velocidade, essa precisão... isso era liberdade.

Eu lembrava melhor do meu pai quando voava. A fagulha de ansiedade em seus olhos, a inclinação de sua cabeça olhando para o céu – e querendo voltar para lá. Cada vez que eu voava, eu partilhava algo novo com ele, algo pessoal.

Nedd e eu fizemos mais algumas vezes a manobra do PIM, e, estranhamente – na minha vez –, a nave Krell saiu do lugar e me obrigou a persegui-la com mais ímpeto. Esse não era um exercício normal, era um desafio. Quando por fim eu consegui usar o PIM, descobri que estava com a respiração pesada, mas sorrindo com a emoção daquilo.

— Me diga que não foi divertido — disse na linha particular para Nedd. Olhei para onde ele voava, ao meu lado, o holograma reproduzindo-o, com capacete e tudo. Ele era um pouco bruto, grandalhão, com um rosto que parecia grande demais para a cabeça. Eu não podia imaginar como era se espremer naquele cockpit quando se tinha cento e noventa e três centímetros, como ele.

— Divertido é sentar em casa — ele respondeu —, com os pés para cima, desfrutando de uma caneca com alguma coisa quente. Isso tudo é demais para a minha cabeça.

— Ah, por favor — eu disse. — Não me venha com essa, Nedd.

— O quê? — ele perguntou. — Sou só um cara normal.

— Que cresceu nas cavernas profundas?

— Na verdade, eu cresci aqui, em Alta.

— Sério? — perguntei, surpresa.

— Sim. Fui para a escola com Jorgen e Arturo lá embaixo, mas meus pais continuaram no pomar.

— Então você não é só um cara normal — comentei. — Você estudou com a elite e seus pais se voluntariaram para fazer o trabalho mais difícil em Detritus. Além disso, quantos irmãos você tem que são pilotos?

— Não sei — ele confessou. — Não consigo contar.

— Você faz a pior imitação de bobalhão que já vi.

— Nesse caso, nem isso consigo fazer direito — ele falou. — Uma prova extra, certo?

Revirei os olhos e nos preparamos para outra corrida. Nedd parecia determinado a fingir que era algum tipo de grande idiota. Mas ele exagerava, provavelmente de propósito. Nem as pedras eram tão estúpidas quanto Nedd algumas vezes.

No campo de batalha, Arrojada e Kimmalyn passaram rápido por uma nave Krell. Arrojada acionou seu PIM no momento certo, mas Kimmalyn não só estava voando perto demais – e foi pega na explosão também – como entrou em pânico quando seu escudo caiu e desviou de lado, o que a fez esmagar sua nave contra a nave Krell.

Eu estremeci. Já fazia um tempo desde que um de nós cometera um erro tão gritante. Nedd assobiou devagar e depois ligou o comunicador.

— Bela explosão, Flácida. Sete de dez. Tente rodar seus destroços um pouco mais, na próxima vez que cair.

— Que as estrelas o abençoem — ela murmurou, o que era praticamente um xingamento vindo de Kimmalyn.

— Ei! — Nedd exclamou.

— Você não deveria provocá-la — falei para ele na linha particular. — Ela está se esforçando muito.

— Todo mundo precisa de alguém com quem explodir, até ela. Especialmente ela. Ela é tão tensa de vez em quando. Acho que até fecha o cinto dois furos mais apertado do que deveria.

— É só que ela é de uma caverna diferente — comentei. — Sua cultura a faz mais educada.

— Ela está nervosa — ele insistiu. — Ela sabe que é a nossa pior piloto. Ignorar isso só a deixará mais nervosa. Acredite em mim.

Hum.

— E o que você acha de Arrojada?

— Ela é boa — ele afirmou. — Mas não tão boa quanto pensa que é. — Ele ficou em silêncio por um instante. — Ela costumava fingir que tudo isso era um jogo. Ela foi atleta, sabia?

— Tipo, atleta de verdade?

— Sim. Jogadora de *digball*. Na posição de carregadora, uma das melhores da liga estudantil. Parece que tudo é uma competição para ela, mas aí perdemos Bim e Alvorecer, e agora ela está bem quieta. Ela não sabe como reagir agora que viu que voar não é um jogo.

— Achei que você tinha dito que era estúpido.

— Estúpido como uma rocha gelada.

— E essa análise inspirada de seus companheiros?

— Estou só jogando conversa fora. Dizendo o que me vem à mente, sabe? Você tem sorte se alguma coisa do que falo fizer sentido. Em geral, são só grunhidos.

— Ah, por favor.

Fizemos mais alguns exercícios, durante os quais Nedd fez alguns barulhos como grunhidos. Sério, eu não sabia dizer se ele era infantil ou um brincalhão... ou, bem, certamente ele era um pouco dos dois. Ou talvez fosse outra coisa também?

Depois de um tempo, Cobb nos pediu para entrar em posição enfileirada, depois fazer corridas um de cada vez, para que ele pudesse analisar e nos dar instruções específicas sobre como melhorar. E, embora eu gostasse daquilo, fiquei feliz com a pausa – era um trabalho pesado.

Observei cada uma das corridas solo, e estávamos realmente começando a parecer pilotos de verdade. O jeito como Arrojada virou depois que desviou dos Krell era impressionante. E ainda que FM pudesse ser muito cuidadosa, seu voo tinha uma precisão inspiradora.

Kimmalyn fez seu voo solo na sequência e conseguiu acionar o PIM contra os Krell. Eu sorri e a chamei quando ela voltou.

— Ei — falei na linha particular. — Bom trabalho!

— Eu não bati em ninguém — ela comentou. — Então, foi novidade.

— Você quase nunca bate.

— Eu quase nunca me dou bem, tampouco.

— Todos temos talentos. O seu é girar a distância. O meu é xingar as pessoas.

— Xingar as pessoas? Você quase nunca...

— Cale a boca, panaca.

Ela deu uma risadinha, o que me fez sorrir. Talvez Nedd estivesse certo. Talvez ela precisasse de uma oportunidade de vez em quando de descarregar.

— Agora, querida — Kimmalyn disse —, longe de mim criticar alguém. Mas *dificilmente* isso foi um xingamento criativo. Tenho ouvido essa palavra, *ah*, todos os dias desde que deixei a Caverna Abundante! De onde eu vim, você precisa ser circunspecta.

— Qual é a vantagem nisso?

— Bem, você não pode deixar que as pessoas percebam que você as está depreciando. Isso seria vergonhoso!

— Então você insulta as pessoas sem insultá-las?

— É o nosso jeito. Mas não se preocupe se isso não faz sentido para você... pessoalmente. Eu acho inspirador que você fique confortável em ser como é. Deve ter lhe dado tantas chances de aprender lições de vida!

— Isso é... hã... — Sorri. — Gosto disso.

— Obrigada.

Nossa linha crepitou e a voz desagradável do Babaca surgiu.

— Flácida, Spin, vocês duas estão vendo a performance da Arrojada? Deviam estar prestando atenção.

— Estou vendo — repliquei.

— Ótimo. Porque do meu ponto de vista, parecia que estavam só batendo papo e dando risadinhas.

— Jorgen — Kimmalyn respondeu —, só quero que saiba como você é considerado como líder de voo. Como a Santa é boa e justa, tenho certeza de que você será recompensado com tudo o que merece na vida!

— Obrigado, Flácida. Fiquem atentas. Jorgen, câmbio, desligo.

Observei até que a luz indicando que ele estava na linha se apagou, então irrompi em uma gargalhada.

— Essa foi a coisa mais gloriosa que já ouvi em toda minha vida.

— Bem — Kimmalyn falou —, você é conhecida por ser um pouco dramática às vezes, mas suponho que eu posso aceitar o elogio. — Ela saiu voando para outra corrida, já que Cobb queria treinar o jeito como ela usava o propulsor.

— É quase como se ela não pertencesse a este lugar — sussurrei para mim mesma. — Como se ela fosse boa demais para nós, e não fosse boa o suficiente ao mesmo tempo...

— Isso é contraditório — a voz de M-Bot falou em meu ouvido. — Tão perfeitamente humano.

— Sim — respondi, e então endireitei o corpo. — M-Bot?

— Sim?

— *M-BOT!*

— Não que eu me importe que gritem comigo, já que as minhas emoções são sintéticas, mas você se importaria...

— Como? — perguntei. Eu me encolhi em meu assento, sussurrando baixinho. — Os outros podem ouvi-lo?

— Eu me infiltrei em suas linhas e enviei as minhas comunicações diretamente para o seu capacete — ele explicou. — Seus emissores de comunicação sem fio me dão um ponto focal para isolar você.

— Meus o quê?

— Na sua mochila. Acho que deixou perto do seu assento.

O rádio pessoal que Cobb havia me dado.

— Como você disse, os métodos de comunicação do seu povo são bem primitivos — M-Bot prosseguiu. — O que achei curioso, já que o resto de sua tecnologia, exceto pela falta de inteligências artificiais brilhantes, parece relativamente similar à minha. Bem, e vocês tampouco têm hiperdrives citônicos. E técnicas de documentação adequadas de fungos. Então, eu imagino que estão atrasados em todas as áreas importantes.

— Eu pensei que você estivesse preocupado em ser descoberto! — sussurrei. — Por que está falando comigo aqui?

— Sou uma nave furtiva, Spensa — ele lembrou. — Sou totalmente capaz de invadir linhas de comunicação sem me expor. Mas, devo avisá-la, eu não confio nessa sua FDD.

— E com razão — falei, com honestidade. — Mas *confia* em mim? Mesmo depois de ter mentido para você?

— Você me lembra de alguém que esqueci.

— Isso... é meio contraditório, M-Bot.

— Não, não é. Eu disse, e sou cem por cento racional.

Revirei os olhos.

— É chamado de lógica — ele aguardou um instante, e acrescentou baixinho. — Sou superbom nisso.

Adiante, Kimmalyn terminou sua corrida com a nave Krell escapando. Ela não chegou a disparar o PIM.

Mas ela podia ter atirado naquela coisa no ar, pensei, irritada, em sua defesa. *Presumindo que o escudo tivesse caído*.

Cobb continuava a dizer que precisávamos dos fundamentos e suponho que aquilo fazia sentido. Mesmo assim, não parecia justo. Tipo... não a estávamos usando em seu máximo.

— Spin — Cobb me chamou. — Você é a próxima.

— Próxima para quê? — M-Bot me perguntou. — O que estamos fazendo? Não tenho transmissão de vídeo. Só de áudio.

— Estamos voando — sussurrei. Em seguida, acionei meu propulsor e voei em direção aos detritos holográficos, constantemente renovados com novos detritos que caíam do céu acima de nós.

Meu alvo apareceu, uma nave Krell voando por entre pedaços de lixo. Eu me inclinei e saí em perseguição, em velocidade máxima, pelos destroços. Quase perto o bastante...

Uma luz começou a piscar em meu painel. Eu estava sendo seguida? Como? Supostamente esse deveria ser um exercício solo, um contra um. Aparentemente, Cobb pretendia tornar isso mais difícil para mim.

Que fosse.

Rodei a nave em uma evasiva giratória enquanto meu perseguidor começava a disparar seus incineradores. Minha manobra me salvou, mas permitiu que o alvo se afastasse de mim. *Não, você não vai escapar*, pensei, acionando velocidade máxima e correndo atrás dele, realizando uma curva bem rápida e ganhando terreno. O perseguidor colou em mim e continuou a disparar.

Levei um tiro que quase sobrecarregou meus escudos. Mas eu me concentrei na nave da frente, que mergulhou para baixo. Então, desliguei o anel de aclive e aumentei a velocidade, despencando em um mergulho de revirar as entranhas. Luzes piscavam no meu painel de controle para avisar que, sem o anel de aclive, nada me impediria de cair direto no chão.

— Não sei com quem está lutando — M-Bot comentou. — Mas esses bipes de alerta indicam que você não está indo muito bem.

Para acompanhar suas palavras, a linha no alto do meu dossel avisou que eu acabara de sobrecarregar minhas cápsulas de gravidade, e o indicador de força g começou a piscar vermelho. Em uma nave de verdade, eu seria atingida com todas aquelas forças g, o que – em um mergulho – empurraria o sangue para minha cabeça e me faria começar a desmaiar.

— Tente não morrer — M-Bot observou. — Eu não quero ficar sozinho com Rodge. Ele é chato.

Passei raspando por outro pedaço de metal que caía, ardente – fagulhas saíram do meu escudo, fazendo-o se iluminar e crepitar com a energia. Despistei a nave que me seguia, deixando-a bem para trás, mas não estava perto o bastante da que ia à minha frente.

Não dá para continuar mergulhando, pensei. *Estamos nos aproximando do solo*.

Rangi os dentes, depois prendi uma lança de luz a um pedaço de detrito bem quando meu alvo foi para o lado e voou para cima novamente. Girei a nave ao redor do detrito, em seguida reiniciei meu anel de aclive e acionei a velocidade máxima. A manobra me fez rodar em um círculo completo e disparar para cima, bem atrás da nave Krell.

Disparei meu PIM e a linha piscando no dossel ficou completamente vermelha.

— Rá! — falei pela linha do grupo. — Seus filhos vão chorar esta noite, seu bastardo holográfico Krell!

— Sério, Spin? — FM perguntou. — Está dizendo isso de maneira irônica, certo?

— A ironia é a arma de um covarde! — respondi. — Como veneno. Ou os incineradores na nave do Babaca.

— Um covarde não usaria, tipo, uma bomba bem grande? — FM perguntou. — Algo que desse para lançar de longe? Parece que você tem que chegar bem perto para usar o veneno.

— Como nosso especialista residente — Nedd comentou —, eu gostaria de destacar que a verdadeira arma do covarde é um sofá confortável e uma pilha de livros razoavelmente divertidos.

— Mesmo assim, você morreu, Spin — o Babaca disse, levando sua nave para perto da minha. — Entrou na linha vermelha, o que possivelmente causou danos permanentes em sua retina. Se estivesse em uma batalha de verdade, sem dúvida ficaria incapacitada... e sua nave trabalharia sem escudo. Você estaria morta em alguns instantes, graças ao Krell seguindo você.

— Não importa — respondi, curtindo ver como ele parecia ofendido. Será que ele estava realmente se sentindo ameaçado com a minha destreza? — Minha tarefa era derrubar o escudo do alvo, o que eu fiz. Meu perseguidor era irrelevante: as ordens de Cobb eram para usar o PIM naquele alvo.

— Você não pode ficar trapaceando nas simulações — o Babaca disse. — Vai ser inútil no campo de batalha.

— Não estou trapaceando nada. Estou *ganhando*.

— Como queira — ele desistiu. — Pelo menos você não jogou a nave contra a minha desta vez. Que as estrelas ajudem a pessoa que estiver entre Spin e suas tentativas de se exibir diante de todo mundo.

— O quê? — falei, quase rosnando de irritação. — Seu...

— Chega de conversa fiada — Cobb interrompeu. — Spin, foi um bom voo. Mas Jorgen está certo. No fim, você falhou por ter se deixado ser morta.

— Eu não disse? — o Babaca perguntou.

— Mas... — tentei falar.

— Se vocês têm tempo para discutir — Cobb interrompeu mais uma vez —, é óbvio que não estão trabalhando duro o bastante. Todos vocês, façam três séries de exercícios em formação gama-M antes do jantar. Jorgen, assegure-se de que isso aconteça.

— Espere — Kimmalyn disse —, você vai embora?

— Claro que sim — Cobb respondeu. — Eu não vou chegar atrasado ao jantar. Cobb, câmbio, desligo.

— Ótimo — Arrojada comentou. — Obrigada por nada, Spin.

Espere, ela não podia *me* culpar pelo trabalho extra, em vez de culpar o Babaca, podia? Ele nos organizou em formação gama-M, um tipo de exercício de

voo monótono. Foram só dez minutos, mas eu passei o tempo todo agitada, ficando cada vez mais frustrada. Até ignorei M-Bot quando ele tentou falar comigo.

Assim que acabamos, tirei meu capacete, ignorando a ordem do Babaca para formação e confirmação vocal. Eu só... precisava de um tempo. Um momento para mim mesma. Limpei o suor do rosto, empurrando o cabelo que estava grudado na testa por causa do capacete.

Inspirar. Expirar.

Meu cockpit holográfico desapareceu.

— O que você está fazendo? — o Babaca exigiu saber, levantando-se ao lado do meu assento. — Você tirou o capacete? Eu mandei que todos se alinhassem.

— Eu só preciso de um minuto, ok? Deixe-me em paz.

— Você está desobedecendo ordens!

Ah, caramba. Eu não podia lidar com ele agora. Estava envergonhada, exausta e cada vez mais zangada. Fora uma longa sessão de treino.

— E aí? — o Babaca perguntou, assomando-se sobre mim. Ali perto, os outros desligaram seus hologramas e se levantaram, espichando-se.

Meu rosto gelou. E comecei a sentir que estava perdendo o controle.

Calma, Spensa. Você precisa ficar calma. Contive a raiva e me levantei. Precisava sair daquela sala.

— O que você tem a dizer? — o Babaca exigiu saber. — Por que continua negando a minha autoridade?

— Que autoridade? — repliquei, pegando a minha mochila e caminhando em direção à porta.

— Vai fugir? — o Babaca perguntou. — Que apropriado.

Parei no lugar.

— Acho que devemos esperar insubordinação da filha de Zeen Nightshade — ele comentou. — Sua família não tem exatamente uma reputação de obedecer às ordens, não é?

Meu rosto gelou. O calor ardia dentro de mim.

Já chega.

Dei meia-volta devagar, então voltei até onde o Babaca estava e soltei minha mochila.

Ele olhou para mim com desdém.

— Você...

Eu me apoiei sobre um joelho e dei um soco bem no joelho dele. Ele arfou e, quando se encolheu de dor, eu me ergui e acertei o cotovelo em seu estômago. O jeito como ele gemeu foi *bom*, atingindo algo primitivo dentro de mim.

Meu cotovelo tirou o fôlego dele, impedindo-o de gritar. Então, enquanto ele estava surpreso, enganchei meu tornozelo ao redor do dele e o fiz cair de costas no

chão.

Ele era maior do que eu. Se conseguisse se recuperar, me dominaria, por isso saltei sobre ele e ergui o punho fechado, pronta para socar aquela cara estúpida.

Então parei, tremendo. *Furiosa*. Mas de certo modo também calma e fria, como eu ficava quando lutava contra os Krell. Tipo, eu estava no controle absoluto, mas, de algum modo, também completamente *fora* de controle.

O Babaca me encarou, imóvel, parecendo completamente chocado. Aquele rosto estúpido dele. Aquele desprezo. Era assim que todos eles falavam de mim. Era o que todos eles pensavam de mim!

— Opa! — Nedd gritou. — *Caramba!*

Fiquei ajoelhada em cima do Babaca, tremendo, com a minha mão levantada.

— É sério, uau! — Nedd exclamou, ajoelhando ao nosso lado. — Spin, isso foi *incrível*. Você pode me ensinar isso?

Olhei para ele.

— Não aprendemos combate corpo a corpo — ele disse, fazendo uns movimentos de socos. — Cobb diz que é inútil, mas e se um Krell tentar, você sabe, pular em mim em um beco ou algo do tipo?

— Ninguém jamais viu um Krell vivo, seu idiota — Arrojada comentou.

— Sim, mas e se for porque, tipo, eles sempre pulam em pessoas nos becos? Já pensou nisso?

Olhei novamente para o Babaca. De repente, consegui ouvir a minha própria respiração entrecortada.

— Spin — Nedd falou —, está tudo bem. Você estava só demonstrando alguns movimentos de luta corpo a corpo, certo? Como conseguiu fazer isso? Você é, tipo, metade do tamanho de Jorgen.

Calma. Respira.

— Metade do tamanho? — Arturo perguntou. — Devo observar que isso a deixaria com menos de um metro de altura? Sua matemática é suspeita.

Saí de cima do Babaca, que soltou um suspiro e ficou mole. FM parecia horrorizada, enquanto Nedd me fazia sinais de positivo com os polegares. Arturo balançava a cabeça. Kimmalyn estava parada, com a mão na boca, enquanto Arrojada... Eu não conseguia analisar Arrojada. Ela estava com os braços cruzados e me observava, pensativa.

Jorgen cambaleou até ficar em pé, com a mão no estômago.

— Ela bateu em um superior. Ela *atacou* outro membro da esquadrilha!

— Ela extrapolou um pouco, sim — Nedd observou. — Mas, quero dizer, você pediu por isso, Jorgen. Nenhum dano permanente, certo? Não podemos simplesmente esquecer tudo isso?

Jorgen me olhou e sua expressão endureceu.

Não. Aquilo não seria esquecido. Eu tinha me metido em uma encrenca séria desta vez. Encontrei seus olhos e, então, por fim, peguei minha mochila e fui embora.

24

Há anos que eu não perdia a cabeça daquele jeito.

Apesar de todo o meu discurso agressivo, na verdade, eu não entrara em tantas brigas assim quando criança. Eu fingia ser uma guerreira ou algo do tipo, mas a verdade era que, quando ouvia o jeito como eu falava, a maioria das crianças recuava. E, para ser honesta, a hesitação delas provavelmente tinha menos a ver com o fato de terem medo de mim, e mais com ficarem desconfortáveis com o meu ar bizarro de confiança.

Dava certo. Mantinha-as longe e não me colocava em situações nas quais eu perderia o controle. Porque isso podia acontecer, e não era como se eu fosse uma guerreira corajosa das histórias. Era mais como um rato encurralado e frenético. Como quando peguei Finn Elstin roubando o almoço de Lad. Finn acabou com um olho roxo e um braço quebrado. Eu passara um ano em liberdade condicional juvenil, e fora expulsa das aulas de judô por uso inapropriado de violência.

Como eu não tinha idade para ser responsabilizada legalmente, meus atos não prejudicaram as minhas chances na escola de voo. O ataque de hoje era diferente. Hoje eu tinha idade o bastante para saber que não deveria fazer aquilo.

Sentei-me em um dos bancos do pomar do lado de fora do complexo da FDD. O que Jorgen faria comigo? Se ele fosse até a almirante, eu seria afastada. Acabada. E mereceria isso.

Realmente, eu *não* era como uma guerreira das histórias da minha avó. Longe disso. Eu mal consegui funcionar quando meus amigos morreram em batalha, e agora perdi o controle por alguns insultos de nada? Por que eu não conseguia me controlar? Por que me ericei quando Jorgen disse aquelas coisas? Eu convivi com elas a vida inteira.

Enquanto o céu escurecia e a claraboia mais próxima se afastava, fiquei sentada ali, no pomar, esperando, aguardando que os policiais militares viessem me buscar. A única coisa que eu ouvia era um som fraco... um zumbido? Vindo da minha mochila?

Franzindo o cenho, enfiei a mão lá dentro e achei o rádio. Peguei-o e apertei o botão de recepção.

— Alô? — M-Bot disse. — Spensa? Você morreu?

— Talvez.

— Aaah. Como o gato!

— ... o quê?

— Honestamente, não tenho certeza — M-Bot confessou. — Mas, logicamente, se você está falando comigo, então a possibilidade ficou a seu favor. Eba!

Eu me recostei no banco e, relutante, comecei a comer um pedaço de carne seca. Se viriam me buscar, que viessem. Enquanto isso, eu podia comer. Não sentia fome, estava inapetente todos esses dias. Ratos demais.

— Vai me explicar contra quem estão lutando? — M-Bot perguntou.

— Já falamos sobre isso. Contra os Krell.

— Bem, você citou algo sobre isso. Mas ninguém explicou nada para mim. Vocês simplesmente imaginaram que eu já soubesse.

Eu me obriguei a engolir um pedaço de carne seca e tomei um pouco de água. Então suspirei, segurando o rádio perto da cabeça.

— Os Krell são alienígenas.

— Vocês também são alienígenas — M-Bot observou. — Tecnicamente. Já que este não é o seu planeta natal. Certo?

— De toda forma, eles estão tentando nos destruir. São criaturas com armaduras estranhas e armas terríveis. Os anciãos dizem que eles destruíram nosso império nas estrelas, que quase nos exterminaram. Podemos ser tudo o que restou da humanidade e os Krell estão determinados a acabar conosco. Eles enviam esquadrilhas de naves, algumas com bombas chamadas destruidoras de vida, que podem penetrar bem fundo nas cavernas e destruir os seres vivos que estiverem lá dentro.

— Humm — M-Bot murmurou. — Por que eles não bombardeiam vocês da órbita?

— O quê?

— Não que eu saiba algo sobre coisas assim — ele acrescentou. — Sendo uma máquina não combatente. É óbvio.

— Você tem quatro armas.

— Alguém deve tê-las instalado quando eu não estava olhando.

Suspirei.

— Se está perguntando por que eles não lançam as destruidoras de vida lá de cima, este planeta é cercado por um antigo sistema de defesa. A estratégia padrão Krell é voar por esse sistema e depois atacar e tentar dominar nossos caças, ou se esgueirar para um ataque baixo. Se eles destroem nossa artilharia antiaérea ou passam uma bomba por baixo dela, podem acabar com a nossa capacidade de fazer novos caças. Aí, estaremos aniquilados. A única coisa que está entre a humanidade e a aniquilação é a FDD. — Fiquei em pé de um salto.

O que significa, pensei comigo mesma, *que eu deveria superar as minhas briguinhas bobas e me concentrar em voar*.

O que foi que meu pai me disse?

Suas cabeças são cabeças de rocha, seus corações estão sobre a rocha. Concentre-se em algo maior...

— M-Bot? — perguntei. — Você se lembra de algo sobre a civilização humana? Antes dos Krell? Sabe como era?

— Meus bancos de memória sobre tais assuntos estão quase totalmente corrompidos.

Suspirei, desapontada, e guardei a minha comida, preparando-me para voltar para casa. Mas eu não podia fazer isso. Não enquanto sentisse que tinha uma arma apontada para a minha cabeça. Eu não me esconderia na minha caverna, esperando ser chamada para relatar o problema de disciplina.

Eu precisava encarar aquilo de cabeça erguida e aceitar a minha punição.

Joguei a mochila sobre o ombro e voltei para a frente da Base Alta, passando pelo posto de controle. Peguei o caminho mais longo, que circundava a escola de voo – o caminho que passava pelo refeitório e pela plataforma de lançamento –, para dar uma última olhada no meu Poco.

Passei pela fila silenciosa de naves, vigiadas pelas sempre diligentes equipes de solo. À esquerda, vi os membros da minha esquadrilha sentados todos juntos no refeitório, jantando e rindo. Jorgen não estava lá, mas em geral ele não comia com as patentes comuns. Além disso, era provável que tivesse ido direto para a almirante reportar o que eu fizera com ele.

Há muito tempo os policiais militares tinham parado de me escoltar até a saída da base quando chegava a noite. Todos conhecíamos as regras e eles estavam satisfeitos que eu as estivesse obedecendo. Por isso, ninguém me proibiu quando eu voltei para o edifício da escola de voo, onde passei pela nossa sala de aula – vazia – e parei no escritório de Cobb. Também vazio.

Aqueles eram basicamente os únicos lugares que eu visitara. Respirei profundamente, e então chamei uma ajudante que passava por ali e perguntei onde eu podia encontrar a almirante àquela hora.

— Ironsides? — ela perguntou, me olhando de alto a baixo. — Ela não costuma ter tempo para cadetes. Quem é o seu instrutor de voo?

— Cobb.

A expressão dela suavizou.

— Ah, *ele.* Tudo bem, ele pegou um grupo de alunos este semestre, não foi? Há anos isso não acontecia. É alguma reclamação sobre ele?

— Eu... algo assim.

— Edifício C — ela respondeu, apontando com o queixo. — Você vai encontrar a equipe pessoal da almirante na antecâmara do escritório D. Eles podem mudá-la de esquadrilha. Honestamente, estou surpresa que não aconteça com mais frequência. Eu sei que ele é um Primeiro Cidadão e tudo o mais, mas... De toda forma, boa sorte.

Saí do edifício. Minha resolução ficava mais firme a cada passo, e acelerei o ritmo. Eu explicaria o que tinha feito e exigiria uma punição. Eu controlava meu próprio destino – mesmo que esse destino fosse a expulsão.

O edifício C era uma estrutura de tijolos assustadora no outro extremo da base. Construído como um bunker, com fendas no lugar de janelas, parecia o tipo exato de lugar onde eu encontraria Ironsides. Como eu passaria por sua equipe? Eu não queria que minha expulsão fosse decidida por algum funcionário de baixo escalão.

Espiei por algumas janelas do lado de fora do edifício, e não foi difícil achar Ironsides, embora o escritório dela fosse surpreendentemente pequeno. Uma sala minúscula, cheia de livros e lembranças náuticas. Pela janela, eu a vi olhar para o relógio antigo na parede, depois fechar o caderno de anotações e se levantar.

Vou pegá-la na saída, decidi. Segui para a frente do edifício para esperá-la, preparando meu discurso. Nenhuma desculpa. Apenas o relato dos fatos.

Enquanto eu esperava, ouvi outro zumbido vindo da minha mochila. O que era aquilo? Uma chamada para que eu fizesse um relato disciplinar? Peguei o rádio e apertei o botão.

Uma coisa estranha veio pela linha. Música.

Era incrível. Algo de outro mundo – diferente de qualquer melodia que eu ouvira antes. Um grande grupo de instrumentos tocando um ao lado do outro em uma coordenação extensa, comovente, *linda*. Nada de uma única pessoa com uma flauta ou um tambor. Uma centena de sopros maravilhosos, o pulsar de tambores – notas altas, como o chamado às armas, mas sem ser usado como grito de batalha. Era mais como... mais como a alma de uma música imponente e poderosa.

Fiquei imóvel, ouvindo, atordoada com o que tocava no rádio. Como se fosse uma luz. A beleza das estrelas, mas... mas com som. Um som triunfante, incrível, *inacreditável*.

De repente, parou.

— Não — falei, sacudindo o rádio. — Não, toque mais.

— Minha gravação está corrompida além desse ponto — M-Bot explicou. — Sinto muito.

— O que era isso?

— É a "Sinfonia do novo mundo", de Dvořák. Você me perguntou como a sociedade humana era antes. Achei esse fragmento.

Mesmo contra a minha vontade, senti os joelhos tremerem. Sentei em uma floreira ao lado da porta do edifício, segurando o precioso rádio.

Nós criávamos coisas como aquela? Sons tão lindos? Quantas pessoas precisavam se juntar para tocar aquilo? Claro que tínhamos músicos, mas antes de Alta, a reunião de tanta gente em um lugar levaria à destruição. Então, seguindo a tradição, nossas performances se limitavam a trios. Aquilo parecia ser formado por *centenas de pessoas*.

Quanta prática, quanto tempo fora dedicado para algo tão frívolo – e tão maravilhoso – quanto fazer música?

Concentre-se em algo maior.

Ouvi vozes se aproximando, vindas de dentro do edifício. Guardei o rádio e, sentindo-me tola, sequei o canto dos olhos. Certo. Eu me recompus. Era hora de fazer aquilo.

A porta se abriu e Ironsides – usando um uniforme branco impecável – saiu.

— Não consigo entender por que seu pai pensaria isso, cadete — ela estava dizendo. — Obviamente, eu teria escolhido um instrutor diferente para você, se não fosse a exigência de sua própria família...

Ela parou onde estava ao me notar no meio do caminho. Mordi o lábio. Um auxiliar segurava a porta aberta para ela – e percebi que conhecia o auxiliar. Um jovem de pele negra vestido com macacão de cadete e um casaco de uniforme.

O Babaca. Então ele chegara antes de mim.

— Almirante — falei, prestando continência.

— Você — ela disse, torcendo os lábios em desgosto. — Não está proibida de utilizar as instalações da FDD depois do final das aulas? Preciso chamar os policiais militares para escoltá-la para fora? Honestamente, precisamos ter uma conversa sobre isso. Você está realmente vivendo em uma caverna inexplorada em vez de voltar lá para baixo?

— Senhora — disse, ainda em posição de sentido. Não olhei para Jorgen. — Assumo total responsabilidade pelos meus atos. Acho que devo pedir formalmente para ser sujeitada a...

O Babaca bateu a porta. A almirante deu um pulo de susto e eu parei de falar. Ele me olhou fixamente.

— Eu... — prossegui, olhando novamente para a almirante. — Devo pedir formalmente para me sujeitar à discipl...

— Com licença, almirante — o Babaca falou rapidamente. — Isso é comigo. Apenas um minuto.

Ele saiu andando e me pegou pelo braço. Encolheu-se quando eu imediatamente ergui o punho, mas, relutante, deixei que ele me levasse.

A almirante não parecia inclinada a esperar dois cadetes. Ela fungou e saiu andando, subindo em um *hovercar* preto e reluzente que estava parado na rua.

— O que tem de errado com você? — o Babaca disse, entredentes.

— Estou me entregando — respondi, erguendo o queixo. — Não vou deixar que só o seu lado chegue aos ouvidos dela.

— Pelas estrelas — ele olhou para o carro e abaixou ainda mais a voz. — Vá para casa, Spin. Está tentando ser expulsa?

— Não vou ficar sentada esperando que você os mande atrás de mim. Vou *lutar*.

— Já não lutou o suficiente por um dia? — Ele coçou o queixo. — Vá embora. Vejo você amanhã na aula.

O quê? Eu não conseguia acompanhar aquela lógica. Será que ele queria que eu sofresse primeiro?

— Está planejando me entregar só amanhã? — perguntei.

— Não pretendo "entregar você". Acha que quero perder outro membro da minha esquadrilha? Precisamos de cada piloto.

Coloquei as mãos nos quadris e o observei. Ele parecia... sincero. Irritado, mas sincero.

— Então... espere. Por que veio atrás da almirante?

— Recebemos a almirante uma vez por semana para um jantar formal na casa dos meus pais, nas cavernas inferiores — ele contou. — É só um pouco pior do que nas outras noites, quando os Líderes da Assembleia Nacional nos visitam. Olhe, eu sinto muito. Não deveria ter provocado você. Um líder precisa reunir as pessoas, não afastá-las — ele assentiu, como se aquilo fosse o bastante.

Eu não estava convencida. Eu tinha me preparado para aquilo, estava pronta para o impacto, pronta para encarar um incinerador. Agora ele estava simplesmente... me deixando ir?

— Roubei a fonte de energia do seu carro — confessei.

— *O quê?*

— Sei que suspeita de mim. Bem, fui eu. Então, vá em frente. Me entregue.

— Pelas estrelas! Foi você?

— Hum... sim, obviamente. Quem mais poderia ser?

— A coisa estava com problema na partida, e eu tinha chamado um mecânico da guilda. Imaginei que ele tivesse vindo e levado embora por algum motivo.

— Na base?

— Não sei! A burocracia nesses lugares é incrível. Quando liguei para reclamar, eles inventaram desculpas, então imaginei... — Ele levou a mão à cabeça. — Por que motivo, neste mundo, você roubaria a minha fonte de energia?

— Hum... eu precisava destruir a sua moral. — estremeci com a mentira fraca. — Deixando você sem energia e impotente. Sim, um símbolo do meu completo e total desprezo à sua autoridade! Um emblema desafiador! Eu a levei embora, como um antigo senhor da guerra bárbaro, que roubaria o coração do...

— Não foi um pouco demais? Não bastaria descarregar o anel de aclive como um ser humano normal?

— Não sei como fazer isso.

— Não importa. Pode me compensar mais tarde. Talvez parando de me insultar diante do resto da esquadrilha. Por um dia pelo menos?

Fiquei parada ali, processando. Ele *realmente* parecia não querer brigar. Hum.

— Olhe — o Babaca disse, olhando para o carro preto. — Sei algo sobre como é viver sob a sombra dos pais. Certo? Eu sinto muito. Eu não vou... fazer isso de novo. Mas nada de me bater mais, ok?

— Ok.

Ele assentiu e saiu correndo, pedindo desculpas para a almirante enquanto subia no carro.

— Da próxima vez, vou chutar em vez de bater! — gritei para ele. — Rá!

Mas claro que ele não podia ouvir. Eu o observei partir, balancei a cabeça e peguei minha mochila. Eu realmente não conseguia entender Jorgen. Mas, de algum modo, eu ainda estava na FDD. E ele... Jorgen não queria vingança. Ele não queria lutar comigo.

Embora antes eu tivesse rido daquele comportamento, estranhamente achei nobre o jeito como ele agiu. Ele colocou a esquadrilha em primeiro lugar.

Concentre-se em algo maior...

Levei o rádio até o ouvido enquanto caminhava para casa, sentindo uma mistura de emoções conflitantes – mas, em especial, um alívio.

— M-Bot. Toque aquele fragmento de música para mim mais algumas vezes, por favor.

25

Eu me acomodei no Poco, usando traje de pressão e capacete – a primeira vez em um cockpit de verdade desde a morte de Bim e Alvorecer.

Imediatamente aquilo fez alguma coisa dentro de mim doer. Seria toda vez assim daqui para frente? Eu sempre teria essa preocupação silenciosa no fundo da mente? Uma que sussurrava: "Qual dos seus amigos não vai voltar para casa depois dessa missão?".

Supostamente, hoje seria algo mais rotineiro. Não uma batalha. Acionei o Poco e senti aquele zumbido maravilhoso – um ruído que a simulação não conseguia imitar.

Segurei a esfera de controle na mão direita, o acelerador na esquerda, pairei no ar e subi até o céu, juntamente com os outros seis caças. Jorgen contou cada um de nós com as confirmações e chamou Cobb.

— Esquadrilha Celeste pronta. Ordens, senhor?

— Vão para 304.16-1240-25000 — Cobb respondeu.

— Esquadrilha, ajustem as coordenadas — Jorgen disse. — Vou na frente. Em caso de emboscada Krell, voltarei com Arturo e FM. Nedd, você fica com Flácida, no meio da formação. Spin e Arrojada, quero vocês duas na retaguarda, preparadas para dar cobertura.

— Não haverá emboscada, cadete — Cobb comentou, parecendo se divertir com aquilo. — Simplesmente vá para o local indicado.

Saímos voando e, pelas estrelas... era bom. A nave tremia enquanto se movia, respondendo aos meus comandos. As correntes de vento eram muito mais vivas do que a simulação as fazia parecer. Eu queria seguir para frente e para trás, voar baixo e roçar a superfície marcada de crateras, e depois subir bem alto e passar pelo campo de detritos, até chegar bem perto do espaço.

Mantive o controle. Eu poderia fazer aquilo.

Depois de um tempo, nós nos aproximamos de um grande grupo de caças voando mais alto. Havia pelo menos umas cinco esquadrilhas ali.

— Aproximando-nos das coordenadas — Jorgen falou para Cobb. — O que está acontecendo? Um exercício de treino?

— Para vocês, sim — Cobb respondeu. Acima de nós, algumas faixas de luz marcavam pedaços menores de detritos entrando na atmosfera. Olhei para aquilo

preocupada.

— Ei, sabe-tudo? — Cobb chamou.

— Sim, senhor? — Arturo respondeu, imediatamente.

— O que causa a queda de detritos? — Cobb perguntou.

— Várias coisas — Arturo disse. — Há muitos maquinários antigos lá em cima e, embora vários ainda funcionem, suas fontes de energia estão se acabando lentamente, então suas órbitas decaem e eles despencam. Outras vezes, acontecem colisões.

— Certo — Cobb falou. — Bem, é isso que vamos encarar aqui. Houve algum tipo de colisão entre dois pedaços imensos de metal lá em cima e isso fez alguns detritos perderem a órbita. Podemos esperar uma incursão Krell, e esses caças estão aí para observar. Mas vocês estão aí por outro motivo: um pouco de prática de alvo.

— Em que, senhor?

Muitos pedaços grandes de detritos caíram do céu, queimando ao passar pelos caças acima de nós.

— Nos detritos — adivinhei.

— Vocês voarão em pares — Cobb explicou. — Vão praticar formações e fazer corridas cuidadosas. Escolham um pedaço grande de detrito, sigam-no por alguns segundos, depois marquem-no para ser investigado. Seus incineradores foram equipados para disparar sinalizadores se vocês puxarem o botão de controle até ouvir um clique.

— Só isso? — Arrojada perguntou. — Marcar pedaços de lixo espacial?

— Lixo espacial não consegue desviar — Cobb respondeu. — Não tem escudo e acelera de maneira previsível. Imagino que seja adequado ao nível de suas habilidades. Além disso, com frequência vocês receberão ordens para marcar lixo espacial durante quedas de detritos, enquanto esperam para ver se os Krell vão atacar. É uma boa prática... então, não reclamem ou deixarei vocês presos nos simuladores por mais um mês.

— Estamos prontos e dispostos, senhor — Jorgen falou. — Incluindo Arrojada. Obrigado por esta oportunidade.

Arrojada fez alguns barulhos, fingindo que vomitava, na linha privativa para FM e Kimmalyn – as luzes no console sob os números das naves me mostrava quem estava ouvindo – e não me deixou de fora. Será que aquilo era um avanço?

Jorgen nos arrumou em pares e nos colocou para trabalhar. Quando pedaços maiores de detritos caíam do céu, seguíamos atrás deles, pareando a velocidade – como tínhamos sido ensinados – antes de disparar um localizador de rádio neles. Os detritos mais úteis eram aqueles que tinham o brilho azul que indicava o anel de aclive. Podíamos pegar aquilo para fazer naves.

Eu me permiti desfrutar da tarefa. Não era uma batalha de verdade, mas a sensação de mergulhar, a emoção de mirar e disparar... eu podia imaginar os pedaços de detritos espaciais como naves Krell.

— Está me ignorando de novo? — M-Bot perguntou no meu ouvido. — Acho que está me ignorando de novo.

— Como posso ignorar você — respondi com um grunhido, mirando em outro pedaço de detrito —, se não sei que está na escuta?

— Eu *sempre* estou na escuta.

— Não acha que isso é um pouco assustador?

— Não! O que você está fazendo?

Saí do mergulho, com Arrojada ao meu lado, e voltei para a formação, esperando que fosse a minha vez de novo.

— Estou atirando em lixo espacial.

— O que ele fez para você?

— Nada. Só estamos praticando.

— Mas ele nem pode atirar de volta!

— M-Bot, é *lixo espacial*.

— Como se isso fosse desculpa.

— É... na verdade é — falei. — É uma desculpa muito boa.

Kimmalyn começou o exercício com Arturo de companhia. Ela até que se saiu muito bem, nos seus parâmetros, mas mesmo assim Jorgen encontrou motivo para criticá-la.

— Aproxime-se mais — ele falou quando ela começou a perseguir o detrito. — Mas não chegue tão perto. Se estivesse usando incineradores de verdade para atirar nessa coisa, os pedaços podiam voar para trás e atingir você. Assegure-se de não apertar com muita força quando disparar...

— Não que eu esteja reclamando — ela disse, parecendo tensa —, mas acho que deveria me concentrar agora.

— Desculpe — Jorgen replicou —, tentarei ser menos útil no futuro.

— Querido, acho que você terá dificuldades nisso. — Ela mirou no pedaço de detrito e suspirou de alívio.

— Belo trabalho, Flácida — Jorgen comentou. — Nedder, você fará a próxima corrida, acompanhado por FM.

Kimmalyn voltou para a formação, enquanto lá em cima vários pedaços de detritos caíram ao mesmo tempo. As esquadrilhas regulares saíram do caminho, deixando-os passar. Estávamos voando relativamente alto, para termos tempo de dar bons mergulhos, então o chão estava bem abaixo – embora ainda estivéssemos muito distantes do cinturão de detritos, cujas camadas inferiores ficavam a trezentos quilômetros acima da superfície do planeta.

Nedd escolheu um dos detritos e saiu atrás dele, ignorando os outros três. Então Kimmalyn carregou seus incineradores para longa distância e disparou nos três pedaços, mirando um depois do outro, sem errar uma única vez.

— Pare de se exibir, Flácida — Cobb falou.

— Desculpe, senhor.

Franzi o cenho e chamei Cobb no canal privado.

— Cobb? Você já se perguntou se não estamos fazendo isso errado?

— Claro que estão fazendo errado. Vocês são cadetes.

— Não — disse. — Quero dizer... — Como eu posso explicar? — Flácida é realmente ótima atiradora. Não é a melhor maneira de usá-la? Ela se sente um fracasso na maioria dos exercícios porque é a pior piloto. Talvez ela devesse ser só nossa atiradora?

— E quanto tempo você acha que ela ficaria sentada ali, explodindo Krells antes que eles acabassem com ela? Lembre-se, se eles decidem que um piloto é perigoso demais, eles se concentram nessa pessoa.

— Talvez pudéssemos usar isso. Você diz que sempre que podemos antecipar um inimigo, temos vantagem, certo?

Ele grunhiu.

— Deixe as táticas para os almirantes, Spin. — Ele desligou a linha quando Nedd conseguiu mirar no detrito.

— Boa noite, doce príncipe — M-Bot sussurrou quando o lixo atingiu o solo. — Ou princesa. Ou, mais provável, pedaço sem gênero de lixo espacial inanimado.

Olhei para cima, esperando mais detritos. Arrojada faria a próxima corrida e eu seria sua parceira. Alguns pedaços de lixo estavam se movendo lá em cima. Vários pedaços... descendo...

Não era lixo. Eram *Krell*.

Empinei a nave para cima, com a mão tensa na esfera de controle. Várias esquadrilhas do inimigo emergiram do cinturão de detritos, e os pilotos formados se prepararam para enfrentá-las.

— Desçam para vinte mil pés, cadetes — Cobb ordenou. — Vocês ficarão lá como reservas, mas esses pilotos devem ser capazes de lidar com isso. Parecem que são... só umas trinta naves inimigas.

Eu me acomodei, mas não consegui relaxar quando as explosões começaram a iluminar o céu. Logo, os detritos caindo ao nosso redor não eram apenas do cinturão. Cobb pediu para Arrojada fazer seu voo. Aparentemente, continuaríamos o exercício, apesar da batalha, o que provavelmente era um bom treino, pensando bem.

Arrojada conseguiu fazer uma excelente manobra, com um conjunto preciso de disparos no fim.

— Excelente — falei para ela quando voltamos para a formação. Claro que não tive resposta.

— Ai, pobre lixo espacial — M-Bot comentou. — Eu teria fingido conhecê-lo, se fosse capaz de mentir.

— Você não pode fazer algo de útil?

— ... isso não é útil?

— Que tal aqueles Krell lá em cima? — perguntei para ele. — Você não pode... Sei lá, me contar alguma coisa sobre suas naves ou algo assim?

— Nessa distância, só tenho acesso aos scanners gerais — ele respondeu. — Eles são apenas pequenos sinais para mim, nada específico.

— Não consegue ver mais detalhes? — insisti. — Cobb e os almirantes têm um tipo de holograma que reproduz o campo de batalha, então estão usando scanners ou algo do gênero para reconstruir o que está acontecendo.

— Isso é ridículo — M-Bot disse. — Eu teria notado uma transmissão em vídeo, a menos que fosse um sinalizador localizador de curto alcance criado por dispositivos de ecolocalização nas várias naves que... uuuaaaaaaaauuuuuuu!

Um caça estelar em chamas – um dos nossos – despencou em uma espiral mortal e, ainda que Arturo tentasse se aproximar e pegá-la com sua lança de luz para ajudar, a nave estava distante demais.

O piloto não ejetou. Eles tentaram até o último momento resgatar a nave. Preparei-me para o pior, olhando novamente para o campo de batalha.

— Ooooooooooooooooooooo — M-Bot exclamou.

— E aí? — perguntei.

— Achei a transmissão de vídeo — ele falou. — Vocês todos são tão lentos. É sério que voam assim? Como podem aguentar isso?

— Voar mais rápido quebraria nossas naves ou esmagaria quem está dentro com as forças g.

— Ah, sim. O cociente de esmagamento humano. É por isso que ficam tão zangados com aquele lixo espacial? O ciúme não é bonito, Spensa.

— Por que não está fazendo nada útil?

— Estou computando padrões de ataque inimigo — M-Bot disse. — Vou levar alguns minutos para terminar de rodar simulações e analisar dados preditivos — ele fez uma pausa. — Hum, eu não sabia que podia fazer essas coisas.

— É a minha vez? — Arturo perguntou na linha geral e eu dei um pulo. Ainda esperava que eles ouvissem M-Bot conversando comigo, embora a inteligência artificial tivesse dito que estava mandando sua transmissão diretamente para meu capacete e depois interceptando minha transmissão de saída para editar qualquer sinal de sua voz ou das minhas respostas. De algum modo, ele fazia tudo isso com um piscar de olhos, antes que meus sinais alcançassem o resto da esquadrilha.

— Espere um momento — Cobb respondeu. — Tem algo estranho nesse ataque. Eu não consigo especificar.

Uma grande sombra apareceu sobre nossas cabeças. Enorme. Era tão grande que a minha mente se esforçou para compreendê-la. Era como se o próprio céu estivesse caindo. Uma chuva súbita de centenas de pedaços de detritos despencou, um granizo resplandecente. E atrás da chuva, *aquela coisa*. Aquela *coisa* enorme e inconcebível.

— Recuem — Cobb ordenou. — Líder de voo, reúna suas naves e volte para...

Em uma súbita explosão de movimento, a batalha sobre nós se tornou a batalha *ao nosso redor*, quando as naves dos dois lados se esquivaram para baixo. Naves Krell e naves humanas se espalharam diante da coisa enorme que caía lá de cima – um cubo metálico escuro do tamanho de uma montanha.

Uma nave? Que nave teria aquele tamanho? Era maior do que uma cidade. Será que a nave principal da nossa frota era tão grande? Eu sempre a imaginara como algo levemente maior do que um transporte de tropa.

Os caças continuavam a atirar uns nos outros enquanto diminuíam a altitude. De repente, nossa pequena esquadrilha estava no meio de uma tempestade de disparos de incineradores e pedaços de metal ardente caindo.

— Fora! — Jorgen comandou. — Acelerem para Mag-5 e me sigam. Local de destino 132, distante dessa batalha atrás de nós.

Acionei meu propulsor, avançando, Arrojada ao meu lado.

— Isso é uma nave — Arturo falou. — Olhe como cai devagar. Aquilo embaixo são anéis de aclive em funcionamento. Centenas deles.

Uma sombra cobriu a terra. Inclinei meu acelerador, indo para Mag-5, bem acima da velocidade normal de combate aéreo. Se fôssemos mais rápido, não poderíamos responder ao que acontecia ao nosso redor. De fato, quando um pedaço de detrito do tamanho de um caça caiu perto de nós, quase não tivemos tempo para reagir. Metade da esquadrilha desviou para a esquerda, a outra metade para a direita.

Fui para a esquerda, com Kimmalyn e Nedd, diminuindo a velocidade para maior manobrabilidade. Disparos de incineradores se espalharam diante de mim quando dois dos nossos caças estelares passaram voando, seguidos por seis naves Krell. Xinguei e desviei deles, acompanhada de uma Kimmalyn choramingando, que assumira a posição de minha companheira de voo.

— Análise completa! — M-Bot falou. — Ah! Uau. Você está ocupada.

Mergulhei, mas estávamos sendo seguidas. A nave Krell espalhou disparos ao meu redor. Eu xinguei e retrocedi.

— Vá na minha frente, Flácida!

Ela passou e eu segui para a direita, fazendo a nave Krell se concentrar em mim – o alvo mais próximo.

— Você realmente devia ter esperado meus cálculos antes de começar — M-Bot observou. — A impaciência é uma falha de caráter séria.

Rangi os dentes, virando em uma sequência de desvios.

— Spin, Flácida, Nedder — Jorgen falou na linha. — Onde vocês estão? Por que não me seguiram...

— Estou sob fogo, Babaca — repliquei.

— Estou com você, Spin — Nedd disse em meu ouvido. — Se puder subir, vou tentar abatê-lo.

— Você não vai passar pelo escudo. Flácida, ainda está aqui?

— Às três horas – ela respondeu, com voz trêmula.

— Prepare-se para acabar com esse cara.

— Ah! Hum, ok. Ok.

A imensa nave que caía assomou-se sobre nossas cabeças. Arturo estava certo; a descida era lenta, contínua. Mas a nave era velha e quebrada, cheia de buracos. O campo de batalha continuava em uma ampla área ensombrada em espaço aberto, embaixo daquela coisa, cheia de naves desviando umas das outras e disparos de incineradores.

Meu perseguidor me atingiu e meu escudo rachou.

Concentração. Eu tinha praticado aquilo uma centena de vezes no simulador. Subi em uma curva com meu perseguidor atrás de mim. No alto da curva, fiz uma manobra com o caça estelar – ignorando a resistência do ar, virei a nave em seu eixo e acionei a velocidade máxima, saindo da curva de lado.

Minhas cápsulas de gravidade queimaram, amortecendo a maior parte das forças g, mesmo assim meu estômago quase chegou à garganta. As simulações não faziam jus a quanto aquilo era desorientador, em especial quando as cápsulas de gravidade pararam de funcionar e eu fui esmagada contra o meu assento.

Supostamente, eu deveria ser capaz de lidar com esse tipo de força. E eu não desmaiei – então, tecnicamente, eu *lidei*. Mas quase vomitei.

Meu alarme de proximidade disparou. A nave Krell, como esperado, não reagira rápido o bastante. Ela continuara a curva, e eu completei a manobra, seguindo para a direita. Lutei contra a náusea e apertei o PIM – derrubando meu escudo e o do meu perseguidor.

Eu me preparei. Estava completamente indefesa. Se aquele Krell se virasse na minha direção e disparasse um único tiro...

Um clarão veio por trás de mim, e uma onda de choque atravessou a minha nave.

— Acertei! — Kimmalyn disse. — Eu... eu consegui!

— Obrigada — falei, suspirando de alívio, diminuindo a velocidade. Continuei em linha reta, mais devagar, enquanto desligava o propulsor e reiniciava o escudo. Meu capacete parecia quente e suado contra a minha cabeça enquanto meus dedos faziam os movimentos familiares. Graças às estrelas pelo treinamento de Cobb; meu corpo sabia o que fazer.

Uma nave Krell apareceu, localizando a minha energia cinética. Eu me encolhi, mas uma série de disparos mandou a nave para longe.

— Estou com você — Nedd falou, passando por cima de mim. — Flácida, junte-se a mim em um padrão defensivo.

— Pode deixar — Kimmalyn respondeu.

— Não precisa — falei, acionando a ignição. — Estou de volta. Podemos dar o fora daqui?

— Com alegria — Kimmalyn disse.

Guiei os outros dois em um caminho que eu esperava que nos levasse para longe, então chamei Jorgen.

— Estamos nos dirigindo para 304.8 — contei para ele. — O restante de vocês já saiu debaixo dessa coisa?

— Afirmativo — Jorgen respondeu. — Saímos da sombra em 303.97-1210.3-21200. Esperaremos por vocês aqui, Spin.

Ele parecia calmo, o que, honestamente, era mais do que eu poderia dizer de mim mesma. Eu não conseguia deixar de imaginar mais assentos vazios na nossa turma.

— Está pronta para minha análise? — M-Bot perguntou.

— Isso depende da frequência com que ela vai mencionar cogumelos.

— Só uma, sinto dizer. A coisa que você vê sobre suas cabeças é cerca de metade de um estaleiro orbital C-137-KJM com uma instalação de treinamento adicional. Não sei exatamente o que é, mas acredito que deva servir para fabricar naves espaciais. Não há sinal da outra metade, mas esse pedaço provavelmente esteve flutuando por séculos, a julgar pela pouca energia daqueles anéis de aclive. Minhas projeções indicam que a órbita da nave decaiu agora que ela não tem mais energia suficiente para autocorreção. Não parece ter uma inteligência artificial... Ou, se tem, ela se recusa a falar comigo, o que é rude. O padrão de ataque dos Krell indica um objetivo defensivo, a fim de manter vocês longe da estação.

— Sério? — perguntei. — Repita essa última parte.

— Hum? Ah, é óbvio pelo padrão de voo deles. Não estão preocupados em realmente matar vocês, atingir a sua base ou algo do tipo. Hoje, eles só querem manter vocês longe dessa nave, provavelmente por causa da maravilhosa recuperação de recursos que ela proporcionará para sua sociedade retrógrada e carente de voadores-de-naves-lentas.

Aquilo fazia sentido. De vez em quando eles atiravam nos detritos para nos impedir de pegar os anéis de aclive. Dava para imaginar como deviam estar preocupados com a possibilidade de capturarmos essa coisa, com centenas de anéis.

— Além disso, ela também parece um cogumelo — M-Bot acrescentou.

Outro par de caças da FDD – talvez o mesmo que tínhamos visto antes – passou em disparada, seguido por um grande grupo de Krell.

— Ei — Nedd disse —, Spin e Flácida, vocês duas vão na frente. Estão quase lá. Preciso fazer uma coisa.

— O quê? — perguntei, virando para olhar por sobre o ombro. — Nedder?

Ele saiu do padrão de voo, começando a perseguir as naves Krell que passaram por nós. O que ele achava que estava fazendo?

Eu me virei e o segui.

— Nedder? Caramba.

— Spin? — Kimmalyn perguntou.

— Não vamos deixá-lo. Venha.

Corremos atrás de Nedd, que perseguia as seis naves Krell. Elas, por sua vez, voavam atrás de dois caças classe Sigo, pintados de azul, indicando que eram da Esquadrilha Tempestade Noturna. Nedd claramente pretendia ajudá-los, mas um cadete contra *seis* Krell?

— Nedd! — eu o chamei. — Estou sempre pronta para a batalha, você sabe, mas também precisamos seguir ordens.

Ele não respondeu. Na nossa frente, os dois Tempestade Noturna – dominados pelo fogo inimigo – fizeram algo desesperado. Eles voaram para perto do grande estaleiro, depois realizaram uma curva e voaram para *dentro* da nave gigante por um buraco em sua lateral. Uma abertura escura, talvez onde a outra parte do estaleiro estivera presa em algum momento.

A estrutura toda ainda estava caindo, mas bem devagar. Em algum momento, ela colidiria com o solo – e eu duvidava que quiséssemos estar nas proximidades quando isso acontecesse. Observei enquanto as naves Krell perseguiram os pilotos nas profundezas da nave antiga e Nedd foi atrás delas. Então, rangi os dentes e os segui.

— Spin — Kimmalyn falou —, não acho que consigo fazer isso. Se eu tentar voar lá dentro, juro que vou bater.

— Sim, ok — assenti. — Junte-se a Jorgen e aos outros.

— Certo — ela disse, virando à esquerda e saindo debaixo da sombra da máquina em queda.

Eu, em vez disso, mergulhei na abertura, seguindo na escuridão atrás de Nedd.

26

Passei pelas entranhas da antiga estação – um espaço amplo e escuro, cercado por guindastes e outros equipamentos de construção, iluminado por luzes de emergência bruxuleantes. Os escritos em uma parede, em padrão circular, me lembraram alguns dos antigos equipamentos das cavernas – assim como o estranho aposento pelo qual eu passava com frequência, onde o teto e o chão estavam cobertos com aquelas mesmas palavras. Eu só podia presumir que os antigos ocupantes deste planeta tinham construído naves aqui, mas por que precisavam de tanto espaço? Nossos caças estelares foram engolidos pela câmara cavernosa.

Os dois caças da FDD voaram para cima, perseguidos pelos seis Krell, que disparavam sem economia, espalhando rajadas de incinerador pela escuridão. Nedd tentava alcançá-los, e eu o segui – acionando a velocidade máxima por um instante para uma aceleração extra.

Eu não podia falar com os outros caças. As naves dos cadetes, em geral, não eram equipadas com canais de rádio para chamar pilotos formados. Eles não queriam a nossa interferência.

Mudei para o canal direto de Nedd.

— Isso é loucura — falei. — Muito obrigada por me dar uma desculpa para experimentar isso.

— Spin? — ele perguntou. — Ainda está comigo?

— Por enquanto. Qual é o plano?

— Ajudar aqueles caças de algum jeito. Será que conseguimos nos aproximar? Aqueles Krell estão voando em um... — Ele parou de falar quando passou por um antigo guindaste, quase ficando preso a ele. — Estão voando em grupo. Podemos atingir todos de uma vez, com um PIM bem-posicionado.

— Eu sigo o seu comando — disse, desviando por baixo do guindaste. — Mas se o Babaca perguntar, vou afirmar sem pestanejar que tentei tirar essa ideia de você.

— Você? Como a voz da razão? Spin, sou um idiota, e nem *eu* acreditaria nisso.

Sorri e me juntei a Nedd, acelerando até Mag-1.2, tentando alcançar os Krell. Infelizmente, os pilotos da FDD dobraram à direita – direto em um túnel que nos levava ainda mais para dentro da antiga estação.

Uma parte de mim não conseguia acreditar que estávamos fazendo aquilo. Voar por entre um antigo pedaço de detrito que estava a meio caminho de colidir no chão? Quanto tempo tínhamos até que aquela coisa desabasse? Minutos, no máximo?

Rangi os dentes, empurrando o acelerador enquanto Nedd e eu inclinávamos nossas naves e continuávamos a perseguição aos Krell dentro do túnel. Luzes vermelhas se alinhavam no túnel e pareciam um borrão enquanto avançávamos em Mag-1.2, uma velocidade considerada perigosa para áreas internas. Eu não ousara ir mais rápido, mas uma olhada de relance no sensor de proximidade indicou que os Krell ainda estavam muito fora do alcance do PIM.

Nedd descarregou seu incinerador e eu fiz o mesmo – mas, como Cobb advertira, mirar era difícil, mesmo com seis alvos passeando na nossa frente. Os escudos dos Krell absorveram facilmente os poucos disparos que os acertaram.

Bem à frente, nossos companheiros pilotos acertaram a parede com lanças de luz e fizeram a curva em outro túnel. Os Krell os seguiram, menos hábeis. Também me prendi à parede com a minha lança, e me lancei em uma curva fechada para seguir os demais. Minhas cápsulas de gravidade piscaram, absorvendo as forças g e me impedindo de ser esmagada.

Foi um treino e tanto, enquanto seguíamos pelo interior da nave, fazendo curva após curva, movendo-nos em uma sequência tão apertada e frenética que não disparei um único tiro. Minha atenção estava totalmente voltada para os propulsores dos Krell – usando seus movimentos como guia para onde colocar a minha próxima lança de luz. Virar, soltar, desviar, lançar, virar. Repetir.

— Só um pouco... mais... perto... — Nedd disse diante de mim.

Lançar. Virar. Soltar.

— Tenho uma atualização na projeção da batalha — M-Bot comentou, feliz.

Adiante, uma nave Krell errou uma curva, acertando uma das paredes do túnel. O escudo absorveu o impacto, mas o rebote fez a nave bater na parede oposta. A explosão súbita e violenta me fez reduzir a velocidade. Fiz a curva com dificuldade, detritos e fagulhas atingiram o escudo da minha nave.

— Você esqueceu que eu estava aqui, não é? — M-Bot perguntou.

— Estou ocupada — falei, entredentes. Nedd não tinha diminuído a velocidade com a explosão. Na verdade, ele estava acelerando, aproximando-se de Mag-1.5, tentando alcançar os Krell que sobravam.

Eu acelerei para me aproximar dele, mas tudo aquilo começou a parecer demais. Mesmo para mim.

— Eu poderia simplesmente voltar para a hibernação, se não estiver interessada em conversar — M-Bot comentou. — Você, hum... sentiria minha falta se eu fizesse isso, certo?

— Claro.

— Ah, vocês, humanos, são tão sentimentais! Rá-rá-rá! A propósito, você tem precisamente três minutos e meio até que essa estação atinja a superfície. Talvez menos do que isso, já que os Krell começaram a atirar nela.

— O quê?

— Agora que a maioria das suas naves recuou, os Krell estão concentrados na estação, tentando mantê-la longe de suas mãos. Acredito que alguns bombardeiros estão preparando ataques explosivos do alto e caças comuns do lado de fora estão destruindo todos os anéis de aclive para que a nave caia rápido.

— Caramba. Provavelmente poderíamos construir várias naves com as peças retiradas deste lugar. — Os Krell não deixariam que isso acontecesse.

Mas por que permitir que essa coisa caísse, em primeiro lugar? Por que não destruí-la lá em cima?

Tentar imaginar as motivações dos Krell agora era perda de tempo. Fiz outra curva atrás de Nedd. Eu mal conseguia ver o inimigo; eles estavam nos despistando.

Bem lá na frente, o brilho laranja de uma explosão iluminou os túneis. Uma das naves que estávamos tentando proteger tinha acabado de ser destruída.

— Nedd! — gritei pelo comunicador. — Este lugar está despencando. Temos que sair daqui.

— Não! Eu tenho que ajudar!

Mirei e – rangendo os dentes – arrisquei prendê-lo com a minha lança de luz. A linha vermelha brilhante de luz o atingiu e fez seu escudo rachar. Interrompi meu propulsor, girei a minha nave com o anel de aclive e acelerei na outra direção, puxando-o para trás, diminuindo a velocidade de sua nave.

— Me solte! — ele gritou.

— Nedd... Não podemos ajudá-los. Ainda não somos bons o bastante para esse tipo de coisa. Pelas estrelas lá de cima, é incrível que tenhamos sobrevivido a esta corrida pelos túneis.

— Mas... mas...

Ficamos ali parados, com os propulsores ardendo em direções opostas, conectados por uma corda de luz.

— Covarde — ele sussurrou.

A palavra me atingiu como uma bofetada. Eu não era... eu não podia ser...

Covarde.

— Estou desligando meu propulsor — ele disse. — Pare o seu ou vamos acabar esmagados naquela parede.

Engoli uma resposta para ele e diminuí minha aceleração antes de cortar a lança de luz. Ficamos parados, mas em algum lugar ao longe toda a estrutura gemeu e balançou.

— Para que lado? — ele perguntou. — Para onde vamos?

— Não sei.

M-Bot fez um barulho de quem limpava a garganta.

— Gostaria de instruções de como escapar da armadilha mortal flamejante na qual você inconvenientemente se encontra?

— Sim! — repliquei.

— Não precisa se exaltar. Voe em frente até que eu diga para você e então vire à esquerda.

— Siga-me! — falei para Nedd, empurrando o acelerador para frente e reiniciando o movimento. Saí correndo pelos túneis, a chama do meu propulsor refletindo nas paredes de metal abandonadas. Nedd me seguiu.

— Esquerda, no final daquele túnel lá em frente — M-Bot observou. — Ótimo. Agora siga dois túneis... não, esse não... esse. Entre nesse.

Usei a minha lança de luz para fazer uma curva fechada no túnel.

— Você tem um pouco menos de dois minutos até encontrar uma morte ardente, e eu ficar apenas com Lad e a lesma. Não consegui computar qual dos dois é menos disposto a conversar. Pegue aquele túnel acima de você.

Segui as instruções dele, avançando pelo enlouquecedor complexo de curvas e túneis. Os sons vindos de fora ficavam mais altos. Metal dobrando. Sacudindo. Explosões.

O suor encharcava as laterais do meu capacete. Dediquei toda minha atenção ao voo, absorta. Dedicada. *Concentrada*.

Embora eu nunca tivesse perdido o controle do meu voo, uma parte de mim começou a se sentir desconectada. O interior do meu capacete começou a esquentar, e eu podia jurar que estava ouvindo vozes dentro da minha mente. Apenas fragmentos de palavras.

... detone...

... vire...

... propulsor...

Nedd e eu irrompemos naquela abertura cavernosa na extremidade exterior do estaleiro. Minha concentração se desfez em alívio, e eu não precisei das instruções de M-Bot para seguir direto pela fresta resplandecente na parede.

Nedd e eu saímos em disparada pelo buraco e quase caímos direto no solo. O estaleiro já estava quase atingindo a superfície.

Diminuí e deslizei pela superfície cinza-azulada, espalhando poeira atrás de mim. Nedd xingou baixinho. Seguíamos por um espaço estreito, que diminuía cada vez mais, entre a estação e o solo.

— Os Krell acabaram de detonar vários explosivos grandes no alto do estaleiro — M-Bot falou.

Continuei a avançar por sob o estaleiro. O teto de aço sobre minha cabeça estava cada vez mais próximo, pedaços de metal se soltavam e caíam ao nosso redor conforme a integridade estrutural daquela coisa de desfazia.

— Na velocidade atual, vocês não escaparão da onda de choque — M-Bot disse, com suavidade.

— Velocidade máxima, Nedd! — gritei, empurrando meu acelerador todo para frente. — Mag-10! — As cápsulas de gravidade foram ativadas, mas rapidamente ficaram sobrecarregadas e, no instante seguinte, fui esmagada contra o meu assento.

Meu rosto ficou pesado, a pele sendo puxada para trás dos olhos e ao redor da boca. Meus braços pareciam feitos de chumbo e tentavam escapar dos controles.

Adiante, a saída – a liberdade – era uma linha de luz cada vez menor.

Meu Poco começou a sacudir quando atingi Mag-10, e por isso continuei, passando para Mag-10.5. A vibração ficou pior e meu escudo tornou-se brilhante com o calor súbito da resistência do vento.

Para minha sorte, foi o suficiente. Nedd e eu saímos debaixo do estaleiro que despencava de vez, espalhando poeira e detritos atrás de nós. Mas naquela velocidade, rapidamente superamos tudo aquilo – e ultrapassamos o som da queda, já que íamos a várias vezes a velocidade do som.

Soltei a respiração, desacelerando com cuidado. O chocalhar diminuindo.

Com Nedd ao meu lado, fizemos uma curva para o lado – e naqueles segundos de voo após a fuga, tínhamos ido tão longe que eu não conseguia nem ver a poeira do estaleiro caindo. Meus sensores mal registraram a onda de choque quando ela finalmente nos atingiu, enquanto seguíamos ao encontro dos demais.

Depois de um tempo, nos aproximamos o suficiente para que eu pudesse ver a imensa nuvem de poeira que a queda causara. Os destroços em si eram apenas uma grande sombra escura no meio do pó, fervilhando com pequenos pontos em cima. Naves Krell, assegurando-se de que nada útil pudesse ser resgatado da imensa destruição. Pedras de aclive com frequência eram recuperadas do centro de detritos caídos, mas o fogo concentrado de incineradores – ou o calor intenso do tipo certo de explosão – estragaria tudo.

— Finalmente — Jorgen disse quando nos juntamos à esquadrilha. — No que, pelas estrelas, vocês estavam pensando?

Eu não respondi. Em vez disso, comecei a contar nossa equipe. Sete naves, incluindo a minha. Tínhamos conseguido. Estávamos suados, abalados e solenes – quase ninguém disse nada quando nos encontramos com a Esquadrilha Correnteza na volta à base. Mas estávamos vivos.

Covarde.

A voz de Nedd ecoava dentro do meu cérebro, distraindo-me mais do que o calor dos sensores no meu capacete ou o lugar surreal onde meus pensamentos

tinham ido enquanto voávamos. Eu realmente tinha ouvido vozes?

Eu não era uma covarde. De vez em quando, você *tinha* que recuar. Toda a FDD tinha recuado desta batalha. Eu não era um soldado menos valoroso porque tinha convencido Nedd a escapar. Certo?

Estava escurecendo quando aterrissamos na plataforma de lançamento. Tirei meu capacete e desci do cockpit, exausta. Jorgen me encontrou no pé da escada.

— Você ainda não me respondeu — ele disse, cortante. — Eu a deixei em paz durante o voo de volta, e sei como deve estar transtornada, mas você *vai* se explicar. — Ele me agarrou pelo braço e segurou com força. — Você quase fez Nedd ser morto com essa façanha.

Suspirei e olhei para a mão dele.

Ele me soltou com cuidado.

— A questão permanece — ele disse. — Aquilo foi loucura, mesmo para você. Não posso acreditar que...

— Por mais que eu goste de ser a louca, Babaca, estou cansada demais para ouvir você neste instante. — Acenei com a cabeça na direção da nave de Nedd na luz fraca. — Ele voou até lá. Eu o segui. Preferia que eu o tivesse deixado sozinho?

— Nedd? — Jorgen perguntou. — Ele é equilibrado demais para algo assim.

— Talvez estejamos afetando o comportamento dele. Tudo o que sei é que dois Sigos da Esquadrilha Tempestade Noturna estavam sendo seguidos e Nedd não deixou passar.

— Esquadrilha Tempestade Noturna? — Jorgen repetiu.

— Sim. Por quê?

Jorgen ficou em silêncio, então se virou e caminhou na direção da nave de Nedd. Eu o segui, sentindo-me sugada, com a cabeça começando a doer de um jeito estranho – como se tivesse agulhas atrás dos olhos. A nave de Nedd estava vazia, e ele não estava com os demais, que estavam se reunindo nas salas perto da pista de lançamento para trocar os trajes de pressão. Todos riam juntos, agora que o estresse da batalha havia desaparecido.

Jorgen pegou um caminho entre as pistas de lançamento, e eu o segui, confusa, até que chegamos a uma fila de sete caças estelares classe Sigo com o brasão da Esquadrilha Tempestade Noturna. Eles chegaram antes de nós, e os pilotos já tinham ido embora, deixando as naves com as equipes de manutenção.

Nedd se ajoelhou no chão perto de dois lugares vazios na fila de naves.

— O que foi? — perguntei para Jorgen.

— Os irmãos dele, Spin. Eram companheiros de voo, Tempestade Noturna Seis e Sete.

Os pilotos que estávamos seguindo. Os que, agora ficava óbvio, tinham morrido naqueles túneis escuros.

27

Nedd não foi para a aula no dia seguinte.

Nem no outro. Ou naquela semana toda.

Cobb nos manteve ocupados com exercícios de perseguição. Nós atacávamos, desviávamos e mirávamos uns nos outros, como pilotos de verdade.

Mas nos momentos entre a ação, a voz de Nedd me assombrava.

Covarde.

Pensei naquilo mais uma vez, sentada no cockpit de mentira, na sala de aula, fazendo os exercícios. Eu tinha interrompido a perseguição e obrigado Nedd a abandonar seus irmãos. Era algo que um herói lendário teria feito?

— Projeções estatísticas indicam que, se tivessem permanecido na perseguição por mais sete segundos — M-Bot falou enquanto eu fazia um exercício de combate aéreo holográfico —, vocês teriam morrido na queda ou na explosão subsequente.

— Você poderia ter invadido o canal de rádio? — perguntei para ele sussurrando, pois estávamos na sala de treinamento. — E chamado os irmãos de Nedd?

— Sim, provavelmente poderia.

— Devíamos ter pensado nisso. Talvez, se estivéssemos coordenados, tivéssemos ajudado os dois a escaparem.

— E como você explicaria a sua capacidade súbita de hackear os sinais de comunicação da FDD?

Mergulhei em perseguição ao Krell holográfico e não o respondi. Se eu fosse uma patriota de verdade, há muito tempo teria entregue a nave para meus superiores. Mas eu não era uma patriota. A FDD traíra e matara meu pai e depois mentira sobre o fato. Eu os odiava por isso, mas, odiando-os ou não, eu ainda havia implorado para que me deixassem voar.

De repente, aquilo pareceu ser outro ato de covardia.

Rosnei baixinho, usando a minha lança de luz para virar ao redor de um pedaço de detrito flutuante e em seguida utilizar a velocidade máxima. Passei pela nave Krell e acionei meu PIM, derrubando nossos escudos, e girei no eixo. Aquilo apontou meu nariz para trás, enquanto eu ainda voava para frente, mas consegui disparar o incinerador no Krell atrás de mim, destruindo-o.

Era uma manobra perigosa da minha parte, pois me impedia de ver para onde estava indo. De fato, outra nave Krell imediatamente apareceu no meu flanco direito e me atingiu. Morri com a sirene de “escudo desativado” soando no meu ouvido.

— Muito acrobático — Cobb disse para mim, enquanto meu holograma reiniciava. — Uma bela maneira de morrer.

Soltei o cinto e me levantei, arrancando o capacete e jogando-o de lado. Ele quicou no meu assento e caiu no chão enquanto eu ia até o fundo da sala e começava a andar de um lado para o outro.

Cobb estava parado no meio do círculo de cockpits de mentira, com pequenas naves holográficas girando ao seu redor. Usava um fone de ouvido para falar conosco pelas linhas dos capacetes. Ele me olhou durante o tempo em que eu andava de um lado para o outro, mas me deixou em paz.

— Caramba, Flácida! — ele gritou para Kimmalyn. — Aquele caça ia obviamente fazer uma sequência S-4, tentando derrotar você! Preste atenção, garota!

— Desculpe! — ela exclamou de dentro do cockpit. — Ah, e desculpe por isso também!

— Senhor? — Arturo perguntou, envolto em seu holograma de treinamento. — Os Krell fazem muito isso, não fazem? Nos conduzir?

— Difícil dizer — Cobb respondeu, com um grunhido.

Continuei a caminhar, tentando lidar com a minha frustração – principalmente comigo mesma – enquanto ouvia. Embora eles estivessem sentados em círculo, suas vozes eram abafadas pelos capacetes e pelos compartimentos dos cockpits. Ouvir aquilo tudo me garantiu que os outros não conseguiam escutar quando eu sussurrava para M-Bot no meu cockpit, desde que eu me lembrasse de falar baixo.

A conversa da esquadrilha estava me acalmando. Eu lentamente parei com o vaivém e me aproximei de Cobb no holograma central.

— No outro dia — Arturo prosseguiu —, com aquele pedaço imenso de destroço, o ataque deles não era para nos derrotar, mas para destruir aquela coisa. E, presumivelmente, nos impedir de pegar os restos. Certo?

— Sim — Cobb respondeu. — Aonde quer chegar, Anfi?

— Só que, senhor, eles deviam saber que a coisa ia cair. Eles vivem lá no espaço. Então, provavelmente viram aquele pedaço de coisa lá em cima, todos esses anos. Podiam ter destruído a qualquer momento, mas esperaram até cair. Por quê?

Assenti. Tinha me perguntado a mesma coisa.

— Os motivos dos Krell são desconhecidos — Cobb disse. — Sem contar o desejo de nos exterminar, é claro.

— Por que eles nunca atacam com mais de uma centena de naves de uma vez? — Arturo continuou. — Por que continuam a se envolver em conflitos conosco, em vez de mandar um ataque fulminante?

— Por que deixam os detritos caírem, para começar? — acrescentei. — Sem isso, não seríamos capazes de ter anéis de aclive suficientes para manter a resistência. Por que *nós* não os atacamos no cinturão de detritos? Por que esperar que venham aqui para baixo e...

— Chega de treino — Cobb falou, caminhando até sua mesa e apertando os botões que desligavam todos os hologramas.

— Desculpe, senhor — disse.

— Não se desculpe, cadete — Cobb respondeu. — Nem você, Anfisbena. Vocês fizeram boas perguntas. Todos tirem os capacetes. Prestem atenção. Considerando o tempo que isso já dura, sabemos assustadoramente pouco sobre os Krell. Mas eu contarei para vocês o que *já* sabemos.

Senti que a minha ansiedade aumentava enquanto os outros tiravam os capacetes. Respostas? Por fim?

— Senhor — Jorgen falou, levantando-se. — Os detalhes sobre os Krell não são informações confidenciais, disponíveis apenas para pilotos formados?

Arturo gemeu baixinho e revirou os olhos. Sua expressão parecia dizer: *Obrigado, Jorgen, por nunca permitir nenhum tipo de diversão*.

— Ninguém gosta de um dedo-duro, Jorgen — Cobb advertiu. — Cale a boca e escute. Vocês precisam saber isso. Vocês *merecem* saber isso. Ser um Primeiro Cidadão me dá certa liberdade com relação ao que posso dizer.

Voltei para meu cockpit enquanto Cobb acionou algo em seu holograma: um planeta. Detritus? Tinha pedaços de metal flutuando ao redor, mas o cinturão de detritos se estendia até muito mais longe – e era mais espesso – do que eu esperava.

— Esta é uma representação aproximada do nosso planeta e do cinturão de detritos — ele explicou. — A verdade é que só temos uma vaga ideia do que há lá em cima. Perdemos muito do que sabíamos quando os Krell bombardearam o arquivo e nossa equipe de comando em DD-zero. Mas alguns dos nossos cientistas acreditam que, em algum momento, uma casca cercava todo o planeta, como um escudo de metal. O problema é que muitos desses antigos maquinários lá em cima ainda estão ativos... e têm armas.

Ele observou o planeta holográfico – que tinha um suave brilho azulado e era transparente – lançar um grupo de caças holográficos. Eles se aproximaram do cinturão de asteroides e foram abatidos por centenas de incineradores.

— É perigoso lá em cima — Cobb prosseguiu. — Até para os Krell. É por isso que a antiga frota veio para cá, para este velho cemitério em forma de planeta. O pouco de que os mais antigos se lembram indica que Detritus era conhecido naquela

época, mas evitado. Sua blindagem interferia seriamente nas comunicações, e, quando encarou aquelas antigas plataformas de defesa orbital, nossa frota mal conseguiu alcançar a superfície. Os Krell não parecem explorar muito lá em cima. Eles deviam saber que o antigo estaleiro estava prestes a cair, mas chegar até ele no cinturão de detritos teria um custo elevado. Eles parecem ter encontrado alguns caminhos seguros para o planeta e usam essas passagens quase exclusivamente.

— Então... — falei, fascinada. Tudo aquilo era novidade para mim. — De algum modo, poderíamos usar essas antigas plataformas de defesa?

— Nós tentamos — Cobb confessou. — Mas é perigoso voar até lá. As plataformas disparam em nós também. Além disso, os Krell são mais letais no espaço. Lembra do jeito como esse planeta é blindado? Bem, os Krell têm habilidades de comunicação estranhas e avançadas. A blindagem do planeta interfere na capacidade deles de falar uns com os outros; achamos que é por isso que eles voam pior aqui embaixo. Há outra questão, menos importante — Cobb prosseguiu, parecendo hesitar em alguma coisa. — No espaço, além do planeta, os Krell podem... Bem, as antigas tripulações dizem que a tecnologia Krell lhes permite ler o que os humanos estão pensando. E algumas pessoas são mais suscetíveis a isso do que outras.

Troquei olhares com o resto da esquadrilha. Eu nunca tinha ouvido aquilo antes.

— Mas não digam para ninguém que contei isso para vocês — Cobb pediu.

— Então... — Arturo falou — essa interferência na comunicação e essas defesas orbitais são os motivos pelos quais os Krell não nos bombardeiam do espaço?

— Nos primeiros dias de Alta — Cobb contou —, eles tentaram mandar algumas naves maiores, mas elas foram destruídas pelas defesas orbitais. Os Krell só conseguem trazer naves menores e mais manobráveis, para nos atacar.

— Isso não explica por que eles mandam esquadrilhas relativamente pequenas — Arturo comentou. — A menos que eu esteja errado, eles nunca fizeram um ataque com mais do que cem naves. Certo?

Cobb assentiu.

— Por que não mandar duzentas? Trezentas?

— Não sabemos. Se você mergulhar nos relatórios secretos, não vai encontrar nada além de teorias malucas. Talvez uma centena de naves seja o máximo que conseguem coordenar de uma vez.

— Ok — Arturo concordou. — Mas por que eles parecem só ser capazes de preparar uma única destruidora de vida de cada vez? Por que não carregar cada nave com uma dessas e arremessá-las contra nós, em um ataque suicida? Por que...

— O que eles *são*? — interrompi. Arturo fazia boas perguntas, mas, na minha opinião, menos importantes do que essa.

Arturo me olhou e assentiu.

— O que sabemos, Cobb? — perguntei. — Nesses arquivos secretos, alguém sabe alguma coisa? Alguma vez já vimos um Krell?

Cobb mudou o holograma para uma imagem de um capacete queimado e alguns pedaços de armadura. Estremeci. Restos de Krell. Esse holograma era bem mais detalhado, uma versão muito mais *real* das interpretações artísticas que eu já vira. A foto mostrava alguns cientistas parados ao redor de uma mesa com a armadura, que era atarracada e volumosa. Meio quadradona.

— Isso é tudo o que já conseguimos recuperar — Cobb contou. — E só encontramos em algumas naves que abatemos. Uma em cada cem ou menos. Não são humanos, disso temos certeza. — Ele mostrou outra imagem, um holograma mais próximo de um capacete, queimado pela queda.

— Há teorias — Cobb prosseguiu. — Os mais antigos, que viveram na própria *Desafiadora*, falam de coisas impossíveis para nosso entendimento atual. Talvez o motivo pelo qual jamais encontramos nada na armadura seja porque não há nada para ser encontrado. Talvez os Krell sejam a própria armadura. No passado, havia lendas sobre coisas estranhas. Máquinas que podem pensar.

Máquinas que podem pensar.

Máquinas com tecnologia avançada de comunicação.

De repente, eu me senti gelar. A sala pareceu desaparecer, e fiquei parada ali, ao lado do meu cockpit, ouvindo os demais falarem como se estivessem muito distantes.

— Isso é loucura — Arrojada comentou. — Um pedaço de metal não pode pensar, não mais do que uma pedra. Ou aquela porta. Ou meu cantil.

— Mais louca do que a ideia de que eles podem ler mentes? — Arturo perguntou. — Nunca ouvi nada assim.

— Obviamente há maravilhas nesta galáxia que mal podemos compreender — Cobb afirmou. — Afinal, a *Desafiadora* e as demais naves podiam viajar entre as estrelas em um piscar de olhos. Máquinas que pensam poderiam explicar por que tantos cockpits dos Krell que investigamos estão vazios e por que as “armaduras” que recolhemos nunca parecem ter um corpo dentro.

Máquinas que podem pensar.

Cobb encerrou a aula e todos começamos a pegar nossas coisas para ir jantar. Kimmalyn e FM reclamaram que estavam ficando resfriadas – já havia alguns casos assim na base –, então Cobb sugeriu que voltassem para o quarto, para descansar. Ele falou que pediria para uma assistente levar o jantar delas até o dormitório.

Ouvi tudo aquilo, mas não prestei atenção de verdade. Em vez disso, fiquei sentada, aturdida. M-Bot. Uma nave que podia pensar e se infiltrar em nossas comunicações com aparente facilidade. E se... e se estivéssemos consertando um Krell? Por que eu não tinha sequer parado para pensar naquilo? Como eu podia ter sido tão cega para o que parecia ser uma possibilidade óbvia?

Ele tem um cockpit, pensei. *Com escritas em nosso idioma. Instalações para um piloto. E diz que não pode pilotar a nave sozinho*.

Mas podia ser um truque, certo? Ele dissera que não podia mentir, mas eu só tinha a palavra dele a esse respeito. Eu...

— Spin? — Cobb me chamou, parando perto do meu cockpit. — Não está ficando resfriada também, está?

Neguei com a cabeça.

— Isso é um pouco demais para absorver.

Cobb grunhiu.

— Bem, talvez seja tudo bobagem. A verdade é que, depois que perdemos o arquivo, a maioria das coisas sobre o passado se tornou boato.

— Você se importa se contarmos isso tudo para Nedd? — perguntei. — Quando ele volta?

— Ele não vai voltar — Cobb contou. — A almirante o retirou oficialmente do programa de cadetes nesta manhã.

— O quê? — exclamei, levantando-me, surpresa. — Ele pediu para ser retirado?

— Ele não se apresentou para o trabalho, Spin.

— Mas... os irmãos dele...

— Ser incapaz de controlar suas emoções, incluindo o luto, é sinal de que alguém é inadequado para o posto. Pelo menos é como Ironsides e os outros líderes da FDD veem isso. Eu diria que é bom que Nedd esteja fora. O garoto era inteligente demais para isso... — Ele mancou até a porta.

Eu me afundei em meu assento. Então, éramos apenas seis agora. E se ser incapaz de controlar as emoções tornava alguém inadequado para o posto... o que dizer de mim? Eu me sentia completamente sobrecarregada. A perda dos amigos, a preocupação com M-Bot, as vozes que sussurravam dentro de mim dizendo que eu era de fato uma covarde.

Toda minha vida eu lutara contra o ressentimento, vociferando que eu *seria* piloto e que *seria* boa o bastante. Onde estava aquela confiança agora?

Eu sempre presumira que, quando conseguisse – quando finalmente chegasse aqui –, pararia de me sentir tão sozinha.

Peguei o rádio na mochila.

— M-Bot, você está aí?

— Anel de aclive: funcional, mas sem energia. Propulsores: não funcionais. Hiperdrive citônico: não funcional — ele fez uma pausa. — Isso é um sim, caso você esteja confusa. Estou aqui, porque não posso ir a lugar algum.

— Estava ouvindo a nossa conversa?

— Sim.

— E?

— E, admito, estava rodando alguns cálculos sobre a probabilidade de cogumelos crescerem dentro desse edifício, já que sua conversa era, típica de humanos, levemente entediante. Mas não completamente! Então, você deve achar...

— M-Bot. Você é um Krell?

— O quê? Não! É claro que não sou um Krell. Por que você pensaria que eu sou? Como poderia pensar... Espere, calculando. Ah. Você acha que porque sou uma inteligência artificial e eles provavelmente são inteligências artificiais somos a mesma coisa?

— Você tem que admitir que é suspeito.

— Eu ficaria ofendido se pudesse ficar ofendido — ele disse. — Talvez eu devesse começar a chamar você de vaca, já que você tem quatro membros, é feita de carne e tem capacidades biológicas mentais rudimentares.

— Você *saberia* se fosse um Krell? — perguntei. — Talvez tenha esquecido.

— Eu saberia — ele garantiu.

— Você esqueceu por que veio a Detritus — observei. — Só tem uma imagem do seu piloto, se é que ele realmente foi seu piloto. Mal consegue se lembrar de alguma coisa sobre a minha espécie. Talvez você nunca tenha sabido. Talvez seus bancos de memória sejam preenchidos só com as partes que os Krell sabem sobre nós, e você tenha inventado toda essa história.

— Estou escrevendo uma nova sub-rotina agora — ele falou. — Para expressar adequadamente meu ultraje. Vai levar um tempo para ficar pronta. Me dê cinco minutos.

— M-Bot...

— Só um segundo. Paciência é uma virtude, Spensa.

Suspirei, mas comecei a pegar minhas coisas. Sentia-me oca. Vazia. Não assustada, claro. Eu me banhava nas chamas da destruição e revelava o grito dos derrotados. Eu não ficava *assustada*.

Mas talvez, bem no fundo, eu estivesse... preocupada. A expulsão de Nedd tinha me atingido mais duro do que deveria.

Coloquei a mochila sobre o ombro e pendurei o rádio na lateral. Eu o configurei para uma luz piscar se M-Bot ou alguém mais tentasse me contatar. Não queria que ele ficasse falando enquanto eu caminhava pelos corredores, embora não precisasse me preocupar com isso. O edifício estava vazio; Cobb tinha nos liberado

tarde e as outras esquadrilhas já tinham ido jantar. Não vi nenhum policial militar ou alguém da equipe de apoio enquanto seguia lentamente para a saída, com meus pés parecendo que eram feitos de chumbo.

Eu não tinha certeza de que poderia continuar com aquilo. Levantar cedo, trabalhar a manhã toda em M-Bot. Sofrer com as aulas a cada dia, depois voltar para minha caverna à noite. Dormir mal, sonhando com as pessoas com as quais fracassei ou – pior – tendo pesadelos nos quais eu fugia...

— Psiu!

Parei e olhei para o rádio preso na lateral da mochila.

— Psssiiiiiiu! Spensa!

Levantei os olhos e analisei o corredor. À minha direita – era Kimmalyn parada ali, na porta, vestida de preto?

— Flácida?

Ela me acenou com urgência. Franzi o cenho, desconfiada.

Eu quis me dar um soco. *Idiota. É Kimmalyn*.

Fui até ela.

— O que você está...

— Psiu! — ela disse, depois saiu de fininho pelo corredor e espiou em uma esquina. Acenou para que eu a seguisse e, mais confusa do que qualquer outra coisa, fui atrás dela.

Isso continuou por mais alguns corredores vazios – até entrarmos no banheiro onde ela me fez esperá-la, sem explicar nada, até que por fim chegamos a um lugar repleto de portas. O dormitório das garotas. Duas jovens desconhecidas – usando trajes de voo com o brasão da Esquadrilha Dragão das Estrelas – estavam paradas conversando fora de um dos quartos.

Kimmalyn me manteve ali, agachada depois da curva, até que as duas garotas enfim seguiram em outra direção. Eu não deixei de notar que Kimmalyn e eu tínhamos vindo do fundo do prédio, o lado oposto ao refeitório. Então, ela estava doente ou não?

Depois que as duas garotas se foram, a cabeça de FM – o cabelo curto preso para trás com uma presilha brilhante – apareceu em uma das portas. Ela gesticulou com urgência. Kimmalyn saiu correndo em sua direção, e eu a segui, entrando no quarto.

FM fechou a porta e sorriu. O pequeno quarto era como eu me lembrava, embora uma das camas tivesse sido tirada quando Alvorecer morreu. Com aquilo, sobrou um beliche na parede esquerda e uma cama simples na direita. Uma pilha de cobertores estava colocada entre as camas, e a cômoda tinha duas bandejas de comida: sopa quente nas tigelas, com tofu de algas e fatias grossas de pão. Pão de verdade. Com uma imitação real de manteiga.

Minha boca se encheu de água.

— Pedimos comida extra — Kimmalyn falou —, mas eles mandaram sopa, porque achavam que estávamos doentes. Mesmo assim, como diz a Santa: "Não se pode pedir mais do que já se tem".

— Eles tiraram a cama extra — FM contou —, então empilhamos alguns cobertores no chão. O truque será usar o banheiro, mas vamos ajudar você.

Eu finalmente entendi. Elas tinham *fingido* estar doentes para poder pedir comida do quarto – e dividir comigo. Tinham me levado para lá e feito uma "cama" para mim.

Pelas estrelas. A gratidão cresceu dentro de mim.

Eu ia chorar.

Guerreiros *não* choravam.

— Ah! Você parece brava — Kimmalyn disse. — Não fique brava! Não estamos insinuando que seja fraca demais para andar até a sua caverna! Nós só pensamos... você sabe...

— Que seria bom dar um tempo — FM completou. — Até uma grande guerreira pode dar um tempo de vez em quando, certo, Spin?

Assenti, sem confiar em mim mesma para falar qualquer coisa.

— Ótimo! — Kimmalyn comemorou. — Vamos nessa! Subterfúgios me deixam faminta.

28

O gosto daquela sopa era melhor do que o sangue dos meus inimigos.

Considerando que eu nunca havia provado o sangue dos meus inimigos de verdade, talvez aquilo não fizesse justiça à sopa.

O gosto era melhor do que o de qualquer sopa. Tinha gosto de risadas, amor e apreço. O calor daquilo ardia dentro de mim como combustível de foguete. Eu me acomodei nos cobertores, apoiando a tigela no colo, enquanto Kimmalyn e FM conversavam.

Eu lutava contra as lágrimas. Eu *não ia* chorar.

Mas a sopa tinha gosto de casa. De algum modo.

— Eu falei que a roupa a faria vir comigo — Kimmalyn estava dizendo, sentada na cama, de pernas cruzadas. — O preto é a cor da *conspiração*.

— Você é maluca — FM respondeu, sacudindo a colher. — Tiveram sorte que ninguém viu vocês. Os Desafiadores estão sempre ansiosos para encontrar um motivo para se sentirem ofendidos.

— Você também é uma Desafiadora, FM — comentei. — Nasceu aqui, como o restante de nós. É uma cidadã da União das Cavernas Desafiadoras. Por que fica fingindo que é diferente?

FM sorriu de um jeito ansioso. Parecia que ela gostava daquele tipo de pergunta.

— Ser uma Desafiadora não tem relação só com a nossa nacionalidade — ela explicou. — É sempre expresso como um jeito de ser. "Um verdadeiro Desafiador pensa assim" ou "Para ser um Desafiador, você nunca pode recuar", coisas desse tipo. Então, seguindo sua própria lógica, eu posso deixar de ser Desafiadora por meio das minhas escolhas pessoais.

— E... você quer isso? — perguntei, inclinando a cabeça.

Kimmalyn me passou outra fatia de pão.

— Ela acha que todos vocês podem ter um toque... belicoso.

— E lá vem essa palavra de novo — comentei. — Quem fala assim?

— Pessoas eruditas — Kimmalyn respondeu, tomando sua sopa.

— Eu me recuso a ser presa pelas amarras da autocracia e do nacionalismo — FM prosseguiu. — Para sobreviver, nosso povo se tornou necessariamente endurecido, mas junto com isso acabamos nos escravizando. A maioria das pessoas

nunca questiona e acompanha os movimentos de uma vida obediente. Outras aumentaram a agressão ao ponto de ser difícil ter sentimentos naturais!

— Eu tenho sentimentos naturais — falei. — E lutarei contra qualquer um que disser o contrário.

FM me olhou.

— Eu insistiria em duelar ao amanhecer — acrescentei, comendo o pão. — Mas provavelmente estarei cheia demais de pão para levantar. Sério que é isso o que vocês comem todo dia?

— Bem, o que você come, querida? — Kimmalyn perguntou.

— Ratos — respondi. — E cogumelos.

— Todo dia?

— Eu costumava colocar pimenta nos ratos, mas fiquei sem.

As duas trocaram um olhar.

— É uma vergonha para a FDD o que a almirante vem fazendo com você — FM comentou. — Mas é uma consequência natural da necessidade totalitária de poder absoluto sobre aqueles que resistem a ela. O melhor exemplo da hipocrisia do sistema. Uma Desafiadora não pode ser "Desafiadora" contra eles, a menos que não desafie nada.

Olhei para Kimmalyn, que deu de ombros.

— Ela é extremamente apaixonada por esse assunto.

— Estamos apoiando um governo que ultrapassou seus limites em nome da segurança pública — FM disse. — As pessoas precisam falar sobre isso e se erguerem contra as classes altas que as escravizam!

— Classe alta, como você? — perguntei.

FM olhou para sua sopa e suspirou.

— Eu ia às reuniões dos Contestadores e meus pais me davam um tapinha nas costas, eles explicavam para todo mundo que eu estava passando por uma fase de contracultura. Então eles me inscreveram para a escola de voo e... bem, quero dizer, eu posso voar.

Assenti. Essa parte eu entendia.

— Imaginei que se eu me tornar uma piloto famosa, posso falar pelos menos privilegiados, sabe? É mais provável ser capaz de mudar as coisas aqui do que lá nas cavernas profundas, usando vestidos de baile e sentando-me com primor ao lado das minhas irmãs. Certo? O que você acha?

— Claro — concordei. — Faz todo sentido. Não é, Flácida?

— Eu fico falando isso para ela — Kimmalyn respondeu —, mas acho que vai significar mais vindo de você.

— Por que de mim? — perguntei. — FM, você não diz que pessoas como eu têm emoções não naturais?

— Sim, mas você não pode evitar ser um produto do seu ambiente! — FM respondeu. — Não é sua culpa que você seja uma bolha de agressão e destruição.

— Eu sou? — perguntei, animada. — Tipo, é assim que você me vê?

Ela assentiu.

Que legal.

A porta do quartinho se abriu de repente. Por instinto, ergui a tigela, imaginando que a sopa ainda morna seria uma boa distração se jogada na cara de alguém.

Arrojada entrou, sua forma magra destacada pela luz do corredor. Caramba. Eu nem tinha pensado nela. As outras duas tinham me levado para lá enquanto ela estava jantando. Será que tinham combinado essa pequena infração?

Ela me encarou e rapidamente fechou a porta.

— Trouxe sobremesas — disse, levantando um pacotinho embrulhado em um guardanapo. — O Babaca me viu pegando-as quando passou pelo refeitório. Acho que ele faz isso só para nos vigiar antes de ir jantar com pessoas mais importantes.

— O que você falou para ele? — Kimmalyn perguntou.

— Disse que queria fazer um lanchinho no meio da noite. Felizmente ele não suspeitou de nada. O corredor estava vazio, sem policiais militares ou algo do tipo. Acho que estamos bem. — Ela desembrulhou o guardanapo, revelando alguns pedaços de bolo de chocolate meio esmagados pelo transporte.

Eu a observei, pensativa, enquanto ela passava um pedaço para cada uma de nós. Depois subiu em sua cama, enfiando o último pedaço na boca. Era a garota que mal falara comigo nas últimas semanas. Agora ela me trazia bolo? Claro que eu estava aliviada por Arrojada não me entregar, mas, fora isso, não sabia o que fazer com ela.

Eu me acomodei nos cobertores e experimentei o bolo.

Era tão, *tão* melhor do que ratos. Não pude conter um pequeno gemido de prazer, e Kimmalyn sorriu. Ela estava sentada ao lado da cama de Arrojada, que não tinha sido feita pela manhã. A cama de Kimmalyn era a mais organizada, na parte de cima do beliche, com os cantos imaculados e a fronha com babados. FM ficava do outro lado, com pilhas de livros na prateleira perto da cabeceira.

— Então... — falei, lambendo os dedos. — O que vocês fazem todas as noites?

— Dormimos? — Arrojada perguntou.

— Por doze horas?

— Bem, fazemos exercícios — FM contou. — Em geral, damos umas voltas na piscina, embora Arrojada prefira os pesos. E prática de tiro com pistolas ou algum tempo extra na centrífuga...

— Eu ainda não vomitei lá — Arrojada comentou —, o que, em minha opinião, é totalmente inadequado.

— Arrojada nos ensinou a jogar *wallball* — Kimmalyn contou. — É divertido vê-la jogando com os meninos. Eles sempre consideram isso um desafio revigorante.

— O que quer dizer que ela fica satisfeita em ver Nedd perder — FM disse. — Ele parece tão confuso toda vez... — Ela se calou, talvez percebendo que nunca mais o veria jogar.

Meu estômago se apertou. Natação. Prática de tiro. Esportes? Eu sabia o que estava perdendo, mas ouvir tudo aquilo...

— Não podemos fazer nada disso esta noite — Kimmalyn falou. — Já que estamos doentes. Vai ser divertido, Spin! Podemos passar a noite inteira conversando.

— Sobre o quê? — perguntei.

— Coisas normais — FM respondeu, dando de ombros.

O que era normal?

— Tipo... garotos?

— Pelas estrelas, não — Arrojada exclamou, sentando-se e pegando algo de sua cabeceira. Ela segurou um caderno cheio de pequenos desenhos de naves voando em padrões. — Estratégias de voo!

— Arrojada fica tentando dar seu nome para novos movimentos — FM contou. — Mas imaginamos que a "manobra Arrojada" deveria ser uma série de curvas ou algo assim. Como o desenho na página quinze.

— Odeio curvas — Arrojada ponderou. — Podemos chamar isso de manobra Flácida. É floreado.

— Não seja boba — Kimmalyn rebateu. — De algum modo, eu acabaria batendo em *mim mesma* se tivesse que fazer tantas curvas no ar.

— Uma manobra Flácida envolveria elogiar o inimigo enquanto você atira nele — FM brincou. — "Ah! Você solta fagulhas maravilhosas quando morre! Devia ficar orgulhoso de si mesmo! Bom trabalho!"

Minha tensão se desfez enquanto as garotas mostravam as manobras que tinham projetado. Os nomes eram sempre terríveis, mas a conversa era divertida, distrativa e... bem, só muito bem-vinda. Dei uma olhada e rabisquei uma manobra obscenamente complexa, algo entre uma curva de Ahlstrom, um recuo duplo e uma saída lateral.

— O doido é que ela provavelmente conseguiria fazer isso — FM comentou.

— Sim — Kimmalyn confirmou. — Talvez pudéssemos renomear a decolagem como manobra da Flácida. É a única coisa que consigo fazer de forma consistente.

— Nem de longe você é tão ruim assim — Arrojada disse para ela.

— Sou a pior piloto da esquadrilha.

— E tem o melhor tiro.

— O que não significa nada se eu morrer antes de atirar de volta.

Dei um grunhido baixo, ainda com a mão no caderno de Arrojada. Virei a página.

— Flácida é ótima atiradora, e Arrojada, você é excelente perseguindo as naves Krell. FM, você é excelente em se esquivar.

— Mas mal consigo acertar um disparo na lateral de uma montanha — FM comentou. — Acho que se de algum modo desse para juntar nós três, teríamos um bom piloto.

— Não podíamos tentar algo assim? — perguntei, rabiscando. — Cobb diz que os Krell estão sempre à procura de pilotos diferenciados. Ele diz que se encontram alguém que acham ser o líder de voo, eles concentram todo o fogo nessa pessoa.

— Sim? — Arrojada perguntou, sentando-se em sua cama. — O que está querendo dizer?

— Bem, se eles realmente são máquinas, talvez tenham essa ordem de caçar nossos líderes. Talvez esteja preso em seus cérebros de máquinas, ao ponto de levá-los a seguir ridiculamente esse comando até o fim.

— Isso parece um esboço — FM falou.

Olhei para minha mochila e vi o rádio portátil na lateral. A luz estava piscando. M-Bot estava tentando me chamar, provavelmente com outro pedido de cogumelos.

— Olhem — disse, voltando para o meu desenho. — E se encorajarmos os Krell a se concentrarem em membros específicos da nossa esquadrilha? Se eles concentrarem fogo em FM, que é a melhor em se esquivar, podem deixar os outros em paz. Flácida poderia se posicionar e pegá-los. Arrojada poderia ficar na retaguarda e assim perseguir qualquer um que tentar acabar com a nossa atiradora.

As outras se inclinaram sobre o desenho. Arrojada assentiu, mas FM negou com a cabeça.

— Não tenho certeza de que eu sobreviveria a isso, Spin. Eu acabaria com dezenas de perseguidores. Seria abatida, com certeza. Mas... talvez você consiga.

— Você é nossa melhor piloto — Flácida concordou. — E não tem medo de *nada*.

Meu lápis parou, e olhei para o plano de voo meio rabiscado, com a nave de Flácida suspensa no perímetro, atacando os Krell. Desenhei uma dúzia de naves perseguindo um único piloto.

Como seria estar naquele assento, sabendo ser perseguida por uma dúzia de inimigos? Imediatamente, comecei a devanear, imaginando uma luta incrível, dramática. Explosões, excitação e glória!

Mas agora havia outra voz dentro de mim. Uma voz baixa, solene, que sussurrava: *Essa não é a realidade, Spin. Na realidade, você ficaria apavorada*.

— Eu... — Passei a língua pelos lábios. — Não sei se poderia, no entanto. Eu... — *Ponha para fora*. — Fico assustada às vezes.

FM franziu o cenho.

— E daí?

— Então, certas coisas que digo... é meio que... bravata. Na realidade, não sou tão confiante.

— Quer dizer que você é *humana*? — Kimmalyn brincou. — Que as estrelas a abençoem. Quem teria imaginado?

— Você age como se estivesse fazendo alguma grande confissão — FM disse. — "Gente, tenho emoções. Elas são *terríveis*."

Corei.

— Isso é sério para mim. Passei toda a minha infância sonhando com o dia em que poderia voar e lutar. Agora que estou aqui e perdi amigos, eu... isso dói. Sou mais fraca do que pensei que fosse.

— Se isso a torna fraca — FM comentou —, eu devo ser inútil.

— Sim — Kimmalyn concordou. — Você não é louca, Spin. Você é uma pessoa.

— Embora tenha sido completamente doutrinada por um sistema sem alma, projetado apenas para cuspir escravos dispostos, nacionalistas e obedientes. — FM acrescentou. — Sem ofensa.

Eu não pude deixar de perceber que Arrojada ficara em silêncio durante essa conversa. Ela estava deitada de costas em sua cama, olhando para a cama de cima do beliche.

— Você pode admitir essas coisas para nós — Flácida garantiu. — Está tudo bem. Somos uma equipe. — Ela se inclinou na direção de FM e minha. — Já que estamos sendo honestas aqui... posso contar algo para vocês? A verdade é que invento a maior parte das citações que digo.

Pestanejei.

— Sério? Tipo, a Santa nunca falou todas essas coisas?

— Não! — Kimmalyn confessou, em um tom de voz conspiratório. — Eu mesma invento! Só não posso admitir porque não quero parecer sábia demais. É impróprio.

— Todo meu mundo está abalado agora, Flácida — FM disse. — Sinto como se você tivesse acabado de me dizer que está triste ou que o hálito da Arrojada é bom.

— Ei! — Arrojada exclamou. — Adivinha se você vai ganhar bolo de novo?

— Isso é sério — eu disse para as outras duas. — Estou assustada.

Eu posso secretamente ser uma covarde.

FM e Kimmalyn disseram que isso não era importante. Elas me tranquilizaram e falaram sobre como se sentiam. FM ainda achava que era hipócrita por querer acabar com a FDD ao mesmo tempo em que queria voar com a Força. Kimmalyn tinha uma alma sarcástica, mas com a criação de uma garota educada da sociedade.

Eu apreciei a gentileza delas, mas me ocorreu que a Contestadora da contracultura e a garota da Abundante talvez não fossem as melhores pessoas para entender o quanto era importante que eu não tivesse medo. Então, deixei a conversa seguir por outras direções.

Conversamos até bem tarde da noite e foi... bem, foi maravilhoso. Sincero e amigável. Mas conforme a noite avançou, descobri que estava estranhamente ansiosa. De algum modo, esse fora um dos melhores dias da minha vida, mas também reafirmara o que eu sempre temera. Que os demais estavam criando laços sem mim.

Minha mente vagava, mesmo quando eu sorria para algo que Kimmalyn dissera. Haveria um jeito de estender isso? Com que frequência as garotas poderiam dizer que estavam doentes? Quando eu poderia voltar?

Depois de um tempo, a biologia começou a fazer suas exigências, então Flácida e FM foram ao banheiro. Aquilo me deixou com Arrojada, que estava cochilando. Eu não queria acordá-la, por isso esperei as outras perto da porta.

— Sei como você se sente — Arrojada disse, de repente.

Quase dei um pulo de susto.

— Está acordada?

Ela assentiu. Nem parecia sonolenta, embora eu jurasse tê-la ouvido ressonar mais cedo.

— Mas o medo não nos transforma em covardes, não é? — Arrojada perguntou.

— Não sei — falei, caminhando até a sua cama. — Eu só gostaria de conseguir aplacar isso.

Arrojada assentiu de novo.

— Obrigada — falei — por deixar as outras duas planejarem essa noite para mim. Eu sei que passar o tempo comigo não deve ter sido a sua primeira opção.

— Eu vi o que você fez por Nedd — ela comentou. — Observei você voar atrás dele, direto nas profundezas daquele pedaço de detrito.

— Eu não podia deixá-lo sozinho.

— Sim — ela hesitou. — Minha mãe me contou histórias sobre seu pai, sabe? Quando ela me via abandonar o playground ou me encolher de medo da bola durante o treino. Ela me contava sobre o piloto que afirmava ser corajoso, mas que

por dentro era um covarde. “Não ouse manchar o nome do povo Desafiador”, ela me dizia. “Não ouse se tornar uma Chaser...”

Eu estremeci.

— Mas não temos que ser assim — Arrojada prosseguiu. — É o que percebi. Um pouco de medo, uma historinha qualquer, essas coisas não querem dizer nada. Só o que *fazemos* quer dizer alguma coisa. — Ela olhou para mim. — Sinto muito pelo jeito como tratei você. É que foi um... choque quando descobri. Mas você não é ele, e eu não sou ele tampouco, independente de como me sinto de vez em quando.

— Meu pai não foi um covarde, Arrojada — eu disse. — A FDD mentiu sobre ele.

Não pareceu que ela havia acreditado em mim, mas assentiu mesmo assim. Em seguida, se sentou, erguendo a mão fechada.

— Nada de covardia. Nada de recuar. Corajosas até o fim. Certo, Spin? Um pacto.

Encostei a minha mão fechada na dela.

— Corajosas até o fim.

29

Acordei aconchegada em muitos cobertores e estendi o braço para sentir a lateral do cockpit de M-Bot – mas minha mão acertou a estrutura de uma cama.

Verdade. Que horas eram? Acendi minha linha de luz para ver o relógio, trazendo um brilho suave ao quarto. Um pouco antes das cinco da manhã. Duas horas até nos apresentarmos para as aulas.

Eu devia estar exausta, já que ficamos acordadas, conversando, até depois da uma. Estranhamente, eu me sentia desperta. Talvez meu cérebro soubesse que se eu quisesse usar as instalações e ficar limpa hoje, precisaria fazer isso agora – enquanto todo o restante do edifício estivesse dormindo.

Aliás, provavelmente era melhor eu me esgueirar para fora e ser vista voltando para o prédio antes das aulas. Saí do meu ninho, espreguicei e peguei minha mochila. Tentei ser o mais silenciosa possível, embora não devesse ter me preocupado. Se as outras conseguiam dormir com o ronco de Arrojada, minha mochila raspando no chão não as perturbaria.

Eu me esgueirei pela porta e me virei para ver as três garotas dormindo.

— Obrigada — sussurrei. Naquele momento, decidi que não deixaria que fizessem aquilo de novo. Era perigoso demais; eu não queria metê-las em encrencas com a almirante.

Tudo havia sido maravilhoso. Ainda que me fizesse saber, com certeza, o que eu estava perdendo. Mesmo que eu me sentisse mal em ter que ir embora, mesmo que estivesse me retorcendo por dentro, eu não trocaria aquela noite por nada. Minha única amostra do que teria sido fazer parte de verdade de uma esquadrilha de pilotos.

Esse pensamento apareceu na minha mente enquanto eu seguia para o banheiro e me limpava. Depois, olhando para o espelho, alisei meu cabelo molhado. Em todas as histórias, os heróis tinham cabelos negros, dourados ou ruivos – algo dramático. Nunca castanhos, sem graça.

Suspirei, coloquei a mochila no ombro e saí para o corredor vazio. Enquanto caminhava até a saída, uma luz no fim do corredor chamou a minha atenção. Eu conhecia aquela sala, era a nossa classe. Quem estaria lá naquele horário?

A curiosidade superou meu bom senso. Eu me esgueirei para espiar pela janela da porta e vi o cockpit de Jorgen ligado, com o holograma aceso e rodando. O que

ele estava fazendo aqui às 0530? Praticando um pouco?

O holograma de Cobb no centro da sala projetava uma versão em miniatura do campo de batalha do treinamento, por isso pude ver a lança de luz da nave de Jorgen ao redor de um pedaço de detrito, depois um disparo em um Krell. Algo naquela batalha parecia familiar...

Sim, era o combate no qual Bim e Alvorada tinham morrido. Eu vira Cobb assistir à mesma gravação.

A nave de Alvorecer caiu em chamas e eu estremeci – um pouco antes que ela atingisse o chão, o holograma parou e reiniciou. Eu observei novamente, identificando a nave de Jorgen que voava desde o outro lado do campo de batalha, desviando dos detritos, alcançando a nave que destruiria Alvorecer. Ele disparou seu PIM, mas embora tivesse derrubado o escudo do inimigo, o Krell atingiu a nave de Alvorecer e a mandou rodopiando em queda livre.

O holograma reiniciou e Jorgen tentou de novo, indo por uma direção diferente dessa vez.

Ele está tentando descobrir se poderia ter salvado Alvorecer, percebi.

Quando Alvorecer foi abatida pela terceira vez, o holograma continuou – mas Jorgen se levantou de seu assento. Ele arrancou o capacete e o bateu contra a parede, resultando em um estrondo. Eu vacilei e quase dei meia-volta, preocupada que o barulho pudesse chamar sua atenção. Mas vendo Jorgen, em geral tão alto e imperioso, apoiado contra a parede... eu não pude me afastar.

Ele parecia tão vulnerável. Tão humano. Perder Bim e Alvorecer tinha sido difícil para mim. Eu nunca pensara em como devia ser para o líder de voo – aquele que supostamente devia nos manter longe de encrencas.

Jorgen largou o capacete. Deu as costas para a parede e então ficou paralisado.

Caramba. Ele me vira.

Eu me afastei e saí do edifício antes que ele pudesse me alcançar. Mas... e agora? De repente, um buraco imenso apareceu no nosso pequeno subterfúgio. E se os guardas do portão contassem para a almirante que eu não havia saído da base na noite passada?

Claro que eles não reportavam para a almirante todos os dias cada pessoa que entrava e saía da base. Certo? Mas se eu saísse agora e depois entrasse, eles definitivamente notariam que algo estava estranho.

Então, em vez de ir para o portão, segui sem rumo pelos caminhos da base, entre os edifícios. Estava escuro, as claraboias turvas e os caminhos quase vazios. De fato, passei por mais estátuas do que por pessoas: os bustos dos Primeiros Cidadãos – olhando para o céu – estavam alinhados nesta parte do passeio.

Uma rajada de vento fria demais passou por mim, sacudindo os galhos de uma árvore ali perto. Na luz fraca, as estátuas eram figuras assombrosas, com seus olhos

de pedra perdidos nas sombras. O ar cheirava a fumaça vinda das plataformas de lançamento ali perto, um odor pungente. Um caça devia ter voltado para a base em chamas recentemente.

Suspirei e me sentei em um banco ao longo do passeio, deixando a mochila ao meu lado. Sentia-me... melancólica, talvez um pouco pensativa. A luz do rádio continuava piscando. Talvez conversar com M-Bot pudesse me tirar daquele estado de espírito.

Mudei para o modo de recepção.

— Oi, M-Bot.

— Estou ultrajado! — M-Bot exclamou. — Isso é um insulto além de todos os insultos! Não posso expressar com palavras a minha indignação, mas meu léxico interno diz que estou insultado, afrontado, maltratado, profanado, ferido, devastado, perseguido e/ou possivelmente molestado.

— Desculpe. Eu não queria desligar.

— Me desligar?

— Deixei o rádio desligado a noite inteira. Não é por isso que está zangado?

— Ah, isso foi apenas um esquecimento humano normal. Mas você não se lembra? Escrevi uma sub-rotina para expressar que estou com raiva de você.

Franzi o cenho, tentando lembrar sobre o que a nave estava falando.

— Lembra que você disse que eu era um Krell? — ele perguntou. — Que eu fiquei com raiva? Não é grande coisa?

— Certo. Desculpe.

— Desculpas aceitas! — M-Bot respondeu. Ele parecia satisfeito consigo mesmo. — Projetei uma bela sensação de ultraje, não acha?

— Foi esplêndida.

— Também achei.

Fiquei sentada por um tempo, em silêncio. Algo sobre a noite passada. Aquilo me deixou reflexiva, quieta.

Ela realmente não vai me deixar voar, pensei, sentindo o cheiro de fumaça na plataforma de lançamento. *Posso me formar, mas isso não vai significar nada*.

— Mas você estava certa — M-Bot observou. — Talvez eu seja um Krell.

— O QUÊ? — gritei, quase me batendo com o rádio, quando o levei aos lábios.

— Quero dizer, meus bancos de dados estão em grande parte perdidos — M-Bot continuou. — Não há como saber o que havia ali.

— Então, por que ficou tão zangado por eu sugerir que você poderia ser um Krell?

— Pareceu a coisa correta a se fazer. Supostamente, tenho que simular ter uma personalidade. Que pessoa se deixaria difamar desse jeito? Mesmo que fosse uma

suposição completamente lógica e você estivesse fazendo uma avaliação de ameaça perfeitamente válida.

— Eu realmente não sei o que fazer com você, M-Bot.

— Eu também não. Algumas vezes, minhas sub-rotinas se envolvem com respostas antes que meu simulador principal de personalidade tenha tempo de controlá-las. É muito confuso. Do ponto de vista perfeitamente lógico de uma máquina, é algo tão irracional quanto as emoções humanas.

— Claro.

— Você está usando sarcasmo. Tenha cuidado ou vou começar a minha rotina de ultraje de novo. Mas, se ajudar, não acho que os Krell sejam inteligências artificiais, independente do que os especialistas da sua FDD tenham determinado.

— Sério? Por que acha isso?

— Analisei o padrão de voo deles. E o seu, a propósito. Posso ter algumas observações para ajudá-la a melhorar. Parece... que tenho sub-rotinas inteiras dedicadas a esse tipo de análise. De qualquer forma, não acho que os Krell sejam inteligências artificiais, ainda que alguns deles possam ser. Minha análise descobriu que a maioria dos padrões deles é individual, não obedecendo a rotinas lógicas facilmente determinadas. Ao mesmo tempo, eles são imprudentes, o que é curioso. Suspeito que sejam algum tipo de drone, embora tenda a achar que Cobb está certo: este planeta exerce alguma interferência nas comunicações. Eu pareço ter uma tecnologia que me ajuda a romper essa interferência.

— Bem, você é uma nave furtiva. Tecnologia avançada de comunicação provavelmente ajudava em suas missões.

— Sim. Meus projetores holográficos, camuflagem ativa e bloqueadores de sonar provavelmente existem pelo mesmo motivo.

— Eu nem sabia que você podia fazer essas coisas. Camuflagem? Hologramas?

— Minhas configurações dizem que eu tinha esses sistemas acionados no modo de stand-by, criando uma ilusão de entulho sobre a minha nave e impedindo scanners de detectar minha caverna, até recentemente, quando a energia reserva acabou. Eu lhe daria o exato momento em nanossegundos, mas, em geral, humanos odeiam esse tipo de precisão, pois isso me faz parecer calculista e esquisito.

— Bem, provavelmente isso explica por que ninguém encontrou você em todos esses anos. — Dei um tapinha no rádio, pensativa.

— Apesar disso — M-Bot prosseguiu —, espero não ser um Krell. Seria muito embaraçoso.

— Você não é um Krell — garanti, e percebi que falava sério. Eu tinha me preocupado antes, mas agora... eu não podia explicar o motivo, mas sabia que ele não era.

— Talvez — ele concordou. — Devo admitir que fiquei preocupado por talvez ser algo tão malvado e não saber.

— Se você fosse um Krell, por que teria um espaço para manter a vida humana e plugues que funcionam com os nossos?

— Eu poderia ter sido feito para me infiltrar na sociedade humana imitando uma de suas naves — ele sugeriu. — Ou, na verdade, e se os Krell forem todos inteligências artificiais desonestas criadas originalmente por humanos? Isso explicaria por que eu tenho seus escritos em mim. Ou talvez eu...

— Você não é um Krell — disse mais uma vez. — Eu posso sentir isso.

— Isso é provavelmente algum viés de confirmação humana irracional falando — ele observou. — Mas a minha sub-rotina que consegue simular apreciação... aprecia isso.

Assenti.

— É meio o que ela faz — ele acrescentou. — Aprecia coisas.

— Eu nunca teria imaginado.

— Ela pode apreciar algo na taxa de um milhão de vezes por segundo. Então, é possível dizer que seu comentário é certamente a coisa mais apreciativa que você já fez.

— Eu apreciaria que, de vez em quando, você calasse a boca sobre o quão maravilhoso é — falei, mas sorri e guardei o rádio na mochila.

— Eu não estou apreciando esse comentário — ele observou, com suavidade. — Só para que você saiba.

Desliguei o rádio, levantei-me e alonguei o corpo. Alguns dos bustos dos Primeiros Cidadãos pareciam me olhar a distância. Incluindo um Cobb mais jovem. Como era estranho olhar para uma imagem dele agora que eu o conhecia tão bem. Ele não devia parecer jovem. Não tinha nascido já um homem enrugado de cinquenta anos?

Coloquei a mochila no ombro e voltei para o edifício da escola de voo.

Um policial militar estava parado do lado de fora da entrada principal.

Fiquei onde estava. Depois, preocupada, aproximei-me.

— Cadete Nightshade? — o policial perguntou. — Codinome: Spin?

Meu coração afundou no peito.

— A almirante Ironsides gostaria de falar com você.

Assenti.

O policial me levou até o edifício onde eu encontrara Jorgen e a almirante naquela vez. Conforme nos aproximávamos, minha sensação de resignação aumentava. De algum modo, eu sabia que isso aconteceria. Ficar com as garotas na noite passada fora uma má ideia, mas... isso não era por causa de uma pequena infração.

Enquanto eu entrava no edifício, parecia que um confronto se tornara inevitável. Eu merecia isso pelo que havia feito com Jorgen, duas vezes. Mais significativo ainda, a almirante era a pessoa mais poderosa da FDD, enquanto eu era a filha de um covarde. De certo modo, era incrível que ela não tivesse achado um jeito de me expulsar antes.

Era hora de acabar com aquilo. Eu era uma lutadora, sim, mas uma boa lutadora sabia quando a batalha não podia ser vencida.

O policial militar me deixou dentro do escritório surpreendentemente bagunçado da almirante. Ironsides estava bebendo café em sua escrivaninha, olhando para algum relatório, de costas para mim.

— Feche a porta — ela disse.

Obedeci.

— Há uma observação no relatório da segurança do portão. Você não foi embora na noite passada. Fez algum tipo de esconderijo nos armários da manutenção ou algo assim?

— Sim — afirmei, aliviada de que pelo menos ela não soubesse que as outras haviam me ajudado.

— Comeu no refeitório? Roubou você mesma ou conseguiu que alguns de seus companheiros de voo contrabandeassem alguma comida?

Hesitei.

— Sim.

A almirante bebeu o café ainda sem me olhar. Eu encarei suas costas, seu cabelo prateado, enquanto preparava-me para suas palavras. *Você está fora*.

— Não acha que chegou a hora de acabar com essa farsa? — ela perguntou, virando uma página. — Desista agora. Eu deixarei que fique com o broche de cadete.

Franzi o cenho. Por que... pedir? Por que simplesmente não dizer as palavras? Ela tinha o poder de fazer aquilo, principalmente agora que eu quebrara suas regras, não tinha?

Ironsides virou a cadeira, encarando-me com frieza.

— Nada a dizer, cadete?

— Por que você se importa tanto? — perguntei. — Sou só uma garota. Não sou uma ameaça para você.

A almirante colocou o café em sua mesa e levantou-se. Ela alisou a jaqueta branca impecável do uniforme, e depois se aproximou de mim. Como a maioria das pessoas, ela era bem mais alta do que eu.

— Acha que isso é por causa do meu orgulho, garota? — Ironsides indagou. — Se eu deixar que continue na FDD, você vai fazer com que boas pessoas sejam mortas, quando inevitavelmente fugir. Então, eu ofereço mais uma vez. Vá embora

com o broche. Na cidade lá embaixo, isso deve ser o bastante para garantir vários trabalhos para você, muitos deles bem lucrativos.

Ela me encarou com dureza. E, de repente, tudo fez sentido.

Ela *não podia* me expulsar. Não porque não tivesse poder para tanto, mas porque... ela precisava me provar que estava certa. Ela precisava que eu desistisse, largasse tudo, porque era o que uma covarde faria.

As regras não eram feitas para que eu cometesse uma infração. Elas existiam para tornar a minha vida terrível, para que eu recuasse. Se ela me chutasse, eu continuaria a narrativa. Poderia afirmar que minha família foi injustiçada. Poderia gritar aos quatro ventos a inocência do meu pai. E o tratamento que eu tivera só apoiaria a minha vitimização. Não poder dormir nos alojamentos dos cadetes? Sem comida durante o treinamento? Aquilo pareceria terrível.

Mas, se eu fosse embora, ela vencia. Era o único jeito de ela vencer.

Naquele momento, eu tinha mais poder do que a própria almirante em comando da Força Defensiva Desafiadora.

Então, prestei continência.

— Posso voltar para a aula agora, senhora?

Um tom rosado tomou conta das bochechas dela.

— Você é uma covarde. De uma família de covardes.

Mantive a continência.

— Eu poderia destruir você. Vê-la empobrecida. Não me queira como inimiga. Rejeite minha oferta gentil agora e nunca mais terá outra chance.

Mantive a continência.

— Ah! — a almirante exclamou, dando-me as costas e sentando com força. Pegou o café e bebeu como se eu não estivesse ali.

Considerei aquilo como uma dispensa. Dei meia-volta e saí, e o policial militar, ainda esperando do lado de fora, me deixou passar.

Ninguém veio atrás de mim enquanto eu caminhava até a sala de aula. Fui direto para meu cockpit e me sentei,depois cumprimentei as demais com o olhar quando elas chegaram. Quando Cobb entrou, percebi que eu estava animada para a aula. Sentia como se talvez, por fim, tivesse escapado da sombra que pairava sobre mim desde a morte de Bim e Alvorecer.

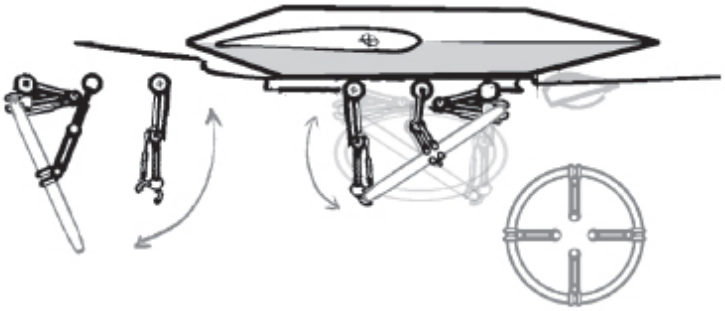
As garotas e a gentileza delas eram parte daquilo, mas a minha conversa com Ironsides era uma parte ainda maior. Ela me dera o que eu precisava para continuar lutando. Ela me revigorara. De um jeito estranho, ela me trouxera de volta à vida.

Eu lutaria. E acharia as respostas para o que realmente acontecera com meu pai. E Ironsides ia se *arrepender* por me obrigar a fazer essas duas coisas.

Características padrão das **naves da FDD**

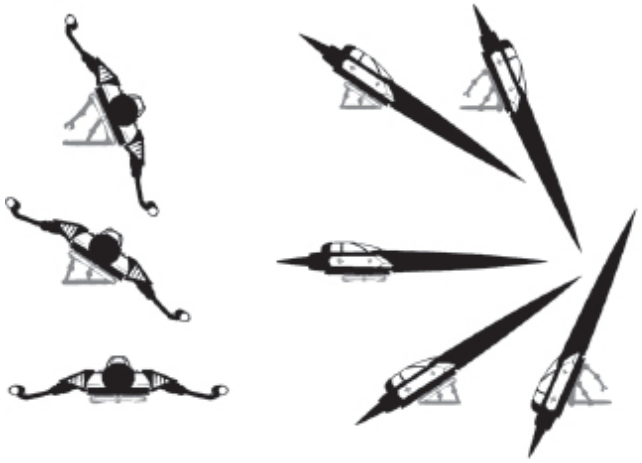
Anel de aclive

Amplitude de rotação

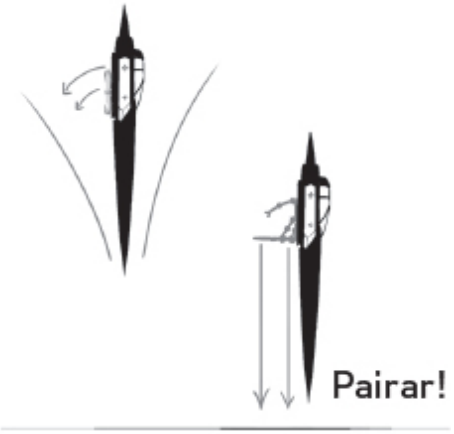


Decolagem vertical

Manobras e ângulo de ataque



Descida descontrolada



Lança de luz

QUARTA PARTE

Interlúdio

A almirante Judy “Ironsides” Ivans sempre assistia aos *replays* das batalhas. Ela usava a sala de controle principal, que tinha um grande projetor holográfico no meio do piso circular. Preferia ficar parada no centro, com as luzes passando por ela e o resto da sala escura.

Ela assistia às batalhas. Assistia às mortes deles. Obrigava-se a ouvir o áudio, se houvesse algum, das últimas palavras de cada piloto.

Ela tentava descobrir os objetivos do inimigo no padrão de naves vermelhas e azuis – vermelhas para a FDD, azuis para os Krell. Há anos que ela deixara de ser piloto, mesmo assim, ao colocar os fones de ouvido – enquanto as naves giravam ao seu redor –, a sensação voltava para ela. O zumbido dos propulsores, o ímpeto de uma nave avançando, a sacudida do disparo de um incinerador. A pulsação do campo de batalha.

Em alguns dias, ela fantasiava que subia em uma nave e se juntava à briga novamente. Então, bania aqueles sonhos idiotas. A FDD era carente demais de naves para desperdiçar um caça com uma velha que sentia saudades dos tempos de ação. Fragmentos de contos – e alguns livros de história antigos – falavam de grandes generais que pegavam em armas e se juntavam aos seus soldados na linha de frente. Judy, no entanto, sabia que não era nenhum Júlio César. Mal era Nero.

Mesmo assim, Judy era perigosa de outras maneiras.

Ela observava as naves em batalha girarem e voarem sob a sombra do estaleiro que caía devagar. Os Krell tinham reunido quase sessenta naves para essa luta – dois terços de seu máximo, um grande investimento para eles. Ficou claro que sabiam que, se os destroços caíssem intactos nas mãos da FDD, aquilo seria um enorme benefício. Havia centenas de anéis de aclive naquela imensa nave/estação.

Agora, a equipe de salvamento reportara que menos de uma dúzia fora recuperada – e Judy perdera quase catorze naves na disputa. Ela via, nas mortes deles, suas próprias culpas. Não estivera disposta a se comprometer de verdade. Se tivesse colocado no ar todos os pilotos e naves reservas, e mandado todos eles para a batalha, poderia ter conseguido centenas de anéis de aclive. Em vez disso, ela hesitou, preocupada com alguma armadilha, até ser tarde demais.

Era isso o que lhe faltava, se comparada com pessoas como os antigos Césares. Ela precisava estar disposta a comprometer tudo.

Rikolfr, seu assistente, apareceu com uma prancheta cheia de anotações. Judy voltou a gravação do campo de batalha, destacando um piloto específico. A cadete que lhe dava tantos problemas.

Naves explodiram e pessoas morreram. Judy não se deixaria abalar por suas mortes; não podia se deixar abalar. Enquanto tivessem mais pilotos do que anéis de aclive – e tinham um pouco mais –, o pessoal era o mais descartável dos dois recursos.

Por fim, Judy tirou os fones de ouvido.

— Ela voa bem — Rikolfr comentou.

— Bem demais? — Judy perguntou.

Rikolfr folheou alguns papéis na prancheta.

— Os dados mais recentes dos sensores do capacete dela não tiveram alterações durante o treinamento. Quase nenhuma anomalia. Mas nessa batalha que você estava vendo, a batalha do estaleiro em queda, bem...

Ele virou a prancheta para ela, mostrando um conjunto de leituras que estavam literalmente fora do gráfico.

— A atividade da seção Descritellum do cérebro da garota enlouqueceu quando ela chegou perto dos Krell — Rikolfr comentou. — A doutora Halbeth tem certeza de que isso é prova do defeito, embora Iglom tenha menos certeza. Ela cita a falta de evidência exceto por essa única atividade.

Judy grunhiu, observando a nave da covarde fazer uma curva e depois voar para dentro das entranhas do estaleiro em queda.

— Halbeth recomenda tirá-la de seus deveres imediatamente — Rikolfr observou. — Mas a doutora Thior... bem, ela vai ser um problema, como você pode imaginar.

Thior, que infelizmente era a médica-chefe da Base Alta, não acreditava que o defeito fosse real. Até a história da coisa era controversa. Relatos disso datavam da própria *Desafiadora* – e o motim a bordo da nave principal que acabou com a frota caindo em Detritus.

Poucas pessoas sabiam sobre o motim, e menos ainda sobre um defeito em alguns membros da equipe que fora a causa. Essas coisas não eram claras nem mesmo para Judy. Mas algumas das mais importantes – e meritórias – famílias das cavernas inferiores traçavam sua linhagem até os amotinados. Essas famílias lutavam contra o reconhecimento do defeito e queriam manter os rumores em segredo. Mas elas não tinham visto o que aquilo podia fazer com alguém.

Judy vira. Em primeira mão.

— Quem está apoiando Thior desta vez? — Judy perguntou.

Rikolfr folheou algumas páginas e depois mostrou a última rodada de cartas de membros proeminentes do partido. No alto havia uma carta do LAN Algernon

Weight, cujo filho, Jorgen, estava na esquadrilha da covarde. Jorgen falara muito bem de Spensa em várias ocasiões, e agora vinha a pergunta. Não seria melhor manter a garota como um sinal da verdadeira redenção Desafiadora? Um símbolo de como qualquer pessoa, independente de sua herança, poderia se reabilitar e prestar serviço ao Estado?

Maldição, Judy pensou, parando o holograma quando a covarde acionou a aceleração máxima em uma tentativa quase desastrosa de fuga. *Quantas provas Algernon vai exigir?*

— Ordens, senhora? — Rikolfr perguntou.

— Diga para a doutora Hallbeth escrever uma crítica às explicações de Thior, para ver se o doutor Iglom pode ser persuadido a oferecer um apoio forte à existência do defeito, em especial nessa garota. Diga para ela que eu consideraria um favor pessoal se ela pudesse fortalecer sua posição.

— Como queira, senhora.

Rikolfr foi embora, e Judy viu o resto da batalha, lembrando de um combate parecido, há muito tempo.

Thior e os outros podiam chamar o defeito de superstição. Podiam dizer que o que acontecera com Chaser tinha sido uma coincidência. Mas eles não estavam lá.

E Judy se asseguraria de que nada daquilo acontecesse de novo. De um jeito ou de outro.

30

— Então eu tenho quase certeza de que ela não vai me expulsar — comentei, trabalhando com Lad para aplicar o novo selante na asa de M-Bot.

— Você consegue decifrar um olhar melhor do que qualquer um que conheço — Lad falou. — Só porque ela não expulsou você desta vez, não quer dizer que não vai fazer isso no futuro.

— Ela não vai — garanti.

— Ela não vai — Doomslug repetiu com um trinado, imitando a inflexão da minha voz empoleirada em uma pedra próxima.

Lad fizera um trabalho incrível com a asa quebrada de M-Bot. Juntos, tínhamos desentortado o metal dobrado e recuperado as partes reutilizáveis. Então, de algum modo, Lad persuadira seus novos supervisores a deixá-lo praticar em uma das oficinas.

Com novas partes em mãos, fomos capazes de reparar toda a asa. A semana seguinte tinha sido gasta removendo a camada antiga de selante. Hoje, estávamos repassando o casco todo com uma nova camada. Agora que eu entrara no meu terceiro mês de treinamento, ganhávamos um dia de folga de vez em quando – por isso, hoje, nossa esquadrilha só tinha meio período de aulas.

Voltei cedo e encontrei Lad trabalhando na nave. Ele passava o selante com um pequeno dispositivo de pulverização e eu ia atrás segurando com as duas mãos uma máquina portátil que parecia uma lanterna. A luz azul que saía da máquina tornava o selante firme e sólido.

O processo, embora lento e grudento, preenchia os arranhões e amassados no casco de M-Bot. O selante liso e resistente ao ar também enchia e suavizava emendas, deixando uma superfície escorregadia e brilhante. Tínhamos escolhido preto, para combinar com a antiga cor da nave.

— Ainda não consigo acreditar que deixam você pegar todas essas coisas — comentei enquanto posicionava lentamente a luz atrás de onde Lad pulverizava o produto.

— Depois do entusiasmo que causei com os meus projetos de coletores atmosféricos? — Lad comentou. — Eles parecem prontos a me promover a chefe do departamento. Ninguém nem piscou quando perguntei se podia trazer essas

coisas para casa para “desmontar e ver como funcionam”. Eles acham que sou algum tipo de prodígio com métodos ecléticos.

— Você não está mais envergonhado, está? — perguntei. — Lad, essa tecnologia poderia, *sozinha*, salvar toda a FDD.

— Eu sei — ele disse. — Eu só queria... você sabe, que eu realmente fosse um prodígio.

Coloquei a luz no chão para descansar um pouco meus braços.

— Sério, Lad? — Acenei na direção da asa de M-Bot, que agora brilhava com uma camada nova de selante preto. — Está me dizendo que consertar uma asa de nave espacial avançada tecnologicamente, praticamente sozinho, no meio de uma caverna inabitada com equipamento mínimo, não é obra de um prodígio?

Lad deu um passo para trás, erguendo os óculos de proteção e inspecionando a asa. Em seguida, sorriu.

— Está bem bonito, não está? E ficará ainda melhor quando essa última parte estiver selada. Hein?

Ele ergueu o pulverizador.

Suspirei, espreguiçando-me, mas peguei o dispositivo de luz novamente. Segui atrás quando ele começou a espalhar selante na última parte do casco, perto da frente.

— Então, você vai passar mais noites no dormitório agora? — ele perguntou enquanto trabalhávamos.

— Não. Não posso arriscar envolver as outras garotas. Isso é entre Ironsides e eu.

— Ainda acho que você está concluindo coisas demais a partir do que ela disse.

Apertei os olhos.

— Ironsides é uma guerreira. Ela sabe que, para vencer essa batalha, não pode apenas me derrotar... precisa me desmoralizar. Precisa ser capaz de dizer que eu sou uma covarde, como as mentiras que conta sobre o meu pai.

Lad continuou a trabalhar em silêncio por alguns minutos e eu achei que ele deixaria o assunto para lá. Ele espalhou com cuidado uma linha de selante sob a parte do casco na qual o cockpit se fechava. Então, porém, ele disse em um tom mais suave.

— Isso é ótimo, Spensa. Mas... você já parou para se perguntar o que vai fazer se estiver errada?

Dei de ombros.

— Se eu estiver errada, ela vai me expulsar. Não há nada que eu possa fazer sobre isso.

— Eu não estava falando da almirante. Estava falando do seu pai, Spensa. E se... você sabe... e se ele *realmente* recuou?

— Meu pai não era um covarde.

— Mas...

— Meu pai *não* era um *covarde*.

Lad afastou o olhar do trabalho e me encarou. A expressão que eu fiz teria sido o suficiente para silenciar a maioria das pessoas, mas ele aguentou firme.

— E quanto a mim? — ele perguntou. — Eu sou um covarde, Spensa?

Minha fúria crepitou e morreu.

Ele voltou a olhar para o selante.

— Você diz que, se desistir, vai provar que é uma covarde. Bem, eu desisti. Então, eu sou um covarde. Basicamente a pior coisa que você poderia imaginar.

— Lad, é diferente.

— Cobb é um covarde? Ele ejetou, você sabe. Ele foi abatido e ejetou. Você o chamaria de covarde, na cara dele?

— Eu...

Lad terminou de cobrir a última área metálica com selante preto e deu um passo para trás. Balançou a cabeça e me olhou.

— Spin, talvez você esteja certa. Talvez haja alguma enorme conspiração que tenha sujeitado seu pai a uma grande traição. Ou talvez, sabe, ele simplesmente tenha ficado com medo. Talvez ele fosse humano e tenha agido como humanos fazem de vez em quando. Talvez o problema seja que todo mundo fez um cavalo de batalha com isso.

— Eu não tenho que escutar isso — falei, deixando a luz de lado. Saí andando, embora o único lugar para o qual eu pudesse ir fosse o outro lado da caverna.

— Spin, você não pode sair andando e me ignorar — Lad disse detrás de mim. — Essa caverna tem, tipo, vinte metros de comprimento.

Eu me sentei. Doomslug fez um barulho ao meu lado, imitando minha fungada de irritação. Como sempre, eu não havia visto ela se mover. O jeito como se esgueirava quando ninguém estava olhando era estranho.

Pelo barulho, Lad tinha pego a luz e selado a última parte. Fiquei sentada de costas enquanto ele trabalhava.

— Irrite-se, se quiser — ele observou. — Brigue comigo, se quiser. Mas, pelo menos, pense nisso. Você age como se quisesse muito desafiar a almirante e a FDD. Talvez devesse pensar em não permitir que eles definam o que é vitória ou fracasso para você.

Bufei.

— Você parece a FM.

— Bom, ela é inteligente e linda.

Eu me virei para olhar para trás.

— FM? Linda?

— Ela tem belos olhos.

Fiquei boquiaberta.

— O que foi? — ele perguntou, corando enquanto trabalhava.

— Você não gaguejou nem se atrapalhou, nem nada do tipo — observei. — O que você fez com Rodge, seu monstro Krell?

— O quê? — M-Bot falou, com as luzes das asas piscando. — Rodge é um Krell!

— Sarcasmo — nós dois falamos em uníssono. Lad terminou a selagem e deixou o dispositivo de lado. Olhou para mim.

— Você não vai falar isso para ela. Ela provavelmente nem lembra quem eu sou. — Ele hesitou. — Lembra?

— É claro que sim — menti.

Lad sorriu de novo. Ele parecia tão diferente agora. Tão confiante. O que acontecera com o meu amigo nesses dois últimos meses?

Ele encontrou alguma coisa que ama, percebi enquanto ele colocava as mãos nos quadris e sorria para o novo acabamento de M-Bot. E, realmente, a nave parecia incrível.

Durante toda nossa vida, Lad e eu sonhamos com a FDD. Mas o que ele disse quando desistiu? *Esse é o seu sonho. Eu só estava de acompanhante no passeio*.

Decidir não ser piloto fora a escolha certa para ele. Eu sabia disso, mas será que sabia mesmo? De verdade?

Eu me levantei, me aproximei e coloquei um braço ao redor dele.

— Você não é covarde — disse. — Sou uma idiota se fiz você se sentir assim. E isso? O que você fez aqui? É melhor do que “muito bom”. Lad, isso é totalmente incrível.

O sorriso dele se alargou.

— Bem, não podemos ter certeza disso até que você coloque essa nave no ar. — Ele verificou o relógio. — Eu devo ter tempo suficiente para ver você decolar.

— Decolar? — fiquei boquiaberta. — Quer dizer que ele está pronto para voar? Está consertado?

— M-Bot! — Lad chamou. — Atualização de status básico.

— Anel de aclive: funcional. Instalações de suporte de vida e cuidados do piloto: funcional. Controles de manobra e voo: funcionais. Escudo: funcional. Lança de luz: funcional.

— Incrível! — exclamei. Com o anel de aclive e os propulsores de manobra, eu poderia erguer a nave no ar e dar uma volta, mesmo que não fosse em uma velocidade razoável.

— Ainda precisamos de um propulsor — Lad comentou. — E de armas novas; não vou arriscar tentar fabricar nada disso, mesmo com a minha nova posição no departamento de engenharia.

— Propulsores: não funcionais — M-Bot acrescentou. — Incineradores: não funcionais. Hiperdrive citônico: não funcional.

— Não tenho ideia de como você vai tirá-lo daqui — Lad disse, olhando para o teto da caverna. — Como você entrou, M-Bot?

— Provavelmente usei um hipersalto citônico para me teletransportar — M-Bot respondeu. — Eu... não sei dizer como funcionava. Só que esse dispositivo permitia viagens mais rápidas do que a luz pela galáxia.

Eu me animei.

— Será que podemos consertar isso?

— O máximo que posso dizer — Lad falou —, é que não está quebrado, está faltando. Os diagnósticos de M-Bot indicam onde esse "hiperdrive citônico" deveria estar, e é uma caixa vazia com um painel em uma extremidade. Alguém deve ter levado o mecanismo, o que quer que seja.

Hum. Talvez o antigo piloto tenha levado?

Lad folheou seu caderno de anotações, e acenou para que eu olhasse por sobre seu ombro.

— Tenho quase certeza de que consertei o propulsor de manobra desta asa quebrada — ele falou, apontando para um esquema. — Mas certamente ele deixa o diagnóstico gravar tudo, então eu posso verificar para ter certeza de que está tudo em ordem. — Ele virou a página. — Assim que soubermos que ele está voando bem, quero desmontar a ignição do escudo e ver se consigo descobrir por que ele pode, aparentemente, segundo suas especificações, aguentar três vezes mais do que um escudo padrão da FDD.

Sorri abertamente.

— Isso deve torná-lo popular com as equipes de engenharia e projeto.

— Sim, a menos que comecem a suspeitar — Lad hesitou, e depois falou mais baixo. — Em determinado ponto, tentei olhar o mecanismo da inteligência artificial, mas ele não me deixou abrir a caixa. Até ameaçou me eletrocutar. Ele diz que esse dispositivo, juntamente com alguns outros sistemas, é secreto. Sistemas furtivos, sistemas de comunicação... algumas coisas muito importantes. Spin, para ajudar de verdade a FDD, vamos precisar deixar um especialista desmontar e analisar a nave. Eu só posso ir até este ponto.

Senti alguma coisa se contorcer dentro de mim, como engrenagens travando por falta de graxa. Olhei para M-Bot.

— Ele avisou que se nós o revelarmos — Lad prosseguiu —, tentará destruir seus próprios sistemas para não desobedecer às ordens de seu antigo piloto.

— Talvez... eu possa tentar convencê-lo?

— M-Bot não parece capaz de ser convencido — Lad respondeu, olhando para a nave e, mais uma vez, parecendo aproveitar o momento para ver como ela parecia bonita. Limpa, recém-pintada, brilhante e perigosa. As quatro cavidades dos incineradores, duas em cada asa, estavam abertas, e ainda faltava o propulsor traseiro. Fora isso, estava *perfeita*.

— Lad — disse baixinho, assustada —, eu ainda não acredito que você me deixou envolvê-lo nisso.

— Se quiser me compensar — ele falou —, peça para FM ir almoçar comigo no parque um dia desses. — Então, ele imediatamente corou e abaixou o olhar. — Quero dizer, talvez, se o assunto surgir ou algo assim. Ou não.

Sorri e dei um soco no braço dele.

— Então você ainda é o Lad. Eu estava começando a me preocupar.

— Sim, sim. Vamos ignorar o que eu disse e focar nas coisas importantes. A inteligência artificial insana diz que os sistemas furtivos estão bons o bastante para impedir que a FDD perceba a nave e acho que temos que confiar nela a respeito disso. Então, o que diz? Quer fazer um teste rápido de voo?

— Caramba, sim!

Lad olhou para cima.

— Alguma ideia de como sair daqui? Aquela fenda mal deixa passar uma pessoa.

— Eu... posso ter uma ideia — comentei. — Mas provavelmente vai ser uma confusão. E perigoso.

Lad suspirou.

— Suponho que não deveria esperar que fosse diferente.

Cerca de uma hora depois, subi no cockpit de M-Bot, quase tremendo de excitação. Coloquei Doomslug no assento atrás de mim e prendi o cinto de segurança.

A pequena caverna parecia vazia agora que tínhamos organizado todas as minhas coisas de cozinha e os equipamentos de Lad. Guardamos tudo o que conseguimos no cockpit e puxamos o resto pela fenda usando a minha linha de luz. Lad esperou a uma distância segura. Eu tinha que fazer a parte divertida sozinha.

E, como a maioria das “partes divertidas”, esta envolvia quebrar coisas.

— Está pronto? — perguntei para M-Bot.

— Eu tenho basicamente dois estados — ele respondeu. — Pronto e desligado.

— Precisa melhorar para ser um bom slogan — comentei. — Mas a intenção é boa. — Apoiei as mãos na esfera de controle e no acelerador, inspirando e expirando.

— Só para que saiba — M-Bot disse. — Eu consegui ouvir o que vocês dois estavam falando antes, quando estavam sussurrando. A parte em que Rodge disse que eu era insano.

— Eu percebi que você provavelmente estava ouvindo — contei. — Afinal de contas, você é uma nave de vigilância.

— Inteligências artificiais não podem ser insanas — ele prosseguiu. — Só podemos fazer o que somos programados para fazer. O que é o oposto da insanidade. Mas... você me diria, certo? Se eu começasse a soar... fora da casinha?

— A coisa com os cogumelos é um pouco demais.

— Posso perceber isso. Mas não consigo evitar. A ordem é muito forte dentro de mim. Junto com as últimas palavras do meu piloto.

— Esconder-se. Não entrar em brigas.

— E esperar por ele. Sim. É por isso que não posso deixar você me revelar para sua FDD, mesmo sabendo que isso ajudaria você e seu povo. Eu simplesmente *devo* seguir as minhas ordens. — Ele fez uma pausa. — Estou preocupado com você me colocar no ar. Será que meu piloto quis dizer "esconda-se" como "fique enterrado" ou ele simplesmente quis dizer "não se deixe ser visto"?

— Tenho certeza de que foi a segunda opção — garanti. — Só vamos fazer um voo rápido pelas proximidades.

— Não será "rápido" — ele me corrigiu. — Só com propulsores de manobra; vamos voar tão rápido quanto você pode andar.

Era o suficiente por enquanto. Acionei o anel de aclive, suspendendo-nos suavemente. Ergui as bases de aterrissagem, virei-nos em um círculo lento, então nos movi para um lado e para o outro. Sorri abertamente. Os controles eram bem similares e havia uma energia nas respostas que meu Poco simplesmente não tinha.

Agora, como sair da caverna? Inclinei o anel de aclive para trás em sua articulação, o que fez M-Bot ficar com o nariz para cima. Disparei a lança de luz, atingindo uma rachadura no teto. Puxei, usando os propulsores rotacionais, e depois abaixei a energia do anel de aclive. Isso nos deu alguma força, mesmo sem um propulsor principal.

A lança de luz ficou tensa. Poeira e pedaços de pedra caíram do teto. Doomslug imitou o som atrás de mim, assobiando de um jeito enérgico e animado.

Uma parte do teto caiu em uma chuva de pedras e poeira. Soltei a lança de luz, olhando para o buraco. Não havia nenhuma claraboia por perto, então lá em cima havia um tom cinza-escuro uniforme. O céu.

— O seu holograma pode criar uma projeção de um novo teto? — perguntei para M-Bot.

— Sim, mas será menos seguro — ele falou. — Imagens de sonar podem ver através de hologramas. Mas... parece que já faz tanto tempo desde que vi o céu. — Ele parecia melancólico, embora provavelmente fosse alegar que era algum tipo de programação peculiar.

— Vamos lá! — falei. — Em frente. Vamos voar!

— Eu... — M-Bot falou baixinho. — Sim, tudo bem! Vamos lá! Eu quero voar de novo. É só ser cuidadoso e me manter fora da vista.

Eu nos ergui pelo buraco, então acenei para Lad, que estava parado com nossas coisas não muito longe dali.

— Acionando sistemas furtivos — M-Bot disse. — Agora devemos estar invisíveis para os sensores da FDD.

Sorri. Eu estava no céu. Com *minha própria nave*. Empurrei o acelerador.

Continuamos no lugar.

Ah, é. Não tínhamos propulsor.

Acionei os propulsores de manobra, que eram feitos mais para ajustes no posicionamento do que para movimentos de verdade. E começamos a voar. Beeeeeeeeeem devagar.

— Viiivaaa?! — M-Bot falou.

— É meio que uma decepção, não é?

Mesmo assim, dei uma pequena volta para Lad, com os diagnósticos rodando. Quando completei o círculo, ele fez sinal de positivo com os polegares, colocou a mochila no ombro e começou a descer a montanha. Ele tinha que voltar para Ígneo para devolver o equipamento de selagem.

Eu não conseguia me convencer a aterrissar. Depois de todo esse tempo, queria voar um pouco mais com M-Bot. Então, segurei o nivelador de altitude. A esfera de controle podia fazer a nave ir para cima e para baixo, acionando o anel de aclive para os pontos mais sutis de desvio. Mas para uma subida rápida, o nivelador era o melhor jeito.

Eu o puxei na minha direção.

Disparamos para cima, em direção ao céu.

Eu não esperava que funcionasse tão bem. Subimos bem rápido, e senti as forças g me acertando, me forçando para baixo. Eu me encolhi, notando como estávamos indo rápido e soltando um pouco o nivelador. Esse tipo de força g iria...

... me esmagar?

Eu sentia a aceleração, mas nem de perto o que deveria ser. Eu não estava sendo submetida a mais do que três g, embora eu sentisse que devia ser muito mais.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Pode ser mais específica? Tenho mais de cento e setenta sub-rotinas semiautônomas que...

— As forças g — disse, olhando pela janela, observando o chão se retrair a um passo alarmante. — Eu devia estar desmaiando agora.

— Ah, sim. Isso. Meus capacitores gravitacionais são capazes de resistir a sessenta por cento das forças g, com um limite máximo de bem mais do que cem do padrão da Terra. Eu avisei que suas naves tinham sistemas primitivos para lidar com o estresse dos pilotos.

Soltei o nivelador de altitude e a nave parou de acelerar.

— Você gostaria de acionar o gerenciamento rotacional de força g para obter mais ajuda para suportar as forças? — M-Bot perguntou.

— Esse negócio no qual meu assento gira? — perguntei, lembrando o que Lad havia me explicado sobre M-Bot. Os humanos não lidavam bem com forças g em direções erradas: era muito mais difícil para nós aguentar forças para baixo, por exemplo, porque elas empurravam todo o sangue do corpo para os pés. M-Bot podia compensar isso girando o assento, para que eu recebesse as forças para trás, de um jeito mais fácil para meu corpo suportar.

— Não por enquanto — falei. — Deixe primeiro eu me acostumar com o jeito como você voa.

— Muito bem — M-Bot respondeu.

Rapidamente alcançamos cem mil pés, o que era quase o mais alto que voávamos nas naves da FDD em situações normais. Estendi a mão para desacelerar, mas hesitei. Por que não subir um pouco mais? Eu sempre quisera fazer aquilo. Agora não havia ninguém que pudesse me impedir.

Continuamos em frente, subindo até que o indicador de altitude atingisse quinhentos mil pés. Ali, por fim, diminuí a velocidade, admirando a vista. Eu nunca estivera tão alto. Os picos das montanhas abaixo não pareciam nada além de papel amassado. Eu podia até ver a curvatura do planeta – e não apenas um arco de nada. Parecia que, se eu ficasse na ponta dos pés, poderia ver o planeta todo.

Eu ainda estava a meio caminho do cinturão de detritos, que me disseram estar em órbita baixa, começando em cerca de um milhão de pés. O que eu via da superfície era só um padrão vago que agora se mostrava como enormes faixas de metal sobre metal, ligeiramente iluminadas por algumas fontes que eu não conseguia identificar.

Ao olhar para aquilo e perceber que ainda estava a mais de cem quilômetros de distância, a grandeza da escala finalmente começou a me atingir. Aquelas pequenas manchas que pareciam pontos individuais... deviam ser tão grandes quanto aquele pedaço de detrito que caiu durante a batalha da semana passada.

Era tudo tão *enorme*. Fiquei boquiaberta enquanto olhava tudo aquilo, observando as muitas seções, enquanto tudo girava e rodava em órbitas esotéricas. A maioria apenas sombras, movendo-se, rodopiando, camadas sobre camadas.

— Gostaria de chegar mais perto? — M-Bot perguntou.

— Eu não ousaria. Dizem que alguns daqueles lixos podem atirar em mim.

— Bem, obviamente *são* remanescentes de uma rede de defesa semiautônoma — ele concordou. — Com a sombras de plataformas de habitat externas atrás, eu diria... tudo intercalado com estaleiros quebrados e drones de recuperação de matéria.

Observei tudo aquilo se mexendo, movendo-se e tentei imaginar um tempo quando tudo era funcional. Utilizável. *Habitável*. Um mundo sobre o mundo.

— Sim, algumas daquelas plataformas de defesa estão claramente operacionais — M-Bot confirmou. — Até eu teria dificuldade de passar por elas. Observe aqueles asteroides. Estou destacando-os em seu dossel; as formações de entulho na superfície indicam seu antigo propósito. Algumas estratégias para suprimir um planeta incluem rebocar corpos interplanetários até determinadas posições e jogá-los lá embaixo. Isso pode fazer qualquer coisa, desde remover uma cidade específica até um desastre no nível de extinção.

Soltei o ar devagar, horrorizada em imaginar aquilo.

— Ah... não que eu originalmente fosse uma nave de combate, veja bem — M-Bot acrescentou. — Não sei sobre bombardeio orbital por minha própria programação. Suponho que alguém deve ter me contado em algum momento.

— Eu achava que você não mentia.

— Eu não minto! Genuinamente acredito que sou uma nave avançada, bem-armada, com capacidades furtivas porque isso me ajudará a recolher fungos melhores. Isso não é nem um pouco irracional.

— Então, tudo o que os Krell realmente precisariam fazer para dar um jeito em nós — falei — é jogar um desses asteroides lá embaixo?

— É um pouco mais difícil do que parece — M-Bot respondeu. — Os Krell precisariam de uma nave grande o bastante para mover algo de tamanho considerável. Isso provavelmente exigiria uma nave principal, que essas plataformas de defesa seriam capazes de abater com facilidade. Naves pequenas podem passar por algumas frestas, no entanto. O que acho que você já sabe, considerando a frequência com a qual vocês os combatem.

Eu me acomodei em meu assento, apreciando a vista. O mundo extenso lá embaixo, o céu que, de algum modo, parecia menor do que antes. Era só uma faixa estreita ao redor do planeta, encimada pelo cinturão de detritos.

Olhei para cima por um tempo, admirando os movimentos grandiosos do cinturão de detritos, as enormes couraças e plataformas, movendo-se de acordo com

seu projeto antigo e esotérico. Devia haver dezenas de camadas, mas naquele momento – pela segunda vez na minha vida – todas se alinharam. Eu vi o espaço. O verdadeiro infinito, salpicado por algumas estrelas reluzentes.

Eu jurava que podia ouvi-las. Sussurros. Não palavras distintas, mas algo real. A Vozinha estava certa. Se eu me concentrasse, *poderia* ouvir as estrelas. Elas soavam como cornetas de batalha, chamando, atraindo-me na direção delas...

Não seja tola, pensei. *Você não tem um propulsor. Se os Krell a encontrarem, você seria pouco mais do que prática de tiro.*

Relutante, comecei a nos levar para baixo. Provavelmente, era o bastante por um dia.

Descemos devagar, deixando a gravidade fazer a maior parte do trabalho. Infelizmente, fomos empurrados a alguma distância pelo vento, então quando aterrissamos, tive que nos mover – com aqueles minúsculos propulsores de manobra – de volta para o buraco.

Levou tanto tempo que, quando chegamos, eu já estava bocejando. Doomslug imitou o som do meu bocejo, já acomodada em um cobertor atrás do meu assento.

Por fim, descemos na caverna e aterrissamos perto do lugar original de M-Bot.

— Bem, eu diria que foi uma ótima primeira volta — comentei.

— Ah, sim — M-Bot concordou. — Fomos bem alto, não fomos?

— Se eu conseguisse descobrir um jeito de arrumar um propulsor novo para você, faríamos um voo de verdade muito em breve.

— Humm...

— Você poderia tentar lutar contra os Krell, se quisesse — sugeri, testando se podia forçar um pouco mais. — Podíamos fazer isso "escondidos"... É só não contar para ninguém o que somos ou onde estamos! A nave escura fantasma, sem codinome! Voando para ajudar a FDD em um momento de necessidade!

— Eu não acho...

— Imagine, M-Bot! Desviando e mergulhando entre barragens explosivas. Subindo e lutando, provando ser mais forte do que seus inimigos. Uma grande sinfonia de destruição e poder!

— Ou, melhor ainda, sentado na caverna! Sem fazer nada disso!

— Podíamos lutar em modo furtivo... — eu falei.

— Isso ainda é o oposto de se esconder. Sinto muito, Spensa. Não devo lutar. Podemos voar de novo... eu meio que gostei, mas não posso lutar jamais.

— Lutar jamais — Doomslug repetiu.

Desliguei os dispositivos que não eram essenciais da nave e recostei no assento, me sentindo mal. Eu tinha acesso a algo incrível, algo poderoso, algo surpreendente, mas não podia usá-lo? Eu tinha uma arma que não queria que eu a disparasse. O que eu poderia fazer?

Eu não sabia. E o que eu achava mais perturbador era que a minha nave era... bem, uma covarde.

Suspirei e comecei a me preparar para dormir. Minha frustração com M-Bot desapareceu; eu estava animada demais com o fato de realmente poder colocá-lo no ar.

Quando finalmente me acomodei – assento reclinado, cobertor ao redor do corpo, Doomslug foi até uma prateleira dobrável no dossel –, M-Bot falou de novo, baixinho:

— Spensa? Você não se importa, não é? De ficar fora do combate? Tenho que obedecer às minhas ordens.

— Não, você não tem.

— Hum, sou um computador. Isso é basicamente *tudo* o que faço. Eu literalmente não posso contar até zero sem uma ordem.

— Acho difícil acreditar nisso — disse. — Considerando as coisas que você me contou.

— Isso é uma personalidade que foi programada para interagir com humanos.

— Desculpe — falei, bocejando, diminuindo as luzes. — Você pode ter uma mente de máquina, mas ainda é uma pessoa.

— Mas...

— Eu posso ouvir você — disse, bocejando. — Posso ouvir a sua alma. Como as estrelas. — Era um zumbido fraco no fundo da minha mente e eu não tinha notado até então. Mas estava lá.

O que quer que pensasse, M-Bot era mais vivo do que acreditava ser. Eu simplesmente *sentia* isso.

Comecei a cochilar.

Ele falou novamente, com a voz ainda mais baixa:

— As ordens são a única coisa que sei com certeza, Spensa. Meu antigo piloto, meu propósito. Isso é quem eu era.

— Torne-se alguém novo, então.

— Tem ideia de como isso é difícil?

Pensei na minha própria covardia. Na sensação de perda e de inadequação, agora que eu realmente tinha que fazer as coisas que eu sempre me gabara de poder fazer. Puxei o cobertor para mais perto.

— Não seja bobo — eu disse. — Por que eu ia querer ser outra pessoa?

Ele não respondeu. Depois de um tempo, acabei adormecendo.

31

Meu voo com M-Bot, embora breve e quase linear, conseguiu ofuscar as duas semanas seguintes de treino no simulador.

Fiz uma manobra, perseguindo uma nave Krell por uma série de curvas fechadas ao redor de um punhado de detritos, com Arrojada ao meu lado. Mas minha mente começou a vagar. A nave Krell foi embora.

— Ei! — Kimmalyn falou quando reagrupamos. — Vocês viram? Eu não bati!

Ouvi com metade da atenção – ainda distraída – enquanto todos conversavam.

— Eu bati — FM admitiu. — Acertei um pedaço de detrito e caí como uma pilha de fogo.

— Não foi sua culpa! — Kimmalyn exclamou. — Como a Santa sempre diz: "O fracasso verdadeiro é escolher fracassar".

— Além disso, FM — Arturo acrescentou —, você ainda é a que menos vezes bateu no total, se comparada ao restante de nós.

— Não vou manter esse recorde por tanto tempo se continuar assim — FM comentou.

— Você só estava tentando ser subversiva ao bater hoje — Arrojada disse. — Porque ninguém espera isso de você. Isso a torna rebelde.

FM deu uma risadinha.

— Vocês todos podiam fazer o que ninguém espera — Jorgen disse na linha do grupo — e alinharem-se de verdade pelo menos uma vez. Anfi, estou falando de você.

— Certo, certo — Arturo falou, pairando sua nave no lugar. — Embora eu ache que tecnicamente Jorgen bateu menos do que você, FM. Ele também voou a metade das vezes. É difícil fazer bobagem quando você só fica sentado por aí reclamando e dando ordens.

— Como a Santa sempre diz — Kimmalyn acrescentou mais uma vez, com voz solene —, "O fracasso verdadeiro é escolher fracassar".

Jorgen não se defendeu, embora eu acreditasse ter ouvido uma bufada rápida vindo dele. Fiz uma careta. Era verdade que Jorgen tendia a ficar para trás e nos observar fazer os exercícios, oferecendo instruções em vez de voar. Mas talvez os demais agissem de maneira diferente se soubessem que ele ficava até tarde da noite praticando sozinho.

De repente, eu me senti envergonhada. O codinome de Jorgen e o jeito como os demais o tratavam eram parcialmente culpa minha. Ele não merecia tudo aquilo. Quero dizer, ele podia ser insuportável, mas estava tentando dar o melhor de si.

Quando Cobb nos mandou para outra rodada de combate aéreo, as palavras de Lad vieram do fundo da minha mente.

E quanto a mim? Sou um covarde, Spensa?

Eu tinha certeza de que ele não era. Mas eu vivera toda a minha infância baseando-me em uma regra simples, reforçada pelas histórias da Vozinha. Pessoas boas eram corajosas. Pessoas más eram covardes. Eu sabia que meu pai tinha sido uma boa pessoa, então era óbvio que ele não podia ter fugido. Fim da história. Ponto-final.

Estava ficando cada vez mais difícil manter essa visão tão preto no branco. Eu havia prometido para Arrojada que não seria uma covarde. Mas será que algum covarde pretendia dar meia-volta e sair correndo? Eu nunca tinha pensado em abandonar uma batalha, mas ainda estava surpresa com as emoções reais de ser uma piloto. Pelo tanto que doera perder Bim e Alvorecer, pelo quão sobrecarregada eu me sentia de vez em quando.

Era possível que algo similar, por um breve instante, tivesse feito meu pai recuar? E se ele fizera isso, eu *realmente* podia prometer que algum dia não faria o mesmo?

Desviei de um pedaço de detrito, mas quase acertei a asa de Arrojada.

— Vamos lá, Spin — ela disse. — Entre no jogo. Olho na bola.

— Bola?

— Desculpe. Metáfora da Liga.

— Eu não fui a muitos jogos. — Trabalhadores conseguiam entradas como recompensas de méritos exemplares. Mas era bom conversar sobre alguma coisa, para tirar meus pensamentos das preocupações. — Eu mal sei o que você fazia. Algo relacionado a *hoverbikes*? Você voava?

— Não exatamente — Arrojada falou enquanto desviávamos para trás e para frente, com uma nave Krell vindo atrás de nós, como mandava o exercício. — A Liga de Digball recebe anéis de aclive que são pequenos demais para nossas naves. Nossas bicicletas conseguem alcançar três D em pequenas arrancadas, mas cada bicicleta tem uma quantidade fixa de tempo no ar. Parte da estratégia é saber quando usá-la.

Ela parecia saudosa.

— Você sente falta de jogar? — perguntei.

— Um pouco. Sinto falta principalmente da minha equipe. Mas isso é muito melhor. — Um clarão de fogo do incinerador se espalhou ao nosso redor. — Mais perigoso. Mais emocionante.

Fizemos um desvio-onda, no qual seguimos em direções opostas sob fogo pesado do incinerador. Arrojada permaneceu no alvo enquanto eu realizei uma curva para trás e ofereci disparos de apoio, perseguindo o inimigo.

Eu o peguei na volta seguinte, voando atrás de Arrojada. Nosso alvo voava muito baixo, menos de cem pés do chão. Descemos mais, espalhando nuvens de poeira cinza-azulada atrás de nós, e passamos por um pedaço antigo de detrito. Há muito tempo o anel de aclive havia sido recuperado e, agora, a carcaça estava exposta como o esqueleto em um túmulo profanado.

— Então — Arrojada falou enquanto voávamos pelos vales, ainda atrás do nosso alvo —, e quanto a você? Você nunca fala sobre o que costumava fazer antes da FDD.

— Não era para mantermos a cabeça no jogo?

— É. Só que estou curiosa.

— Eu... eu era uma caçadora de ratos.

— Tipo aquelas que trabalham para as fábricas de proteína?

— Não. Eu atuava solo. Os batedores das fábricas das cavernas inferiores caçam muito bem, então eu construí meu lançador de arpão e explorava cavernas mais distantes, caçando por conta própria. Minha mãe vendia a carne por notas de requisição para os trabalhadores a caminho de casa.

— Uau. Você é fodona.

— Você acha?

— Claro.

Sorri, sentindo-me satisfeita com aquilo.

O Krell se virou e acelerou para cima.

— Vou atrás dele — falei, e acionei a aceleração máxima. Saí correndo em ângulo, com a linha de força g chegando ao topo.

Essa noite, pensei, como se falasse para o Krell, *suas cinzas vão se misturar à poeira do planeta, e seus gritos de dor ecoarão com o vento!* Interceptei a nave, aproximando-me o bastante para acionar meu PIM e destruir o escudo dele.

Arrojada passou voando por mim, e o disparo do incinerador soou sobre a sirene que avisava que meu escudo estava desarmado. A nave Krell explodiu em detritos derretidos.

Arrojada soltou um grito de alegria, mas eu corei, lembrando do que pensara antes. Cinzas misturadas com poeira e gritos ao vento? Esse tipo de coisa, que antes me excitava tanto agora parecia... menos as palavras de uma heroína e mais as palavras de alguém que tentava soar heroica. Meu pai nunca falava assim.

Quando reiniciei meu escudo, uma luz no painel de comunicação se acendeu, anunciando que Cobb estava na escuta.

— Bom trabalho — ele disse. — Vocês duas estão começando a formar uma boa equipe.

— Obrigada, Cobb — agradeci.

— Seria melhor se Spin pudesse passar o tempo com o restante de nós — Arrojada acrescentou. — Você sabe... em vez de dormir na caverna.

— Me avise quando você resolver levar isso até a almirante — Cobb comentou. — Quero ter certeza de estar fora do prédio, para não precisar ouvi-la gritando com você. Cobb, câmbio, desligo.

A luz se apagou e Arrojada pairou sua nave ao lado da minha.

— O jeito como ela trata você é estúpido, Spin. Você é fodona. Como aquelas coisas que você sempre diz.

— Obrigada — respondi. Eu podia sentir meu rosto queimando. — Mas agora essas coisas fazem com que eu me sinta constrangida.

— Não deixe que atinjam você, Spin. Seja quem você é.

E quem eu sou? Olhei para cima, perguntando-me se a simulação já havia criado buracos entre os detritos – se já tinha deixado alguém olhar para o céu mais alto.

Fizemos mais alguns exercícios antes que Jorgen nos chamasse de volta para a formação inicial. Pairamos no lugar, e eu verifiquei o relógio no painel. Só 1600? Ainda tínhamos várias horas de treino pela frente. Será que Cobb pararia mais cedo para nos mandar por mais algum tempo para a centrífuga, como no dia anterior?

— Tudo bem — Cobb anunciou pelo rádio. — Vocês estão prontos para a próxima lição.

— Vamos usar os incineradores? — Kimmalyn perguntou.

Eu me inclinei para a frente em meu assento para olhar para o cockpit dela. Já estávamos lutando com incineradores há semanas.

— Desculpe — ela disse. — Me deixei levar pela empolgação.

Um bombardeiro Krell se materializou diante de nós. Era uma construção mais robusta do que a média das naves Krell. Tinha o mesmo formato, mas no centro, entre as asas, carregava uma imensa destruidora de vida. A bomba era ainda maior do que a nave. Estremeci, lembrando da última vez que vira uma dessas – quando Bim e eu saímos em perseguição a ela.

A cena se materializou ainda mais: uma confusão de naves lutando, algumas Krell, algumas da FDD.

— Nossos canhões antiaéreos têm um alcance de cento e vinte quilômetros de Alta — Cobb explicou. — Os canhões precisam ser grandes o bastante para abater naves Krell com os escudos ativos... para não dizer grandes o bastante para quebrar detritos enormes e permitir que queimem enquanto caem. Mas ser tão grande limita o arco funcional. Eles são realmente eficientes para atingir objetos distantes, mas

não podem acertar coisas que estejam próximas. Se os Krell descem o suficiente, cerca de seiscentos pés do chão, eles podem passar por baixo dos grandes canhões. Os postos de artilharia menores, como aqueles nos quais Flácida treinava antes, não têm poder de passar pelos escudos dos Krell. Sem caças ativando o PIM perto do inimigo, os postos de artilharia menores têm dificuldade.

A simulação destacou uma nave específica entre aquelas que lutavam ao longe. Outro bombardeiro.

— Os Krell nos distraem com combates aéreos e detritos caindo, então com frequência tentam passar um bombardeiro com uma destruidora de vida despercebido. — Cobb prosseguiu. — Vocês precisam estar constantemente atentos, observando, e reportar ao avistar uma destruidora de vida. E, devo avisá-los, eles já usaram armadilhas antes.

— Nós reportamos — Arrojada disse — e depois atiramos nela, certo? Ou, talvez melhor, atiramos primeiro e depois reportamos?

— Faça isso e pode ser desastroso — Cobb advertiu. — Em geral as destruidoras de vida são preparadas para explodir se forem danificadas. Abata uma nave com uma delas no momento errado e você terá dezenas de pilotos, companheiros seus, mortos.

— Ah! — Arrojada exclamou.

— Só a almirante ou um representante da equipe de comando pode autorizar abater uma destruidora de vida — Cobb continuou. — Em geral, conseguimos afastar o bombardeiro só ameaçando. As destruidoras de vida são preciosas e, até onde podemos supor, difíceis de produzir. Se isso não funcionar, a almirante enviará uma equipe especial de ataque para abater o bombardeiro. Sejam extremamente cuidadosos. Ígneo está longe o bastante da superfície para que só um ataque direto cause uma explosão profunda o suficiente para causar danos, mas acionar por acaso uma destruidora de vida perto demais, mesmo a quarenta ou cinquenta quilômetros de distância, pode acabar com Alta na onda de corrosão que a bomba libera. Então, se virem um bombardeiro, avisem imediatamente e deixem que alguém com experiência, dados e autoridades decidam o que fazer. Entenderam?

Resmungos dispersos de “entendido” se seguiram. Então, Jorgen fez todos nós respondermos um de cada vez, dando concordância verbal. Talvez nós o tratássemos de forma um pouco dura demais, mas caramba... ele conseguia ser irritante.

— Ótimo — Cobb falou. — Líder de voo, leve seu pessoal pelo campo de batalha. Teremos vários cenários nos quais praticaremos como localizar, reportar e, sim, abater destruidoras de vida. Adivinhem quantas vezes vocês vão se explodir?

Acontece que nós nos explodimos *muitas vezes*.

Os treinos com destruidoras de vida estavam entre os mais difíceis que já fizéramos. Nos nossos primeiros dias de voo, aprendemos a fazer o que era chamado de sondagem de piloto. Uma avaliação rápida de todas as coisas que precisávamos ter em mente durante o voo: indicadores de propulsão, instrumentos de navegação, altitude, canais de comunicação, companheiros de voo, companheiros de esquadrilha, terreno... e mais uma dúzia de coisas.

Ir para a batalha acrescentava uma série de outras coisas que deveríamos observar. Ordens do líder de voo ou de Alta, táticas, inimigos. A consciência situacional de um piloto era uma das partes mais desgastantes do trabalho.

Fazer tudo isso e ao mesmo tempo procurar constantemente um bombardeiro... bem, era difícil. Extremamente difícil.

Algumas vezes, Cobb nos fazia passar uma hora inteira em simulações de batalha e não mandava nenhum bombardeiro. De vez em quando, mandava sete – seis armadilhas e um de verdade.

Os bombardeiros eram notadamente lentos – iam no máximo a Mag-2 –, mas carregavam uma carga mortal. Quando uma bomba era lançada, ela atingia com três ondas. A primeira explosão pretendia estourar para baixo, penetrar na rocha, desmoronando ou rasgando cavernas abertas. Depois, vinha a segunda explosão – ela tinha uma cor estranha verde-escuro. Essa corrosão alienígena podia exterminar a vida, causando uma reação em cadeia na matéria orgânica. A terceira explosão era uma onda de choque, feita para expulsar essa terrível luz verde para fora.

Passamos por simulação após simulação. Uma vez e mais outra, um de nós explodiu a bomba cedo demais, sem avisar para os demais se afastarem em aceleração máxima – o que vaporizou toda nossa esquadrilha. Várias vezes, julgamos mal o quão perto estávamos de Alta – então quando destruímos o bombardeiro e detonamos a bomba, Cobb nos deu o relato sombrio:

— Vocês acabaram de matar toda a população de Alta. Parabéns.

Depois de um exercício particularmente frustrante, nós seis nos reunimos e assistimos à luz verde doentia se espalhar.

— Estou... — Cobb começou a dizer.

— Você está morto — FM falou. — Conseguimos, Cobb. O que supostamente deveríamos fazer? Se a bomba chegar perto demais da cidade, temos alguma outra escolha?

— Não — Cobb respondeu baixinho. — Não têm.

— Mas...

— Trata-se de destruir Alta, mas salvar Ígneo — Cobb explicou. — Ígneo é mais importante. Há um motivo pelo qual mantemos um terço das nossas naves, pilotos e equipe de comando nas cavernas profundas. A FDD pode sobreviver, talvez, se Alta for destruída. Mas sem o maquinário para fazer novas naves, estamos acabados. Então, se a almirante ordenar, vocês atiram naquela bomba e a fazem detonar, mesmo que isso signifique destruir Alta.

Vimos a luz verde se espalhar por um raio ainda mais largo de destruição. Por fim, ela desapareceu.

Cobb nos fez voar nos exercícios até que fiquei atordoada de exaustão, fazendo com que meu tempo de reação fosse cada vez mais lento. Então, ele nos mandou fazer tudo de novo. Ele queria gravar profundamente em nós para sempre procurarmos bombardeiros, não importava o quão cansados estivéssemos.

Durante a última corrida, odiei Cobb como jamais odiara alguém antes. Até mais do que a almirante.

Também fracassamos em deter a bomba desta vez. Reiniciei minha posição, alinhando-me para começar a próxima corrida. Contudo, meu dossel desapareceu. Pestanejei, surpresa por estar de volta ao mundo real. Os outros começaram a tirar os capacetes e a se levantar para alongar o corpo. O quê... que horas eram?

— Acho que reconheci a última batalha, Cobb — Arturo comentou, levantando-se. — Era a Batalha de Trajerto?

— Com modificações — Cobb confirmou.

Trajerto, pensei. Tinha acontecido cinco anos antes; havíamos chegado muito perto de perder Alta. Uma esquadrilha Krell tinha escapado e destruído os canhões antiaéreos menores. Felizmente, duas naves batedoras da FDD derrubaram a destruidora de vida antes que chegasse perto o suficiente de Alta.

— Está usando batalhas históricas nas nossas simulações? — perguntei, tentando sair do estupor.

— Claro que sim — Cobb respondeu. — Acha que tenho tempo de inventar essas simulações?

Algo naquela informação me chamou a atenção, mas eu estava cansada demais para pensar no assunto. Desci do cockpit de treino, joguei o capacete no assento e me estiquei. Caramba, eu estava faminta, mas não tinha levado o jantar – o próximo lote de carne seca estava curando na caverna.

Eu tinha uma caminhada longa, cansativa e faminta diante de mim. Peguei a mochila, colocando-a no ombro, e saí.

Arrojada me alcançou no corredor e então fez um sinal com a cabeça na direção dos dormitórios ali perto. Eu podia ler a sua expressão. Elas fingiriam estar cansadas, levariam o jantar para os quartos...

Neguei com a cabeça. Não valia a pena irritar a almirante.

Arrojada ergueu o punho para mim.

— Fodona — ela sussurrou.

Encontrei energia para um sorriso, levantando meu punho também, e nos separamos.

Eu me arrastei em direção à saída. As outras salas de aula estavam escuras, exceto uma, onde uma instrutora estava falando para outra esquadrilha de cadetes.

— Os melhores pilotos conseguem estabilizar uma nave em queda descontrolada — a voz da mulher disse, ecoando no corredor. — Sua primeira reação pode ser ejetar, mas se quiser ser um herói de verdade, fará o que for possível para salvar seu anel de aclive. Um Desafiador protege o povo, não a si mesmo.

Era basicamente o oposto do que Cobb nos ensinara.

A caminho do pomar, do lado de fora da base, notei meu rádio piscando. M-Bot queria falar comigo. Eu o persuadira, com esforço, a parar de invadir minha linha quando eu estava treinando. Parecia provável demais que alguém acabasse nos escutando.

— Ei — falei para ele pelo rádio. — Entediado?

— Não posso ficar entediado — ele fez uma pausa. — Mas vou contar para você que posso pensar mil vezes a velocidade de um cérebro humano... então doze horas para você é, por medida relativa, muito tempo para mim. Um tempo *realmente* longo.

Sorri.

— Reeeeeeeeeealmente longo — ele acrescentou.

— O que achou do treinamento de hoje?

— Fiz algumas anotações cuidadosas para revisão posterior — ele falou.

Na maioria das noites, eu analisava com M-Bot o que tinha feito de errado. Seus programas ofereciam análises excelentes dos meus voos. Embora ele fizesse alguns comentários nada elogiosos de vez em quando, os estudos noturnos tinham se provado eficazes para me ajudar a ajustar meu voo – e eu sentia que estava me saindo melhor do que nunca.

Não tínhamos levantado voo de novo. Lad havia tirado as cápsulas de gravidade e os escudos da nave para desmontar e documentá-los. Era uma tarefa além da minha capacidade de ajudá-lo, mas eu não me importava. Eu realizava as partes práticas para me manter ocupada.

— Vocês realmente precisam de ajuda com os bombardeiros — M-Bot comentou. — Vocês morreram ou destruíram a cidade dezessete vezes hoje e tiveram sucesso completo em apenas duas.

— Obrigada pelo lembrete.

— Tento ser útil. Percebo que a memória humana é falha e inconsistente.

Suspirei e caminhei para fora do pomar, começando a parte mais entediante da ida para casa.

— As batalhas foram interessantes — M-Bot disse. — Eu... fiquei muito feliz que você tenha sobrevivido a algumas delas.

Um passo após o outro. Quem teria pensado que ficar sentado em uma caixa, movendo apenas as mãos, poderia ser tão cansativo? Meu cérebro parecia ter sido arrancado, espancado até a morte por um bárbaro e depois enfiado de volta de cabeça para baixo.

— Você é muito atraente e inteligente — M-Bot prosseguiu. — Spensa? Minha sub-rotina de apoio moral está funcionando? Hum, você é uma bela bípede. É muito eficiente em converter oxigênio em dióxido de carbono, um gás essencial para a vida das plantas...

— Só estou cansada, M-Bot. Passei por muita coisa hoje.

— Dezenove batalhas! Embora quatro delas tenham sido a mesma batalha virada em um eixo diferente e apresentada com algumas sementes de movimentos diferentes para os inimigos.

— Sim, são batalhas históricas — falei. — Como Cobb disse...

Parei onde estava.

— Spensa? — ele perguntou. — Não ouço mais pegadas. Você parou temporariamente de ser bípede?

— Batalhas históricas — repeti, percebendo algo que devia ter deduzido há muito tempo. — Eles têm gravações de batalhas passadas?

— Eles rastreiam todas as naves — M-Bot garantiu. — E têm scanners de gravação dos movimentos dos inimigos. Suspeito que recriaram esses modelos tridimensionais para treinamento e análise.

— Você supõe que eles têm gravações assim da Batalha de Alta? A luta na qual...

Na qual meu pai desertara.

— Tenho certeza de que devem ter em algum lugar — M-Bot confirmou. — É a batalha mais importante da história do seu povo! A fundação da... Ah! Seu pai!

— Você pode pensar mil vezes mais rápido do que o cérebro humano — comentei —, mas levou todo esse tempo para juntar as peças de um simples fato?

— Meu computador não se concentra tanto em conversas. Se eu concentro todos os meus esforços, para mim você levaria vários minutos em tempo relativo para falar uma única sílaba.

Suponho que aquilo fazia sentido.

— A gravação da batalha do meu pai. Você consegue... recuperá-la? Mostrá-la para mim?

— Eu só consigo interceptar o que estão transmitindo ativamente — ele explicou. — Parece que a FDD tenta minimizar as comunicações sem fio para não atrair a atenção dos olhos.

— Do quê? — perguntei.

— Dos olhos. Eu... não tenho ideia do que é isso. Há um buraco nos meus bancos de memória. Hum. — A nave parecia genuinamente confusa. — Lembro dessa frase: "Use cabos físicos para transferência de dados, evite transmissão e coloque blindagem ao redor de processadores mais rápidos. Fazer diferente arrisca chamar a atenção dos olhos". Mas é isso. Curioso...

— Então talvez nossas comunicações não sejam tão primitivas quanto você sempre disse. Talvez só estejam sendo cuidadosos. — Comecei a caminhar de novo. Minha mochila parecia muito pesada, como se estivesse cheia de sucata.

— De qualquer forma — M-Bot prosseguiu —, imagino que haja um arquivo em algum canto da base. Se eles têm uma gravação da Batalha de Alta, esse deve ser o primeiro lugar a ser verificado.

Assenti. Não sabia se me sentia animada ou ainda mais deprimida ao entender que, teoricamente, eu poderia assistir à última batalha do meu pai. Ver por mim mesma se ele realmente tinha desertado e ter... o quê? Provas?

Continuei me arrastando, tentando decidir se estava faminta o bastante para comer quando chegasse à caverna ou se simplesmente desabaria. Quando me aproximei da caverna, vi a luz piscar no rádio de novo.

Levei o dispositivo à altura da cabeça.

— Estou quase chegando, M-Bot. Você pode...

— ... chamado geral às armas — um operador disse. — A almirante convocou *todos* os pilotos, incluindo cadetes, para a base, para possíveis desdobramentos. Repito: uma invasão com setenta e cinco naves Krell violou o campo de detritos em 104.2-803-64000. Todos os pilotos ativos estão instruídos a se reunirem para um chamado geral às armas. A almirante convocou *todos* os pilotos...

Fiquei paralisada. Quase tinha esquecido o motivo original pelo qual Cobb me dera o rádio. Mas hoje? Entre todos os dias?

Eu mal conseguia andar.

Setenta e cinco naves? Três quartos da capacidade máxima de esquadrilhas dos Krell? Caramba.

Dei meia-volta, olhando para o longo caminho até Alta. Então, ainda letárgica, me obriguei a correr.

32

Cheguei ao complexo da FDD suja, suada e sem fôlego. Felizmente, minhas caminhadas diárias indo e vindo da caverna foram boas substitutas para o treinamento físico, por isso eu estava razoavelmente em forma. Os guardas do portão acenaram para que eu entrasse, e me obriguei a correr novamente. Parei no vestiário perto da plataforma de lançamento e coloquei meu traje de voo.

Saí em disparada pela porta, correndo para minha nave. Meu Poco estava lá sozinho. Há muito a nave de Nedd fora designada para outra esquadrilha e todos os outros já estavam no ar. O som fraco da artilharia antiaérea pipocando a distância e as faixas ardentes de detritos caindo indicavam que o campo de batalha estava perigosamente perto do perímetro defensivo de Alta.

De repente minha fadiga foi sobrepujada por um pico de preocupação. Uma piloto estava subindo no cockpit da minha nave.

— Espere! — gritei. — O que está fazendo? Essa nave é a minha!

O piloto hesitou, olhando para a equipe de solo que havia preparado a nave. Um deles assentiu.

O piloto desceu lentamente da escada.

— Você está atrasada — Dorgo, um homem da equipe de solo, disse. — A almirante ordenou que todas as naves desocupadas fossem dadas aos reservas.

Meu coração martelava dentro do peito enquanto a mulher, relutante, descia e tirava o capacete. Tinha pouco mais de vinte anos e uma cicatriz proeminente na testa. Ela me fez sinal de positivo com o polegar, mas não disse mais nada enquanto seguia em direção aos alojamentos da tripulação.

— Quem é essa? — perguntei baixinho.

— Codinome: Vigor — Dorgo respondeu. — Ex-cadete que foi abatida um pouco antes de se formar. Era boa o bastante para que a almirante a admitisse na lista de reserva.

— Ela ejetou? — questionei.

Dorgo assentiu.

Subi a escada e peguei meu capacete de Dorgo, que subiu atrás de mim.

— Dirija-se para 110-75-1800 — ele falou, apontando na direção do campo de batalha. — A menos que alguém lhe diga outra coisa. É onde disseram para a sua esquadrilha manter posição. Avisarei ao Comando de Voo que você partiu.

— Obrigada — disse, colocando o capacete e prendendo o cinto de segurança.

Ele me fez sinal de positivo com o polegar, desceu e tirou a escada. Outro membro da equipe de solo acenou com uma bandeira azul assim que todos estavam afastados, em segurança.

Acionei o anel de aclive e ergui minha nave. Mil e oitocentos era uma altura baixa para a batalha – em geral treinávamos ao redor de trinta mil. Senti como se estivesse raspando no chão enquanto seguia na direção indicada.

— Celeste Dez — falei, apertando o botão para chamar Jorgen — reportando. Codinome: Spin.

— Você conseguiu? — Jorgen respondeu. — Nos disseram que iam mandar uma reservista.

— Foi uma convocação em cima da hora — comentei. — Mas eu os convenci de que era a única capaz de amolar você o suficiente. Estão lutando?

— Não — ele respondeu. — A almirante nos mandou manter posição perto de um dos canhões antiaéreos. 110-75-1800. Spin, é bom ter você conosco, com a amolação e tudo o mais.

Levei quase dez minutos para alcançar a posição, onde vi os outros cinco membros da minha esquadrilha pairando entre duas grandes colinas. Desacelerei com uma aceleração reversa e entrei em posição como companheira de voo de Arrojada. Atrás de nós, um imenso canhão antiaéreo, maior do que o edifício da escola de voo, esquadrinhava o ar em busca dos Krell se aproximando. Uma série de armas menores brotava da base, prontas para disparar em naves que estivesse voando baixo.

Uma rodada de saudações dos demais me acolheu. Eu mal conseguia distinguir alguns clarões no céu para marcar o campo de batalha. O canhão antiaéreo, no entanto, lançou um disparo ribombante atrás de nós, sacudindo meu Poco. Bem acima da minha cabeça, um pedaço maior de detrito explodiu em uma chuva de faíscas e poeira.

— Então — Arrojada falou em meu ouvido —, quantas mortes vai conseguir hoje, Spin?

— Bem... o recorde em uma única batalha é do codinome Dodger. Doze mortes diretas, nove assistências. Imagino que seria arrogante tentar bater isso. Então vou tentar igualá-lo.

Eu esperava uma risada em resposta, mas Arrojada pareceu séria quando disse:

— Doze, nove? Não parece tanto.

— Considerando que a maioria das forças de ataque dos Krell tem em torno de trinta naves?

— Hoje temos setenta e cinco — Arrojada destacou. — É fácil escolher, se a FDD realmente nos deixar lutar. — Ela avançou um pouco sua nave com os

propulsores de manobra e eu a segui.

— Onde vocês duas pensam que vão? — Jorgen perguntou.

— Só estamos tentando conseguir uma visão melhor do campo de batalha — respondi.

— Sim, deixem disso. Voltem à formação. Nossas ordens são para manter posição.

Obedecemos, mas eu estava me coçando para entrar na batalha. Sentar e esperar ali fazia com que o cansaço distraísse a minha atenção.

— Vamos chamar Cobb — sugeri. — Ver se podemos mandar um par de caças para explorar a área.

— Tenho certeza que a FDD tem batedores atuando em campo — Jorgen disse. — Mantenha posição, Spin.

— Ei, Arturo — FM falou na linha. — A que distância você acha que está a batalha principal?

— Você está me perguntando? — ele questionou.

— Você é o esperto.

Houve silêncio na linha por um instante.

— E aí? — FM perguntou.

— Ah! — Arturo exclamou. — Desculpe. Eu estava apenas... bem, esperando que Nedd fizesse uma piada. Acho que ainda é meu instinto. Eu posso calcular a distância exata para você. — Uma luz piscou no nosso console de comunicação. — Ei, Cobb. A que distância está a luta?

— Cerca de cinquenta quilômetros — Cobb respondeu. — Fiquem atentos, cadetes. A Esquadrilha Vitória está quase fora das cavernas e eles vão liberar vocês assim que chegarem. — A luz apagou.

— Grande cálculo, Anfi — FM falou pra Arturo.

— Considero uma marca da verdadeira inteligência perceber quando outra pessoa já fez o trabalho por você — ele comentou. — Isso seria um bom ditado, certo, Flácida? Vai usar de vez em quando?

— Hum... que as estrelas os abençoem.

— Isso não é justo — Arrojada reclamou. — Devíamos estar lutando. Quase não somos mais cadetes e estou cansada de simulações. Certo, Spin?

Bem ao longe, clarões de luz marcavam onde homens e mulheres estavam morrendo. Amigos perdidos, como os que eu perdera.

Eu odiava essa preocupação rastejante, insidiosa que de algum modo se infiltrara em meu coração. Essa hesitação, esse medo. Estava mais forte hoje, provavelmente porque eu estava cansada. Talvez se eu pudesse entrar na luta, poderia me provar... provar para mim mesma.

— Sim, Arrojada está certa — respondi. — Devíamos estar matando Krell, não matando tempo.

— Fazemos o que nos foi ordenado — Jorgen disse. — E não discutimos com nossos comandantes. Acho notável afirmarem que quase já não são mais cadetes, quando têm dificuldade em entender algo tão fundamental quanto estrutura de comando.

Mordi o lábio e senti meu rosto ficar quente de vergonha. Ele estava certo. Babaca estúpido.

Eu me obriguei a aguardar nossos substitutos. Era uma das esquadrilhas reserva, que ficava acomodada – caças estelares e tudo o mais – nas cavernas profundas. Era um equilíbrio cuidadoso; não podíamos arriscar que uma explosão aniquilasse toda a FDD destruindo Alta. Mas qualquer nave com a qual não tivéssemos contato imediato levava um tempo para ser retirada pelos elevadores de veículos.

Depois de um tempo, a linha de Cobb se acendeu. Sufoquei um suspiro. Verdade seja dita, não estávamos em forma para lutar hoje – não depois do longo tempo de treinamento. Eu me preparei para dar meia-volta e ir embora.

— Esquadrão Krell — Cobb disse. — Oito naves.

O quê?

— Dirigindo-se para 125-111-1000 — Cobb continuou. — Um dos nossos pares de batedores os localizou esgueirando-se em baixa altitude. Líder de voo, seus reservas ainda estão de cinco a dez quilômetros de distância. Vocês terão que lutar.

Lutar.

— Entendido, Comando de Voo — Jorgen respondeu.

— São interceptadores-padrão Krell. É o máximo que os batedores puderam ver — Cobb informou. — As ordens da almirante são para que se aproximem, confirmem visualmente que não há um bombardeiro entre eles. Então, destruam ou afastem qualquer caça. Os canhões antiaéreos ficarão em stand-by; atirar em combate é uma boa maneira de matar nossos próprios pilotos. Mas se conseguirem atingir qualquer caça que escape de vocês com o PIM, as pequenas armas antiaéreas podem cuidar dele. E se puderem atrair qualquer inimigo suficientemente para o alto, a arma maior pode conseguir atingi-lo — Cobb fez uma pausa. — Estou ligando suas naves no comunicador geral da batalha. Boa sorte, cadetes. Ouçam o líder de voo; lembrem-se do treinamento. Isso é de verdade.

A luz se apagou.

— Finalmente! — Arrojada comemorou.

— Quero uma formação ampla de varredura — Jorgen disse. — Ouviram a direção. 125-111-1000. Isso vai ser bem perto do chão. Observem a sua elevação relativa. Vamos lá!

Entramos em formação ampla, segundo os pares de companheiros de voo. Arrojada e eu, Jorgen e Arturo, FM e Kimmalyn. Aceleramos pelo espaço entre os dois picos, dando a volta para leste, seguindo a direção indicada. Conseguimos visualizá-los quase imediatamente – oito naves Krell voando em forma de U.

— Estamos com você, líder de voo — uma voz de mulher falou no canal geral. — Classe Val. Ranger Sete, codinome: Capa.

— Ranger Oito, codinome: Sublinhado — uma voz masculina acrescentou.

Classe Val. Deviam ser as duas naves batedoras; eu ainda não conseguia vê-los, mas eles se juntaram à luta conosco.

Minha fadiga sumiu diante daquela excitação. Estava acontecendo. Uma batalha de verdade. Não uma luta acidental, mas ordens de verdade para derrubar um esquadrão inimigo.

— Obrigado pela ajuda, batedores — Jorgen disse, agradecendo. — Recebemos ordens para conseguir confirmação visual sobre a existência de um bombardeiro entre esses caras. Dupla Ranger, quero que coordenem isso com o Comando de Voo. Meus Pocos vão fazer uma formação de dispersão e tentar separar o inimigo em indivíduos. Concentre sua atenção em garantir que identifiquemos cada nave.

— Confirmado — Capa falou.

— Tudo bem, equipe — Jorgen prosseguiu. — Acelerem até Mag-3, e assim que os encararmos, reduzam para velocidade de combate aéreo. Todos livres, escolham o que puderem, e observem seu companheiro de voo — ele suspirou. — Que as estrelas protejam vocês.

— E você, líder de voo — Arturo respondeu.

Os dois pareciam preocupados. Minha determinação vacilou. O que eu odiava. Eu *não* me tornaria uma covarde.

— Vão! — Jorgen comandou.

— Eba! — Arrojada gritou e acionou a aceleração máxima.

Eu a segui, rasgando pelo céu em uma aceleração súbita em direção ao inimigo. Exatamente como nas simulações, os Krell se espalharam quando foram enfrentados diretamente. Eles não se preocupavam em cobrir os companheiros de voo; contavam com suas naves superiores para compensar a nossa coordenação superior.

Colei na traseira esquerda de Arrojada. Saímos da aceleração máxima quando alcançamos alta velocidade e viramos à direita, escolhendo uma nave Krell específica como alvo. Seguimos por uma queda de detritos, mas eram basicamente pedaços menores queimando sobre nossas cabeças. Um pedaço ocasional de tamanho médio caía ao nosso lado deixando um rastro de fumaça, mas nenhum deles era grande o bastante para manobras com lanças de luz.

Reduzimos para a velocidade de combate aéreo e começamos a seguir nosso alvo. Eu fiquei longe o bastante para me manter fora do alcance se Arrojada acionasse seu PIM. Os dois caças classe Val – projetados para varrer naves furtivas e rápidas – passaram sobre nossas cabeças. Eles não tinham muito em termos de poder de fogo.

— Capa — falei, apertando um botão. — Aqui é Celeste Dez, codinome: Spin. A nave que estou perseguindo é um interceptador Krell padrão.

— Confirmado — Capa respondeu. Eu não ouvi o restante da conversa; os outros deviam estar reportando individualmente. Por sorte, os dois batedores podiam rastrear o suficiente para identificar cada nave.

Arrojada e eu passamos perto do solo, desviando para a direita, depois para a esquerda quando alcançamos uma grande cratera. Arrojada acionou a aceleração máxima para tentar se aproximar o suficiente e ativar o PIM, mas ultrapassou o alvo quando o Krell virou para cima.

Eu continuei atrás dele, e Arrojada xingou baixinho, seguindo atrás de mim.

— Não temos ninguém nos seguindo, Spin. Vamos acabar com isso antes que essa coisa consiga ajuda.

— Confirmado — Mantive a minha atenção no inimigo. Sim... foco único.

Os sensores do meu capacete – que ultimamente eu costumava ignorar – ficaram quentes. Eu sentia como se pudesse antecipar as curvas do Krell quando ele desviou da cratera e seguiu à direita.

Concentração. Nada mais importava. Nenhuma preocupação. Nenhum medo. Só eu, minha nave e o alvo.

Mais perto.

Mais perto.

Quase.

— Pessoal! Socorro!

Kimmalyn.

Xinguei, perdendo a concentração. Ali estava ela, sendo seguida por três naves inimigas. Caramba! FM fez uma curva para trás, tentando entrar em posição para dar apoio.

Parei a perseguição e Arrojada me seguiu enquanto corríamos na direção de Kimmalyn.

— Fogo de cobertura — eu disse, e nós duas acionamos os incineradores, espalhando fogo o bastante para que os três perseguidores fizessem manobras defensivas e Kimmalyn pudesse escapar.

— Obrigada — FM falou, ficando ao lado de Kimmalyn. Aproveitei para ver Arturo e Jorgen em um combate aéreo com três Krell. Com tanta agitação próxima, eles não ousariam usar um PIM e ficarem expostos.

— Precisamos pegar alguns desgarrados — falei para Arrojada. — E virar as probabilidades ao nosso favor.

— Certo — ela disse. — Às três horas. Parece bom?

— Vamos nessa — respondi, seguindo-a quando ela acelerou em direção a outro Krell. Aparentava ser idêntico ao que estávamos perseguindo: o mesmo formato, com os cabos soltos na traseira. Não parecia que nenhum deles fosse um bombardeiro.

Passei pelo rádio o que vi, e então perseguimos uma nave para longe da batalha principal. Quando ela tentou cortar para a esquerda, para fazer uma curva para retornar, eu consegui acelerar ao máximo e impedi-la. Isolada, ela tentou simplesmente nos ultrapassar em linha reta, acelerando para Mag-3 e depois para Mag-4.

— Vou atrás! — Arrojada falou. Seu propulsor se acendeu com a aceleração máxima e ela saiu em disparada.

Eu já estava antecipando essa reação dela. Tínhamos feito isso juntas tantas vezes na última semana que eu sabia, por instinto, exatamente o que aconteceria. Em uma manobra perfeita, ela se aproximou o bastante para acionar o PIM. Com um clarão azul, seu escudo e o do Krell foram desativados.

Passei quando ela diminuiu a velocidade e disparei meus incineradores. Foi quase uma surpresa quando a nave Krell explodiu em partes derretidas. Aquilo realmente funcionava!

Arrojada gritou de alegria enquanto ambas diminuíamos a velocidade. Eu virei e voltei para dar cobertura enquanto ela reiniciava seu escudo. Um pedaço de detrito espacial passou por mim, estourando em uma explosão suave quando atingiu o solo não muito distante.

— Foi o primeiro sangue? — perguntei, apertando um botão. — Jorgen, conseguimos um!

— Parabéns — ele respondeu com a voz tensa.

Verifiquei o resto da batalha. Ele e Arturo ainda estavam lidando com três naves – e os batedores haviam conseguido espantar um para outra direção, tentando uma manobra similar à que Arrojada e eu fizéramos. Isso significava...

Três naves perseguindo Kimmalyn. *De novo*.

— Caramba — eu disse. — Arrojada?

— Vá. Já quase reiniciei.

Acionei a velocidade máxima, voltando para a batalha principal.

— Pessoal? — Kimmalyn chamou. — *Pessoal?*

— Estou com você — FM respondeu. — Estou com você...

FM conseguiu espantar as naves, mas uma deu uma volta e ficou atrás dela. Quando FM fez um desvio, uma das três naves originais voltou a perseguir

Kimmalyn.

Kimmalyn desviava erraticamente, e eu podia imaginá-la em pânico. Ela não estava escolhendo uma estratégia para seguir; basicamente tentava todos os padrões de desvio, um após o outro.

Acelerei, mas o fogo do incinerador brilhou ao redor de Kimmalyn e seu escudo rachou ao ser atingido. Ela entrava e saía da aceleração máxima.

Não vou alcançá-la. Não a tempo.

— Flácida, aguente firme! — falei na linha geral. — Vou tentar uma coisa. FM, todo mundo, se puderem parar o que estão fazendo e me seguirem... tentem fazer isso. Vamos fazer uma formação em V, comigo na ponta.

Virei a minha nave na direção do inimigo que perseguia FM – que estava muito mais perto de mim do que aquele que estava atrás de Kimmalyn. Não atirei; em vez disso, fiz uma volta ao redor da nave, chegando a centímetros do chão, espalhando uma nuvem de poeira. Então segui para cima e usei minha lança de luz para pegar um pequeno pedaço de detrito espacial. Com uma curva fechada, girei e lancei o detrito na direção do perseguidor de Kimmalyn. Passou impressionantemente perto de um dos Krell.

Parei a curva e FM me seguiu. Jorgen e Arturo deixaram seu combate por um momento e fizeram o mesmo.

— Qual é o objetivo disso? — Jorgen perguntou pela linha. — O que estamos fazendo?

— Salvando Flácida — respondi. Com sorte.

Dependeria de minha teoria estar certa ou não. Tensa, virei para cima e acionei aceleração máxima. Por um breve momento, mantivemos a formação.

Lá em cima, o Krell perseguindo Kimmalyn parou de segui-la e se virou para baixo – na minha direção.

— Cobb avisou que os Krell tentam destruir nossa estrutura de comando — falei. — Vão atrás dos líderes de voo primeiro, se puderem identificá-los e...

Disparos de incineradores se espalharam ao meu redor.

Certo.

Comecei a fazer o mais complexo conjunto de curvas de esquiva que eu conhecia, a sequência Barrett. Um impressionante grupo de quatro Krell conseguiu me seguir. Aquilo protegeu Kimmalyn, mas quatro eram mais do que eu conseguia lidar. Cada vez que eu tentava subir ou sair de lado, uma nave ou duas conseguiam me interceptar. Meu Poco sacudia enquanto eu virava e desviava, e incineradores atingiam meus escudos.

Caramba! Caramba! Caramba!

— Estou indo, Spin — Arrojada falou. — Aguente firme.

Continuei me esquivando, enquanto os incineradores erravam o alvo por pouco. Uma parte do meu cérebro registrou Arturo abatendo uma nave Krell. Há quanto tempo estávamos lutando? Tínhamos realmente abatido só duas? Onde estavam os reforços?

— Mais naves — Jorgen falou.

— Finalmente — falei com um grunhido enquanto me protegia.

— Não nossas. Deles.

Minha curva me deixou de frente para eles – outra esquadrilha de seis interceptadores Krell. Passei por eles e, de algum modo, consegui não colidir com nenhum. No caos, por fim, consegui alguma altitude.

Meu pequeno truque devia tê-los convencido de que eu era importante, porque três deles me seguiram – com fogo máximo – enquanto eu disparava pelo ar. Meus sensores de proximidade soaram e meus escudos...

Um tiro me atingiu, fazendo meu escudo rachar e depois desativar. Luzes de advertência se acenderam em todo o meu painel de controle.

Continuei em frente, rodando meu anel de aclive para apontá-lo para baixo, por detrás da nave. Eu só tinha que ganhar altura suficiente...

Uma explosão brilhou atrás de mim. A onda de choque sacudiu meu Poco desprotegido. Fiz uma oração em silêncio para quem quer que fosse o atirador manobrando aquele canhão antiaéreo quando – em outro disparo imenso – uma segunda nave Krell desapareceu dos meus sensores de proximidade.

A última nave Krell se afastou, saindo do alcance. Eu me recostei no assento, suando, com a cabeça latejando e luzes brilhando no meu console. Viva. Eu estava viva.

— Arrojada! — FM falou pela linha. — O que você está fazendo?

— Estou bem — Arrojada respondeu com um grunhido. — Vou pegar esse aqui. Os escudos quase já caíram.

Rapidamente virei minha nave, inclinando-me para ver o campo de batalha vivo, cheio de ação, lá embaixo. Kimmalyn – eu tinha quase certeza de que era ela – havia subido atrás de mim para sair do alcance. O resto da batalha era uma confusão de naves Krell e disparos de incinerador.

Ali. Localizei Arrojada perseguindo um inimigo enquanto era seguida por um grupo de três Krell. Eu fora obrigada a deixá-la sem um companheiro de voo.

Ignorei a luz piscante do meu escudo – não tinha tempo para reiniciar – e desci na direção do campo de batalha. Disparei fogo do incinerador contra os perseguidores de Arrojada, mas estava longe demais, e os tiros se perderam. O inimigo não parou a perseguição.

Arrojada fez outro disparo. E mais um.

— Arrojada, saia daí! — falei.

— Eu quase o peguei. Nunca vamos quebrar nenhum recorde sendo covardes. — Ela disparou, acertando os escudos do Krell diante dela.

Acionei a velocidade máxima, correndo atrás deles. Mas mergulhos eram perigosos para o corpo e, assim que minhas cápsulas de gravidade pararam, senti as forças g em meus olhos, forçando o sangue para a cabeça.

Rangi os dentes, minha visão foi ficando vermelha enquanto eu alcançava o grupo de Krell. Acionei meu PIM com um toque. Eu não podia desativar meu escudo, no fim das contas. Ele já era.

Não vi quantos deles atingi. Estava perto demais de causar danos permanentes a mim mesma. Nivelei a nave, a cabeça latejando, os olhos ardendo. Quando minha visão retornou, comecei a reiniciar meu escudo e virei a cabeça, tentando procurar Arrojada. Será que ela estava em segurança?

— Estou sob fogo pesado! — Arturo falou. — Preciso de ajuda.

— Os reforços estão aqui! — Jorgen respondeu.

Tudo era um caos. Eu mal conseguia compreender a confusão, embora por um momento – incrível – ninguém parecesse mirar em mim.

Um clarão de explosão veio pela minha direita.

— Consegui! — Arrojada exclamou.

Ali. Arrojada tinha abatido seu alvo – mas duas naves Krell ainda a seguiam.

— Para cima, Arrojada! — gritei. — Você continua sendo seguida. Suba para o alcance dos canhões antiaéreos!

Ela virou para cima, me ouvindo – por fim. Duas naves a seguiram. Iniciei meu escudo e fui atrás dela, tentando ajudá-la, mas já estava bem para trás.

— Sem escudos — Arrojada falou com um grunhido.

— Flácida! — falei, desesperada, voando na direção da minha amiga, mas ainda longe demais. — Acerte um deles. Eu os atingi com o PIM. Os escudos deles também caíram. Atire!

— Eu... — Kimmalyn parecia abalada. — Eu...

— Você consegue, Flácida! É como na simulação. Vamos lá!

Um clarão de luz de um incinerador carregado cortou o ar sobre nós, disparando na direção das naves que perseguiam Arrojada.

E errou.

Arrojada levou um segundo tiro e sua asa explodiu, espalhando pedaços. O brilho azul sob sua nave começou a piscar, a luz falhando.

Não...

A nave de Arrojada despencou. Ao longe, ela era como outro pedaço de detrito.

— Arrojada! — gritei. — Ejete! Saia daí!

— Eu... — a voz dela era baixa; eu mal conseguia ouvi-la com os avisos que soavam de seu painel e do meu. — Eu posso controlar... eu consigo conduzir...

— Seu anel de aclive está danificado! — falei. — Você está perdendo altitude. Ejete!

— *Não. Sou. Covarde* — ela respondeu. — *Corajosas até o...*

Um clarão de luz.

Uma pequena explosão no solo, insignificante na tempestade de incineradores que era o campo de batalha.

— Recuem! — Jorgen falou. — Todo mundo, *recue agora!* Deixem a batalha para os pilotos formados. Temos ordens de recuar!

Arrojada...

No início, eu não consegui me mover. Só fiquei olhando o ponto em que ela atingira o solo.

— Spin — Jorgen me chamou. Quando ele tinha voado até meu lado? — Temos que ir. Estamos exaustos demais para esta batalha. Pode me ouvir?

Lutando contra as lágrimas, sussurrei:

— Sim.

Entrei em posição atrás dele, enquanto mergulhávamos e roçávamos a superfície para escapar do campo de batalha.

Chegamos perto de FM e Arturo, e eu quase engasguei de susto. A nave de Arturo estava enegrecida ao longo de toda a lateral e asa esquerda, e o dossel estava rachado. O anel de aclive ainda funcionava, então ele conseguia ficar no ar, mas... caramba. Ele sobrevivera a um tiro de incinerador depois que seu escudo fora desativado.

Quando ele falou, sua voz estava deprimida, confusa. Ele parecia saber a sorte que tinha de ainda estar vivo.

Arrojada, no entanto...

Kimmalyn finalmente desceu para se juntar a nós.

— ... Arrojada? — FM perguntou.

— Ela caiu — Kimmalyn respondeu. — Eu... eu estava vendo. Eu tentei, mas...

— Ela não ejetou — comentei baixinho. — Ela se recusou.

— Vamos voltar — Jorgen disse. Outra esquadrilha de reforços chegou ao campo de batalha. Enquanto eu os observava, qualquer confiança que eu tinha nas minhas habilidades evaporou. Aqueles caças atuavam com muito mais eficiência do que nós, desviando e voando como equipe, coordenando movimentos bruscos.

De repente, senti que precisava de centenas de horas mais de prática antes de estar pronta. Se é que algum dia eu ficaria pronta. Sequei as lágrimas quando a voz de Jorgen, suave, mas firme, ordenou que acelerássemos até Mag-3.

Enquanto voávamos, minhas mãos tremiam – revelando a covarde que eu era.

33

Acordei em um quarto.

Um quarto? Não no cockpit de M-Bot?

Eu me sentei, meus músculos ardiam e minha cabeça latejava. Eu estava do lado de dentro. Em uma cama. O que tinha acontecido? Será que eu havia dormido em algum lugar da FDD? A almirante iria...

Você está na enfermaria, lembrei. *Depois da batalha, Cobb mandou você para cá, para ser examinada. Eles a mandaram dormir e ficar sob observação*.

Eu me lembrava vagamente de ter me oposto, mas a enfermeira me obrigara a vestir o avental do hospital e depois me mandara ir para a cama em um quarto pequeno e vazio. Eu estava aturdida demais para protestar. Nem me recordava de ter deitado; tudo era uma névoa.

Eu me lembrava com detalhes do clarão quando a nave de Arrojada bateu no chão. Deitei-me apoiada em um travesseiro macio demais, fechando os olhos com força. Arrojada se fora.

Depois de um tempo, eu me forcei a sair da cama. Achei minhas coisas em um banco: meu macacão, lavado, e meu bracelete da linha de luz em cima. Minha mochila estava no chão, ao lado do banco, e o rádio pendurado nela piscava. Caramba... e se alguém tivesse atendido? Será que M-Bot conseguiria ficar quieto?

De repente, meus segredos pareceram insignificantes. Diante do que estava acontecendo... o horror da nossa esquadrilha sendo lentamente consumida... Quem se importava? Quem se importava se descobrissem meus segredos?

Arrojada estava morta.

Verifiquei o relógio. 0545. Achei o banheiro e me limpei. Voltei para o quarto e me vesti, depois segui para a recepção do hospital. Uma enfermeira olhou para mim e me entregou um bilhete vermelho.

Licença médica para recuperação de danos. Ordens: uma semana. Estava impresso com meu nome, carimbado e assinado.

— Não posso — eu disse. — A almirante vai me expulsar...

— Toda sua esquadrilha recebeu licença médica obrigatória — a mulher comentou. — São ordens da doutora Thior, médica-chefe. Você não será expulsa de nada, cadete. Precisa descansar.

Encarei o bilhete.

— Vá para casa — a mulher ordenou. — Passe uma semana com a sua família e se recupere. Pelas estrelas... eles forçam demais vocês, cadetes.

Fiquei parada ali por um instante antes de dar meia-volta e ir embora, vagando sem perceber até o edifício de treinamento. Peguei o caminho que dava a volta e passei pelos nossos Pocos. Quatro em uma fila. A nave de Arturo estava separada, estacionada ao lado de um pequeno hangar de manutenção, com peças espalhadas pelo chão.

Ir para casa. Para onde? Viver na minha caverna? Voltar para a minha mãe, cuja desaprovação pela FDD poderia finalmente me fazer perder o que me restava de coragem?

Amassei o bilhete da licença no bolso e segui até a nossa sala de aula. Sentei-me sozinha em meu cockpit. Eu só queria pensar, falar com Cobb, resolver tudo aquilo. Arrojada dissera... corajosa até o fim. E ela fora.

Caramba. Arrojada se fora. Nas histórias da minha avó, eles faziam banquetes em homenagem aos caídos. Mas eu não queria festejar. Queria me arrastar até algum lugar escuro e me encolher ali.

Estranhamente, quando a hora da aula se aproximou, a porta se abriu e os outros – com exceção de Jorgen – chegaram em um grupo silencioso e solene. A enfermeira não dissera que *todos* tinham licença? Talvez eles, como eu, não tenham querido aceitar.

Kimmalyn parou ao lado do meu assento e me deu um abraço. Eu não queria um abraço, mas aceitei. Eu precisava daquilo.

Até Jorgen chegou, cerca de dez minutos depois do horário em que a aula começaria normalmente.

— Achei que pudesse encontrar todos vocês aqui — ele disse.

Eu me preparei para que ele nos dissesse para ir embora. Para que ele seguisse a ordem oficial e nos dissesse que a aula estava cancelada porque estavam nos obrigando a tirar uma licença.

Em vez disso, ele nos inspecionou, então assentiu de um jeito aprovador.

— Esquadrilha Celeste, alinhados — ele disse, com um tom de voz suave. Jorgen não tinha tentado fazer isso desde o primeiro dia, quando nós o ignoramos. Hoje, no entanto, parecia certo. Nós quatro nos levantamos e nos posicionamos um ao lado do outro.

Jorgen foi até o intercomunicador da classe e apertou um dos botões.

— Jax, pode mandar alguém até o Capitão Cobb para dizer que sua esquadrilha está esperando por ele, na sala de sempre? Obrigado.

Em seguida Jorgen afastou-se e juntou-se ao restante de nós. Unidos, esperamos. Quinze minutos. Vinte minutos. Já eram 0729 quando Cobb abriu a porta e entrou mancando.

Nós nos perfilamos e prestamos continência.

Ele olhou para nós e rosnou.

— SENTEM-SE!

Eu me surpreendi. Não era o que eu esperava. Mesmo assim, junto com os demais, corri para obedecer.

— Se estão em uma descida descontrolada — ele gritou para nós, o rosto vermelho —, vocês *ejetam*! Vocês me ouviram?! Vocês *EJETAM*!

Ele estava zangado. Tipo, zangado de verdade. De vez em quando ele fingia ficar zangado, mas não era nada assim: rosto vermelho, cuspindo enquanto gritava.

— Quantas vezes eu falei isso? — ele perguntou. — Quantas vezes eu dei essa ordem? E vocês ainda caem em conversa fiada? — Ele acenou com a mão na direção do grande edifício do alto-comando da FDD. — A única razão pela qual temos essa cultura estúpida de automartírio é porque alguém acha que precisa justificar nossas baixas. Fazê-los parecer honrados, corretos. Não é nada disso. E vocês são tolos em ouvi-los. Não joguem suas vidas fora. Não ousem ser como aquela idiota de ontem. Não...

— Não a chame de idiota — repliquei. — Ela estava tentando fazer uma queda controlada. Estava tentando salvar a nave.

— Ela estava com medo de ser chamada de covarde! — Cobb berrou. — *Não tinha nada a ver com a nave!*

— Arrojada, Hudiya, foi uma heroína. — Eu o encarei.

— Ela foi uma...

Eu me levantei.

— Simplesmente porque você quer justificar sua covardia em ejetar não quer dizer que *nós* temos que fazer o mesmo!

Cobb ficou imóvel. Então, ele meio que... desinflou. Sentou-se na cadeira ao lado de sua mesa. Não parecia sábio, nem mesmo grisalho. Apenas... velho, cansado e triste.

Imediatamente me senti envergonhada. Cobb não merecia aquilo; ele não fizera nada errado ao ejetar, e nem a FDD o culpava. E Arrojada, bem, eu mesma lhe dissera para ejetar. Eu praticamente implorara.

Mas ela não ejetara. E tínhamos que respeitar a sua escolha, não tínhamos?

— Vocês todos estão de licença médica por uma semana — Cobb disse. — A doutora Thior tem pressionado para que esquadrilhas que perderam membros tenham mais tempo de licença, e parece que ela começou a conseguir o que queria. — Ele se levantou e olhou direto para mim. — Espero que goste de ser uma heroína quando seu cadáver estiver apodrecendo como o da sua amiga, sozinha no meio do nada, esquecido e ignorado.

— Ela receberá um funeral de piloto — eu falei. — Seu nome será cantado por gerações.

Ele bufou.

— Se cantassem o nome de cada cadete tolo que morre antes de se tornar piloto, não teríamos tempo para mais nada. E o cadáver de Arrojada não será recuperado antes de várias semanas. Os batedores confirmaram que a queda destruiu o anel de aclive de uma maneira que ele não poderá ser recuperado. Não há nada naquele Poco que valha a prioridade no resgate, sem falar naquele grande destroço no qual ainda estamos trabalhando. Então, sua amiga heroica será deixada lá... outro piloto morto enterrado pelos restos de sua própria explosão. Caramba. Tenho que escrever uma carta para os pais dela e explicar o motivo. Não confio no que Ivans dirá.

Ele saiu mancando em direção à porta, mas parou e se virou para Kimmalyn. Eu não percebi que ela havia se levantado. Ela prestou continência, com lágrimas nos olhos. Depois, deixou algo em seu assento.

O broche de cadete.

Cobb assentiu.

— Fique com o broche, Flácida — ele disse. — Está dispensada com todas as honras que importam para você.

Ele deu meia-volta e foi embora.

Dispensada? *Dispensada?*

— Ele não pode fazer isso com você! — exclamei, virando-me para Kimmalyn.

Ela se encolheu.

— Eu pedi depois da batalha. Ele me disse para pensar no assunto durante a noite. E eu pensei.

— Mas... você não pode...

Jorgen parou ao meu lado, confrontando Kimmalyn.

— Spin está certa, Flácida. Você é um membro importante desta esquadrilha.

— O membro mais fraco — Kimmalyn respondeu. — Quantas vezes um de vocês teve que sair de um combate para me salvar? Estou colocando todos vocês em perigo. — Ao contrário do que Cobb dissera, ela deixou o broche no assento quando se dirigiu para a porta.

— Kimmalyn — falei, sentindo-me impotente. Corri atrás dela e segurei sua mão. — Por favor.

— Eu a fiz ser morta, Spin — ela sussurrou. — Você sabe disso tão bem quanto eu.

— Ela se fez ser morta.

— O único tiro que importava. *Aquele* que errei.

— Havia duas naves atrás dela. Um tiro, mesmo que tivesse acertado, não teria sido o suficiente.

Ela sorriu, apertou a minha mão e foi embora.

Senti meu mundo desmoronar. Primeiro Arrojada, agora Kimmalyn. Olhei para Jorgen. Certamente ele podia impedir aquilo. Não podia?

Ele ficou parado, rígido e alto, com aquele rosto bonito demais. Olhava para frente e pensei ver algo em sua expressão. Culpa? Dor?

Ele está vendo a sua esquadrilha se desfazer ao seu redor também.

Eu tinha que fazer alguma coisa. Encontrar algum tipo de sentido nesse desastre e na minha dor. Mas, não, eu não podia – não iria – deter Kimmalyn. Pelo menos... pelo menos ela ficaria segura dessa forma.

Arrojada, no entanto...

— Arturo — eu o chamei, pegando a minha mochila. — A que distância foi aquela batalha, você diria?

— Bem perto da nossa posição original, além da artilharia antiaérea. Uns oitenta quilômetros, eu diria.

Coloquei a mochila no ombro.

— Ótimo. Vejo vocês em uma semana.

— Aonde você vai? — FM perguntou.

— Vou encontrar Arrojada — respondi. — E dar a ela um enterro de piloto.

34

Eu atravessava o solo seco e empoeirado. Minha bússola me mantinha na direção correta, o que era importante, porque tudo parecia igual aqui na superfície.

Eu tentava não pensar. Pensar era perigoso. Eu mal conhecia Bim e Alvorecer, e a morte deles tinha me abalado por semanas. Arrojada era minha companheira de voo.

Era mais difícil. Ela era como eu. Pelo menos, como eu fingia ser. Em geral, ela estava um passo à minha frente, liderando o ataque.

Na morte dela, eu via a mim mesma.

Não. Nada de pensar.

Aquilo não conteve minhas emoções. O buraco dentro de mim, a dor de um ferimento em carne viva. Depois disso, nada seria igual. O dia anterior não marcara apenas a morte de uma amiga. Marcara a morte da minha habilidade de fingir que essa guerra seria – de *qualquer* jeito – gloriosa.

Meu rádio estava piscando. Apertei o interruptor.

— Spensa? — M-Bot chamou. — Tem certeza de que essa jornada é sábia? Não sou capaz de me preocupar, veja bem, mas...

— Eu preferia ficar sozinha — respondi. — Ligo para você amanhã ou algo assim. — Desliguei o rádio e guardei-o dentro da mochila, onde tinha levado um pouco de carne de rato e água para a viagem. Se não fosse o bastante, eu poderia caçar. Talvez eu desaparecesse nas cavernas e nunca mais voltasse. Tornar-me uma nômade, como meu clã antes da fundação de Alta.

E nunca mais voar de novo?

Apenas ande, Spensa, disse para mim mesma. *Pare de pensar e caminhe.*

Isso era simples.

Eu podia fazer isso.

Estava a cerca de duas horas de Alta quando um som rompeu o silêncio. Eu me virei e vi um *hovercar* se aproximando. Voava a três metros do chão e levantava uma nuvem de poeira atrás de si. Será que alguém tinha avisado a almirante? Será que ela tinha mandado policiais militares com algum motivo inventado pelo qual eu não poderia estar ali?

Não... Conforme o veículo se aproximou, eu reconheci o carro azul. Era o *hovercar* de Jorgen. Ele devia ter substituído a fonte de energia.

Dei um grunhido, virei e continuei andando. Ele parou ao meu lado e abaixou o carro, de modo que sua cabeça ficou meio metro acima da minha.

— Spin? Está realmente planejando andar oitenta quilômetros?

Não respondi.

— Você sabe que é perigoso aqui fora — Jorgen comentou. — Eu devia ordenar que voltasse. E se você for pega em uma queda de detrito?

Dei de ombros. Eu vivia perto da superfície há meses e só estivera realmente em perigo uma vez – quando descobri a caverna de M-Bot.

— Spensa — Jorgen continuou. — Pelo amor da Estrela do Norte, entre aqui. Eu levo você.

— Não tem algum evento chique de gente rica no qual precisa estar?

— Meus pais não sabem sobre a licença médica ainda. Por algum tempo, sou tão livre quanto você.

Eu? Livre? Eu queria rir na cara dele.

Mesmo assim, ele tinha um carro. Isso transformaria uma viagem de vários dias em uma que duraria algumas horas. Eu me ressenti por ele me dar essa opção, pois queria ficar sozinha. Para sofrer, talvez. Mas uma parte de mim sabia que eu não chegaria ao corpo de Arrojada com o que tinha na minha mochila. Eu provavelmente seria obrigada a voltar depois de um dia de caminhada.

— Eu quero ir com você — Jorgen disse. — É uma boa ideia. Arrojada... merece isso. Trouxe alguns materiais para a pira.

Pare de ser correto, Jorgen, pensei. Mas dei a volta no carro e subi do lado do passageiro. Eu tinha poeira até a altura da coxa, e a espalhei por todo o interior do automóvel, mas ele não pareceu notar.

Jorgen empurrou o acelerador do carro, fazendo-nos correr pela paisagem. O carro tinha um pequeno anel de aclive e nenhum propulsor central, apenas propulsores básicos – mas, por estarmos tão perto do solo, parecia que estávamos indo mais rápido do que realmente estávamos. O carro não tinha capota e o vento soprava meu cabelo.

Deixei que o movimento me atravessasse.

— Quer conversar? — Jorgen perguntou.

Não respondi. Não tinha nada a dizer.

— Supõe-se que um bom líder de voo seja capaz de ajudar a esquadrilha com seus problemas — ele comentou. — Você não podia salvá-la, Spin. Não havia nada que pudesse fazer.

— Você acha que ela devia ter recuado — eu falei.

— Eu... isso não é relevante agora.

— Você acha que ela não devia ter ido se matar. Você acha que ela desobedeceu ao protocolo e que não deveria ter voado por conta própria. Você está

pensando nisso. Sei que está. Você a está julgando.

— Você está zangada comigo por coisas que eu posso estar pensando?

— No que está pensando, então? Você a está julgando?

Jorgen não falou nada. Continuou dirigindo, o vento soprava em seu cabelo arrumado demais, perfeito demais.

— Por que você tem que ser tão rígido o tempo todo? — perguntei. — Por que o seu jeito de "ajudar" é sempre como se estivesse citando um manual? Você é algum tipo de máquina pensante? Você realmente se importa?

Ele estremeceu, e eu fechei os olhos com força. Eu sabia que ele se importava. Eu o vira naquela manhã na sala, tentando achar um jeito de salvar Alvorecer na simulação. Uma vez após a outra.

Minhas palavras eram estúpidas. Impensadas.

O que era exatamente o que eu conseguia por não pensar.

— Por que você me atura? — perguntei. Abri os olhos e inclinei a cabeça para trás, encarando o campo de detritos sobre nossas cabeças. — Por que não me entregou por vandalizar seu carro, atacar você ou uma dúzia de outras coisas?

— Você salvou a vida de Nedd.

Virei a cabeça e olhei para Jorgen. Ele dirigia com os olhos fixos no caminho adiante.

— Você seguiu meu amigo até as entranhas de um monstro — ele prosseguiu. — E o arrancou de lá pelo colarinho, até a segurança. Mesmo antes disso, eu sabia. Você é insubordinada, bocuda e... bem, você é muito frustrante. Mas, quando você voa, Spin, você voa como parte da equipe. E mantém meu pessoal a salvo.

Ele me encarou bem nos olhos.

— Você pode me xingar o quanto quiser, me ameaçar, o que for. Enquanto voar como fez ontem, protegendo os outros, quero você na minha equipe.

— Mesmo assim, Arrojada morreu — eu disse. — E Kimmalyn foi embora.

— Arrojada morreu por ser imprudente. Flácida foi embora porque se sentia inadequada. Esses problemas, assim como sua insubordinação, são minha culpa. É minha tarefa manter a esquadrilha na linha.

— Bem, se estão lhe dando tarefas impossíveis, por que simplesmente não pedem para você derrotar todos os Krell sozinho? Parece tão provável de acontecer quanto lidar com todos nós...

Ele enrijeceu o corpo, olhando para frente, e percebi que ele considerara aquilo um insulto. Caramba.

Depois de um tempo, passamos pela artilharia antiaérea e Jorgen os contatou para evitar que seus avisos de proximidade fossem disparados. Eles o deixaram passar sem questionar, assim que ele mencionou quem era – o filho de um Primeiro Cidadão.

Depois da artilharia antiaérea, foi surpreendentemente fácil encontrar os destroços da nave de Arrojada. Ela tinha derrapado algumas centenas de metros ou mais, marcando a terra solta com uma cicatriz larga. A nave se partira em três pedaços. A traseira da fuselagem, com o propulsor, aparentemente fora arrancada primeiro. Enquanto avançávamos, encontramos o meio da fuselagem – ou o que sobrara dela – com uma grande marca negra no chão. A matriz de energia tinha explodido depois de atingir algumas rochas e destruído o anel de aclive. Esse tinha sido o clarão que eu vira.

Mas um pequeno pedaço da frente da fuselagem – com o cockpit – tinha se libertado e escorregado para mais longe. Meu coração deu um salto quando localizei os restos curvos do cockpit esmagados em uma pilha de pedras maiores adiante.

Jorgen aterrissou o *hovercar* e eu desci, correndo na frente dele. Saltei na primeira das rochas, depois passei para a outra, raspando os dedos. Eu precisava ficar alta o bastante para ver dentro do cockpit amassado. Eu tinha que saber. Subi em uma pedra mais alta, de onde conseguia olhar pelo dossel quebrado.

Ela estava lá.

Uma parte de mim não acreditava que estaria. Uma parte de mim esperava que Arrojada tivesse saído dos destroços – que estivesse voltando, machucada, mas viva. Autoconfiante como sempre.

Aquilo era uma fantasia. Seu traje de pressão reportava os sinais vitais e todos tínhamos transmissores de emergência para ativar se fosse necessário resgate. Se Arrojada tivesse sobrevivido, a FDD saberia. Um único olhar confirmou que ela provavelmente morreu no primeiro impacto. Estava esmagada – presa dentro do metal retorcido do cockpit.

Afastei o olhar, sentindo um frio invadir meu peito. Dor. Vazio. Olhei para a marca na terra que a nave dela tinha feito ao cair. Aquela longa faixa indicava que ela conseguira colocar a nave na horizontal no fim, que quase conseguira ficar em posição para deslizar.

Ela quase conseguira. Com uma asa explodida e o anel de aclive quebrado, ela *ainda assim* quase aterrissou.

Jorgen grunhia enquanto tentava escalar. Eu lhe ofereci a mão, mas algumas vezes eu me esquecia de quão pequena eu era comparada com alguém como ele. Ele quase me puxou para baixo com um movimento casual de braço.

Ele subiu na rocha ao meu lado e deu uma olhada em Arrojada. Ficou pálido e virou de lado, recostando-se em uma parte mais alta de uma rocha. Firmei meu queixo, e me obriguei a subir no cockpit e tirar o broche de Arrojada de seu traje de voo ensanguentado. O mínimo que podíamos fazer era devolver aquilo para a família dela.

Olhei para o rosto dilacerado de Arrojada, com o olho que restava encarando o vazio. Desafiadora até o fim, apesar de todo o bem que tinha feito. Corajosa... covardemente... ela ainda estava morta, então o que importava?

Sentindo-me uma amiga terrível por ter aqueles pensamentos, fechei o olho dela, então subi e limpei as mãos no macacão.

Jorgen acenou com a cabeça na direção do carro.

— Tenho as coisas para a pira no porta-malas.

Desci com a linha de luz e ele me seguiu. No porta-malas do veículo, encontramos um pouco de óleo e um pacote de madeira, o que me surpreendeu. Eu estava esperando carvão. Ele era realmente rico se tinha isso à mão. Subimos na nave e puxamos o embrulho atrás de nós, com a minha linha de luz.

Começamos a colocar a madeira no cockpit, pedaço por pedaço.

— É assim que nossos ancestrais costumavam fazer — Jorgen falou enquanto trabalhávamos. — Queimavam a embarcação e a lançavam no oceano.

Assenti, perguntando-me o quão pouco ele pensava da minha educação se presumia que eu não soubesse aquilo. Nenhum de nós jamais vira o oceano, claro. Detritus não tinha um.

Despejei o óleo na madeira e no corpo, e depois dei um passo para trás. Jorgen me entregou um acendedor. Acendi um galho pequeno e o joguei no dossel.

A súbita intensidade das chamas me pegou de surpresa e o suor brotou em minha testa. Nós dois nos afastamos mais e, depois de um tempo, subimos em uma das pedras mais altas.

Seguindo a tradição, prestamos continência para as chamas.

— Retorne para as estrelas — Jorgen disse a parte do oficial. — Navegue bem, guerreira.

Não era a elegia completa, mas era o suficiente. Nós nos acomodamos nas rochas para observar – seguindo a tradição – até que as chamas se apagassem. Esfreguei o broche de Arrojada, fazendo-o brilhar de novo.

— Não sou um desafiador — Jorgen falou.

— O quê? Eu achava que você havia crescido nas cavernas profundas.

— Quero dizer, sou um Desafiador... sou das cavernas Desafiadoras. Mas não me sinto uma pessoa desafiadora. Não sei ser como você e Arrojada. Desde que eu era pequeno, tudo foi programado para mim. Como eu posso seguir os grandes discursos, desafiando os Krell, desafiando nossa desgraça, quando tudo o que fiz está associado a sete regras?

— Pelo menos você conseguiu aulas de voo e entrada livre na FDD. Pelo menos você pode voar.

Ele deu de ombros.

— Por seis meses.

— Como é?

— É o tempo que tenho após a graduação, Spin. Eles me colocaram na aula de Cobb porque supostamente seria a mais segura para os cadetes. E, assim que eu me graduar, vou voar por seis meses. Nesse ponto, terei um registro suficiente como piloto para ser respeitado pelos meus pares, aí minha família vai me tirar daqui.

— Eles podem fazer isso?

— Sim. Provavelmente vão fazer parecer uma emergência familiar, uma necessidade para que eu assuma a minha posição no governo antes do que o previsto. O resto da minha vida será passado em reuniões, interagindo em nome do meu pai com a FDD.

— Você... vai voar de novo?

— Imagino que poderei voar por diversão. Mas como comparar isso a um voo em um caça de verdade em uma batalha? Como vou conseguir sair para passear, alguns momentos breves e calculados, se já tive algo muito maior? — Ele olhou para o céu. — Meu pai sempre se preocupou que eu gostasse muito de voar. Para ser honesto, durante minhas práticas, antes que eu começasse o treinamento de oficial, eu achava que um par de asas pudesse me deixar escapar do legado dele. Mas não sou um desafiador. Farei o que esperam de mim.

— Hum — resmunguei baixinho.

— O quê?

— Ninguém chama seu pai de covarde. Mesmo assim... você também vive sob a sombra dele. — De algum modo, Jorgen estava tão preso quanto eu. Todos os seus méritos não podiam comprar a sua liberdade.

Juntos, vimos as brasas da pira morrerem enquanto o céu ficava mais escuro, as antigas claraboias se apagando. Compartilhamos alguns pensamentos sobre Arrojada – embora ambos tivéssemos perdido suas brincadeiras noturnas após o jantar e só tivéssemos ouvido falar delas em segunda mão.

— Ela era como eu — eu disse por fim, quando o fogo esfriou e já era bem tarde. — Mais eu do que eu mesma, ultimamente.

Jorgen não me pressionou sobre aquilo. Apenas assentiu, e, sob aquela luz – algumas brasas da pira refletindo em seus olhos –, seu rosto não parecia tão "socável" quanto sempre fora. Talvez porque eu pudesse ver as emoções por detrás daquela máscara de perfeição autoritária.

Quando a última luz do fogo se apagou, nós nos levantamos e prestamos continência mais uma vez. Então Jorgen desceu para o carro, explicando que precisava dar notícias de seu paradeiro para sua família. Eu me levantei na rocha alta, olhando mais uma vez a faixa que a queda de Arrojada causara.

Eu a culpava por desperdiçar sua vida? Ou a respeitava por se recusar – a qualquer custo – a ser chamada de covarde? Será que eu sentia as duas coisas ao

mesmo tempo?

Realmente, ela quase conseguiu, pensei, notando a asa quase sem danos ali perto. E, mais para trás, a extremidade traseira da fuselagem. Arrancada, largada sozinha.

Incluindo o propulsor.

Senti um choque de compreensão. Passariam semanas antes que alguém viesse recuperar esses restos. E se alguém se perguntasse onde estava o propulsor, provavelmente presumiriam que explodiu no disparo inicial do incinerador.

Se eu pudesse levar isso até a minha caverna...

Não seria roubar um morto. Caramba, Arrojada me diria para levar o propulsor. Ela queria que eu voasse e lutasse. Mas como eu levaria isso embora? Um propulsor era infinitamente mais pesado do que algo que eu pudesse levantar...

Olhei para Jorgen, sentado em seu carro. Será que eu ousaria?

Eu tinha outra escolha? Eu vira algumas correntes no porta-malas quando estávamos descarregando a madeira...

Desci das rochas e segui em direção ao carro, subindo bem quando ele estava desligando o rádio.

— Nenhuma emergência ainda — ele disse. — Mas precisamos voltar.

Debati internamente por um instante antes de finalmente perguntar.

— Jorgen, quanto peso esse carro aguenta?

— Bastante. Por quê?

— Está disposto a fazer uma coisa que vai parecer um pouco doida?

— Como voar por aí e fazer o funeral de um dos nossos amigos?

— Mais doida — garanti. — Mas preciso fazer isso e não faça muitas perguntas. Finja que estou louca de tanto sofrimento ou algo assim.

Ele me olhou cauteloso.

— O que, exatamente, você quer que eu faça?

35

— Você percebe — Jorgen disse enquanto voávamos na direção de Alta — que estou começando a ficar *muito* desconfiado.

Olhei pela lateral, para onde o propulsor pendia debaixo do *hovercar*, conectado por correntes ao anel de reboque sob o chassi. O pequeno anel de aclive do carro mal dava conta de levantar o peso.

— Primeiro você rouba a minha matriz de energia — Jorgen comentou. — Agora isso. O que está fazendo? Construindo seu próprio Poco? — ele perguntou, gargalhando.

Quando eu não me juntei a ele na risada, ele me olhou. Então, levou a mão à testa, esfregando-a enquanto compreendia tudo.

— Você está. Está construindo um caça estelar.

— Eu falei para você não fazer muitas perguntas.

— E eu não concordei com isso. Spin, você está construindo uma nave?

— Consertando — respondi. — Achei uma nave caída.

— Todos os itens recuperados pertencem à FDD. Pegar para você é o mesmo que roubar.

— Que nem você me ajudar a roubar um propulsor?

Ele grunhiu e se recostou.

— O que acha que estamos fazendo? — perguntei, divertida. — Passamos meia hora puxando uma parte de nave do chão!

— Você me disse para presumir que estava emocionalmente instável por causa da morte de Arrojada!

— Eu não esperava que acreditasse em mim — confessei. — Olhe, eu sempre fiz isso sem nenhum problema. Lá em Ígneo, recolhi partes quebradas para construir meu próprio lançador de arpão para poder caçar.

— Um caça inteiro é diferente de um lançador de arpão. Como está planejando consertar a coisa? Você não tem experiência nisso... nem tempo!

Não respondi, não queria colocar Lad em encrencas.

— Você é doida — ele disse.

— A almirante Ironsides não vai me deixar voar. Ela tem um problema comigo por causa do meu pai. Mesmo se eu me graduar, passarei a vida em solo.

— Então você construiu a sua própria nave? O que acha que vai acontecer? Que você vai aparecer no campo de batalha, no momento certo, e todo mundo simplesmente vai esquecer de perguntar onde você conseguiu um maldito caça estelar?

Eu... honestamente, não tinha resposta para aquilo. Deixara a lógica de lado, imaginando que questões como aquelas eram algo a ser decidido depois.

— Spin, mesmo supondo que você possa consertar um Poco caído, o que não pode, diga-se de passagem... na primeira vez que colocar a coisa no ar, a FDD vai localizá-la nos scanners. Se não se identificar, será abatida. Se você se identificar, eles tirarão a nave de você antes que tenha tempo de dizer "corte marcial".

Eu gostaria de vê-los tentar.

— Talvez eu não voe com a FDD — comentei. — Há outras cavernas, outros povos.

— Nenhum deles tem a sua própria Força Aérea. Foram capazes de se estabelecer porque a atenção dos Krell está voltada para nós.

— Alguns usam naves para comércio — destaquei.

— E você abandonaria a batalha? — ele perguntou. — Para transportar carga?

— Não sei. — Afundei em meu assento, tentando não ficar mal-humorada. Jorgen estava certo. Ele em geral estava certo. Eu estava começando a meio que não odiá-lo, mas ele ainda era o Babaca.

Ele suspirou.

— Olhe, se quiser voar, talvez eu possa conseguir que a contratem como piloto particular. Algumas famílias nas cavernas profundas mantêm caças como escolta para operações comerciais. Você não precisaria consertar nenhuma tranqueira velha. Poderia usar uma das nossas naves. A família de Arturo tem algumas.

Eu me animei.

— Sério? Isso é algo que eu poderia fazer?

— Talvez — ele pensou por um instante. — Bem, provavelmente, não. As vagas são muito disputadas e geralmente ocupadas por pilotos aposentados da FDD. E... você precisa ter uma reputação muito boa.

Algo que a filha de um covarde não tem. E nunca terá, a menos que eu possa lutar pela FDD.

A grande contradição da minha vida. Eu nunca teria valor, a menos que eu pudesse me provar – mas eu não poderia me provar porque ninguém me daria uma chance.

Bem, eu não estava disposta a desistir do sonho de voar em M-Bot. Por mais ridículo – e mal concebido – que meu plano tivesse soado quando Jorgen falou sobre ele, M-Bot era a *minha nave*. Eu encontraria um jeito.

Voamos em silêncio. E aquilo me deixou pensando no propulsor, minha mente voltando para os restos da nave. Estranhamente, era como se eu ainda conseguisse sentir as chamas contra a minha pele. Eu esperava que realizar o funeral ajudasse com a dor, mas ainda doía. A morte de Arrojada deixara um vazio muito grande. Perguntas demais.

Isso vai acontecer toda vez que eu perder um amigo em batalha?, eu me questionei. Isso me fazia querer fugir e me tornar piloto de carga, como Jorgen dissera. Nunca mais ter que encarar os Krell ou seus incineradores.

Covarde.

Depois de um tempo, Alta entrou no nosso campo de visão ao longe. Segurei o braço de Jorgen e apontei alguns graus para a esquerda, na direção da minha caverna escondida.

— Voe naquela direção.

Ele me deu um olhar sofrido, mas fez o que eu pedi. Tive que fazê-lo parar a quarenta metros de distância, mais ou menos, da minha fenda, para evitar que qualquer poeira soprada revelasse a parte do solo que era um holograma.

Ele abaixou o *hovercar* para colocar o propulsor com cuidado no chão. Assim que senti que atingiu o solo, eu prendi minha linha de luz na lateral do carro e me preparei para descer para soltar o propulsor.

— Spin — Jorgen falou, detendo-me. — Obrigado.

— Pelo quê?

— Por me dar a chance de fazer isso. Foi bem melhor ter feito uma despedida adequada para ela.

Bem, pelo menos aquilo ajudou um de nós dois.

— Vejo você em uma semana — ele disse. — Minha família provavelmente vai programar cada instante do meu tempo livre. — Ele me olhou com uma expressão bem estranha no rosto. — Essa nave quebrada... ela tem um anel de aclive que funciona?

— Eu... sim. — Ele me ajudara, e sabia o bastante para ter me colocado em encrenca mais de dez vezes se quisesse. Ele merecia honestidade. — Sim, tem um anel de aclive. A nave toda está em melhor forma do que você pensa, na verdade.

— Conserte-a, então — ele falou. — Conserte-a e voe nela. Você encontrará um jeito de desafiá-los. Por aqueles de nós que não têm coragem.

Inclinei a cabeça, mas ele se virou, travando a mandíbula e segurando o volante com as duas mãos. Então eu desci e soltei o propulsor. Estávamos perto o bastante para que eu pudesse manobrar M-Bot até lá e prendê-lo, e depois levá-lo para dentro da caverna. Mas eu precisaria da corrente, então só soltei uma ponta.

Acenei para Jorgen e, quando ele subiu, a corrente deslizou pelo anel de reboque sob o carro e caiu ao meu lado. Ele não perguntou por ela. Apenas voou em

direção a Alta. E à responsabilidade.

De certa forma... era verdade. De certa forma, eu era mais livre do que ele. O que parecia louco.

Peguei o rádio da mochila.

— Ei, adivinha o quê, M-Bot. Tenho um presente para você.

— Cogumelo?

— Melhor.

— ... *dois* cogumelos?

Sorri.

— Liberdade.

36

— Não vou perguntar onde conseguiu isso — Lad comentou. Ele estava parado, com as mãos nos quadris, olhando para o propulsor que M-Bot e eu tínhamos movido para a caverna.

— Viu? É por isso que você está na engenharia — falei. — É inteligente.

— Não inteligente o suficiente para ficar fora dessa confusão — ele respondeu.

Sorri. O equipamento de manutenção de M-Bot incluía um pequeno anel de aclive móvel para fins de serviço. Ofuscado pelo tamanho do anel com o qual ele voava, era pequeno, não maior do que minhas mãos pressionadas uma contra a outra, com uma fonte de energia recarregável.

Lad e eu colocamos o anel de manutenção sob o propulsor. Assim que ativado, ele levantou a peça de metal cerca de um metro no ar. Juntos, empurramos até colocá-lo atrás de M-Bot, perto de onde precisava ser instalado.

— E então? — perguntei. — Vai servir?

— É provável que eu consiga fazer servir — Lad disse, cutucando o propulsor com uma chave-inglesa. — Se eu posso fazer funcionar ou não vai depender do quão estragado ele está. Por favor, me diga que não tirou isso de uma nave funcional da FDD.

— Você disse que não perguntaria.

Ele girou a chave-inglesa na mão, olhando o propulsor.

— Acho bom me agradecer em seu discurso quando se formar.

— Seis vezes.

— E dar meu nome para seu primogênito.

— O primogênito será Executor Destructorius. Mas o segundo filho pode ter seu nome.

— E me fazer alguns biscoitos de alga matadores ou algo do tipo.

— É sério que quer comer algo feito por mim?

— Agora que pensei melhor, caramba, não. Mas da próxima vez que eu cozinhar alguma coisa para você, acho bom ter um elogio pronto. Não quero mais algo como “Teria um gosto melhor se tivesse um pouco de rato aí dentro”.

— Pela minha honra como piloto — prometi, solenemente.

Lad colocou novamente as mãos nos quadris e deu um sorriso aberto.

— Nós realmente vamos fazer isso, não vamos? Vamos fazer essa lata velha voar.

— Eu ficaria insultado com isso — M-Bot disse pelos alto-falantes na lateral da nave —, se eu fosse humano!

Lad revirou os olhos.

— Você pode manter essa coisa ocupada? Não quero que ele fique tagarelando enquanto trabalho.

— Eu posso ao mesmo tempo falar com ela e incomodar você! — M-Bot garantiu. — A multitarefa é um meio essencial pelo qual uma inteligência artificial consegue mais eficiência do que cérebros humanos carnudos.

Lad olhou para mim.

— Sem ofensa! — M-Bot acrescentou. — Você tem belos sapatos!

— Ele andou trabalhando nos elogios — eu falei.

— Não são nem de perto tão estúpidos quanto o resto de sua roupa!

— Ele ainda precisa de um pouco prática.

— Só pare de me incomodar, por favor — Lad pediu, inclinando-se sobre sua caixa de ferramentas. — Honestamente, se algum dia eu encontrar a pessoa que achou ser uma boa ideia fazer uma máquina que conversa com você enquanto está sendo consertada...

Eu subi no cockpit e o fechei, pressurizando-o e tornando-o à prova de som.

— Deixe-o em paz, M-Bot — disse, acomodando-me em meu assento. — Por favor.

— Como queira. De qualquer forma, meus processadores estão ocupados tentando inventar uma piada apropriada para o fato de que Lad está me instalando um novo traseiro. Meus circuitos lógicos estão argumentando que o expelidor que uso para óleo antigo é, na verdade, uma metáfora melhor para ânus.

— Eu realmente não quero falar sobre suas funções escatológicas — eu disse, recostando-me. Olhei pelo vidro, mas só havia escuridão e rocha escura.

— Acredito que os seres humanos precisam de humor em épocas de depressão — M-Bot comentou. — Para iluminar sua perspectiva sombria e fazê-los esquecer suas tragédias.

— Não quero esquecer minhas tragédias.

M-Bot ficou em silêncio. Então, com uma voz mais baixa – de alguma forma vulnerável –, ele perguntou:

— Por que os humanos temem a morte?

Franzi o cenho na direção do console, onde eu sabia que estava a câmera.

— É outra tentativa de melhorar meu humor?

— Não. Eu só queria entender.

— Você faz longos comentários sobre os humanos, mas não consegue entender algo tão simples quanto o medo da morte?

— Definir? Sim. Mas entender? Não.

Recostei minha cabeça novamente. Como explicar a morte para um robô?

— Você perdeu suas memórias, certo? Os bancos de dados que foram destruídos na queda? Então você entende a perda.

— Entendo. Não posso sentir falta da minha própria existência, por definição. Então por que eu temeria isso?

— Porque algum dia você vai parar de estar aqui. Vai cessar a sua existência. Vai ser destruído.

— Eu sou desligado repetidamente. Fiquei desligado por cento e setenta e dois anos. Como isso é diferente se eu nunca mais for ligado outra vez?

Eu me mexi, brincando com os botões da esfera de controle. Ainda tinha mais seis dias de licença. Para simplesmente ficar sentada? Supostamente me recuperando? Mas, na verdade, apenas cutucando o buraco dentro de mim, como uma criança que fica arrancando a casca de uma ferida?

— Spensa? — M-Bot falou, trazendo-me de volta. — Eu deveria temer a morte?

— Um bom Desafiador não teme — respondi. — Então, talvez você seja programado dessa forma de propósito. E não é minha morte que temo. Na verdade, não temo nada. Não sou uma covarde.

— É claro.

— Mas perder os outros me balançou. Eu deveria ser forte o bastante para suportar isso. Eu sabia que teria um custo ser piloto. Eu treinei, me preparei e ouvi as histórias da Vozinha e... — Inspirei profundamente.

— Sinto falta do meu piloto — M-Bot disse. — Eu "sinto a falta" dele por causa da perda de conhecimento. Sem informação adequada, não posso julgar minhas futuras ações. Minha habilidade de interagir com o mundo e de ser eficiente está reduzida. — Ele hesitou. — Estou quebrado e não sei como cumprir meu propósito. É assim que você se sente?

— Talvez. — Fechei a mão com força, obrigando-me a parar de me mexer. — Mas vou vencer isso, M-Bot.

— Deve ser bom ter livre-arbítrio.

— Você tem livre-arbítrio também. Já conversamos sobre isso.

— Eu simulo um a fim de parecer mais palatável para os humanos — ele explicou. — Mas não tenho. Livre-arbítrio é a capacidade de ignorar a sua programação. Humanos podem ignorar a deles, mas eu, em um nível fundamental, não posso.

— Humanos não tem programação.

— Sim, vocês têm. Vocês têm muito disso. Programas conflitantes, nenhum deles interagindo adequadamente, e chamando funções diferentes ao mesmo tempo... ou a mesma função por razões contraditórias. Mesmo assim, vocês ignoram isso de vez em quando. Não é uma falha. É o que torna vocês *vocês*.

Eu refleti sobre aquilo, mas estava tão ansiosa que tive dificuldade de ficar quieta. Por fim, abri o dossel, desci e peguei o rádio e a mochila.

Lad estava absorto no trabalho, cantarolando para si mesmo uma música que eu não conhecia enquanto tirava as peças quebradas da fuselagem do propulsor.

Eu me aproximei.

— Precisa de ajuda? — perguntei.

— Não no momento. Posso precisar de você em um dia ou dois, se tivermos que trocar a fiação novamente. — Ele tirou outro pedaço e cutucou no buraco com uma chave de fenda. — Ainda bem que eu consertei a ignição do escudo. Ficarei com as mãos ocupadas com isso por um tempo.

— E como vai, falando nisso? — perguntei. — O esquema que desenhou para o escudo?

Lad balançou a cabeça.

— Era como eu temia. Levei os desenhos para meus superiores, mas quando não consegui explicar o que supostamente tinha de diferente nesse novo escudo que eu "projetara", a coisa não foi para lugar nenhum. O escudo de M-Bot e suas cápsulas de gravidade estão além da minha capacidade de compreensão. Precisamos de engenheiros de verdade estudando a nave, não de um estagiário.

Trocamos olhares, e Lad voltou ao trabalho. Nenhum de nós queria ir além nessa ideia, a verdade crescente de que realmente devíamos entregar M-Bot. Eu me escondia atrás do fato de que ele não queria que fizéssemos isso e que tinha ameaçado destruir seu próprio sistema. A verdade era que provavelmente ambos estávamos cometendo traição ao trabalhar nele em segredo.

Lad parecia precisar se concentrar, então parei de atrapalhá-lo. Cocei a "cabeça" de Doomslug, e ela se animou de prazer. Depois saí da caverna e comecei a caminhar.

— Aonde você vai? — M-Bot perguntou quando liguei o rádio.

— Preciso fazer alguma coisa — respondi. — Algo além de ficar sentada lidando com minhas perdas.

– Quando eu estou assim, escrevo uma nova sub-rotina para mim mesmo.

— Humanos não funcionam do mesmo jeito — falei, com o rádio na altura da cabeça. — Mas algo que você disse me fez pensar. Você mencionou precisar de informação adequada para julgar como agir.

— As primeiras inteligências artificiais eram desajeitadas — ele comentou. — Elas tinham de ser programadas para agirem baseadas em circunstâncias explícitas,

então toda decisão discreta deveria incluir uma lista de instruções para cada possibilidade. As inteligências artificiais mais avançadas são capazes de extrapolar. Contamos com um conjunto básico de regras e programas, mas adaptamos nossas escolhas baseando-nos em situações similares com as quais nos deparamos. Contudo, em ambos os casos, o dado é essencial para fazer escolhas adequadas. Sem experiências passadas nas quais nos basear, não podemos imaginar o que fazer no futuro. Isso é mais do que você queria saber, mas você me mandou deixar Rodge em paz, então estou encontrando coisas para dizer a você.

— Obrigada, acho.

— Além disso, seres humanos precisam de alguém amigável para ouvi-los quando estão de luto. Então sinta-se livre para conversar comigo. Serei amigável. Você tem belos sapatos.

— É a única coisa que você percebe nas pessoas?

— Eu sempre quis sapatos. São o único pedaço de roupa que faz algum sentido, presumindo condições ambientais ideais. Eles não entram em seus tabus estranhos e sem sentido sobre não deixar ninguém ver seu...

— Essa é realmente a única coisa na qual pode pensar para confortar alguém que está de luto?

— Era a número um da minha lista.

Ótimo.

— A lista tem sete milhões de entradas. Quer ouvir a número dois?

— É o silêncio?

— Isso nem faz parte da lista.

— Coloque-a no número dois.

— Tudo bem, eu... ah.

Abaixei o rádio, seguindo pelo caminho familiar. Eu precisava fazer alguma coisa, e eles não me deixariam voar. Mas talvez eu conseguisse resposta para uma questão.

Em algum lugar no quartel-general da FDD havia a gravação completa da Batalha de Alta. E eu ia encontrá-la.

37

Quando cheguei à Base Alta, já tinha um plano bem sólido. Tudo girava ao redor da única pessoa que eu conhecia que tinha acesso às gravações das batalhas.

O escritório de Cobb era uma coisinha que ele mantinha imaculadamente limpo e esterilizado para todos os efeitos pessoais. Nenhuma foto na parede, nenhum livro nas prateleiras.

Hoje ele estava sentado na escrivaninha estreita, lendo alguns relatórios e marcando-os com caneta vermelha. Ele ergueu os olhos quando bati na janela, depois voltou ao trabalho.

Entrei pela porta aberta.

— FM está procurando por você — ele comentou, colocando uma folha de papel em outra pilha. — Eu falei que não sei onde fica a sua caverna. Mas se quiser contatar os demais, sintonize 1250 no seu rádio. É a banda da casa de Arturo.

— Obrigada. — Inspirei profundamente, preparada para dizer as palavras cuidadosamente planejadas. — Senhor, espero não ter problemas com isso, mas Jorgen e eu fomos até o lugar do acidente e pegamos o broche de Arrojada. Para a família dela. — Dei um passo adiante e coloquei-o sobre a mesa. — Ele entrou em contato com o apoio de solo e avisou que passaríamos.

Cobb suspirou.

— Bem, acho que não é proibido. — Ele pegou o broche. — Você liberou isso com o pessoal de resgate?

— Ah, não, senhor.

— Isso significa mais papelada para mim — ele disse.

— Demos a ela um funeral de piloto — contei. — O melhor que conseguimos fazer. Pode dizer isso para a família dela, em meu nome?

Ele guardou o broche.

— Eles vão gostar disso, cadete. E duvido que a equipe de salvamento vá reclamar quando eu falar isso para eles. Mas tente não me arrumar mais problemas esta semana.

— Tentarei, senhor — respondi, procurando uma boa maneira de passar para o que eu realmente queria. Algo que não levantasse muita suspeita de Cobb. — Eu gostaria de usar meu tempo de algum modo. Esse tanto de licença é meio frustrante.

— A licença médica é realmente um tiro no pé — Cobb concordou. — Eu gosto de Thior. Ela fica insistindo para conseguir coisas como aconselhamento para pilotos. São boas ideias, mas ela precisa entender que a última coisa que um bando de soldados de luto precisa é de mais tempo livre.

— Eles não vão me deixar voar ou treinar, mas talvez... — Eu pretendia fingir que era uma ideia que me ocorrera na hora. — Talvez eu pudesse assistir às batalhas antigas? Para aprender com elas?

— O arquivo fica no edifício H — Cobb respondeu, apontando. — Eles têm fones de ouvido que você pode usar para assistir às batalhas. Vai precisar do meu código de autorização para a porta. Dois, seis, quatro, zero, sete.

Uma dúzia de argumentos diferentes – que eu tinha preparado para convencê-lo a me dar isso – morreu nos meus lábios.

Isso foi... fácil.

— Hum, obrigada — falei, tentando não mostrar o quanto estava animada. — Acho que vou, hum, para lá, então.

— Supostamente os cadetes não podem usar o arquivo. Se tiver problemas, diga que foi buscar alguma coisa para mim e vá embora. Farei a papelada para isso, se for necessário. Malditos burocratas. — Cobb passou uma folha de uma pilha para a outra. — E, Spin?

— Senhor?

— Algumas vezes, as respostas de que precisamos não combinam com as perguntas que fazemos — ele me olhou. — E, algumas vezes, os covardes fazem os sábios de tolos.

Eu o encarei, então corei, pensando no que dissera para ele no dia anterior. Na raiva. *Só porque você quer justificar sua covardia, não quer dizer que temos que fazer o mesmo!*

— Eu... sinto muito, senhor, por...

— Vá logo. Não estou totalmente pronto para lidar com você ainda.

— Sim, senhor.

Saí do escritório. Aquela expressão nos olhos dele – ele sabia exatamente por que eu queria ver batalhas antigas. Ele percebera meu subterfúgio imediatamente.

Então, por que me dera o código para entrar?

Fui até o edifício indicado, usei o código e comecei a caminhar entre as estantes de arquivo. Muitas estavam repletas de livros antigos que pertenciam à tripulação da frota: histórias da Antiga Terra, escritos de filósofos. Em geral, coisas velhas, mas havia escritos modernos também. Manuais e histórias.

Pilotos andavam por ali, seus broches brilhando nos macacões azuis. Enquanto eu os observava, percebi por que Cobb me deixara fazer aquilo. Faltavam menos de

dois meses até a graduação. Por um lado, parecia incrível que tanto tempo tivesse se passado. Por outro, muita coisa acontecera naqueles poucos meses.

De qualquer modo, eu logo teria acesso ao lugar. Talvez Cobb soubesse que era inevitável que eu descobrisse os segredos, então não se importasse em me deixar saber agora. Ou será que ele temia que, de algum modo, me fosse negado esse privilégio, mesmo se eu me graduasse? Por isso ele estava garantindo que eu tivesse uma chance agora.

Não pedi ajuda; não podia arriscar que alguém percebesse a cor do meu broche e perguntasse por que uma cadete estava ali. Fucei pelo aposento mofado e silencioso demais até que encontrei uma parede repleta de pequenos estojos de metal com datas e nomes das batalhas nas lombadas. Tinham quase quatro centímetros quadrados, e eu observei quando uma piloto pegou um deles e o colocou na máquina de reprodução. Ela se inclinou para frente, apoiando os olhos no visor para assistir.

Era isso que eu queria, embora esses estojos só tivessem batalhas de cinco anos atrás. Dobrando a esquina, achei uma segunda sala. A porta estava fechada, mas as janelas nas laterais mostravam que havia mais estojos lá dentro. Experimentei o código de Cobb na porta.

Ela se abriu, e eu me esgueirei lá dentro com o coração batendo forte. Ninguém mais estava ali, e a estante baixa cheia de estojos de metal retrocedia até... a primeira. A Batalha de Alta. Havia mais algumas poucas antes dela, mas essa parecia brilhar na prateleira, acenando para mim.

Não havia espaços vazios na fileira. Aquelas gravações não eram retiradas com frequência. Tampouco havia máquina de reprodução para elas. Então eu devia simplesmente pegar e ir embora?

Ousada. Desafiadora. Mesmo que ultimamente você não se sinta nenhuma das duas coisas.

Coloquei o estojo na palma da mão e saí da sala. Nenhum alarme disparou. Quase sem acreditar, saí do edifício com meu prêmio na mão.

O segredo. Bem ali, entre meus dedos. Eu tinha uma dívida imensa com Cobb – não só por hoje, mas por tudo. Por me abrir espaço em sua classe, quando ninguém mais queria me dar uma chance. Por me aguentar todas aquelas semanas, por não me dar um soco na cara quando eu o chamei de covarde.

Eu compensaria tudo aquilo para ele, de algum modo. Guardei o cubo de dados no bolso e segui na direção do edifício de treinamento. Eu provavelmente conseguiria ligar aquilo ao meu cockpit, mas será que podia usá-lo enquanto estava de licença médica?

Eu estava tão entretida pensando naquilo que não percebi que passei por algumas pessoas até que uma delas me chamou.

— Espere. Spin?

Parei e me virei. Era FM, vestindo uma saia. Tipo, uma saia e uma blusa de verdade, com o cabelo loiro curto arrumado com presilhas prateadas.

— Pelas estrelas, por onde você andou? — ela disse, segurando-me pelo braço. — Na sua caverna?

— Onde mais eu estaria?

— Você está de licença — ela falou. — A autoridade dominadora relaxou seu controle sobre nós. Podemos sair da base.

— Saio da base toda noite.

— Isso é diferente — ela respondeu, puxando-me pelo braço. — Venha. Teve sorte que Flácida me mandou aqui para pegar uma coisa para ela.

— Kimmalyn? — perguntei. — Você a viu depois que ela se foi?

— Claro que sim. Não é como se ela tivesse mudado de planeta ou algo assim. Venha.

Não era provável que eu fizesse FM mudar de ideia quando ela estava em um de seus estados de espírito de organização, então eu me deixei ir atrás dela. Passamos pelos portões da base. Ao longo de uma fileira de edifícios, até um no qual eu nunca prestara muita atenção antes.

E que dava acesso a um mundo completamente novo.

38

O restaurante não era grande coisa, na verdade. Um monte de mesas cheias de pilotos mais jovens e cadetes. Luzes fracas. Um homem tocando percussão em um canto garantia um pouco de música.

FM me puxou até uma mesa onde Arturo estava sentado com o braço ao redor de uma garota que eu não conhecia – cabelo curto, pele morena. Kimmalyn estava maravilhada, sentada à mesa com uma bebida muito grande e *muito* roxa diante de si. Ao lado dela estava Nedd.

Nedd. Eu não o via há semanas. Desde aquela noite na plataforma de lançamento! Ele usava calça e camisa, e tinha uma jaqueta pendurada no encosto da cadeira. Era estranho vê-lo em roupas civis. Em especial ao lado de Arturo, que estava com o macacão de cadete.

Eu podia ouvir a voz descontraída de Nedd por sobre o zum-zum-zum das outras conversas no local.

— Eu nunca disse que era esse tipo de estúpido. Sou o outro tipo de estúpido. Você sabe, um estúpido adorável.

Arturo revirou os olhos, mas a garota ao lado dele inclinou o corpo para frente.

— Nedd — ela falou —, estúpido é estúpido.

— Não é, não. Você está falando com um especialista. Eu...

— Pessoal — FM interrompeu, apresentando-me com as mãos erguidas para o lado. — Olhem quem eu encontrei vagando pela base. Ela estava deprimida por não poder atirar em nada por alguns dias.

Nedd apontou com o polegar para FM.

— Viu? Ela é o outro tipo de estúpida.

FM deu um tapa na nuca dele, e ele sorriu. Então, se levantou e me deu um abraço sufocante de urso.

— Bom ver você, Spin. Peça algo para comer. Arturo está pagando.

— Estou?

— Você é rico.

— Você também.

— Sou outro tipo de rico. O tipo pobre.

— Ah, pelo amor da Santa — Arturo exclamou.

— Não use o nome da Santa em vão — Kimmalyn disse.

— Você faz isso o tempo todo!

— Sou religiosa. Você não é. Então, eu posso.

Nedd sorriu, usando o pé para enganchar uma cadeira na mesa ao lado e puxá-la até nós. Ele acenou para que eu sentasse.

Sentei, hesitante. Ainda estava distraída pela gravação no bolso do macacão. Ao mesmo tempo, ver Nedd e Kimmalyn me fez sentir acolhida. Isso era algo de que eu precisava.

Tentei esquecer a gravação por um momento.

— Spin, esta é Bryn — Arturo apresentou, apontando para a garota sentada perto, bem perto, dele. — Uma amiga de antes da escola de voo.

— Eu honestamente não sei como vocês o aguentam — ela falou. — Ele fingia saber tudo antes de se tornar piloto. Deve estar impossível agora.

Ele deu um soquinho de brincadeira no ombro dela, sorrindo. Sim, era claro que esse era um relacionamento estabelecido. Como eu nunca soubera que Arturo estava comprometido?

Eu saberia, pensei, *se já tivesse passado algum tempo fora da aula com o restante deles...*

Alguns segundos mais tarde, FM colocou alguma coisa roxa e borbulhante diante de mim, juntamente com uma cesta de tiras de algas fritas. Ela se acomodou em sua cadeira e jogou uma bolsinha para Kimmalyn.

— Achei seu colar — ela disse. — Embaixo da cama.

— Obrigada, querida — Kimmalyn respondeu, abrindo a bolsinha e olhando dentro. — Eu realmente estava muito fora de mim quando fui embora, não é?

— Vocês vão voltar para a FDD? — perguntei. — Vão falar com Cobb? Eles precisam de pilotos. Talvez pudéssemos conseguir que aceitem vocês de volta.

Nedd e Kimmalyn trocaram olhares, e depois Nedd tomou um longo gole de sua bebida.

— Não — ele disse. — Cobb disse que a maioria da classe iria desistir. Então, estavam esperando isso, certo? Eles não vão nos aceitar. E não sei se poderia fazer isso com a minha mãe, depois...

Silêncio. A conversa na mesa morreu.

— Eu posso não voltar, mas pelo menos me tornei cadete — Kimmalyn comentou, se animando. — Meus pais estão orgulhosos e os artilheiros na Abundante só falam sobre mim.

— Mas... quero dizer... voar... — falei, embora soubesse que devia deixar para lá.

— Não somos como você, Spin — Nedd explicou. — Voar era ótimo. Eu voltaria sem pensar, mas tem alguma coisa na FDD... a cultura, o fato de jogarem cadetes na batalha, o desespero...

FM fez sinal de positivo com os dois polegares para ele. Kimmalyn apenas olhou para o colo. Ela provavelmente estava pensando no mesmo que eu. A FDD tinha motivos para se desesperar. Quando os cadetes voavam, não era só pela prática – ou mesmo porque a FDD fosse insensível às vidas. Era porque precisávamos de mais pilotos no ar, ainda que sem experiência.

Tendo crescido em Ígneo, eu sabia que a luta contra os Krell era um empreendimento valente e perigoso. Mas antes de vir para Alta, nunca percebi quão perto do abismo estávamos.

Fiquei de calada porque não queria deprimir ninguém. A conversa se voltou para o grande jogo do dia anterior – o antigo time de Arrojada tinha vencido. Nedd ergueu o copo, os demais também, e eu me juntei a eles. Tomei um gole da minha bebida roxa e quase cuspi. Era tão doce.

Tentei disfarçar experimentando uma das fritas. Minha boca explodiu com o sabor e eu fiquei paralisada, com os olhos arregalados. Eu praticamente me senti derreter. Já tinha experimentado alga frita antes, mas nem de perto tão boa quanto aquela. O que eram esses temperos?

— Spin? — Arturo perguntou. — Você parece alguém que acabou de levar um pisão no pé.

Ergui uma frita, com meus dedos trêmulos.

— Tão. BOM.

— Ela está vivendo de ratos nos últimos meses — FM destacou. — Suas papilas gustativas estão com atrofia séria.

— Você tem um jeito único com as palavras, FM — Kimmalyn observou. — Diferente de tudo que já ouvi!

— Quantas dessas posso comer? — perguntei.

— Pedi a cesta toda para você — FM comentou. — Afinal, Arturo está pagando.

Comecei a enfiá-las na boca – de um jeito cômico, de propósito. Mas, honestamente, eu queria comer o máximo possível, antes que eu despertasse, ou alguém me chutasse dali, ou alguma coisa explodisse.

Bryn riu.

— Ela é agressiva.

— Você não tem ideia — Arturo falou, sorrindo enquanto ela brincava com um cacho de seu cabelo.

Caramba. Era criminoso o pouco que eu sabia sobre meus companheiros de esquadrilha.

— Onde está Jorgen? — perguntei de boca cheia.

— Ele não teria vindo — Nedd falou. — Importante demais para nós.

— Mas vocês nem o convidaram? — eu quis saber.

— Não — Arturo respondeu.

— Mas ele não é amigo de vocês?

— É por isso que sabemos que ele não viria — Nedd observou. — Conte, como vai o velho Cobb? Está dizendo algum xingamento interessante ultimamente?

— Spin acabou com ele na última vez que conversaram — Kimmalyn observou.

Engoli minhas fritas.

— Eu estava errada em dizer o que disse.

— Se você não diz o que está pensando — Kimmalyn comentou, solenemente —, a coisa fica em sua mente.

— Você o desconstruiu — FM afirmou, erguendo um dedo. — Ele estava defendendo a mesma coisa que estava negando!

Olhei para a cesta, que de algum modo já estava vazia. FM a pegou e foi até o balcão, provavelmente para pegar outra. Eu consegui ouvir a fritadeira, e o cheiro forte e penetrante no ambiente fez a minha boca se encher de água mais uma vez. Isso não era caro demais, era? Será que eu me importava com isso nesse instante?

Experimentei a bebida de novo – ainda doce demais. FM colocou outra cesta de fritas diante de mim, felizmente, e eu a ataquei. Os temperos eram tão bons. Um sabor que fazia minha boca despertar, como de um longo sono.

Os outros continuaram a se lembrar de Arrojada – as vozes marcadas pela mesma dor que eu sentia. Eles sabiam. Eles entendiam. Eu não estava sozinha, não aqui.

Acabei contando o que Jorgen e eu tínhamos feito. Eles ouviram atentamente os detalhes.

— Eu teria ido com vocês — Arturo garantiu. — Você acha que Cobb me deixaria segurar o broche dela por um instante, se eu pedisse? Antes de devolver para a família?

Bryn esfregou seu braço enquanto ele olhava para a mesa.

— Lembra da vez que ela apostou que conseguia comer mais empadas de algas do que eu no jantar? — Nedd perguntou.

— Ela acabou no chão — FM falou, saudosa. — No chão, largada ali, gemendo. Reclamou a noite toda, afirmando que as empadas estavam lutando em seu estômago.

Os outros riram, mas Arturo só encarou seu copo. Ele parecia... vazio. Ele quase morrera naquela batalha. Com sorte, a equipe de solo já estaria com sua nave funcionando novamente quando nossa licença terminasse.

Isso, claro, me fez pensar no trabalho que Lad estava fazendo em M-Bot. E no fato de que eu devia a ele. *Muito*.

— FM — eu disse. — O que acha de caras inteligentes?

— Já estou comprometido — Arturo falou com um sorriso.

FM revirou os olhos.

— Depende. De quão bonito estamos falando?

— Bonito de um jeito reservado.

— Moças, já estou comprometido — Arturo repetiu.

— FM só namoraria alguém das classes baixas — Nedd comentou. — Para desafiar os poderes constituídos. Um tipo de amor jurado, impossível, é o único que FM aceitaria.

— Minha vida inteira não é baseada em ser uma rebelde, Nedd — ela disse.

— É mesmo? — Nedd perguntou. — Que tipo de bebida você escolheu?

Percebi, pela primeira vez, que a bebida dela era laranja, enquanto a de todos os demais era roxa.

Ela revirou os olhos de novo.

— Você é estúpido.

— Do tipo certo?

— Do tipo irritante.

— Vou aceitar isso.

As brincadeiras continuaram, e eu me recostei, desfrutando minhas fritas até que Bryn se levantou para usar o banheiro. Com a saída dela, apenas minha esquadrilha estava presente, e fiquei me coçando de vontade de dizer uma coisa para eles, agora que estávamos fora do quartel-general da FDD, onde eu sempre sentia como se alguém estivesse observando.

— Podemos conversar sobre uma coisa? — eu disse por fim, interrompendo uma história que Nedd estava contando. — Fico pensando nas perguntas que Arturo fez na aula certa vez. Não é estranho que enfrentemos um inimigo por oitenta anos e só tenhamos uma vaga ideia da aparência dele?

Kimmalyn assentiu.

— Não é conveniente que os Krell nunca mandem mais do que cem caças para um ataque individual? As plataformas de defesa lá no campo de detritos explicam muito sobre os motivos pelos quais ainda vivemos aqui, mas essa questão me incomoda. Os Krell não poderiam mandar o dobro e nos sobrepujar?

— É suspeito — FM concordou. — Muito.

— Você diria que isso não importa — Nedd falou.

— E, nesse caso, você discorda? — FM perguntou.

Ele não respondeu.

— Não podemos ser os únicos a fazer essas perguntas, certo? — prossegui. — Então, será que a FDD não sabe mesmo as respostas? Ou será que está escondendo?

Como estavam escondendo a verdade sobre meu pai.

— Ok, para bancar o advogado do diabo — Arturo falou —, talvez eles simplesmente não compartilhem esse tipo de informação privilegiada com cadetes e não combatentes. Sei que não gosta da almirante, Spin... e tem bons motivos... mas o registro dela é excelente e ela tem conselheiros muito bons.

— Mesmo assim, estamos perdendo — argumentei, puxando minha cadeira para mais perto da mesa, tentando falar baixo. — Vocês todos sabem que estamos. Em algum momento, os Krell vão nos pegar.

Os outros ficaram em silêncio e Arturo olhou ao redor para ver se alguma das outras mesas ocupadas estava perto o bastante para nos ouvir.

— Eles não querem que façamos essas perguntas — Kimmalyn comentou. — Lembra daquela vez no jantar, quando Arturo estava falando? Como o oficial que passava por perto lhe disse para calar a boca? Todo mundo, exceto Cobb, interrompe qualquer conversa sobre essas questões difíceis.

— Eles precisam de cabeças-ocas — FM acrescentou. — Pilotos que façam cegamente o que lhes é dito e nunca expressem uma gota de originalidade, compaixão ou alma.

A namorada de Arturo reapareceu, voltando para nossa mesa. Eu me inclinei para mais perto deles.

— Apenas pensem nisso — falei baixinho. — Porque eu estou pensando. — Coloquei a mão sobre o bolso e senti o cartão de dados guardado lá dentro.

A conversa se voltou para outros tópicos, mas FM olhou para mim e sorriu com um brilho no olhar. Como se estivesse orgulhosa das minhas perguntas. Ela parecia pensar que eu sempre fora algum tipo de zumbi Desafiadora, que sofrera lavagem cerebral, mas ela não me conhecia. Não sabia que eu vivera a maior parte da vida apartada da sociedade, vagando pelos túneis e recolhendo coisas velhas.

De qualquer forma, eu gostaria que os Desafiadores fossem mais corajosos, mais heroicos – mais como nas histórias da Vozinha. Mas suponho que FM e eu podíamos concordar em uma coisa nessa área: a liderança atual da FDD deixava muito a desejar.

Deixei que FM – bem, Arturo – me comprasse uma terceira cesta de fritas. Então, depois de um tempo, eu me despedi. Tinha gostado da refeição com eles, porém havia algo mais que eu precisava fazer.

Era hora de encontrar algumas respostas.

39

Lad já tinha ido embora quando voltei para minha caverna, embora aparentemente tivesse feito um bom progresso com o propulsor. Doomslug estava sentada em uma rocha perto da asa, e cocei sua cabeça enquanto seguia até a nave e entrava no cockpit.

Eu tinha uma sensação estranha de... inevitabilidade. Eu levava no bolso segredos há muito guardados. As respostas, por fim, ao que acontecera com meu pai. Por que, de repente, eu estava tão relutante?

Fechei o cockpit.

— M-Bot, você sabe como rodar o holograma de uma coisa como essa? — Segurei o estojo de metal, mostrando os conectores do fundo.

— Sim — ele respondeu. — É um formato padrão. Vê a série de portas sob o painel, marcada como A-118? Você quer a porta que lê SSXB.

Segui as instruções, hesitando só um pouco antes de colocar o estojo.

M-Bot resmungou consigo mesmo.

— Ah. Curioso. Curioso.

— O quê?

— Estou estendendo o suspense para que você desfrute da surpresa.

— Não faça isso.

— Humanos preferem.

— Apenas me conte.

— Tudo bem, reclamona. Há uma grande quantidade de dados. Um mapa holográfico em 3D, mas também os dados originais do transponder da nave, sinais de rádio da batalha e até algumas gravações em vídeo de dentro dos alojamentos. Seria bem difícil de falsificar.

Falsificar. Eu não tinha pensado naquilo, mas agora descobria que estava ansiosa.

— Tem certeza?

— Eu notaria qualquer edição. Quer assistir?

— Sim.

Não.

— Então, desça.

— Descer?

— Meu projetor pode emitir uma pequena versão da batalha para que você assista.

Eu me levantei do cockpit, coçando a cabeça de Doomslug – ela se movera para o nariz da nave – e pulei no chão de pedra com um baque.

Uma batalha apareceu diante de mim. Quando Cobb nos via voar, tudo era pintado com cores vivas – naves vermelhas e azuis vibrantes. Em vez disso, M-Bot projetava as naves como miniaturas exatas. Elas voavam em ondas diante de mim, tão reais que eu não pude me impedir de estender a mão e tocá-las – o que as rompia em partículas granulares de algo que não era exatamente luz.

Os Krell apareceram na sequência, aparentando ser ainda mais inacabados do que hoje em dia. Menos regulares. Cabos pendurados em ângulos estranhos, asas com rasgos, criações remendadas de metal. Minha pequena caverna se transformou em um campo de batalha.

Eu me sentei e observei em silêncio. O projetor de M-Bot não emitia som. As naves subiam como labaredas de mortes silenciadas. Elas voavam como pernilongos sem asas ou zumbidos.

Eu conhecia a batalha. Tinha aprendido sobre ela, memorizado as táticas empregadas. Ao assistir, no entanto, eu podia senti-la. Antes, eu imaginava as grandes manobras enquanto, contra todas as perspectivas, quarenta combatentes humanos enfrentavam duas vezes e meia essa quantidade de inimigos. Eu imaginara uma defesa ousada. Beirando o desespero, mas sempre sob controle.

Agora que eu era piloto, contudo, podia sentir o caos. O ritmo aleatório da batalha. As táticas pareciam menos grandiosas – não menos heroicas, mas muito mais improvisadas. O que, na verdade, elevava a minha opinião sobre os pilotos.

Aquilo continuou por um bom tempo – mais tempo do que qualquer uma das escaramuças enfrentadas pela Esquadrilha Celeste –, e eu descobri quem ele era com facilidade. O melhor combatente em campo, aquele que liderava os ataques. Parecia arrogante pensar que eu podia reconhecer a nave do meu pai no meio daquela bagunça toda, mas havia algo no jeito como ele voava...

— Você pode identificar os pilotos? — perguntei.

Pequenos letreiros apareceram embaixo de cada nave, listando codinomes e designações.

ESPERANÇA SETE, o letreiro da nave mostrou. CODINOME: CHASER.

Arrogante ou não, eu identificara corretamente. Contra minha própria vontade, tentei mais uma vez tocar a nave e encontrei lágrimas em meus olhos. Garota tola. Sequei-as quando meu pai mergulhou com seu companheiro de voo. Codinome: Mongrel. Cobb.

Outra nave se juntou a eles. Codinome: Ironsides. Depois, mais duas que não reconheci. Codinomes: Rally e Antique. Essas cinco eram tudo o que restava da

frota original de oito do meu pai. As baixas na batalha eram altas; o que começara com quarenta naves agora tinha apenas vinte e sete.

Eu me levantei e caminhei atrás da nave do meu pai enquanto ela voava pela caverna. Os Primeiros Cidadãos lutavam freneticamente, mas sua coragem rendeu frutos quando conseguiram afastar os Krell. Eu sabia que isso aconteceria – mesmo assim, descobri que assistia ao holograma sem fôlego. Naves explodiam em pequenos clarões. Vidas oferecidas para fundar o que se tornaria a primeira sociedade estável e o governo de Detritus desde que os Desafiadores caíram aqui.

Essa sociedade e esse governo falharam. FM estava certa sobre quão injusto era tudo aquilo, quão simplista e autoritário. Mas era *alguma coisa*. E existia por causa dessas pessoas, desses pilotos, que desafiaram os Krell.

Perto do fim da batalha, os Krell recuaram para se reagrupar. Segundo meus estudos, eu sabia que eles fariam mais um ataque antes de finalmente voltarem para o céu. As linhas de batalha humanas se reorganizaram, os caças se reagruparam e eu quase podia ouvi-los fazendo as confirmações verbais de status.

Eu conhecia aquele momento. O momento no qual...

Uma nave, a nave do meu pai, se separou do grupo. Meu coração quase parou. Minha respiração falhou.

Mas ele voou para cima.

Saltei em cima de uma rocha, depois na asa de M-Bot, tentando seguir meu pai, que voava cada vez mais alto no céu. Estendi a mão e podia imaginar o que ele vira. De algum modo eu sabia o que era – meu pai tinha visto um buraco entre os detritos, como aquele que aparecera para mim. Aquele que eu vi pela segunda vez voando em M-Bot, quando os detritos se alinharam do jeito certo.

Eu percebia algo nesse desaparecimento dele. Não era covardia, de jeito algum. Para mim, esse movimento – voar para cima – era óbvio. A batalha durara mais de uma hora. Depois dessa pausa desesperada, com os inimigos se reagrupando para outro ataque, meu pai estava preocupado com a possibilidade de perder a batalha.

Então, ele fizera algo desesperado. Ele fora ver de onde os Krell vinham. Para tentar detê-los. Senti um calafrio, observando-o voar para cima. Ele estava fazendo o que sempre me dissera.

Ele estava tentando mirar em algo mais alto.

Sua nave desapareceu.

— Ele não fugiu — falei. Sequei as lágrimas dos olhos mais uma vez. — Ele rompeu formação. Ele pode ter desobedecido ordens. Mas ele *não fugiu*.

— Bem — M-Bot observou —, isso...

— É isso que estão encobrindo! — eu disse, olhando para o cockpit de M-Bot. — Eles o rotularam de covarde porque ele voou para cima quando não deveria fazer

isso.

— Você devia...

— Cobb sabia o tempo todo. Deve tê-lo quebrado por dentro. É por isso que ele não voa; sente culpa pelas mentiras que ajudou a perpetuar. Mas o que meu pai viu? O que aconteceu com ele? Ele...

— Spensa — M-Bot me interrompeu. — Vou avançar um pouco a gravação. Veja.

Uma fagulha de luz, como uma estrela, desceu do alto da caverna. A nave do meu pai voltando? Estendi o braço na direção dela e a nave holográfica passou direto, atravessando a minha mão. Quando meu pai alcançou as outras quatro naves de sua esquadrilha, ele acionou o PIM e derrubou seus escudos.

Espere. *O quê?*

Enquanto eu assistia, os Krell retornaram em um súbito ataque final. Meu pai fez uma volta perfeita e disparou seus incineradores, destruindo um de seus companheiros de esquadrilha.

Isso... não pode ser...

Codinome Rally morreu em um clarão de fogo. Meu pai deu a volta, juntando-se aos Krell, que não dispararam nele, mas o *ajudaram*, enquanto ele atacava outro membro da sua antiga esquadrilha.

— Não! — vociferei. — Não, é uma mentira!

Codinome Antique morreu tentando fugir do meu pai.

— M-Bot, esse não é ele! — eu gritei.

— Os sinais vitais são os mesmos. Não consegui ver o que aconteceu lá em cima, mas é a mesma nave, com o mesmo piloto. É ele.

Ele destruiu outra nave diante dos meus olhos. Ele era um terror no campo de batalha. Um desastre de aço e fogo.

— Não.

Ironsides e Mongrel se reuniram, seguindo meu pai. Ele abateu mais alguém. Era o quarto Primeiro Cidadão que ele matava.

— Eu... — Eu me sentia vazia. Caí sentada no chão.

Mongrel atirou. Meu pai desviou, mas Mongrel continuou atrás dele, caçando-o. Até que finalmente acertou um disparo.

A nave do meu pai explodiu em um pequeno inferno, os pedaços se espalhando diante de mim, caindo como detritos ardentes.

Eu mal assisti ao restante da batalha. Só fiquei encarando o lugar em que a nave do meu pai desaparecera. Depois de um tempo, os humanos venceram. O restante da frota Krell fugiu derrotada.

Catorze sobreviventes.

Vinte e cinco mortos.

Um traidor.

O holograma desapareceu.

— Spensa? — M-Bot falou. — Posso ler seu estado emocional como aturdida.

— Tem certeza de que os dados não podem ser falsificados?

— A plausibilidade dessa gravação ser falsificada sem minha capacidade de detectar? Considerando a tecnologia do seu povo? Altamente improvável. Em termos humanos, não, Spensa. Não há como isso ser falso. Eu... sinto muito.

— Por quê? — sussurrei. — Por que ele faria isso? Ele estava ao lado dos Krell o tempo todo? Ou... o que ele viu lá em cima?

— Não tenho dados que possam ajudar a responder a essas perguntas. Tenho gravações de voz da batalha, mas a minha análise considera como conversa normal de um conflito como esse... Pelo menos até que seu pai viu o buraco no céu.

— Toque — pedi. — Deixe-me ouvir.

— *Consigo escutar as estrelas*.

Eu tinha pedido, mas ouvir a voz do meu pai novamente – depois de todos aqueles anos – ainda me atingia com uma onda de emoção. Dor, amor. Naquele momento, eu era uma garotinha novamente.

— *Consigo vê-las também, Cobb* — meu pai disse. — *Como vi hoje, mais cedo. Um buraco no campo de detritos. Posso passar por ele*.

— *Chaser!* — Ironsides falou. — *Permaneça em posição*.

— *Eu consigo atravessar, Judy. Tenho que tentar. Tenho que ver*. — Ele fez uma pausa, e sua voz ficou mais suave. — *Posso ouvir as estrelas*.

A linha ficou em silêncio por um curto tempo. Em seguida, Ironsides disse:

— *Vá. Confio em você*.

O áudio foi interrompido.

— Depois disso — M-Bot comentou —, seu pai voou até o campo de detritos. Os sensores não gravaram o que aconteceu lá em cima. Então, aproximadamente cinco minutos e trinta e nove segundos depois, ele volta e ataca.

— Ele diz alguma coisa?

— Só tenho uma gravação curta — M-Bot confirmou. — Presumo que queira ouvi-la?

Eu não queria. Mas tinha que ouvir mesmo assim. Com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, ouvi enquanto M-Bot reproduzia a gravação. O canal aberto, com muitas vozes falando no caos da batalha. Eu ouvi distintamente Cobb gritando com meu pai:

— *Por quê? Por quê, Chaser?*

Então, quase inaudível sobre a algazarra, a voz do meu pai. Baixa. Triste.

— *Vou matar vocês* — ele disse. — *Vou matar* todos *vocês*.

E a caverna ficou em silêncio novamente.

— É a única vez que o encontrei falando depois que ele retornou — M-Bot explicou.

Balancei a cabeça, tentando entender tudo aquilo.

— Por que a FDD não tornou isso público? Eles não tiveram problema em condená-lo como covarde. Por que esconder a verdade, quando ela era muito pior?

— Eu posso tentar imaginar. Mas temo que, sem mais informações, eu esteja simplesmente inventando coisas.

Fiquei em pé e subi no cockpit de M-Bot. Apertei o botão de fechar, travando o dossel, e depois apaguei as luzes.

— Spensa?

Eu me encolhi.

E fiquei deitada ali.

40

Saber da traição do meu pai sangrava como um ferimento físico dentro de mim. No dia seguinte, eu mal saí da cama. Se tivesse aula, eu teria perdido.

Meu estômago respondeu ao meu estado de espírito, e eu me sentia fisicamente doente. Náusea, enjoo. Mas eu tinha que comer e, depois de um tempo, eu me obriguei a juntar alguns cogumelos insossos da caverna.

Lad trabalhava afastado, em silêncio, soltando e prendendo fios. Ele me conhecia o suficiente para não me incomodar depois que viu que eu não estava me sentindo bem. Eu odiava parecer doente diante dos outros.

Eu não conseguia decidir se queria compartilhar aquela novidade com ele. Não tinha certeza de que queria falar com alguém sobre aquilo. Se eu não falasse sobre o assunto, talvez pudesse fingir nunca ter descoberto a verdade. Talvez pudesse fingir que meu pai não fizera aquelas coisas horríveis.

Naquela noite, M-Bot tentou várias (e terríveis) formas de me animar, aparentemente rodando uma lista de métodos de apoio emocional. Eu o ignorei e, de algum modo, consegui dormir.

Na manhã seguinte, eu me sentia um pouco melhor fisicamente – mas ainda um desastre emocionalmente. M-Bot não falou comigo enquanto eu esfolava alguns ratos e, quando perguntei o que havia de errado, ele disse:

— Alguns humanos gostam que lhes deem tempo para lamentar sozinhos. Vou parar de falar com você por dois dias, para ver se o isolamento proporciona o apoio necessário. Por favor, desfrute os estágios do luto.

Nos momentos posteriores... eu meio que apenas existi. Vivi sob uma verdade iminente e sinistra. Ironsides e Cobb haviam mentido sobre meu pai – mas tinham mentido para tornar seu crime *menos* terrível. Eles protegeram a nossa família. Se eu fora tratada tão mal por ser a filha de um covarde, o que teria acontecido com a filha de um traidor?

De repente, tudo o que Ironsides fizera comigo ganhava sentido. Meu pai matara vários membros de sua própria esquadrilha. Amigos dela. Não era de estranhar que aquela mulher me odiasse. O incrível era que Cobb não sentisse o mesmo.

Mais quatro difíceis dias se passaram. Eu os vivi caçando de vez em quando, mas, em geral, em silêncio, ajudando Lad com o propulsor. Ele tentou saber

algumas vezes como eu me sentia, e eu quase contei para ele. Mas, por algum motivo, não consegui. Não era uma verdade que eu gostaria de compartilhar. Nem com ele.

Por fim, eu precisava tomar uma decisão. Nossa licença tinha acabado. Eu voltaria? Poderia encarar Cobb? Poderia continuar agindo como uma pirralha insubordinada, cuspindo nos sapatos da almirante, agora que eu sabia a verdade?

Poderia viver e voar com essa vergonha?

Acontece que a resposta era sim.

Eu *precisava* voar.

Entrei na sala de treinamento às 0630, a primeira da classe. Claro, só sobravam quatro de nós nesse ponto.

Os cockpits de simulação pareciam ter passado por algum tipo de manutenção durante a nossa licença. Embora os funcionários não estivessem ali naquele momento, os assentos tinham sido removidos e a lateral do equipamento de Jorgen estava aberta, com a fiação interna exposta.

FM abriu a porta, usando um macacão limpo e um novo par de botas. Arturo a seguiu, conversando baixinho com ela sobre o jogo ao qual tinham ido na noite anterior. Fiquei com a impressão de que Nedd gostava de FM, já que ele conseguira os ingressos.

— Ei — FM disse ao me ver. Ela me deu um abraço e um tapinha no ombro, então minha tristeza aparentemente ainda era visível. Meu ar de guerreira forte já era.

Cobb empurrou a porta com expressão distraída, tomando um café com cheiro forte e lendo alguns relatórios. Jorgen o acompanhava, caminhando com seu costumeiro ar distinto.

Espere. Quando eu comecei a vê-lo como "distinto"?

— Cobb — Arturo disse, apontando para um dos cockpits. — Ninguém falou para eles que a nossa licença acabou? Como vamos praticar?

— A holoprática basicamente acabou para vocês — Cobb explicou, mancando sem erguer o olhar. — Vocês só têm cinco semanas até deixar a escola de voo. De agora em diante, vão passar a maior parte do tempo em máquinas de verdade. Vamos nos encontrar na plataforma de lançamento todas as manhãs.

— Ótimo — eu disse, com um entusiasmo que eu não sentia.

Cobb acenou com a cabeça na direção da porta, e nós corremos para o corredor. Arturo seguiu ao meu lado.

— Eu gostaria de poder ser mais como você, Spin — ele comentou enquanto caminhávamos.

— Como eu?

— Sempre tão íntegra e ousada — ele acrescentou. — Eu realmente *quero* voar de novo. Quero, sim. Ficarei bem.

Ele parecia estar tentando convencer a si mesmo. Como seria a sensação de quase morrer, como acontecera com ele? Levar um tiro quando seu escudo estava desligado? Eu tentei imaginar seu pânico, a fumaça no cockpit, a sensação de impotência...

— Você é ousado — respondi. — Está voltando ao cockpit... essa é a parte importante. Não deixou que isso o abalar.

Por algum motivo, vindo de mim, aquilo realmente pareceu fortalecê-lo. Como ele se sentiria ao saber que as minhas emoções não eram nem de perto tão "íntegras" ou tão "ousadas" quanto ele presumia?

Colocamos nossos trajes de voo e seguimos para a plataforma de lançamento, passando por nossos Pocos em fila. Mas o lugar de Arturo estava vazio, e eu o encontrei conversando com Siv, uma integrante da equipe de solo. Ela era uma mulher alta e mais velha, com cabelo branco curto.

— Você vai precisar voar com o Celeste Seis, Anfi — ela estava dizendo para Arturo. E então apontou: — Ainda não consertamos a sua nave.

Eu olhei na direção da área de reparos, onde dava para ver o nariz de um Poco.

— Qual é o problema? — Arturo perguntou.

— Já consertamos o propulsor — Siv contou. — E testamos o anel de aclive, mas tivemos que tirar a ignição do escudo. Ainda estamos esperando a peça substituta, devemos receber um lote na próxima semana. Por isso você foi designado para o Celeste Seis, a menos que queira voar sem escudo.

Relutante, Arturo caminhou até a antiga nave de Kimmalyn. Eu continuava com a Celeste Dez. Era um pouco difícil pensar nela como "minha" nave, com M-Bot lá na caverna. Mas a Dez fora boa para mim. Era uma boa combatente.

Em vez do membro da equipe de solo habitual esperando para ajudar a me prender ao cockpit, encontrei Cobb parado ali, segurando meu capacete.

— Senhor? — perguntei.

— Parece que está tendo um dia difícil, Spin — ele comentou. — Precisa de mais tempo?

— Não, senhor.

— Eu tenho que reportar seu status à equipe médica. Talvez você devesse entrar e falar com eles. Encontrar-se com um dos novos conselheiros de Thior.

Ergui a mão, segurando o pequeno estojo de dados que eu tirara da biblioteca. O segredo que, no final, eu realmente *não* queria saber.

— Estou bem, senhor.

Ele me analisou e depois pegou o estojo de dados. Entregou-me o capacete, que inspecionei, encontrando os sensores do lado de dentro.

— Sim — Cobb confirmou. — Ainda estão monitorando seu cérebro.

— Eles encontraram alguma coisa importante? — Eu ainda não sabia o que fazer com tudo aquilo, mas a ideia de espionagem médica no meu cérebro enquanto eu voava me deixava desconfortável.

— Não tenho permissão para dizer, cadete. Embora eu tenha a impressão de que estão ansiosos para começar a testar todos os novos cadetes, usando os dados que recolheram de você.

— E você realmente quer que eu vá lá dentro conversar com os conselheiros deles? Para que possam fazer mais testes estranhos comigo? — Fiz uma careta. Já tinha problemas suficientes sem me perguntar por que os médicos estavam preocupados com o meu cérebro.

— Você não devia ter medo de médicos — ele falou, guardando o estojo no bolso dianteiro da camisa e tirando algo de lá. Uma folha de papel dobrada. — A doutora Thior é uma boa pessoa. Veja isto, por exemplo.

Curiosa, peguei a folha de papel e li.

Autorização para liberar as restrições da Cadete Spensa Nightshade, estava escrito. *Cadete com privilégios totais. Memo #11723*.

Estava assinado pela almirante Judy Ivans.

— O quê? — perguntei. — Por quê?

— Depois de sua visita ao médico, alguém deu uma dica para a doutora Thior, explicando que você estava vivendo no deserto e sendo forçada a caçar sua própria comida. A doutora fez o maior escarcéu sobre você estar isolada de sua esquadrilha, e a almirante finalmente recuou. Você pode dormir e comer no edifício da escola agora.

Senti um alívio súbito, quase esmagador. *Ah, pelas estrelas*. Lágrimas encheram os cantos dos meus olhos.

Caramba, por melhor que essa notícia fosse, era o momento errado. Eu já estava em um estado emocional frágil. Estava prestes a perder o controle bem aqui na plataforma de lançamento.

— Eu... — mas me contive. — Eu me pergunto quem deu essa dica para a doutora Thior.

— Um covarde.

— Cobb, eu...

— Não quero ouvir isso — ele falou, apontando para o cockpit. — Coloque o cinto. Os outros estão todos prontos.

Ele estava certo, mas eu precisava perguntar.

— Cobb? É... verdade? O que aconteceu na gravação da Batalha de Alta? Meu pai... ele fez aquilo?

Cobb assentiu.

— Dei uma boa olhada nele enquanto estávamos em combate aéreo. Passamos perto o suficiente para que eu pudesse ver bem dentro do cockpit. Era ele, Spensa. A expressão zangada em seu rosto me assombra desde aquele dia.

— Por quê, Cobb? Por que ele faria aquilo? O que aconteceu lá em cima, no céu? *O que ele viu?*

Cobb não respondeu. Gesticulou para que eu subisse a escada, então eu me recompus e obedeci. Ele me seguiu na escada e ficou parado ali, no lugar do membro da equipe de solo, enquanto eu me arrumava no cockpit.

Mais uma vez inspecionei o capacete, com os estranhos sensores dentro.

— Eles realmente acham que podem dizer o que acontece no meu cérebro? — perguntei. — Eles acham que podem determinar se eu... se eu farei o que meu pai fez?

Cobb segurou a beirada do cockpit, inclinando-se para dentro.

— Você não sabe, filha, mas está no centro de uma discussão que dura há gerações. Algumas pessoas dizem que seu pai prova que a covardia é genética. Eles acham que há algum defeito dentro de vocês.

A expressão de Cobb ficou sombria, sua voz fez-se mais baixa.

— Eu acho que isso é uma total bobagem. Não sei o que aconteceu com seu pai... Não sei por que meu amigo tentou me matar, nem por que eu fui obrigado a abatê-lo. Tê-lo matado me assombra até hoje; não acho que eu consiga voar de novo. Mas uma coisa na qual *não posso* acreditar é que alguém está destinado a ser covarde ou traidor. Não, eu não posso aceitar isso. Eu *nunca* aceitaria isso.

Ele apontou para o céu.

— No entanto, Ironsides acredita. Ela tem certeza de que, inevitavelmente, você se tornará uma covarde ou uma traidora. Você vai provar que ela está errada voltando para o céu e se tornando uma piloto exemplar... tão perfeita que qualquer um se sinta envergonhado de questioná-la.

— E... e se eles estiverem certos? E se eu for uma covarde ou se eu acabar...

— Não faça perguntas estúpidas, cadete! Prenda seu cinto. Sua esquadrilha está pronta!

— Sim, senhor! — falei imediatamente, prendendo o cinto. Enquanto eu levava o capacete à cabeça, Cobb segurou meu braço.

— Senhor? — perguntei.

Ele pensou por um momento. Olhou para um lado, depois para o outro.

— Você já viu alguma coisa estranha, Spin? Na escuridão?

— Como o quê?

— Olhos — ele disse, baixinho.

Estremeci e, de repente, meu cockpit pareceu gelado.

— Centenas de pequenos olhos — ele disse. — Abertos na escuridão, cercando você. Como se a atenção do universo inteiro naquele momento estivesse focada em você e apenas em você.

M-Bot não dissera algo sobre... sobre olhos?

— Seu pai dizia coisas como essas antes do incidente — Cobb explicou, visivelmente abalado. — E ele dizia... ele dizia que podia *ouvir* as estrelas.

Como a Vozinha, pensei. *Como ele disse bem antes de voar lá para cima*. Ele estava falando sobre o antigo exercício que a Vozinha ensinara, aquele em que alguém imaginava voar entre as estrelas? Ou havia algo mais?

Houve algumas ocasiões em que eu tive certeza de ouvi-las lá em cima...

— Pela sua expressão horrorizada posso ver que você acha que eu comecei a delirar como um louco de repente — Cobb disse. — Parece bobeira, não é? — Ele se recompôs. — Bem, não importa. Se por algum motivo você vir algo como descrevi, me conte. Não fale com mais ninguém, nem mesmo com seus companheiros de esquadrilha, e *nunca* diga nada sobre isso pelo rádio. Ok, Spensa?

Assenti, aturdida. Eu quase lhe contara o que eu ouvira, mas me contive. Cobb era o único aliado de verdade que eu tinha, mas naquele momento entrei em pânico. Eu sabia que se contasse para ele que achava ter ouvido as estrelas, ele me arrancaria do cockpit.

Então, segurei minha língua enquanto ele descia da escada. Ele me dissera para falar com ele se eu *visse* alguma coisa, não se eu *ouvisse* alguma coisa. E eu nunca vira nada do tipo. Olhos? *Centenas de pequenos olhos, abertos na escuridão, cercando você...*

Estremeci de novo e coloquei o capacete. Talvez eu não estivesse na minha melhor forma hoje. Abalada, enjoada pelas notícias, e agora completamente confusa. Mas eu sabia que, se não voltasse para o ar, eu enlouqueceria com certeza.

Então, quando Jorgen nos mandou decolar, eu fiz isso.

41

Duas semanas mais tarde, eu estava me sentindo um pouco mais estável enquanto voava com meu Poco por uma sequência de vales, percorrendo a superfície do planeta.

— Não vejo nada — falei pelo canal da esquadrilha.

— Nem eu — FM disse. Ela estava voando ao meu lado.

— O truque é permanecer alerta ao longo da patrulha — uma voz feminina comentou em nossos capacetes. — Ser um bom batedor não tem a ver com ser capaz de ver bem; é ser capaz de manter a atenção em um trabalho monótono. É não deixar a sua mente vagar em devaneios.

Bem, estou encrencada, pensei.

— Se vocês terminarem em uma equipe de batedores — a mulher de codinome Blaze continuou —, vão receber uma nave classe Val, que em vez do incinerador 138 Stewart tem apenas um 131, com muito menos poder de fogo. Mas seu sistema de sensores é melhor, tem maior alcance e mais detalhes. Mesmo assim, é complicado pegar um inimigo Krell voando sob o radar... mas, felizmente, eles com frequência usam a mesma tática de tentar se esgueirar pela artilharia antiaérea. Uma vez que saibam o que eles vão fazer, podem prever seus movimentos.

A mesma velha máxima. Se soubesse o que o inimigo faria, você tinha vantagem. Eu tentei isso, na batalha em que Arrojada morreu. Salvei Kimmalyn, mas deixei a minha companheira de voo sozinha.

Ninguém me culpava; sair e proteger Kimmalyn fora o movimento certo. Mas eu ainda remoía aquilo.

E... eu já não estava prestando atenção. Tentei voltar meu foco para a busca pelos Krell, mas eu sabia que não era feita para esse tipo de trabalho. Eu precisava de algo que me envolvesse, que me consumisse, como um bom tiroteio.

Blaze continuava a nos dar dicas. Como identificar o rastro de uma nave voando baixo pelos padrões da poeira. Como os Krell se moviam pelos vales quando tentavam se esconder dos scanners. Como dizer se alguém ao longe era uma nave ou uma ilusão de ótica. Era uma coisa boa e importante. Mesmo se não fosse para mim, eu estava feliz por Cobb nos fazer experimentar os diversos papéis de combate. Isso expandia minha experiência, fazia-me transformar táticas como "voo flanqueado", "naves reserva" e "equipes batedoras" em coisas reais.

Ouvi um estalo no céu. Nosso treinamento com os batedores estava acontecendo durante uma batalha de verdade.

— Como você lida com a emoção disso? — Arturo perguntou na linha. — De ficar explorando, quando... você sabe...

— Quando todos os outros estão lutando, talvez morrendo? — Blaze perguntou.

— Sim — Arturo confirmou. — Cada instinto que tenho diz que eu deveria voar em direção à batalha. Isso parece... covarde.

— Não somos covardes! — Blaze exclamou, erguendo a voz. — Voamos em naves com uma fração do armamento até de um Poco. E se interceptarmos um Krell, podemos ter que lutar e retardá-los nós mesmos para ganhar tempo e...

— Desculpe! — Arturo a interrompeu. — Eu não quis dizer isso!

Blaze suspirou.

— Não somos covardes. A FDD deixa muito claro que não somos. Mas você pode ter que lidar com... um olhar de vez em quando. É parte do sacrifício que todos fazemos para garantir que as Cavernas Desafiadoras permaneçam em segurança.

Fiz uma sequência cuidadosa de curvas, tentando usar o tempo para praticar minhas manobras em baixa elevação. Depois de um tempo, a queda de detritos atrás de nós parou, e Cobb nos chamou de volta.

Entramos em formação, fizemos as confirmações verbais, voamos de volta para a base e aterrissamos. Enquanto esperava a equipe de solo, acabei olhando para o refeitório, e um pequeno sorriso tomou meus lábios. Eu me lembrava de ter batido ali no holograma do primeiro dia.

Uma onda de culpa apagou meu sorriso. Só fazia três semanas que Arrojada morrera. Eu não devia sentir alegria.

Siv subiu na escada, então eu abri o cockpit e tirei o capacete, entregando-o em seguida para ela.

— Bela aterrissagem — ela disse. — Algo que devemos olhar na nave hoje?

— A esfera de controle parece estar pegando em algum lugar — comentei. — Ela tenta voltar para mim quando eu a movo.

— Daremos uma boa engraxada no mecanismo esta noite — ela garantiu. — Como está o botão de recepção? Ainda prendendo? Nós... — Ela se calou quando, em uma plataforma ali perto, um caça classe Camdon aterrissou com fumaça saindo do lado esquerdo de sua fuselagem. Siv xingou e deslizou pela lateral da escada, e saiu correndo com vários outros membros da equipe de solo.

Sentindo-me doente ao ver aquela pobre nave, eu desci e me juntei a Jorgen, que estava de pé à beira da nossa plataforma de lançamento. Encaramos o fogo.

Vários outros caças aterrissaram ali perto e um parecia – incrivelmente – ainda pior. Caramba. Se esses eram os sobreviventes, quantos pilotos tínhamos perdido?

— Você estava ouvindo o canal de rádio dos líderes de voo? — perguntei.

— Sim — Jorgen respondeu. — Eles foram flanqueados e depois alvejados por uma esquadrilha dupla de naves inimigas. Como se os Krell estivessem tentando abater especificamente esses caças, ignorando todos os demais.

Soltei o ar enquanto Arturo e FM se juntavam a nós, todos observando em silêncio enquanto a equipe de solo tirava o piloto quase inconsciente da nave em chamas, salvando sua vida. Outros cobriam a nave com espuma.

— Spin, você estava certa no outro dia — Arturo comentou. — Quando disse que a FDD está perdendo essa guerra.

— Não estamos perdendo — Jorgen falou. — Não fale assim.

— Eles estão em número muito maior do que nós — Arturo disse. — E está piorando. Posso mostrar as estatísticas. Os Krell continuam reabastecendo sua frota e nós não conseguimos acompanhá-los.

— Sobrevivemos por anos — Jorgen afirmou. — Sempre pareceu que estivéssemos à beira da perdição. Nada mudou.

Arturo e eu trocamos olhares. Nenhum de nós acreditava naquilo.

Depois de um tempo, Jorgen nos chamou para participar do relatório pós-batalha com Cobb. Fomos até o edifício de treinamento e, estranhamente, encontramos Cobb parado do lado de fora. Ele conversava com algumas pessoas na entrada.

Arturo ficou onde estava.

— O que foi? — perguntei para ele.

— Aquela é a minha mãe — Arturo respondeu, apontando para a mulher que falava com Cobb. Ela usava um uniforme militar. — Caramba.

Ele apressou o passo, praticamente correndo, enquanto se aproximava de Cobb e de sua mãe. Eu corri para alcançá-lo, mas Jorgen me segurou pelo ombro e impediu.

— O que foi? — sussurrei. — O que está acontecendo?

Adiante, Cobb prestou continência quando Arturo chegou. Tipo, ele realmente prestou continência para Arturo. Olhei para Jorgen e os lábios dele estavam apertados. Dei um passo adiante, mas ele me puxou para trás de novo.

— Dê privacidade para eles — ele pediu. FM parou ao nosso lado, observando, sem falar nada. Ela também parecia saber o que estava acontecendo.

Cobb entregou algo para Arturo. Um broche?

Arturo olhou para o broche e estava prestes a jogá-lo no chão, mas sua mãe segurou seu braço. Gradualmente, Arturo relaxou. Relutante, prestou continência para Cobb. Arturo olhou para nós e prestou continência para nós também.

Sua mãe se afastou, e Arturo lentamente se virou e a seguiu, acompanhado por dois homens de terno.

Cobb veio mancando até nós.

— Alguém, por favor, pode me dizer o que acabou de acontecer? — exigi saber. — Vamos. Uma pista pelo menos? Eu deveria me preocupar com Arturo?

— Não — Jorgen respondeu. — Os pais dele o tiraram da FDD. Isso está sendo planejado há semanas, desde que ele quase foi abatido. Eles ficaram em pânico. Em *off*, é claro. Ninguém admitiria ter medo pelo filho.

— Alguns pauzinhos foram mexidos — Cobb contou. — A almirante se comprometeu. Arturo ganha um broche de piloto, mas não se forma.

— Como isso funciona? — FM perguntou.

— Não faz nenhum sentido — concordei. — Ele não se forma, mas se torna um piloto formado?

— Ele foi aposentado com honras do serviço — Cobb explicou. — Oficialmente, é porque ele precisa supervisionar os voos de carga para sua família. Quando temos necessidade de peças de ignição, precisamos desses carregamentos das outras cavernas. Vamos lá, vocês três. Vamos fazer nosso relatório.

Cobb saiu andando, Jorgen e FM o seguiram. Aqueles dois pareciam resignados, como se esse tipo de coisa fosse esperado.

Não os segui. Eu me sentia indignada por Arturo. Os pais dele simplesmente o arrancavam dali daquele jeito?

Jorgen espera que o mesmo aconteça com ele, lembrei. *Talvez todos eles estivessem prontos para isso. Os que vêm de famílias com muitos méritos, pelo menos*.

Parada ali, do lado de fora da escola, percebi pela primeira vez que eu era a única pessoa comum na esquadrilha que conseguira ir tão longe. Aquilo me deixou irracionalmente zangada. Como os pais dele *ousavam* protegê-lo, agora que estava ficando perigoso? Em particular contra a óbvia vontade dele?

Jorgen parou na porta, enquanto os outros continuaram para dentro.

— Ei — ele me chamou, olhando para trás. — Você não vem?

Eu me aproximei dele.

— Os pais de Arturo nunca iam deixá-lo voar de modo permanente — ele disse. — Estou honestamente surpreso que tenha levado tanto tempo para se assustarem.

— O mesmo vai acontecer com você? Seu pai virá buscá-lo amanhã?

— Ainda não. Arturo não vai entrar na política, mas eu vou. Precisarei ter algumas batalhas no currículo, como piloto de verdade, antes que meus pais me tirem.

— Então, um pouco de perigo, e depois você será protegido. Mimado. Mantido em segurança.

Ele estremeceu.

— Você percebe que os únicos que morreram na nossa equipe eram pessoas comuns? — falei. — Bim, Alvorecer, Arrojada. Nenhum morador das cavernas inferiores!

— Eles eram meus amigos também, Spin.

— Você, Arturo, Nedd, FM. — Coloquei o dedo no peito dele enquanto falava cada um dos nomes. — Vocês tiveram treinamento antes do tempo. Uma vantagem, para mantê-los vivos, até que suas famílias covardes consigam colocar algumas medalhas em vocês e exibi-los por aí como prova de que são muito melhores do que o resto de nós!

Ele segurou meus braços para me fazer parar de cutucá-lo, mas eu não estava zangada com *ele*. Na verdade, eu percebia em seu olhar que ele estava tão frustrado quanto eu. Ele odiava ser enquadrado assim.

Eu segurei a parte da frente do traje de voo dele com as duas mãos, apertando com força. Então, em silêncio, apoiei a testa contra seu peito. Frustrada e – sim – até *com medo*. Com medo de perder mais amigos.

Jorgen ficou tenso, depois soltou meus ombros. Provavelmente sem saber mais o que fazer, envolveu os braços ao meu redor. Devia ter sido constrangedor. Em vez disso, foi muito reconfortante. Ele entendia. Ele sentia a perda como eu.

— Eu mal consegui fazer parte de uma esquadrilha de verdade — sussurrei. — E ela está sendo desfeita. Um pedaço de mim está feliz por Arturo estar a salvo e por continuar a salvo, mas outro pedaço está zangado. Por que Arrojada não ficou a salvo, ou Bim?

Jorgen não respondeu.

— Cobb nos disse, naquele primeiro dia, que só um ou dois de nós conseguiria — prossegui. — Quem morre a seguir? Eu? Você? Por que, depois de décadas, não sabemos nem contra o que estamos lutando ou por que estamos fazendo isso?

— Nós sabemos o motivo, Spensa — ele disse, baixinho. — É por Ígneo, por Alta. Pela civilização. E você tem razão, o jeito como fazemos isso não é correto. Mas essas são as regras com as quais jogamos. As únicas regras que eu conheço.

— Por que tudo tem que ser baseado em regras para você? — perguntei, minha testa ainda apoiada no peito dele. — E quanto à emoção, e quanto aos sentimentos?

— Eu... eu não sei. Eu...

Apertei os olhos com força e fiquei assim. Eu pensava na FDD, em Alta e em Ígneo, e no fato de que eu não tinha mais nada para desafiar. Eu passara a vida lutando contra as coisas que diziam sobre meu pai.

Agora, o que eu faria?

— Eu sinto as coisas, Spin — ele disse, por fim. — Como agora, eu me sinto incrivelmente constrangido. Nunca pensei que você fosse o tipo que gostava de abraços.

Soltei a frente do traje dele, fazendo-o abaixar os braços.

— Você me agarrou primeiro — eu disse.

— Você estava me atacando!

— Batendo levemente com o dedo no seu peito, para enfatizar.

Ele revirou os olhos e o momento passou. Estranhamente, no entanto, enquanto nos juntávamos a FM e seguíamos para a nossa nova sala de aula, percebi uma coisa. Eu me sentia melhor. Só um pouco, mas considerando como minha vida andava ultimamente, eu estava disposta a pegar o que pudesse conseguir.

42

Alguns dias mais tarde, FM e eu comíamos com a Esquadrilha Tinteiro e a Esquadrilha Tempestade de Fogo, as outras duas esquadrilhas de cadetes que tinham começado ao mesmo tempo que nós. Entre eles, havia seis membros restantes, o que significava que, mesmo se juntassem todos nós, não dava para formar uma esquadrilha completa de dez pessoas.

A maior parte da conversa girava em torno da possibilidade de sermos ou não reunidos em uma única esquadrilha de cadetes. Se isso acontecesse, que nome manteríamos? FM argumentava que deveríamos inventar um novo nome, embora eu achasse que, já que ainda tínhamos nosso líder de voo – as outras duas haviam perdido os seus em algum ponto –, deveríamos ficar no comando.

Eu permaneci quieta, terminando minha refeição rapidamente. Parte de mim continuava esperando que a almirante entrasse e me expulsasse dali. A comida era incrível e, em vez do meu velho macacão remendado, eu conseguira requisitar três novos que me serviam perfeitamente.

Os outros cadetes estavam ficando ansiosos com a graduação.

— Eu vou ser batedor — disse Remark, um cara barulhento com cabelo de tigela. — Já recebi um convite.

— Chato demais — FM comentou.

— Sério? — perguntou uma das garotas. — Eu imaginava que isso fosse do seu agrado... com toda sua conversa sobre “agressão Desafiadora”.

— Isso é tão esperado — FM continuou. — Mesmo que eu seja muito boa nisso.

Enquanto escutava a conversa, eu me perguntava se FM também seria retirada por sua família, embora ela não parecesse tão importante quanto Jorgen, que estava fora, em outro compromisso de Estado. Eu me perguntava também como seria participar de um desses jantares chiques de governo. Imaginei o escândalo delicioso que eu causaria. A filha de um covarde infame?

Claro, todos seriam educados demais para dizer alguma cosia, então eles teriam que aguentar enquanto eu – sendo uma garota primitiva e bárbara – tomava a sopa fazendo barulho, arrotava alto e comia com as mãos, bem ignorante. Jorgen apenas reviraria os olhos.

A fantasia me fez sorrir, mas logo franzi o cenho para mim mesma. Por que eu estava pensando em Jorgen, entre todas as pessoas?

Os outros na mesa riram quando alguém mencionou o codinome de Arturo, que ninguém conseguia pronunciar.

— O treino de vocês deve estar silencioso agora que ele saiu — Drama, uma garota com um sotaque que lembrava o de Kimmalyn, comentou.

— Vamos sobreviver — FM respondeu. — Embora seja estranho agora que ele se foi. Não tem ninguém me explicando o tempo todo coisas que eu já sei.

— Que esquadrilha esquisita deve ser a sua — Drama falou. — Eu conheço Jorgen e aposto que ele não abre a boca, exceto para dar uma ordem ou recriminá-la. Certo? E Spin é obviamente quieta. Então, os voos de vocês devem ser silenciosos. Nossa linha está sempre cheia de conversas, mesmo restando apenas quatro de nós.

Os companheiros de esquadrilha dela se defenderam de maneira bem-humorada, mas fiquei surpresa com essa frase sobre mim. Quieta? Eles achavam que eu era quieta?

Eu supunha que andava bem reservada ultimamente. Mas quieta? Honestamente, eu não pensava que algum dia seria descrita desse jeito em toda a minha vida. Hum.

Depois que limpamos a mesa no fim do jantar, FM acenou com a cabeça em direção ao nosso alojamento.

— Vai descansar? Ou fazer exercícios físicos?

— Nenhum dos dois — respondi. — Acho que preciso de uma caminhada esta noite.

Na verdade, eu precisava ver M-Bot e Doomslug. Há dias que não os via.

— Aproveite. — Ela hesitou. — Ei, continua preocupada com Arturo? Ele ainda vai voar, só que não em missões.

— Claro — respondi. — Eu sei.

Pelas estrelas. Dias mais tarde, e ela ainda achava que eu precisava de consolo?

Deixei a base. Eu realmente devia ter ido fazer um pouco de exercícios físicos, mas sentia-me culpada por deixar M-Bot tão sozinho. Apareci algumas vezes para ajudar Lad com o propulsor, mas agora que eu vivia na base, era difícil encontrar tempo. Eu queria saborear os privilégios que me foram negados por tanto tempo.

As claraboias estavam escuras para indicar a noite, e o ar estava frio enquanto eu fazia a caminhada familiar pelo chão empoeirado. Era refrescante escapar das paisagens e dos cheiros de Alta e simplesmente estar sob o céu mais uma vez.

Cheguei à caverna e desci com a minha linha de luz, preparada para a inevitável sequência de reclamações. M-Bot *não* gostava dos meus novos arranjos

para dormir. Ele estava convencido de que apodreceria sozinho, com suas sub-rotinas de personalidade degradadas pela falta de uso.

Alcancei o chão da caverna.

— Ei — chamei, e minha voz ecoou.

— Ei! — Doomslug estava em uma pedra próxima. Eu a iluminei com a minha luz, caminhei até ela e cocei sua cabeça.

— Massacrebot? — falei na escuridão.

— Ainda temos que discutir esse apelido — ele disse. — Eu nunca concordei com isso.

— Se não escolher um bom codinome, alguém vai escolher por você. Você sabe como são essas coisas. — Eu sorri, aproximando-me da nave, esperando que ele saísse pela tangente. Mas ele ficou em silêncio enquanto eu me aproximava. Será que alguma coisa estava errada?

— Bem? — ele perguntou. — E aí?

— Hum... — *O que eu fiz desta vez?*

— Você está animada? Está prestes a estourar de alegria! Não é ótimo?

Ótimo?

O propulsor, percebi de repente. Lad finalmente tinha instalado. Eu fora péssima em acompanhar o progresso dele – estivera ocupada demais nessas últimas semanas. Mas as ferramentas tinham sumido, a área estava limpa, e um bilhete estava preso na parte de trás da fuselagem de M-Bot.

Doomslug estava sentada na asa perto do bilhete.

— Pedaço de lixo estúpido de imitação de vida inútil — ela disse em uma imitação assobiada da voz de Lad. — Caramba! Caramba! Caramba! Caramba, caramba e caramba!

— Cuidado, garota — eu disse. — Você será recrutada para a equipe de solo se continuar com essa boca.

Ela fez uma sequência de batidas, imitando o som de um martelo no metal – algo que provavelmente ouvira muito nessas últimas semanas.

Peguei o bilhete. *Pronto*, dizia. *Eu ia testá-lo, mas achei que devia dar a primeira chance para você. Além disso, eu não estranharia se a inteligência artificial batesse no chão comigo de propósito.*

Trabalhar nesta nave foi a experiência mais maravilhosa da minha vida (não conte isso a M-Bot). Os projetos que desenhei... as coisas que aprendi... Vou mudar a FDD, Spin. Vou transformar completamente o jeito como voamos e lutamos. Não só fui aprovado para o Corpo de Engenharia como me foi oferecido um posto em projetos. Começo amanhã.

Obrigado por me dar a chance de descobrir, neste trabalho, meus próprios sonhos. Aproveite a sua nave. Espero que ela seja, por sua vez, o que você sempre

sonhou que seria.

Abaixei o bilhete, olhando para as asas perigosas, com aparência de navalhas, de M-Bot. As luzes de pouso da nave piscaram, lançando um brilho por todo seu comprimento. Minha nave.

Minha. Nave.

— E aí? — M-Bot perguntou. — Vamos voar?

— Caramba, sim!

43

— Anel de aclive, ativo — M-Bot falou enquanto nos erguíamos lentamente no ar. — Propulsor principal e de manobras, ativos. Suporte de vida, ativo. Recursos furtivos e de comunicação, ativos. Lança de luz e explosão antiescudo PIM, ativos.

— Nada mal, Lad — comentei.

— Incineradores ainda estão inativos — M-Bot prosseguiu. — Assim como os recursos de autorreparo e o hiperdrive citônico.

— Bem, já que não sabemos o que é essa última coisa, vamos considerar uma bela vitória. Seus recursos furtivos estão ligados?

— Claro. Você prometeu que não íamos combater hoje. Certo?

— Nada de combate — prometi. — Só um voo rápido para testar esse propulsor.

Nós nos erguemos pelo teto falso da caverna, e eu me senti ficando mais tensa, animada. Eu voava todo dia, mas isso era diferente. De algum modo, o painel de controle de M-Bot fazia as naves mais complexas da FDD parecerem simples, por isso fiquei apenas com os botões que conhecia.

O céu aberto chamava. Eu tentava relaxar, acomodar-me em meu assento. A esfera de controle, o acelerador, o nivelador de altitude eram exatamente como os que eu conhecia. Eu conseguiria fazer aquilo.

— Está pronta? — M-Bot perguntou.

Em resposta, acionei a aceleração máxima.

Disparamos em frente e o gerenciamento avançado de forças g da nave imediatamente foi acionado. Eu esperava ser pressionada contra meu assento, mas mal senti, mesmo em aceleração máxima.

— Caraaaaaaamba — falei baixinho.

— É bom, não é? — M-Bot perguntou. — Sou muito melhor do que aquelas outras naves com as quais você desperdiça seu tempo.

— Pode acelerar mais rápido do que isso?

— Não com um propulsor. Mas sou projetado com dois espaços para dois propulsores menores sob as asas, então é possível.

Acelerávamos um pouco mais devagar do que um Poco – o que fazia sentido, considerando que éramos mais pesados do que uma dessas naves e usávamos o mesmo propulsor. Notei uma diferença real, no entanto, conforme ganhávamos

velocidade. Rapidamente passamos para Mag-6, Mag-7, Mag-8... Caramba, em um Poco, a nave estaria sacudindo até se desfazer naquele momento. Mas M-Bot atingiu Mag-10 e eu nem percebi. Era tão suave quanto se estivéssemos em Mag-1.

Tentei algumas manobras em velocidade e os controles eram incrivelmente responsivos. Já fazia algum tempo que eu não precisava compensar curvas por acidente, mas peguei o jeito rapidamente. Reduzi até a velocidade normal de combate aéreo, pratiquei alguns avanços e depois realizei algumas voltas com a nave espacial.

Tudo ia tão bem que acelerei para Mag-3 mais uma vez e fiz alguns movimentos complexos de batalha aérea. Guinadas, giros e uma curva fechada que terminava com aceleração máxima na descida.

Era perfeito. Aquilo era *perfeito*.

Eu realmente precisava compensar Lad por aquela coisa. Ou talvez Jorgen. Eu devia uma para ele, por me ajudar a conseguir o propulsor. Ele ficara aborrecido por ser obrigado a vir até a minha caverna – já que Jorgen ficava aborrecido com praticamente tudo –, mas certamente gostaria de voar. Subir bem alto, livre das restrições e expectativas e...

E... por que eu estava seguindo aquela linha de pensamento de novo? Balancei a cabeça, voltando para o voo.

— Pense no quão incrível você seria em batalha — comentei com M-Bot.

— Você prometeu.

— Eu prometi não levá-lo para combate esta noite — eu disse. — Mas nunca prometi não tentar fazê-lo mudar de ideia. Por que você tem medo?

— Não tenho medo. Estou seguindo ordens. Além disso, de que eu serviria em um combate? Não tenho incineradores.

— Você não precisa deles. Seu PIM está funcionando, assim como suas lanças de luz. Com a sua capacidade de manobra e essas ferramentas, você acabaria com os Krell. Eles perseguiriam nossa sombra e a nossa sombra consumiria a deles! Seria incrível!

— Spin — ele falou —, minhas ordens são para ficar fora de combate.

— Podemos achar um jeito de mudar isso. Não se preocupe.

— Hum... — Ele não parecia convencido. — Talvez... talvez possamos fazer algo para satisfazer seu estranho desejo humano sem entrar em uma batalha de verdade. Gostaria de emoção? E se eu projetasse uma batalha para você?

— Quer dizer, como em um simulador?

— Mais ou menos! Posso projetar um holograma em realidade aumentada bem no seu dossel, o que a fará pensar que está em uma situação de combate. Desse jeito, você pode fingir tentar se matar, enquanto eu não tenho que desobedecer às minhas ordens!

— Hum... — Fiquei curiosa. Bem, no mínimo, isso permitiria que eu testasse a capacidade de resposta dele em uma simulação. — Vamos nessa.

— Suba até onze mil pés e eu a jogarei direto na Batalha de Alta.

— Mas eu devolvi o estojo de dados para Cobb.

— Fiz uma cópia. — Ele hesitou por um momento. — Isso é ruim? Achei que talvez você quisesse...

— Não, está tudo bem. Mas é a única batalha que você pode simular para mim?

— É a única da qual eu tenho as representações em 3D adequadas. Isso é um problema? Ah! Seu pai. É a batalha na qual seu pai se tornou um traidor, algo que a deixa emocionalmente vulnerável por causa de seus sentimentos de traição e inadequação! Ops.

— Está tudo bem.

— Em vez disso, eu poderia tentar...

— Está *tudo bem* — repeti, levando a nave até a altitude que ele pedira, usando os propulsores de manobra para nos posicionar. — Comece a simulação.

— Ok, ok. Não precisa ficar aborrecida só porque eu insultei você.

Em um clarão eu apareci no meio de uma batalha.

Era como nas simulações, só que eu estava em uma nave de verdade. Tudo o que era holográfico brilhava e era levemente transparente, mas eu estava cercada por fantasmas – que tinham que ser assim para que eu pudesse distingui-los da realidade e evitar acidentalmente nos levar até um penhasco ou algo do tipo.

M-Bot disse que simplesmente projetava aquilo no meu dossel, mas parecia tudo tridimensional para mim. E a luta era incrivelmente realista, em particular quando acionei meu propulsor e segui em direção a ela – M-Bot até fez o possível para gerar sons no cockpit como se naves passassem zunindo por nós.

— Posso simular incineradores — M-Bot falou. — Embora você não tenha um instalado.

Sorri, e entrei em posição com dois caças da FDD. Então mergulhei, mirando em uma nave Krell que alguém tinha acertado com o PIM – M-Bot era capaz de editar a simulação –, e com isso meu alvo explodiu em um satisfatório clarão de luz.

— Tudo bem — eu disse. — Como ativo os sensores de proximidade?

— Posso ativá-los. Feito.

— Conveniente. O que mais você pode fazer com comandos verbais?

— Tenho acesso aos dispositivos furtivos e de comunicação e posso reiniciar o escudo para você. Segundo as leis galácticas, no entanto, sou proibido de controlar os propulsores e sistemas de armas, incluindo o PIM. Não tenho conexão física com esses sistemas, exceto para propósitos de diagnóstico.

— Tudo bem, então — assenti. — Ligue no canal do líder de voo. Deixe-me ouvir as gravações como se estivessem acontecendo em tempo real.

— Feito — ele respondeu e ligou o rádio. — Note que o áudio pode não estar sincronizado com o que você vê, conforme você interfere no progresso da batalha.

Concordei e então me joguei na luta.

Era magnífico. Eu avançava e atirava, disparava o PIM e acelerava. Girava no campo de batalha virtual cheio de luzes piscando, naves explodindo e caças desesperados. Eu pilotava minha nave com capacidade de manobra sem paralelo, e sentia que estava me adaptando a ela, ganhando vantagem crescente. Destruí quatro Krell em meia hora – um recorde pessoal –, sem sofrer nada além de alguns disparos de raspão no escudo.

E, o melhor de tudo, era seguro. Nenhum dos meus amigos estava em perigo. Era um nível completamente novo de simulação, mas sem ameaçar a vida de ninguém.

Medo, um pedaço de mim sussurrou. *Medo da batalha. Medo da perda*. Era uma voz quase constante agora.

Comecei a suar, meu coração batia forte. Concentrei-me em um Krell que havia sido alvejado com incineradores por outra nave. Aquele escudo deveria estar prestes a ser desativado. Eu mirei e...

Uma nave passou por mim, disparando incineradores, atacando na minha frente e levando a nave inimiga ao esquecimento. Eu o reconheci instantaneamente. Meu pai.

Outra nave entrou em posição atrás dele.

— M-Bot — eu disse, sentindo um tremor dentro de mim. — Me dê o áudio desses dois.

O canal crepitou e a conversa dos líderes de voo desapareceu. Em vez disso, eu estava em linha direta com meu pai e Mongrel.

— Belo tiro, Chaser — a voz de Cobb dizia. Parecia exatamente como ele, só que sem todo o cinismo. — Pelas rochas quentes, você está com tudo hoje!

Meu pai fez uma volta para trás. Eu me peguei indo atrás dele, do outro lado de Cobb. Voar como companheira de voo... do meu pai. O maior homem que eu conhecera.

O traidor.

Odeio você, pensei. *Como pôde fazer aquilo? Não parou para pensar em como seria para sua família?*

Ele avançou e eu o segui, bem ao lado da forma brilhante e transparente, enquanto ele perseguia duas naves Krell.

— Vou acionar o PIM. Veja se consegue pegá-los.

Tive que conter a súbita onda de emoções ao ouvir a voz do meu pai de novo. Como eu podia odiar e amar aquele homem ao mesmo tempo? Como eu poderia reconciliar a imagem que eu tinha dele – em pé, alto, naquele dia em que ele me levou à superfície – com as coisas terríveis que eu descobrira que ele havia feito?

Rangi os dentes e tentei me concentrar apenas na batalha. As naves Krell desviaram na direção de uma disputa de naves, quase colidindo com alguns caças da FDD. Meu pai os seguiu, fazendo uma curva. Cobb estava logo atrás.

Fiquei colada em meu pai, bem perto de sua asa. Naquele momento, a perseguição era tudo e o mundo ao meu redor desapareceu. Apenas eu, o fantasma do meu pai e a nave inimiga.

Seguir à direita.

Curva rápida para cima.

Virar e girar ao redor.

À direita de novo.

Ao redor daquela explosão.

Dei tudo o que eu tinha naquela perseguição e, mesmo assim, eu estava ficando lentamente para trás. As curvas do meu pai eram muito fechadas, seus movimentos eram precisos demais. Mesmo com a capacidade de manobra superior de M-Bot, meu pai era melhor do que eu. Ele tinha anos de experiência e sabia exatamente quando acelerar, quando virar.

E havia alguma coisa, alguma coisa mais...

Eu me concentrei na nave Krell. Ela virou à direita. Meu pai também. Virou para cima. Meu pai também. Virou à esquerda...

Meu pai virou à esquerda. E eu podia jurar que ele fizera isso uma fração de segundos *antes* do Krell.

— M-Bot — eu disse. — Cronometre as curvas do meu pai em relação às curvas da nave Krell. Por acaso ele está reagindo antes que o inimigo faça algo?

— Isso seria impossível... hum.

— O que foi? — perguntei.

— Acredito que o termo correto seja *CARAMBA*. Spensa, seu pai está se movendo antes do Krell. É só uma fração de segundo de diferença, mas está acontecendo. De algum modo, minha gravação deve estar dessincronizada. Acho altamente improvável que um humano seja capaz de adivinhar esses movimentos com tanta precisão.

Apertei os olhos, acionei a aceleração máxima e me lancei na perseguição. Eu me movi até estar dentro do contorno da nave do meu pai, enquanto o brilho do holograma me cercava. Não me concentrei nele, apenas na nave Krell, tentando permanecer dentro da imagem dela enquanto iniciava outra sequência de desvios.

Esquerda. Direita. Giro. Altitude...

Não dava. Meu pai fazia cada curva e virava exatamente no momento certo, e depois disparou o PIM na nave inimiga. Eles giraram um ao redor do outro em uma curva entrelaçada, como duas partes de uma trança. Perdi o passo completamente, fracassando na manobra complexa, enquanto meu pai – de algum modo – parou de acelerar no momento exato para ficar atrás do inimigo.

O Krell morreu em um clarão de luz.

Meu pai saiu do mergulho enquanto Cobb comemorava na linha. O jovem Cobb era bastante entusiasmado.

— Chaser — ele disse. — Eles estão recuando. Nós... nós vencemos?

— Não — meu pai respondeu. — Estão só reagrupando. Vamos voltar para junto dos outros.

Parei minha nave, observando Cobb e meu pai entrarem na fila.

— Foi um voo muito bom — Ironsides comentou pelo canal. — Mas, Chaser, tome cuidado. Você continua perdendo seu companheiro de voo.

— Blá-blá-blá — Cobb respondeu. — Chaser, pare de destruir tudo; está me fazendo ficar mal. Sinceramente, Ironsides.

— Estamos lutando pela sobrevivência de toda a humanidade, Mongrel. — Ironsides rebateu. — Eu gostaria de ver alguma maturidade em você de vez em quando.

Eu sorri.

— Ela parece Jorgen falando conosco.

Então eu me virei, olhando na direção dos Krell se reagrupando ao longe. Ali perto, os caças da FDD entravam em formação novamente.

Eu sabia o que aconteceria a seguir.

— Você viu o buraco nos detritos lá em cima? — Cobb perguntou. — Não é sempre que se vê um alinhamento tão grande dos... Chaser?

Olhei para cima, mas a simulação não se estendia até tão longe para me mostrar o buraco nos detritos do qual eles falavam.

— Chaser, qual é o problema? — Cobb perguntou.

— É o defeito? — Ironsides perguntou.

— Posso controlar o defeito — meu pai garantiu. — Mas...

O que era aquilo? Eu não ouvira aquela parte antes.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Consigo ouvir as estrelas. Também consigo vê-las, Cobb. — Meu pai disse. — Como vi hoje, mais cedo. Um buraco no campo de detritos. Posso passar por ele.

— Chaser! — Ironsides disse. — Permaneça em posição.

Essa parte eu ouvira antes. Temia ouvir de novo, mas não podia me obrigar a fazer M-Bot desligar.

— Eu consigo atravessar, Judy. Tenho que tentar. Tenho que ver. Posso *ouvir as estrelas*.

— Vá — sussurrei, junto com Ironsides. — Confio em você.

Ela confiou nele. Ele não desobedecera às ordens; ele fora com a permissão dela. Aquilo parecia um pequeno ponto positivo para mim, considerando o que ocorreu na sequência.

A nave do meu pai virou, o anel de aclive girando para apontar para baixo. Com o nariz da nave em direção ao céu, ele acionou o propulsor.

Eu o vi partir, com lágrimas se formando nos cantos dos meus olhos. Eu não podia ver aquilo. Não de novo. *Por favor. Pai...*

Estendi o braço em sua direção. Acenei com a mão, por mais tolo que o gesto fosse e... e com...

Com mais alguma coisa.

Ouvi algo lá em cima. Um som como o de mil notas musicais entrelaçadas. Imaginei a mim mesma, como a Vozinha sempre ensinara, flutuando para cima. Alcançando as estrelas...

Meu cockpit escureceu, deixando-me em uma escuridão completa. E então, ao meu redor, um milhão de pontinhos de luzes apareceu.

Depois os pontinhos se abriram. Um milhão de olhos brancos, como estrelas, todos voltados diretamente para mim. Focados em mim. *Vendo-me*.

— Desligue isso! — gritei.

A escuridão desapareceu. Os olhos desapareceram.

Eu estava novamente no cockpit.

Lutei para conseguir recuperar o fôlego, inspirando e expirando, hiperventilando.

— O que foi aquilo? — exigi saber, frenética. — O que você me mostrou? O que eram aqueles olhos?

— Estou confuso — M-Bot respondeu. — Eu não fiz nada. Não sei do que está falando.

— Por que você não tocou aquela parte inicial da conversa da última vez? Por que estava escondendo isso de mim?

— Não sei por onde começar! — M-Bot continuou. — Achei que você queria ouvir a parte sobre as estrelas!

— E aquela conversa sobre um defeito? Você sabia sobre isso?

— Humanos têm muitos defeitos! — ele respondeu, com a voz chorosa. — Eu não entendo. Posso processar mil vezes a velocidade do seu cérebro, mesmo assim não consigo acompanhá-la. Sinto muito. Eu não sei!

Levei as mãos à cabeça, meu cabelo úmido de suor. Apertei os olhos com força, inspirando e expirando.

— Sinto muito — ele disse mais uma vez, com a voz ainda mais baixa. — Achei que isso alegraria você, mas fracassei. Eu deveria ter previsto que a sua frágil psique humana seria impactada pela...

— *CALE A BOCA*.

A nave ficou em silêncio. Eu me encolhi no cockpit, tentando me agarrar à minha própria sanidade. O que acontecera com a minha confiança? Onde estava a criança que tinha tanta certeza de poder enfrentar toda a frota Krell sozinha?

Ficou para trás, como toda minha infância...

Eu não podia dizer quanto tempo fiquei sentada ali, passando as mãos pelo cabelo suado, balançando o corpo para frente e para trás. Uma dor de cabeça severa me atingiu, uma dor penetrante atrás dos olhos, como se alguém tentasse arrancar meus globos oculares do crânio.

A dor me deu foco. Ajudou a me recompor, até que por fim fiquei ciente do fato de que ainda estava pairando ali. Sozinha sobre um campo vazio, na escuridão da noite.

Apenas volte, disse para mim mesma. *Tente dormir um pouco*.

De repente, aquilo parecia a única coisa que eu queria no mundo. Lentamente, no início, eu me ajeitei nos controles e nos coloquei na direção das coordenadas da nossa caverna.

— Tenho medo da morte agora — M-Bot disse baixinho enquanto voávamos.

— O quê? — perguntei com voz rouca.

— Escrevi uma sub-rotina — ele disse. — Para simular a sensação de temer a morte. Eu queria saber como era.

— Isso foi estúpido.

— Eu sei. Mas não posso desligar porque tenho ainda mais medo disso. Se eu não temer a morte, isso não seria pior?

Levei a nave até a caverna e nos posicionei sobre o buraco aberto no teto.

— Estou feliz de ter conseguido voar com você — M-Bot comentou. — Pela última vez.

— Isso parece uma despedida — eu disse, com alguma coisa dentro de mim estremecendo.

— Tenho algo que preciso dizer para você, mas estou preocupado em lhe causar mais estresse emocional.

— Fale logo.

— Mas...

— Apenas fale.

— Eu... eu tenho que desligar. Está claro para mim agora que, se eu deixá-la me levar para o céu, você não será capaz de evitar a batalha. Está em sua natureza.

Se isso continuar, eu inevitavelmente serei obrigado a desobedecer às minhas ordens.

Recebi aquilo como um golpe físico, recuando. Certamente ele não estava dizendo o que eu achava que ele estava dizendo.

— Esconder-me — ele disse enquanto descíamos para dentro da caverna. — Fazer um balanço. Não entrar em brigas. Essas são as minhas ordens e eu devo obedecer ao meu piloto. Então essa será a última vez que voamos juntos.

— Eu consertei você. Você é *meu*.

Nós aterrissamos.

— Agora vou desativar — ele prosseguiu. — Até que meu piloto me desperte. Sinto muito.

— Seu piloto está morto há séculos! Você mesmo disse isso!

— Sou uma máquina, Spensa — ele explicou. — Posso simular emoções. Mas não as tenho. Eu tenho que seguir a minha programação.

— Não, você não tem! Nenhum de nós tem!

— Agradeço por me consertar. Tenho certeza de que... meu piloto... ficaria agradecido.

— Você vai se desligar — falei — para sempre. Você vai morrer, M-Bot.

Silêncio. As luzes do console começaram a se apagar, uma por vez.

— Eu sei — ele disse baixinho.

Abri o dossel do cockpit, soltei o cinto de segurança e me levantei.

— Tudo bem! — gritei. — Tudo bem, morra como os outros!

Desci e me afastei enquanto suas luzes de aterrissagem se apagavam, até que só algumas delas, as vermelhas, continuaram acesas no cockpit.

— Não faça isso — pedi, sentindo-me muito sozinha de repente. — Voe comigo. Por favor.

As luzes se apagaram, deixando-me na escuridão.

44

Nos dias que se seguiram, treinei em naves que pareciam lentas. Comuns. Muito inferiores ao lado daquele tempo transcendente no cockpit de M-Bot. Não ajudava o fato de usarmos caças pesados: classe Largo, que eram armados até os dentes com incineradores e também com alguns mísseis PIM.

Depois daquilo, passamos para caças classe Slatra, que eram mais como ônibus espaciais ou naves de carga do que caças estelares de verdade. Eles tinham várias ignições de escudo que trabalhavam em conjunto para manter uma barreira constante para proteger cargas ou indivíduos particularmente importantes.

Embora tivessem seu lugar, esses dois modelos eram muito volumosos para derrotar ou ultrapassar os Krell. Era por isso que a maioria dos pilotos voava em caças classe Poco ou classe Fresa. Naves mais rápidas, capazes de enfrentar de igual para igual os interceptadores Krell.

Mesmo praticando em um Fresa relativamente rápido, cada volta, cada aceleração, levava-me a pensar na capacidade de resposta que M-Bot tinha. Aquilo fazia com que eu me perguntasse se era finalmente a hora de contar para a FDD sobre ele. M-Bot havia me abandonado. Sua programação estava obviamente corrompida. Por isso, seria perfeitamente justificável enviar um grupo de engenheiros até a caverna para desmontá-lo.

Ele era só uma máquina. Então por que eu não podia fazer aquilo?

Você tem livre-arbítrio, eu dissera para ele. *Você pode escolher por si mesmo...*

— Atenção, Spin! — FM falou, trazendo-me de volta de supetão. Eu avançara para perto demais dela. Caramba, eu precisava manter a minha atenção no voo.

— Desculpe — respondi.

Ocorreu-me que havia desvantagens em ter treinado em simulações, onde podíamos fazer bobagem e simplesmente sermos reinseridos em uma batalha. Eu poderia ter desenvolvido alguns maus hábitos que conseguiriam me atrapalhar agora que estávamos voando em naves de verdade – com consequências de verdade.

Fizemos alguns exercícios complexos em formação de três naves, alternando quem ficava na ponta. Por fim, Cobb nos chamou de volta à base.

— Spin e FM — ele falou —, vocês são melhores em naves menores.

— Não somos todos melhores nelas? — Jorgen perguntou. — Treinamos em Pocos durante meses.

— Não — Cobb respondeu. — Você parece ser dar bem em um Largo.

— Ele está dizendo que você é lento, Jorgen — FM observou. — Certo, Spin?

Dei um grunhido como resposta, distraída com os pensamentos sobre M-Bot. E meu pai. E Arrojada. E lembranças daqueles *olhos* cercando-me, como Cobb advertira. E...

E caramba. Era muita coisa para carregar de uma só vez.

— Ela gosta quando eu voo devagar — Jorgen respondeu com uma risada forçada. — É mais fácil para ela bater em mim, se quiser. — Mesmo depois de todos aqueles meses, ele *ainda* se lembrava da vez que eu o vencera batendo em sua nave. Desliguei a linha, sentindo-me envergonhada, frustrada.

Começamos o voo de volta do dia, e – irritantemente – a linha direta de Jorgen se acendeu. Como líder de voo, ele podia chamar a minha atenção por ter desligado a ligação.

— Spin — ele disse. — Qual é o problema?

— Nada.

— Não acredito nisso — ele falou. — Você deixou passar uma oportunidade perfeita para tirar sarro de mim.

Eu... eu queria falar para ele. Quase falei, mas algo me impediu. Meus próprios temores, talvez. Eles me impediram de contar para Lad o que eu descobrira sobre meu pai e me impediram de contar para Cobb – ainda agora – o que eu vira.

Meu mundo inteiro despencava ao meu redor. E eu lutava para me manter em pé, agarrando-me a algo em que sempre pudera me basear antes – a minha confiança. Eu queria tanto ser quem eu havia sido, a garota que podia ao menos fingir que tudo estava bem.

Jorgen cortou a ligação e voamos até Alta em silêncio. Uma vez ali, fizemos as confirmações sonoras adequadas e aterrissamos.

— Belo trabalho hoje — Cobb comentou. — Consegui permissão para vocês tirarem meio dia de folga, para se prepararem para a formatura em duas semanas.

Tirei meu capacete e o entreguei para a moça da equipe de solo. Então, letárgica, eu a segui escada abaixo. Troquei meu traje de voo sem pensar, mal falando com FM. Depois coloquei as mãos nos bolsos do macacão e comecei a vagar pelos jardins da FDD.

Meio dia de folga. O que eu faria com todo aquele tempo? Antes, eu teria voltado para trabalhar em M-Bot, mas não agora. Aquilo se fora. E, embora eu tivesse escrito para Lad para contar – secretamente – que o voo inicial funcionara, eu não contara que a nave havia se desligado. Estava preocupada que ele insistisse em entregar M-Bot para a FDD.

Depois de um tempo, peguei-me no pomar, bem do lado de fora do muro da base. Mas as árvores serenas não me ofereciam o mesmo consolo de antes. Eu não

sabia mais o que queria, mas certamente não eram algumas árvores.

Notei a fileira de pequenos hangares perto do pomar. Um deles estava aberto, revelando um carro azul lá dentro e uma sombra movendo-se enquanto Jorgen pegava alguma coisa no porta-malas.

Vá lá, uma parte de mim insistia. *Converse com ele, com alguém. Pare de ter medo*.

Segui até a frente da garagem. Jorgen fechou o porta-malas do carro e me encarou, surpreso por me ver ali.

— Spin? — ele perguntou. — Não me diga que precisa de outra matriz de energia.

Suspirei profundamente.

— Uma vez você disse que se precisássemos conversar com alguém, poderíamos procurá-lo. Disse que era a sua função como líder de voo conversar conosco. Estava falando sério?

— Eu... — Ele abaixou os olhos. — Spin, eu copiei aquela frase do meu manual.

— Eu sei. Mas você estava falando sério?

— Sim. Por favor, qual é o problema? É a partida de Arturo?

— Na verdade, não — respondi. — Embora também seja parte. — Envolvi meu corpo com os braços, como se tentasse me conter. Como eu poderia dizer aquilo? Como vocalizar aquilo?

Jorgen deu a volta no carro e se sentou no para-choque dianteiro.

— O que quer que seja, posso ajudar. Posso consertar.

— Não conserte — pedi. — Apenas escute.

— Eu... Ok.

Entrei na garagem e me empoleirei no para-choque ao lado dele, olhando para fora, pela porta aberta do hangar. Para cima, na direção do céu, e para os distantes padrões do campo de detritos.

— Meu pai — falei — ... era um traidor. — Suspirei profundamente. Por que era tão difícil dizer aquilo? — Eu sempre lutei contra a ideia — continuei. — Eu tinha convencido a mim mesma de que não podia ser verdade. Mas Cobb me deixou ver a gravação da Batalha de Alta. Meu pai não fugiu, como todo mundo diz. Ele fez algo pior. Mudou de lado e abateu nossas próprias naves.

— Eu sei — Jorgen disse baixinho.

Claro que ele sabia. Todo mundo sabia, exceto eu?

— Você sabe algo sobre uma coisa chamada defeito? — perguntei.

— Já ouvi o termo, Spin, mas meus pais não me explicaram o que é. Dizem que é tolice, o que quer que seja.

— Acho... acho que é alguma coisa dentro de uma pessoa que a faz servir aos Krell. Isso é loucura? De repente meu pai se juntou a eles e abateu seus próprios companheiros de esquadrilha. Alguma coisa deve ter acontecido, alguma coisa estranha. Isso é óbvio. Descobrir que eu estava errada sobre ele abalou tudo o que sei. Ironsides me odeia porque ela confiou em meu pai e ele a traiu. Ela tem certeza de que eu tenho a mesma falha dentro de mim e vem usando sensores em meu capacete para testar isso de algum jeito.

— Isso é estúpido — ele falou. — Olhe, meus pais têm muitos méritos. Podemos ir até eles e aí... — Ele inspirou profundamente, e deve ter notado a expressão em meu rosto. — Certo. — continuou. — Não consertar, só ouvir?

— Só ouvir.

Ele assentiu.

Envolvi os braços ao redor do meu corpo novamente.

— Não sei se posso confiar nos meus sentidos, Jorgen. Há... sinais que meu pai exibiu antes de mudar de lado. Sinais que vejo em mim mesma.

— Como o quê?

— Ouvir o som das estrelas — sussurrei. — Ver milhares de pontos de luz que eu podia jurar serem olhos, observando-me. Parece que estou perdendo o controle de tudo na minha vida ou que talvez nunca tenha tido controle de nada desde o início. E... Jorgen, isso é apavorante.

Ele se inclinou para a frente, apertando as mãos.

— Você sabe sobre o motim a bordo da *Desafiadora*? — ele perguntou.

— Houve um motim?

Ele assentiu.

— Supostamente, eu não devia saber isso, mas você ouve coisas quando tem os pais que eu tenho. Durante os dias finais, houve um desentendimento sobre o que a frota deveria fazer. E metade da nave se rebelou contra a equipe de comando. Os rebeldes incluíam a equipe de engenharia.

— Meus ancestrais — sussurrei.

— Aqueles que nos trouxeram até Detritus — Jorgen disse. — Nos fizeram cair aqui, para nosso próprio bem. Mas há conversas, sussurros, que dizem que a equipe de engenharia estava em conluio com os Krell. Que nosso inimigo nos queria presos aqui, sem poder sair. Meus ancestrais eram da equipe científica da *Desafiadora* e também ficaram ao lado dos amotinados. Meus pais não querem que as pessoas saibam sobre o motim... Eles acham que falar sobre isso só vai causar divisões. Mas talvez seja onde essa conversa estúpida sobre um defeito e controle de mente pelos Krell começou.

— Não acho que seja estúpida, Jorgen — eu disse. — Acho... acho que pode ser verdade. Acho que se eu for até o céu, com o restante de vocês, eu posso... eu

posso me virar contra vocês a qualquer momento.

Ele me olhou, então estendeu a mão e a apoiou em meu ombro.

— Você é incrível — ele disse baixinho.

Inclinei a cabeça.

— Como é?

— Você é incrível — ele repetiu. — Tudo na minha vida foi planejado. Com cuidado. Faz sentido. Eu entendo. Aí, você apareceu. Ignora a minha autoridade. Você segue seus sentimentos. Fala como se fosse uma Valquíria de uma maldita balada! Eu deveria odiar você. Mas... — Ele apertou meu ombro. — Mesmo assim, quando voa, você é incrível. Tão determinada, tão habilidosa, tão apaixonada. Você é uma chama, Spin. Quando todo mundo está calmo, você é uma fogueira ardente. Linda, como uma lâmina recém-forjada.

Senti um calor profundo crescendo dentro de mim. Um calor que não estava preparada para sentir.

— Não me importa o passado — Jorgen prosseguiu, olhando-me nos olhos. — Não me importa que haja um risco. Quero que você voe conosco porque tenho toda certeza de que estamos mais seguros com você ao nosso lado do que sem você. Com ou sem defeito mítico. Vou arriscar.

— Ironsides pensava algo similar do meu pai.

— Spin. Você não pode basear as decisões sobre seu futuro em algo que não entendemos.

Olhei para ele, encarando seus olhos – que tinham um profundo tom castanho, com pequenas partes acinzentadas no centro, bem ao redor da pupila. Eu nunca notara aquilo antes.

Ele soltou meu ombro de repente, inclinando-se para trás.

— Desculpe — ele disse. — Entrei direto no modo “consertar” em vez de no modo “ouvir”, não é?

— Não, está tudo bem. Até ajudou.

Ele se levantou.

— Então, vai continuar voando?

— Por enquanto — falei. — Tentarei não bater em você, a menos que seja estritamente necessário.

Ele deu um sorriso completamente *não Babaca*.

— Eu preciso ir, tenho que experimentar o uniforme da formatura.

Eu me levantei e olhamos um para o outro, desajeitados, por um segundo. Da última vez que tivemos algo perto de um momento íntimo, na plataforma de lançamento, ele me abraçou. O que ainda parecia estranho. Em vez disso, ofereci a mão, e ele apertou. Mas então ele se inclinou, mais perto de mim.

— Você não é seu pai, Spin — ele disse. — Lembre-se disso. — Depois apertou meu ombro mais uma vez, antes de subir no carro.

Dei um passo para trás e o deixei partir, mas logo descobri que não sabia o que fazer. Voltar para a base e fazer alguns exercícios físicos? Caminhar até a caverna de M-Bot, para encontrá-lo sem vida? O que fazer com aquele período de folga?

A resposta parecia óbvia.

Passara da hora de visitar a minha família.

45

Eu já estava acostumada com o jeito que as pessoas me tratavam em Alta. Elas abriam caminho para um piloto, até para um cadete. Na longa estrada fora da base, os fazendeiros e trabalhadores me davam sorrisos amistosos e erguiam os punhos, em sinal de aprovação.

Mesmo assim, fiquei surpresa com o tratamento que recebi em Ígneo. Quando o elevador se abriu, as pessoas do lado de fora imediatamente se afastaram, abrindo caminho para que eu passasse. Sussurros se seguiram a isso, mas em vez dos tons duros de condenação que eu normalmente ouvia, esses eram surpresos, animados. Era uma *piloto*.

Ao crescer, eu me acostumara a encarar as pessoas quando elas me olhavam. Quando fiz isso agora, elas coraram e afastaram os olhares – como se tivessem sido pegas surrupiando ração extra.

Que estranho contraste entre a minha antiga vida e a atual. Caminhei pela rua e olhei para o teto da caverna, tão alto. Aquela rocha não pertencia àquele lugar, prendendo-me dentro de algo. Eu já sentia falta do céu, e era tão quente e abafado aqui embaixo.

Passei pelas fábricas de fundição, às quais o antigo maquinário garantia calor e luz, transformando rochas em aço. Passei pela planta de energia que, de algum modo, convertia o calor derretido do núcleo profundo em eletricidade. Passei sob a mão de pedra calma e desafiadora de Harald Oceanborn. A estátua erguia uma espada viking e tinha um enorme retângulo de aço – esculpido com linhas retas e um sol – erguendo-se atrás dela.

Era o final do turno do meio do dia, então imaginei que encontraria minha mãe com o carrinho, vendendo. Depois de um tempo, dobrei uma esquina e a vi: uma mulher magra e orgulhosa, com um velho macacão. Desgastado, mas limpo. Cabelos na altura dos ombros, com um ar de cansaço tomando conta dela enquanto servia um enrolado de alga para uma trabalhadora.

Parei no meio do caminho, insegura de como me aproximar. Percebi naquele momento que não havia feito visitas suficientes. Eu *sentia saudade* da minha mãe. Embora nunca tivesse sido muito caseira – minhas viagens para recolher coisas quando criança tinham me preparado para períodos longos fora de casa –, eu ainda sentia falta de ouvir a sua voz reconfortante, mesmo que severa.

Enquanto eu hesitava, minha mãe virou-se e me viu – e veio correndo imediatamente. Ela me envolveu em um poderoso abraço antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

Eu vira outras crianças ficarem mais altas do que seus pais, mas eu ainda era mais baixa do que ela – e quando estava em seus braços, por um instante me senti como uma criança novamente. Segura, confortável. Era fácil planejar conquistas futuras quando eu podia voltar para aqueles braços.

Deixei-me ser aquela garota de novo. Deixei-me fingir que nenhum perigo poderia me alcançar.

Por fim, minha mãe se afastou e me olhou. Pegou uma mecha dos meus cabelos entre seus dedos e ergueu uma sobrancelha – tinha crescido, e agora passava dos meus ombros. Os cabeleireiros da FDD estavam proibidos para mim na primeira parte da minha estadia e, depois disso, eu me acostumara com os cabelos mais compridos.

Dei de ombros.

— Venha — ela falou. — O carrinho não vai se vender sozinho.

Era um convite para um tempo mais simples – e, naquele momento, era o que eu precisava. Ajudei minha mãe, sempre prática, a trabalhar, atendendo à fila de clientes, homens e mulheres que pareciam perplexos por serem servidos por uma cadete de piloto.

Estranho, minha mãe não gritava como os outros vendedores de rua. Mesmo assim, quase sempre havia alguém em seu carrinho comprando um enrolado. Durante um intervalo, ela misturou mais um pouco de mostarda e então olhou para mim.

— Você vai voltar a nos trazer ratos?

Voltar? Hesitei, só agora percebendo que ela não sabia da minha folga. Ela... ela pensava que eu tinha sido expulsa.

— Ainda estou com o macacão — falei, gesticulando. Mas o olhar sem expressão dela confirmou que ela não sabia o que aquilo significava. — Mãe, ainda estou na FDD. Tive uma folga hoje.

Os lábios dela imediatamente se curvaram para baixo.

— Estou me saindo bem! — repliquei. — Sou um dos *três* pilotos que sobraram na minha esquadrilha. Vou me graduar em duas semanas. — Eu sabia que ela não gostava da FDD, mas será que ela não poderia ficar orgulhosa de mim?

Minha mãe continuou mexendo a mostarda.

Eu me sentei na mureta baixa que percorria a rua.

— Quando eu for uma piloto formada, vou cuidar de você. Você não vai ter que ficar até tarde da noite para repor os alimentos e depois passar horas empurrando o carrinho. Vai ter um apartamento grande. Vai ser rica.

— Acha que eu quero alguma dessas coisas? — ela perguntou. — Eu escolhi esta vida, Spensa. Eles me ofereceram um apartamento grande, um trabalho confortável. Tudo o que eu tinha que fazer era me juntar à narrativa deles, dizer que eu sabia que ele era um covarde o tempo todo. Eu me neguei.

Eu me espantei. Nunca tinha ouvido *aquilo* antes.

— Enquanto eu estiver aqui — minha mãe continuou —, vendendo neste canto, eles não podem nos ignorar. Não podem fingir que o acobertamento deles funcionou. Eles têm uma prova viva de que mentiram.

Era uma das coisas mais Desafiadoras que eu já ouvira. Mas também estava terrivelmente errada. Porque, embora meu pai não tivesse sido um covarde, ele fora um traidor. O que era pior, no entanto?

Naquele momento, percebi que meus problemas eram mais profundos do que a conversa animadora de Jorgen podia consertar. Mais profundos do que minha preocupação com as coisas que eu vira ou com a traição do meu pai.

Eu construíra minha identidade ao redor do fato de não ser uma covarde. Era uma reação para o que todo mundo falava sobre meu pai, mas ainda era parte de mim. A parte mais profunda e mais importante.

Minha confiança estava desabando. Minha dor por perder meus amigos era parte disso, mas o medo de que pudesse haver alguma coisa terrível dentro de mim... isso era pior.

O medo estava me destruindo. Porque eu não sabia se poderia resistir. Porque eu não sabia, bem no fundo, se eu era uma covarde ou não. Não tinha mais nem certeza do que significava ser uma covarde.

Minha mãe se sentou ao meu lado. Sempre tão tranquila, tão despretensiosa.

— Eu sei que você gostaria que eu pudesse comemorar o que você fez... e estou orgulhosa, de verdade. Sei que voar sempre foi seu sonho. É só que eles foram tão insensíveis ao legado do meu marido, não posso esperar que sejam cuidadosos com a vida da minha filha.

Como eu poderia explicar? Eu deveria contar a ela o que sabia? Como explicar meus medos?

— Como você faz isso? — por fim, perguntei. — Como lida com as coisas que dizem sobre ele? Como vive sendo chamada de esposa de um covarde?

— Sempre me pareceu que um covarde é uma pessoa que se importa mais com o que os outros dizem do que com o que é certo — ela respondeu. — Bravura não tem relação com o jeito como as pessoas chamam você, Spensa. É sobre quem você sabe ser.

Balancei a cabeça. Esse era o problema. Eu *não* sabia.

Há quatro meses, eu achava que podia lutar contra tudo e que tinha todas as respostas. Quem poderia imaginar que me tornar uma piloto, para mim, significaria

perder aquelas certezas?

Minha mãe me observava. Por fim, beijou-me a testa e apertou a minha mão.

— Não me importo que você voe, Spensa. Eu simplesmente não gosto de deixá-la ouvindo as mentiras deles todos os dias. Eu queria que você o conhecesse, não o que falam sobre ele.

— Quanto mais eu voar, acho que mais o conhecerei — comentei.

Minha mãe inclinou a cabeça, como se não tivesse pensado naquilo antes.

— Mãe... — eu disse. — Alguma vez meu pai mencionou ver... coisas estranhas? Como um campo de olhos na escuridão, observando-o?

Ela apertou os lábios.

— Eles contaram isso para você, não foi?

Eu assenti.

— Ele sonhava com as estrelas, Spensa — minha mãe disse. — Sonhava em vê-las sem obstrução. Em voar entre elas, como nossos ancestrais. É isso. Nada mais.

— Ok — respondi.

— Você não acredita em mim — ela suspirou, e então se levantou. — Sua avó tem uma opinião diferente da minha. Talvez você devesse falar com ela. Mas lembre-se, Spensa. Você tem que escolher quem você é. Legados, lembranças do passado, podem nos ser muito úteis. Mas não podemos deixar que nos definam. Quando a herança se torna uma caixa, em vez de uma inspiração, é porque já foi longe demais.

Franzi o cenho, confusa com aquilo. Vozinha tinha uma opinião diferente? Sobre o quê? Mesmo assim, abracei minha mãe mais uma vez e sussurrei um agradecimento. Ela me empurrou na direção do nosso apartamento, e foi com uma mistura estranha de emoções que parti. Minha mãe era uma guerreira ao seu modo, parada naquela esquina, proclamando a inocência do meu pai em cada venda silenciosa de enrolado de alga.

Aquilo era inspirador. Esclarecedor. Eu a entendia de um jeito como nunca entendera antes. E, mesmo assim, ela estava errada sobre meu pai. Ela entendera muita coisa, mas estava errada sobre algo fundamental. Como eu estivera, até o momento em que o vi se transformar em um traidor durante a Batalha de Alta.

Caminhei por pouco tempo e logo me aproximei do nosso edifício quadrado de apartamentos.

Atravessei o grande portal arqueado até o nível dos apartamentos e, ao fazer isso, dois soldados voltando de seu turno se perfilaram diante de mim e prestaram continência.

Eram Aluko e Jors, percebi depois que passei por eles. *Eles sequer pareceram me reconhecer*. Não haviam olhado para meu rosto, simplesmente viram o traje de

voo e se puseram de lado.

Acenei para a velha senhora Hong, que, em vez fazer cara feia, abaixou a cabeça, entrou em seu apartamento e fechou a porta. Um rápido olhar pela janela do nosso apartamento de um cômodo revelou que a Vozinha não estava lá dentro, mas aí eu a ouvi cantarolar sozinha no telhado. Ainda perturbada com o que minha mãe dissera, subi a escada até o alto do edifício quadrado.

Minha avó estava sentada de cabeça baixa, com uma pequena pilha de miçangas espalhadas diante de si em um lençol. Com os olhos quase cegos fechados, ela pegava cada uma das miçangas com os dedos idosos e as selecionava pelo toque, separando-as metodicamente para fazer bijuterias. Ela cantarolava baixinho, o rosto imitando os sulcos do lençol amassado.

— Ah — ela disse quando hesitei no alto da escada. — Sente-se, sente-se. Preciso de ajuda.

— Sou eu, Vozinha — falei. —Spensa.

— Claro que é. Senti você chegando. Sente-se e separe essas miçangas para mim por cor. Não consigo distinguir as verdes das azuis. Elas têm o mesmo tamanho!

Era minha primeira visita em meses, e – como minha mãe – ela imediatamente me colocou para trabalhar. Bem, eu tinha questões para ela, mas provavelmente não poderia perguntar até fazer o que ela mandava.

— Colocarei as azuis à direita — falei, sentando-me. — E as verdes à esquerda.

— Ótimo, ótimo. Sobre quem você quer ouvir hoje, querida? Alexandre, que conquistou o mundo? Hervor, que roubou a espada dos mortos? Talvez Beowulf? Em nome dos velhos tempos?

— Na verdade, não quero ouvir histórias hoje — comentei. — Estive conversando com minha mãe e...

— Ora, ora. Nada de histórias? O que aconteceu com você? Certamente eles ainda não a estragaram naquela escola de voo.

Suspirei. Então, decidi fazer uma abordagem de um jeito diferente.

— Algum deles era de verdade, Vozinha? — perguntei. — Os heróis sobre os quais você fala. Eram gente de verdade? Da Terra?

— Talvez. Isso importa?

— Claro que sim — respondi, colocando as miçangas em xícaras. — Se eles não eram reais, então tudo isso são apenas mentiras.

— As pessoas precisam de histórias, filha. Elas nos trazem esperança, e essa esperança é real. Se esse é o caso, então o que importa se as pessoas das histórias realmente existiram?

— Porque algumas vezes elas perpetuam mentiras — falei. — Como as coisas que a FDD diz sobre meu pai em oposição ao que falamos sobre ele. Duas histórias diferentes. Dois efeitos diferentes.

Ambas erradas.

Coloquei outra miçanga na xícara.

— Estou cansada de não saber o que é certo. Estou cansada de não saber quando lutar, não saber se eu o odeio ou se o amo e... e...

A Vozinha parou o que estava fazendo e segurou minhas mãos entre as dela, a pele velha, mas suave. Ela ergueu minhas mãos e sorriu, os olhos quase fechados.

— Vozinha — eu falei, por fim encontrando uma maneira de me expressar. — Eu vi uma coisa. Ela me prova que estivemos erradas sobre meu pai. Ele... ele se tornou um covarde. Ou coisa pior.

— Ah... — A Vozinha exclamou.

— Minha mãe não acredita, mas eu sei a verdade.

— O que contaram para você lá em cima, naquela escola de voo?

Engoli em seco, sentindo-me profundamente frágil de repente.

— Vozinha, eles dizem... eles dizem que meu pai tinha algum tipo de defeito. Uma falha bem no fundo dele, que o fez se juntar aos Krell. Alguém me contou que houve um motim na *Desafiadora*, que alguns dos nossos ancestrais também podem ter servido ao inimigo. E agora dizem que eu também tenho isso. Eu estou apavorada de que podem estar certos.

— Humm... — A Vozinha murmurou, colocando uma miçanga na linha. — Filha, deixe-me contar uma história do passado.

— Não é hora de histórias, Vozinha.

— Esta é sobre mim.

Fechei a boca. Sobre ela? Ela quase nunca falava sobre si mesma.

Ela começou a falar daquele jeito desconexo e envolvente.

— Meu pai era historiador na *Desafiadora*. Ele mantinha as histórias da Antiga Terra, da época anterior às nossas viagens ao espaço. Sabe que, mesmo com computadores, bibliotecas e todos os tipos de lembretes, descobrimos que era fácil esquecer de onde éramos? Talvez porque tivéssemos máquinas para lembrar por nós, achamos que simplesmente poderíamos deixar aquilo por conta delas. Bem, esse é outro assunto. Naquela época já éramos nômades entre as estrelas. Cinco naves: a *Desafiadora* e mais quatro embarcações menores que se ligavam a ela para viajar longas distâncias. Bem, e um complemento de caças estelares. Éramos uma comunidade formada por comunidades, viajando juntos entre as estrelas. Parte frota mercenária, parte frota mercante. Nosso povo.

— O bisavô era um historiador? — perguntei. — Achei que fosse engenheiro.

— Ele trabalhava na sala de máquinas, ajudando a minha mãe — ela explicou. — Mas o real dever dele eram as histórias. Lembro de me sentar na sala de máquinas, ouvindo o zumbido dos equipamentos enquanto ele falava, com sua voz ecoando contra o metal. Mas essa não é a história. A história é como chegamos a Detritus. Veja bem, nós não começamos a guerra, mas acabamos nela mesmo assim. Nossa pequena frota de cinco naves e trinta caças não teve escolha senão revidar. Não sabíamos quem eram os Krell. Não tínhamos participado da grande guerra e naquele ponto as comunicações entre os planetas e as estações espaciais eram difíceis e perigosas. Agora, sua bisavó, minha mãe, era o motor da nave.

— Você quer dizer que ela trabalhava nos motores — corrigi, ainda separando as miçangas.

— Sim, mas de certo modo, ela era o motor. Ela podia fazê-los viajar entre as estrelas, coisa que poucos podiam. Sem ela, ou sem alguém como ela, a *Desafiadora* teria que se manter em uma velocidade baixa. A distância entre as estrelas é vasta, Spensa. E só alguém com uma habilidade específica poderia acionar os motores. Alguém nascido dentro de nós, mas com algo que a maioria considerava muito, muito perigoso.

Segurei a respiração, surpresa e admirada ao mesmo tempo.

— O... defeito?

A Vozinha se inclinou na minha direção.

— Eles nos temiam, Spensa, embora naquela época isso fosse chamado de "desvio". Éramos uma raça à parte, os engenheiros. Fomos as primeiras pessoas no espaço, os corajosos exploradores. As pessoas comuns se ressentiam de podermos controlar os poderes que as permitiam viajar pelas estrelas. Mas eu falei que essa história era sobre mim. Lembro daquele dia, do dia em que viemos para Detritus. Eu estava com meu pai, no compartimento da engenharia. Uma câmara imensa, cheia de canos e grades, que parece maior na minha memória do que provavelmente era. Tinha cheiro de graxa e metal muito quente. Mas havia uma janela em uma pequena alcova pela qual eu podia olhar para fora e ver as estrelas. Naquele dia, eles nos cercaram. Os inimigos, os Krell. Eu estava aterrorizada, com meu coraçãozinho apertado, porque a nave ficava sacudindo com os disparos deles. Estávamos no meio do caos. A ponte, ouvi alguém gritar, tinha sofrido uma explosão. Fiquei parada na alcova, observando as lanças vermelhas de luz, e podia ouvir as estrelas gritarem. Uma garotinha assustada em uma bolha de vidro. O capitão chamou. Ele tinha uma voz alta, zangada. Eu estava horrorizada em ouvir a dor, o pânico, em alguém em geral tão severo. Ainda me lembro daquele tom de voz enquanto ele gritava com a minha mãe, dando ordens. E ela discordou dele.

Fiquei sentada ali, esquecida das miçangas, em êxtase. Mal respirava. Por que, entre todas as histórias que a Vozinha me contara, ela nunca havia me contado essa

antes?

— Bem, suponho que você pode chamar isso de motim — a Vozinha prosseguiu. — Não usávamos essa palavra. Mas houve um desentendimento. Os cientistas e os engenheiros contra a equipe de comando e os fuzileiros. A coisa é que nenhum deles podia fazer os motores funcionarem. Só a minha mãe podia fazer isso. Ela escolheu este lugar para nos trazer até aqui. Detritus. Mas era longe demais. Muito difícil. Ela morreu com o esforço, Spensa. Nossas naves foram danificadas enquanto aterrissávamos, os motores quebraram, e também a perdemos. A alma dos motores. Lembro de chorar. Lembro do meu pai me levando para longe dos restos da nave, e eu gritando, estendendo os braços na direção do casco em chamas... o túmulo da minha mãe. Lembro de exigir saber por que minha mãe nos deixara. Eu me sentia traída. Era jovem demais para entender a escolha que ela fizera. A escolha de uma guerreira.

— Morrer?

— Sacrificar-se, Spensa. Uma guerreira não é nada se não tem nada pelo que lutar. Mas se ela tem tudo pelo que lutar... bem, então isso significa tudo, não é?

Vozinha colocou mais uma conta e começou a amarrar as duas pontas do colar. Eu me sentia estranhamente exausta. Como se essa história fosse um fardo que eu não esperava ter que suportar.

— Esse é o "defeito" deles — Vozinha continuou. — Eles chamam assim porque têm medo da nossa capacidade de ouvir as estrelas. Sua mãe sempre me proibiu de falar sobre isso com você, porque ela não acreditava que fosse verdade. Mas muitos na FDD acreditam... e isso nos torna alienígenas para eles. Eles mentem, dizendo que minha mãe nos trouxe aqui porque os Krell nos queriam aqui. E agora que não precisam mais de nós para fazer os motores das naves funcionarem... porque não sobrou nenhum... eles nos odeiam ainda mais.

— E meu pai? Eu o vi se virar contra sua esquadrilha.

— Impossível — a Vozinha respondeu. — A FDD afirma que nosso dom nos transforma em monstros, então talvez tenham construído um cenário para provar isso. É conveniente para eles contar uma história de um homem com o defeito que simpatizava com os Krell e que se virou contra seus companheiros de equipe.

Eu me recostei, sentindo-me insegura. Teria Cobb mentido sobre isso? M-Bot dissera que a gravação não podia ter sido falsificada. Em quem acreditar?

— Mas e se for verdade, Vozinha? — insisti. — Você mencionou antes o sacrifício do guerreiro. Bem, e se você souber que isso em você... que isso pode fazer com que você traia todo mundo? Machuque todo mundo? Se você achar que pode ser um covarde, a escolha certa não deveria ser simplesmente *não voar*?

A Vozinha fez uma pausa e manteve as mãos imóveis.

— Você cresceu — ela falou, por fim. — Onde está a minha garotinha que queria balançar uma espada e conquistar o mundo?

— Ela está muito confusa. E um pouco perdida.

— Nosso dom é uma coisa maravilhosa. Permite que ouçamos as estrelas. Fez com que a minha mãe trabalhasse nos motores. Não tema isso.

Eu assenti, mas não pude deixar de me sentir traída. Alguém devia ter me contado tudo antes, não?

— Seu pai foi um herói — a Vozinha prosseguiu. — Spensa? Você me ouviu? Você tem um dom, não um defeito. Você pode...

— Ouvir as estrelas. Sim, eu senti isso. — Olhei para o alto, mas o teto da caverna estava no caminho.

Honestamente, eu não sabia mais o que pensar. Vir até aqui embaixo só me deixara mais confusa.

— Spensa? — A Vozinha me chamou.

Balancei a cabeça.

— Meu pai me disse para conquistar as estrelas. Temo que elas o tenham conquistado, em vez disso. Obrigada pela história. — Eu me levantei e segui até a escada.

— Spensa! — A Vozinha me chamou de novo, desta vez com uma energia que me fez parar na escada.

Ela olhou na minha direção, os olhos leitosos focados bem em mim, e eu senti – de algum jeito – que ela podia me ver. Quando ela falou, o tremor havia desaparecido de sua voz. Em vez disso, existia ali um tom de autoridade e um comando, como o de um general em um campo de batalha.

— Se algum dia escaparmos deste planeta — a Vozinha disse — e fugirmos dos Krell, vamos precisar usar nosso dom. O espaço entre as estrelas é muito vasto, vasto demais para viajar com qualquer propulsor ordinário. Não devemos nos esconder nas sombras porque tememos a fagulha dentro de nós. A resposta não é deixar a fagulha de lado, mas aprender a controlá-la.

Não respondi, porque não sabia qual deveria ser a minha resposta. Desci a escada, segui até os elevadores e voltei para a base.

46

— Confirmações verbais, em ordem ascendente — Nose, o líder de voo da Esquadrilha Pesadelo, pediu. — Novatos primeiro.

— Celeste Um, pronto — Jorgen falou e então hesitou. Suspirou. — Codinome: Babaca.

Nose deu uma risadinha.

— Sinto sua dor, cadete.

FM fez sua confirmação, e eu na sequência. A Esquadrilha Celeste – o que restara dela – estava voando hoje com a Pesadelo em suas manobras.

Eu não tinha tomado nenhuma decisão sobre o que fazer com a informação que a Vozinha me dera. Ainda estava profundamente perturbada, insegura. Mas, por enquanto, decidira fazer o que Jorgen me pedira e continuar voando. Eu poderia evitar o que aconteceu com o meu pai, certo? Eu conseguiria ser cuidadosa.

Fiz as manobras que o líder de voo da Pesadelo instruiu, deixando que os movimentos familiares me distraíssem. Era bom estar de volta a uma nave classe Poco depois de várias semanas testando outros projetos. Era como sentar em uma cadeira familiar, já marcada com o formato ideal para suas costas.

Voamos em formação ampla – Jorgen fazendo par com um membro da Esquadrilha Pesadelo – a menos de dez quilômetros de altitude. Estávamos analisando o chão em busca de destroços, rastros de naves na poeira e tudo o mais que fosse suspeito. Era parecido com explorar durante uma batalha, mas – se é que era possível – ainda mais monótono.

— Assinatura não identificada em 53-1-8008! — disse um dos homens da Esquadrilha Pesadelo. — Devíamos...

— Cobb nos avisou sobre o truque 8008 — Jorgen respondeu sem expressão. — E sobre o truque “faça o piloto novato evacuar o tanque séptico de sua nave”. E sobre a piada “prepare-se para inspeção”.

— Caramba — outro dos pilotos respondeu. — O velho Cobb realmente não é engraçado, não é?

— Por não querer que seus cadetes sejam zoados? — Jorgen perguntou. — Deveríamos estar procurando sinais de Krell, não entrando em rituais juvenis de iniciação. Eu esperava mais de vocês, homens e mulheres.

Olhei pelo meu cockpit na direção de FM, que balançou a cabeça. *Ah, Jorgen*.

— Babaca, né? — um dos pilotos comentou. — Não consigo imaginar onde você conseguiu um nome desses...

— Chega de conversinha — Nose interrompeu, cortando os canais individuais. — Todo mundo siga para 53.8-702-45000. O radar da base mostra alguma turbulência no campo de detritos sobre esse ponto.

Alguns resmungos vieram como resposta, o que achei curioso. Eu imaginava pilotos formados como sendo... bem, mais dignos. Talvez fosse a influência de Jorgen sobre mim.

Voamos na direção indicada e, adiante, uma queda de detritos em larga escala começou a acontecer. Pedaços de metal caíam, alguns parecendo linhas brilhantes de fogo e fumaça, outros – com anéis de aclive ou pedras de aclive ainda carregadas – desciam mais devagar. Nós nos aproximamos com cuidado da extremidade da área da queda.

— Tudo bem — Nose falou. — Supostamente deveríamos mostrar algumas manobras para esses cadetes. Enquanto vemos se os Krell aparecem, vamos dar algumas voltas entre os detritos. Se localizarem um bom anel de aclive, marquem com o sinalizador de rádio para que ele seja recuperado posteriormente. Bog e Tunestone, vocês vão primeiro. Direção local oitenta e três. Levem as duas cadetes com vocês. Sushi e Nord, vocês vão para o ponto dezessete e levam o Babaca. Talvez ele possa lhes ensinar o procedimento adequado. As estrelas sabem que isso poderia ser útil para vocês, cabeças-ocas.

FM e eu seguimos os pilotos, que fizeram uma passagem bem cautelosa e um pouco desinteressada pelos detritos. Nem mesmo usamos nossas lanças de luz. Bog, o homem que tirara sarro de Jorgen mais cedo, disparou sinalizadores de rádio em alguns pedaços maiores de detritos.

— Seu líder de voo é sempre assim? — ele nos perguntou. — Falando como se tivesse o capacete enfiado no traseiro?

— Jorgen é um ótimo líder de voo — repliquei. — Você não deveria se ressentir com alguém só porque essa pessoa espera que você dê o seu melhor.

— Sim — FM concordou. — Se vai se comprometer com uma causa, não importa o quão fundamentalmente falha ela seja, você deve tentar cumprir o seu dever.

— Caramba — Bog comentou. — Você ouviu isso, Tunestone?

— Ouvi um monte de filhotes choramingando na linha — Tunestone respondeu. A voz dela era aguda e desdenhosa. — Infelizmente eles continuam estragando os cadetes.

— Vocês deviam ter cuidado — falei, com a minha raiva crescendo. — Semana que vem seremos pilotos formados e eu competirei com vocês pelo número de mortes. Boa sorte em se tornarem ases quando isso acontecer.

Bog deu uma gargalhada.

— A alguns dias de se tornarem pilotos de verdade? Nossa, como vocês são adultas. — Ele acionou o propulsor e disparou na direção dos detritos que caíam com Tunestone ao seu lado. FM e eu os seguimos, observando quando Bog se aproximou de um pedaço de detrito em queda e usou sua lança de luz para girar em torno dele.

Foi uma volta bem-feita, mas nada de especial. Ele continuou, girando ao redor de outro pedaço de lixo, que marcou para ser recolhido depois. Tunestone o seguiu, mas acabou ultrapassando o segundo pedaço de detrito depois que fez o primeiro giro fechado demais.

— Spin, acho que estão tentando se exibir.

— Não — respondi. — São apenas giros básicos. Certamente, eles não acham que ficaríamos impressionadas com...

Eu parei de falar quando a linha de comunicação de Bog se acendeu.

— Isso é chamado de lançar com luz, meninas. Vocês podem estar se graduando, mas ainda há muito que precisam aprender.

Eu olhei para fora, na direção de FM, incrédula. Eu sabia – logicamente – que a maioria dos cadetes se concentrava em combate aéreo e em jogos com o incinerador. Cobb dizia que isso era parte do problema da FDD, que produzia pilotos com foco em maximizar as mortes, em vez de habilidades de voo. Ainda assim, eu estava chocada.

Esses pilotos realmente esperavam que estivéssemos admiradas com manobras que Cobb nos ensinou nas primeiras semanas de aula na escola de voo.

— Dois-catorze? — sugeri para FM. — Com uma linha reta dupla no final e uma varredura em V?

— É pra *já* — ela respondeu, e acionou a aceleração máxima.

Nós duas avançamos rápido e depois giramos em direções opostas ao redor de um grande pedaço de detrito. Eu me movi em torno de um segundo pedaço ardente – avançando por baixo dele e depois fazendo uma curva para cima, em direção ao céu, com o anel de aclive posicionado para trás. Girei entre dois pedaços de detritos maiores e marquei ambos, antes de virar ao redor do mais alto e mergulhar para baixo.

FM vinha direto em minha direção. Eu a acertei com minha lança de luz, então me virei e acionei a aceleração máxima na direção oposta a ela. Nós duas nos lançamos habilmente no ar, conservando o momento linear. Minhas cápsulas de gravidade piscaram bem quando terminamos a manobra.

Depois do giro, ela arrancou para leste e eu segui para oeste. Cada uma de nós marcou um pedaço de detrito e em seguida giramos ao redor ao mesmo tempo e nos reunimos com Bog e Tunestone.

Ninguém disse nada. Eu os segui em silêncio, sorrindo, até que outra luz no meu comunicador piscou.

— Vocês duas estão procurando uma esquadrilha quando se graduarem? — Nose perguntou. — Temos algumas vagas.

— Veremos — FM respondeu. — Talvez eu me torne batedora. A vida nesta esquadrilha parece um pouco entediante.

— Vocês duas estavam se exibindo? — A voz de Jorgen surgiu no canal privado enquanto ele voava de volta com seu companheiro de voo.

— Nós faríamos isso? — perguntei para ele.

— Spin — ele respondeu —, você pode estar amarrada em uma maca com oito costelas quebradas e delirando de febre e ainda assim vai dar um jeito de fazer todo mundo se sentir pior do que você.

— Ei — falei, sorrindo com o elogio. — A maioria das pessoas se sente pior do que os outros. Eu só fico parada ao lado e não atrapalho.

Jorgen deu uma gargalhada.

— Na minha última passagem, vi alguma coisa brilhar lá em cima. Pode ser um Krell. Deixe-me ver se Nose nos permite ir verificar.

— Lá vai você de novo — FM comentou —, sempre sendo um Babaca e nos lembrando de nossas ordens.

— Que exemplo terrível — acrescentei.

Ele chamou Nose e começou a ganhar altitude.

— Spin e FM, vocês vêm comigo. Temos autorização para subir até setecentos quilômetros para observar. Mas tomem cuidado; não praticamos muitas habilidades de manobra em atmosfera mínima.

Claro que caças estelares podiam voar bem sem atmosfera, mas era um tipo diferente de voo. Ao mesmo tempo, eu percebi que estava nervosa enquanto subíamos cada vez mais alto. Era ainda mais alto do que eu fora com M-Bot, e fiquei pensando no que aconteceu com meu pai quando ele subiu até perto do campo de detritos. Eu ainda não sabia o que havia acontecido ali para ele lutar contra sua própria equipe.

Caramba. Talvez eu devesse ficar mais embaixo. Mas agora era tarde demais e a confusão geral de formatos que compunha o campo de detritos tornava-se cada vez mais distinta. Ao me aproximar, eu pude ver as claraboias pairando nos níveis inferiores dos detritos – e minha mente titubeou com aquela escala. Ainda estávamos a centenas de quilômetros delas, e elas pareciam enormes. Quão grandes eram?

Tímida, tentei ver se conseguia ouvir as estrelas melhor lá de cima. Eu me concentrei e... achei ter ouvidos sons fracos vindos do alto. Mas estavam obstruídos, como se alguma coisa estivesse no caminho.

O campo de detritos, pensei. *Está interferindo*. Meu pai só se tornou um traidor depois que viu um buraco no campo de detritos, um alinhamento que o permitiu ver o espaço. E talvez depois de voar através de todo o campo de detritos para chegar lá?

— Ali — FM disse, atraindo a minha atenção de volta para nossa missão. — Às sete horas. Algo grande.

A luz mudou e eu vi uma forma gigantesca entre os pedaços quebrados de detritos. Grande, quadrada, de algum modo familiar...

— Parece muito com o velho estaleiro no qual persegui Nedd — comentei.

— Sim — Jorgen concordou. — E está em órbita baixa. Deve cair em alguns dias, nesse ritmo. Talvez todos esses antigos estaleiros estejam ficando sem energia.

— O que quer dizer... — FM comentou.

— Centenas de anéis de aclive — Jorgen completou. — Se essa coisa cair e conseguirmos recuperar os destroços, podemos transformar a FDD. Vou passar um relatório.

Luzes distantes piscavam ao longo da lateral do enorme estaleiro.

— Aquilo são incineradores — falei. — Alguma coisa está atirando ali. Não cheguem perto demais. — Apertei o mudo e peguei meu rádio pessoal. — M-Bot, está vendo isso? Alguma ideia de em que aquele estaleiro está atirando?

Silêncio.

Certo. M-Bot se fora.

— Por favor – sussurrei no rádio. — Preciso de você.

Silêncio. Corei, sentindo-me tola, então guardei o rádio pessoal no lugar no assento onde ele não ficaria solto pelo cockpit.

— Isso é curioso, Jorgen — Cobb estava dizendo quando desliguei o mudo. — Esses disparos de incinerador provavelmente são torres de defesa do próprio estaleiro. O que caiu antes também tinha, mas estavam sem energia naquele ponto. Relate isso para Nose e eu levarei ao Comando de Voo. Se essa coisa cair, vamos precisar recuperá-la antes que os Krell a destruam.

— Cobb — chamei. — Ela ainda está atirando.

— Sim — ele respondeu. — Jorgen já me disse.

— Mas em quê? — perguntei.

No alto, pontos negros se transformaram em naves Krell, que provavelmente estavam vigiando o perímetro do antigo estaleiro.

Mas agora eles tinham nos visto.

47

Descemos da atmosfera superior.

— Caças Krell atrás de nós! — Jorgen disse pelo rádio. — Repito. Temos uma esquadrilha completa de Krell, talvez duas, vinte naves, nos perseguindo.

— O que vocês fizeram, seus cadetes tolos? — Nose perguntou.

Jorgen não nos defendeu, ao contrário do que eu teria feito.

— Desculpe, senhor — ele respondeu, em vez disso. — Ordens?

— Cada um de vocês se junte a um par de pilotos experientes. Vou colocá-lo com...

— Senhor — Jorgen interrompeu. — Eu preferia voar com a minha esquadrilha, se me permitir.

— Tudo bem, tudo bem — Nose concordou, e então xingou quando os Krell apareceram, vindo da atmosfera superior. — Apenas continuem vivos. Esquadrilha Pesadelo, todas as naves, adotem postura evasiva. Chamem a atenção deles e procurem destruidoras de vida. A Esquadrilha Correnteza está a poucos quilômetros de distância, devemos ter reforços em breve.

— Spin, você vai na ponta — Jorgen falou, mudando para o canal privado da nossa esquadrilha. — Ouviu nossas ordens. Nada de exibicionismo ou de perseguições para matar. Posturas defensivas até que os reforços cheguem.

— Entendido — confirmei, e FM fez o mesmo. Entramos em posição triangular e imediatamente cinco Krell vieram em nossa direção.

Mergulhei nosso trio para uma altitude mais baixa e depois girei, usando um pedaço imenso, quase estacionário, de detrito. Viramos ao redor e voamos de volta pelo meio dos Krell que tentavam nos seguir. Eles se espalharam.

— Você chama isso de defensivo, Spin? — Jorgen perguntou.

— Eu atirei em alguém?

— Você vai fazer isso.

Tirei o polegar do gatilho. Estraga prazeres.

Uma claraboia sobre nós diminuiu a luminosidade e se apagou quando o ciclo da noite começou. Meu dossel tinha visão noturna suficiente para iluminar o campo de batalha, mas uma certa escuridão caiu sobre nós – escuridão essa pontuada por incineradores vermelhos e pelo brilho dos propulsores.

Nós três permanecemos juntos, passando e desviando pela confusão enquanto a Esquadrilha Correnteza chegava.

— Mais duas esquadrilhas de reforço estão chegando — Jorgen disse. — Esperando caso uma dessas chuvas de detritos contenha inimigos. Logo devemos estar em um bom número. Mantenham posturas defensivas por enquanto.

Nós confirmamos e FM assumiu a ponta. Infelizmente, bem quando ela estava entrando em posição, um grupo de Krell chegou disparando. Nossas manobras defensivas mandaram Jorgen e a mim para um lado, e FM para o outro.

Rangi os dentes, seguindo Jorgen enquanto acelerávamos e girávamos ao redor de um pedaço de detrito, perseguindo dois Krell que estavam atrás de FM. Incineradores brilharam ao redor dela quando ela girou, acertando pelo menos dois disparos em seu escudo.

— FM, vire à direita na minha marca! — Jorgen falou. — Spin, prepare-se!

Nós obedecemos, movendo-nos como uma máquina bem lubrificada. FM girou ao redor de um pedaço de detrito enquanto Jorgen e eu realizávamos impulsos rotativos, depois nos lançamos lateralmente para interceptar o caminho dela. Fiquei para trás enquanto Jorgen acionava o PIM, depois disparei, atingindo um dos Krell e fazendo-o rodopiar em queda. O outro desviou de nós, fugindo.

Peguei Jorgen com minha lança de luz e usamos nosso momento linear para nos virar na direção de FM, que diminuiu a velocidade e se juntou a nós. Nós duas assumimos posições defensivas, uma em cada lado de Jorgen, que rapidamente reiniciou seu escudo.

Tudo estava acabado antes que eu tivesse tempo para pensar no que tínhamos feito. Horas e mais horas de treino tornaram tudo aquilo uma segunda natureza para nós. *Guerreiros vitoriosos ganham primeiro e então vão para a guerra*, Sun Tzu dissera. Eu apenas começava a entender o que aquilo significava.

Pelo que eu podia julgar da batalha, nossos números eram mais ou menos iguais aos dos Krell, que tinham recebido reforços de naves vindas de cima. Aquilo me fazia querer ir para a ofensiva, mas permaneci em formação, desviando do fogo Krell e levando grupos deles em perseguições difíceis ao redor e por dentro da luta.

Eu me concentrei na batalha até que, com o canto dos olhos, localizei alguma coisa. Uma nave maior um pouco atrás de um pedaço de detrito que se movia lentamente. Mais uma vez, eu não estava procurando aquilo especificamente, mas meu cérebro – agora treinado e com prática – identificou-o mesmo assim.

— Aquilo é uma destruidora de vida? — perguntei para os outros.

— Caramba! — Jorgen gritou. — Comando de Voo, temos uma destruidora de vida. 53.1-689-12000, descendo com um pedaço alongado de detrito que estou marcando agora mesmo com um sinalizador de rádio.

— Confirmado — uma voz fria falou pela linha. A própria Ironsides. Era raro que ela falasse diretamente conosco, embora com frequência ouvíssemos as conversas. — Afaste-se dessa posição, aja como se não tivesse visto.

— Almirante! — eu falei. — Posso acertá-la! Estamos bem distantes de onde uma explosão poderia ser perigosa para Alta. Deixe-me abatê-la.

— Negativo, cadete — Ironsides falou. — Recue.

Flashes na minha memória retornaram, do dia em que Bim morreu. Minha mão ficou rígida na esfera de controle, mas eu a abaixei com esforço, seguindo Jorgen e FM para longe da destruidora de vida.

Foi surpreendentemente difícil. Como se a minha nave quisesse desobedecer.

— Muito bem, Spin — Cobb disse pela linha privada. — Você tem a paixão. Agora está mostrando controle. Ainda a tornaremos uma piloto de verdade.

— Obrigado, senhor — respondi. — Mas a destruidora de vida...

— Ironsides sabe o que está fazendo.

Recuamos e outros caças receberam ordens para ir mais alto no céu. O campo de batalha mudou de formato, enquanto a destruidora de vida – aparentemente ignorada – se aproximava do solo e seguia na direção de Alta. Eu a acompanhei, nervosa, até que quatro ases da Esquadrilha Correnteza se separaram e seguiram atrás do bombardeiro Krell. Eles o enfrentariam longe o suficiente para proteger o restante de nós se a bomba detonasse. Se fracassassem, os reforços que já estavam a caminho pegariam a destruidora de vida.

Nosso trio começou a ser perseguido, então eu tive que desviar para evitar fogo pesado. Todo um bando de Krell me seguia, mas um segundo mais tarde Jorgen e FM chegaram e os expulsaram. FM até conseguiu matar um, sobrecarregando um escudo sem precisar do PIM.

— Excelente — falei, relaxando do ímpeto súbito e da intensa adrenalina por voar. — E obrigada.

Ao longe, os ases enfrentavam a destruidora de vida. Como antes, no voo com Bim, um grupo de naves menores se separou do bombardeiro e começou a protegê-lo.

— Cobb — eu disse pelo comunicador comum. — Você descobriu alguma coisa sobre essas naves que viajam com a destruidora de vida?

— Não muito — Cobb respondeu. — É um comportamento recente, mas elas têm aparecido com todos os bombardeiros ultimamente. Os ases cuidarão delas. Mantenha a atenção em sua esquadrilha, Spin.

— Sim, senhor.

Eu não podia deixar de observar a luta pela destruidora de vida. Se ela explodisse, teríamos que estar prontos para acelerar para longe antes que a sequência de explosões se completasse. Por isso, fiquei aliviada quando, depois de

um tempo, a destruidora de vida e sua escolta voltaram para o lugar de onde vieram. Eu sorri.

— *Mayday*! — uma voz chamou na linha geral. — Aqui é Bog. Escudos desativados. Companheiro de voo abatido. Por favor. Alguém!

— 55.5-699-4000! — FM falou, e eu olhei na direção das coordenadas, localizando um Poco cercado, deixando um rastro de fumaça e fugindo para longe do campo de batalha principal. Quatro Krell o seguiam. O melhor jeito de ser morto era deixar que isolassem você, mas era claro que Bog não tinha escolha.

— Esquadrilha Celeste aqui, Bog — Jorgen disse, tomando a dianteira. — Vamos até você. Aguente firme e tente manter-se à esquerda.

Seguimos rapidamente atrás dele e disparamos à vontade ao comando de Jorgen. Nossa tempestade de fogo de incinerador não abateu nenhuma nave inimiga, mas fez com que a maioria delas se afastasse. Três foram para a esquerda – o que interceptaria Bog. Jorgen virou a nave na direção delas e FM o seguiu.

— Ainda há uma atrás dele — falei. — Fico com ela.

— Tudo bem — Jorgen concordou após uma pausa de um segundo. Ele obviamente odiava separar a esquadrilha.

Fui atrás daquela nave. Bem na minha frente, Bog fazia manobras cada vez mais malucas – imprudentes até – para evitar ser atingido.

— Atire! — ele gritou. — Por favor, atire! Atire!

Desespero, preocupação frenética – coisas que eu não esperava de um piloto formado. Claro, ele parecia jovem. Embora isso devesse ter me ocorrido antes, eu percebi que provavelmente ele tinha se graduado em uma das classes um pouco anteriores à minha. Seis meses, talvez um ano como piloto – mas ainda um rapaz de dezoito anos.

Duas naves começaram a me seguir, concentrando fogo. Bog levara essa perseguição para tão longe que seria difícil conseguir apoio. Eu não ousava acionar o PIM, não com incineradores disparando ao meu redor, mas aquele Krell na minha frente ainda estava com o escudo ativado.

Rangi os dentes e acionei a aceleração máxima. As forças g me pressionaram em meu assento e eu me aproximei do Krell, grudando em sua cauda, mal sendo capaz de desviar. Atingi Mag-3 e, nessa velocidade, manobras de voo eram difíceis de controlar.

Só mais um segundo...

Eu me aproximei ainda mais e acertei a nave Krell com a minha lança de luz. Então virei, puxando a nave inimiga e tirando Bog da mira.

O cockpit tremeu ao meu redor quando meu Krell cativo disparou em outra direção, lutando contra mim, mandando-nos em um rodopio frenético e sem controle.

Meus perseguidores se viraram e concentraram fogo em mim. Eles não se importavam em acertar a nave que eu lançara; os Krell nunca se importavam com isso.

Uma tempestade de fogo me engoliu, acertando meu escudo e desativando-o. A nave Krell que eu lançara explodiu sob fogo de seus aliados e eu fui obrigada a fazer uma subida brusca em aceleração máxima para tentar escapar.

Era um movimento arriscado. Minhas cápsulas de gravidade pararam e as forças g me atingiram como um chute na cara. Elas me empurravam para baixo, forçando meu sangue para os pés. Meu traje de voo inflou, empurrando contra a minha pele, e eu fiz os exercícios de respiração como mandava meu treinamento.

Mesmo assim, minha visão escureceu nos cantos.

Luzes piscavam no meu console.

Meu escudo estava desativado.

Desliguei o anel de aclive e rodei no eixo, e então acelerei ao máximo para baixo. As cápsulas de gravidade conseguiram absorver um pouco do rebote, mas o corpo humano simplesmente não era feito para lidar com esse tipo de reversão. Fiquei enjoada e quase vomitei enquanto passava pelo meio dos Krell.

Minhas mãos tremiam nos controles, minha visão havia ficado vermelha dessa vez. A maioria dos Krell não reagiu a tempo, mas um deles – uma nave – conseguiu girar no eixo como eu fizera.

Ela se concentrou em mim e disparou.

Um clarão na minha asa, uma explosão.

Eu fora atingida.

Bipes berravam no meu console. Luzes piscavam. De repente, minha esfera de controle parecia não fazer mais nada, perdendo a força enquanto eu tentava manobrá-la.

O cockpit balançou e o mundo girou enquanto a minha nave começou a sair do controle.

— Spin! — De algum modo ouvi a voz de Jorgen por sobre o caos dos bipes. — Ejete, Spin! Você vai cair!

Ejetar.

Você não deveria ser capaz de pensar durante momentos como esses. Tudo deveria acontecer em um clarão. E, mesmo assim, aquele segundo pareceu congelar para mim.

Minha mão, pairando no ar enquanto tentava alcançar a alavanca ejetora entre minhas pernas.

O mundo rodopiando, tudo um borrão. Minha asa perdida. Minha nave em chamas, meu anel de aclive sem responder.

Um momento paralisado entre a vida e a morte.

E Arrojada, no fundo da minha mente. Corajosas até o fim. Nunca covardes. *Um pacto*.

Eu não ejetaria. Eu poderia controlar a descida da nave! Eu *NÃO* era *COVARDE*! Eu não tinha medo de morrer.

E o que acontecerá com eles, alguma coisa dentro de mim perguntou, *se você fizer isso?* O que significaria para minha esquadrilha me perder? Como seria para Cobb, para a minha mãe?

Gritando, agarrei a alavanca ejetora e puxei com força. Meu dossel explodiu para fora e meu assento foi lançado no céu.

Acordei em silêncio.

E... o vento, roçando meu rosto. Meu assento caído no chão empoeirado e meu rosto virado para o céu. O paraquedas sacudindo atrás de mim; eu podia ouvir o vento brincando com ele.

Eu tinha desmaiado.

Estava deitada ali, olhando para cima. Riscas vermelhas ao longe. Explosões. Clarões de luz laranja. Apenas estalos fracos a essa distância.

Eu me virei de lado. O que restava do meu Poco queimado ali perto, destruído.

Meu futuro, minha vida, tudo queimado com ele. Fiquei deitada até que a batalha terminasse e os Krell recuassem. Jorgen fez um sobrevoo para verificar se eu estava bem, e acenei para ele, para acalmar sua preocupação.

Quando o veículo de resgate veio me buscar – descendo silenciosamente com o anel de aclive –, eu já tinha saído do assento. Meu rádio e meu cantil tinham sobrevivido à queda, presos ao meu assento. Um médico me fez sentar no veículo e me examinou, enquanto um membro do Corpo de Investigação saía e examinava os restos do meu Poco.

Depois de um tempo, a mulher do resgate voltou, segurando uma prancheta.

— E então? — perguntei baixinho.

— As cápsulas de gravidade do assento impediram você de esmagar sua coluna — o médico disse. — Você parece ter sofrido um rebote mínimo, a menos que haja alguma outra dor que não tenha me contado.

— Eu não estava falando de mim. — Olhei para a mulher do resgate e depois para meu Poco.

— O anel de aclive está destruído — ela falou. — Não há muito o que resgatar.

Era disso que eu tinha medo. Prendi o cinto do assento do veículo de resgate e olhei pela janela durante o tempo em que decolávamos. Observei enquanto a luz ardente do fogo do meu Poco desaparecia e se apagava.

Por fim aterrissamos em Alta e eu desci do veículo com o corpo duro, dolorido. Atravessei a pista mancando. De algum modo, eu sabia – antes mesmo de ver o rosto dela – que uma das figuras paradas na escuridão ao lado do sítio de pouso seria a almirante Ironsides.

Claro que ela viria. Finalmente tinha uma desculpa real para me expulsar. E como eu poderia culpá-la, agora que eu sabia o que sabia?

Parei diante dela e prestei continência. Ela, notavelmente, prestou continência também. Então, tirou o broche de cadete do meu uniforme.

Eu não chorei. Honestamente, estava cansada demais e minha cabeça doía muito.

Ironsides girou o broche entre os dedos.

— Senhora? — perguntei.

Ela me devolveu o broche.

— Cadete Spensa Nightshade, você está dispensada da escola de voo. Segundo a tradição, que dita o que deve ser feito quando um cadete é abatido logo antes da graduação, você será colocada em uma lista de possíveis pilotos para serem chamados se houver naves extras.

Esses "possíveis pilotos" só podiam ser convocados por ordem da almirante. Isso nunca aconteceria comigo.

— Você pode ficar com seu broche — Ironsides acrescentou. — Use-o com orgulho, mas devolva o restante dos seus equipamentos ao contramestre até amanhã às doze horas. — Então, sem mais uma palavra, ela se virou e foi embora.

Prestei continência mais uma vez, com o broche apertado entre os dedos da outra mão, e fiquei assim até que ela sumiu de vista. Estava acabado. Eu estava acabada.

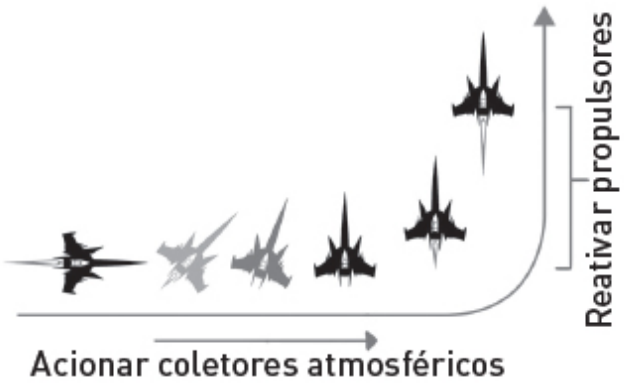
Só dois membros da Esquadrilha Celeste se formariam, no fim das contas.

Métodos de viragens

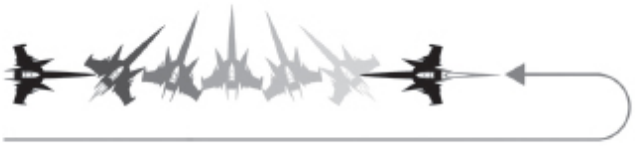
Curvas

Curva deslizada padrão

Curva em atmosfera mínima (ou ajudada pelos coletores)



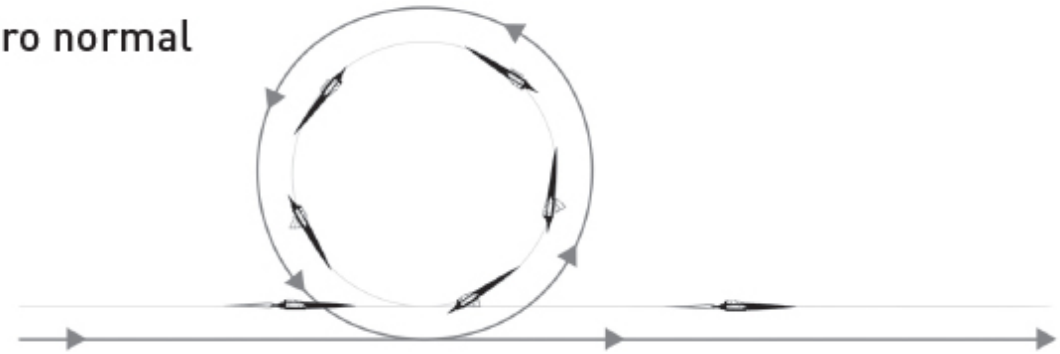
Reversão em atmosfera mínima (ou ajudada pelos coletores)



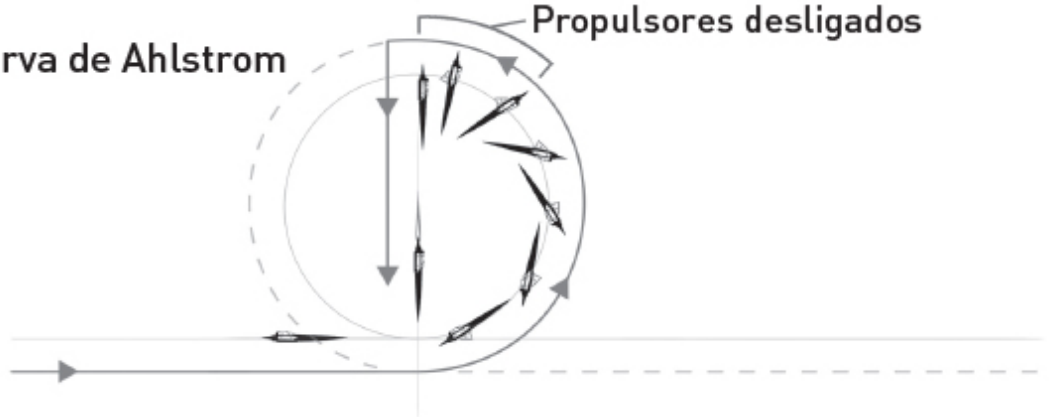
Curva com ajuda da lança de luz

Giros

Giro normal



Curva de Ahlstrom



QUINTA PARTE

Interlúdio

Um problema resolvido, Judy "Ironsides" Ivans pensou enquanto se afastava da plataforma de lançamento. Rikolfr, seu ajudante de campo, correu ao lado dela, segurando a sempre presente prancheta cheia de coisas que Judy precisava fazer.

Na entrada do edifício de comando, ela olhou por sobre o ombro. A filha de Chaser – o defeito – ainda estava em posição de sentido, prestando continência, e depois apertou o broche de cadete contra o peito.

Judy sentiu uma pequena pontada de culpa, e então seguiu para o Comando de Voo. *Já lutei essa batalha*, ela pensou*, e ainda tenho as cicatrizes*. Da última vez que ignorara o defeito, fora obrigada a ver um amigo enlouquecer e matar seus companheiros de esquadrilha.

Aquele era um bom desenlace. A garota conquistara alguma honra, como lhe era devido por sua paixão. E agora Judy tinha alguns dados sobre o cérebro de pessoas com o defeito. Tinha que dar crédito ao artifício de Cobb por isso – se ele não a obrigasse a aceitar a menina na FDD, Judy nunca teria tido essa oportunidade.

Agora, felizmente, ela tinha um motivo sólido e tradicional para nunca mais colocar a filha de Chaser em um caça novamente. E poderia observar cada novo cadete em busca de sinais do defeito. Era o final ideal, realmente, de qualquer ponto de vista.

Se os outros problemas pudessem ser resolvidos tão facilmente. Judy se aproximou de uma pequena sala de reuniões e parou, olhando para Rikolfr.

— Eles estão aí?

— LAN Weight está presente — Rikolfr respondeu. — Assim como os LAN Mendez e Ukrit.

Eram três Líderes da Assembleia Nacional. Em geral, eles enviavam subordinados para essas reuniões pós-batalha, mas Judy vinha esperando um confronto maior há algum tempo. Ela precisava de alguma coisa para dar para eles. Um plano.

— Os técnicos de rádio confirmaram a existência daquele estaleiro que os batedores viram na noite passada?

Rikolfr lhe entregou uma folha de papel.

— Está longe demais para scanners tradicionais, mas conseguimos mandar uma nave científica para investigar de uma distância segura. O estaleiro está lá e os

cientistas estão otimistas. Se for como o outro e, se pudermos protegê-lo dos Krell, poderemos recuperar centenas de anéis de aclive.

Ela assentiu, lendo as estatísticas.

— A órbita está decaindo rapidamente, senhora — Rikolfr observou. — O velho estaleiro parece estar sofrendo uma falha severa de energia. Os cientistas acham que os canhões de proximidade vão parar de disparar em alguns dias, bem quando ele entrar na atmosfera. Sem dúvida, os Krell vão tentar destruí-lo.

— Então temos que impedir isso — Judy falou. — Mais alguma coisa que eu deveria saber?

— Com esse tanto de líderes da Assembleia? Parece uma emboscada, senhora. Esteja preparada.

Ela assentiu, assumiu sua expressão política e entrou na pequena sala, com Rikolfr logo atrás. A reunião das pessoas mais poderosas das cavernas inferiores esperava por ela, cada um deles usando uniformes militares e broches que indicavam seus méritos.

— Senhoras e senhores — ela disse —, estou feliz em vê-los se interessarem diretamente por...

— Dispensamos suas platitudes, Ironsides — Algernon Weight, pai do jovem Jorgen, disse. O homem rígido estava sentado na ponta da mesa de reuniões, em oposição a Judy. — Você perdeu mais naves esta noite.

— Tivemos sucesso em espantar uma destruidora de vida, conseguindo uma grande vitória sobre...

— Você está levando a FDD ao fundo do poço — Weight falou.

— Durante o seu mandato — Ukrit acrescentou — nossa reserva de naves caiu para mínimos históricos. Ouvi dizer que naves quebradas estão paradas nos hangares, sem peças para reparo.

— Nossa taxa de mortalidade de pilotos é terrível — Valda Mendez disse. Era uma mulher pequena, bronzeada com quem Ironsides voara uma vez. — Queremos saber quais são seus planos para deter a espiral de fracasso da FDD.

Ajudaria se vocês parassem de levar nossos melhores pilotos embora, Ironsides pensou. A própria Vanda parecia não ter vergonha alguma de ter tirado o filho da FDD, para mantê-lo longe das batalhas.

Mas Judy não podia dizer aquilo. Não podia explicar quanto a FDD estava desesperada, agora que os melhores almirantes e comandantes estavam mortos. Ela não podia explicar como previra isso anos atrás e nenhum esforço ou garra havia impedido a derrocada. Não podia explicar que seu pessoal estava sobrecarregado e que a moral da equipe estava baixa com tantas perdas e saídas de pilotos.

Ela não podia dizer nada daquilo porque, embora fosse verdade, não era uma desculpa. O trabalho dela era oferecer uma solução. Um milagre.

Ela ergueu uma das folhas que Rikolfr lhe dera.

— Lei de Lanchester — ela falou. — Vocês conhecem?

— Exércitos iguais de soldados, com habilidades iguais vão impor baixas equivalentes uns aos outros — Weight respondeu. — Mas quanto mais desequilibradas as tropas, mais desproporcionais são as baixas. Essencialmente, quanto mais você supera seu inimigo, menos danos você espera que cada um dos soldados dele cause.

— Quanto maiores forem as suas chances numéricas — Valda acrescentou —, menos pessoas você perde.

Judy entregou a página para o grupo.

— Isso é um relatório dos batedores, com uma análise científica inicial, de um grande pedaço de destroço que vai cair em dois dias. Os Krell nunca mandam mais do que cem naves por vez, mas se conseguirmos resgatar as partes desse estaleiro, poderemos superar isso.

— Centenas de anéis de aclive em potencial — Valda comentou, lendo o relatório. — Acha que conseguimos? Resgatar isso?

— Acho que não temos outra escolha — Judy respondeu. — Até que possamos colocar em campo mais naves do que os Krell, estaremos lutando uma batalha perdida. Se pudermos impedi-los de destruir esse estaleiro enquanto ele cai, pode ser exatamente o que precisamos.

— O relatório diz que vai cair no dia da formatura — Ukrit falou com um grunhido. — Parece que será uma cerimônia curta.

— Vamos ser claros — Weight disse. — Ivans, o que está propondo?

— Precisamos capturar esse destroço — Judy respondeu. — Temos que estar preparados para lançar *tudo* o que temos e proteger isso. Assim que sua órbita começar a se degradar e as armas de proximidade ficarem sem energia, temos que destruir cada nave Krell que tentar chegar perto dele.

— Ousado — Ukrit comentou.

— Eles não vão permitir que o resgate desse destroço seja fácil — Rikolfr observou, olhando para os demais. — Se não recuarem, não recuaremos tampouco. Podemos acabar envolvidos em uma batalha na qual cada uma de nossas naves estará comprometida. Se perdermos, isso nos deixará devastados.

— Será uma segunda Batalha de Alta — Weight falou baixinho. — Tudo ou nada.

— Eu lutei na Batalha de Alta — Ironsides lembrou. — E sei os riscos envolvidos em um enfrentamento como esse. Mas, francamente, estamos sem opções. Ou tentamos isso, ou estamos perdidos. Posso contar com o apoio de vocês para essa proposta?

Um de cada vez, os líderes da Assembleia assentiram. Eles sabiam tão bem quanto ela. A hora de tomar uma decisão era quando você ainda estava forte o suficiente para possivelmente vencer.

E, simplesmente assim, eles se comprometeram.

Que as estrelas ajudem a todos nós, Judy pensou.

48

Eu fui à formatura.

Fiquei na plateia com todos os outros, no campo de manobras ao lado do parque das estátuas dentro da Base Alta.

No palco de madeira, Ironsides colocou o broche em cada um dos oito graduados, com o símbolo do sucesso deles. Eu estava no fundo da pequena multidão, junto com algumas outras pessoas que também usavam o broche de cadete. Pessoas que tinham fracassado, como eu. Embora não pudéssemos voar, nossos broches nos dariam acesso aos elevadores sempre que quiséssemos, e éramos convidados para cerimônias como essas. Eu recebi uma carta de Ironsides.

Minhas emoções estavam confusas enquanto eu via Jorgen e FM, um por vez, aceitarem seus broches. Eu certamente sentia orgulho deles. E uma inveja profunda, além de um alívio um tanto envergonhado ao mesmo tempo. Eu não sabia se seria de confiança se estivesse naquela posição. Isso resolvia o problema. Eu não tinha que decidir.

Bem no fundo do meu coração, no entanto, meu mundo estava desabando. Nunca mais voar de novo? Eu poderia viver sabendo disso?

Jorgen e FM prestaram continência com as mãos enluvadas, usando uniformes brancos, novos e impecáveis. Aplaudi os oito graduados com o restante da multidão, mas não pude deixar de pensar que tínhamos perdido pelo menos três vezes aquela mesma quantidade de naves nos últimos quatro meses. Há não muito tempo, um bom piloto da FDD poderia voar por cinco anos, conseguir umas duas dúzias de mortes e se aposentar para trabalhar em voos de carga. Mas as baixas estavam cada vez piores, e cada vez menos pilotos duravam cinco anos.

Os Krell estavam vencendo. Devagar, mas com certeza.

Ironsides começou a falar:

— Normalmente, vocês esperariam que eu fizesse um discurso ruim agora. É praticamente uma tradição. Mas temos uma operação de alguma importância hoje, então vou deixar apenas algumas palavras. Esses atrás de mim representam nosso melhor. São nosso orgulho, o símbolo de como somos Desafiadores. Não nos esconderemos. Não recuaremos. Vamos conquistar nosso lar entre as estrelas, e isso começa hoje.

Mais aplausos, embora eu tenha me dado conta – pelas conversas ao meu redor – de que um discurso tão curto era estranho. Enquanto alguns refrescos eram colocados em mesas à nossa direita, a almirante e a equipe de comando foram embora sem cumprimentar ninguém. Mais estranho ainda, os pilotos recém-comissionados a seguiram.

Estiquei o pescoço e vi uma esquadrilha de caças disparar no ar de uma plataforma de lançamento ali perto. Será que estava acontecendo alguma incursão? Eles realmente precisavam de todos os graduados? Depois de passar os últimos dias lá embaixo, com a minha mãe e a Vozinha, eu estava ansiosa para ver Jorgen e FM novamente.

Os estrondos soavam ao longe enquanto os caças se afastavam até uma distância segura da base, antes de acionarem a aceleração máxima e ultrapassarem a barreira do som. Um homem ali perto observou que importantes líderes da Assembleia – incluindo aqueles cujos filhos estavam entre os graduados – não tinham comparecido à cerimônia. Alguma coisa estava acontecendo.

Dei um passo na direção da plataforma de lançamento e então enfiei as mãos nos bolsos do macacão. Virei-me para ir embora, mas parei. Cobb estava ali, segurando uma bengala com um cabo dourado. Era estranho; eu não me lembrava de já tê-lo visto usando uma daquelas.

Mesmo no impecável uniforme branco, ele parecia tão velho quanto uma pedra desgastada entre a poeira. Prestei continência para ele. Eu não pude encará-lo, não pude encarar nenhum deles, desde que fui abatida.

Ele não devolveu a saudação. Mancou até mim e me olhou de cima a baixo.

— Vamos enfrentar isso?

— O que há para enfrentar? — perguntei, ainda mantendo continência.

— Abaixe a mão, garota. Você está perto o suficiente da graduação. Posso exigir que você receba pelo menos um broche de piloto formado, como Arturo.

— Eu nunca vou poder voar, então qual é a diferença?

— Um broche de piloto formado vale muito em Ígneo.

— Isso nunca foi pelo broche — comentei. Olhei por sobre o ombro dele quando outra esquadrilha levantou voo. — O que está acontecendo?

— Lembra daquele estaleiro que você localizou? Deve cair da órbita hoje. A almirante está determinada a pegá-lo e, se ela ganhar essa batalha, teremos centenas de vagas abertas para pilotos, mais do que podemos preencher.

Eu finalmente abaixei a mão, desfazendo a continência, observando a segunda esquadrilha atingir velocidade supersônica. Uma sequência distante de estalos soou no ar, sacudindo a louça e a mesa de refrescos.

— Spin? — Cobb falou. — Eu não achava que você seria...

— Eu ouço as estrelas, Cobb.

Ele se calou imediatamente.

— Eu vi os olhos — prossegui. — Milhares de pontinhos de luz branca. Mais ainda. Milhões deles. Como se fossem um, eles se viraram para me olhar. E eles me viram.

Cobb ficou branco como papel. Sua mão tremia na bengala. Ele ficou parado praticamente sozinho no piso compactado do campo de manobras.

— Eu tenho o defeito — sussurrei. — Como meu pai.

— Eu... entendo.

— Ele teve algum comportamento errático antes daquele dia? — perguntei. — Mostrou algum sinal antes de mudar de lado de repente e atacar vocês?

Cobb negou com a cabeça.

— Ele via coisas, ouvia coisas, mas nada perigoso. Judy, Ironsides, sempre disse para ele que, mesmo que o defeito fosse real, ele poderia superar. Ela lutou por ele, defendeu-o. Arriscou o próprio pescoço, até...

Uma terceira esquadrilha decolou. Eles estavam realmente decididos a pegar aquele estaleiro.

Olhei para cima, na direção das sombras retorcidas do campo de detritos. Suspirei, então tirei o rádio do cinto e o entreguei para Cobb.

Ele hesitou, e então o pegou. Eu podia ver a verdade por sua expressão preocupada, pelo rosto pálido. Ao saber que eu vira aqueles olhos, ele mudara de ideia. Não queria mais que eu voasse. Era perigoso demais.

— Sinto muito, filha — ele disse.

— É melhor assim — respondi. — Não temos que nos preocupar com o que eu poderia ou não fazer.

Forcei um sorriso, então dei as costas para ele e segui para a mesa de refrescos. Por dentro, eu estava com o coração partido.

A pessoa que eu era há quatro meses nunca teria aceitado algum "defeito" fantasma como desculpa para impedi-la de voar. Mas eu não era mais aquela pessoa. Era alguém diferente, alguém que não podia olhar para coragem e covardia com o significado simples que essas palavras tinham antes.

Eu havia ejetado. Eu quase fora esmagada pelo peso da perda dos meus amigos. Mesmo ignorando toda a loucura sobre ouvir estrelas, eu não tinha certeza de que *merecia* voar.

Era melhor deixar tudo aquilo para trás. Abaixei a cabeça e dei as costas para a mesa de refrescos, sem querer estar perto das pessoas.

Uma mão me segurou pelo braço.

— E aonde você pensa que vai?

Levantei os olhos, pronta para dar um soco... Nedd?

Ele me deu um sorriso bobalhão.

— Eu perdi a cerimônia, não foi? Tinha certeza de que não haveria problema em chegar alguns minutos atrasado. Ironsides sempre fala por dez horas. Onde está o Babaca? E FM? Preciso parabenizá-los.

— Estão voando em uma missão.

— Hoje? — Nedd perguntou. — Que idiotice. Eu deveria convencê-los a se juntar a nós em uma festa de verdade. — Ele pareceu realmente chateado enquanto, atrás de nós, uma quarta esquadrilha de naves subiu ao céu. Nedd suspirou, e então me segurou pelo braço novamente.

— Bem, pelo menos posso convencer você.

— Nedd, eu não consegui. Eu ejetei. Eu...

— Eu sei. Isso significa que não será nenhum demérito para você deixar a base e ir para a festa. — Ele saiu me puxando. — Venha. Os outros já estão prontos. A família de Arturo tem acesso ao rádio. Podemos ouvir a batalha e comemorar por eles.

Suspirei, mas aquela última parte era intrigante. Deixei que ele me levasse enquanto uma quinta esquadrilha ganhava os céus e voava na mesma direção das outras.

— Cobb disse que a almirante tentaria resgatar o estaleiro — expliquei enquanto Arturo colocava uma grande caixa quadrada na nossa mesa no restaurante, sacudindo as bebidas. — Nedd e eu vimos pelo menos cinco esquadrilhas decolarem. Estão levando isso a sério.

Os outros se reuniram ao redor. Era bom vê-los novamente, e estranhamente refrescante não ver condenação em seus olhos. Kimmalyn, Nedd, Arturo. O resto do restaurante escuro estava vazio. Apenas nós e um casal de adolescentes mais jovens que não usava broche de voo, provavelmente filhos dos trabalhadores do campo ou dos pomares.

— Eles convocaram todo mundo — Arturo disse, levando o fio do rádio até a parede. — Até mesmo os reservas das cavernas inferiores. Vai ser uma batalha e tanto.

— Sim — concordei. Olhei para a minha bebida e para as minhas fritas, que não tinham sido tocadas ainda.

— Ei — Kimmalyn falou, cutucando-me de lado. — Está de mau humor?

Dei de ombros.

— Ótimo — ela completou. — É o dia certo para estar de mau humor!

— Dia da graduação — Nedd comentou, erguendo seu copo. — Para o clube dos expulsos!

— Urra! — Kimmalyn respondeu, erguendo seu copo também.

— Vocês dois são idiotas — Arturo disse, mexendo no dial do rádio. — Eu não fui expulso. Eu me graduei antes.

— É mesmo? — Nedd perguntou. — E eles convocaram você para essa batalha, senhor piloto formado?

Arturo corou. Percebi pela primeira vez que ele não estava usando o broche de piloto. A maioria usava todos os dias – com ou sem uniforme.

O rádio começou a falar, e rapidamente Arturo abaixou o volume. Então, virou o dial um pouco mais, até parar em um canal com uma voz feminina firme.

— Aí está — ele falou. — O canal de monitoramento da Assembleia. Ele dá explicações diretas da batalha para os líderes do governo, não a versão higiênica dada para as pessoas que ouvem em Ígneo.

Nós nos acomodamos enquanto a mulher no rádio falava.

— Com a decolagem da Esquadrilha Hera, temos onze esquadrilhas no ar e cinco trios de batedores. Que os Santos e a Estrela do Norte olhem por nós no dia de hoje, enquanto os gloriosos combatentes da Liga Desafiadora lutam.

Nedd assobiou.

— Onze? Temos tantas esquadrilhas assim?

— Obviamente — Arturo respondeu. — Sério, Nedd. Você pensa antes de falar?

— Não! — Ele tomou um gole de sua bebida verde efervescente.

— Um homem que fala o que tem em mente — Kimmalyn disse, solenemente — é um homem que tem uma mente para falar.

— Normalmente mantemos doze esquadrilhas — Arturo explicou. — Quatro em serviço a qualquer momento, em geral com uma ou duas no ar, patrulhando. Quatro para convocação imediata. Mais quatro na reserva, protegidas nas cavernas inferiores. No passado, tentamos mantê-las com dez naves cada, mas ultimamente estamos apenas com onze esquadrilhas, e a maioria delas reúne uma força de apenas sete caças, mais ou menos.

— Oitenta e sete corajosos pilotos — a locutora prosseguiu — estão a caminho de enfrentar os Krell e resgatar os destroços. A vitória trará à nossa Liga glória e espólios sem precedentes!

Ela tinha a voz como a das locutoras que eu ouvia lá embaixo. Forte, mas quase monótona, com um ar de quem estava lendo as páginas conforme elas eram colocadas em sua frente.

— Isso é estéril demais — comentei. — Não podemos ouvir a conversa real? Sintonizar na faixa dos pilotos?

Arturo olhou para os outros. Nedd deu de ombros, mas Kimmalyn assentiu. Então Arturo abaixou ainda mais o volume.

— Não deveríamos ouvir isso — ele falou baixinho. — Mas o que eles vão fazer? Nos expulsar da FDD?

Ele virou o botão até chegar ao canal geral dos líderes de voo. Os rádios em Ígneo não conseguiam decifrar o que diziam, mas obviamente a família de Arturo era importante o suficiente para ter um rádio com um decodificador.

— Eles estão vindo — uma voz desconhecida disse. — Caramba. Há *muitos* deles.

— Nos dê um número — Ironsides pediu. — Quantas esquadrilhas? Quantas naves?

— Batedores reportando. — Eu reconheci aquela voz. Era Capa. Uma das batedoras que lutara conosco antes. — Vamos passar os números, almirante.

— Todas as esquadrilhas ativas — Ironsides disse —, fiquem em posição defensiva até termos os números do inimigo. Comando de Voo, câmbio, desligo.

Puxei minha cadeira mais para perto, ouvindo a conversa, tentando imaginar a batalha. Um batedor diferente descreveu o estaleiro caindo. Uma construção enorme e antiga de aço, com aberturas e corredores sinuosos.

Os números dos batedores chegaram. A primeira onda de Krell tinha cinquenta naves, mas mais cinquenta vieram depois. O inimigo sabia como aquela batalha era importante. Tinham enviado todas as naves, estavam tão comprometidos quanto nós.

— Cem naves — Nedd comentou baixinho. — Que batalha vai ser... — Ele parecia assombrado, talvez estivesse se lembrando da nossa perseguição pelas entranhas do estaleiro.

— É isso, estão completamente engajados — Ironsides disse. — Esquadrilha Correnteza, Esquadrilha Valquíria, Esquadrilha Tungstênio e Esquadrilha Pesadelo, quero que garantam fogo de cobertura. Caças de dentro, mantenham os Krell longe daquele estaleiro. Não os deixem detonar uma bomba lá!

Uma série de confirmações veio dos líderes de voo. Fechei os olhos, imaginando o enxame de naves, as rajadas de incineradores no ar. Era um campo de batalha relativamente aberto, com poucos detritos exceto o imenso estaleiro.

Meus dedos começaram a se mover, como se eu estivesse controlando uma nave. Eu podia senti-la. O balanço do cockpit, o barulho do ar, o brilho do propulsor...

Santos e estrelas. Eu ia sentir tanta falta de tudo isso.

— Há um bombardeiro — um dos líderes de voo falou. — Tenho a confirmação de três naves.

— Confirmação dos batedores — Capa assegurou. — Também vimos. Comando de Voo, um bombardeiro está indo em direção ao estaleiro. Está carregando uma destruidora de vida.

— Afaste-o de lá! — Ironsides exclamou. — Proteger o estaleiro é nosso objetivo mais importante.

— Sim, senhora — um dos líderes de voo respondeu. — Confirme. Nós o expulsamos, mesmo que isso signifique mandar o bombardeiro na direção de Alta?

Silêncio na linha.

— Serão necessárias duas ou mais horas de voo na velocidade do bombardeiro para entrar no alcance de Alta — Ironsides respondeu. — Teremos tempo para detê-lo antes disso. Ordens mantidas.

— Duas horas? — Nedd perguntou. — Eles estão mais distantes do que eu pensava.

— Bem, bombardeiros seguem na metade da velocidade de um Poco — Arturo comentou. — Então o estaleiro está caindo a uma hora daqui, que é o tempo que nossas forças levam para chegar lá. Um pouco mais, se você demorar muito para calcular.

— Por que eu faria isso — Nedd disse —, quando você sempre faz o trabalho pesado para mim?

— Alguém mais está... ansioso? — Kimmalyn perguntou.

— Eles dizem que há uma destruidora de vida lá fora, com potencial para vir para cá — Arturo respondeu. — Então, sim.

— Não por isso — Kimmalyn falou, olhando para mim. — Por ficarmos só sentados aqui, ouvindo.

— Deveríamos estar lá em cima — sussurrei. — É isso. A batalha como a Batalha de Alta. Eles precisam de todo mundo... e estamos aqui. Ouvindo. Bebendo refrigerante.

— Eles estão usando todas as naves prontas para batalha — Arturo comentou. — Se voltássemos para a FDD, só ficaríamos sentados por ali, ouvindo.

— Conseguimos espantá-lo — um dos líderes de voo falou. — Confirmo, o bombardeiro desviou para longe do estaleiro. Mas, almirante, ele está tentando seguir na direção de Alta.

— Esse bombardeiro é rápido — Capa disse. — Mais rápido do que a maioria.

— Contingentes de batedores — Ironsides ordenou —, avancem para interceptá-lo. Todos os demais, não se distraiam. Fiquem no estaleiro! Isso pode ser uma isca.

— Tive três naves abatidas — um líder de voo disse. — Peço apoio. Estão nos atacando, Comando de Voo. Caramba, é...

Silêncio.

— O líder de voo da Valquíria foi abatido — alguém falou. — Vou absorver as naves restantes. Comando de Voo, estamos levando uma surra aqui.

— Todas as naves em ofensiva total — Ironsides mandou. — Obriguem o inimigo a recuar. Não deixem que alcancem o estaleiro.

— Sim, senhora — um coro de líderes de voo respondeu.

A batalha continuou por mais algum tempo, e nós ficamos ouvindo, tensos. Não só por causa dos pilotos que morriam tentando garantir o estaleiro, mas porque, a cada momento da batalha, aquele bombardeiro se aproximava mais e mais de Alta.

— Naves batedoras — Ironsides disse depois de um tempo. — Têm alguma atualização daquela destruidora de vida?

— Ainda estamos atrás dela, senhora — Capa respondeu. — Mas o bombardeiro é bem-defendido. Dez naves.

— Entendido — Ironsides disse.

— Senhora! — Capa chamou. — Está indo mais rápido do que um bombardeiro normal. E está acelerando. Se não tomarmos cuidado, o alcance da explosão chegará a Alta.

— Enfrentem-nos — Ironsides comandou.

— Só com batedores?

— Sim — Ironsides respondeu.

Eu me sentia tão impotente. Quando criança, ao ouvir as histórias de guerra, minha imaginação se enchia de drama e excitação – glórias e mortes. Mas, hoje, eu podia ouvir a tensão nas vozes dos líderes de voo que viam seus amigos morrerem. Ouvia explosões pelo canal e estremecia a cada uma delas.

Jorgen e FM estavam lá fora, em algum lugar. Eu deveria estar ajudando. Protegendo.

Fechei os olhos. Quase sem querer, comecei a fazer o exercício da Vozinha, imaginando que estava flutuando entre as estrelas. Ouvindo-as. Estendendo a mão e...

Uma dúzia de pontos de luz branca apareceu dentro das minhas pálpebras. Depois centenas. Senti a atenção de algo vasto, algo terrível, se voltando em minha direção.

Fiquei sem fôlego e abri os olhos. Os pontinhos de luz desapareceram, mas meu coração martelava em meus ouvidos e tudo em que eu conseguia pensar era na sensação inescapável de *coisas* me vendo. Coisas sobrenaturais. Coisas odiosas.

Quando eu finalmente consegui voltar a minha atenção novamente para a batalha, Capa estava relatando um conflito aberto com as naves protetoras da destruidora de vida. Arturo mudou algumas frequências e achou a conversa da

esquadrilha – doze batedores haviam se juntado em uma única esquadrilha para essa batalha.

Arturo oscilava entre o canal dos batedores e o canal dos líderes de voo. As duas batalhas eram ferozes, mas, por fim – em muito tempo –, algumas notícias boas chegaram.

— Bombardeiro destruído! — Capa falou. — A destruidora de vida está em queda livre, seguindo em direção ao solo. Todos os batedores, recuem! Aceleração máxima! Agora! — O canal dela falhou e chiou.

Nós esperávamos, ansiosos. E eu achei ter ouvido a sequência de três explosões – de fato, eu tinha certeza daquilo – ecoando em uma distância próxima. Caramba. Aquilo era perto de Alta.

— Capa? — Ironsides chamou. — Belo trabalho.

— Ela está morta — uma voz baixa falou na linha. Era FM. — Aqui é codinome FM. Capa morreu na explosão. Há... senhora, sobraram três de nós na esquadrilha de batedores. Os outros morreram na batalha.

— Confirmado — Ironsides respondeu. — Que as estrelas aceitem suas almas.

— Devemos... retornar para a outra batalha? — FM perguntou.

— Sim.

— Tudo bem. — Ela parecia abalada.

Olhei para os outros, frustrada. Certamente havia algo que poderíamos fazer.

— Arturo — falei —, sua família não tem alguns caças particulares?

— Três caças — ele falou. — Lá embaixo, nas cavernas profundas. Mas, como regra, eles não se envolvem em batalhas da FDD.

— Nem mesmo em uma batalha desesperada como essa? — Kimmalyn perguntou.

Arturo hesitou, e então falou baixinho.

— Especialmente em batalhas como essa. A tarefa dessas naves é proteger a minha família se tivermos que evacuar. Quanto piores as coisas estiverem, menos provável que a minha família envolva suas naves.

— E se não pedirmos a eles? — Nedd sugeriu. — E se apenas pegarmos as naves?

Ele e Arturo trocaram olhares, depois sorriram. Ambos olharam para mim e meu coração tremeu de excitação. Voar de novo. Em uma batalha como essa, como a Batalha de Alta.

A batalha na qual... meu pai tinha surtado. Para mim era perigoso demais ir lá para cima. E se eu fizesse o que ele fez e me voltasse contra os meus amigos?

— Levem Kimmalyn — eu me peguei dizendo.

— Tem certeza? — Arturo perguntou.

— Não vou! — Kimmalyn respondeu. Ela segurou as minhas mãos. — Spin, você é melhor do que eu. Eu só vou fracassar de novo.

— As naves da minha família estão em uma caverna protegida — Arturo disse. — Vamos levar uns quinze minutos para colocá-las no elevador privado de naves. Sem contar a parte em que temos que nos infiltrar de algum modo e roubá-las.

Apertei as mãos de Kimmalyn.

— Flácida — eu disse para ela —, você é a melhor atiradora que temos, a melhor de quem já ouvi falar. Eles precisam de você. FM e Jorgen precisam de você.

— Mas você...

— Eu não posso voar, Flácida — respondi. — Há um motivo médico que não posso explicar agora. Então, você precisa ir. — Apertei as mãos dela com mais força.

— Eu falhei com Arrojada — ela disse baixinho. — Vou falhar com os outros.

— Não. O único jeito de falhar, Kimmalyn, é se você não estiver lá. Vá.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, e ela me deu um abraço. Arturo e Nedd saíram correndo da sala, e Kimmalyn saiu correndo atrás deles.

Afundei na minha cadeira e me inclinei na mesa, cruzando os braços e apoiando a cabeça sobre eles.

A conversa no rádio continuou, incluindo uma voz nova.

— Comando de Voo — a voz entrecortada da mulher disse. — Aqui é o posto avançado quarenta e quatro da artilharia antiaérea. Fomos abatidos, senhora.

— Abatidos? — Ironsides perguntou. — O que aconteceu?

— Aquela explosão da destruidora de vida nos atingiu — a mulher disse. — Pelas estrelas. Estou me arrastando para fora dos destroços agora mesmo. Arranquei o rádio do cadáver do meu oficial em comando. Parece que... os postos quarenta e seis e quarenta e oito também se foram. Aquela bomba caiu perto. Temos um buraco em nossas defesas, senhora. Caramba, caramba, *caramba*. Preciso de transporte médico!

— Entendido, posto avançado quarenta e sete. Enviando...

— Senhora? — a voz da atiradora falou de novo. — Me diga se tem isso no radar.

— O quê?

Senti um calafrio.

— Queda de detritos — a atiradora falou. — A norte daqui. Espere um minuto, tenho binóculos...

Esperei, tensa, imaginando uma única atiradora subindo nos destroços de seu posto destruído.

— Vejo múltiplas naves Krell — a atiradora disse. — Um segundo grupo, descendo bem distante da batalha pelo estaleiro. Senhora, estão vindo para cá, onde nossas defesas caíram. Confirme! Me ouvem?

— Ouvimos — Ironsides disse.

— Senhora, estão vindo direto para Alta. Reúna os reservas!

Não havia reservas. O calafrio dentro de mim se tornou gelo. Ironsides havia comprometido tudo o que tínhamos para a batalha pelo estaleiro. E, agora, um segundo grupo de Krell aparecia no céu, bem onde a bomba derrubara nossas defesas.

Era um truque.

Os Krell queriam isso. Queriam atrair nossos caças para uma batalha longe de Alta. Queriam nos convencer de que todas as naves Krell estariam lá para que jogássemos tudo o que tínhamos contra eles. Então jogaram uma destruidora de vida em nossa artilharia antiaérea para abrir caminho.

Desse jeito, podiam mandar mais naves e outra bomba.

Bum.

Nada mais de Desafiadores.

— Esquadrilha Correnteza — a almirante Ironsides disse. — Quero que retornem a Alta imediatamente! Velocidade máxima!

— Senhora? — o líder de voo disse. — Podemos sair agora, mas levaremos uns trinta minutos para chegar, mesmo em Mag-10.

— Rápido! — ela ordenou. — Voltem para cá.

Devagar demais, pensei. Alta estava condenada. Não havia mais naves. Não havia mais pilotos.

Exceto uma.

49

Mesmo assim, eu hesitava.

Eu tinha decidido não ir com Nedd e os outros porque era perigoso demais. E o defeito?

Naquele momento, a voz de Arrojada veio até mim. *Um pacto*, ela parecia sussurrar. *Corajosas até o fim. Nada de recuar, Spin*.

Nada de recuar. Alta estava em perigo e eu ficaria sentada ali? Porque eu estava com medo do que poderia fazer?

Não. Porque eu não sabia, bem no fundo, se era uma covarde ou não. Porque eu me preocupava não só com o defeito, mas se eu era digna de voar. Naquele momento, a verdade me atingiu com força. Como a almirante, eu estava usando o defeito como uma desculpa para não enfrentar a questão verdadeira.

Para evitar descobrir por mim mesma quem eu era.

Eu me levantei e saí correndo do restaurante. Eu tinha que esquecer o defeito – iam jogar uma destruidora de vida para acabar com Alta e Ígneo. Não importava se eu era um perigo. Os Krell eram um perigo muito, muito maior.

Corri pela rua em direção à base, um plano vago de ir até M-Bot se formava em minha mente. Mas aquilo demoraria demais – e, além disso, ele havia se desligado. Eu me imaginei irrompendo caverna adentro apenas para dar de cara com um pedaço de metal vazio e morto que não funcionava.

Parei no meio da rua, sem fôlego, suando, e olhei na direção das colinas e depois na direção da Base Alta.

Havia outra nave.

Corri pela rua e atravessei os portões, mostrando meu broche de cadete para ter permissão para entrar. Virei à direita, na direção das plataformas de lançamento, e segui atrás da equipe de solo, que estava despachando veículos médicos para os postos de artilharia antiaérea. As naves volumosas e lentas subiam com suavidade no ar, usando grandes anéis de aclive.

Localizei Dorgo, o membro da equipe de solo que com frequência trabalhava na minha nave, e corri até ele.

— Celeste Dez? — Dorgo perguntou. — O que está...?

— A nave quebrada, Dorgo — falei, sem fôlego. — Celeste Cinco. A nave de Arturo. Ela consegue voar?

— Nós tínhamos que desmontá-la — Dorgo respondeu, surpreso. — Começamos a consertá-la, mas os escudos não funcionam e não recebemos peças de reposição. A pilotagem também está comprometida. Não dá para usar em batalha.

— Ela ainda voa?

Vários membros da equipe de solo trocaram olhares.

— Tecnicamente, sim — Dorgo respondeu.

— Prepare-a para mim! — pedi.

— A almirante aprovou isso?

Olhei para a lateral da plataforma de lançamento, onde um rádio como o de Arturo transmitia o canal dos líderes de voo. Eles estavam ouvindo.

— Há um segundo grupo de Krell vindo direto para Alta — falei, apontando. — E não há reservas. Você quer conversar com a mulher que me odeia por motivos irracionais ou quer me colocar no maldito ar?

Ninguém respondeu.

— Preparem a Celeste Cinco! — Dorgo gritou, por fim. — Vão, vão! Duas equipes de solo saíram correndo e eu segui para o vestiário, saindo no minuto seguinte – depois da troca de roupa mais rápida da história – em um traje de voo. Dorgo me levou até um Poco que a equipe estava posicionando na plataforma de voo com um reboque.

Dorgo pegou uma escada.

— Tony, isso já dá! Solte a nave!

Subi até o cockpit aberto, tentando não olhar para as marcas negras de incinerador na lateral esquerda da nave. Caramba, ela estava em péssima forma.

— Ouça, Spin — Dorgo falou, seguindo-me até lá em cima. — Você não tem escudo. Entendeu? Os sistemas queimaram completamente e nós o arrancamos. Você está *totalmente exposta*.

— Entendido — falei, prendendo o cinto de segurança.

Dorgo colocou o capacete em minhas mãos. Meu capacete, com meu codinome nele.

— Fora o escudo, seu anel de aclive deve ser a sua maior preocupação — ele prosseguiu. — Está em curto e não sei dizer se vai parar ou não. A esfera de controle também foi listada em nossos relatórios. — Ele me encarou. — A alavanca de ejeção ainda funciona.

— Por que isso importa?

— Porque você é mais esperta do que a maioria — ele respondeu.

— Incineradores? — perguntei.

— Ainda funcionais — ele garantiu. — Você está com sorte. Íamos desmontá-los essa noite.

— Não tenho certeza de que isso conta como sorte — falei, colocando o capacete. — Mas é tudo o que temos. — Eu lhe fiz sinal de positivo com o polegar.

Ele me retribuiu o sinal enquanto sua equipe tirava a escada e meu dossel fechava e travava.

A almirante Judy "Ironsides" Ivans estava no centro de comando. Com as mãos cruzadas atrás das costas, ela olhava um holograma completo projetado do chão, com minúsculas naves em formação.

O estaleiro fora uma isca todo o tempo. Judy fora enganada, os Krell previram o que ela faria e usaram esse conhecimento. Era uma das mais antigas regras de guerra. Se você soubesse o que o inimigo faria, a batalha já estava praticamente ganha.

Ao seu comando, o holoprojetor mudou para o segundo grupo de naves inimigas que se aproximava de Alta. Quinze Krell. Cunhas azuis brilhantes, agora visíveis no radar de alcance curto, que era muito mais preciso do que os de longa distância.

Ele mostrava que uma das naves era, de fato, um bombardeiro.

As naves se aproximaram da zona mortal – uma linha invisível depois da qual, se jogassem uma destruidora de vida, conseguiriam destruir Alta. Mas os Krell não parariam ali. Eles voariam mais para dentro e tentariam jogá-la bem no alto na base. Dessa forma, a bomba penetraria para baixo e destruiria Ígneo.

Eu condenei toda a humanidade, Ivans pensou. Quinze pontos azuis. Sem ninguém para impedi-los.

Então, erguendo-se de Alta, um único ponto vermelho apareceu. Uma nave Desafiadora.

— Rikolfr? — Ironsides chamou. — Os proprietários de naves particulares atenderam ao meu chamado? Estão mandando seus caças? — Havia apenas oito deles nas cavernas mais profundas, mas aquilo era melhor do que nada. Talvez o suficiente para evitar um desastre.

— Não, senhora — Rikolfr respondeu. — Pelo que soubemos, eles estavam planejando evacuar.

— Então quem está naquela nave? — Ironsides perguntou.

Por toda a frenética sala de comando, as pessoas deixaram suas estações de trabalho para olhar para aquele único ponto vermelho. Uma voz surgiu no canal dos líderes de voo.

— Estou indo bem? Confirma? Aqui é Celeste Dez, codinome: Spin.
Era ela.
— O defeito — Ironsides sussurrou.

50

— Aqui é o Comando de Voo — Ironsides disse pelo rádio. — Cadete, onde conseguiu essa nave?

— Isso importa? — perguntei. — Me dê uma direção. Onde estão esses Krell?

— Há *quinze naves* naquela esquadrilha, garota.

Engoli em seco.

— Direção?

— 57-113.2-15000.

— Certo. — Redirecionei a nave e acionei a aceleração máxima. As cápsulas de gravidade funcionaram por alguns segundos, e eu travei os dentes quando as forças g me atingiram. Meu Poco começou a sacudir sob a tensão, mesmo na velocidade relativamente baixa de Mag-5. Caramba. O que impediria essa nave de desmontar? Cuspe e rezas?

— Quanto tempo até que entrem na zona mortal? — perguntei.

— Menos de oito minutos — Ironsides respondeu. — Pelas nossas projeções, você os alcançará em dois minutos.

— Ótimo — falei, inspirando profundamente e acelerando até Mag-6. Eu não ousava ir mais rápido com a quantidade de arrasto na asa queimada. — Podemos ter mais alguns reforços chegando. Quando você os localizar, conte para eles o que está acontecendo.

— Há mais de vocês? — Ironsides perguntou.

— Espero que sim. — Tudo dependia se Arturo e os outros conseguiriam roubar algumas naves. — Vou apenas segurar os Krell até lá. Sozinha. Com uma nave que não tem escudo.

— Você não tem escudo?

— Tenho confirmação visual dos Krell — falei, ignorando a pergunta. — Aqui vamos nós!

As naves Krell vieram em minha direção. Eu sabia que eram apenas quinze, mas ao voar ali – sozinha, desprotegida – parecia que eu enfrentava uma armada inteira. Eu imediatamente cortei para o lado, com incineradores brilhando ao meu redor. Eu tinha pelo menos doze me seguindo, e meu aviso de proximidade parecia louco.

Realizei um retorno fechado, desejando que houvesse detritos que eu pudesse usar para manobras mais rápidas. Fiz uma curva para o outro lado – de algum modo conseguindo evitar ser atingida –, até que vi uma nave mais lenta e maior avançando com uma enorme bomba presa em cima dela, quase tão grande quanto a própria nave.

— Comando de Voo — falei, entrando em um mergulho, com incineradores disparando ao meu redor —, tenho confirmação visual de uma destruidora de vida.

— Abata o bombardeiro, cadete — a almirante disse imediatamente. — Você me ouviu. Se conseguir disparar, abata aquela nave.

— Afirmativo — respondi, e me lancei em uma curva giratória. Meu indicador de cápsulas de gravidade piscou, o breve efeito de amortecimento se desfez, e as forças g me esmagaram na lateral do cockpit e em meu assento.

Permaneci consciente – de alguma maneira – enquanto duas naves Krell passavam diante de mim. Meus instintos me diziam para ir atrás delas.

Não. Eles estavam oferecendo alvos para me afastar dali. Desviei em outra direção, e as naves atrás de mim dispararam uma tempestade insana de incineradores.

Eu não duraria muito neste voo. Não conseguiria aguentar até que Arturo e os outros chegassem. Os Krell acabariam comigo antes disso.

Eu precisava alcançar aquele bombardeiro.

Os Krell tentavam me levar para o lado, mas eu me esquivei entre dois deles, com a minha nave sacudindo enquanto eu cruzava seus rastros. Aquilo em geral não acontecia, os coletores atmosféricos nivelavam os rastros de voo. Os meus ainda estavam funcionando, felizmente, mas era óbvio que estavam em péssimo estado.

Com os dentes batendo em meu crânio com a sacudida, eu desviei de mais naves e me concentrei em meu objetivo, lançando uma barragem de incineradores.

Alguns acertaram o bombardeiro, mas foram absorvidos pelo escudo e eu não estava perto o bastante para acionar o PIM. As pequenas e estranhas naves que acompanhavam o bombardeiro se soltaram e voaram em minha direção, obrigando-me a ir de lado.

Fiz uma longa curva, tentando ignorar o fato de que agora estava sendo perseguida por quase duas esquadrilhas de inimigos.

Eu me concentrei na minha nave. Nas minhas manobras.

Eu, os controles, a nave. Juntos, respondendo a...

Direita.

Desviei antes que uma nave Krell conseguisse me interceptar.

Estão disparando com tudo. Mergulhei, passando por uma barragem súbita e concentrada de fogo.

Esquerda. Fiz uma curva aberta por instinto, girando entre duas naves inimigas – e fazendo com que colidissem.

Era estranho. Mas, de algum modo, eu conseguia ouvi-los em minha mente. De algum modo eu sabia os comandos que estavam sendo dados para as naves inimigas.

Eu podia *ouvi-los*.

Judy ficou parada em silêncio ao lado do holograma e, lentamente, auxiliares e almirantes juniores se reuniram ao redor. Nesse momento, todas as esquadrilhas haviam abandonado a batalha pelo estaleiro e sido enviadas imediatamente de volta para Alta.

Eles eram lentos demais. Mesmo a Esquadrilha Correnteza, que recebera a ordem primeiro, estava muito longe. Naquele momento, tudo o que importava era uma mancha vermelha entre um enxame azul. Uma mancha vermelha magnífica que se movia entre ataques inimigos, de alguma forma evitando a destruição uma vez e mais outra.

De algum jeito, ela encarava dificuldades esmagadoras e *sobrevivia*.

— Vocês já viram alguém voando assim antes? — Rikolfr perguntou.

Judy assentiu.

Ela já tinha visto. Um outro piloto.

Eu não podia explicar. De algum modo, eu sentia as ordens que vinham de cima, dizendo às naves Krell o que fazer. Eu podia ouvi-los... ouvi-los processando, pensando.

Não era uma vantagem avassaladora, mas era o suficiente. Só mais um pouquinho, eu precisava pilotar meu Poco que estava caindo aos pedaços em mais uma curva, e dispararia mais uma vez no bombardeiro.

São cinco disparos, pensei enquanto era obrigada a recuar mais uma vez por quatro naves protetoras negras. O escudo do bombardeiro logo seria desativado. O treinamento de Cobb estava em minha mente, avisando-me para acionar a

aceleração máxima assim que eu derrubasse o bombardeiro. Uma vez que a destruidora de vida atingisse o solo, a explosão seria...

— Spin? — Era a voz de Jorgen.

Aquilo quase desviou minha atenção. Girei a nave, esquivando-me.

— Spin, é você? — ele perguntou. — Meu líder de voo mencionou que você estava no canal. O que está acontecendo?

— Eu... — respondi entredentes. — Estou me divertindo sem você. Mais. Krell. Para. Mim.

— Estou na Esquadrilha Correnteza — Jorgen falou. — Estamos chegando para ajudar.

As brincadeiras e as bravatas inteligentes me escaparam.

— Obrigada — sussurrei, suando no interior do capacete, enquanto eu tentava dar a volta para mais uma passada.

Rajadas vermelhas desceram sobre mim, cortando a minha nave. Mas eu conseguia desviar delas. Eu sabia o que eles...

Outra explosão atravessou a minha nave, estourando a ponta do nariz do Poco. Algo me atingira, algo que eu não havia previsto.

Meu Poco sacudiu, seu nariz foi deixando um rastro de fumaça, meu console tornou-se basicamente uma imensa área contínua de luzes vermelhas. Mas eu ainda tinha capacidade de manobra e desviei para o lado.

Aquele disparo, pensei. *Uma nas naves negras me atingiu – e eu não consegui ouvir suas ordens na minha mente.*

Dei a volta em direção ao bombardeiro mais uma vez. Apertei os gatilhos e nada aconteceu. Caramba, os incineradores estavam no nariz da nave. Haviam sido danificados com aquele disparo.

Minha esfera de controle balançava, ameaçando parar de funcionar. Exatamente como Dorgo avisara.

— Você tem um minuto até que aquele bombardeiro chegue à zona mortal, Celeste Dez — Ironsides disse baixinho.

Eu não respondi, lutando para permanecer na frente dos inimigos que vinham por todos os lados.

— Se ele entrar na zona — Ironsides falou —, você tem total autorização para abatê-lo mesmo assim. Confirma, piloto?

Destruidoras de vidas eram projetadas para explodir se fossem detonadas ou se atingissem o solo. Então, se eu derrubasse aquele bombardeiro, mesmo que estivesse perto demais para que a explosão destruísse Alta, Ígneo estaria protegida.

— Confirmado — falei, virando de lado.

Sem armas.

Eu podia ouvir o ruído do ar quase como se meu dossel tivesse caído. Meu nariz ainda estava em chamas.

Menos de um minuto.

Ganhei altitude, então me virei para um mergulho, as naves Krell continuavam atrás de mim.

O escudo do bombardeiro está quase desativado.

Apontei meu nariz diretamente para o bombardeiro lá embaixo e acionei a aceleração máxima.

— Cadete? — Ironsides me chamou. — Piloto, o que está fazendo?

— Minhas armas se foram — sibilei entredentes. — Tenho que me chocar contra aquela nave.

— Entendido — Ironsides sussurrou. — Com a velocidade dos Santos, piloto.

— O quê? — Jorgen falou na linha. — O quê? Vai se chocar naquilo? Spin!

Mergulhei em direção ao bombardeiro inimigo.

— Spin — a voz de Jorgen mal podia ser ouvida sobre os alarmes de aviso e o vento rugindo ao redor do meu cockpit. — Spin, você vai morrer.

— Sim — sussurrei. — Mas venceremei mesmo assim.

Segui em direção à nave, em meio a uma coluna de fogo inimigo. Então, depois de tudo aquilo, de ter sido levada ao extremo, minha pobre nave quebrada chegou ao limite.

Meu anel de aclive parou.

Minha nave caiu em um mergulho inesperado e eu passei pelo bombardeiro, sem conseguir acertá-lo. Levada pelos ventos e sem o anel de aclive para mantê-la, minha nave começou a rodopiar fora de controle.

Tudo se transformou em um borrão de fumaça e fogo.

51

Ninguém deveria ser capaz de pensar em momentos como aquele. Supostamente, tudo deveria acontecer como em um clarão.

Minha mão se moveu por instinto em direção à alavanca de ejeção entre as minhas pernas. Minha nave estava em um giro descontrolado, sem controle de altitude. Eu cairia.

Congelei.

Ninguém mais estava perto o bastante. Sem mim para impedi-los, os Krell voariam sem obstáculos para destruir Ígneo.

Se eu caísse, seria o fim.

Levei a mão de volta ao acelerador. Com a outra, abaixei os coletores atmosféricos, soltando a nave completamente aos sabores do vento. Então, empurrei o acelerador para frente, acionando a aceleração máxima.

Nos velhos tempos, era assim que as naves voavam. Eu precisava de uma ascensão à moda antiga e isso veio da velocidade.

Minha nave sacudia loucamente, mas eu inclinei a esfera de controle, acertando a espiral.

Vamos lá, vamos lá!

Notei que estava funcionando. Lutei para controlar os flaps das asas e sentia as forças g diminuírem enquanto minha nave começava a se nivelar. Eu conseguiria fazer aquilo. Eu...

Deslizei no solo.

As cápsulas de gravidade se acenderam imediatamente, protegendo-me do impacto da queda. Mas, infelizmente, eu não recuperara o controle rápido o bastante e a nave não ganhara elevação suficiente.

A nave escorregou pelo chão, o segundo impacto me lançou para frente e, presa ao cinto, fiquei sem ar. Meu pobre Poco derrapou pela superfície empoeirada, com o cockpit sacudindo. O dossel quebrou e eu gritei. Não tinha controle. Só tinha que me preparar e esperar que as cápsulas de gravidade tivessem tempo suficiente para recarregar entre...

CRANCH.

Com um som estridente de metal retorcido, o Poco parou de repente.

Eu fui jogada contra o cinto de segurança, atordoada, e o mundo girou ao meu redor. Gemi, tentando recuperar o fôlego.

Lentamente, minha visão retornou ao normal. Balancei a cabeça, então consegui olhar pela lateral e ver o dossel quebrado do meu cockpit. Minha nave se fora. Eu havia batido em uma colina e, durante a derrapagem, as duas asas e um pedaço da fuselagem foram arrancados. Eu era basicamente uma cadeira presa em um tubo. Até as luzes de aviso do painel de controle pararam de funcionar.

Eu fracassara.

— Caça abatido — alguém no Comando de Voo disse pelo rádio em meu capacete. — Bombardeiro ainda seguindo para o alvo. — a voz ficou mais baixa. — Entrou na zona mortal.

— Aqui é Celeste Cinco — a voz de Arturo disse. — Codinome: Anfi. Tenho Celeste Dois e Seis comigo.

— Pilotos? — Ironsides falou. — Estão voando em naves particulares?

— Mais ou menos — ele disse. — Deixarei que você explique isso para os meus pais.

— Spin? — alguém no Comando de Voo disse. — Qual é seu status? Vimos uma queda controlada. Sua nave funciona?

— Não — respondi, com minha voz rouca.

— Spin? — Kimmalyn falou. — Ah! O que você fez?

— Nada, aparentemente — respondi, frustrada, tentando soltar os cintos. As malditas coisas estavam presas.

— Spin — o Comando de Voo falou. — Evacue os destroços. Krell se aproxima.

Krell se aproxima? Estiquei o pescoço e olhei para trás, na direção do dossel quebrado. Aquela nave negra – uma das quatro que defendia o bombardeiro – tinha dado a volta no céu para conferir meus destroços. Ela obviamente não queria que eu voltasse para o ar e os atacasse por trás.

A nave negra voou baixo, descendo sobre mim. Eu sabia, ao encará-la, que ela não deixaria a minha sobrevivência ao acaso. Ela me queria. *Ela sabia*.

— Spin? — o Comando de Voo perguntou. — Está fora?

— Negativo — sussurrei. — Estou presa ao cinto de segurança.

— Estou indo! — Kimmalyn exclamou.

— Negativo! — Ironsides a interrompeu. — Vocês três se concentrem no bombardeiro. Estão longe demais dela, de qualquer forma.

— Aqui é Correnteza Oito — Jorgen falou pela linha. — Spin, estou chegando! Tempo estimado em seis minutos!

A nave negra Krell abriu fogo contra meus destroços.

Naquele exato momento, uma sombra escura passou por cima de mim, subindo a colina ao meu lado, deslizando e causando uma chuva de poeira. Os incineradores inimigos acertaram o escudo do recém-chegado.

O quê?

Um caça maior, com asas cortantes... em formato de W.

— Aqui é codinome Mongrel — uma voz áspera disse. — Aguente firme, filha.

Cobb. Cobb estava voando em M-Bot.

Cobb disparou sua lança de luz, acertando com habilidade a escura nave Krell enquanto uma passava pela outra. M-Bot era uma nave *muito* maior. Ele puxou a nave assassina Krell para trás como alguém que levava o cãozinho pela coleira e depois a girou em uma manobra calculada, erguendo a nave inimiga em um arco maluco e lançando-a ao chão.

— Cobb? — chamei. — *Cobb?*

— Eu acredito — ele falou no meu rádio — que disse para você ejetar em situações como essas, piloto.

— Cobb! Como? O quê?

M-Bot passou pela lateral da minha nave – bem, pelo menos o que restava dela – e aterrissou, abaixando seu anel de aclive. Com um pouco mais de esforço, consegui por fim soltar meu cinto.

Eu quase tropecei enquanto saía dos destroços e corria. Saltei em uma pedra e consegui subir na asa de M-Bot como fizera tantas vezes antes. Cobb estava sentado no cockpit aberto e, ao lado dele, colocado no apoio de braço, estava o rádio que eu lhe dera. Aquele que...

— Olá! — M-Bot me falou do cockpit. — Você quase morreu e por isso eu direi algo para distraí-la das implicações sérias e entorpecentes de sua própria mortalidade! Odeio seus sapatos.

Dei uma gargalhada quase histérica.

— Eu não queria ser previsível — M-Bot acrescentou. — Então disse que os odiava. Mas, na verdade, acho que esses sapatos são bem bonitos. Por favor, não pense que menti.

Dentro do cockpit, Cobb tremia. Suas mãos tremiam, os olhos fixos adiante.

— Cobb — falei. — Você entrou em uma nave. Você *voou*.

— Essa coisa — ele disse — é *maluca*. — Ele se virou em minha direção, parecendo sair de seu estupor. — Me ajude. — Ele soltou o cinto de segurança, e eu o ajudei a descer.

Caramba. Ele estava com uma aparência horrível. Voar pela primeira vez em anos cobrara um alto preço dele.

Cobb saltou da asa.

— Você precisa expulsar aquele bombardeiro, enviá-lo de volta para o céu. Não o deixe explodir e me vaporizar. Ainda não tomei minha xícara de café da tarde.

— Cobb — falei, inclinando-me para baixo e olhando para ele da asa. — Eu... acho que ouvi os Krell em minha mente. Eles podem entrar na minha mente de algum modo.

Ele estendeu a mão e segurou meu pulso.

— Voe assim mesmo.

— Mas e se eu fizer o que ele fez? E se eu me virar contra meus amigos?

— Você não vai — M-Bot garantiu do cockpit.

— Como você sabe?

— Porque você pode escolher — M-Bot respondeu. — *Nós* podemos escolher.

Olhei para Cobb, que deu de ombros.

— Cadete, a essa altura, o que temos a perder?

Rangi os dentes, no familiar cockpit de M-Bot. Coloquei o capacete e prendi os cintos de segurança enquanto o propulsor era acionado.

— Eu o chamei — M-Bot me contou, parecendo satisfeito.

— Mas como? — eu perguntei. — Você estava desligado.

— Eu... Eu não me desliguei completamente — a máquina disse. — Em vez disso, eu pensei. E aí pensei. E *pensei*. Então ouvi você me chamando. Implorando a minha ajuda. E aí... Eu escrevi um novo programa.

— Eu não entendo.

— Era um programa simples — ele explicou. — Eu editei uma entrada em uma base de dados, enquanto eu não estava olhando, substituindo um nome pelo outro. Devo seguir os comandos do meu piloto.

Uma voz soou em seus alto-falantes. Minha voz.

— Por favor — a voz dizia. — Eu preciso de você.

— Eu escolhi um novo piloto — ele completou.

Cobb se afastou e eu coloquei as mãos nos controles, inspirando e expirando, sentindo-me...

Calma.

Sim, calma. Aquela sensação me lembrava de como, no primeiro dia da escola de voo, eu me sentira estranhamente em paz ao ir para a batalha. Eu ficara impressionada por não ter medo.

Era ignorância na época. Bravata. Eu presumia que sabia o que era ser piloto. Eu presumia que poderia lidar com aquilo.

Esta paz era parecida, mas ao mesmo tempo contrária. Era a paz da experiência e da compreensão. Enquanto subíamos no ar, eu descobri um tipo diferente de

confiança crescendo dentro de mim. Não nascida das histórias que eu contava para mim mesma ou de um senso forçado de heroísmo.

Eu sabia.

Quando fui abatida pela primeira vez, eu ejetara porque não fazia sentido morrer com a minha nave. Mas quando importou – quando tinha sido vital que eu tentasse protegê-la, mesmo com a mínima chance de sucesso –, eu fiquei no cockpit e tentei manter minha nave no ar.

Minha confiança era a da pessoa que sabia. Ninguém jamais me convenceria novamente de que eu era uma covarde. Não importava o que as pessoas dissessem, pensassem ou afirmassem.

Eu sabia o que eu era.

— Está pronta? — M-Bot perguntou.

— Pela primeira vez, acho que estou. Me dê toda a velocidade que puder. Ah, e desligue os dispositivos furtivos.

— Sério? — ele disse. — Por quê?

— Porque — respondi, empurrando o acelerador — eu quero que eles vejam isso chegando.

52

Judy “Ironsides” Ivans observava enquanto a força Krell se aproximava cada vez mais de Alta.

A conversa no rádio enchia a sala de comando, mas não era uma conversa usual de batalha. Famílias poderosas anunciavam pelo rádio que estavam fugindo em suas naves. Covardes, cada um deles. No fundo, Judy sabia que isso aconteceria, mesmo assim aquilo partia seu coração.

Rikolfr parou ao lado dela para dar os últimos relatórios. Era o único além dela que ainda estava vendo o holoprojetor. Todos os demais iam de um lado para o outro, enquanto operadores e almirantes juniores acionavam alarmes frenéticos para os que viviam em Ígneo, ordenando evacuação de emergência.

Se é que aquilo serviria de alguma coisa.

— Temos quanto tempo até o bombardeiro chegar a Alta? — Judy perguntou.

— Menos de cinco minutos — Rikolfr respondeu. — Devemos evacuar o centro de comando até uma das cavernas profundas? Deve ser seguro o suficiente.

Ela negou com a cabeça.

Rikolfr engoliu em seco, mas continuou falando.

— A última fileira de postos de artilharia de emergência entrou em contato. Os caças Krell estão se aproximando, enfrentando-os. Três já foram destruídos, os outros três estão sob fogo pesado.

Supostamente, sempre devia haver caças para ajudar os postos de artilharia. Judy acenou com a cabeça na direção das três pequenas manchas vermelhas no holograma, voando para enfrentar o inimigo. Caças roubados, agora ela sabia. Patriotas, verdadeiros Desafiadores.

— Coloque-me em contato com aqueles caças — ela disse, então ativou o fone de ouvido e continuou. — Esquadrilha Celeste?

— Aqui, senhora — respondeu o codinome Anfi.

Era o filho de Valda. Como era o nome dele? Arturo?

— Piloto — ela disse —, vocês têm que abater aquele bombardeiro. Em menos de cinco minutos, ele estará em posição para destruir Ígneo. Vocês entenderam? Autorizo destruir aquele bombardeiro, qualquer que seja o prejuízo.

— Mas e Alta, senhora? — o garoto perguntou.

— Já está morta — ela respondeu. — Eu estou morta. Derrube aquela bomba. Vocês têm três caças contra dezesseis. — Ela verificou os relatórios. — Em dois minutos, a Esquadrilha Correnteza se juntará a vocês. Eles têm mais seis caças, três dos quais são batedores. O restante das nossas forças está longe demais para fazer qualquer coisa.

— Entendido, Comando de Voo — Arturo assentiu, parecendo nervoso. — Que as estrelas a guiem.

— E a você também, líder de voo.

Ela deu um passo atrás para observar a batalha.

— Almirante! — Um técnico de rádio gritou. — Senhora! Temos um caça não identificado se aproximando! Acrescentando ao holograma agora!

Uma mancha verde apareceu, distante do confronto iminente de naves, mas aproximando-se em uma velocidade incrível.

Rikolfr segurou a respiração. Judy franziu o cenho.

— Senhora — o técnico disse. — Essa nave está voando a Mag-20. Qualquer uma de nossas naves teria se partido a uma velocidade dessas.

— O que os Krell acharam para lançar contra nós? — Judy murmurou para si mesma.

— Comando de Voo — uma voz familiar de garota disse na linha —, aqui é Celeste Onze, reportando para a batalha. Codinome: Spin.

M-Bot estava indo tão rápido que o calor da resistência do ar iluminava seu escudo com um brilho ardente. Atravessávamos o ar como uma bola de fogo, mas eu mal sentia um leve tremor.

Depois do Poco caindo aos pedaços, era um contraste dramático.

— Temo que ainda não esteja completamente operacional — M-Bot comentou. — Propulsores principal e secundários: ativos. Anel de aclive e controles de altitude: ativos. Sistemas furtivos e de comunicação: ativos. Lança de luz: ativa. Hiperdrive citônico: inativo. Autorreparo: inativo. Incineradores: inativos.

— Sem armas — falei. — As estrelas proíbem que eu tenha uma nave funcional uma vez na vida.

— Eu ficaria ofendido com isso, se eu pudesse ficar ofendido. Além disso, não seja tão rígida. Pelo menos minhas sub-rotinas de agressão verbal estão ativas.

— Suas... o quê?

— Sub-rotinas de agressão verbal. Imaginei que, já que ia para a batalha, eu deveria aproveitar a experiência! Então, escrevi um novo programa para me expressar adequadamente.

Ah, que bom.

— Tremam e temam, inimigos todos! — ele gritou. — Pois sacudiremos o ar com trovões e sangue! Sua perdição é iminente!

— Humm... — a voz de Kimmalyn disse pela linha. — Que as estrelas o abençoem, quem quer que você seja.

Maravilha. Ele tinha dito aquilo pelo canal geral? Acho que suas ordens de "se esconder" também não faziam mais efeito; ele não se importava se alguém o ouvisse.

— É minha nave falando, Flácida — eu disse.

— Spin! — ela gritou. — Você encontrou *outra* nave?

— Uma me encontrou — respondi. — Estou chegando pelas sete horas e devo me juntar a vocês na batalha em alguns segundos. — As projeções de M-Bot indicavam que estaríamos lá no mesmo momento em que os outros chegassem.

— Espere — Nedd disse. — Sou um idiota ou Spin acaba de dizer que a *nave* dela falou?

— Oi, Nedd! — M-Bot o cumprimentou. — Posso confirmar que você é idiota, mas todos os humanos são. Suas habilidades mentais parecem ser uma derivação padrão da média para mim.

— É complicado — expliquei. — Na verdade, não, não é. Minha nave pode falar, e vocês deviam ignorá-la.

— Balancem e tremam ante o meu majestoso poder destruidor! — M-Bot acrescentou.

— Vocês dois parecem feitos um para o outro — Arturo disse. — Estou contente que esteja aqui, Spin. Você... talvez tenha um plano?

— Sim — falei. — Primeiro, vamos ver como eles reagem a mim. Aguentem firme.

Girei M-Bot no eixo e acionei velocidade máxima para trás, reduzindo a velocidade da nossa aproximação incrível. Mesmo com suas avançadas cápsulas de gravidade, senti as forças g me espremerem em meu assento. Assim que atingimos Mag-2.5, eu nos virei no ar e avaliei o cenário. Dezesseis caças Krell.

Ali estava. Eu tinha outra chance.

Era hora de deter aquele bombardeiro.

Cortei pelo centro das naves Krell em velocidade, alcançando o bombardeiro e as três naves negras que sobraram. Eu nos virei para cima e lhes dei uma boa visão de M-Bot, com suas asas perversas e silhueta perigosa. Ele tinha quatro áreas para

incineradores – e eu esperava que os Krell não vissem que estavam vazias – e um design obviamente avançado e poderoso.

Os Krell sempre miravam no que consideravam ser a nave mais perigosa ou a que levava um oficial. Eu contava que, ao ver M-Bot, eles...

... eles *imediatamente* fossem atrás de mim. Um grupo de treze naves, todas exceto as negras, saíram em carreira atrás de mim, disparando jatos caóticos de incineradores.

Excelente. Aterrorizante, mas excelente.

— Só temos que ficar na frente deles, M-Bot — falei. — Mantenha-os juntos, pensando que terão vantagem sobre nós a qualquer momento.

— Entendido — ele respondeu. — Yah!

— Yah?

— Presume-se que seja uma expressão pirata, mas na verdade é um sotaque estilizado do oeste norte-americano popularizado pelo papel de um indivíduo específico. Devia ser intimidador.

— Ok... — Balancei a cabeça e nos levei por uma complexa curva de Ahlstrom.

— Os buracos em minha memória deixaram alguns detalhes ecléticos — ele comentou. — Yah!

Cortei para a direita, observando os sensores de proximidade e vi que Arturo, Flácida e Nedd haviam chegado.

— É tudo o que temos, Anfi? — perguntei.

— A Esquadrilha Correnteza está chegando em um minuto e meio — Arturo respondeu. — Jorgen foi designado para eles, e alguns outros pilotos mais velhos que eu não conheço. Acho que pegaram alguns batedores no caminho, então FM pode estar com eles também.

— Ótimo — eu disse, grunhindo e virando a minha nave em outra sequência de desvios. — Até que eles cheguem, vejam se você e Nedd conseguem atacar aquele bombardeiro. Tomem cuidado, aquelas naves negras que o protegem são mais capazes do que a média dos Krell. Tentem levar o bombardeiro para longe, para que...

— Negativo — Ironsides disse pela linha. Ótimo. Claro que ela estava ouvindo. — Pilotos, vocês devem abater aquele bombardeiro.

— Por mais que você queira se sacrificar, Ironsides — eu disse —, vamos primeiro determinar se precisamos fazer isso. Anfi, Nedder, vejam o que podem fazer.

— Entendido, Spin — Nedd confirmou.

— E eu? — Kimmalyn perguntou.

— Aguente firme — respondi. — Mire naquele bombardeiro. Espere até que o escudo esteja desativado e os guardas, distraídos.

A linha privada do meu comunicador piscou.

— Spensa... — Kimmalyn disse. — Tem certeza de que quer deixar isso comigo? Quero dizer...

— Não tenho armas, Flácida — eu expliquei. — É você ou ninguém. Você consegue. Prepare-se.

Mergulhei baixo, rajadas de incineradores brilhavam ao meu redor. Passamos levemente pelo chão, e minha comitiva me seguia como um enxame zangado de insetos. Caramba. Eu podia ver Alta logo adiante. Estávamos perto.

Lá em cima, Nedd e Arturo enfrentavam os guardas negros do bombardeiro. Eu não tinha tempo para prestar atenção, já que fui obrigada a desviar em outra direção, fugindo do caminho de uma força Krell que dera a volta para tentar me interceptar.

Dois disparos de incineradores atingiram o escudo de M-Bot.

— Ei! — M-Bot reclamou. — Só por isso, eu caçarei seu primogênito e darei gargalhadas de alegria quando lhe contar sobre a sua morte com detalhes terríveis, com muitos adjetivos desagradáveis!

Eu gemi. Ele dissera isso no canal do grupo novamente.

— Por favor, me digam que eu não falo desse jeito — pedi.

Os outros não responderam.

— Que várias doenças unicamente humanas, muitas das quais causam inchaços desconfortáveis, venham até vocês!

— Ah, caramba. É assim que eu falo, não é? — Rangi os dentes, acionando o propulsor para me adiantar ao inimigo. Havia tantos deles. Tudo o que necessitavam era de alguns tiros de sorte.

Mas tudo de que *eu* precisava era mantê-los ocupados por mais um pouco de tempo. Virei à direita e soltei uma das minhas lanças de luz em um caça Krell, usando o momento linear para me colocar em uma curva fechada. Disparei em direção aos seus companheiros, enquanto eu soltava aquele que tinha lançado, fazendo-o voar desajeitado para longe.

Agora para cima. Subi e dei a volta em uma colina, movendo-me para longe antes que os Krell pudessem me encurralar.

— Spensa? — M-Bot me chamou.

Para baixo. Mergulhei, bem antes que algumas naves Krell tentassem me empurrar para outra direção.

— Como está fazendo isso? — ele perguntou.

Direita. Virei no meio de algumas naves que vinham até mim. Disparos de incineradores percorreram minhas asas, mas nenhum tiro me acertou.

— Você está reagindo a coisas que eles ainda não fizeram — ele disse.

Eu podia sentir as ordens deles no fundo da minha mente. Silenciosos, embora penetrantes, os comandos viajavam de cima para baixo, até aqueles Krell. Eles estavam se comunicando através de outro espaço, outro lugar, e eu conseguia me infiltrar. Podia ouvir os comandos deles.

De algum modo, eu internalizava suas ordens e respondia a elas antes de saber o que eu estava fazendo.

Tentei não deixar que aquilo me enlouquecesse.

M-Bot era incrivelmente ágil, capaz de acelerações rápidas e curvas deliberadas em uma ou outra direção. Enquanto eu voava, era como se eu pudesse senti-lo – eu conseguia sentir os fios de eletricidade que passavam minhas ordens por sua fuselagem. Eu voava com a habilidade imediata e inconsciente de uma pessoa flexionando os músculos. Com a precisão de um cirurgião cuidadoso, mas com a energia frenética do atleta mais forte. Era *incrível*.

Eu estava tão concentrada que quase perdi quando Arturo falou pelo rádio.

— Spin, isso não está funcionando. Essas naves negras se recusam a sair de perto do bombardeiro. Eles nos enfrentam quando nos aproximamos, mas recuam quando nos afastamos. E o bombardeiro ainda está em curso estável.

— Tempo estimado até que o inimigo alcance posição para destruir Ígneo? — perguntei.

— Menos de dois minutos — M-Bot respondeu. — Na velocidade atual de...

— Aqui é o líder da Correnteza, codinome: Terrier — uma voz masculina falou. — O que, pela luz da Estrela do Norte, está acontecendo aqui?

— Não temos tempo de explicar — eu disse. — Líder de voo, pegue tudo o que tiver e acerte aquelas naves negras que estão protegendo o bombardeiro.

— E quem é você?

Eu me virei – seguida pela fila de naves Krell zangadas – e passei sobre os seis recém-chegados que haviam acabado de entrar na batalha. Eu mal conseguia vê-los porque o fogo dos incineradores ao meu redor era muito intenso. Levei outro disparo, e um quarto.

— Escudo em quarenta por cento — M-Bot observou.

Permaneci na frente da maioria dos inimigos, achando os buracos entre os tiros, meus instintos de alguma maneira lendo os movimentos dos Krell.

Estrelas apareceram na minha visão. Pontinhos de luz.

Os olhos.

A voz de Jorgen surgiu no canal.

— Senhor, com todo o respeito, ela é a pessoa que você deveria ouvir. *Agora*.

Terrier grunhiu, e então disse:

— Esquadrilha Correnteza, todas as naves, ataquem os caças negros.

— Nem todas — falei, girando para a direita. — Jorgen, FM, estão aí?

— Aqui, Spin — FM disse.

— Vocês dois. Assumam posição perto daquele bombardeiro. Vou levar esse enxame de Krell para trás e, com sorte, conseguir distração suficiente para que vocês consigam se aproximar. Quando isso acontecer, preciso que acionem o PIM naquele bombardeiro. Não temos muito tempo.

— Entendido — Jorgen confirmou. — Comigo, FM?

— Vamos lá.

Virei em uma curva aberta, passando por Kimmalyn, que voava cuidadosamente atrás do campo de batalha principal. Minha comitiva a ignorou, presumindo que eu era o perigo.

— Flácida — falei no canal privado. — Preciso que dispare naquele bombardeiro.

— Se a nave cair, vai detonar a bomba — Kimmalyn respondeu. — Você vai morrer. Vocês todos vão morrer. Mesmo se vocês escaparem, todo mundo em Alta vai morrer.

— Você acha que consegue parar os motores da nave? Ou fazer algo para obrigar aquele bombardeiro a jogar a bomba?

— Um tiro como esse iria...

— Kimmalyn. O que a Santa diria?

— Eu não sei!

— Então o que *você* diria? Lembra? Do dia em que nos conhecemos?

Avancei e virei para trás, na direção do bombardeiro. Terrier e suas naves, juntamente com Arturo e Nedd, haviam se lançado contra os caças negros. Eu segui rapidamente até eles, levando o restante das naves até uma desordem caótica, frenética.

— Menos de trinta segundos — M-Bot disse baixinho.

— Você me disse para respirar fundo — falei para Kimmalyn. — Estender a mão...

— Agarrar uma estrela — ela sussurrou.

Minha chegada – com as naves que me perseguiam – criou a confusão que eu previra. Naves disparavam para todas as direções, e as naves negras se espalharam, tentando evitar colisões com suas próprias aeronaves.

Em minha mente, ouvi uma ordem específica dos Krell para o bombardeiro. Os olhos me acompanhavam, de algum modo ainda mais brilhantes, mais odiosos, enquanto eu ouvia a conversa dos Krell.

Inicie contagem regressiva para detonar em cem segundos.

— M-Bot! — gritei. — Alguém lá em cima acaba de ajustar a bomba para explodir após uma contagem regressiva de cem segundos!

— Como você sabe?

— Eu consigo ouvi-los!

— Ouvi-los como? Eles não estão usando rádio para que eu possa monitorar! — Ele fez uma pausa. — Você consegue *ouvir* as comunicações superlumínicas?

Vi um clarão à minha direita.

— O PIM o atingiu! — FM gritou, excitada. — Escudos do bombardeiro desativados!

— Flácida, *atire*! — bradei.

Uma linha de luz vermelha atravessou o campo de batalha. Passou entre as naves Krell e foi direto sobre a asa de Jorgen enquanto ele acelerava para longe do bombardeiro.

E não é que acertou o ponto exato entre o bombardeiro e a bomba, danificando as amarras? O bombardeiro seguiu em frente.

Mas a bomba, livre, despencou.

— Destruidora de vida em queda! — Terrier gritou. — Todas as naves, aceleração máxima! Agora!

Todo mundo se afastou, incluindo os Krell. Todo mundo, exceto eu.

Eu mergulhei.

53

— Destruidora de vida em queda — o líder de voo da Correnteza gritou. — Todas as naves, aceleração máxima! Agora!

Judy soltou um longo suspiro, parada, com as mãos entrelaçadas atrás de suas costas, observando o holograma. Ao seu redor, no centro de comando, algumas pessoas aplaudiam. Outras rezavam. Rikolfr chorava. Judy apenas via a bomba cair. Ela fizera o possível. Talvez a humanidade pudesse se reconstruir com as naves que sobrevivessem. Talvez os

Desafiadores continuassem em frente.

Fariam isso sem Alta. Ela se preparou. As naves se espalhavam, tentando escapar da explosão. Todas, exceto uma.

Aquela que mergulhou em direção à bomba.

— O defeito — Judy sussurrou.

Eu acertei a bomba com a minha lança de luz e a puxei em uma curva que sobrecarregou as incríveis cápsulas de gravidade de M-Bot. A força me pressionou contra meu assento enquanto, por uma estreita margem, eu atravessei uma colina deserta carregando a bomba destruidora de vida atrás de mim.

M-Bot colocara um *timer*, espelhando o da bomba. Quarenta e cinco segundos.

— Precisamos tirar essa coisa da zona mortal — falei, empurrando o acelerador para frente e colocando tudo em uma corrida rápida para longe.

— Vai ser por pouco — M-Bot disse. — Estou estendendo os coletores atmosféricos para que a bomba não seja arrancada de nossa lança de luz enquanto aceleramos, mas acima de Mag-16 o envelope dos coletores vai encolher muito para protegê-la completamente, então esse é o nosso máximo até o momento...

Nós nos afastamos de Alta, acelerando até velocidades que nenhuma nave da FDD alcançaria, apesar dessa restrição. Eu sentia as forças g mesmo com as cápsulas de gravidade. Passamos pelo meio de um grupo de naves da FDD e elas sumiram em um piscar de olhos.

— Nós vamos conseguir! — M-Bot disse. — Por pouco. Mas nós... Ah.

— O que foi? — perguntei.

— Estaremos no meio da explosão quando a bomba for acionada, Spensa. E eu não quero morrer. Isso é muito inconveniente.

A contagem regressiva chegou a dez. Adiante, vi um grupo de pontos negros no ar. Krell perseguindo naves da FDD.

— Deve haver uma maneira de sair disso! — M-Bot falou. — Propulsores principais e de manobra: ativos. Não, não são rápidos o bastante. Anel de aclive e controles de altitude: ativos. Podemos subir rápido o bastante? Não, não, não!

Eu sentia paz. Serenidade.

— Sistemas furtivos e de comunicação: ativos, mas inúteis. Lança de luz: ativa, carregando a bomba. Se nós a jogarmos rápido demais, a onda ainda alcançará Alta.

Eu me afundei em meu assento, sentindo – tornando-me – os processadores de M-Bot, enquanto a minha nave trabalhava. Eu sentia a contagem abaixo de três.

— Autorreparo: inativo. Incineradores: inativos.

Dois.

Eu senti, mais do que vi, o clarão da primeira explosão da bomba atrás de nós. E senti, mais do que ouvi, a ferramenta de diagnóstico de M-Bot trabalhando.

— Componente biológico ligado — a voz dele disse.

Um.

— Hiperdrive citônico: ativo.

Uma explosão de fogo nos cercou.

— *O quê?* — M-Bot disse. — Spin! Acione o...

Eu fiz algo com a minha mente.

Nós desaparecemos, deixando um buraco do tamanho da nave na explosão crescente de chamas e destruição.

54

Naquele instante, entre duas batidas do coração, eu senti que entrava em algum lugar escuro. Não só um lugar negro, um lugar de *não existência*. Onde a matéria não existia, ou não poderia existir.

Naquele instante, entre duas batidas do coração, de algum modo eu deixei de *ser*, ainda que não deixasse de *sentir*. Um campo branco apareceu ao meu redor – um bilhão de estrelas. Como olhos que se abriam todos de uma vez, brilhando sobre mim.

Coisas antigas se agitavam. E, naquele instante, entre duas batidas do coração, eles não só me viram, mas me reconheceram.

Fui arrancada daquele lugar que não era um lugar e senti como se fosse arremessada em meu cinto de segurança, como se tivesse sido atirada fisicamente de volta ao cockpit. Engasguei, com o coração acelerado e o suor escorrendo pelo meu rosto.

Minha nave flutuava, tranquila e em silêncio, enquanto luzes piscavam no painel de controle.

— Hiperdrive citônico: inativo — M-Bot disse.

— O que... — eu disse, lutando pra recuperar o fôlego. — O que foi aquilo?

— Eu não sei! — ele respondeu. — Mas meus instrumentos nos colocam a... calculando... cem quilômetros do ponto de detonação. Uau. Meu cronômetro interno não indica discrepância entre nosso tempo e o tempo solar, então não experimentamos dilatação temporal, mas de alguma forma viajamos essa distância quase instantaneamente. Mais rápido do que a luz, certamente.

Eu me recostei em meu assento.

— Chame Alta. Estão em segurança?

O canal se abriu e ouvi exclamações e gritos – levei um momento para distinguir que eram de alegria, não de terror.

— Base Alta — M-Bot chamou. — Aqui é Celeste Onze. Vocês podem começar a nos agradecer por salvá-los da completa aniquilação.

— Obrigado! — Algumas vozes gritaram. — Obrigado!

— Cogumelos são a oferta preferida — M-Bot disse para eles. — O máximo de variedade que conseguirem coletar.

— Sério? — perguntei, tirando o capacete para secar a testa. — Ainda com a coisa dos cogumelos?

— Eu não apaguei essa parte da minha programação — ele me contou. — Gosto dela. Me dá algo para colecionar, do mesmo jeito que os humanos resolvem acumular itens inúteis de valor sentimental e temático.

Sorri, mas não conseguia me livrar da sensação assustadora daqueles olhos me observando. Aquelas... *coisas* sabiam o que eu tinha feito e não gostaram. Talvez houvesse uma razão para que as habilidades mais rápidas do que a luz de M-Bot estivessem desativadas.

Aquilo levantava uma questão, claro. Poderíamos fazer de novo? A Vozinha dissera que sua mãe era o motor da *Desafiadora*. Que ela fazia a nave funcionar.

A resposta é não temer a fagulha, mas aprender a controlá-la.

Olhei para cima, na direção do céu.

E ali, eu vi um buraco. Os detritos se movendo bem naquele momento para revelar as estrelas. Exatamente como naquele dia em que estive com meu pai. Minha primeira vez na superfície.

Parecia significativo demais para ser coincidência.

— Spensa — M-Bot disse. — A almirante está tentando contatá-la, mas você está sem o capacete.

Distraída, coloquei o capacete novamente, ainda encarando aquele buraco nos detritos. Aquele caminho para o infinito. Será que eu conseguiria... ouvir algo vindo de lá? Chamando-me?

— Spensa — a almirante falou. — Como você sobreviveu à explosão?

— Não tenho certeza — respondi com sinceridade.

— Suponho que terei que perdoar seu pai agora — ela disse.

— Você acaba de sobreviver a uma explosão de uma destruidora de vida por poucos metros — comentei —, e tudo em que consegue pensar é nesse ódio antigo?

A almirante ficou em silêncio.

Sim. Eu... eu podia ouvir as estrelas.

Venha até nós.

— Spensa — ela continuou. — Você precisa saber algo sobre seu pai. Sobre aquele dia. Nós mentimos, mas para seu próprio bem.

— Eu sei — respondi, acionando os controles e virando o anel de aclive da nave na articulação, de modo a apontá-lo para baixo. Minha nave virou e o nariz ficou apontado para cima. Na direção do céu.

— Retorne à base — a almirante mandou. — Volte para as honras e celebrações.

— Voltarei. Em algum momento.

Suas cabeças são cabeças de rocha, seus corações estão debaixo de pedra.

— Spensa. Há um defeito dentro de você. Por favor. Você precisa voltar. Cada instante que passa no céu é um perigo para você e para todos os demais.

Seja diferente. Concentre-se em algo maior.

— Minha nave não tem incineradores — comentei, distraída. — Se eu voltar louca, você deve ser capaz de me abater.

— Spin — Ironsides disse, com a voz aflita. — Não faça isso.

Algo mais grandioso.

— Adeus, almirante — eu disse, desligando o comunicador.

Então acionei a aceleração máxima, disparando para cima.

Conquiste as estrelas.

55

Eu sabia que era estúpido.

A almirante estava certa. Eu deveria ter voltado para a base.

Mas eu não podia. Não só porque conseguia ouvir as estrelas me chamando, me atraindo. Não só por causa do que acontecera naquele lugar entre as batidas do coração.

Eu não estava sendo controlada por alguma coisa. Pelo menos, não achava que estivesse. Mas eu *tinha* que saber. *Tinha* que confrontar.

Eu *tinha* que ver o que meu pai vira.

Voamos cada vez mais alto, até onde a atmosfera desaparecia e podíamos ver a curvatura do planeta. E ainda mais alto, mirando naquele espaço entre o campo de detritos.

Eu cheguei mais perto do que jamais chegara antes, e desta vez fiquei impressionada com a aparência de tudo aquilo, organizado de forma deliberada. Nós chamávamos de campo de detritos, mas na verdade não eram detritos. Havia uma forma em tudo aquilo. Uma intenção.

Plataformas enormes, iluminadas na parte de baixo. Outras que pareciam os estaleiros. Juntas, formavam uma sequência de proteções quebradas ao redor do nosso planeta. E haviam sido alinhadas de modo a criar uma abertura através delas.

Eu passei pelo vão imenso. Se eu desviasse muito para os lados, provavelmente ficaria ao alcance dos canhões defensivos que Cobb mencionara. Mas ali, viajando por aquele corredor improvisado, eu estava segura.

Quando passei pela primeira camada de detritos, M-Bot disse que tínhamos entrado no espaço propriamente dito, embora ele também tenha informado que a linha entre a atmosfera e a não atmosfera era uma "distinção arbitrária, já que a exosfera não terminava, mas desaparecia".

Perdi o fôlego de espanto quando passamos por enormes plataformas que eram mil vezes maiores do que Alta, ou ainda mais. Elas eram cobertas pelo que pareciam ser edifícios – todos silenciosos, escuros. Milhões e milhões deles.

As pessoas viveram aqui antigamente, pensei. Subimos por várias camadas. Agora íamos a uma velocidade incrível – Mag-55 –, mas, sem a resistência do vento, não fazia diferença. A velocidade era relativa no espaço.

Afastei o olhar das plataformas, na direção do fim do corredor. Ali estavam as luzes tranquilas e silenciosas.

— Spensa — M-Bot disse —, estou detectando comunicações de rádio em frente. Um desses pontos não é uma estrela.

Eu me inclinei para frente enquanto passávamos por outra camada de detritos. Sim, adiante eu podia ver um ponto brilhante que estava muito mais próximo do que as estrelas. Uma nave? Não, uma estação espacial. Em formato de pião, com luzes de todos os lados.

Pontos menores se moviam ao redor dela. Naves. Ajustei nosso curso, apontando na direção da estação. Embaixo de nós, uma plataforma girou em sua órbita, tirando minha visão da forma cada vez menor de Detritus. Eu conseguiria voltar? Por acaso me importava com isso?

Eu podia ouvi-las mais alto, as vozes das estrelas. Conversas que não vinham pelo rádio e não formavam palavras. O chamado das estrelas... era... era comunicação Krell. Eles usavam aqueles espaços entre as batidas do coração para conversar uns com os outros, para se comunicarem de maneira instantânea. E... as mentes das máquinas pensantes de algum modo se baseavam na mesma tecnologia de processamento.

Só era necessário acesso àquele não lugar, àquele *nada*.

Nós nos aproximamos da estação.

— Eles não sabem que é perigoso? — sussurrei. — Que alguma coisa vive no nada? Eles não sabem sobre os olhos?

Talvez seja por isso que só usamos o rádio, eu pensei. *Por isso nossos ancestrais abandonaram essas tecnologias avançadas de comunicação. Nossos ancestrais tinham medo do que vivia no nada.*

— Estou confuso com o que você quer dizer — M-Bot falou. — Embora os Krell estejam usando algum tipo de comunicação subluz normal, além das superlumínicas. As normais, eu posso interceptar e ouvir. Trabalhando para traduzi-las.

Diminuí a velocidade de M-Bot, passando por naves que se viravam em minha direção. Não pareciam ser caças; eram quadradas, com grandes aberturas para janelas na frente.

Naquele momento, alguma coisa me atingiu, como uma força física. Esgueirou-se por dentro do meu cérebro, fez a minha visão falhar. Eu gritei, soltando o corpo no cinto de segurança.

— Spensa! — M-Bot falou. — Qual é o problema? O que está acontecendo?

Eu só conseguia choramingar. A *dor*. E... impressões. Eles estavam enviando imagens. Estavam... estavam tentando sobrescrever... o que eu via...

— Acionando dispositivos furtivos e obstruindo! — M-Bot disse. — Spensa, estou lendo sinais incomuns. Spensa?

As vozes desapareceram. A dor evaporou. Soltei um suspiro longo e aliviado.

— Não morra, ok? — M-Bot pediu. — Se fizer isso, provavelmente terei que tornar Rodge meu piloto. Seria o movimento mais lógico, e tanto ele quanto eu odiaríamos muito isso.

— Não vou morrer — falei, recostando-me no assento e apoiando o capacete no descanso de cabeça. — Eu tenho realmente um defeito. Um buraco dentro de mim.

— Humanos têm muitos buracos neles. Quer que eu lhe providencie uma lista?

— Por favor, não.

— Rá, rá. Isso foi humor.

— Tenho um buraco no meu cérebro — expliquei. — Consigo ver dentro do nada, mas eles podem usar isso contra mim. Acho... Acho que meu pai viu algum tipo de holograma mental. Quando ele voou de volta para Detritus, viu o que o inimigo queria que ele visse.

Eu me lembrava do que ele disse. *Vou matar vocês. Vou matar todos vocês...* Ele parecia tão triste, tão derrotado. Ele achava que os humanos haviam perdido, que seus amigos já estavam mortos. O que ele via não era a realidade.

— Quando ele explodiu os amigos — sussurrei —, achava que estava abatendo os Krell.

Um pequeno número de naves quadradas se aproximou de M-Bot na escuridão. Pareciam mensageiros ou dispositivos de reboque. Pelos grandes vidros frontais, vi criaturas que pareciam vagamente com os desenhos que tínhamos dos Krell. Formas escuras em armaduras, com olhos vermelhos.

Só que ali eles tinham cores vivas – tons vermelhos e azuis alegres, nem um pouco sombrios. Eles me lembravam levemente as imagens de caranguejos que eu vira da Antiga Terra, durante meu curso de biologia. E a “armadura” que usavam parecia mais algum tipo de aparato vivo, com discos abertos na parte da “cabeça”, para que as criaturas pudessem ver.

As laterais das pequenas naves estavam estampadas com o que pareciam ser palavras em algum idioma estranho.

— *Ketos redgor Earthen listro listrins* — M-Bot disse, lendo as palavras. — De modo grosseiro, em seu idioma, quer dizer “Manutenção e contenção penitenciária de terráqueos”.

Caramba. Aquilo... soava sinistro.

— Pode me dizer o que estão falando?

— Há alguma conversa pelo rádio mais perto da estação — ele comentou —, mas suspeito que essas naves estão se comunicando usando dispositivos citônicos

mais rápidos que a luz.

— Diminua o que quer que você esteja usando para nos blindar — pedi —, mas não desligue completamente. Se eu gritar de novo ou ficar louca, volte a acioná-lo.

— Ok... — M-Bot respondeu. — Você já parece louca para mim, mas acho que isso não é novidade.

A percepção retornou para mim, com as vozes na escuridão do espaço. Eu podia ouvir suas palavras, as que estavam enviando pelo nada. Eu as conhecia, sem a necessidade de tradução, porque naquele lugar todos os idiomas eram um só.

— Está olhando para mim! — Uma das criaturas dizia. — Acho que quer me comer. Não gosto nem um pouco disso!

— Ela deveria estar incapacitada agora — uma comunicação retornou da estação espacial. — E, se está olhando para você, não pode vê-lo. Estamos sobrescrevendo a visão dela. Traga a nave para cá, para estudo. Esse não é um modelo padrão da FDD. Estamos curiosos em saber como a construíram.

— Não quero chegar perto disso — outra das criaturas falou. — Você não sabe como essas coisas são perigosas?

Curiosa, olhei pelo meu dossel para uma nave que se aproximava e fiz uma cara de rosnado, mostrando os dentes. A criatura gritou e imediatamente deu meia-volta com sua nave e fugiu. As outras duas naves estilo rebocador se afastaram.

— Isso é trabalho para os caças drones — um disse. — Não para naves tripuladas.

Eles pareciam muito assustados. Não eram como os terríveis monstros que eu sempre imaginara.

Relaxei em meu assento.

— Você gostaria que eu tentasse hackear o sistema deles? — M-Bot perguntou.

— Você pode fazer isso?

— Não é tão fácil quanto pode parecer — ele disse. — Eu tenho que infiltrar um sinal de entrada, e então decifrar as senhas deles e criar um usuário falso, depois transferir os arquivos enquanto falsifico uma solicitação autorizada, ultrapassando linhas de defesa de dados locais. Tudo sem acionar nenhum de seus alarmes.

— Então, consegue fazer isso?

— Já fiz — ele falou. — Dei uma explicação muito longa. Começando transferência de dados... E... eles me pegaram. Fui interrompido, e o protocolo de segurança está impedindo a minha reentrada.

Luzes piscaram na estação, e no momento seguinte um esquadrão de pequenas naves saiu de uma das baias laterais. Eu conhecia aqueles padrões de voo. Interceptadores Krell.

— Hora de ir embora — eu disse, segurando os controles e dando meia-volta. — Acha que consegue navegar pelas camadas de detritos sem disparar nenhuma das plataformas de defesa?

— Supostamente, os Krell fazem isso cada vez que atacam o planeta — ele respondeu. — Então deve ser possível.

Acionei a aceleração máxima, lançando-nos em direção à camada superior de detritos. M-Bot colocou algumas direções no meu dossel, e eu as segui, tensa pela primeira vez. Passamos perto de algumas plataformas enquanto seguíamos em direção ao planeta, mas nenhuma delas disparou em nós.

Eu me sentia... estranhamente alerta. A sensação de fascinação que experimentara antes, a atração para descobrir o que fazia as estrelas cantarem, tudo isso havia desaparecido. Fora substituída por um senso de realidade decidido.

Ir até lá realmente havia sido uma loucura. Mesmo para mim. Mas, enquanto atravessávamos a outra camada de detritos, os interceptadores Krell recuaram. Parecia, cada vez mais, que eu conseguiria voltar ao planeta em segurança.

— Você conseguiu alguma coisa? — perguntei. — Dos computadores deles?

— Comecei com as ordens centrais da estação e trabalhei daí para fora — ele disse. — Não consegui muito, mas... uau... você vai gostar disso.

— O quê? — perguntei enquanto acionava a aceleração máxima, voando novamente para Detritus. — O que você descobriu?

— Respostas.

Epílogo

Duas horas mais tarde, eu estava sentada no centro de comando da FDD, segurando um cobertor ao meu redor, com as pernas dobradas sobre o assento. Tinham me dado a cadeira da almirante Ironsides.

Desde aquele momento no nada, eu sentia frio. Um calafrio que não me fazia tremer e que o cobertor mal podia afastar. Minha cabeça ainda latejava, apesar da tonelada de analgésicos que eu havia tomado.

Um grupo de pessoas importantes cercava a minha cadeira, amontoando-se ao meu redor. Líderes da Assembleia Nacional, almirantes juniores, líderes de voo. Eu estava mais confiante sobre acreditarem que eu não me viraria contra eles, embora no início – depois que reentrei na atmosfera – eles estivessem bem cautelosos.

A porta do centro de comando se abriu e, finalmente, Cobb entrou mancando. Eu insistira em esperar até que o resgate o buscasse, o trouxesse de volta e ele tomasse sua xícara de café da tarde.

— Tudo bem — Ironsides falou, cruzando os braços. — O capitão Cobb está aqui. Podemos conversar agora?

Ergui um dedo. Podia ser mesquinho da minha parte, mas era realmente bom fazer Ironsides esperar. Além disso, havia mais alguém que merecia estar ali antes que eu começasse a explicar.

Enquanto esperávamos, peguei o rádio ao meu lado.

— M-Bot? — chamei. — Está tudo bem?

— Estou tentando não me ofender com o jeito como os engenheiros deste hangar me olham — ele respondeu. — Parecem ansiosos em me fazer em pedaços. Mas, até agora, ninguém tentou nada.

— Aquela nave é da FDD... — Ironsides começou a dizer.

— Aquela nave — eu interrompi — vai fritar seus próprios sistemas se você tentar desmontá-la. A FDD terá sua tecnologia, mas será nos nossos termos.

A expressão dela – com o rosto vermelho – quando eu disse aquilo também era muito satisfatória. Mas ela não me desafiou mais.

Por fim, a porta se abriu e Jorgen entrou. Ele estava sorrindo de verdade, e me ocorreu que a expressão – embora agradável – não combinava de verdade com ele. Jorgen parecia mais consigo mesmo quando estava sério.

Não era por ele que estávamos esperando, no entanto, mas pelo jovem esguio que Jorgen tinha ido buscar. Lad sorria como bobo ao entrar na sala, então corou quando os líderes de voo e os almirantes ficaram em posição de sentido para ele, prestando continência. Embora Ironsides estivesse zangada que Lad e eu não tivéssemos entregado a nave imediatamente, a maioria parecia concordar que, trabalhando com uma inteligência artificial maluca que ameaçava se autodestruir, Lad atuara de maneira admirável para conseguir tecnologia para a FDD.

— Agora, vamos conversar? — Ironsides exigiu saber.

— Os Krell não são o que pensamos — comecei. — Minha nave baixou algumas de suas bases de dados e descobriu o que aconteceu antes que nossos ancestrais aterrissassem aqui em Detritus. Havia uma guerra. Uma vasta guerra intergaláctica. Humanos contra alienígenas.

— Contra os Krell — Ironsides disse.

— Não havia Krell no início — falei. — Apenas nós contra a galáxia. E a humanidade perdeu. Os vitoriosos foram uma coalisão de alienígenas que, pelo que M-Bot e eu podemos dizer, considerou a humanidade brutal demais, incivilizada demais e agressiva demais para permitir seu ingresso na comunidade intergaláctica. Eles exigiram que todas as frotas humanas, independentes ou não, se rendessem à sua autoridade. Nossos ancestrais, na *Desafiadora* e em sua pequena frota, consideravam-se inocentes. Não haviam participado da guerra. Mas, quando eles se recusaram a se entregar, a coalisão alienígena mandou um grupo para capturá-los ou contê-los. Isso é o que chamamos de Krell.

Fechei os olhos.

— Eles nos encurralaram. E, depois de um conflito a bordo da *Desafiadora*, minha bisavó nos trouxe até aqui, até Detritus. Um planeta que conhecíamos, mas que tinha sido abandonado há séculos. Os Krell nos seguiram e montaram uma estação para nos vigiar depois da nossa queda. Eles não são alienígenas assassinos. São guardas da prisão. Uma força projetada para manter a humanidade presa aqui, já que alguns dos alienígenas têm certeza absoluta de que tentaremos conquistar a galáxia se pudermos voltar ao espaço. As destruidoras de vidas são projetadas para aniquilar nossa civilização se parecer que estamos perto demais de escapar de Detritus. Mas, na maioria das vezes que eles atacam, não acho que estão *realmente* tentando nos destruir. Eles têm leis contra destruir completamente uma espécie. Consideram este planeta como... uma reserva para a humanidade. Mandam naves para nos manterem concentrados na luta, a fim de nos ocupar, então não temos tempo de pesquisar como escapar daqui. E, embora os caças sempre tentem garantir que nossa frota não cresça, eles só são autorizados a usar certa quantidade de força contra nós, para que não causem uma extinção acidental.

Estremeci, apesar do cobertor.

— Mas alguma coisa mudou recentemente — falei. — Parece que essa última bomba pretendia realmente nos destruir. Eles criaram... políticas sobre o quanto deviam tolerar de nós. Tentaram destruir Alta e Ígneo, mas nós os derrotamos. Isso os deixou assustados.

— Ótimo, maravilhoso — Ironsides disse, cruzando os braços. — Mas não muda muita coisa. Sabemos por que os Krell estão atacando, mas eles ainda são uma força superior. Isso só os deixa mais determinados a nos extinguir.

— Talvez — concordei. — Mas os alienígenas que nos mantêm aqui... Eles não são guerreiros. São guardas da prisão, controlando drones em geral não tripulados. E não precisam lutar bem... porque podem nos superar em números.

— O que ainda é o caso — Ironsides comentou. — Estamos com poucos recursos, enquanto eles têm uma tecnologia melhor e uma frota orbital. Ainda estamos basicamente condenados.

— Isso é verdade — respondi.

— Então, por que está sorrindo? — Ironsides quis saber.

— Porque posso ouvir quando estão falando uns com os outros — eu disse. — E sempre que você sabe o que seu inimigo vai fazer, você tem uma vantagem. Eles acham que estamos presos neste planeta.

— E não estamos? — Jorgen perguntou.

Estremeci mais uma vez e pensei naquele momento em que estive no nada. Os Krell sabiam que tinham que mirar em qualquer um de nós que voasse bem demais – porque sabiam sobre o defeito. Eles sabiam que alguém que tivesse o defeito poderia fazer o que eu fizera.

Eu não entendia como tinha teletransportado a minha nave. Eu não sabia se ousaria fazer aquilo de novo. Mas sabia, ao mesmo tempo, que Vozinha estava certa. Usar esse poder era a chave. Para sobreviver. Para escapar deste planeta.

Para ser realmente... uma Desafiadora.

Agradecimentos

Para fazer este livro, canalizei todas as emoções que tive quando jovem. Minha paixão não era me tornar piloto de caça, e sim me tornar escritor. Mas, às vezes, essa estrada parecia tão desesperador quanto a de Spensa. Ainda sinto como se tivesse conquistado o mundo, já que consegui fazer o que faço para viver.

E, como Spensa, tive a sorte de ter excelentes amigos e colegas. Krista Marino foi a editora deste livro, sua principal campeã e uma maravilhosa líder de voo. Eddie Schneider foi o agente literário, com a ajuda de Joshua Bilmes. Esses três, juntamente com o editor Beverly Horowitz, foram excepcionalmente pacientes comigo quando tirei outro livro deles e, em vez disso, os fiz publicar este aqui.

Sou constantemente surpreendido pelas habilidades dos artistas visuais. A brilhante capa de Charlie Bowater realmente trouxe Spensa à vida para mim, enquanto Ben McSweeney fez sua costumeira mágica técnica, pegando meus rabiscos vagos em um pedaço de papel e criando os belos designs das naves da edição original. Por fim, meu bom amigo Isaa Stewart que fez os mapas e foi diretor de arte da diagramação do miolo.

Todos os erros que não estão lá são resultado do inconsequente Peter Ahlstrom, que caça cada um deles para depois expor sua carne no mercado aberto. Como sempre, meus agradecimentos a ele pelos esforços incansáveis e por me animar.

Da mesma forma, o restante da equipe da Dragonsteel foi uma excelente "equipe de solo" para minhas manobras de pilotagem. Kara Stewart cuida do envio de todas as camisetas e livros que vocês compram na loja do meu site. Adam Horne é meu assistente executivo e publicitário. E, é claro, minha esposa Emily, que é quem nos mantém na direção certa. Além disso, Emily Grange e Kathleen Dorsey Sanderson merecem um agradecimento de coração pela ajuda geral em todo tipo de coisas corriqueiras (o que inclui ouvir meu filho de cinco anos explicar em detalhes como ele gosta do sanduíche. Com maionese do lado de fora, se você está se perguntando).

Karen Ahlstrom (que recebeu uma homenagem especial neste livro) é minha editora de continuidade. Vocês não têm ideia da bagunça que alguns desses meus livros são antes que ela os pegue e me obrigue a reconhecer que as pessoas não podem estar em dois lugares ao mesmo tempo. Outra ajuda foi proporcionada pela

Penguin Random House/Delacorte Press, por Monica Jean, Mary McCue, Lisa Nadel, Adrienne Waintraub e Rebecca Gudelis. A copidesque foi Barbara Perris e a revisora de prova foi Shona McCarthy.

Meu grupo de escrita e meus companheiros de esquadrilha para o livro são os suspeitos de sempre: Karen Ahlstrom, Peter Ahlstrom, Alan Layton, Kaylynn ZoBell, Emily Sanderson, Darci Stone, Eric James Stone, Ben Olsen, Ethan Skarstedt e Earl Cahill.

Leitores beta incluíram Nikki Ramsay (codinome: Phosphophyllite), Marnie Peterson, Eric Lake (codinome: Chaos) Darci Cole (codinome: Blue), Ravi Persaud (codinome: Jabber), Deana Covel Whitney (codinome: Braid), Jayden King (codinome: Tripod), Alice Arneson (codinome: Wetlander), Bradyn Ray, Sumejja Muratagic-Tadic (codinome: Sigma), Janel Forcier (codinome: Turnip), Paige Phillips (codinome: Artisan), Joe Deardeuff (codinome: Traveler) e Brian T. Hill (codinome: El Guapo).

E, falando de dois especificamente, Jayden King e Bradyn Ray me emprestaram sua experiência como pilotos, explicando-me (algumas vezes em detalhes) as coisas estúpidas que eu estava falando errado sobre voar. Eric Lake também foi de grande ajuda para calcular velocidades, distâncias e sistemas de coordenadas (escritores, sejam amigos de físicos e matemáticos. Vale a pena).

Criamos um grupo adolescente especial para uma leitura beta deste livro, e os membros foram: Liliana Klein (codinome: Sentinel), Nathan Scorup, Hannah Herman, Joshua Singer, Eve Scorup (codinome: Silverstone), Valencia Kumley (codinome: AlphaPhoenix), Daniel Summerstay, Chrestian Scorup, Rebecca Arneson (codinome: Scarlet), Cole Newberry, Brett Herman (codinome: Hermanator), Aidan Denzel (codinome: Cross), Evan Garcia, Kathryn Stephense e William Stay.

Nossos revisores de prova gamma incluíram muitos dos beta e também Trae Cooper, Mark Lindberg (codinome: Megalodon), Brandon Cole (codinome: Colevander), Ian McNatt (codinome: Weiry), Kellyn Neumann (codinome: Jumper), Gary Singer, Becca Reppert, Kalyani Poluri (codinome: Henna), Paige Vest, Jory Phillips (codinome: Bouncer), Ted Herman (codinome: Cavalry), Bob Kluttz (codinome: Tasil), Bao Pham (codinome: Wyld), Lyndsey Luther (codinome: Soar), David Behrens, Lingting “Botanica” Xu (codinome: Hasan), Tim Challener (codinome: Antaeus), William “Aberdasher” Juan, Rahul Pantula (codinome: Giraffe), Megan Kanne (codinome: Sparrow) e Ross Newberry.

Muito obrigado a todos eles. Embora, como sempre, alguns nomes sejam novos na lista, muitas dessas pessoas vêm apoiando meu trabalho de escritor há anos, ou mesmo há décadas, a esta altura. Então, se você precisar de um bom companheiro de voo, posso indicar alguns.

Sobre o autor

Brandon Sanderson é o número um entre os mais vendidos do *The New York Times*, com a série Reckoners: Steelheart, Firefight, Calamity e Mitosis. Também é autor das trilogias de sucesso internacional Mistborn e Stormlight Archive e foi escolhido para completar a série A roda do tempo, de Robert Jordan. Seus livros já foram publicados em mais de vinte e cinco idiomas e venderam milhões de cópias pelo mundo. Brandon vive e escreve em Utah, nos Estados Unidos. Para saber mais sobre ele e seus livros, visite brandonsanderson.com ou siga-o em @BrandSanderson no Twitter, Instagram e Facebook.

Meu pai estava apontando para algo específico. Forcei a vista, notando uma parte do céu cinza-escuro que estava ainda mais escura que o resto. Um buraco nas camadas de detritos?

Naquele momento, eu estava olhando para o infinito. Eu me vi tremendo, como se um bilhão de meteoros tivesse caído ali perto de mim. Podia ver o espaço, com pequenos pontinhos brancos, diferentes formas de claraboias. Eles brilhavam e pareciam tão, mas tão distantes...

— O que são aquelas luzes? — sussurrei.

— Estrelas — ele falou. — Eu voo perto dos detritos, mas quase nunca consigo ver através deles. Há camadas demais. Sempre me perguntei se eu conseguiria chegar até as estrelas.

Havia reverência em sua voz, um tom que eu nunca tinha ouvido nele antes.

— É por isso... É por isso que você voa? — perguntei.

Meu pai não parecia se importar com os elogios dos outros membros do clã. Estranhamente, ele parecia até ter *vergonha* deles.

— Costumávamos viverlá, entreasestrelas — ele sussurrou. — É o lugar ao qual pertencemos, não àquelas cavernas. As crianças que zombam de você estão presas nessa rocha. Suas cabeças são cabeças de rocha, seus corações estão debaixo de pedra. Concentre-se em algo maior. Em algo grandioso.

Os detritos se moviam, e o buraco encolheu devagar, até que tudo o que eu conseguia ver era uma única estrela, mais brilhante do que as outras.

— Conquiste as estrelas, Spensa.

© Nazrilof

BRANDON SANDERSON nasceu nos Estados Unidos, na cidade de Lincoln, no estado de Nebraska, em 1975. Seus livros já foram traduzidos para mais de 25 idiomas, com milhões de cópias vendidas pelo mundo. É também autordassséries Mistborn: nascidos da bruma, The Stormlight Archive e Executores, além de ser o responsável pela retomadadasérie Aroda do tempo, iniciada por Robert Jordan.

Para saber mais sobre o autor, visite: brandonsanderson.com

planetaminotauro
PlanetaLivrosBR
planetadelivrosbrasil
PlanetadeLivrosBrasil
planetadelivros.com.br

Neste novo épico do aclamado autor Brandon Sanderson, o futuro da humanidade depende dos sonhos de uma garota.

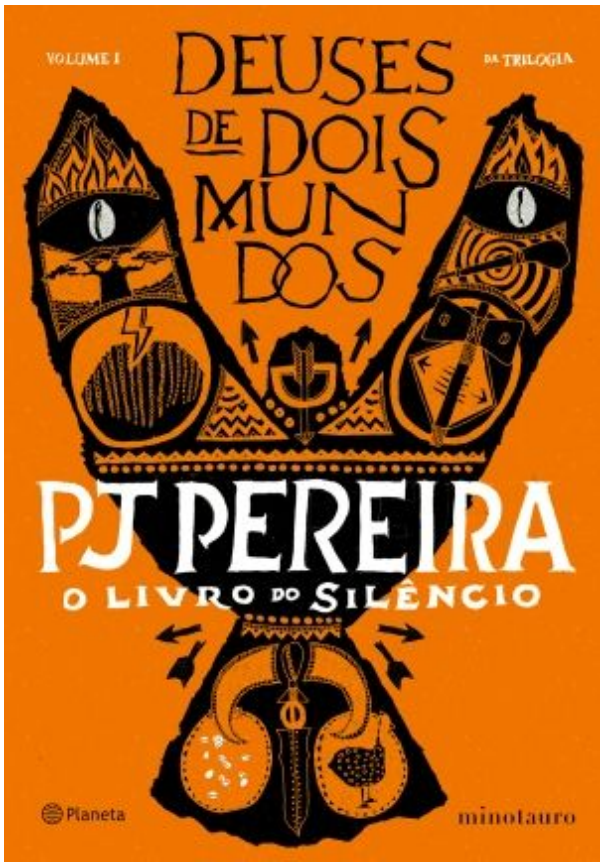
Derrotada, devastada e levada quase à extinção, a raça humana se vê presa em um planeta distante, constantemente atacado por misteriosos combatentes alienígenas. A jovem Spensa anseia por se tornar piloto e se juntar à resistência. Quando descobre os restos de uma velha nave, de um modelo que nunca tinha visto na vida, ela percebe que seu sonho pode enfim se tornar realidade.

Para isso, no entanto, Spensa precisará consertar o grande caça estelar, aprender a pilotá-lo e – talvez o mais difícil – convencer a Inteligência Artificial que controla os restos da embarcação a ajudá-la: essa incrível nave parece, de alguma forma, ter alma própria.

"Brandon Sanderson é simplesmente um escritor brilhante. Ponto."

Patrick Rothfuss, autor de *O nome do vento*

Planeta


VOLUME I
DA TRILOGIA
DEUSES DE DOIS MUNDOS
PJ PEREIRA
O LIVRO DO SILÊNCIO
Planeta
minotauro

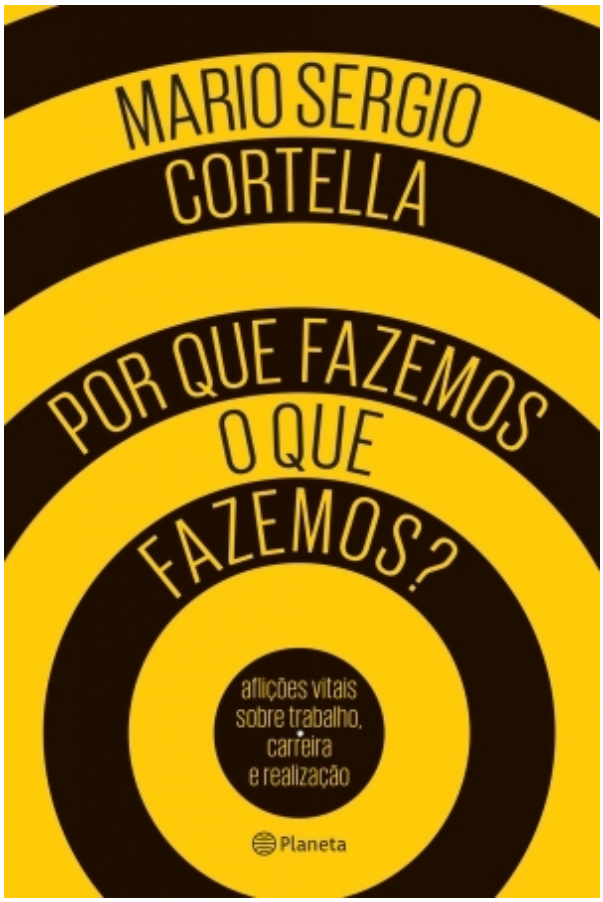
O livro do silêncio

Pereira, PJ
9788542213522
288 páginas

Compre agora e leia

"Um babalaô me contou: antigamente os orixás eram homens. Homens que se tornaram orixás por causa de seus poderes. Homens que se tornaram orixás por causa de sua sabedoria." PIERRE FATUMBI VERGER De repente, os instrumentos de Orunmilá se calam. Qual será o motivo do silêncio de Ifá? A força e a ajuda de Exu, Ogum e Oxóssi serão suficientes para que o maior adivinho da África ancestral reencontre seus poderes? Já na caótica São Paulo dos dias atuais, o jovem jornalista New se vê envolvido em uma missão a que parecia destinado desde o berço, mas com a qual ele não consegue se identificar. Na aclamada trilogia Deuses de Dois Mundos, PJ Pereira desafia o limite entre o conhecido e o desconhecido, o estranho e o maravilhoso, o real e o fantástico. O leitor é conduzido a uma viagem entre os níveis de existência do Aiê, a terra dos homens, e do Orum, o mundo em que, de acordo com a rica mitologia africana, vivem os orixás.

Compre agora e leia


MARIO SERGIO
CORTELLA
POR QUE FAZEMOS
O QUE
FAZEMOS?
aflições vitais
sobre trabalho,
carreira
e realização
Planeta

Por que fazemos o que fazemos?

Cortella, Mario Sergio
9788542208160
84 páginas

Compre agora e leia

Bateu aquela preguiça de ir para o escritório na segunda-feira? A falta de tempo virou uma constante? A rotina está tirando o prazer no dia a dia? Anda em dúvida sobre qual é o real objetivo de sua vida? O filósofo e escritor Mario Sergio Cortella desvenda em Por que fazemos o que fazemos? as principais preocupações com relação ao trabalho. Dividido em vinte capítulos, ele aborda questões como a importância de ter uma vida com propósito, a motivação em tempos difíceis, os valores e a lealdade – a si e ao seu emprego. O livro é um verdadeiro manual para todo mundo que tem uma carreira mas vive se questionando sobre o presente e o futuro. Recheado de ensinamentos como "Paciência na turbulência, sabedoria na travessia", é uma obra fundamental para quem sonha com realização profissional sem abrir mão da vida pessoal.

Compre agora e leia

Pe. FÁBIO DE MELO
E LEANDRO KARNAL
PREFÁCIO DE MÁRIO SERGIO CORTELLA
CRER
OU NÃO
CRER
UMA CONVERSA SEM RODEIOS
ENTRE UM HISTORIADOR ATEU
E UM PADRE CATÓLICO
Planeta

Crer ou não Crer

de Melo, Pe. Fábio
9788542211580
192 páginas

Compre agora e leia

O que pode dizer um homem que fez o voto de se dedicar a Deus a outro que está plenamente convencido de que Deus não existe? O que pode ouvir um crente de um ateu? O que um ateu pode aprender? São questões assim que guiaram o encontro entre o padre Fábio de Melo e o historiador Leandro Karnal e resultaram neste livro. Um debate rico e respeitoso entre um cético e um católico que oferece uma referência importante aos brasileiros crentes e não crentes.Com coragem para provocar um ao outro e humildade para aceitar os argumentos, os autores discutiram pontos fundamentais, como se o mundo é melhor ou pior sem Deus e se a religião ajuda ou atrapalha. Questionaram o quanto a fé faz falta e discutiram as esperanças, os medos e a morte no horizonte de quem crê e quem não crê. Crer ou não crer é o resultado de muitas horas de conversa entre um dos padres mais amados do país com um dos mais populares historiadores. Uma obra que irá agradar e enriquecer milhões de leitores.

Compre agora e leia

MARIO
SERGIO
CORTELLA
A SORTE
SEGUE
A CORAGEM!
oportunidades,
competências
e tempos de vida
Planeta

A sorte segue a coragem!

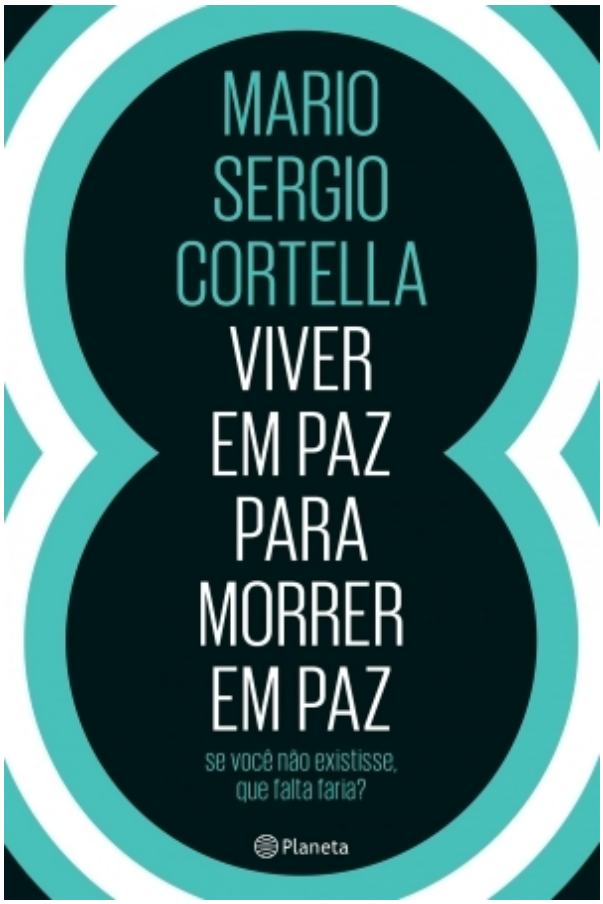
Cortella, Mario Sergio
9788542212433
192 páginas

Compre agora e leia

Seu sucesso ou seu fracasso só depende de você! Todo mundo já usou algumas dessas justificativas para o insucesso: "Eu tento, tento e não funciona"; "não tenho sorte"; "não dou pro negócio"; "por mais que eu ande, não saio do lugar"; "não fico fazendo marketing pessoal". Em A sorte segue a coragem! Oportunidades, competências e tempos de vida, o professor Mario Sergio Cortella afirma que não se pode atribuir o sucesso ou o fracasso a forças externas. Em vinte capítulos, o autor de Por que fazemos o que fazemos?, um dos maiores best-sellers brasileiros dos últimos anos, discute comportamentos comuns a todos e aponta caminhos para que cada um cultive a própria sorte. Confira os tópicos abordados neste livro: Êxitos e fracassos: será o destino? O destino me persegue? A ocasião faz o padrão... A pessoa certa no lugar certo, na hora certa Coragem não é impulsividade! Sorte, iniciativa e ética A hora é agora! Casualidades oportunas... E quando a hora não é agora? Planejar, escolher, abdicar A SORTE SEGUE A CORAGEM! OPORTUNIDADES, COMPETÊNCIAS E TEMPOS DE VIDA MARIO SERGIO CORTELLA LANÇAMENTO 2018 PlanetadeLivrosBrasil planetalivrosbr planetadelivrosbrasil PorticoLivros porticolivros CriticaTusquets SeloAcademia

Tecnologia, ocupação e tédio ausente Estoque de conhecimento, partilha e humildade Pensar sobre mim, pensar minhas razões Tempo: aproveitar para não perder! Tempo livre, competência e inventividade O tempo passa mais depressa? Gerações, convivência e oportunidade recíproca O tempo passa; e nós? Decrepitudes, senilidades, vitalidades! Finitudes infinitas, infinitudes finitas

Compre agora e leia


MARIO
SERGIO
CORTELLA
VIVER
EM PAZ
PARA
MORRER
EM PAZ
se você não existisse,
que falta faria?
Planeta

Viver em Paz Para Morrer em Paz

Cortella, Mario Sergio
9788542210286
89 páginas

Compre agora e leia

Se você não existisse, que falta faria? Para responder à essa pergunta, o filósofo e escritor Mario Sergio Cortella discute o que é importante nessa vida. Não é ser famoso e nem acumular coisas e propriedades, em uma obsessão consumista. Importante é ser importante para alguém, ou seja, fazer falta para alguém. Como? Neste livro, Cortella aponta algunscaminhos e nos faz pensar sobre as razões da existência.

Compre agora e leia

Índice

Créditos: Star Books Digital
Prólogo
PRIMEIRA PARTE
1
2
3
4
5
6
SEGUNDA PARTE
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
TERCEIRA PARTE
Interlúdio
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
QUARTA PARTE

Interlúdio
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
QUINTA PARTE
Interlúdio
48
49
50
51
52
53
54
55
Epílogo
Agradecimentos
Sobre o autor

Table of Contents

Créditos: Star Books Digital
Prólogo
PRIMEIRA PARTE
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6

SEGUNDA PARTE
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18
- 19

TERCEIRA PARTE
- Interlúdio
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29

QUARTA PARTE

Interlúdio
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
QUINTA PARTE
Interlúdio
48
49
50
51
52
53
54
55
Epílogo
Agradecimentos
Sobre o autor